

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU-SENSU* EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS MACHO
DO QUE EU?
CORPOREIDADES E MASCULINIDADES NO *RUGBY*

Francisca Islandia Cardoso da Silva

BRASÍLIA - DF
2020

ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS MACHO DO QUE EU?
CORPOREIDADES E MASCULINIDADES NO *RUGBY*

Francisca Islandia Cardoso da Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutora em Educação Física.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a DULCE MARIA FILGUEIRA DE ALMEIDA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586e Silva, Francisca Islandia Cardoso da
Espelho, espelho meu, existe alguém mais macho do que eu? Corporeidades e masculinidades no rugby / Francisca Islandia Cardoso da Silva; orientador Dulce Maria Filgueira de Almeida. -- Brasília, 2020.
379 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Educação Física) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Corporeidade. 2. Masculinidade. 3. Esporte . 4. Gênero. 5. Rugby. I. Almeida, Dulce Maria Filgueira de, orient. II. Título.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da. **Espelho, espelho meu, existe alguém mais macho do que eu?** Corporeidades e masculinidades no *rugby*. 2020. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2020.

Tese aprovada em 30 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Dulce Maria Filgueira de Almeida
(Presidente)

Prof. Dr. Fernando Mascarenhas Alves
Examinador interno

Prof.^a Dr.^a Ana Amélia Neri Oliveira
Examinador externo

Prof. Dr. Fabiano Pries Devide
Examinador externo

Prof.^a Dr.^a Ingrid Dittrich Wiggers
Membro suplente

AGRADECIMENTOS

Chegar à conclusão de mais uma etapa é um momento muito gratificante. No entanto, se chegamos ao fim, foi porque contamos com a ajuda e apoio de muitas pessoas. O meu reconhecimento e agradecimento a cada um que, de diferentes maneiras, contribuiu para a concretização deste trabalho.

À minha família – em especial a Maria de Deus Cardoso da Silva e Francisca Keylândia Cardoso da Silva, minha mãe e irmã, respectivamente –, que me acompanhou e apoiou nesta labuta investigativa cheia de novidades. Pelo amor sem medidas, ombro amigo e presença constante nos melhores e, principalmente, nos piores momentos do doutorado.

Aos familiares que a vida me trouxe: Lucas Silveira, Luiz Fernando Osório, Fillipe Saraiva e Maria Auxiliadora Campos pelo incansável e ilimitado apoio, pelos conselhos, pela assessoria jurídica e tecnológica, pelos momentos de descontração durante essa árdua, angustiante, mas também gratificante caminhada.

À senhora Ivana Napoleão, pelo apoio formalizado em todas as instâncias – do funcionalismo público, política e jurídica – quando, após aprovação em seleção, tivemos de travar batalha pelo direito à licença de serviço para cursar o doutorado.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação *Strictu-Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília pelo conhecimento compartilhado neste importante período de minha vida.

A Valéria Oliveira e aos companheiros do Núcleo de Estudos sobre o Corpo e Natureza – NECON, Jéssica Pereira, Thiago Iwamoto, Reigler Pedroza, Letícia Teixeira e Silva, e Eugênia Lacerda, pelos conselhos, recomendações, críticas e momentos de descontração que possibilitaram a contínua e coletiva construção de saberes.

Aos jogadores de *rugby* que voluntariamente aceitaram participar deste estudo. Seus depoimentos deram vida a este trabalho, tornando-o real.

À Professora Dr.^a Dulce Maria Filgueira de Almeida, pelo acolhimento desde a fase de entrevista da seleção e pela sábia, dedicada e minuciosa orientação. O seu entusiasmo e generosidade, as valiosas recomendações e as críticas oportunas possibilitaram a concretização desta pesquisa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
2.1. Natureza da pesquisa	19
2.2. Delineamento da pesquisa.....	21
2.3. Participantes da pesquisa	22
2.3.1. Sobre o Cajuína <i>Rugby</i>	27
2.4. Procedimentos e instrumentos de coleta das informações	31
2.4.1. Questionário sociodemográfico.....	31
2.4.2. Observação direta participante	31
2.4.3. Grupo focal.....	35
2.5. Procedimentos de análise das informações coletadas	41
2.6. Cuidados éticos.....	47
3. AGENTES E INSTITUIÇÕES MARCADORAS DAS CORPOREIDADES E MASCULINIDADES DOS JOGADORES DE <i>RUGBY</i>	49
3.1. Feminismos e as masculinidades	52
3.2. A educação familiar e sua influência sobre os padrões de masculinidade	76
3.3. O trabalho generificado e os padrões corporais masculinos.....	85
3.4. O controle estatal sobre as masculinidades.....	94
3.4.1. As Forças Armadas e as Forças Militares.....	98
3.5. A educação escolar e as relações de gênero	105
3.6. Sexualidades e feminilidades.....	115
3.7. Estratificação social por raça e classe, estratificação de masculinidades.....	141
4. CORPOREIDADES E MASCULINIDADES EM CAMPO: SIGNIFICANDO O HOMEM JOGADOR DE <i>RUGBY</i>	156
4.1 Dos primeiros escritos do código à chegada do <i>rugby</i> ao Brasil.....	159
4.2 Caracterização das corporeidades e masculinidades dos homens jogadores do Cajuína <i>Rugby</i>	170
4.2.1 “Homão da porra” ou “bichin desnutrido”: o simbolismo da aparência corporal dos homens <i>rugbiers</i>	173
4.2.1.1. O Cajuína <i>rugbier</i> e um projeto de corpo para chamar de (quase) seu	186
4.2.2. A competitividade e a valorização da dor como marcas na prática do <i>rugby</i> e nas masculinidades.....	205
4.2.2.1 Valorização da dor: destruir um corpo para construir uma forma de masculinidade	217
4.2.3 A restrição ao toque em/por outro corpo masculino: traços de corporeidade e sexualidade controladas	227
4.2.4 <i>Rugby</i> , um esporte de selvagens jogado por cavalheiros.....	240
4.3. A relação entre a estrutura organizacional do Cajuína <i>Rugby</i> Clube e as masculinidades expressas no contexto clubístico.....	259
4.3.1 Prestígio e distinção: o sistema de castas entre jogadores de <i>rugby</i>	259
4.3.1.1 Categoria juvenil X categoria adulto: a estabilidade imaginada da masculinidade	272
4.3.2 Treino misto: os reflexos das sessões de treinamento coletivo sobre as masculinidades e as relações de gênero	280
4.3.2.1 Efeito Teflon: a neutralidade da instituição esportiva frente às masculinidades e ao gênero.....	296
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	306
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	315

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição sociodemográfica dos jogadores participantes.....	25
Quadro 2 – Descrição das categorias temáticas.....	46
Quadro 3 – Comparação de agentes e instituições participantes da constituição de masculinidades pelo número de referências codificadas	51
Quadro 4 – Renda média mensal e cor/raça de jogadores de <i>rugby</i>	142
Quadro 5 – Comparação de unidades temáticas de caracterização dos homens jogadores de <i>rugby</i> pelo número de referências codificadas	172
Quadro 6 – Práticas corporais executadas pelos homens jogadores do Cajuína <i>Rugby</i> Clube.....	191
Quadro 7 – Distribuição dos jogadores participantes por categoria de jogo e tempo de prática do <i>rugby</i>	266

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma da Associação Cajuína <i>Rugby</i> Clube.....	30
Figura 2 – Distribuição dos agentes e instituições participantes da constituição de masculinidades	51
Figura 3 – Corte <i>undercut black</i>	103
Figura 4 – Corte “militar” de Vítor.....	103
Figura 5 – Visual de Wagner em reunião de confraternização	12
Figura 6 –. Distribuição de unidades temáticas de caracterização dos homens jogadores de <i>rugby</i>	173
Figura 7 – Biótipo associado ao homem jogador de <i>rugby</i>	175
Figura 8 – Uniforme da seleção brasileira de <i>rugby</i> em 2019.....	190
Figura 9 – <i>Ruck</i>	231
Figura 10 – Posição para fotografia	254
Figura 11 – Ordenação hierárquica no Cajuína <i>Rugby</i> Clube.....	260
Figura 12 – Ordenamento hierárquico de masculinidades entre jogadores do Cajuína <i>Rugby</i> Clube	274
Figura 13 – Variações de flexões de braços designadas aos homens e às mulheres jogadoras	286

RESUMO

A presente tese apresenta como objetivo investigar a relação entre esporte e masculinidade, com base na prática corporal do *rugby* e na constituição das identidades masculinas e das corporeidades de homens jogadores. Delineado como uma pesquisa de campo e qualitativa, o estudo contou com amostra composta por 20 homens jogadores de um clube de *rugby* do Estado do Piauí, com idades entre 18 e 33 anos de idade. Para atender aos objetivos, três instrumentos de coleta de dados e informações foram utilizados: o questionário sociodemográfico, a observação direta e o grupo focal. Como método de análise das informações, utilizou-se a análise de conteúdo categorial temática, a qual foi executada com o apoio do software de análise qualitativa NVivo Pro® 12. Destacaram-se como elementos participantes do processo de constituição das corporeidades e masculinidades dos jogadores de *rugby*: o movimento feminista, o dispositivo da sexualidade, a família, o Estado, o trabalho, a Escola, a classe socioeconômica, a cor/raça e o esporte. As corporeidades e masculinidades dos jogadores participantes são constituídas pelos seguintes aspectos: ancoragem na musculatura; competitividade; resiliência à dor e ao sacrifício corporal; obediência à hierarquia; disciplina; controle emocional; vaidade; homofobia; noção de superioridade do corpo masculino. Esses elementos demonstram que a dupla atuação do *rugby* como ferramenta de correção de masculinidades dissonantes do modelo hegemônico, e como palco de fissuras no código das estruturas normativas.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Corporeidade. Esporte. *Rugby*. Gênero.

ABSTRACT

The present thesis aims to investigate the relationship between sport and masculinity, based on the physical practice of rugby and the constitution of masculine identities and corporealities of male players. Outlined as a field and qualitative research, the study included a sample composed of 20 male players from a rugby club in the State of Piauí, aged between 18 and 33 years old. To meet the objectives, three data and information collection instruments were used: the sociodemographic questionnaire, direct observation and the focus group. Thematic categorical content analysis was used as an analysis method of the information, which was performed with the support of the qualitative analysis software NVivo Pro[®] 12. They stood out as elements participating in the process of constitution of the players' corporealities and masculinities rugby: the feminist movement, the sexuality device, the family, the State, work, the School, the socioeconomic class, the color/race and the sport. The corporealities and masculinities of the participating players are constituted by the following aspects: anchoring in the musculature; competitiveness; resilience to pain and bodily sacrifice; obedience to hierarchy; subject; emotional control; vanity; homophobia; notion of superiority of the male body. These elements demonstrate that the double performance of rugby as a tool for correcting dissonant masculinities in the hegemonic model, and as a stage for cracks in the code of normative structures.

KEYWORDS: Masculinity. Corporeality. Sport. *Rugby*.

1. INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado, situada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília, e vinculada ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza, tem como objeto de estudo a relação entre esporte e gênero, mediada pela corporeidade e pela masculinidade, no contexto da prática corporal do *rugby*.

Pode-se dizer que é na seara das práticas corporais que o gênero se faz mais evidente, pois nelas a materialidade corporal torna visíveis as relações de poder imbricadas nos processos de educação de corpos de homens e mulheres, “bem como as diferentes formas de inclusão e exclusão que deles decorrem” (GOELLNER, 2010, p. 9). Constantemente em pauta no meio das práticas corporais, aqui extensivamente entendida como esportivas, o gênero é, em geral, abordado com foco nas questões que se remetem à mulher ou à condição de feminilidade.

No âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – entidade científica representativa da área de Educação Física –, por exemplo, que a partir de 2013 passou a contar com um Grupo de Trabalho Temático de Gênero, vê-se um maior investimento de pesquisas sobre a temática, conquanto ao se verificar o teor dos trabalhos expostos durante as consecutivas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do Congresso Internacional de Ciências do Esporte, nota-se que a questão de gênero está problematizada atrelada à questão da mulher, enquanto o homem e sua condição de dominação masculina – aproveitando-se aqui da expressão cunhada por Bourdieu (2012) – ou, até mesmo, dos padrões sociais estabelecidos para os homens, são deixados à margem pela comunidade científica.

Expressam essa vinculação predominante dos estudos de gênero aos estudos de mulheres e feminilidades, o diminuto volume de estudos com enfoque sobre as masculinidades no âmbito esportivo expostos nas últimas três edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte:

- 2015 – dois (02) estudos em 2015, dentre 32 trabalhos apresentados no GTT Gênero: “Arte marcial e masculinidades: relações modernas para culturas tradicionais”, de Sebastião Carlos Almeida; e, “Estigmas do corpo, gênero e sexualidade no esporte: voleibol enquanto espaço da mulher e da ‘bicha’”, de Paula Nunes Chaves;

*O título desta tese remete a nosso entendimento que as categorias corporeidade e masculinidade são relacionais. O espelho é indicado no título à medida que o corpo do homem expressaria, inclusive em sua aparência, o modelo de masculinidade adotado.

- 2017 – um (01) estudo, dentre 38 trabalhos apresentados no GTT Gênero: “Performances de masculinidades no contexto do voleibol: narrativas em perspectiva interseccional”, de Leandro Teófilo de Brito;
- 2019 – um (01) estudo, dentre 64 trabalhos apresentados no GTT Gênero: “Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/cuir*: debatendo performatizações emergentes do masculino no esporte brasileiro”, de Leandro Teófilo de Brito.

Notadamente, a relevância dos estudos acerca da masculinidade se faz ainda mais proeminente no atual contexto de questionamento de condutas patriarcais exercidas tanto por indivíduos quanto por instituições. Apesar de os homens serem, ainda, detentores de maior representação – física e ideológica – na alta cúpula dos setores econômicos, tecnológicos, judiciários, militares, políticos, estatais e da família, esta não mais é uma situação considerada como natural. As visões essencialistas de gênero sobre a inflexibilidade do ser mulher e do ser homem, tão bem defendidas e justificadas a partir de teorias e dogmas religiosos e biológicos, vêm sendo escrutinadas e questionadas não só pela comunidade científica e movimentos sociais, mas também pelos indivíduos em sua vida cotidiana. Esse movimento de questionamento das ordens de gênero produz perturbações nas constituições de masculinidades e feminilidades e evidencia que as fronteiras de gênero não são tão estáveis como quer fazer crer o essencialismo. O que afeta a posição social de mulheres e meninas também deve afetar a posição social de homens e meninos, exigindo, mesmo que a contragosto, reflexões dos homens quanto às suas práticas de gênero (CONNELL, 2002, p. 13-14).

Em reconhecimento ao caráter histórico, social, cultural e subjetivo do gênero, Connell (1995, p. 188) define masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. A masculinidade envolve, então, a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e as mulheres se comprometem com essas posições de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNELL, 1997, p. 35).

A masculinidade deve ser pensada como um projeto – no sentido sartreano – perseguido pelo sujeito durante longos períodos. As masculinidades são construídas e reconstruídas ao longo da vida, sem um ponto cronológico de início e término, e em relação com o Outro; por isso, são sujeitas ao contexto social (CONNELL, 1995, p. 190-191).

Connell (1995) e Scott (1995) concorrem que instituições sociais e agentes sociais estão presentes e participam ativamente do processo de apreensão e transmissão das concepções de homem e mulher, pois representam as resoluções dos sujeitos que a formam. O projeto de masculinidade envolve encontros com instituições sociais e forças culturais, dentre os quais a escola, o trabalho, a comunicação de massa, a religião, a classe social, a raça e o esporte. Esses elementos, dentre outros, compõem a rede de construção da masculinidade, que, deste modo, assumirá diferentes expressões a depender da forma como o sujeito interfere nessa rede e é impactado por ela (CONNELL, 1995).

Ao inserir o sujeito em uma teia de instituições e forças culturais, Connell (2002, p. 16) demonstra que múltiplas definições de masculinidade podem ocorrer em maior ou menor nível em sociedades multiculturais. Para melhor entendimento dessa relação em um espectro social, a autora refere que na classe média urbana, por exemplo, existem, aos menos, duas versões de masculinidades: uma organizada em torno do domínio e da liderança, e outra envolta pelas ideias de experiência e profissionalismo. Da mesma forma, pode-se mencionar os distintos significados expressos por homens ricos e pobres inseridos em uma mesma sociedade, e entre homens de diferentes nacionalidades residentes no Brasil, por exemplo.

No entanto, apesar da possibilidade de masculinidades diversas, existe uma vertente hegemônica cuja narrativa convencional direciona os comportamentos e atitudes a serem tomados pelos homens. Naturalizada e assinalada por atributos como força, agressividade e virilidade, a masculinidade hegemônica é socialmente intitulada como a forma correta de ser homem, insistindo em uma uniformidade no grupo. Em relação às outras identidades masculinas, a masculinidade hegemônica apresenta posição de autoridade, de modo a não reconhecer a legitimidade daquelas e a multiplicidade de interseções culturais, sociais e políticas intervenientes nos projetos de masculinidades (CONNELL, 1995).

As configurações de práticas de masculinidades permeiam diversas searas da sexualidade, família, trabalho, escola, política, literatura, mídia e outras (CONNELL, 2002, p. 16). O esporte não escapa a essa lógica. Em razão de sua imensa difusão e penetração nas diversas classes sociais, culturas e faixas etárias, há muito o esporte deixou de ser apenas uma competição envolvendo equipes e se tornou um poderoso veículo propagador de mensagens; mensagens estas “cada vez mais comerciais, mas que também difundem valores associados aos corpos, às atitudes e comportamentos

dos e das atletas, ideários de modos de ser e estar no mundo, muitas vezes considerados paradigmas de perfeição corporal e mobilização física” (KNIJNIK, 2010b, p. 54).

Regido por regras e códigos de conduta e ação, mas configurado como espaço de interações e relações entre os sujeitos, o esporte é um fenômeno de grandes dimensões culturais e sociais onde circulam múltiplos discursos e relações de poder, que regulam os grupos. Historicamente, o esporte vem exercendo influência sobre a identidade corporal e pessoal, incluindo a de gênero, ao disciplinar, educar, submeter ou revolucionar o corpo de quem o pratica ou assiste.

Contudo, por que estudar masculinidades no esporte? Ao estudar masculinidades “estamos lidando com questões de importância para a sociedade global, assim como para a vida pessoal”, pois as práticas de gênero dos homens levantam importantes questões sobre detenção dos meios de produção, violência, saúde e educação, dentre outros aspectos de uma extensa lista (CONNELL, 1995, p. 186). Para entender a ordem de gênero local ou global, faz-se indispensável compreender como o gênero, as feminilidades e as masculinidades, são constituídos.

O ser humano não é apenas objeto da História, mas também agente histórico. Por conseguinte, o gênero é um sistema vivo de interações sociais, não uma pilha de caixas estanques (CONNELL, 2002, p. 13-14). O contexto atual não é o mesmo de 20 anos atrás. As masculinidades atuais não são exatamente as mesmas de 20 anos atrás (apesar das recorrentes tentativas de se afirmar o contrário, ou retornar no tempo).

Ao enfatizar a dimensão corporal, a prática esportiva é um campo mediador na construção das masculinidades ao articular significações, valores e representações de gênero propícios à remodelação, reconfiguração ou para a manutenção das masculinidades hegemônicas e, assim, do *status quo* nas relações sociais de gênero, pois as disputas e conflitos presentes no cotidiano esportivo de crianças, jovens, adultos e idosos em diferentes espaços sociais (como quadras, piscinas, ginásios, ruas, praças, parques e academias), provocam e realçam polêmicas acerca de “corpos generificados’ em movimento, sejam eles bonitos ou fora dos padrões legitimados pela norma social” (KNIJNIK, 2010a, p. 19).

No espaço esportivo surgem disputas em torno de representações e identidades de gênero. As representações esportivas, mesmo que transitórias, de corpo feminino ou masculino deixam marcas no cotidiano dos sujeitos. Não raro,

essas marcas são reclamadas para justificar a adesão de homens e mulheres em diferentes atividades (LOURO, 2003).

Discutir as masculinidades a partir das práticas corporais esportivas poderá, portanto, auxiliar na compreensão dos modos de participação do esporte no processo de significação de gênero, modos de pensar, comportamentos, atitudes e ações dos homens, dado que as diferenciações de gênero estão presentes tanto na forma de perceber as coisas, como na forma em que as coisas se apresentam.

Considerando o esporte como uma prática corporal que participa da formação da masculinidade, o **problema** dessa pesquisa é: como se dá a relação esporte e gênero, com base na prática corporal do *rugby* e na constituição das corporeidades e masculinidades de homens jogadores?

Sendo assim, nosso **objetivo** é investigar a relação entre esporte e gênero, com base na prática corporal do *rugby* e na constituição das corporeidades e masculinidades de homens jogadores.

Como **objetivos específicos**, elenca-se:

- Analisar os agentes participantes do processo de constituição das corporeidades e masculinidades de homens jogadores de *rugby*, interpretando suas percepções sobre as relações de gênero dentro e fora do contexto clubístico;
- Identificar os sentidos atribuídos por jogadores de *rugby* ao ser homem rugbier, buscando examinar os significados atribuídos à modalidade e sua prática.

Para a consecução destes objetivos, realizou-se um estudo caracterizado pela abordagem qualitativa. Delineada como pesquisa de campo, a produção de dados e informações foi realizada partir dos seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico, grupo focal e observação direta participante. Participaram do estudo 20 (vinte) jogadores de uma equipe amadora masculina de *rugby*.

O aporte teórico está delineado em torno de três conceitos que ajudam a situar o olhar da investigadora: corpo, masculinidade e esporte. A discussão das informações colhidas ocorreu à luz de referências que consideram corporeidades e masculinidades enquanto categorias sociais e históricas, em detrimento à perspectiva essencialista centrada apenas em aspectos biológicos. Deram base teórica às nossas reflexões os estudos de Pierre Bourdieu (2003, 2004, 2007, 2012), Raewyn Connell (1995, 1997, 2002, 2005, 2017) e Miguel Vale de Almeida (1995), acerca das dimensões de gênero, masculinidades e da crise do modelo tradicional de homem foram fundamentais para a compreensão das masculinidades como fenômenos

sociais. Sobre a relação entre masculinidades e esporte, as contribuições de Jorge Knijnik (2010a, 2010b) e Silvana Goellner (2010, 2012) foram valiosas.

Os conceitos de corpo e corporeidade foram abordados a partir das contribuições de David Le Breton (2007, 2009, 2016) e de Michel Foucault (1999a, 1999b, 2011) são importantes neste trabalho. O primeiro autor tem destaque na discussão sobre o corpo e sua construção social, que exercerá influência sobre a forma como é vivenciado pelos sujeitos. Já o arcabouço teórico proposto por Foucault foi de grande valia para refletir sobre as tecnologias de poder e suas tentativas de controle sobre o corpo individual e coletivo.

O fio condutor das reflexões emergentes da pesquisa está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro deles a introdução, cujo fim é a apresentação do objeto, objetivos e justificativa de estudo. A seguir, descreve-se sumariamente os caminhos empreendidos para o ordenamento da tese.

No segundo capítulo, são apresentados, da forma mais detalhada possível, os passos para coleta, organização e análise de informações, incluindo os métodos, instrumentos, procedimentos, técnicas e aspectos éticos adotados no desenvolvimento da investigação. Nesse capítulo, traça-se um quadro geral de contextualização do perfil dos jogadores participantes do estudo, que inclui dados referentes ao gênero, idade, renda, estado civil, grau de instrução, ocupação profissional, práticas corporais realizadas e outras informações obtidas durante a pesquisa de campo. Contextualiza-se também as especificidades do Cajuína *Rugby*, tendo em vista uma aproximação com a base empírica da pesquisa e, assim, trazer argumentos para se pensar as corporeidades e masculinidades. As matérias da GQ, utilizadas para visualização das figuras que contribuem para o reconhecimento e apreensão das corporeidades e masculinidades dos participantes da pesquisa também são descritas nesta seção. Reitera-se o uso de recortes da GQ apenas como subsídio para realização da pesquisa, não havendo intenção de aprofundar conceitos relacionados aos textos midiáticos.

O terceiro capítulo, “Agentes e instituições marcadoras das corporeidades e masculinidades dos jogadores de *rugby*”, propõe uma reflexão sobre a educação do corpo, levantando a questão da articulação entre as referidas categorias, os processos de individuação e o contexto social. Enquanto construções sociais e históricas, as corporeidades e masculinidades são exploradas por meio da identificação de instituições e agentes – como o trabalho, a classe social, a raça, a família e a escola

– que por meio de um processo educativo buscam incorporar nos jogadores valores, atitudes e comportamentos que tecerão influência sobre suas experiências e constituições corporais e identitárias. Discute-se a generificação das coisas, dos locais, das instituições, enfim, do mundo material e imaterial, que, segundo a matriz heteronormativa, estaria dividido em dois lados opostos: masculino e feminino.

Descritas as formas de atuação das diretrizes contextuais que servem de alicerce para a construção dos significados de corporeidades e masculinidades dos jogadores, são analisadas as posturas e respostas dos últimos frente a essas figuras e seus processos pedagógicos. Lembrando que o gênero e a identidade são inscritos no corpo, contemplam-se as formas como os jogadores se relacionam com seus corpos por meio do exame dos símbolos de masculinidade que permeiam seus imaginários e que são impressos em seus corpos – na pele, nos músculos, nos gestos e movimentos.

As respostas dos jogadores a esses processos educativos permitiram refletir sobre a possibilidade de questionamento e ressignificação dos saberes e valores quando da mudança do espaço social em que as pessoas se inserem. Nesse ponto, discute-se sobre a atual configuração social de intenso debate em torno das relações de gênero e suas implicações sobre as construções das masculinidades. Assim, abordando o ser humano como ativo, construtor de sua história, mas não desconsiderando sua interação com a sociedade e a interferência desta sobre o desenvolvimento do primeiro, abordamos as limitações e as possibilidades das corporeidades e masculinidades dos jogadores em meio a uma rede de significados disponíveis e mutáveis face às transformações sociais.

O quarto capítulo, “Corporeidades e masculinidades em campo: significando o homem jogador de *rugby*”, aborda a participação da conjuntura esportiva do *rugby* sobre os significados manifestos pelos jogadores referentes a essas categorias.

Considerando a atuação das práticas corporais na formação do ser humano, percorremos as formas como o *rugby* é apresentado e vivenciado pelos jogadores no processo de constituição de suas corporeidades e masculinidades. Analisou-se as razões que levaram os jogadores a praticar esse esporte e, tomando em exame as suas primeiras e as atuais impressões sobre o *rugby*, bem como os significados atribuídos a essa prática corporal. Para tanto, tratou-se dos códigos de comportamento, das regras implícitas e explícitas, e da possibilidade de existência de uma relação hierárquica no grupo de jogadores.

Tendo em vista o *rugby* ser, ainda, considerado por muitos um esporte para homens, discutiu-se quem é esse homem a que se referem, uma vez que esta é uma categoria plural e a imagem do jogador está para além do aprendizado de especificidades técnicas do esporte. Haja vista a construção das corporeidades e masculinidades ser permeada por negociações assinaladas pelas intencionalidades e aspirações do sujeito, e também pelo contexto social, discorreremos sobre as formas como os participantes percebem – se percebem – a construção de estereótipos em torno do homem jogador de *rugby*, abordando como essas imagens são apropriadas por eles para a construção dessas categorias, em que medida estas se aproximam ou se distanciam dos princípios e valores defendidos pela imagem estereotípica, e em que contextos esses deslocamentos ocorrem.

Esse exame nos permitiu inferir sobre a dinâmica das posições-de-sujeito e as estratégias de afirmação das masculinidades adotadas pelos jogadores a fim de se sentirem pertencentes ao grupo (equipe de *rugby*), e, sobre as ambiguidades, contradições e vulnerabilidades das identidades, aprofundando o olhar sobre o movimento, nem sempre linear, entre o discurso e a prática. Mais a fundo, pudemos entender como são configuradas as identidades dos jogadores frente às diferenças – de masculinidades e gênero –, abordando suas repercussões sobre as relações de gênero no clube de *rugby*, entre homens e mulheres jogadores, mas também entre homens.

No capítulo final, “Considerações Finais”, foram retomadas sinteticamente as questões que atravessaram significativamente as análises em relação às configurações de corporeidades e masculinidades, e à generificação do esporte. Nesta seção, pudemos analisar as possibilidades de atuação do esporte – ou da experiência esportiva – sobre a construção das corporeidades e masculinidades. Abordamos os significados relacionados àquelas categorias que permeiam o ambiente esportivo, analisando o(s) caminho(s) tomado(s) pelo *rugby* no clube: se levando ao desdobramento de distintas masculinidades com a produção de novos arranjos de relações de gênero em contrapartida aos preconizados pela matriz hegemônica, ou, se utilizado como forma de reiterá-los.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Chizzotti (1995, p. 11) lembra que “transformar o mundo, criar objetos e concepções, encontrar explicações e avançar previsões, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e ideias, são fins subjacentes a todo esforço de pesquisa”. Para tanto, a pesquisa pressupõe o estranhamento do que é familiar, a investigação, observação e reflexão do homem e de sua relação com o mundo em que vive.

A pesquisa científica “mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa” (CHIZZOTTI, 1995, p. 85). No entanto, as incertezas e os riscos inerentes à pesquisa expressam a necessidade de esclarecimento dos procedimentos adotados para contato com os sujeitos da pesquisa e para a obtenção, análise e

interpretação das informações a fim de demonstrar a cientificidade dos dados obtidos e dos saberes produzidos.

Não existe um modelo para decidir a melhor metodologia para determinada investigação científica. A escolha dos procedimentos, técnicas e métodos a serem adotados depende das características do objeto de estudo e do diálogo deste com o(a) investigador(a), buscando aqueles que melhor contribuam para atender às demandas do estudo.

Quanto ao conceito de cientificidade, este não deve ser interpretado como sinônimo de normas, mas como um dispositivo regulador dos níveis de abstração efetivados pelos pesquisadores/as. A produção de conhecimentos exige o emprego de procedimentos, porém estes devem ser empregados de modo a não comprometer a acuidade dos dados e informações colhidos. “O endeusamento das técnicas produz um formalismo árido ou respostas estereotipadas”, enquanto, seu desprezo “leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis” (MINAYO, 2009a, p. 15).

Este capítulo serve de leito à apresentação do exercício de busca de procedimentos metodológicos pertinentes ao objeto investigado. Nele constam a natureza do estudo, o *lócus*, os sujeitos participantes, os instrumentos, técnicas e métodos a serem utilizados na coleta e análise de informações, assim como as considerações éticas para a realização desta pesquisa.

2.1. Natureza da pesquisa

O objeto deste estudo, as corporeidades e masculinidades no esporte, não é único, mas dinâmico, complexo e construído mediante múltiplos olhares. Para compreender o discurso dos jogadores sobre essas categorias, este estudo analisa as percepções, os significados e as atitudes dos participantes. Considerando-se que estes elementos têm base em fenômenos sociais e culturais dificilmente traduzidas por variáveis operacionais e quantificáveis, este estudo assume uma abordagem qualitativa por considerar que tais referências proporcionam melhor visão e compreensão do contexto problematizado.

O presente estudo pretende acessar, compreender e interpretar os conteúdos mais íntimos e dificilmente exteriorizáveis dos jogadores de *rugby*, proporcionando melhor entendimento da complexa realidade das construções de gênero destes.

Entendendo-se os dados e informações coletados como indicadores dos valores e significados construídos, ao mesmo tempo, social e historicamente, apresentar as especificidades e as contradições das identidades daqueles sujeitos se torna possível apenas por meio da pesquisa qualitativa. Além do mais, esta é a estratégia mais adequada face ao obstáculo relacional antevisto como possível no decurso do trabalho de campo.

Interessa à pesquisa qualitativa a análise, interpretação e descrição de complexos aspectos da realidade, das relações sociais, das estruturas e instituições, dos significados, valores e atitudes em um nível de profundidade em que a mera operacionalização e quantificação de variáveis podem tornar o estudo reducionista, uma vez que os primeiros derivam das diferentes interpretações dos sujeitos quanto a estímulos externos. Essas interpretações condicionam e são condicionadas pelas experiências, percepções, crenças e significados construídos por cada um nas diferentes situações de interação. Deste modo, supõe-se que o sujeito é tanto agente da realidade social, como também é por ela influenciado (MINAYO, 2009a, p. 21).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009a, p. 21)

Nesse sentido, a perspectiva de análise adotada pela abordagem supracitada parte do fundamento de que “há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, ou seja, “o objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significado e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 1995, p. 79).

O fenômeno em estudo é percebido em sua conjuntura subjetiva no que se refere à produção de sentidos e ações de um sujeito, grupo social ou situação, e em sua interação com o meio/contexto e as relações sociais que o cercam. Sobre a descrição do conjunto de fenômenos humanos Minayo (2009a) afirma que este

[...] é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode

ser traduzida em números e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2009a, p. 21)

Ainda com relação à pesquisa qualitativa, esta aponta o reconhecimento e valorização das particularidades dos fenômenos e dos sujeitos. Chizzotti (1995, p. 84) diz que nesta abordagem “todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio”. Dessa forma, é preciso encontrar o significado manifesto e o oculto.

A pesquisa qualitativa favorece a (re)construção de conceitos, categorias e hipóteses acerca das vivências humanas durante o processo investigativo. São as relações dos sujeitos, as “percepções pessoais, sentimentos íntimos que marcaram sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida” que estarão, em primeiro lugar, de modo a apreender o significado de suas ações e a relevância que os fenômenos têm para eles (CHIZZOTTI, 1995, p. 95). Logo, a pesquisa qualitativa exige do pesquisador/a o convívio com as pessoas, os fatos e os locais que constituem seu objeto de estudo, de forma a extrair deste “os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2006, p. 28).

2.2. Delineamento da pesquisa

A pesquisa científica deve contemplar a individualidade de cada sujeito. Com base nesse princípio, este estudo se caracteriza como uma **pesquisa de campo**, no qual o contato direto da pesquisadora com os sujeitos pesquisados permitiu o exercício de questionamento, por ambos, das corporeidades e masculinidades circulantes no contexto social do *rugby*, com aproximações e conflitos, e também como o esporte, como ambiente de socialização, atua sobre as diferentes maneiras de ser e de agir. Essa decisão metodológica atende também à recomendação de Louro (2003) quanto à análise do processo de educação dos corpos. Segundo a autora,

O processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar

especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como 'natural'. (LOURO, 2003, p. 63)

Para se firmar como natural, a “produção” de corpos com base no modelo heteronormativo exige intenso e contínuo trabalho de invisibilização de outras formas de fazer o gênero. Esse padrão é, incansável e sutilmente, instituído como padrão de educação dos corpos de homens e mulheres ao longo de toda a sua vida por meio de práticas de suas vidas cotidianas.

Minayo (2009b, p. 62) entende o “campo, na pesquisa qualitativa, como o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação”. Em outras palavras, o campo seria a realidade na qual a pesquisadora situa seu objeto de estudo, permitindo observar o fenômeno como se apresenta em dado contexto e aplicar e/ou construir teorias que ajudem em sua compreensão.

O trabalho de campo torna possível conferir uma maior amplitude e, acima de tudo, profundidade à recolha de informações. O acesso progressivo às dimensões mais densas e profundas dos processos sociais permitiu à pesquisadora estabelecer relações constantes entre determinadas condições e eventos observados, possibilitando a descoberta de dimensões de análise até então desconhecidas ou ocultas e, assim, de novos elementos, detalhes ou enfoques para aqueles que já haviam sido previamente referenciados (ALMEIDA; PINTO, 1990). Em vista disso, a possibilidade de novidades a partir do campo, e considerando que o *lócus* desta pesquisa se apresenta na forma de um jogo interpretativo que, por si só, estimula a prática de significados e de subjetividades, a pesquisadora procedeu a uma contínua revisão dos eixos de análise e aos devidos ajustes teóricos, hipotéticos e metodológicos do estudo.

O mundo social é carregado de significações passíveis de serem investigadas, e tanto o investigador quanto os investigados são agentes ativos (MINAYO, 2009b). Nesta perspectiva, também o pesquisador/a é um instrumento de coleta e registro de informações. Desta forma, a pesquisa de campo, também denominada por Costa (1990, p. 129) de pesquisa de terreno, implica a “presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contato direto com as pessoas e as situações”.

Neste caso, o investigador/a “observa os locais, os objetos e os símbolos, observa as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos” (COSTA, 1990, p. 132), tal como ocorrem espontaneamente, coletando e registrando informações presumivelmente relevantes para ulteriores análises acerca do objeto de estudo. Nesse sentido, considerando-se a importância das informações qualitativas colhidas sobre o fenômeno estudado, o pesquisador/a deve seguir princípios posturais básicos, como recomenda Chizzotti (1995, p. 82):

Ele [pesquisador] deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem se conduzir pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global do fenômeno.

Informações quanto à pesquisa de campo – *lócus*, participantes, procedimentos, instrumentos de coleta das informações e procedimentos de análise das informações – serão pormenorizados a seguir.

2.3. Participantes da pesquisa

Este estudo foi realizado na cidade de Teresina, capital do Piauí, com 20 (vinte) jogadores integrantes da equipe amadora masculina de *rugby*, *Cajuína Rugby*. A pesquisa com um grupo de homens na formulação de referências que levem em conta as relações de gênero se faz pertinente, pois em sua formação como sujeito e como homem trazem em seus corpos um complexo identitário continuamente constituído, como diz Hall (2005), a partir da troca de experiências em todos os ambientes frequentados e, por isso, eivado de ambivalências e especificidades.

Tomando essa percepção de participação do ambiente na construção das corporeidades e masculinidades, decidiu-se por estudar especificamente homens jogadores de *rugby*, em decorrência das características históricas, técnicas e táticas deste esporte. O *rugby* é um esporte de contato hegemonicamente praticado por homens e permeado de símbolos e representações que supostamente os privilegia haja vista atributos ligados à masculinidade hegemônica, como força, virilidade, agressividade e negação da dor, serem visualizados a todo instante. Porém, é

importante enfatizar que esta pesquisa entende a categoria masculinidade como campo em construção, distanciando-se de uma percepção naturalizada de gênero.

O estudo deste universo particular, o *rugby* masculino, permitiu refletir sobre como os jogadores vivenciam e são interpelados pelos diversos discursos relacionados aos seus corpos e sua relação com os gêneros. Esses discursos são produzidos na relação familiar, na interação com os meios de comunicação, mas também em meio às formas como se tornaram – e tornam – jogadores de *rugby*, socializam-se com os demais jogadores, negociam sua permanência no esporte e legitimam seu espaço no time.

É importante ressaltar que, como já explicitado no conceito de identidade, também a masculinidade pode ser plural e cambiável. A materialização da masculinidade hegemônica no momento do jogo de *rugby* não significa obrigatoriamente que os jogadores construam suas percepções apenas a partir dos valores ali aplicados. Esse é o interesse deste estudo: analisar em que medida o *rugby* contribui para a construção das corporeidades e masculinidades.

A seleção dos participantes se deu conforme o método de conveniência, um dos mais flexíveis métodos de amostragem, privado de rigidez estatística e na qual a pesquisadora seleciona os sujeitos aos quais tem acesso (MARCONI; LAKATOS, 2009). A seleção de participantes atendeu aos seguintes critérios:

- Critérios de inclusão: (i) praticar *rugby* há, no mínimo, 6 (seis) meses, por considerar esse prazo importante para que os sujeitos conheçam as regras táticas e técnicas e a filosofia do esporte por eles praticados; (ii) ser jogador da equipe masculina do Cajuína *Rugby* há, pelo menos, 6 (seis meses); (iii) ter idade igual ou superior a 18 anos.
- Critério de exclusão: (i) idade inferior a 18 anos; (ii) ser do sexo feminino; (iii) não contemplar o tempo mínimo de 6 meses de prática do *rugby* no clube.

O quadro a seguir apresenta a caracterização sociodemográfica dos jogadores participantes:

Jogadores	Idade	Gênero	T. prática* (meses)	T. Delta* (meses)	O. Sexual*	Cor/raça	E. civil*	Filhos	Escolaridade	Área de formação	Ocupação	Renda mensal	Religião	Prát. Corp.*
Caetano	28	M*	96	96	Hétero*	Negro	Casado	Não	Pós-graduação	Lic.* em Química	Bombeiro militar	de R\$ 3748 a R\$ 5622	Não aplicável	Crossfit
Jean	29	M*	24	24	Hétero*	Branco	Solteiro	Não	Ens. Sup. Completo*	Lic.* em Educação Física	Instrutor de musculação	de R\$ 937 a R\$ 2811	Católico	Musculação/ Karatê/ Jiu jitsu
Simões Jr.	23	M*	24	24	Hétero*	Branco	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Estudante	de R\$ 2811 a 3748	Católico	Musculação
Frederico	22	M*	12	12	Hétero*	Pardo	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Lic.* em Física - em and.	Estudante	até R\$ 937	Não aplicável	Musculação/ Artes marciais
Jonas	18	M*	7	7	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Estudante	de R\$ 937 a R\$ 2811	Não aplicável	Musculação
Sérgio	18	M*	7	7	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Lic.* em Física - em and.	Estudante	de R\$ 3748 a R\$ 5622	Não aplicável	Musculação
Rafael	23	M*	24	12	Hétero*	Negro	Solteiro	Sim	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Desempregado	de R\$ 937 a R\$ 2811	Não aplicável	Musculação/ Artes marciais
Edgar	27	M*	72	60	Hétero*	Branco	Solteiro	Não	Ens. Sup. Completo*	Lic.* em Física	Professor	de R\$ 2811 a 3748	Católico	Musculação
Augusto	18	M*	12	12	Hétero*	Pardo	Solteiro	Não	Ens. Méd. completo*	Não aplicável	Estudante	até R\$ 937	Não aplicável	Musculação/ Futebol
Nuno	19	M*	6	6	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Estudante	de R\$ 937 a R\$ 2811	Não aplicável	Musculação/ Taekwondo
Wagner	22	M*	12	12	Hétero*	Pardo	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Empresário	de R\$ 937 a R\$ 2811	Católico	Musculação/ Futebol
David	20	M*	9	9	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Méd. completo*	Não aplicável	Não aplicável	até R\$ 937	Evangélico	Não aplicável
Raul	27	M*	72	72	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Méd. completo*	Não aplicável	Auxiliar de produção	até R\$ 937	Não aplicável	Não aplicável

Jogadores	Idade	Gênero	T. prática* (meses)	T. Delta* (meses)	O. Sexual*	Cor/raça	E. civil*	Filhos	Escolaridade	Área de formação	Ocupação	Renda mensal	Religião	Prát. Corp.*
Vítor	18	M*	8	8	Hétero*	Pardo	Solteiro	Não	Ens. Méd. completo*	Não aplicável	Não aplicável	até R\$ 937	Católico	Futebol/ Muay Thai/ Forró
Estevão	27	M*	12	12	Hétero*	Pardo	Solteiro	Não	Ens. Sup. Completo*	Radiologia	Tecnólogo em radiologia	de R\$ 3748 a R\$ 5622	Católico	Futebol
Benjamin	27	M*	72	48	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Estudante	de R\$ 3748 a R\$ 5622	Não aplicável	Musculação
Guido	20	M*	11	11	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Méd. completo*	Não aplicável	Estudante	de R\$ 2811 a 3748	Católico	Musculação
Ramon	33	M*	96	72	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Estudante	até R\$ 937	Católico	Musculação/ Futsal
Tadeu	18	M*	18	12	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Estudante	de R\$ 2811 a 3748	Católico	Musculação/ Handebol
Natanael	21	M*	24	24	Hétero*	Negro	Solteiro	Não	Ens. Sup. Incompleto*	Não aplicável	Atleta de handebol	de R\$ 937 a R\$ 2811	Católico	Não aplicável

Legenda: M: masculino; T. prática*: tempo de prática do *rugby*; T. Delta*: tempo no Delta *Rugby*; O. Sexual*: orientação sexual; Hétero*: heterossexual; Ens. Sup. Completo*: Ensino superior completo; Ens. Sup. Incompleto*: Ensino superior incompleto; Ens. Méd. completo*: Ensino médio completo; Lic.*: Licenciatura; Prát. Corp.*: Práticas corporais.

Quadro 1 – Descrição sociodemográfica dos jogadores participantes.

Fonte: Elaboração própria.

2.3.1. Sobre o Cajuína Rugby

O *lócus* de estudo foi o time masculino da Associação Cajuína *Rugby* Clube, de Teresina – PI. O Cajuína *Rugby* (nome fictício) em respeito é um clube amador de *rugby* composto por equipes masculina e feminina. Participante de campeonatos e torneios em nível local, regional e nacional, a equipe masculina é composta por 40 jogadores, divididos entre as categorias juvenil (de 13 a 18 anos) e adulto (a partir de 19 anos), enquanto a feminina dispõe de 22 jogadoras.

O Cajuína *Rugby* Clube foi oficialmente fundado em agosto de 2012 a partir do trabalho impulsionado por jovens praticantes e simpatizante da modalidade. Antes desta data o clube já existia, porém, conhecido como Albinos *Rugby*. A decisão pela mudança de nome ocorre quando do crescimento de desempenho das equipes masculina e feminina em campeonatos regionais e da conseqüente necessidade de maiores patrocínios para participação nestes. Conforme o presidente, à época, da Associação Cajuína *Rugby* Clube, o termo “albinos” poderia ser interpretado de forma preconceituosa, como um time de homens e mulheres brancos. Com a intenção de aumentar a visibilidade do time no *rugby* nacional, tanto para apreciadores do esporte, quanto para possíveis incentivadores e patrocinadores, novas nomenclatura e cores são tomadas para si.

Para formalização do clube optou-se pelo formato de uma entidade associativa sem fins lucrativos, por isso Associação Cajuína *Rugby* Clube. A criação da Associação possibilitou a captação de mais patrocinadores e apoiadores, a organização e participação em campeonatos de forma estruturada, fortalecendo o esporte regionalmente. Outra vantagem da fundação da associação foi a filiação à Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu), possibilitando ao clube a participação em competições de nível nacional e nas decisões federativas relacionadas ao *rugby*, além do intercâmbio de experiências administrativas e esportivas não só no Piauí, mas em todo o Brasil por meio da CBRu, exercendo importante papel na capacitação técnica dos jogadores.

Desde sua fundação, o Cajuína *Rugby*, participou de todas as edições do Campeonato Nordestino de *Rugby Sevens*, também chamado Nordeste *Sevens*. De 2013 a 2017, a equipe masculina do Cajuína venceu todas as edições da referida competição. Em 2013, a equipe participou pela primeira vez do Nordeste Super XV,

campeonato regional de *rugby XV*, porém em razão do desempenho insatisfatório nesta edição e em outras, a agremiação decidiu por direcionar seus esforços para o *rugby sevens*.

Atuando paralelamente aos homens, a equipe feminina também vem conquistando espaço expressivo no *rugby*. Venceu as edições do Nordeste *Sevens* de 2014, 2015 e 2016. Em 2015, a equipe conquistou o 6º lugar na classificação final do Circuito Feminino de *Rugby Sevens*, sua melhor posição nesse campeonato nacional também chamado *Super Sevens*. Em 2016, a equipe ocupou o 7º lugar.

O desempenho irregular do Cajuína em campeonatos de *rugby XV* pode ser explicado pela necessidade de boa parte dos jogadores dividirem seu tempo diário entre treinos de *rugby* e atividade remunerada. Assim, como todos os times de *rugby* no Brasil, com exceção do selecionado nacional, o Cajuína *Rugby* é um time amador, característica histórica que vem sendo mantida pelos clubes de *rugby*. Os homens e mulheres jogadoras do Cajuína exercem alguma atividade remunerada ou estudam, ao mesmo tempo em que treinam e participam de competições de *rugby*. Essa dupla jornada pôde ser verificada nos treinos do time (feminino e masculino), onde o número de jogadores ausentes nunca foi reduzido a zero, o que implica em diferentes níveis de qualidade física e técnica e influencia negativamente sobre o entrosamento do grupo.

Em virtude do envolvimento dos jogadores em outras ocupações, sua permanência no time não é, em geral, longa. Pode-se falar em uma rotatividade de 2 (dois) anos, ou seja, ao fim desse período a equipe sofre uma renovação quase que completa. Não há nenhum pré-requisito para se tornar jogador do Cajuína, além, da disponibilidade e do comprometimento para participar dos treinos e jogos.

Entretanto, a rotatividade de jogadores no Cajuína já foi bem maior do que é atualmente. Viagens e diárias para disputar torneios e campeonatos têm sido historicamente bancadas pelo clube, o que engloba desde iniciativas de arrecadação de dinheiro por meio de rifas, venda de produtos alusivos ao time, *crowdfunding*, até a arrecadação de dinheiro entre os integrantes do time. Porém, o bom desempenho, nos últimos anos, do Cajuína no Nordeste *Sevens*, rendeu-lhe maior aporte de patrocinadores e apoiadores, e uma melhor condição de participação em campeonatos, fixando, assim, por mais tempo os jogadores, que viram mais oportunidades de competir.

Somente a partir de 2017, parte das despesas do Cajuína para participação em campeonatos de XV ou *sevens* é custeada pela Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu), porém, apenas aquelas de nível nacional. Vale destacar que o financiamento da CBRu contempla apenas o deslocamento (em geral, passagens aéreas) do time para as cidade-sede das etapas dos campeonatos. O custeio de alimentação, hospedagem e transporte nas cidades-sede permanece a cargo dos times participantes do evento.

Ainda sobre a questão financeira, atualmente o Cajuína não conta com patrocinadores permanentes. Entidades privadas e públicas (como o governo estadual) somente patrocinam ou apoiam o time com equipamentos, auxílio financeiro, entre outros itens, no período de competições e a depender do seu interesse.

Em prol do fomento do *rugby*, aumento de visibilidade do clube e, assim, captação de novos jogadores e futuros patrocinadores e apoiadores, o Cajuína faz uso das redes sociais por estas atingirem muitas pessoas com grande velocidade, baixo custo e permitirem um *feedback* rápido em relação ao conteúdo disponibilizado. São disponibilizadas informações gerais sobre treinos, cronograma de jogos e eventos realizados pelo clube, além do compartilhamento de imagens do time – e do *rugby* em geral – na página oficial do clube no *Facebook*, que se transforma em uma espécie de fórum de discussão e socialização entre a equipe e os simpatizantes do *rugby*. Outra rede social utilizada pelo Cajuína é o Instagram, também com o objetivo de propagar a imagem e o nome do time. É importante destacar também que por se tratar de um esporte que vem chamando a atenção no Piauí, o Cajuína conta com a cobertura midiática realizada por uma emissora de TV aberta piauiense, que acompanha o time em jogos e outras atividades.

A defesa do amadorismo não impediu que o *rugby* fosse popularizado em todo o mundo – inclusive o Brasil, mesmo que em níveis ainda modestos se comparado ao futebol e ao vôlei, por exemplo – e fosse submetido se não a um processo de profissionalização, mas no mínimo de burocratização. O Cajuína mantém uma estrutura administrativa em virtude de seus objetivos de participação em competições nacionais.

Sobre o organograma do Cajuína, este se compõe por presidente, vice-presidente, diretor de marketing, diretor de assuntos jurídicos, diretor financeiro e secretaria (veja figura 1). Cada um dos cargos é ocupado por jogadores do time.

Somado a isso há ainda o conselho fiscal, formado por 05 (cinco) jogadores. O clube não conta com sócios.

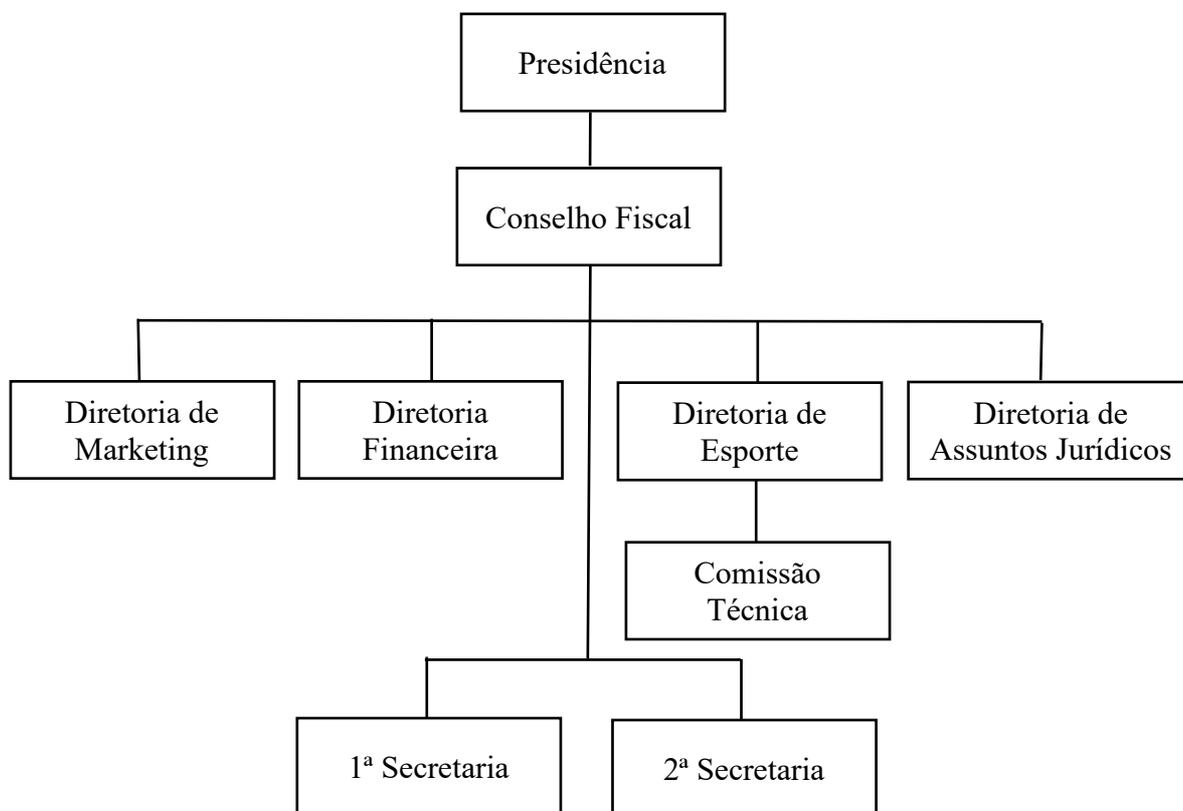


Figura 1 – Organograma da Associação Cajuína Rugby Clube.

Fonte: Clube lócus de pesquisa, 2018.

O renome do Cajuína *Rugby* no nordeste brasileiro se expressa na convocação dos jogadores pela CBRu para participar das seletivas para composição da seleção brasileira de *rugby*. Cinco jogadores/as, um homem e quatro mulheres, já representaram o Brasil em competições oficiais. Em 2018, três dos citados (um homem e duas mulheres) seguiam atuando pelo selecionado nacional. Um fato relatado pelo presidente do clube demonstra a importância regional que o Cajuína *Rugby* alcançou no esporte: não é mais necessário ao clube procurar a comissão técnica da seleção brasileira para participar de seletivas de jogadores; os bons resultados das equipes masculina e feminina fazem com que a própria comissão busque os jogadores.

Existem outros times de *rugby* no Piauí, mas é reconhecida a importância histórica do Cajuína na difusão e estruturação do esporte no Piauí, inclusive na configuração de campeonatos locais. Em oito anos de existência, o clube conquistou

adeptos e simpatizantes que levam seu nome afora, principalmente no Nordeste, sendo aclamado como um dos melhores clubes da região.

2.4. Procedimentos e instrumentos de coleta das informações

Haja vista a complexidade inscrita no ser e nas relações humanas, utilizou-se três instrumentos de coleta de dados e informações: o questionário sociodemográfico, a observação direta e o grupo focal. Esses procedimentos se tornam necessários por possibilitar maior exploração da subjetividade dos participantes da pesquisa, vistos como agentes ativos na dinâmica social.

2.4.1. Questionário sociodemográfico

Com o objetivo de obter informações sobre o perfil e as características sociodemográficas dos jogadores de *rugby* participantes do estudo aplicou-se um questionário sociodemográfico (veja Apêndices). O questionário contém os seguintes tópicos: idade, gênero, tempo de prática do *rugby* e inserção na equipe *Cajuína Rugby*, orientação sexual, cor/raça, estado civil, número de filhos, escolaridade, ocupação profissional, renda salarial mensal, religião e práticas corporais realizadas.

2.4.2. Observação direta participante

Adotando uma atitude reflexiva frente ao grupo observado, precedemos à técnica da observação direta para recolha de informações. De acordo com Quivy; Campenhoudt (2008, p. 198), este “método é particularmente adequado à análise do não verbal e daquilo que ele revela: as condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e os traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade, etc.”.

A variante de observação direta utilizada foi a participante (COSTA, 1990), consistindo, portanto, no estudo das corporeidades e masculinidades dos participantes no momento da realização da prática corporal esportiva e de atividades a ela relacionadas. Ou seja, participou-se da “vida rugbyana” dos participantes, mas tomando o cuidado para perturbá-los o mínimo possível. A observação teve como

objetivo a apreensão de mais informações sobre o universo do *rugby*, em específico do Cajuína *Rugby*, e as formas de legitimação das corporeidades e masculinidades dos jogadores atravessadas pelas relações de gênero.

Foram objeto de observação os seguintes aspectos:

- Elementos das corporeidades dos jogadores (gestos, posturas, relatos sobre práticas corporais) relacionados às suas masculinidades;
- Comportamento dos homens jogadores durante treinos coletivos mistos e não mistos;
- Comportamento dos participantes entre si e para com as jogadoras em âmbito clubístico;
- Relatos dos participantes acerca de características singulares e/ou necessárias ao homem e ao homem jogador de *rugby*;
- Significação do *rugby* como espaço de interação e relações sociais.

A vantagem em utilizar esta técnica se baseia na concepção de que “é mais fácil mentir com a boca do que com o corpo”, isto é, ao observar o fenômeno em si e no momento em que é produzido, há uma maior captação de respostas espontâneas dos observados, do contexto em que ocorrem, e, conseqüentemente, maior autenticidade dos acontecimentos (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 199). É importante frisar que, segundo Costa (1990), durante a pesquisa de campo:

Informações das mais significativas são as que decorrem não só das interpelações de que é alvo o investigador, mas também das ações a que é sujeito e, em geral, do conjunto de efeitos de redefinição da situação e de reorganização da rede de relações sociais produzidos pela presença daquele na unidade social em estudo.

Por outro lado, a estadia prolongada no terreno possibilita que, a uma observação, digamos, em primeiro grau, das ações e das verbalizações das pessoas se adicione uma observação, digamos, em segundo grau, do próprio processo de relacionamento, ao longo do tempo, dessas pessoas com o investigador (COSTA, 1990, p. 139).

Para o estabelecimento de uma relação entre a pesquisadora e o grupo pesquisado foi fundamental a aceitação da primeira pelos últimos, afinal tratava-se de estudo realizado por uma mulher e que incluiria um período de cinco meses de convivência com um grupo de homens. Isso suscitou um planejamento cuidadoso para com o primeiro contato com os jogadores, as situações e os acontecimentos, de forma a minimizar os efeitos negativos da exterioridade da investigadora face ao contexto de estudo e a ganhar a confiança daqueles que dele fariam parte.

O primeiro contato com um integrante do *Cajuína Rugby* se deu 04 (meses) antes do período de observação participante, quando a pesquisadora apresentou ao presidente da agremiação, “M” o projeto de pesquisa, com detalhamento dos objetivos e da metodologia a ser aplicada. “M” autorizou a realização da pesquisa e, logo no início de janeiro de 2018, intermediou reunião da pesquisadora com Caetano, Raul, Benjamin e “LF”, treinadora equipe masculina juvenil para que o projeto fosse a eles apresentado e, assim, pudessem auxiliar na comunicação com os demais jogadores. No processo de aproximação ao campo de estudo e tendo em conta os propósitos centrais desta investigação, esse grupo se mostrou um importante elo entre a pesquisadora e os demais jogadores, tendo em vista não apenas fazerem parte do meio sociocultural dos jogadores, mas serem por eles respeitados e tomados como detentores de autoridade perante o grupo, haja vista integrarem quadro de diretores do clube.

Durante a reunião, a pesquisadora externou que, durante as sessões de treino, somente seria possível realizar a observação das ações, dos gestos e das falas dos jogadores se estivesse próxima a eles, isto é, participando efetivamente do treinamento das equipes masculinas. Caetano, então, informou-a que poderia participar livremente das sessões de treinos, pois (i) as equipes feminina e masculina juvenil realizavam seus treinamentos em mesmo dia, horário e local, e (ii) a equipe masculina adulta, apesar de não ter, até aquele momento, definido os dias, horários e local de treino, não restringia a participação somente aos homens.

Logo após a reunião acima citada, ainda sem intenção de coletar informações, a pesquisadora responsável pela observação direta ingressou na equipe feminina adulta e começou a frequentar as sessões de treinamento para conhecer os homens jogadores do clube e sua rotina, como os horários de treinamento e quantidade de pessoas presentes. Durante aquele mês, as equipes feminina e masculina, adulta e juvenil, realizavam treinamentos coletivos aos finais de semana.

Essa decisão foi tomada com o objetivo de dar início a uma aproximação com os jogadores e, assim, minorar o tempo dispendido com esse objetivo após a autorização pela Comissão de Ética em Pesquisa (CEP-UNB) para iniciar efetivamente o estudo. A pesquisadora temia que, em razão do objeto de estudo e por ser mulher, a recepção do grupo de jogadores não fosse tão amistosa quanto daqueles com quem já havia conversado anteriormente sobre a pesquisa.

No dia 09 de fevereiro de 2018, a CEP-UNB emitiu parecer favorável à realização da pesquisa. Naquele mesmo dia, a pesquisadora contatou novamente “M”, Caetano, Raul, Benjamin e “LF” para consultá-los sobre a viabilidade de início, logo no dia seguinte, da fase de coleta dos dados e informações. A solicitação foi deferida e no dia 10 de fevereiro o grupo anteriormente citado (com exceção de “M”, que não estava na cidade) reuniu todos os jogadores das equipes masculina adulta e juvenil presentes à sessão de treino – em torno de 25 pessoas – para que a pesquisadora (já conhecida por eles como jogadora da equipe feminina adulta) pudesse explicar-lhes os objetivos e a metodologia de estudo a ser desenvolvido com aqueles que formalmente aceitassem o convite (com assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE) (DC 1002).

Explanados o objetivo e o desenho do estudo, os questionamentos dos jogadores se limitaram ao escopo da metodologia. Como se daria sua participação? Além das sessões de grupo focal (cuja definição foi explicada pela pesquisadora), em algum outro momento suas imagens seriam captadas? Sanadas as dúvidas, 12 jogadores (entre eles, M”, Caetano, Raul, Benjamin) aceitaram, naquele mesmo dia, participar da pesquisa, assinaram o TCLE e responderam ao questionário socioeconômico. Outros 04 (quatro) jogadores solicitaram uma cópia do TCLE para avaliação da pesquisa e de sua disponibilidade para participação (DC 1002). Esses jogadores devolveram o documento assinado na semana seguinte, formalizando sua participação. Outros 04 (quatro) jogadores foram aceitaram o convite nos próximos dias.

Durante os 30 primeiros dias, aproximadamente, de observação participante, percebeu-se entre os jogadores incômodo e ressalvas quanto à presença da pesquisadora. Esses aspectos foram percebidos entre os integrantes da equipe masculina adulta, principalmente, que, durante as primeiras, pouco conversavam na presença da pesquisadora e se corrigiam quando falavam algum termo chulo. Frases como “Ow, desculpa. Toda vez que esqueço que você tá aqui” (DC 2002), ou “Ei, a mulher tá aqui” (DC 2702) (para corrigir um companheiro que tenha falado algum termo considerado inadequado) foram recorrentes durante o primeiro mês.

A mediação de Caetano e Raul, especialmente, auxiliou a pesquisadora a sair de uma posição periférica, ultrapassar as desconfianças e resistências iniciais e assegurar uma progressiva inserção no *Cajuína Rugby*, expandindo a integração nas

dinâmicas sociais protagonizadas pelos investigados no clube, sustentado neste trabalho como um espaço de interação e socialização.

O conjunto de observações foi realizado entre os meses de fevereiro e junho de 2018. O *corpus* consistiu no acompanhamento de 35 eventos diários das equipes masculinas adulta e juvenil do Cajuína *Rugby* que incluíram: 33 sessões de treino, 25 jogos-treino, 02 (duas) reuniões, 02 (duas) confraternizações, 01 (um) torneio e 01 (um) terceiro tempo.

Vale dizer que todas as observações realizadas, as falas e os acontecimentos relevantes durante as visitas ao campo, foram devidamente registrados em diário de campo, que, segundo Minayo (2009b), é instrumento primordial a ser utilizado na captação de angústias, comportamentos e elementos subjetivos, além de facilitar consultas subjacentes. Essas informações enriqueceram a compreensão do universo estudado, corporeidades e masculinidades de homens praticantes de *rugby*, uma vez que foi apreciado o contexto de onde estas emanam, e constituíram subsídio para a realização do grupo focal.

2.4.3. Grupo focal

A observação participante apresenta como limitações o registro e a interpretações das informações. A necessidade – e dificuldade – de “transcrever os comportamentos observados imediatamente após a observação” e o risco de uma interpretação “superficial e mecânica perante a riqueza e a complexidade dos processos estudados” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 199) levam a investigadora a optar pelo uso do grupo focal (GF) como um instrumento complementar de coleta de informações com fins de aprofundamento da compreensão do significado das situações vivenciadas junto aos jogadores de *rugby* durante a observação participante e também de apreensão de elementos não revelados ou bem entendidos durante a primeira etapa da pesquisa de campo.

Conceitualmente, o GF é uma técnica de entrevista que propozita coletar informações por meio da interação grupal, “estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem” (GASKELL, 2002, p. 75). Assim, as percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes quanto ao tema discutido não devem ser tratadas de modo independente do contexto de discussão. Essa é

outra importante característica do GF. Almejando se aproximar o máximo possível da espontaneidade dos investigados, o GF tem a “capacidade de capturar respostas a eventos enquanto se desenrolam” (BARBOUR, 2009, p. 46). A técnica vem sendo utilizada com muita frequência nas pesquisas qualitativas, pois permite aos participantes a liberdade de expressão e de trocas e circulação de experiências, levando a uma participação efetiva (BARBOUR, 2009).

Haja vista a história de cada indivíduo se fazer dentro de um contexto relacional específico, os participantes de um GF são porta-vozes do seu lugar sociocultural. As diferenças e as semelhantes entre os participantes geram a possibilidade de confronto e elucidação de pontos de vista, valores, comportamentos e sentimentos sobre um determinado fenômeno (BARBOUR, 2009). Logo, o GF permitiu a este estudo não só acessar as instâncias pessoais anteriormente citadas, mas também ao relacionar os discursos dos jogadores de *rugby* participantes, compreender o porquê de sua ocorrência.

É importante salientar que, por se tratar de uma técnica aplicada sobre uma situação específica onde o dito e não dito são indissociáveis desse contexto, o GF não produz resultados, ou informações generalizáveis. Contudo, as informações coletadas podem contribuir para estudos posteriores acerca do tema analisado. Além disso, narrando pesquisa sobre o uso de serviços clínicos gerais em horário não comercial Barbour (2009, p. 59) comenta que “o que é, então, de interesse [em um GF] não é se uma história é verdadeira, mas porque alguém opta por contá-la de um modo em particular”. Desta maneira, este estudo não tem a preocupação de comprovar se os fatos relatados pelos participantes são verdadeiros, mas sim as motivações que levaram a seu relato.

Quando da realização do grupo focal (GF), em princípio, foram esclarecidos os objetivos do instrumento: (i) identificar as significações de corporeidades e masculinidades dos jogadores; (ii) suas avaliações quanto às relações de gênero; (iii) e, a influência do *rugby* sobre a construção das corporeidades e masculinidades. Os participantes foram informados também quanto à importância da seriedade ao participar da discussão, importando saber como os jogadores se posicionam frente ao tema abordado, e não classificar suas respostas como certas ou erradas.

Para que os objetivos do GF fossem alcançados foi necessário que o número de participantes favorecesse a criação de um ambiente propulsor aos interesses da

pesquisadora. Este estudo seguiu as indicações de Barbour (2009, p. 88), que considera que o número mínimo de pessoas necessárias à formação de um GF seria 3 (três) ou 4 (quatro), e o máximo recomendável seria 8 (oito), o que, segundo a autora, já seria desafiador o bastante “em termos de moderação de grupos (capturar e explorar as ideias enquanto elas emergem) e em termos de análise de transcrições”.

Todos os participantes do estudo – 20 jogadores – foram convidados a participar de GF. Se o número de confirmações fosse superior a 8 (oito), os jogadores seriam divididos em grupos de modo a atender as orientações de Barbour (2009) e mais sessões de GF seriam realizadas. Seis jogadores concordaram em participar das sessões: Jean, Sérgio, Jonas, Frederico, Caetano e Simões Júnior.

Para facilitar a discussão e manter o foco dos participantes no tema de discussão, a pesquisadora responsável por este estudo assumiu a função de moderadora do GF. A moderadora tem um papel muito importante durante a realização do GF, é ela quem orienta a discussão mantendo a liberdade de expressão, procurando lançar ao grupo questões de sondagem, encorajando a interação verbal entre os homens, causando a eclosão de assuntos sobre os quais ainda não refletiram, mas respeitando os silêncios e pausas quando os mesmos buscarem organizar suas ideias ou resgatar informações. A fim de examinar ideias, experiências, necessidades e outras informações até que se esgote o assunto em meio ao grupo, intervenções na dinâmica grupal foram executadas somente quando assuntos que fugiam ao interesse da pesquisa eram suscitados e/ou momentos constrangedores surgiam da interação entre um ou mais participantes de modo que impossibilitassem a captação de significados pela investigadora (BARBOUR, 2009).

Textos publicados na revista *Gentlemen's Quarterly* Brasil (GQ) foram integrados à pesquisa nesta etapa como suporte metodológico de condução, servindo como facilitador e incentivador para que os participantes falassem sobre o tema apresentado, reduzindo, assim, a possibilidade de constrangimentos e enriquecendo a compreensão das corporeidades e masculinidades dos jogadores. A decisão por recorrer especificamente à GQ leva em consideração que a interação social pressupõe a linguagem, a capacidade comunicativa dos sujeitos. Quando se fala em comunicação, a importância da mídia é indiscutível, pois é uma das fontes de conhecimento e compreensão da realidade, articulando ideologias, valores,

comportamentos e percepções de feminilidades, corporeidades e masculinidades (KELLNER, 2001).

Comercializada em 18 países e construída sob os pilares do estilo de vida do homem nas megalópoles, a versão brasileira da GQ tem a moda como mote principal, mas aborda também todos os assuntos que, segundo a editoria, interessam ao homem contemporâneo (GQ BRASIL, 2016).

A missão de GQ Brasil é ser o guia essencial de estilo, cultura e *lifestyle* do homem brasileiro sofisticado, oferecendo a ele, em diversas plataformas, o melhor do universo masculino: um conteúdo eclético e inteligente com reportagens investigativas, entrevistas reveladoras com pessoas que fazem a diferença na sociedade brasileira e internacional, e as últimas novidades nas áreas de tecnologia, saúde e cuidados masculinos (*grooming*), esportes e fitness, música, moda e estilo, viagem, gastronomia, bebidas, carros e motos, consumo, entretenimento, mulher e política. (GQ BRASIL, 2016, p. 2)

Em 2015, a publicação alcançou tiragem de mais de 33 mil exemplares. Dentre os 70 mil leitores da GQ Brasil 58% pertencem às classes sociais A e B, 60% estão na faixa etária entre 25 e 44 anos de idade e, 94% são do sexo masculino (GQ BRASIL, 2016). Quanto à audiência digital, a GQ Brasil conta com 162 mil seguidores no *Facebook*, 212 mil no *Instagram*.

Consoante o exposto, notadamente o perfil da revista e a visão por ela apresentada acerca da masculinidade e das questões que a ela se remetem, optamos por escolher a revista como motivadora do grupo focal.

Vale destacar que ao criar efeitos de verdade, a mídia pode atuar junto à reprodução e fortalecimento de elementos e discursos circulantes acerca de tradicionais comportamentos socialmente desejáveis. Por outro lado, o texto midiático também pode colaborar na resignificação de práticas culturais, propondo novos elementos que vão atuar no sentido de guiar as práticas sociais e os pensamentos de uma dada coletividade. Em ambos os casos, age como mediadora na dinâmica das relações de poder e da construção de identidades (KELLNER, 2001). Nessa perspectiva, também as masculinidades envolvem em sua concepção a indústria cultural midiática.

O conteúdo imagético-textual publicado nas edições da revista GQ no período de março de 2017 a março de 2018, totalizando 12 edições, foi previamente analisado

para composição do corpus textual a ser utilizado nas sessões de grupo focal (GF). Os textos midiáticos selecionados, um total de 05 (cinco), são descritos a seguir:

- “Você repaginado” (LEÃO, 2017, p. 117): matéria defende que o público masculino teria finalmente conquistado “o mundo dos cosméticos, das tendências *fitness* e até dos tratamentos estéticos” e elenca: produtos estéticos e alimentícios; recomendações de cuidados com o cabelo e a barba; procedimentos fisioterápicos e estéticos; e, programas de treinamento físico.

- “Pique de jogador” (MANECHINI; VIEIRA, 2017): entrevista com Emicida, nome consagrado no cenário do rap nacional. Matéria traz uma breve incursão sobre a trajetória do artista e sua interface com as categorias classe e raça, tratadas como interligadas e arraigadas à estrutura social brasileira.

- “Uma DR de macho: que homem tem com os amigos conversas íntimas como as de Velozes e Furiosos?” (MARTINS, 2017b): texto em que o comportamento afetivo, as relações de intimidade e suas representações corporais entre homens são discutidos a partir da descrição de cenas da franquia cinematográfica “Velozes e Furiosos”.

- “Quem é amigo conta? Há diferenças entre ajudar um amigo, humilhá-lo e simplesmente fazer fofoca” (MARTINS, 2017a): texto discute a noção de solidariedade masculina e as ocasiões em que esta, apesar de assim chamada, representaria em seu íntimo o desejo masculino de prevalência sobre outro homem.

- “Hora de passar de nível: jogadoras profissionais revelam situações de abuso e opressão em jogos on-line – da iniciativa nasceu o movimento mundial #MyGameMyName” (TERZIAN, 2018): matéria sobre movimento idealizado pela ONG americana *Wonder Women Tech* com o objetivo de denunciar o machismo no universo dos *games* e pressionar a indústria produtora a tomar iniciativas que coíbam tais atos.

Os participantes do estudo somente tiveram acesso ao material da revista no momento da realização da sessão. A partir das reações favoráveis ou de contrariedade à mensagem da GQ, os participantes do grupo foram instigados a expor suas opiniões e pensamentos acerca das corporeidades e masculinidades, permitindo o aprofundamento de concepções em torno do tema.

Para melhor visualização e desenvolvimento, o GF foi pautado por um roteiro composto pelas seguintes questões orientadoras:

a) Sessão 1

- Produtos e procedimentos estéticos utilizados pelos jogadores de *rugby* e reação de pessoas com que convivem a tais ações;
- Zonas corporais femininas e masculinas objeto de admiração e projeto de fisionomia corporal adotado pelos jogadores;
- Agentes e instituições participantes do processo de constituição das masculinidades: família, trabalho, Escola, cor/raça e classe.

b) Sessão 2

- Demonstrações corporais de afeto e intimidade entre homens;
- Competição entre homens jogadores, e entre homens e mulheres jogadoras;
- Motivação para a prática do *rugby*;
- Ordenamento hierárquico entre os homens jogadores;
- Atuação do *rugby* sobre as masculinidades dos jogadores;
- Influência da estrutura organizacional do Cajuína *Rugby* sobre as masculinidades e as relações de gênero em âmbito clubístico.

A construção de um roteiro atende a uma necessidade de enumeração e organização dos assuntos a serem tratados em grupo focal. No GF podem surgir surpresas, questões a que a investigadora não tenha atentado quando de sua elaboração e do estudo teórico previamente realizado (BARBOUR, 2009). O debate gerado entre os jogadores levou à formulação de novos questionamentos que auxiliaram na formulação de novas hipóteses e na identificação de novos conceitos e ideias para o estudo em andamento.

O roteiro idealizado para esse estudo, por exemplo, citou como agentes e instituições a serem tratados na primeira sessão a família, o trabalho, a Escola, a cor/raça e a classe. Porém, outros elementos fossem acrescentados à relação inicialmente proposta, como o feminismo, devido à abordagem dos jogadores participantes de sessão.

Da mesma forma, também aos participantes podem emergir novos ângulos de reflexão sobre as questões em debate que os levem a rever seus posicionamentos e atitudes. Barbour (2009) afirma que esta é uma das grandes vantagens do GF. Essa técnica possibilita *insights*, tanto nos participantes quanto na pesquisadora, em vez de resultados. A discussão em grupo pode proporcionar aos jogadores de *rugby* momentos de reflexão sobre as corporeidades e masculinidades, possibilitando

questionamentos, alterações, afirmações ou mesmo o abandono de algumas posições sustentadas por cada participante, acerca destas e das relações de gênero.

O GF foi finalizado com a saturação das informações, a ser continuamente apreciada desde o início da sessão. A saturação ocorreu quando um número suficiente de informações foi capaz de suscitar a reincidência de discursos e informações, sem desprezar conteúdos que possam ser significativos, ou seja, quando dar continuidade ao GF já não acrescentaria nenhum dado novo à investigação.

Foram realizadas duas sessões de GF com os jogadores, com duração de: sessão 1 – 115 minutos; sessão 2 – 90 minutos. O local de realização da sessão foi definido pela investigadora seguindo critérios de iluminação, acústica, espaço físico e climatização adequados ao acolhimento dos participantes e à necessidade de filmagem, e de conveniência logística aos jogadores. Destarte, as sessões foram realizadas nas dependências de uma instituição privada de ensino localizada a 700 metros do local de treinamento dos jogadores.

Considerando-se que durante o GF é fundamental que a pesquisadora permaneça atenta às comunicações verbais e não verbais (gestos, olhares, sorrisos, etc.), que podem reportar a importantes informações não ditas, o mesmo foi filmado para que, no momento de sua transcrição, seja possível informar também as ênfases dadas pelos participantes a determinadas palavras ou expressões, além de estados emocionais como exaltação, pausas nas falas, irritações, entre outras manifestações. Deste modo, evitou-se a perda de informações necessárias ao processo de exploração do material. Para além da filmagem, a investigadora registrou também logo após o fechamento do GF, as observações e impressões construídas em seu decorrer e que considerou pertinentes.

Tendo em vista as informações concernentes a esta pesquisa serem constituídas por relatos orais, a investigadora esteve, a todo tempo, atenta às questões de ortografia, estilo, sentido e significado. Por essa razão, a transcrição do grupo focal foi norteadada pela introdução de eventuais correções nas falas dos participantes somente quando a linguagem utilizada pudesse, de alguma forma, prejudicar a clareza das ideias expressas, prezando-se, assim, pela preservação do estilo narrativo de cada um deles.

2.5. Procedimentos de análise das informações coletadas

Discorrendo sobre o rigor científico, Laurence Bardin (2011, p. 34) alerta para o risco da evidência da subjetividade do pesquisador/a sobre as significações apreendidas dos fenômenos e atores sociais. A autora especifica que quanto mais familiar for o objeto de estudo ao investigador, maior será a exigência que o último exercite uma atitude de vigilância crítica, caracterizada pela busca de amparo em métodos, técnicas e procedimentos que reduzam significativamente a interferência desse vínculo sobre as análises efetuadas.

A tarefa de interpretação das informações deve ser realizada de forma a impedir que crenças e preconceitos do pesquisador/a possam interferir de modo a tornar cientificamente suspeitos os resultados do estudo. Além disso, essa tarefa exige “dizer não ‘à leitura simples do real’, sempre sedutora”, negar a geração espontânea de teorias explicativas. Em suma, a vigilância crítica pressupõe do pesquisador/a a atitude de buscar o oculto, “forjar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório de hipóteses, definir planos experimentais ou de investigação” (BARDIN, 2011, p. 34).

Também sobre essa atitude de vigilância do pesquisador/a, Minayo (2010) preconiza que a definição de procedimentos de análise ajuda a superar os três obstáculos inerentes à fase de tratamento e interpretação das informações de uma pesquisa.

O primeiro deles [obstáculos] é o que Bourdieu denomina ‘ilusão da transparência’, isto é, a tentativa de interpretação espontânea e literal dos dados como se o real se mostrasse nitidamente ao observador. Essa ‘ilusão’ é tanto mais perigosa quanto mais o pesquisador tenha a impressão de familiaridade com o objeto. Portanto, analisar, compreender e interpretar um material qualitativo é, em primeiro lugar, proceder a uma superação da sociologia ingênua e do empirismo, visando a penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade.

O segundo obstáculo é o que leva o pesquisador a sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, esquecendo-se do mais importante, isto é, a fidedignidade à compreensão do material e referida às relações sociais dinâmicas e vivas. [...].

O terceiro obstáculo [...] é a dificuldade que muitos pesquisadores encontram na junção teorias e síntese das teorias e dos achados em campo ou documentais. (MINAYO, 2010, p. 299-300)

Considerando que as construções de corporeidades e masculinidades foram acessadas através da observação participante, do questionário sociodemográfico e de narrativas interacionais produzidas no grupo focal, utilizou-se, como método de análise das informações, a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Considerando que “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”, Franco (2008, p. 12) reconhece como possível e necessário o seu uso como procedimento de pesquisa no âmbito de investigações que assumam a abordagem qualitativa, uma vez que colabora para o reconhecimento do papel ativo do sujeito, que vivencia e que relega sentidos aos fenômenos, nas relações sociais e na produção de saberes e valores. Ainda a autora expõe que a função da análise de conteúdo extrapola o exame de palavras. Pelo contrário, esse procedimento possibilita, a partir de indicadores figurativos, a identificação e análise substantiva das crenças, valores e emoções expressos nas mensagens (FRANCO, 2008, p. 14).

À medida que se coloca em xeque a validade e generalidade da leitura de determinados conteúdos textuais, abre-se a possibilidade de exposição de estruturas que permitam compreender os significados das mensagens, confirmando ou infirmando as hipóteses do investigador, e, neste último caso, podendo conduzir à elucidação de mecanismos antes desconhecidos (BARDIN, 2011, p. 41). Nessa perspectiva, a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

A produção de inferências confere relevância teórica ao procedimento de pesquisa ao implicar a descoberta do que não está dito claramente no *corpus* de análise a partir de uma rica leitura, e uma interpretação das informações coletadas a partir dos referenciais teóricos dos pesquisadores/as, ao invés de desenvolver informações meramente através de descrições. A análise de conteúdo não restringe a apuração das informações de uma pesquisa ao aparente, ao superficial (BARDIN, 2011).

São técnicas utilizadas na análise de conteúdo: análise categorial, análise de avaliação, análise da enunciação, análise da expressão, análise das relações e

análise do discurso. Dentre essas técnicas para análise de conteúdo, utilizou-se, no presente trabalho, a análise categorial. Essa técnica consiste em operações de organização do documento em categorias, cujos critérios de escolha e delimitação são orientados pela dimensão da análise, sendo ela própria determinada pelo objetivo pretendido na pesquisa (BARDIN, 2011).

A fim de desvendar conteúdos e suas correlações com fatores internos e externos ao fenômeno estudado e apontar subsídios para sua compreensão e interpretação, a análise categorial é organizada em torno de três fases, conforme preceitua Bardin (2011): pré-análise; exploração do material, e; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

i) Pré-análise

Essa primeira etapa corresponde a um período de intuições, porém, com o claro objetivo de operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, “de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125).

A pré-análise é composta por três atividades abertas: (i) organização do material constituinte do *corpus* de estudo, o conjunto de documentos a seguir submetido aos procedimentos analíticos; (ii) formulação de hipóteses e objetivos, e; (iii) ordenação de indicadores a serem utilizados como base para a interpretação das informações. Embora ligados entre si, esses três fatores não representam uma ordem cronológica e estruturada: a definição dos documentos depende dos objetivos e vice-versa, e os indicadores são construídos em função das hipóteses, ou o contrário (BARDIN, 2011, p. 125).

Considerando-se a pré-análise o primeiro contato da pesquisadora com o material a ser analisado, decidiu-se, para a presente pesquisa, por iniciá-la por meio da leitura flutuante dos documentos oriundos dos registros escritos do período de observação participante, do questionário sociodemográfico e das sessões de grupo focal (GF), com vistas ao alcance de uma visão geral das informações coletadas, “deixando-se impregnar pelo seu conteúdo” (MINAYO, 2010, p. 316), mas mantendo atenção às particularidades e buscando, entre outros aspectos, as primeiras aproximações e distanciamentos entre os relatos dos jogadores no GF e as práticas observadas durante o trabalho de campo.

Para a constituição do *corpus* de estudo, o objeto empírico universal colhido por meio da observação participante, do questionário sociodemográfico e das sessões de GF foi organizado e sofreu um recorte obedecendo às seguintes regras descritas por Bardin (2011):

a) exaustividade – definido o que Bardin (2011, p. 126) chama de “campo do *corpus*”, todos os elementos contemplados nos objetivos da pesquisa fizeram-se presentes no material. Complementada pela ideia da não seletividade, esta regra também conduziu a que o material colhido por meio da observação participante, do GF e do questionário sociodemográfico, seja lido, na íntegra, pela investigadora, a não ser em casos em que se possa de forma objetiva justificar a ausência de algum documento.

b) representatividade – a análise propriamente dita do *corpus* pode ser realizada (i) a partir de uma amostra representativa do universo inicial – neste caso, os resultados obtidos para a amostra seriam generalizados ao todo (BARDIN, 2011, p. 127) – ou, (ii) caso o material de análise não seja suscetível à seleção de uma amostra, a partir da redução do universo de estudo. Esta última situação se aplica ao contexto deste estudo.

c) homogeneidade – o material a ser analisado se referia à mesma temática, a masculinidade. Além disso, obedecia a critérios precisos de escolha de técnicas e instrumentos de coleta, e não apresentou demasiada singularidade fora desses critérios, por exemplo, ser coletado por pessoas diferentes (BARDIN, 2011, p. 128). Ressalta-se que a pesquisadora foi a responsável pela coleta de todas as informações pertinentes à pesquisa e, somente durante a realização das sessões de grupo focal, fez-se necessário o apoio de auxiliares que, incumbidos apenas de funções técnicas, como manuseio de filmadora, repetiram-se durante toda a pesquisa.

d) pertinência – enquanto fonte de informação, o *corpus* de análise caracterizou-se como adequado e relevante ao conteúdo e ao objetivo da pesquisa. Isto é, todo o material produzido foi lido, mas isso não necessariamente significa que todas as informações ali contidas fossem pertinentes a este estudo. Coube à investigadora classificar as informações tendo em vista a continuidade da análise dos documentos.

Após a utilização dessas regras na construção do *corpus*, a pesquisadora poderá levantar hipóteses, objetivos e o quadro teórico e/ou pragmático (BARDIN, 2011, p. 128).

Para a execução da técnica de análise de conteúdo do *corpus*, utilizou-se como ferramenta de auxílio o *software* de análise qualitativa NVivo Pro® 12.

ii) Exploração do material

Parafraseando Bardin, trata-se de uma etapa “(...) longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (2011, p. 131). Com vistas a atingir o núcleo de compreensão do documento, o material resultante da fase de pré-análise foi exaustiva e minuciosamente relido, organizado e agregado em unidades de registro, ou significação.

A unidade de registro pode ser um tema, palavra ou frase. Para esta pesquisa, optou-se pela investigação de temas, ou análise temática, dentre as diversas formas de categorização. Esse tipo de análise objetiva “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2011, p. 135). São, assim, definidos temas centrais ao longo do documento a ser analisado e que podem depois ser especializados em subtemas.

A análise temática pode ser realizada pela contagem da frequência em que os temas aparecem no material pesquisado ou, como executado nesta pesquisa, a partir de uma análise qualitativa que relaciona a presença dos temas com os valores de referência do estudo (MINAYO, 2010).

A medida de frequência não se fez válida no presente estudo em razão dos elementos objeto de análise não apresentarem mesma nível de relevância (dentre os agentes e instituições participantes da constituição de masculinidade e corporeidades, o esporte envidou maior atenção em razão do objetivo do estudo).

A partir da análise temática foram definidas as categorias de análise.

Categorias	Descrição
Agentes e instituições participantes da constituição de corporeidades e masculinidades	Identifica os agentes e instituições que, por meio de um processo educativo, incorporam ou buscam incorporar nos participantes valores, atitudes e comportamentos que tecerão influência sobre suas experiências e constituições corporais e identitárias. Engloba as estratégias e mecanismos utilizados pelos agentes em torno da constituição de

	corporeidades e masculinidades, e as posições dos jogadores frente a essas estes. Construída a partir das subunidades temáticas: (i) movimento feminista, (ii) sexualidade, (iii) família; (iv) Estado; (v) trabalho; (vi) Escola; e, (vii) estratificação social por classe e cor/raça.
Perfil do homem jogador de <i>rugby</i>	Mapeia os elementos constituintes das corporeidades e masculinidades manifestadas pelos jogadores, e aborda a participação da conjuntura esportiva do <i>rugby</i> sobre os significados atribuídos a esses aspectos. Construída a partir das subunidades temáticas: - Fisionomia dos homens jogadores; - Competitividade e valorização da dor; - Restrição ao toque, e; - Espírito das leis do jogo.
Estrutura organizacional do clube de <i>rugby</i>	Aborda os aspectos que compõem o cenário organizacional do Cajuína <i>Rugby</i> Clube e sua relação com as corporeidades e masculinidades dos jogadores, entendendo que estas não são estruturas independentes do contexto social específico. Composta pelas subunidades temáticas - Ordenação hierárquica dos jogadores; e, - Convivência entre as equipes feminina e masculina.

Quadro 2 – Descrição das categorias temáticas.

Fonte: Elaboração própria

iii) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação

Neste momento, à luz do referencial teórico, propuseram-se inferências e foram realizadas interpretações acerca das características e significados associados às unidades de registro temáticas, assim como, abriram-se outras possibilidades teóricas quanto à compreensão das corporeidades e masculinidades dos jogadores de *rugby*. Durante todo o processo de análise, mas com maior ênfase nesta fase, foram triangulados os dados e informações coletados, a fim de buscar possíveis correlações entre o perfil sociodemográfico dos jogadores – obtido por meio do questionário – e as informações resultantes da análise de conteúdo dos documentos oriundos dos registros da observação participante e das sessões de grupo focal.

2.6. Cuidados éticos

É válido ressaltar que foram tomadas as devidas precauções no que se refere à ética em pesquisa com seres humanos. Com base na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013) e na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (BRASIL, 2016), ambas do Conselho Nacional de Saúde e regulamentadoras das pesquisas envolvendo seres humanos, foram esclarecidos aos participantes os objetivos e métodos da pesquisa, bem como a garantia de sigilo com relação a nomes de pessoas, instituições e lugares, de modo a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos mesmos e à pesquisadora.

Foi demandada também a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver Apêndices), previamente examinado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília, contendo informações sobre a pesquisadora, os objetivos da pesquisa, procedimentos metodológicos, benefícios e riscos da participação, a voluntariedade de inserção no estudo, e, garantias para os participantes, como a preservação do caráter confidencial e anônimo de suas identificações.

O retorno social da pesquisa ocorreu sob a forma de socialização dos resultados por meio de publicação em periódicos, eventos científicos e outros meios pertinentes e que possam contribuir para o avanço de agendas de pesquisa cujo objeto seja gênero, masculinidades, corporeidades e esporte também para a promulgação de ações concretas relacionadas ao tema.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UNB) – CAAE nº 80072917.0.0000.0030.

3. AGENTES E INSTITUIÇÕES MARCADORAS DAS CORPOREIDADES E MASCULINIDADES DOS JOGADORES DE RUGBY

Connell (1995, p. 199), em sua definição de masculinidade, fala em “estrutura de relações de gênero”. O uso da expressão enfatiza que o gênero apresenta ampla estrutura, não se restringindo a interações face a face entre homens e mulheres, biologia reprodutiva ou papéis sexuais dicotômicos. O gênero está para além das visões dicotômicas que tomam como ponto de partida (e de chegada) a diferença e a oposição entre homens e mulheres e que, por essa falha, não explicam a realidade. Aprender o gênero não é um simples processo de aquisição de regularidades comportamentais. Os requisitos necessários para que um indivíduo do sexo masculino seja considerado um homem “não se localizam ao nível estrito do corpo, ainda que as interpretações deste sejam fortemente mobilizadas para o discurso do gênero” (ALMEIDA, 1995, p. 84).

Corpos não se transformam em signos ou posições de discurso. Sua materialidade sempre importa, mas eles também têm agência e são construídos socialmente. Ora, as estruturas sociais e trajetórias pessoais são derivadas das práticas em que corpos são envolvidos, ora elas fornecem condições para novas práticas nas quais os corpos são envolvidos. Processos corporais e estruturas sociais se somam ao “processo histórico no qual a sociedade é corporificada e os corpos são arrastados para a história”; esse processo é chamado de corporificação social e envolve a conduta do indivíduo, grupos, instituições e complexos de instituições (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 112). Gênero é uma forma de corporificação social e envolve práticas sociais humanas – incluindo o cuidado com crianças, gravidez e interação sexual – que manifestam as aptidões dos corpos humanos a parir, amamentar, dar e receber prazer sexual.

Os significados de masculinidades são produzidos, reproduzidos e/ou transformados a partir de um processo histórico em que vários elementos estão envolvidos: os símbolos, as normas sociais, a educação, a organização política, econômica e social de determinada sociedade em dada época e a subjetividade. Nesse sentido, as concepções de gênero afetam não só os relacionamentos entre mulheres e homens, mas também se fazem presentes nas instituições militares, familiares, entre classes sociais, categorias profissionais, religiões, raças, nas

manifestações artísticas, nos discursos científicos, políticos e filosóficos etc. (PINSKY, 2010, p. 35-36).

Enquanto parte integradora da identidade, as masculinidades são constructos relacionais e históricos, portanto, firmemente localizados no mundo da agência social. Desde o nascimento, os sujeitos vivenciam ativamente diversos processos de socialização em que diferentes códigos, agenciamentos e estruturas sociais (generificadas) lhes são apresentados. Ou seja, os modos pelos quais as pessoas se tornam sujeitos de gênero procedem da conjugação de inúmeros processos de socialização, repletos de tensões e ambiguidades, nos quais os sujeitos fabricam a si próprios a partir das condições objetivas (estruturais) que lhes são dadas (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 48).

As estruturas de gênero de uma sociedade definem determinados padrões particulares de conduta como masculinos, e outros, como femininos. Esses padrões caracterizam os sujeitos em nível individual, mas também existem no nível coletivo (CONNELL, 2002, p. 18). Masculinidades se espalham – ou cruzam transversalmente – por todos os níveis do social, recebendo contribuições e sustentações em distintas perspectivas da economia, do Estado, da sexualidade, da família, do trabalho, do prestígio e do status, da classe social, da idade, da linguagem verbal e gestual, dos exércitos ou da escola (ALMEIDA, 1995, p. 84).

Nessa perspectiva, as masculinidades dos jogadores de *rugby* serão exploradas, neste capítulo, por meio da identificação dos agentes e instituições que, por meio de um processo educativo, incorporam ou buscam incorporar nos participantes valores, atitudes e comportamentos que tecerão influência sobre suas experiências e constituições corporais e identitárias.

Constituem a dimensão temática “Agentes e instituições participantes da constituição de corporeidades e masculinidades”, as seguintes unidades:

- a) Movimento feminista;
- b) Sexualidade;
- c) Família;
- d) Estado;
- e) Trabalho;
- f) Escola;
- g) Estratificação social por classe e cor/raça.

Essas unidades serão tratadas a partir de três eixos sustentados nas informações e dados produzidos em questionário sociodemográfico, observação participante e grupo focal:

- A percepção dos jogadores quanto à atuação desses agentes na constituição de suas corporeidades e masculinidades;
- As estratégias e mecanismos utilizados pelos agentes em torno da constituição de determinadas configurações de corporeidades e masculinidades; e,
- A partir dos comportamentos e atitudes adotados pelos jogadores, as suas posições frente a essas estratégias e mecanismos.

O quadro e gráfico abaixo refletem a distribuição das unidades temáticas no *corpus* de análise.

Agentes e instituições participantes da constituição de masculinidades	Número de referências de codificação
Cor - Raça	10
Escola	8
Estado	8
Família	16
Feminismo	27
Sexualidade	30
Trabalho	11

Quadro 3 – Comparação de agentes e instituições participantes da constituição de masculinidades pelo número de referências codificadas.

Fonte: Elaboração própria.

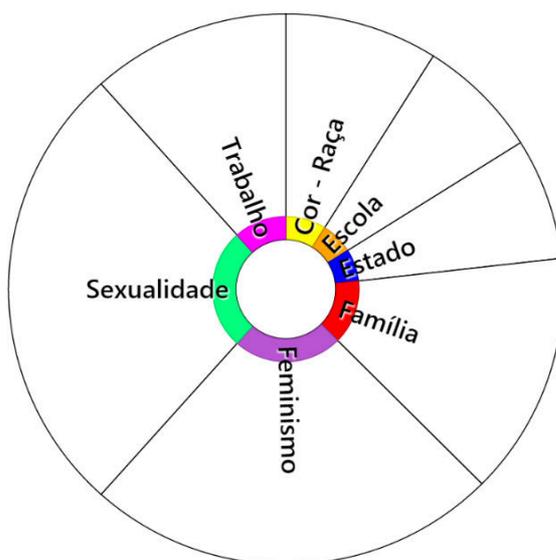


Figura 2 – Distribuição dos agentes e instituições participantes da constituição de masculinidades.

Fonte: Elaboração própria.

Não se trata este estudo de uma pesquisa quanti-qualitativa. A apresentação dos dados acima não intenta quantificar os agentes/instituições coparticipantes do processo de constituição das masculinidades, mas apresentar sua relevância hierárquica expressa nos dados e informações coletados junto aos jogadores de *rugby* em momento e contexto determinados. A seguir, discutiremos as circunstâncias em que tais categorias foram expressas pelos jogadores e as razões para tal.

3.1. Feminismos e as masculinidades

O panorama teórico geral aponta que, aparentemente, o movimento feminista norte-americano foi o primeiro a desenvolver o conceito de gênero, na segunda metade do século XX, e analisá-lo como inerente às construções sociais¹ de masculinidades e feminilidades, ao passo que questionava seu atrelamento a uma leitura anatômica e biológica limitada à ordem natural das coisas e dando às distinções baseadas no sexo um caráter fundamentalmente social (SCOTT, 1995, p. 72).

Joan Scott (1941 - atual), estudiosa norte-americana especialista na história do movimento operário e na história das mulheres, foi uma das autoras fundamentais ao avanço das teorias de gênero ao propor que este seria uma categoria social imposta a um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75). A autora criticou a tendência adotada nas primeiras versões do que se convencionou chamar “Estudos de Mulheres” – na segunda onda do movimento feminista – de analisar a história das mulheres como isolada da história das sociedades como um todo e, portanto, também da história dos homens. Estudar a história das mulheres a partir de uma visão dualista que exclui os homens seria, conforme a estudiosa, tratar homens e mulheres como realidades desconectadas entre si.

Defendendo a história da mulher como construída a partir de um contexto local e global, e das relações sociais com os homens, Scott (1995, p. 86) define gênero em duas proposições inter-relacionadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Ao deslocar o objeto das diferenças para as relações, a autora evita inferir gênero como um resultado

¹Atentas à crítica de Almeida (1995, p. 181) à teoria construcionista de gênero, ressalvamos que o uso do termo “construção social”, neste trabalho, não pressupõe uma dicotomia de gênero incontornável, mas histórica. Nossa posição remete à refutação – também posta pelo autor citado – das ideias de conformação dos gêneros a papéis sexuais e de designação de homens e mulheres como entidades polarizadas e fixas.

exclusivamente oriundo das diferenças sexuais, mas como primariamente construído a partir da significação dessas diferenças em âmbito sociocultural e suas respectivas representações sobre os comportamentos ditos adequados aos homens e às mulheres.

Para melhor esclarecer a relação entre gênero e contexto sociocultural e histórico, Scott (1995, p. 86-87) argumenta que o conceito de gênero envolve quatro elementos inter-relacionados:

i) símbolos culturalmente disponíveis: evocam representações da mulher. Dependendo do contexto, Eva e Maria, por exemplo, podem ser representações de perversão e pureza;

ii) conceitos normativos: conceitos baseados nas interpretações acerca dos símbolos e com significados limitados. Esses conceitos estão presentes em rígidas doutrinas que fixam/limitam as condutas e sentimentos adequados aos homens e às mulheres em uma dada cultura. Concepção similar foi cunhada por Connell (1995), as narrativas convencionais.

iii) concepções políticas, institucionais e de organização social: comprovam a categoria de gênero está em constante construção social, histórica e cultural. A autora critica a redução dos estudos de gênero ao âmbito familiar quando, na verdade, o mercado de trabalho, a educação, os sistemas político e econômico, dentre outros também atuam sobre as relações de gênero, e; iv) identidade subjetiva: os conceitos de masculinidade e feminilidade são construções subjetivas dos sujeitos, mas também trazem consigo uma abordagem histórica relacionada às instituições e organizações sociais.

Para Connell (1997, p. 35), gênero é uma prática social ordenada em torno do cenário reprodutivo, definido pelas estruturas corporais e pelos processos de reprodução humana. Esse cenário se refere a um processo histórico que envolve os corpos do homem e da mulher e a diferenças entre estes, as relações sexuais, o parto, a puericultura, mas não se trata de um conjunto fixo de determinantes biológicos. Isso significa dizer que o gênero existe na medida em que a biologia e seus imperativos evolutivos não determinam o social e o processo histórico; porém, gênero não é uma prática social autônoma, pois é gerado dentro de estruturas definidas de relações sociais.

A definição de Connell (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 48) avança, em comparação à de Joan Scott, ao propor a reflexão sobre gênero como “a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais”. A autora defende que há, no processo social do gênero, uma arena reprodutiva em que o corpo é conduzido aos processos sociais e a conduta social do sujeito age sobre as diferenças reprodutivas.

Deve-se fixar que arena reprodutiva não é o mesmo que base biológica, pois não produz efeitos sociais automáticos. A reprodução sexual não causa e nem fornece modelos para as práticas de gênero. Há campos em que comportamentos generificados ocorrem sem conexão lógica com a reprodução sexual, como o futebol, a moda e o mercado financeiro (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 114). Além disso, a arena reprodutiva é constantemente reformulada por processos ou lutas sociais.

Ao lado de mudanças sociais estruturais – decorrentes de distintos movimentos sociais e variações na economia –, o feminismo permitiu que alguns privilégios dos homens, como o acesso à educação de nível superior, à política e ao trabalho, fossem gradativamente abertos às mulheres, que passaram a ocupar um novo lugar social não mais restrito à maternidade. Por essa razão, a política da masculinidade e o feminismo estão envolvidos em uma relação, seja de rejeição, de coexistência cautelosa ou de apoio irrestrito (CONNELL, 1995, p. 196).

Esses distintos posicionamentos foram verificados nos discursos dos jogadores quando questionados sobre suas percepções acerca do feminismo e suas implicações sobre as interações sociais entre homens e mulheres. Observou-se, na discussão, a divisão do movimento feminista em duas vertentes antagônicas: um feminismo de raiz e um feminismo utópico e misândrico.

Por um lado, os jogadores demonstraram reconhecer, em parte, os benefícios do movimento para com a reestruturação da posição da mulher na ordem de gênero.

Jean: Com o movimento feminista, de certa forma, as mulheres estão conquistando mais espaço, respeito e mais autonomia.

[...]

Caetano: O movimento feminista é louvável, porque com o passar do tempo conseguiu fazer com que as mulheres tivessem salários melhores, pudessem cursar o ensino superior e questionou a submissão aos homens. Esses pontos mostram a competência do movimento. O movimento está certo. Direito e respeito é uma coisa que a gente precisa ter, e não só na questão de igualdade de gênero.

[...]

Frederico: Eu acho que essa luta pela igualdade, não só com relação a gênero, mas com relação a raça... Essa caminhada de mãos dadas que todo mundo tá fazendo pra que tudo seja igual é muito positiva. Significa que a sociedade tá mudando, e eu espero que, antes de morrer, eu veja uma sociedade diferente dessa.

[...]

Sérgio: O feminismo surgiu pra mulher poder votar, estudar, trabalhar, ser independente do homem. (GF – Sessão 1)

Entretanto, a forma como o feminismo vem atualmente reclamando uma reorganização da estrutura social, gera a seguinte reação em Sérgio e Jonas:

Sérgio: Uma professora de filosofia me esclareceu que as ideias do primeiro feminismo, de raiz, são bacanas, de procurar igualdade. Essa luta é importante 'pras' mulheres conseguirem seus direitos, seu espaço na sociedade, mais respeito. Mas esse que tá surgindo...

Jonas [interrompe Sérgio]: É uma bagaceira. (GF – Sessão 1)

O feminismo pode ser entendido como a busca pela defesa de direitos igualitários entre homens e mulheres, tendo como compromisso a melhora da posição social ocupada pelas mulheres (BARRET, 1996, p. 304). Louro (2003), por seu turno, evoca três ondas do feminismo.

A primeira onda, ou como chama Sérgio, o feminismo raiz, ocorre na virada do século XIX para o XX e adquire expressividade no sufrágio, movimento de mulheres brancas de classe média, voltado para a extensão do direito ao voto às mulheres, organização da família, oportunidade de estudo e acesso a determinadas profissões (LOURO, 2003, p. 14-15).

Com o surgimento de uma mulher que desafia a corrente cristã tradicional, o movimento operário (temente à concorrência da mão-de-obra feminina), o Estado (receoso da dissolução da célula familiar) e a burguesia intelectual (temerosa da emancipação da mulher), vive-se uma crise da masculinidade assinalada pelo questionamento quanto ao lugar social e à identidade do homem (ALMEIDA, 1995, p. 58). O temor da nova relação de gênero aspirada pelas feministas faz recrudescer formas de antifeminismo, e só será apaziguado pela guerra.

Em 1921, Mathilde Vaerting desenvolve a primeira teoria social do gênero, criticando a noção de masculinidade e feminilidade fixas e argumentava que estas refletiam relações de poder. Sua teoria encadeava padrões psicológicos a estrutura social, diferenciava o direito, a divisão do trabalho como ideologia e esferas da

dominação de gênero e previu a “liberação dos homens como sequência do feminismo” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 129).

A segunda onda, no fim da década 1960 e nos anos 1970, separa-se das demais lutas sociais e pleiteia oportunidades iguais de trabalho e a emancipação sexual da mulher. Sob a perspectiva de que a opressão seria a raiz da desigualdade social e a libertação, uma revolução, surge o movimento da Libertação das Mulheres, que influencia a formação da Libertação dos Gays e da Libertação dos Homens (que resultou em modestas propostas de reforma e vagas retóricas de mudança) (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 135).

Inserindo o Estado como parte do sistema patriarcal, burocratas feministas tentaram usar reformas legais como encaminhamento em direção a uma igualdade de gênero. Ainda assim, ativistas do movimento da “Libertação das Mulheres temiam que os feminismos burocrático e acadêmico, acionados na segunda onda, perdessem seu motor político e seu contato com movimentos de base, tornando-se ininteligíveis às mulheres trabalhadoras” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 140). O que de fato ocorreu, uma vez que a literatura de gênero da metrópole se preocupou em lidar, de forma abstrata, com a sexualidade, a identidade, a representação, a linguagem e a diferença, em detrimento de questões ligadas a políticas públicas pelas quais a base feminista tem batalhado.

Nos anos 1980, a Libertação das Mulheres desaparece enquanto movimento dividido por questões ligadas à sexualidade, à raça e às relações com o Estado, e o feminismo passa por uma resistência (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 142). Michèle Barrett (1996) propõe que, em razão desses eventos, a terceira onda do feminismo é assinalada pelo exercício de autocrítica do movimento feminista, o qual evoluiu em torno de três questões:

- i. Crítica à atuação do movimento feminista branco sobre as questões do racismo e do etnocentrismo.
- ii. A diferença sexual passa a ser vista como rígida, mas também como positiva. Caracteriza essa situação a percepção de que a luta por igualdade era apenas uma capitulação à ordem masculina;
- iii. Complexa relação do feminismo com as correntes teóricas pós-estruturalista e pós-modernista tendo em vista as raízes históricas do primeiro como doutrina liberal humanista.

Na década de 80 e início dos anos 1990, tanto o feminino quanto o masculino, além de questionados crítica e sociologicamente em seu aspecto relacional, passaram também a ser passíveis de questionamento específico, surgindo uma noção de que há várias masculinidades, e bases teóricas para interpretação de seus cultos e códigos.

Destaca-se nessa seara o esforço teórico por explicitar os processos e relações sociais que constituem o modelo dominante de masculinidade, que subordina as masculinidades alternativas (ALMEIDA, 1995, p. 5).

Tratando dos pontos de conflito existentes entre o feminismo e os homens e suas masculinidades, Jean afirma ter percebido, nos últimos anos, um aumento no número de denúncias de assédio às mulheres. Uma das razões para esse acréscimo seria:

Jean: Ficou muito corriqueiro você [homem] falar o que quiser para uma mulher. Não só elogios, mas ofensas. Os homens poderiam estar fazendo isso, buscando respeitar mais as mulheres. Tipo, sabendo quais palavras deve usar ao se fazer um elogio. (GF – Sessão 1)

O assédio é uma forma de corporificação social no domínio do gênero, “um exercício de poder direcionado ao corpo da vítima”, amparada em uma masculinidade fundada sob uma ideologia da supremacia que sustenta e utiliza os meios de violência para sustentar seu domínio, e em uma feminilidade vinculada a definições patriarcais como dependência, medo, incompetência e desamparo, que são somadas a um desarmamento cultural das mulheres tão eficaz quanto o desarmamento físico (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 115). Assediadores dificilmente sentem remorso ou culpa pelo ato porque consideram ser este um direito do homem. Em sua fala, Jean registra a necessidade de os homens refletirem sobre seus comportamentos nas relações de gênero, dando a entender, assim, reconhecer a existência de distintas masculinidades, em diferentes ou, até, no mesmo contexto social, dentre as quais as que não compactuam com esses casos.

Outra razão, segundo Jean e Sérgio, para o aumento das denúncias de assédio seria o afã do movimento feminista em criminalizar os atos dos homens:

Jean: Mas de uns tempos pra cá também tudo vem sendo interpretado como ‘dar em cima’, como assédio, usando o termo técnico. E nem tudo que a gente [homem] fala, é assédio. Ele [o feminismo] ‘tá’ causando um afastamento. Os homens estão buscando se afastar das mulheres para que seja evitado qualquer tipo de constrangimento. Eu

trabalho no meio da musculação e, às vezes, as alunas perguntam: 'Professor, como você acha que tá [meu corpo]? A gente fica com receio de falar alguma coisa, porque mesmo ela tendo perguntado, vai muito da interpretação da pessoa, do senso de humor da pessoa. É complicado, pois para alguns essa nova relação [de gênero] pode ser considerada como limitação e, assim, acaba meio que surgindo uma barreira e dificulta mais as relações. Os homens têm que se restringir e reservar mais ao querer fazer qualquer tipo de comentário. Isso seria uma forma de evitar más interpretações.

Sérgio: Eu vi uma notícia sobre um cara que salvou uma mulher de um afogamento, fez os primeiros socorros pra reanimar ela e, acredito, deve ter tido respiração boca a boca. Salvou ela. Depois disso, ela processou o cara por assédio porque ele não tinha o direito de pegar nela sem a autorização dela. É esse tipo de feminismo que tá estragando o movimento todo. As feministas passaram do ponto de querer direitos e 'tão' se vitimizando diante de tudo. Tudo que acontece é culpa do machismo, do povo opressor. Igual a essa mulher que processou o cara, tem muitas outras. Às vezes, o cara fala algo que, na cabeça dele, vai soar como um elogio, mas a mulher diz que é assédio. As feministas não querem fazer as pessoas entenderem o ponto de vista delas, elas querem impor isso e aquilo. (GF – Sessão 1)

Por trás da reclamação dos jogadores da plasticidade ou falta de critério lógico para definição de atos de assédio, está o fato de que inúmeros comportamentos, atitudes e valores dos homens eram, até bem pouco tempo atrás, considerados comuns à masculinidade, “coisa de homem” (HEILBORN, 2010, p. 110). Somente em 2018, meses após a realização desta pesquisa, a importunação sexual foi tipificada como crime por meio da Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018 e definida como “praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro”. A pena para esse crime é a “reclusão, de 1 (um) a (5) cinco anos, se o ato não constitui crime mais grave”, e será aplicada “independentemente do consentimento da vítima ou do fato de ela ter mantido relações sexuais anteriormente ao crime” (BRASIL, 2018). Antes da promulgação da lei da importunação sexual, esta era considerada, apenas, contravenção penal punível com multa (exceto em casos de estupro).

No entanto, bem antes disso da criação da Lei nº 13.718, Connell (1997, p. 44-45) e outras teóricas de gênero, além do movimento feminista em geral, já propagavam que a intimidação das mulheres ocorre desde o assóvio de admiração na rua, o assédio no escritório, o estupro e o ataque doméstico, chegando ao assassinato pelo proprietário patriarcal da mulher.

Jean reconhece a existência de masculinidades embasadas em atos de intimidação, assédio e importunação das mulheres, e não se opõe a que elas sejam repreendidas. Porém, para o jogador, o feminismo teria imposto um maior distanciamento entre homens e mulheres ao adotar postura de repressão a quaisquer atos deles que venham a ser vistos por uma mulher como assédio, mesmo que não haja comprovação da prática. Daí, a que ele protesta contra uma subjetivação do conceito de assédio que prejudicaria a argumentação de um homem acusado de tal, pois a interpretação da mulher vítima seria onipotente.

Sérgio, por sua vez, adota postura mais incisiva contra o movimento feminista e suas representantes. Considerando a situação citada – vítima de afogamento processa socorrista por assédio – o jogador acusa as mulheres feministas de vitimização, calúnia e opressão aos homens. As mulheres feministas estariam adotando postura vitimista frente a todas as situações que não lhe agradam e culpando os homens por estas. Elas estariam caluniando ao proferir informações falsas que atentam contra a honra dos homens. Elas estariam sendo opressoras ao tentar obrigar os homens a aceitar a ideologia do movimento e a adotar uma nova identidade, mas desta vez configurada integralmente por elas.

O custo político de um discurso de culpabilização da mulher ou do homem anterior ao devido processo investigatório de uma denúncia de crime é imensurável, e Sérgio expressa bastante preocupação com os danos que uma denúncia de assédio pode causar a um homem. Para o jogador, o feminismo assume a sua própria narrativa como a única verdade, a absoluta, e toma os homens como seres homogêneos e, por isso, passíveis – todos eles – de cometerem crimes de assédio contra as mulheres.

Frederico contradisse os colegas e afirmou que a culpa pelos eventos por eles citados não seria do movimento feminista, mas da propagação de informações incorretas sobre o movimento – o que pode ser executado por indivíduos ou grupos antifeminismo – e da adoção, por conveniência, do feminismo.

Frederico: 'Ah, quando me é conveniente, eu sou feminista. Quando não é, tudo bem. Quando eu saio com alguém, o homem pode pagar a conta, eu não me importo. Quando eu estou vindo do mercado e alguém se oferece para levar as minhas coisas, ele tá me assediando. Eu vou usar o argumento feminista, que eu conheço de ouvido...'

Jean [interrompe Frederico]: Pra denunciar ele por assédio.

Frederico: Isso. O problema não é o feminismo, é quem pega. (GF – Sessão 1)

O feminismo por conveniência, citado por Frederico, levanta a questão dos benefícios associados às masculinidades e às feminilidades hegemônicas. Para o jogador, algumas mulheres se assumem feministas apenas quando podem se beneficiar materialmente ou quanto ao seu prestígio social. Essa atitude terminaria por deslocar o movimento de seu objetivo de alcançar uma relação de gênero menos desigual.

Sérgio também aponta esse afastamento do atual feminismo dos objetivos do movimento “raiz” e reafirma seu caráter opressor. Para legitimar seu discurso o jogador – que é filho de pastor e declarou em questionário sociodemográfico não ser praticar nenhuma religião – apontou situações em que, segundo ele, mulheres feministas e o movimento LGBTQIA+ (citado, por vezes, como feminista) – profanam símbolos religiosos, depredam o espaço público e atentam contra o pudor.

Sérgio: Pode ter mulheres que são feministas pelos motivos certos, querem direitos iguais, educação igual, fazer as coisas da maneira certa. Mas a maioria hoje, se distanciou disso. As mulheres entram por modinha, pra ser diferente. E ‘tá’ confundindo a cabeça de muita meninazinha nova. Tem adolescente que vê o movimento, diz: ‘Sou feminista’. E sai falando besteira por aí, fazendo merda e não tem a mínima noção do que, na realidade, é o movimento, o porquê surgiu. O feminismo surgiu pra mulher poder votar, estudar, trabalhar, ser independente do homem. E isso a mulher conquistou. Pode ter, ainda, algumas coisas, um certo preconceito, mas não é dessa forma, com imposições, que elas vão conseguir nada. Dessa forma, elas só vão conseguir o que já ‘tá’ acontecendo: fazer com que as pessoas sejam contra o movimento. Se você procurar movimento feminista no Google, aparece cada coisa. Eu concordo com essa frase: ‘Como é que a mulher vai querer respeito, se ela anda pelas ruas mostrando os peitos, com roupa curta, mijando, enfiando a cruz de Cristo no rabo, fazendo o diabo a quatro?’. A mulher que usa roupa curta não se dá o respeito.

Mediadora: Eu não estava sabendo dessa estória da cruz.

Sérgio: Tem até um meme: ‘O que eles dizem’ – um monte de religião espancando um LGBT – e ‘A verdade’ – um monte de homossexuais mijando em estátua, enfiando as coisas de Jesus no ânus, profanando. Tem uma imagem da Parada Gay que um homossexual se vestiu de Jesus na cruz e beijou outro homem. Como eles exigem respeito, se não respeitam ninguém? (GF – Sessão 1)

Frederico, por sua vez, não utiliza a expressão “opressão”, como Sérgio, mas “politicamente correto” para criticar a atual vertente do movimento feminista.

Frederico: Eu não me sinto acuado pelo feminismo. Mas esse politicamente correto que parte dele veste, acua o nosso direito de se expressar. Eu li sobre uma discussão dos norte-americanos quanto ao personagem indiano, Abuh, do Simpsons. No começo, todos riam do

Abuh. Era uma piada como todas as outras sobre o estilo de vida americano. Mas o politicamente correto fez a piada do Abuh inaceitável. O Simpsons se retratou e falou que é engraçado como coisas que, tempos atrás, todos riam, terminaram sendo politicamente incorretas. Isso, querendo ou não, restringe a nossa capacidade de expressão porque nem tudo que a gente fala ou faz é com o intuito de ferir, ou assediar, o outro. Mas pela interpretação de um que move uma massa de pessoas, a gente pode ser linchado tanto na sociedade física, como na virtual. Eu não posso expressar a minha opinião política porque vai que uma pessoa que tem influência acha que eu sou fascista, ou burro. A gente vive um tempo de extremidades. Termina que a gente só fala o que todo mundo quer ouvir. Ninguém mais tem opinião própria. Você tem que se expressar dentro do que você tem em comum com os outros, sendo que o que faz a gente ser humano é o que a gente tem de diferente. (GF – Sessão 1)

Para Frederico, parte do feminismo atual estaria fazendo uso de um discurso erigido sob a ideia do politicamente correto (PC) para impedir ou censurar críticas à sua abordagem política de gênero, tornando-se, assim, essencialista – exatamente a crítica que o movimento faz ao patriarcalismo.

Stuart Hall (1994, p. 166-179) traz uma pertinente discussão sobre o tema. Para o autor, o PC estabelece os parâmetros de uma ação política e de um debate moral, por entender ser no terreno das questões morais e culturais que se pode vencer, ou perder, o jogo político. Para tornar objeto de luta política questões negligenciadas, como as relações de gênero, os defensores/as do PC argumentam ser necessário um esforço muito maior para a quebra de tabus sagrados e silêncios colusórios do que para pensar estratégias institucionais, uma vez que mudanças políticas e institucionais somente se efetivarão se penetrarem na prática pessoal da vida cotidiana.

É neste campo que se inscreve a crítica de Frederico. Sob a justificativa de desafiar o patriarcalismo e as masculinidades e feminilidades nele assentadas, o feminismo estaria utilizando estratégias de policiamento, ao invés de tentar conscientizar as pessoas quanto às desigualdades de gênero. O jogador refere perceber uma tentativa (em diversos momentos, vitoriosa, ele aponta) de algumas feministas em elencar o que pode, ou não, ser dito e feito, instituir a verdade absoluta sobre os homens e as mulheres – em substituição a uma falsa consciência sexista –, e recriminar de forma autoritária, inclusive, nas redes sociais, os sujeitos e suas identidades “erradas”, eliminando a possibilidade de convivência com as diferenças.

Este é, segundo Hall (1994, p. 183) o paradoxo característico do PC. Em certo sentido, ele compartilha e incorpora algumas concepções de uma nova conjuntura política. Ao mesmo tempo, parecendo não entender as forças e ideias que o

produziram, tenta conduzir novas lutas com armas antigas e decrépitas, tornando-se “uma caricatura” da antiga forma de política e adotando uma estratégia projetada no silenciamento. O PC se recusa a aceitar a observação profunda de que a “‘verdade’ do conhecimento é sempre contextual, sempre construída dentro do discurso, sempre conectada às relações de poder que o tornam verdadeiro – enfim, uma ‘política da verdade’” (p. 181). O sujeito não escapará dos efeitos de um modelo ou de uma prática simplesmente virando-os de cabeça para baixo. A verdadeira ruptura não vem da inversão do modelo, mas da libertação de seus termos limitantes, da alteração do quadro.

Caetano e Jean dão sequência à discussão sobre um suposto radicalismo feminista, em que as mulheres, em um movimento de negação das identidades fixas que teriam sido a elas vinculadas, terminam por externar um comportamento reacionário que prejudica sua convivência com os homens. Estes, por outro lado, segundo Jean, seguiriam com suas identidades aprisionadas, desta vez pelo próprio movimento feminista, a uma obrigatoriedade de provimento financeiro do lar.

Caetano: Lá em casa, sou eu quem lava as louças. Mas numa casa em que mora um casal e o homem diz: ‘Você tem que lavar as louças’. Ela diz: ‘Mas isso é contra os meus direitos’. Não, isso é uma coisa de convivência. Se você convive com uma pessoa tem que ajudar, dividir. Mas tem mulher que não vai casar porque não foi feita pra lavar louça. Como uma senhora me disse: ‘Não, não vou casar porque não vou viver com uma pessoa numa casa e ter que lavar as louças dela’. Eu disse: ‘Não, tu tá totalmente errada. Isso não tem nada a ver com questão de feminismo. É questão de convivência’. É isso que eu tô dizendo: tem mulher que ultrapassa a barreira. Se um homem disser pra ela: ‘Você vai ter que varrer uma casa’. Pronto. A mulher já pira: ‘Não, não vou fazer porque isso foge dos meus direitos’. Que direitos? Direito de dividir uma casa, de conviver com uma pessoa? Mas eu respeito o feminismo. Tenho certeza que a pessoa tem que ser igualitária. A gente [homem] ganhar mais, isso é ruim [...].

Jean: Tem mulher que é machista.

Caetano: Sim, ainda mais com esse movimento feminista.

Jean: Elas não querem ser colocadas dentro de uma caixinha, de lavar louças, mas colocam a gente numa caixa, de trabalhar e colocar as coisas dentro de casa. (GF – Sessão 1)

Afora os aspectos tratados até aqui, Sérgio, Caetano e Jean (este último, profissional de Educação Física) afirmaram que as feministas estão negando padrões biológicos – desde a definição de zonas erógenas até o nível de força muscular –, de homens e mulheres, que afetam – e seguirão afetando – as relações de gênero.

Caetano: Tem coisas que anatomicamente o corpo da mulher, o mecanismo dela, não foi feito pra praticar. Isso é questão biológica. Mas hoje, elas [feministas] estão tentando ultrapassar esse limite. Se você é um cavalheiro e diz: 'Vou carregar suas sacolas'. A mulher fala: 'Você está tirando meus direitos'. Eu digo: 'Não, eu estou sendo cavalheiro porque eu tenho mais força do que você'. Ela diz: 'Mas isso está mexendo na questão do feminismo. Você não está me dando direitos iguais'. Se uma mulher disser que tem ideias diferentes, eu digo: 'Diga suas ideias. Eu digo se sou contra, ou a favor, de cada uma'. Eu não sou contra o projeto todo, mas contra alguns tópicos.

Sérgio: [...] Mas as feministas, elas querem ir contra a força maior do homem. O desenvolvimento da raça humana foi: o homem ia caçar, e a mulher, cuidar dos filhos. Anatomicamente, a estrutura do homem é mais forte. Essa barreira, elas estão querendo quebrar. No homossexualismo, também. Eles querem ter direitos iguais. Foi noticiado que um cara fez cirurgia de mudança de sexo e foi competir no UFC como mulher. Parece que ele matou uma mulher no ringue. Mesmo que tenha feito a cirurgia e tenha a estética de mulher, ele tem a musculatura, o corpo de homem.

Jean: Essa distinção é mais relacionada ao nível de testosterona do que à musculatura. Tem mais efeito no esporte, que você tem que dar o máximo. Mesmo que uma praticante de lutas tome hormônio, não chegará à produção do homem. Esse é o caso da Tiffany no voleibol, que era homem e, agora, 'tá' como mulher num time feminino. [...] O início do movimento feminista é uma coisa legal porque luta pelos direitos das mulheres dentro do direito do outro [o homem]. O que é aceitável. Agora, a partir do momento em que você tá lutando pelos seus direitos invadindo o direito do outro, aí já bagunça.

Mediadora: Quando o feminismo invade o direito do outro?

Jean: A produção hormonal já é uma invasão. Como foi citado, o praticante de MMA acabou mandando outra mulher pro hospital.

Mediadora: A Tiffany tem alguma vantagem no vôlei feminino?

Jean: Teria. É certo que uma bola de vôlei não é tão pesada, mas vai ser um tanto difícil uma mulher que foi adaptada a receber saques e cortadas de outra mulher, que tem bem menos força [do que um homem], recepcionar a cortada de um homem. Então, daria certa vantagem. Vamos supor numa disputa de bloqueio. Tiffany subiu [para atacar] e o time adversário ali pra bloquear. Ela vai com o braço bem mais pesado, logicamente. (GF – Sessão 1)

Em uma cultura patriarcal, a diferença é lida em termos hierárquicos, de dominação, e o masculino é legitimado como polo de autoridade. Utilizando-se desse fato, segundo Connell (1995, p. 199), pessoas contrárias a reformas de gênero com ênfase nos direitos civis e sociais, descrevem as críticas contra a dominação masculina como ataques à diferença e tentativas de transformação de homens em mulheres.

Quando as feministas tentam, segundo os jogadores, igualar seus corpos e desempenhos aos respectivos masculinos, elas estariam negando sua natureza. De forma similar, mulheres transgênero – vistas por Jean como homens que “estariam”

mulheres, mas não o seriam – invadiriam os espaços das mulheres cisgênero e as exporiam a níveis desiguais de competição, por possuírem nível de força superior ao delas.

As diferenças anatômicas e biológicas entre os corpos masculinos e femininos, são percebidas e construídas por Caetano, Jean e Sérgio (e pela ordem masculina, em geral), como penhor objetivo e incontestável de seus usos e funções também diferenciados. Carregar sacolas de compras e participar de competições esportivas, os usos diferenciados citados pelos jogadores, são construídos segundo esquemas práticos da visão androcêntrica, organizada segundo a divisão entre masculino e feminino, e cujos princípios atribuem significações e valores distintos, essencializados e hierarquizados a corpos de homens e mulheres que ultrapassarão essas ações e fundamentarão organização social – as divisões generificadas de trabalho, as constituições familiares, as diretrizes educacionais, entre outros (BOURDIEU, 2012, p. 32).

O viés simbólico permite definir a diferença anatômica entre os sexos e a própria diferença anatômica suporta o sistema simbólico. Dessa forma, o falo não consolida *per se* a dominação masculina, mas é instituído como símbolo da virilidade. Assim, a força da “sociodicéia masculina” está na possibilidade de acumular e condensar duas operações: “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2012, p. 33).

A ordem social se inscreve nos corpos e se impõe por meio de uma “somatização das relações sociais de dominação” (BOURDIEU, 2012, p. 33), produto de um trabalho coletivo de socialização difusa cujo sucesso se manifesta em distintas maneiras de se comportar, movimentar, pensar, enfim, em todas as formas possíveis de uso individual e coletivo dos corpos com a finalidade de reproduzir identidades de gênero apoiadas em relações de poder.

Em sessão de treino misto (equipes feminina e masculina), observou-se essa vinculação direta entre diferenças biológicas e gênero, dessa vez com resultado nas personalidades de homens e mulheres. Em sessão de treino misto, determinou-se que, caso um jogador/a executasse erroneamente uma instrução da treinadora, “LF”, todo o grupo seria punido² com a execução de 20 flexões de braço por erro cometido

²No Cajuína *Rugby* essa era uma regra comum a todas as equipes: se um jogador/a executar erroneamente uma instrução do treinador/a, todo o grupo será punido.

com a execução de 20 flexões de braço por erro cometido. David, jogador da equipe juvenil, cometeu um erro durante execução de um exercício em decorrência de, em vez de estar atento às orientações de “LF”, manter conversa paralela com outro jogador. Consequência do ato: todo o grupo foi punido. Alguns minutos depois, David reincidiu no erro. Irritado, Augusto falou: “Porra, fala mais que mulher” (DC 0105).

Os jogadores citados veem o corpo como fonte direta e natural das diferenças de gênero. E mais, eles veem o corpo masculino como referência natural, pois ele seria superior ao feminino em aptidão motora e em racionalidade (uma vez que, a considerar o comentário de Augusto, a maior disposição das mulheres no ato da fala, prejudicaria a sua concentração). Mas essa teoria não é unânime.

Cyrino et al. (2019) e Salvador (2005) corroboram os jogadores quanto ao maior nível de força e resistência muscular em homens. Entretanto, a magnitude dessa distinção seria influenciada por diferenças morfológicas, neuromusculares, metabólicas, fisiológicas e comportamentais entre homens e mulheres, e, atenuadas quando as comparações entre os gêneros são conduzidas de acordo com valores relativos à massa corporal. Além disso, as mulheres parecem ser tão ou mais responsivas ao treinamento resistido do que os homens, considerando idade e níveis de aptidão física semelhantes.

Quanto ao desenvolvimento comportamental de homens, Vanryzin *et al.* (2019) sugerem que esteroides sexuais masculinos podem contribuir na modelação do cérebro masculino e produzir diferenças, como a maior agressividade deles. Por outro lado, Joel, Garcia-Flagueras e Swaab (2019) afirmam ser este modelo, segundo o qual a testosterona masculiniza o cérebro dos homens, aquém do complexo cenário de diferenciação sexual do cérebro. Para estes autores, os efeitos sexuais no cérebro de homens e mulheres são exercidos por fatores genéticos, hormonais e ambientais, os quais agem através de múltiplos mecanismos parcialmente independentes que podem variar de acordo com fatores internos e externos.

Abordagens teóricas das diferenças sexuais biológicas enquanto resultado de mecanismos evolutivos são desenvolvidas e usadas em defesa da ordem de gênero existente, ridicularização de ideias feministas, e, caracterização da agressividade masculina e passividade feminina como naturais. As diferenças corporais e os efeitos sociais seriam, então, ligados por uma dicotomia de caráter entre os gêneros. “As mulheres são cuidadosas, influenciáveis, comunicativas, emocionais, intuitivas e sexualmente leais; os homens agressivos, inflexíveis, taciturnos, racionais, analíticos

e promíscuos” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 101-102).

Essas abordagens ignoram que o corpo é influenciado e é influenciado por processos sociais – como as relações sociais (interação social), família, segurança alimentar, os costumes, o trabalho, o esporte e a medicina – estruturados pelo gênero. Arranjos sociais de gênero não são mero efeito que flui de propriedades do corpo, que é uma construção social. Le Breton (1994) afirma ser o corpo um vetor semântico, isto é, no corpo estão inscritas polissemias que se perfazem em meio a aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Estes aspectos são indissociáveis. Não há como separar o corpo culturalmente construído da sociedade em que o sujeito / indivíduo vive. Ele é e sempre será uma construção social. Arranjos de gênero “também precedem o corpo, formando as condições em que este se desenvolve e vive” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 93).

Em outro momento, Sérgio contesta a criação de uma lei de tipificação de crimes de feminicídio em um ambiente em que os homens são maioria no quadro de vítimas de homicídio. Refutando o feminismo o jogador, constrói uma retórica de vitimização concorrente e comparar os números da violência contra homens e mulheres.

Sérgio: Tem outra coisa que eu acho exagero [do feminismo]. Exagero porque já é um defeito ter que existir a lei do feminicídio. Ela é consequência de um defeito existente. Eu vi uma pessoa falar que 40%, 50%, algo assim, das mulheres mortas em um ano, foi por violência doméstica. Mas nesse mesmo ano umas 50 mil pessoas morreram. Disso, 4 mil foram mulheres e o restante, homem. Aí, fala em 40% das mulheres mortas por violência doméstica, e só 6% dos homens pela mesma razão. Eu acho que isso aí passou do ponto e agora elas tão exagerando muito. Tão querendo demais. Tão forçando muito a barra. (GF – Sessão 1)

Dados oficiais do Governo brasileiro (IPEA/FBSP, 2019) corroboram a informação trazida por Sérgio e revelam que o Brasil registrou, em 2017, 65602 assassinatos, sendo 60666 homicídios dolosos de homens, e 4936 de mulheres³.

Ainda em discussão, Sérgio aponta a lei do feminicídio como um “exagero” e protesta contra os procedimentos jurídicos adotados, segundo ele, pelas autoridades de segurança pública em casos de crimes motivados pela condição de gênero.

³O número de crimes de feminicídio não é registrado no Atlas da Violência 2019, por um lado, *em razão dos* registros de feminicídio das Polícias poderem embutir alguma subnotificação, em função da não imputação do agravante de feminicídio ao crime de homicídio. Por outro lado, em razão da análise dos dados agregados da saúde não permitir uma elucidação da questão, uma vez que a classificação internacional de doenças (CID), utilizada pelo Ministério da Saúde, não lida com questões de tipificação legal e muito menos com a motivação que gerou a agressão. (IPEA/FBSP, 2019)

Sérgio: Olha o tamanho do problema que o feminismo trouxe. Se você for acusado de algum crime, até que se prove o contrário, você é inocente e vai responder em liberdade. Mas parece que se a mulher lhe denunciar de assédio, violência doméstica ou coisa assim, não tem essa de ser inocente. Você vai preso direto.

Mediadora: Você viu essa informação no Código Penal?

Sérgio: Não. Eu não falo isso com certeza porque eu não li na lei. Eu ouvi pessoas que conhecem a lei falando sobre, mas é meio que uma inquisição. Basta duas testemunhas pra acusar a pessoa. Não precisa apresentar provas.

Jean: Quem é acusado de violência doméstica é logo preso, é isso? O inquérito é aberto e a investigação rola com ele preso. Só vai ser solto se comprovada a inocência. É isso?

Sérgio: É. (GF – Sessão 1)

Sancionada em 2015, a chamada lei do feminicídio prevê penalidades mais graves – aumento de 1/3 (um terço) até 1/2 se o crime for praticado – para homicídios “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino⁴” (BRASIL, 2015, s.p.). O Código do Processo Penal brasileiro prevê diferentes tipos de prisão: (i) prisão temporária, (ii) preventiva, (iii) em flagrante, (iv) para execução da pena, (v) para efeitos de extradição, e (vi) prisão civil do não pagador de pensão alimentícia (BRASIL, 2009). Descreveremos apenas os três primeiros por envolverem na fase investigatória ou processual, a privação de liberdade do acusado de prática de crime.

a) Prisão Temporária: com prazo de duração de 5 (cinco) dias, podendo ser prorrogada por procedimentos específicos, é uma modalidade de prisão utilizada durante uma investigação e cabível, conforme a Lei 7.960/89, nas seguintes situações:

I – quando imprescindível para as investigações do inquérito policial; II – quando o indicado não tiver residência fixa ou não fornecer elementos necessários ao esclarecimento de sua identidade; III – quando houver fundadas razões, de acordo com qualquer prova admitida na legislação penal, de autoria ou participação do indiciado nos seguintes crimes de homicídio, sequestro, roubo, estupro, tráfico de drogas, crimes contra o sistema financeiro, entre outros. (BRASIL, 2009, s.p.)

b) Prisão Preventiva: pode ser decretada tanto durante no curso da investigação, quanto no decorrer da ação penal. O artigo 312 do Código de Processo Penal aponta como requisitos que podem fundamentar a prisão preventiva:

garantia da ordem pública e da ordem econômica (impedir que o réu continue praticando crimes); b) conveniência da instrução criminal

⁴Considera-se, na lei do feminicídio, que há razões de condição de sexo feminino quando o crime de homicídio envolve: (i) violência doméstica e familiar; e, (ii) menosprezo ou discriminação à condição de mulher. (BRASIL, 2015).

(evitar que o réu atrapalhe o andamento do processo, ameaçando testemunhas ou destruindo provas); c) assegurar a aplicação da lei penal (impossibilitar a fuga do réu, garantindo que a pena imposta pela sentença seja cumprida). (BRASIL, 2009, s.p.)

c) Prisão em Flagrante: “pode ser decretada por ‘qualquer do povo’ que presenciar o cometimento de um ato criminoso. As autoridades policiais têm o dever de prender quem esteja em ‘flagrante delito’”. (BRASIL, 2009, s.p.)

Essa fundamentação dos diferentes tipos de prisão é aplicada também em casos de crimes motivados pela condição de gênero. Percebe-se, então, que Sérgio incorreu em erro em seus comentários quanto ao processo investigatório e penal. Em discussão sobre assédio às mulheres, o jogador demonstrou preocupação quanto à discussão sobre assédio às mulheres, o jogador demonstrou preocupação quanto à fundamentação e comprovação de tal ato tendo em vista os danos à dignidade e honra dos homens envolvidos. Entretanto, esse mesmo cuidado não foi tomado quando proferiu dados – o próprio admite – produzidos em conversas informais com terceiros, e não com base na leitura cuidadosa da legislação específica.

Debatendo sobre a necessidade e os objetivos da criação da lei do feminicídio os jogadores citaram como aspectos estruturantes do quadro de violência contra a mulher (i) a fragilidade dela frente à estrutura física do homem, e (ii) a cultura do estupro como consequência da sexualização do seu corpo e percepção dele, pelos homens, como objeto a ser conquistado.

Mediadora: Você não concorda com a criação da lei do feminicídio?

Sérgio: Não, não gosto de nenhum tipo de divisão. Existir essa lei é sinal que algo tá errado na sociedade. Era pra ter a lei: ‘Não pode matar. Se matar vai ter punido, sendo homem ou mulher’.

Mediadora: A criação da lei foi uma estratégia equivocada?

Sérgio: Eu acredito que sim.

Frederico: Eu discordo do coleguinha. O feminicídio é quando você mata uma mulher só por ela ser mulher. Há parâmetro técnico pra definir isso. Essa é uma das áreas onde a gente vê a desigualdade de gênero, segurança pública. A segurança pública pra mulher é muito mais complicada do que pro homem. A estrutura corporal da mulher é muito diferente da do homem. A lei é necessária também porque a diferença biológica entre homens e mulheres é gritante. É muito mais perigoso pra uma mulher sair do que pra um homem por causa do próprio ponto de vista da sociedade em relação à mulher. A gente vive numa cultura do estupro. A mulher, independente do que vestir e de como se portar, ela é sempre sexualizada. Ela não é tratada como um ser humano, e sim sempre como uma conquista. A sexualização da mulher termina fazendo com que seja perigoso pra elas. Porque muita gente trata a mulher como um troféu e aí termina que quer arranjar o

troféu a qualquer custo e tal. Termina sendo perigoso pra mulher. Eu acho que a segurança pública não favorece nenhum dos gêneros, mas a falta dela prejudica mais a mulher do que o homem. Um homem matar uma mulher é um crime horroroso. Então, deve ser visto com um olhar mais severo. A lei de não poder matar ninguém já existe e, ainda assim, se mata todo dia. Então, se o caminho errado for o aprimoramento da lei, o que a gente vai fazer? Porque cada vez que se acrescenta algo, tá se aprimorando a lei.

Caetano: Tudo é baseado em dados. Se foi criada a lei sobre crime de homicídio é porque os dados disseram que muitas pessoas estavam morrendo. Então, vamos criar uma lei pra evitar isso. Se os dados estão em alta para mulheres, vamos criar leis que solucionem isso. Não acho errado criar uma lei pra separar feminicídio de homicídio.

Sérgio: Eu não falei que sou contra a lei do feminicídio. Eu falei que o fato dessa lei existir é consequência de um problema que a gente tem. O problema não é a lei. O problema é que ela não é cumprida.

Frederico: A sociedade mata e continua matando.

Sérgio: Isso é uma questão social. O cara, só por ser homem, acha que tem direito sobre a mulher. A solução mais concreta, e mais demorada, seria investir na educação. [...] Eu acredito que, primeiro, teria que ter o cumprimento da lei da forma que já tem [homicídio] porque eles botam a lei, mas não cumprem totalmente. Eles sempre têm aquela brechinha que o advogado consegue pra pessoa poder escapar. Na lei é tudo bonitinho, mas você vai pra vida real é totalmente diferente. Então, cumprir a lei e melhorar a questão social mesmo, que é o que tá doente, o que tá defeituoso. (GF – Sessão 1)

A polêmica em torno das estratégias de redução da violência social nos faz ver que uma teoria totalmente semiótica ou cultural de gênero não é mais sustentável do que uma teoria reducionista biológica. A superfície na qual os significados culturais estão inscritos não é inexpressiva, e nem imutável (CONNELL, 2005).

Bodies, in their own right as bodies, do matter. They age, get sick, enjoy, engender, give birth. There is an irreducible bodily dimension in experience and practice; the sweat cannot be excluded. On this point we can learn even from the sex role literature. One of the few compelling things the male role literature and Books About Men did was to catalogue Problems With Male Bodies, from impotence and ageing to occupational health hazards, violent injury, loss of sporting prowess and early death. Warning: the male sex role may be dangerous to your health. (CONNELL, 2005, p. 51)⁵

A fala de Sérgio é controversa na medida em que exige um olhar mais atento e eficiente do Estado para com a segurança pública, mas contesta esse olhar acentuado

⁵Os corpos, justamente por serem corpos, são importantes. Eles envelhecem, adoecem, sentem prazer, dão à luz. Existe uma dimensão corporal irreduzível na experiência e na prática; o suor não pode ser excluído. Nesse ponto, mesmo com a literatura sobre papéis sexuais podemos aprender algo. Uma das poucas coisas convincentes que a literatura sobre papéis masculinos e os 'Livros sobre homens' fizeram foi catalogar 'Problemas com corpos masculinos', desde impotência e envelhecimento aos riscos à saúde ocupacional, lesões violentas, perda de capacidade esportiva e morte prematura. Aviso: o papel sexual masculino pode ser perigoso para sua saúde. (CONNELL, 2005, p. 51, tradução nossa

sobre a violência contra a mulher, cujos casos seriam minoria se comparados à violência sofrida por homens. A sanção de leis referentes especificamente a crimes contra as mulheres seria, para ele, um equívoco, por desconsiderar que homens também são vítimas de atos de violência, e, inclusive, estão morrendo em proporções numéricas superiores às mulheres. A legislação de segurança pública, conforme Sérgio, se bem articulada e efetivada fosse, resultaria, para o jogador, em reduções dos índices de violência na população brasileira, tanto envolvendo homens quanto mulheres.

Porque a violência envolve desafios às masculinidades e provas de coragem e de domínio masculino, a legislação penal encontra dificuldade para reduzir os índices dessa prática. A maioria dos episódios de violência grave – guerras, homicídios, homofobia, violência sexual etc. – envolve homens, por esta ser um elemento importante em sua política de masculinidade. Eles não são maioria das vítimas nos casos de estupro e violência doméstica, mas são maioria no panorama de pessoas executadas e os principais alvos da violência policial e agressão criminal. Além disso, os homens são, na maioria dos casos, os autores dessa violência, seja contra mulheres, seja contra outros homens. A interação entre a manutenção da ordem de gênero e políticas explícitas de masculinidade hegemônica pode ser observada no âmbito da violência masculina, na medida em que esta é utilizada como meio para exigir/afirmar uma masculinidade agressiva, estabelecendo fronteiras de gênero. Por outro lado, a violência é uma medida da imperfeição desse sistema de dominação. Uma hierarquia completamente legítima teria menos necessidade de intimidar (CONNELL, 1997, p. 45).

Uma vez que o gênero, não é fixo, mas formado e transformado ao longo da história, modificações em sua estrutura podem ser geradas a partir de políticas públicas de gênero, sexualidade ou áreas correlacionadas (CONNELL, 2005, p. 82). Comparado a outrora, as formas tradicionais de dominação masculina – e suas violências habituais –, encontram no tempo atual menos facilmente “o abrigo dos silêncios complacentes e das indiferenças coniventes” (COURTINE, 2013a, p. 11). É nesse sentido que, a lei do feminicídio é pontuada por Frederico e Caetano, como componente de uma política pública de segurança que, a partir da sanção de rígidas punições a atos de violência contra as mulheres, pode impactar as relações de gênero.

Sobre a violência de homens contra mulheres, Frederico e Sérgio levantam ainda que a sociedade contemporânea vive uma cultura do estupro assinalada pelo

sentimento de posse do homem para com a mulher. A cultura do estupro se trata, em termos gerais, do compartilhamento de valores, crenças, símbolos e práticas sobre os papéis de gênero e sobre as interações sexuais que, ao justificar ou minimizar a gravidade e a dimensão social do estupro e de outras formas de abuso, “não só permite como também estrutura relações desiguais nas quais o interesse sexual ativo deve conquistar e submeter o objeto de desejo”, possibilitando e naturalizando incontáveis violações e mortes de meninas e mulheres (ENGEL, 2017, p. 11). O que massivamente se configura na fórmula: homens possuem desejo sexual e precisam realizá-lo, conquistando ou subjugando seu objeto de desejo, que são as mulheres.

Sérgio observar o feminicídio como uma afirmação do poder dos homens sobre os corpos das mulheres. Essa relação direta de poder pode ser verificada também em outras formas de violência como o assédio, a agressão física, psicológica e patrimonial, dentre outras. No conceito de masculinidade hegemônica, Connell fala em prática de masculinidades para enfatizar que toda ação tem uma racionalidade e um significado histórico.

Isso não significa dizer que a prática é necessariamente racional. Não pensaríamos no estupro, no assédio sexual ou no espancamento de mulheres como atos "racionais"; mas a violência sexual tampouco é uma explosão insensata de raiva interna. Como a pesquisa feminista tem mostrado, a violência sexual é uma ação competente; ela é, em geral, propositada e tem como objetivo a manutenção da supremacia masculina (CONNEL, 1995, p. 188)

Daí, por um lado a ênfase de Frederico e Caetano em defesa da criação da lei do feminicídio, para que homens agressores assumam a responsabilidade por seus atos. Por outro lado, é em razão dessa intencionalidade da agressão, que, Sérgio, explora a insuficiência da referida lei e a necessidade de uma ação preventiva, a qual, segundo ele, dar-se-ia de forma mais efetiva no sistema educacional.

Os homens agressores não agem com os outros homens da mesma forma como agem com as mulheres. Eles violentam e/ou espancam as mulheres, não por razões crapulosas, políticas ou de rivalidade, mas porque acham isto normal, um direito adquirido e necessário à sua condição de homem. Quaisquer que sejam as trajetórias precedentes aos casos de violência contra a mulher, a perspectiva do homem de ver aquela que se pensava possuir levar uma existência independente, não realizar o trabalho doméstico para satisfazê-lo, ou, ainda, contradizê-lo, “funciona como uma negação do poder, da autoridade e da virilidade onipotente” (VIRGILI,

2013, p. p. 101). O ciúme homicida, como denominam os psiquiatras, é o exercício de um poder absoluto. Ele interdita qualquer negociação e impõe como única alternativa à mulher suportar ou morrer.

Sobre a ideia de posse do corpo feminino, referida pelo jogador, como causadora das situações de violência do homem contra a mulher, Frederico cita a abordagem satírica do tema aborto em uma série de entretenimento.

Frederico: Tem uma serie, BoJack Horseman, da Netflix, que faz uma piada muito bem colocada sobre isso. É um debate sobre uma famosa que vai fazer um aborto. Aí, ele coloca, no jornal, três homens. O âncora do jornal diz: 'Nós chamamos para discutir esse assunto três homens brancos'. Discutir se uma mulher deveria fazer um aborto. Escolheram três homens brancos pra discutir isso. (GF – Sessão 1)

Percebe-se, estar em jogo na política de gênero, o valor do gênero e os danos que causa. O maior dano é o sistema de desigualdades em que mulheres e meninas se tornam vulneráveis a abusos e ataques, como assédio e abuso sexual, e imagens sexualizadas na mídia. Contudo, os danos do gênero também podem ser encontrados em efeitos de padrões de gênero específicos, como masculinidades que promovem violência interpessoal, tão citada pelos jogadores (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 271).

A posição contrária dos jogadores quanto à prática de violência contra as mulheres, acede à existência de diferenças entre masculinidades violentas e masculinidades não violentas, e mostra a equivocidade de uma dicotomia do conceito de gênero que exclui diferenças internas aos grupos de mulheres e aos grupos de homens, e que podem ser relevantes para os padrões de relações entre as pessoas (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 46). Entretanto, é relevante ressaltar que, em sua fala contrária à violência, Frederico reitera uma superioridade de estrutura corporal dos homens frente às mulheres, que dificultaria a defesa em situações de agressão física.

A discussão acerca da relação entre feminismos e masculinidades mostra um comportamento dual dos jogadores. Ao mesmo tempo em que criticam o politicamente correto, apoiam a criação de políticas públicas de gênero; criticam a criação da lei do feminicídio, e refutam a prática de violência contra a mulher. Para compreender esse paradoxo, utilizaremos o conceito de dividendo patriarcal, de Raewyn Connell.

A possibilidade de mudança na ordem de gênero levanta questões sobre quando e por que as pessoas se apegam a uma determinada posição do sujeito, adotam ou rejeitam a possibilidade de movimento (CONNELL, 2002, p. 22).

Nolasco (1993) afirma que a maior contribuição do movimento feminista aos homens foi a geração de um ambiente propício ao questionamento do modelo hegemônico de masculinidade; modelo esse que, segundo o autor, seria prejudicial mesmo para os homens, pois limitaria sua autonomia social e individual, mantendo-os presos a rígidos padrões normativos de comportamento que ignoram suas histórias, sentimentos e limites. Conforme o autor,

[...] os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de sua existência. Assim, os homens tornam-se crédulos de que sua força física, definida pela massa muscular, os manteria eternamente senhores do mundo. Os homens interessados em repensar sua forma de adesão à vida começam a avaliar o 'preço que pagam' para manter esta senhorilidade, e se perguntam se vale a pena sustentá-la. (NOLASCO, 1993, p. 18)

A ruptura conceitual quanto à padronização das identidades, entre as quais, da masculinidade e da feminilidade, expõe que, na verdade, estas são constructos mutáveis. Entende-se que as identidades são “pontos de apanço temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2009, p. 112).

Tomar a identidade como posição-de-sujeito implica que as pessoas são constantemente interpeladas e posicionadas a partir de diferentes agrupamentos, redes de relações sociais e culturais constantemente arranjadas e rearranjadas pelas combinações estabelecidas entre elementos da história, da raça, da memória, do gênero, entre outros. Deste modo, os sujeitos apresentam múltiplas identidades que são construídas ao longo do tempo. As identidades não são mais evidentes e fixas, mas sim mutáveis, reflexivas, e, por vezes, contraditórias, visto que permanecem em contínua construção ao longo da vida em resposta às interpelações culturais e sociais sofridas pelo sujeito. Deste modo, à medida que

[...] os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Por que, então, os homens não se desvinculam da masculinidade hegemônica? Por que não se mobilizam, de forma similar ao feminismo, em torno de uma reforma

de gênero? Por que os jogadores defendem tão firmemente algumas mudanças nas relações de gênero, mas se contrapõem a outras, utilizando, até fundamentações cientificamente contestáveis? Alguns padrões de masculinidade são bastante resistentes a mudanças, outros são instáveis, e há outros, ainda, uma posição de gênero é negociável (CONNELL, 2002, p. 22). A importância dos interesses materiais e sociais na contabilidade da conduta de gênero masculina possui peso nessa questão.

A política de gênero, em geral, tem uma dimensão de intimidade e uma dimensão social mais ampla. “Empreender mudanças pode afetar negativamente a imagem de si que as pessoas têm como algo estimado, aquilo que assumem sobre suas relações pessoais, sua incorporação social e seus hábitos cotidianos de conduta” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 192). Nesse sentido, poucos homens atendem totalmente às definições normativas da masculinidade hegemônica. Contudo, a maioria dos homens orbita ao redor, tem alguma conexão com o projeto hegemônico, uma vez que se beneficia do dividendo patriarcal, uma vantagem concedida aos homens, em geral, pela manutenção de uma ordem de gênero que prime pela subordinação das mulheres. Essa relação é chamada por Connell como cumplicidade. Masculinidades construídas de maneira a permitir a realização do dividendo patriarcal, sem as tensões ou riscos de ser a primeira linha do patriarcado, são cúmplices nesse sentido (CONNELL, 1997, p. 41-42).

Essa configuração de masculinidade pode ser percebida nas identidades dos jogadores, os quais não são culpados pela ordem de gênero hegemônica, não a defendem (por completo) ou a adotam, porém, não é possível dizer que eles são oprimidos – ao menos, não no mesmo nível que as mulheres. Mesmo que de forma discreta, os jogadores se beneficiam do patriarcado.

A posição dominante dos homens na ordem do gênero tem um custo material e as discussões da masculinidade têm constantemente subestimado a dimensão desse custo. Nos países capitalistas ricos, a renda média dos homens é aproximadamente o dobro da renda média das mulheres. O acesso político dos homens é dez vezes maior que o das mulheres, em termos mundiais (tal como medido pela representação nos parlamentos). Os homens têm um controle ainda maior da riqueza empresarial (se consideramos o nível executivo superior nas principais empresas). Os homens controlam os meios de violência, na forma de armas e de forças armadas. (CONNELL, 1995, p. 197)

No entanto, nem todos os interesses dos homens são egoístas. Eles são também relacionais, isto é, constituídos em densas relações sociais partilhadas com mulheres particulares, como as mães, irmãs, esposas, filhas, amigas etc. Pode-se exemplificar como interesses relacionais: os pais e mães, que precisam de serviços de creches e saúde pública para seus filhos/as; os homens e mulheres da classe trabalhadora, que necessitam de qualidade de vida e segurança; e, os homens e mulheres homossexuais que se interessam pela luta contra a discriminação. Ou seja, o interesse dos homens na hierarquia do gênero é real e grande, mas é internamente dividido e cruzado por interesses relacionais (CONNELL, 1995, p. 197-198).

Ademais, nem o sujeito, nem a estrutura de gênero são agentes passivos. A política *queer* defende que o gênero é também fonte de prazer e criatividade “na inventividade erótica, em corporificações alternativas, em jogos com a linguagem de gênero” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 271). Ele organiza as relações com as crianças, as relações sexuais e está integrado ao patrimônio cultural da maior parte no mundo.

Ao abolir a masculinidade hegemônica, corre-se o “risco de abolir, junto com a violência e o ódio, a cultura positiva” produzida em seu entorno.

This includes hero stories from the Ramayana and the Iliad to the Twilight of the Gods; participatory pleasures such as neighbourhood baseball; abstract beauty in fields such as pure mathematics; ethics of sacrifice on behalf of others. That is a heritage worth having, for girls and women as well as boys and men. (As the rich heritage of feminine culture is worth having, for boys and men as well as girls and women.). (CONNELL, 2005, p. 233)⁶

A prática de gênero envolve corpos, logo, em alguma medida, o prazer do aprendizado “é um prazer corporal, um prazer na aparência e na performance do corpo” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 199). Os significados de transformações corporais, como a primeira ejaculação e a mudança de voz dos meninos, seguem incertos até que sejam definidos pelo simbolismo de gênero.

O que se pode esperar de uma ordem de gênero cuja estrutura define desigualdades é que mudanças acarretarão ganhos e perdas para um ou outro grupo. O processo de modificação para uma ordem de gênero mais equitativa e democrática,

⁶Isso inclui histórias de heróis do Ramayana e da Ilíada até o Crepúsculo dos Deuses; prazeres participativos como beisebol no bairro; beleza abstrata em áreas como matemática pura; ética do sacrifício em nome de outras pessoas. É uma herança que vale a pena ter, para meninas e mulheres, assim como meninos e homens. (Como vale a pena ter a rica herança da cultura feminina, para meninos e homens, além de meninas e mulheres.) (CONNELL, 2005, p. 233, tradução nossa)

acarretará aos homens o ônus e o bônus da igualdade. Desta forma, por uma questão estrutural onde os homens dominam as mulheres, não é surpreendente que eles sejam constituídos como grupo interessados em defender a ordem; enquanto elas, como interessadas pela mudança. Isso independe do tipo de relação afetiva existente entre homens e mulheres, e da percepção deles e delas quanto ao feminismo (CONNELL, 2005, p. 27, 82).

3.2. A educação familiar e sua influência sobre os padrões de masculinidade

Antes analisar as informações coletadas junto aos jogadores, é importante descrever brevemente o núcleo familiar dos jogadores que neste tópico serão destacados. **Jean** mora sozinho e sua família é composta por pai, mãe e seis irmãos (quatro homens e duas mulheres). **Rafael** (23 anos, negro heterossexual) mora com o pai e a mãe, e seu primeiro filho nasceu durante o período de observação direta: ele e a mãe da criança decidiram não morar juntos, mas mantêm um relacionamento amoroso; **Caetano** tem dois irmãos, é casado e não tem filhos; **Jonas** é filho único, e mora com o pai e a mãe; o núcleo familiar de **Sérgio** é similar ao de Jonas; **Simões Júnior** mora com as duas irmãs e a mãe; seus pais são divorciados e ele mantém um bom relacionamento com o pai; e, **Frederico** é órfão de mãe, foi criado pela avó materna e recebeu rareado auxílio financeiro e visitas do pai até os 15 anos de idade.

Para início de conversa, é preciso lembrar a existência de um sistema hierárquico entre as configurações de masculinidades. Nesse sistema, uma forma de masculinidade é culturalmente dominante em vez de outras, ou seja, ocupa posição de hegemonia (CONNELL, 1997, p. 39). A masculinidade hegemônica pode ser definida como a

[...] configuración de práctica genérica que encarna la respuesta corrientemente aceptada al problema de la legitimidad del patriarcado, la que garantiza (o se torna para garantizar) la posición dominante de los hombres y la subordinación de las mujeres. (CONNELL, 1997, p. 39)⁷

No entanto, essa hegemonia provavelmente será estabelecida apenas se houver alguma correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional, coletivo

⁷[...] configuração de uma prática genérica que incorpora a resposta comumente aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é levado a garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 1997, p. 39, tradução nossa).

se não individual (CONNELL, 1997, p. 40). Desta forma, as masculinidades são coletivas. Elas são definidas e sustentadas, dentre outras estruturas institucionais, pela família, que, como mostrado a seguir, é parte ativa no reforço da qualificação da masculinidade hegemônica como a identidade correta, normal e plena de êxito (CONNELL, 2002, p. 18).

Uma situação interessante ocorreu durante um treino misto. Um ex-jogador mas integrante da estrutura organizacional do Cajuína, “M”, levou o filho ao treino. Lá, o garoto de 9 anos de idade pediu para participar da atividade. “M”, que ocupava a função de técnico nesse dia, autorizou. Cerca de 15 minutos depois, o garoto correu até o pai e reclamou, chorando, que não estava sendo incluído no treino: “Eles [jogadores] não passam a bola pra mim, pai” (DC 1504). A resposta de “M” foi curta: “Coisa feia homem chorar”. Raul, que é tio do garoto, abaixou-se de frente a este e, sério, endossou: “Feia demais”. “M” disse ao filho que conversariam somente quando ele parasse de chorar e, até lá, deveria se retirar do campo de treino. O garoto se encaminhou a uma lateral do campo e lá permaneceu durante todo o período restante de treino daquele dia, mas sem chorar.

A reprimenda ao garoto reforça o entendimento de que as emoções e a sua expressão são tidas, por parte da sociedade, como pertencentes exclusivamente ao mundo do feminino, e demonstra a existência de uma componente moral vinculada às masculinidades. Almeida (1995, p. 148) identificou situação similar em Pardais, onde a emotividade era vista “como algo de feminino e a e a racionalidade como algo de masculino”. O choro do garoto desonra os homens, arruína seu prestígio.

Na infância, o processo de aprendizagem é, a todos os níveis, inclusive de gênero, imitativo, de acumulação e prática irrefletida de gestos e pensamentos automatizados. Segundo Almeida (1995, p. 157), “é na família que a prática da imitação treina o corpo para ser culturalmente masculino, o pensamento e a palavra para pensarem certas coisas, e não outras, sobre o que são homens e mulheres”. A tomar pela forma como agiram com o filho/sobrinho, parece que Raul e o pai do garoto compartilham desse entendimento de Almeida. Frederico endossa a importância da família na constituição das identidades ao afirmar que “o primeiro lugar onde a sociedade muda é no seio da família porque dependendo da forma como você educa seu filho, você já está pensando em um tipo de sociedade que, pra você, seria a ideal” (GF – Sessão 2).

Já Caetano, reconhece a participação da instituição familiar na constituição de suas masculinidades, principalmente quando crianças e adolescentes, porém, a ideia de “prática irrefletida” na infância, citada por Almeida (1995, p. 157), ocorreria somente enquanto o contato com o meio social externo à família é minorado, o que deixará de ocorrer quando do ingresso na escola, por exemplo.

Caetano: Família influencia um pouco [na constituição da masculinidade], principalmente quando você não tem uma bagagem muito grande. Experiência do lado de fora influencia bastante. Enquanto é criança, e não tem muito contato com o mundo fora de casa, é mais fácil controlar. Mas quando entra na escola, conhece outras pessoas, aí fica mais difícil. (GF – Sessão 1)

A estrutura de gênero é resultado de um trabalho contínuo e histórico de reprodução composto por combinações sucessivas e mecanismos estruturais e de estratégias perpetuados por um sistema de agentes e instituições. Na sociedade patriarcal, esse trabalho constante tem como finalidade a diferenciação de homens e mulheres e, por conseguinte, de masculinidades e feminilidades (BOURDIEU, 2012, p. 101-103).

Graças ao efeito conjugado dos sistemas simbólicos atuantes sobre a educação e as identificações, o processo de aprendizagem das modalidades corporais, embora mais intenso na infância e na adolescência, perdura desde o nascimento e por toda a existência, sendo ressignificado conforme as configurações socioculturais manifestas perante os estilos, papéis e comportamentos que convêm ao sujeito assimilar em cada contexto vivenciado (LE BRETON, 2007, p. 9).

Na infância, o ambiente familiar é o principal espaço de assimilação das características de determinado círculo social. Essa instituição é uma das unidades em que a dominação masculina se expressa de modo mais indiscutível. Porém, o “princípio de perpetuação das relações de força materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora desta unidade” (BOURDIEU, 2012, p. 138).

Na idade adulta, outros mecanismos e instituições são articulados no processo aprendizagem das potencialidades e limites da corporeidade. Nesse sentido, o indivíduo se encontra em constante socialização da experiência corporal uma vez que interage com outros sujeitos e, por conseguinte, assimila novos valores (LE BRETON, 2007, p. 8).

Sobre a aprendizagem de gênero, Connell e Pearse (2017, p. 198) dizem que, em vez de “internalizar os padrões de gênero de seus pais, um jovem pode

veementemente rejeitá-los, criticar sua inadequação política ou humana e lançar-se à busca de algo diferente”. Esse algo diferente, na visão de Caetano e Simões Júnior, comporia, ao lado das práticas familiares, as experiências vividas pelos sujeitos em outros âmbitos, como a convivência com pares e o acesso às informações transmitidas e produzidas pelos meios de comunicação de massa.

Frente a essas possibilidades de influência de elementos externos à família, os jogadores citados consideram fundamental o posicionamento e ação desta na educação dos filhos. Para tanto, a estratégia a ser utilizada pelos pais deve, segundo os jogadores, ser o diálogo, em detrimento de uma autocracia:

Caetano: Contrariar uma pessoa é a pior forma de cuidar, ensinar, porque ela vai ter acesso à mídia, a todo tipo de informação. A partir do momento que você contraria, nega, pune, essa pessoa vai buscar fora informações sobre o porquê de estar sendo contrariada, punida, negada. Foi negada uma parte que ela poderia ter ganho com os pais ou responsáveis. E isso prejudica muito porque, de certa forma, ela não vai ter uma assessoria blindada pra determinados conteúdos. Eu acho que o mais prático seria conversar. A pessoa pergunta “O que é isso?”, você explica, diz suas opiniões, e ela vai atrás de mais informações fora, com o tempo, mas já com as informações da família. E ela volta pra família. O laço fica mais forte.

Simões Júnior: Criar filhos presos é a mesma coisa. Se você prender, ele vai procurar fora. Escondido.

Sérgio: O mundo ficou mais liberal, mas ainda existe muita família tradicional. Uma professora de Filosofia, um dia, falou que tinha uma aluna que a família era Testemunha de Jeová – tem quem diga que é seita. Essa menina era lésbica, e os pais não aceitavam. Ela sempre viveu aquela angústia, até que chegou ao ponto de ter depressão. Aí, a professora viu uma mensagem dela pedindo ajuda. Só que já era tarde. A menina tinha se matado. Aí, fica aquela questão: até que ponto você repreender a pessoa é normal? Porque quando você oprime a pessoa, vai ter duas consequências: ou ela vai sair doida por aí fazendo o que quer com quem quer, ou, ela vai, tipo, implodir, começar a ter depressão. Isso de qualquer forma vai afetar a vida emocional dela. (GF – Sessão 1)

Caetano, de uma forma muito sutil, detalha uma estratégia de disciplinarização – usando o termo de Foucault – do corpo através da educação familiar, principalmente quando compara a família a uma “assessoria blindada”. Poder-se-ia, nesse caso, definir a educação familiar como um dispositivo de educação do corpo e das masculinidades.

Para compreender a atuação da família na constituição das masculinidades, recorreremos a Foucault, cuja abordagem rompeu com as teorias biologicistas e a-históricas, e descreve os regimes e dispositivos utilizados na construção do corpo e

de suas experiências. Sobre o investimento em torno do que Foucault (2011, p. 80) chama de disciplinarização, o autor afirma que o controle sobre os indivíduos “não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. [...] O corpo é uma realidade biopolítica”.

Foucault (1999b, p. 118) destaca o corpo como mergulhado em um campo político em que tecnologias de poder, que perpassam todas as relações sociais, impõem-lhe limitações, proibições e obrigações. Porém, o autor ressalva que as imposições sobre os corpos não necessariamente ocorrem sob a forma de violência. A estratégia sugerida por Caetano adota o diálogo como mecanismo de educação dos corpos na família. Com base nos estudos de Foucault, relação de violência e relação de poder podem ser assim diferenciadas:

Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo, senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que ‘o outro’ (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 243)

Corroborando a teoria de Foucault sobre a forma insidiosa como os corpos são disciplinados o fato de, somente quando passou a conviver com pessoas externas à sua família, Sérgio ter percebido a relevância desse núcleo para com a constituição de sua masculinidade e passado a questionar seus valores e ensinamentos quanto a gênero.

Como meu pai sempre foi crente e militar, eu sempre fui muito naquele padrão. Eu tinha contato só com os meus primos, não tinha amigos de fora da família. Depois que eu mudei pra Teresina, eu comecei a ter contato com pessoas de fora e comecei a perceber as coisas de forma diferente. (GF – Sessão 1)

Tecnologias de poder propiciam a organização do corpo no espaço que habita e na relação com os objetos e com outros corpos que o rodeiam. As relações de poder têm alcance imediato sobre o corpo; “elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1999b, p. 25).

Por outro lado, a constituição das masculinidades não pode ser lida como essencialmente um evento de identificação, ou de aprendizagem de papéis sexuais, quando os jogadores participantes reconhecem a existência de distintos e diversos signos e significados de masculinidade no meio. Há uma apropriação ativa do que é oferecido, uma construção proposital de um modo de ser no mundo (CONNELL, 2005, p. 122).

Colocando em evidência a experiência vivida, Beauvoir (1967, p. 21) afirma que o comportamento padrão destinado a homens e mulheres “é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade”. Discordamos dessa colocação da autora e reconhecemos que os processos educacionais – ou a administração de tecnologias de poder, utilizando os termos foucaultianos – não suprimem de fato o corpo. Como diz Le Breton (2007, p. 18-19), “o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico”.

Por envolver práticas reflexivas do corpo em que este é agente e objeto da prática, o gênero tem efeitos no nível do corpo e das relações sociais (CONNELL, 2005, p. 248). Em diversas situações relatadas pelos jogadores ou observadas, pode-se verificar a atuação da família em direção aos efeitos corporais das masculinidades. O direcionamento corpóreo mais citado pelos jogadores está relacionado ao uso de procedimentos estéticos antes – e por alguns, ainda – vistos como femininos.

Nos últimos anos, o homem vem recebendo atenção especial da indústria de cosméticos, com lançamento de linhas para cuidados da pele, do cabelo e da barba. Um exemplo desse movimento é a intensa propagação de barbearias nos últimos anos. Segundo a *Euromonitor International*, o mercado brasileiro de produtos masculinos é o segundo maior do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Em cinco anos, as vendas de produtos de cuidados pessoais masculinos cresceram 70% no Brasil, indo de R\$ 11,66 bilhões, em 2012, para R\$ 19,8 bilhões, em 2017, com destaque para perfumes, desodorantes e itens para barba, banho e pele específicos para homens. A previsão da agência até 2021 é que a América Latina lidere o crescimento global do segmento – e o ritmo de expansão do Brasil será acima da média da região (ABIHPEC/SEBRAE, 2018, p. 10, 26).

Os resultados acima expostos são decorrentes das mudanças de comportamento e imagem corporal, do homem consumidor brasileiro, que vem

apresentando crescente interesse por produtos específicos para os cuidados pessoais. Pesquisa realizada pela *Minds & Hearts*, em 2016, com 414 homens brasileiros de 16 a 59 anos de idade, identificou que “45% dos entrevistados disseram que buscam frequentemente informações sobre cosméticos e tratamentos masculinos na internet ou em outros meios” (ABIHPEC/SEBRAE, 2018, p. 26).

Na primeira sessão grupo focal, mostrou-se aos jogadores matéria da GQ intitulada “Você repaginado”, que versava sobre os cosméticos, tratamentos estéticos corporais e tendências fitness para homens (LEÃO, 2017). Questionou-se aos jogadores quais, dentre os produtos citados na matéria, eles utilizavam regularmente.

Jonas, por questão de higiene, realiza procedimentos estéticos de depilação de peito e pernas. Ele também citou estar ansioso fazer uso de xampu e loção hidratante para barba, similares aos citados na matéria, pois isso significará que sua barba cresceu – até a data dessa sessão, praticamente não havia pelos em seu rosto. Sérgio, por questões estéticas, realiza depilação de peito, limpeza de pele e utiliza xampu e loção para barba, que ele afirma ser a parte de seu corpo que mais recebe cuidados. Simões Júnior faz depilação das pernas, limpeza de pele, manicure e pedicure. Jean faz design de sobrancelhas, depilação de peito e pensa em fazer aplicação de Botox no rosto para reduzir as marcas de expressão causadas pela incidência de raios solares a que, desde criança, ficou exposto, quando começou a trabalhar para ajudar no sustento da família. Frederico e Caetano fazem manicure e pedicure.

A família de Simões Júnior não impõe entraves a que ele faça usos dos procedimentos estéticos e cosméticos citados.

Simões Júnior: Na minha casa tá tudo certo. Eu moro com minhas irmãs e minha mãe. Elas fazem é me incentivar a fazer as unhas, limpeza de pele. É como eu disse: são cuidados básicos com o corpo. Meu pai também nunca se incomodou com isso. (GF – Sessão 1)

Já as famílias de Sérgio e Jonas, veem esses procedimentos realizados pelos jogadores como inadequados para homens.

Mediadora: Alguém te tratou ou trata de forma diferente em razão do seu hábito de se depilar?

Sérgio: Meu pai. Ele fala assim: ‘Isso aí, [depilação], não é coisa de homem, não’. Ele fala que é pra eu tirar a barba. Aí eu fico assim: ‘não é pra eu depilar, mas é pra tirar a barba’?

Jonas: É igual à minha mãe. Meu pai não fala nada porque não olha pras minhas pernas, mas no dia que ele 'ver', começa a cismar também. (GF – Sessão 1)

Tendo em vista ser por meio do corpo que o sujeito vive, sente e age, o primeiro é “um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2009, p. 15). No processo de constituição e reconhecimento em uma identidade, inclusive a masculina, devem ser respondidos tanto os aspectos individuais do sujeito, quanto as interpelações socioculturais coletivas. Os valores grupais são associados a marcas que os corpos precisam ter para serem identificados pelos outros e por si como pertencentes àquele ou outro grupo (LOURO, 2018).

De acordo com relatos de Sérgio e Jonas, suas famílias defendem que homens não devem investir em procedimentos e produtos estéticos, como os que eles utilizam, pois estes os aproximam da fragilidade e delicadeza, apreciadas somente em mulheres. A imagem do homem deveria, conforme as famílias dos jogadores citados, transparecer rudeza, resistência e virilidade. Essa divisão do mundo em feminino e masculino foi também verificada por Almeida (1995) em pesquisa etnográfica sobre masculinidades no vilarejo de Pardais, em Portugal. Porém, conforme o autor e como se pode verificar junto aos jogadores participantes, o sistema simbólico da masculinidade não pode ser resumido à oposição ao feminino, mas como “resultado de um ‘pacto social’ feito com a feminilidade dos homens”, mesmo que esta seja canalizada, contida e regularizada (ALMEIDA, 1995, p. 365).

Na prática do cotidiano, as coisas não são tão rígidas: masculinidade e feminilidade são vividas enquanto conjuntos de qualidades que podem verificar-se no campo sexual oposto. Assim é reconhecido que um homem pode ter certos comportamentos, emoções ou atividades ‘femininas’ e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que remeteria para a anormalidade (ALMEIDA, 1995, p. 36).

Entende-se, logo, que o corpo é afetado por processos e agentes sociais, como a família, e a partir de sua aparência, os sujeitos são classificados, hierarquizados e definidos por meio da incorporação de marcas de poder que atendam aos padrões e referências culturais contextuais (LOURO, 2004, p. 75).

Uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes produz referências que fazem sentido no interior da cultura e que definem (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito. A marcação pode ser simbólica

ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de um piercing, por uma tatuagem, por uma musculação 'trabalhada', pela implantação de uma prótese... O que importa é que ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material. Ela poderá permitir que o sujeito seja **reconhecido como pertencendo a determinada identidade**; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que **seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado**. (LOURO, 2004, p. 83-84, grifos nossos)

Entretanto, o corpo não é somente objeto no processo de constituição das identidades. Concomitante à interpelação do sujeito por valores sociais coletivos, inscreve-se a atribuição de diferenças. É o que se observa no ato de resistência de Sérgio e Jonas, ao não cessarem o uso de procedimentos e produtos com fins estéticos não acolhidos por suas famílias.

Sérgio: Eu tô fora dessa influência, porque se dependesse lá de casa [gesticula em sinal de negação]. Sempre questionei as coisas. Tipo, sempre tive muita amizade feminina. Aí, meu pai falava 'Sérgio tem um monte de amiga. Eu, quando era novo, não tinha essas amizades com mulher'. Não que ele seja ignorante. É a maneira como ele cresceu. No tempo dele era assim. Eu nunca tive uma coisa como modelo. Sempre fui pegando várias coisas diferentes.
Simões Júnior: Várias experiências, né. (GF – Sessão 1)

O trabalho de constituição das masculinidades é garantido, entre outras instituições, pela família, que orquestrada a outras instituições e estruturas, age sobre os regimes de gênero e as identidades, as quais "são as posições que o sujeito é obrigado a assumir", são representações construídas a partir do lugar do Outro (HALL, 2009, p. 112). Porém, o reconhecimento do Outro se dará a partir do lugar social ocupado pelo Eu, ou seja, do ordenamento de atributos e significados de referência deste. Esses atributos/significados não necessariamente serão compartilhados pelo Eu e, deste modo, as identidades não serão similares aos processos de sujeito nelas investidos (LOURO, 2018, p. 17-18).

3.3. O trabalho generificado e os padrões corporais masculinos

Primeiro, uma breve descrição da situação ocupacional, à época, dos jogadores a serem citados neste subcapítulo. Caetano é bombeiro militar; Jean é instrutor de academia; Raul é auxiliar de produção; Rafael estava desempregado durante quase

todo o período de produção de dados e informações, ocupando no último mês de pesquisa vaga de segurança em uma empresa do ramo; Frederico e Sérgio são estudantes de graduação.

As relações de gênero envolvem diferentes esferas de prática, dentre as quais o trabalho, que “tem sido utilizado pelos homens para reduzir a visão crítica sobre eles mesmos, reproduzir os valores patriarcais, alimentar as disputas e os jogos de poder” (NOLASCO, 1993, p. 56).

Na sociedade capitalista há uma divisão entre: a) trabalho – mundo do trabalho remunerado e da produção para os mercados; definido como universo dos homens e; b) casa – mundo do trabalho não remunerado; definida como universo das mulheres. Tão importante quanto as noções de masculinidade e feminilidade presentes nessa divisão, é o fato de que o trabalho doméstico e o trabalho remunerado são realizados em distintas relações sociais e, por isso, têm diferentes significados culturais. Enquanto na economia, o trabalho é comprado e vendido e seu produto, colocado em um mercado operado sob a lógica do lucro, na casa, o trabalho é feito por amor ou dever mútuo; e seu produto é operado sob a lógica da troca de dádivas. Dessas diferenças estruturais entre trabalho doméstico e trabalho remunerado, fluem experiências distintas para homens e mulheres, e ideias sobre a diferente natureza destes. “Essa não é exatamente uma distinção entre produção e consumo”, pois “o consumo doméstico requer trabalho tanto quanto a produção fabril” (CONNEL; PEARSE, 2017, p. 166).

Segundo Albuquerque Jr. (2014, p. 110) as famílias, incluindo as mulheres, “repetem insistentemente o que é coisa de homem e o que não é, o que é coisa de mulher ou de maricas, de veado”. Nesse sentido, Frederico fez o seguinte relato sobre a contribuição de sua família – restrita à avó – na constituição de sua identidade:

Frederico: Eu sou cria da minha avó. Minha avó é muito racista, muito machista. É a típica ... não sei nem como definir. [...] ela é muito machista, muito racista. Eu lembro que uma vez eu pedi pra ela me ensinar a fazer carne moída e ela disse que eu não precisaria aprender porque ia ter quem cozinhasse pra mim.

Mediadora: Quem iria cozinhar pra você?

Frederico: Uma mulher (risos). (GF – Sessão 1)

Em um programa social de percepção incorporada, atribui-se às diferenças anatômicas e biológicas entre os corpos masculino e feminino um simbolismo, ao mesmo tempo, convencional e motivado que lhes fará serem percebidas como

justificativas naturais da diferença socialmente construída entre os gêneros. O corpo e seus movimentos, deste modo, são construídos como realidades sexuadas e depositários de princípios de visão e de divisão sexualizantes enraizados na relação arbitrária e circular de dominação dos homens sobre as mulheres, que, a partir da divisão sexual do trabalho, constituem toda uma ordem social (BOURDIEU, 2012, p. 18, 20).

As relações sociais de dominação e exploração entre os gêneros estão simultaneamente inscritas “na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas” (BOURDIEU, 2012, p. 20). A classificação de todas as coisas e práticas segundo uma oposição entre masculino e feminino leva à percepção que:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, veem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira, e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes (BOURDIEU, 2012, p. 41).

Para a avó de Frederico, ser homem significa, entre outros, afastar-se do trabalho doméstico. Há, nesse caso, segundo Albuquerque Júnior, (2014, p. 111) um processo de formação social e subjetiva no qual o homem tem que aprender que tarefas domésticas são serviços de mulher, pois possuem segredos e mistérios aos quais só ela tem acesso: as mulheres “ainda portariam o segredo do fogo”. Ressalva-se que a avó de Frederico o expõe a definições da masculinidade hegemônica, mas não duvida de capacidade para cozinhar; na verdade, ela julga essa atividade como não adequada para homens.

A generificação do trabalho é verificável na estrutura produtiva brasileira, em que a taxa de realização de tarefas domésticas em domicílio próprio/de parente era 92,2% para as mulheres e 78,2% para os homens, e a de cuidados de moradores ou parentes não moradores, 37% e 26,1%, respectivamente. Nesse contexto, as

mulheres dedicam a essas atividades, em média, 21,3 horas/semana, enquanto os homens, 10,9 horas (IBGE, 2019a, p. 32).

Por outro lado, tem-se a família de Jean, que, segundo ele, sempre prezou pela partilha da carga do trabalho doméstico entre homens e mulheres.

Jean: Meus pais sempre me mostraram como eu deveria me comportar. Sempre me disseram: ‘Respeite as mulheres. Não grite, não bata, não fale besteira. E não pense que ela é sua empregada’ [risos]. Lá em casa, meus pais iam trabalhar, ‘ficava’ e eu mais quatro [dois irmãos ainda não haviam nascido]. Dois eram pequenos, não faziam nada. Os outros três, eu, um irmão e minha irmã, se dividia pra arrumar a casa, limpar, lavar as coisas. E não tinha isso de ‘Ah, ela vai lavar a roupa e cozinhar, e eu vou limpar o quintal’. Não, cansei de lavar roupa lá em casa. Eu não cozinho muito bem, não. Então, meu irmão ficava com essa parte. Minha irmã ia varrer. (GF – Sessão 1)

Jean acrescenta existirem diferenças biológicas entre corpos de homens e mulheres, mas estas se fariam determinantes somente em situações de máximas performances corpóreas, como nas práticas esportivas. Para ilustrar, citou sua mãe:

Jean: A divisão do trabalho vai depender da interpretação da pessoa. Minha mãe, por exemplo, faz serviço que muito homem não faz. Ela cava poço, faz carvão, trabalha de servente de pedreiro. E é uma mulher. Tem a produção hormonal de uma mulher, e isso nunca a limitou. Ela nunca disse: “Porque sou mulher, eu vou ficar dentro de casa, cuidar das crianças, fazer a comida, limpar a casa”. Tem muito isso por aí. A minha fugiu à regra. E tá é certa [risos]. (GF – Sessão 1)

A família de Jean contrapõe os valores de masculinidade defendidos pela de Frederico. Isso demonstra a diversidade de configurações de masculinidades possíveis. A família patriarcal convive em um mesmo contexto histórico-regional com a família que não demarca tarefas domésticas a partir de marcas da masculinidade hegemônica.

No entanto, conforme Connell e Pearse (2017, p. 166), a “divisão do trabalho é apenas parte de um padrão maior”. Atualmente, reconhece-se a importância da força de trabalho da mulher, porém, os homens são maioria no trabalho formal e mais bem remunerado, pois os regimes de gênero das grandes corporações e mercados globais permitem o uso generificado do trabalho e de seus produtos.

As consequências econômicas da divisão generificada do trabalho podem ser frequentemente visualizadas em termos de discriminação salarial. Segundo dados do IBGE (2019a, p. 27), no balanço geral, em 2018, os homens ganhavam, em média, 27,1% mais que as mulheres. Sérgio justificou a diferença salarial da seguinte forma:

Sérgio: Sobre a questão da maioria das mulheres ganhar menos (do que os homens). Eu vi, em algum lugar, que 90% das mulheres que têm em média 30 anos, que não casaram e não tiveram filhos, ganha mais do que os homens de 30 anos que não casaram ou têm filhos. O problema delas ganhar menos é que a maioria se casa, tem filho e, aí, tem as responsabilidades. Não tem tempo pra se dedicar ao trabalho, e acaba não se desenvolvendo tanto. As que se dedicam, se desenvolvem. Mas isso não é culpa nossa, culpa do homem. E o movimento feminista joga toda a culpa na gente [homens]. (GF – Sessão 1)

A colocação de Sérgio evoca um aspecto paradoxal do gênero reconhecido pela ideia de corporificação social. O amparo biológico, revestido pela linguagem científica, utilizado pelo jogador como argumento natural para fundamentar as distintas posições e tratamentos designados ao homem e à mulher acaba, em uma visão essencialista, segundo Louro (2003, p, 20) “por ter um caráter de argumento final, irrecorrível” e “a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender – e justificar – a desigualdade social”. No entanto, não são naturais os padrões impostos pelas regras fixas de gênero. Na verdade, seria reducionista afirmar a diferença sexual como fator preponderante à caracterização e hierarquização de gênero. O gênero se alicerça, pois, sobre as diferenças biológicas entre os sexos, mas não se reduz a elas, pois as práticas sociais atribuem significados às diferenças sexuais biológicas e as atrelam aos campos social, cultural e político, legitimando as relações hierarquizadas entre os sujeitos.

Segundo Connell e Pearse (2017, p. 117), muitos “processos de gênero envolvem processos corporais e capacidades que não são, em si mesmos, diferenciados por gênero, sendo, de fato, capacidades comuns a mulheres e homens”. Para exemplificar a corporificação social, cita-se a capacidade de trabalho em uma economia industrial, cujas diferenças de gênero, adviriam de treinamento, tratamento da gravidez como deficiência ou mesmo por conta de determinado desenho generificado dos equipamentos de trabalho.

Sérgio naturaliza o afastamento dos homens do trabalho doméstico e de cuidados e a diferença salarial para com as mulheres, corroborando a percepção de que “os pais sejam responsáveis por tomar decisões e ganhar o pão, consumindo os serviços prestados pelas mulheres e representando a família fora de casa” (CONNELL; PEARSE; 2017, p. 33). O jogador realiza um esforço semântico para eximir o homem da responsabilidade pela menor possibilidade de progressão de carreira das mulheres, e para isso, culpabiliza-as ao criar uma polarização entre ser

mãe e ser uma profissional bem sucedida, ignorando que a apropriação generificada dos produtos do trabalho realizado por mulheres e homens também pode ser vista nas melhores condições e perspectivas de carreira ofertadas, em geral, aos homens.

O gênero, característica estrutural da vida corporativa, “molda as definições de funções, as compreensões sobre ‘mérito’ e promoções, as técnicas de gerenciamento e administração, o *marketing* e muito mais” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 254). Dessa forma, não é um acidente estatístico, mas parte da construção social da masculinidade, que são os homens e não as mulheres que controlam as principais corporações e grandes fortunas privadas (CONNELL, 1997, p. 37).

Após fala de Sérgio, Caetano, afirmou: “Se eu e uma mulher temos os mesmos cargos e exercemos as mesmas funções, os salários têm que ser iguais, independente de alguém ter filho ou ser casado” (GF – Sessão 1). Sérgio, então, argumentou:

Sérgio: O homem não é superior à mulher, mas é diferente. Têm coisas que são diferentes por natureza, questões biológicas, mas outras, não, tipo, capacidade mental, habilidade profissional. As pessoas têm mania de discriminar. Vê uma mulher policial, ou pedreira, e, inconscientemente, já não bota fé. Eu não acho isso certo. Eu sou a favor da igualdade. [...] As pessoas deviam parar de ver como homem e mulher, e ver como pessoas. Independente de ser homem ou mulher, são pessoas. O que vai falar mais alto no trabalho pra mim, se eu fosse o chefe, seria o currículo da pessoa, o desempenho, e não se é mulher ou homem. (GF – Sessão 1)

Nessa nova fala, Sérgio não retificou o que disse anteriormente. Ele, se chefe fosse, avaliaria o currículo de seus funcionários como critério para contratações e promoções. Ocorre que, em sua fala anterior, o próprio jogador lança luz sobre as dificuldades das mulheres em realizar cursos de qualificação profissional em razão das suas “responsabilidades” após casar e ter filhos. Sérgio chama atenção para meritocracia no trabalho, mas ignora que essa política organizacional exige primariamente que os sujeitos envolvidos estejam em igual patamar de oportunidades, o que não ocorre, segundo o próprio jogador. No tópico sobre educação escolar falaremos mais sobre isso.

Na masculinidade hegemônica, ao lado da ideia da mulher como mantenedora do cuidado do lar, do marido e das crianças, há a percepção do homem como responsável pelo sustento financeiro da família e, por isso, o chefe da casa. Jean pontua que há uma pressão, inclusive das mulheres, para que os homens se responsabilizem por “colocar as coisas dentro de casa” (GF – Sessão 1).

A concepção do homem provedor também foi verificada durante um treino da equipe masculina adulta. No intervalo de treino, Edgar comentou ter encontrado, na semana anterior, um amigo acompanhado de uma mulher em um condomínio de luxo na cidade e, assim, descoberto que ele estava em um novo relacionamento amoroso. Rindo, o jogador disse: "É um gigolô. Troca toda hora de mulher e só procura as 'véa' rica" (DC 2002). Ao fim do treino, Edgar, que até aquele momento não havia mencionado o nome do amigo, pergunta a Frederico: "E aí, vai ver a coroa hoje?". Frederico responde: "Se eu tivesse uma coroa, não teria vindo de carona contigo".

A associação do homem à posição de chefe da família sofre pressão no contexto de desemprego estrutural, que é, agora, uma realidade para parte considerável da classe trabalhadora, especialmente os jovens (CONNELL, 2005, p. 90). O jogador Rafael demonstrou preocupação com essa situação. Desempregado e com o primeiro filho prestes a nascer, Rafael comentou sobre oportunidade de emprego como atleta que havia perdido meses atrás. Rafael recebeu propostas para jogar em times de *rugby* de Portugal e da Argentina, mas não aceitou e, agora, lamentava-se, pois o salário proposto seria suficiente para sustentar seu filho, mesmo que tivessem que viver em países diferentes: "O menino nem nasceu e já tá passando necessidade" (DC 1405).

Rafael não comentou a razão para declinar do convite, mas Raul, que estava presente na conversa, disse acreditar que ele não sentiu segurança na proposta feita. Conforme o jogador, Rafael recebeu os convites no período em que realizou um intercâmbio com um time paulista, porém, por se tratar de um acordo apalavrado, sem contrato ou quaisquer documentos que o resguardassem financeiramente durante o período em outro país, decidiu por recusar. Aliado a isso, residir em um local onde não possuía família, ou sequer amigos, parece ter contribuído para a resposta negativa do jogador. Disse Raul: "A gente já viu caso de gente, até em outros esportes, que sai de sua terra pra jogar em outra, e lá vê que a proposta não era tudo que tinham falado. Passam necessidade em outro país. Ele não sentiu firmeza nos caras" (DC 1405).

Quando questionado se não seria conveniente a realização de um chá de bebê, Rafael foi direto: "Não, não precisa. Tá todo mundo em crise" (DC 1405). Raul insiste que poderia ser realizada uma compra coletiva, de modo que os custos seriam baixos para todos os jogadores/as, diz que Rafael estava sendo orgulhoso e, quando este se afasta, emenda: "Ele só é grande, mas é um meninão ainda". Um mês depois dessa

conversa, o chá de bebê foi realizado após insistência dos jogadores/as das equipes adultas. Também em junho, Rafael conseguiu emprego em uma empresa de segurança privada e seu filho nasceu. Em razão da nova atividade laboral, o jogador teve de se afastar dos treinos de *rugby*, fazendo-se presente poucas vezes.

A situação de Rafael demonstra que o trabalho possui relevância para a sobrevivência física do homem e para sua sobrevivência social em um meio em que o valor do homem está vinculado à sua capacidade produtiva. Segundo Nolasco (1993, p. 58), a problemática existente nas relações de trabalho é semelhante àquela identificada como mundo subjetivo dos homens, uma vez que os valores do neocapitalismo – posse, poder, competição, valorização e busca de *status* social – definem também um “homem que não busca representar suas próprias necessidades”, mas suas necessidades de ambição. Nesse contexto, o trabalho estabelece com os homens uma relação de temor – que os leva a empenhar-se contra as ameaças em plano social (desemprego e perda do *status*) e em plano psíquico (crise de identidade) – e condenação – uma vez que o desejo de vencer de continuamente se superar, fará com que ele trabalhe sempre mais e melhor para que sua ambição seja mantida.

Pode-se verificar um componente paradoxal na masculinidade adotada por Rafael. A mãe do filho de Rafael também estava desempregada à época, mas ele não se opunha a que, após a licença maternidade, ela voltasse a buscar emprego; pelo contrário, segundo ele; “homem e mulher trabalhando é bom que ‘divide’ as contas e não sobrecarrega ninguém” (DC 1405). Percebe-se que: (i) há pontos de entrecruzamento entre as relações familiares e as relações de trabalho; (ii) as masculinidades podem ser constituídas a partir das configurações do campo do trabalho, entre outros agentes; (iii) e modificações nas masculinidades, causadas por crises em fatores e elementos (como a economia nacional e global) que afetem a ordem de gênero, podem levar a alterações nas configurações tradicionais de trabalho.

O motivo de vergonha para Rafael era a ameaça dele, como pai, não assumir nem mesmo a corresponsabilidade pelo sustento financeiro do filho. E mais, ter ciência de que seus amigos/as sabiam de sua situação financeira (daí sua resistência pela realização do chá de bebê sugerido pelos companheiros/as de time) elevava sobremaneira o constrangimento do jogador.

A masculinidade hegemônica é competitiva e hierarquizante. Por essa razão, incorpora em suas provas de honra e prestígio o espectro da feminização.

Tenta-se, na competição, feminilizar os outros: pelos gestos de convite sexual que transformam a vítima em 'mulher simbólica', pelas brincadeiras que envolvem o apalpar dos traseiros, ou mesmo pela competição monetária, já que a capacidade econômica se associa ao lugar na hierarquia social e esta socorre-se da metáfora da dicotomia masculino/feminino e ativo/passivo. (ALMEIDA, 1995, p. 125)

A capacidade econômica, citada por Almeida acima, é a prova de masculinidade que está sendo cobrada de Rafael. A masculinidade do jogador se afasta um pouco da masculinidade hegemônica, mas ainda transita ao seu redor, uma vez que ele se envolve em uma luta pela manutenção do reconhecimento de si perante aqueles que a defendem. Nesse sentido, ela apresenta uma relação de cumplicidade com a masculinidade hegemônica.

Muitos homens têm alguma conexão com o projeto normativo, mas na prática não incorpora rigorosamente a masculinidade hegemônica. Reconhece-se, então, uma relação de cumplicidade dos homens com traços do projeto hegemônico (CONNELL, 1997, p. 41). Baseando-se no conceito de Gramsci, Connell salienta que o termo hegemônico

[...] signifies a position of cultural authority and leadership, not total dominance; other forms of masculinity persist alongside. The hegemonic form need not be the most common form of masculinity. (This is familiar in school peer groups, for instance, where a small number of highly influential boys are admired by many others who cannot reproduce their performance.) Hegemonic masculinity is, however, highly visible. It is likely to be what casual commentators have noticed when they speak of 'the male role'. (CONNELL, 2002, p. 17)⁸

Com a intenção de se beneficiar do dividendo patriarcal, do conjunto de privilégios simbólicos e materiais da masculinidade hegemônica, mas com potencial de tensão e risco menor que aquela, um grupo de homens busca construir suas masculinidades de forma cúmplice. Em vez da dominação absoluta ou exibição brutal de autoridade, os homens detentores da masculinidade cúmplice não são violentos com as mulheres, colaboram nos afazeres domésticos, mantêm financeiramente a

⁸[...] significa uma posição de autoridade cultural e liderança, não dominância total. A forma hegemônica não precisa ser a forma mais comum de masculinidade. (Isso é familiar em grupos de pares escolares, por exemplo, onde um pequeno número de meninos altamente influentes é admirado por muitos outros que não conseguem reproduzir seu desempenho). A masculinidade hegemônica é, no entanto, altamente visível. (CONNELL, 2002, p. 17, tradução nossa)

família, e podem facilmente ser convencidos de que as feministas devem ser extremistas que queimam seus sutiãs (CONNELL, 1997, p. 41-42). No caso de Rafael, a masculinidade hegemônica defende que ele seja o provedor, enquanto a mãe da criança, deve ser a cuidadora da casa e do filho. Rafael propõe – em reconhecimento às suas baixas expectativas salariais –, o que exige, no mínimo, a participação ativa da mãe da criança no mercado de trabalho.

Jean acrescentou que a divisão do trabalho tem sofrido modificações, pois “tem mulher que trabalha e o homem fica cuidando da casa quando não tem emprego. Ele cuida das crianças, limpa a casa, lava tudo. Faz as funções que eram vistas como da mulher”. (GF- Sessão 1). Em estudo sobre as configurações de masculinidades discentes nas páginas de um jornal estudantil, Barduni Filho (2017) observou que a crise econômica afeta o lugar do trabalho e, indiretamente, as masculinidades ao destituir o homem do protagonismo provedor, uma das principais nuances da masculinidade hegemônica. O autor refere que os efeitos de uma crise econômica podem ser vistos por dois planos: por um lado, ela pode ser salutar, na medida em que, tendo em vista que a conjuntura econômica não mais é capaz de conceder à masculinidade hegemônica os mesmos privilégios que no passado, os homens ficam desobrigados de dela se aproximar dela, e isso sem perda de prestígio perante os outros indivíduos. Por outro lado, a crise pode levar à perda de poder e controle que determinados homens detinham; essa perda, quando mal assimilada, pode ter como subproduto o aumento de casos de violência contra a mulher⁹, além de depressão e suicídio entre os homens. Porém, fazemos uma ressalva a Barduni Filho, mudanças nos contextos socioeconômicos provocam alterações no cotidiano familiar e de trabalho como a que Jean citou. Entretanto, elas não necessariamente provocarão mudanças na ordem de gênero e nas configurações de práticas de masculinidades; o potencial de mudança dependerá da intensidade da crise, desde seu espaço temporal até seu impacto em distintos grupos sociais.

3.4. O controle estatal sobre as masculinidades

⁹Em tempos de crise sanitária (pandemia de Covid-19) e econômica no país e no mundo, faz-se obrigatório ressaltar que desemprego não é causa ou justificativa mecânica para atos de violência contra a mulher. Na masculinidade hegemônica, a submissão da mulher e o trabalho/emprego são vistos como fontes de prestígio e status para os homens. Quando a estabilidade financeira do homem que defende essa configuração de masculinidade sofre ranhuras, há um maior risco (e incidência) que ele se volte com muito mais ímpeto para o outro objeto que considera possuir e exercer poder direto: a mulher. É dessa noção de direito do homem de exercício direto de poder sobre o corpo da mulher que decorre grande número de casos de violência contra elas, independente de crise econômica.

Simões Júnior: Na ditadura tinha parâmetros pra você seguir: 'A pessoa tem que ser assim. Homem é assim. Cabelo de homem tem que ser assim'. Acredito que hoje não tem mais isso, não. O cara não vai pra um lado se não lhe fizer bem. (GF- Sessão 1)

Questionado sobre a participação do Estado na constituição de sua masculinidade, Simões Júnior, autor da sentença acima, crê que esta ocorra somente em estados totalitários, em que as liberdades de expressão são coagidas, ao máximo, na forma da lei e da opressão, como exemplifica Almeida (1995).

Para as mulheres, Küche, Kirche, Kinder (Cozinha, Igreja, Crianças). Esta conhecida frase alemã foi, como se sabe, pronunciada por Adolf Hitler. Representa talvez o grau máximo a que foi levada a opressão social das mulheres enquanto projeto político patriarcal conduzido pelo Estado. Muitos projetos políticos totalitários não fizeram mais do que pôr na letra da lei linhas de clivagem e desigualdade pré-existentes na prática. (ALMEIDA, 1995, p. 148)

Simões Júnior pontua a não passividade do sujeito frente a ações de agentes sociais sobre a constituição de sua identidade. Entretanto, se como Mauss (2003), entendermos o corpo como um fato social total, então, não é concebível falar em desprendimento completo do sujeito em relação aos agentes sociais.

O corpo está imbricado ao sistema biológico, que lhe garante a existência física, mas também aos sistemas psicológico e social que lhe possibilitam a existência em sociedade (MAUS, 2003). Corrobora essa concepção Le Breton (2007, p. 30), segundo o qual, quando possível, a designação do corpo revela um fato do imaginário social. Essa relação entre o corpo e o meio também é lembrada por Merleau-Ponty (1999, p. 253), que defende que a análise do corpo permite perceber a relação entre o individual e o coletivo, pois “é por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’”.

Foucault (2011) entende que o poder não é somente uma força que proíbe, coage ou reprime. Para o autor, o poder produz discursos e subjetividades. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. O poder não destrói o indivíduo; ao contrário, ele fabrica. Sendo uma rede, o poder não é localizável, não pertence a ninguém, mas se distribui.

O poder não está localizado no Estado, mas este faz uso de tecnologias biopolíticas cujos efeitos atingem o indivíduo e as populações. O biopoder é uma forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando, interpretando,

absorvendo e reformulando-a. Sua emergência coincide com a “entrada da vida na história” (CARVALHO, 2007, p. 155), isto é, entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder. Trata-se, assim, de uma interseção singular entre o saber científico e os aparatos de poder, haja vista as referências de normalidade, essenciais na eficácia dos dispositivos de poder, serem produtos da conjunção de diferentes saberes balizados por uma pretensa neutralidade científica (médicas, pedagógicas, psicológicas etc.). Os traços biológicos de uma população passam a ser percebidos como fatores passíveis de manipulação para um controle social mais efetivo, em contraposição à aleatoriedade que representam. Portanto, a vida se torna um objeto de poder, não só na medida em que seus processos são envolvidos por procedimentos de saber e poder que tentam controlá-los e modificá-los, sobretudo quando esse procedimento é retomado por cada um de seus membros, possibilitando, assim, o crescimento constante da utilidade dos corpos.

Também Bourdieu (2012) reflete sobre as fronteiras simbólicas de gênero, que demarcam a superioridade do homem sobre a mulher, do masculino sobre o feminino.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2012, p. 18)

Muitos, como Simões Júnior, acham difícil aceitar que o Estado seja substancialmente provido de gênero, e não apenas metaforicamente. Porém, o Estado constitui relações, categorias e regime de gênero; fomenta políticas públicas com efeitos de gênero; e, é alvo da política de gênero (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 259). Apesar de uma lenta e pequena mudança nos quadros, o Estado ainda é uma instituição masculina (CONNELL, 1997, p. 36). As práticas organizacionais do Estado são estruturadas em relação à arena reprodutiva, de modo a favorecer os homens.

The overwhelming majority of top office-holders are men because

there is a gender configuring of recruitment and promotion, a gender configuring of the internal division of labour and systems of control, a gender configuring of policymaking, practical routines, and ways of mobilizing pleasure and consent. (CONNELL, 2005, p. 73)¹⁰

Em geral, a defesa da ordem patriarcal não exige uma política expressa de masculinidade. Dado que homens representantes do ideal de masculinidade hegemônica administram o Estado, o projeto coletivo de dominância desse tipo particular de masculinidade se torna quase que invisível na estrutura, rotina e trabalho cotidiano dessa instituição, e, por essa razão, em geral, não é – nem necessita ser – diretamente tematizado. Em vez de usar os termos masculinidade ou gênero, fala-se diretamente à população em: segurança e soberania nacional, lucro corporativo, valores familiares, religião, liberdade e segurança individual, competitividade internacional, eficiência econômica e avanço da ciência (CONNELL, 2005, p. 212-213).

Øystein Holter, no livro *Can men do it? Men and gender equality – The nordic experience* (2003 apud CONNELL; PEARSE, 2017, p. 267), descreve que, na Escandinávia, há algumas gerações, havia uma nítida divisão generificada do trabalho. Atualmente, o país é um dos líderes globais de representação feminina na esfera pública e de homens heterossexuais na busca por igualdade de gênero. O Estado nessa mudança foi fundamental, por exemplo, ao prover apoio financeiro ao envolvimento dos homens pais no cuidado com as crianças, demonstrando que o fazer gênero é modificado quando a estrutura ao seu redor permite, e isso pode ocorrer, por exemplo, por meio de políticas públicas.

As mulheres têm sido parte cada vez maior da força de trabalho estatal, da administração, da produção de políticas públicas e mesmo da burocracia, como líderes políticas e chefes de governo – inclusive no Brasil (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 265). No entanto, Frederico ainda percebe a forte presença masculina no Estado brasileiro e as consequências desta e do regime de masculinidade daquela instituição. Segundo o jogador, os representantes do povo nos poderes Legislativo e Executivo – em sua grande maioria, “homens brancos e ricos” – não demonstram interesse em modificar a ordem de gênero que afeta negativamente a vida de homens brancos pobres, homens negros, mulheres brancas e mulheres negras: “Como em ‘O Príncipe,

¹⁰A esmagadora maioria dos altos cargos é composta por homens porque existe uma configuração de gênero de recrutamento e promoção, uma configuração de gênero da divisão interna de trabalho e sistemas de controle, uma configuração de gênero de formulação de políticas, rotinas práticas e formas de mobilizar prazer e consentimento. (CONNELL, 2005, p. 73, tradução nossa)

de Maquiavel, eles não vão ser bons a menos que precisem pra agradar o povo, pra se manter no cargo. Fingir ser bom, na verdade, não ser bom” (GF – Sessão 1). Frederico questiona: “Por que que um homem branco e rico vai decidir a vida de uma mulher negra na favela? Ou a vida de um homem negro? Ou a vida de um branco na favela?” (GF – Sessão 1).

O jogador supracitado afirma que mudanças nos regimes de masculinidades exigirão uma recomposição dos cargos políticos eletivos do Estado brasileiro, com o ingresso de maior número de mulheres e de homens com masculinidades distintas daquelas que hoje ocupam os cargos e se caracterizam como “racistas, elitistas, misóginos e representantes de uma tal família tradicional brasileira que põe o homem como todo poderoso e tem horror a homossexuais” (GF – Sessão 1). Um novo grupo de representantes, com mais diversidade, poderia produzir leis e campanhas favoráveis a uma ordem de gênero mais democrática, conforme o jogador.

3.4.1. As Forças Armadas e as Forças Militares

A tendência em organizações dominadas por homens de favorecer critérios e processos que os privilegiam e levam a uma ampla produção de desigualdades de gênero, pode ser verificada nas forças militares, onde homens controlam os meios de força (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 161).

Desde os anos 2000, percebe-se maior engajamento – comparado aos anos anteriores – quanto à promoção do ingresso de mulheres nas Forças Armadas do Brasil e sua chegada a postos de comando¹¹ antes restritos aos homens. Contudo, apesar dos avanços em direção à diversidade de gênero, em 2019, os homens ainda perfaziam, aproximadamente, 93% do efetivo militar brasileiro (BRASIL, 2019).

A exemplo das Forças Armadas, também no quadro de policiais e bombeiros militares (que aqui chamamos Forças Militares) há prevalência de homens. Em 2017,

¹¹Na Marinha, em novembro de 2012, a capitão-de-mar-e-guerra Dalva Maria Carvalho Mendes, tornou-se a primeira brasileira a alcançar o posto de oficial general das Forças Armadas. A Escola Naval recebeu sua primeira turma de mulheres em 2014, para a especialidade de intendência. Em 2019, as mulheres passaram a ter a possibilidade de ingressar no Corpo da Armada (CA) e no Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Escola Naval.

Na Força Aérea Brasileira (FAB), desde 2003, as mulheres podem entrar como aviadoras. A Aeronáutica é, atualmente, a força singular que registra a maior participação feminina em seus quadros - inclusive em postos da linha de frente do combate, como pilotos de caça.

No Exército, desde 2017, a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) passou a receber mulheres nas carreiras combatentes nos quadros de logística (intendência e material bélico). Em fevereiro de 2019, a AMAN deu início à formação de combate da primeira turma de cadetes com presença de mulheres. (BRASIL, 2019, s.p.)

edital de concurso público do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Piauí, visando provimento de cargo de Soldado BM (Bombeiro Militar), disponibilizou 10 vagas para mulheres e 100 para homens (90% do contingente total) (PIAUÍ, 2017).

Sobre a prevalência de homens, Caetano, bombeiro militar que declarou ser favorável à equalização de renda entre homens e mulheres, afirmou que a diferença no número de vagas ocorre em decorrência de diferenças biológicas que afetam o desempenho das mulheres em determinadas atividades e serviços.

Caetano: A maioria das vagas no serviço militar é para homens. Não que a mulher não consiga fazer o trabalho. Elas conseguem, e algumas são mais aptas do que os homens. Contudo, tem situações em que elas não conseguem agir como um homem. É questão de inteligência? Não, todas têm inteligência, mas na hora de agir as mulheres, às vezes, tem certo [faz sinal de aspas] bloqueio. Como assim? O período menstrual delas é um [bloqueio]. 'Eu estou sentindo forte cólica' [diz uma mulher militar]. Lá [no local de serviço] a gente respeita: 'Tudo bem. Fique no telefone e não vá hoje, porque isso vai lhe prejudicar'. Lá não pode haver três mulheres numa mesma ala, que é um dia de serviço, porque quando [a pessoa a ser socorrida] se trata de um homem paciente psiquiátrico, outros homens vão lidar melhor com a situação porque, geralmente, esse paciente anda pelado, batendo em todos. Ela já tem aquele preconceito de, por se tratar de um homem, não tentar resolver o problema, ainda mais quando se trata de um paciente psiquiátrico, que pouco se importa com quem conversa com ele. (GF – Sessão 1)

O bloqueio menstrual a que Caetano se refere diz respeito à variação nos níveis séricos dos hormônios sexuais femininos (estradiol e progesterona) durante o ciclo menstrual. Para Caetano, esse período seria marcado por maior sensibilidade dolorosa e carga emotiva nas mulheres, tornando-as frágeis e, assim, não permitindo, como o próprio diz, que elas ajam como um homem.

Um tema familiar à ideologia patriarcal e à cultura popular é que homens são racionais e mulheres, emocionais. Em parte, a masculinidade hegemônica funda sua hegemonia por sua intenção de incorporar o poder da razão e, assim, simbolizar os interesses da sociedade. Sendo assim, seria um equívoco alinhar diretamente a masculinidade hegemônica à prática de agressão física. É em decorrência dessa ideia de racionalidade superior do homem que, por exemplo, ciência e tecnologia, vistas pela ideologia dominante como os motores do progresso, são culturalmente definidas como um domínio masculino (CONNELL, 2005, p. 164).

Outra razão para a prevalência de homens no serviço militar seria, segundo Caetano, o maior nível de força e resistência física deles – outro bloqueio feminino.

Essa visão sobre uma superioridade natural do homem – e, por isso, não passível de questionamento – foi verbalizada por Caetano, mas é compartilhada pela corporação militar, como comprova edital de concurso público citado anteriormente. Consta em edital que, em todos os testes de aptidão física (flexão e extensão na barra fixa, abdominal, corrida de 12 minutos e natação), a marca mínima (distância ou repetições) a ser alcançada pelos homens candidatos é superior à das mulheres. Curiosamente, até a estatura mínima exigida para os homens (1,60m) é superior à das mulheres (1,55m).

Construídas como inatas ao corpo masculino, a força, a resistência física e a racionalidade fazem parte de uma série de disposições que naturalizam a hierarquia social de gênero e a dominância dos homens em determinadas atividades e ocupações. Conforme as informações concedidas por Caetano, no serviço militar, essa divisão de gênero é institucionalmente reproduzida por meio da restrição do acesso das mulheres a essa ocupação e, quando do ingresso destas na corporação, pela delegação de atividades com valoração distintas – homens vão para campo, mulheres ficam ao telefone. A valoração e prestígio social das corporações militares parecem estar assentados sob uma política institucional que supervaloriza o homem – em detrimento da mulher.

As influências de agentes sociais, institucionais e individuais são estruturadas pelo gênero, logo, arranjos de gênero não são mero efeito de propriedades anatômicas do corpo; eles “também precedem o corpo, formando as condições em que este se desenvolve e vive” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 93). Assim como o corpo – ou por ser corporificado –, o gênero se inscreve no plano sócio-histórico, pois sua construção engloba processos culturais e simbólicos associados à naturalização de determinados significados e sentidos, e da ocultação de outros. A esses significados e sentidos são atribuídos efeitos de verdade.

Para Foucault (2011), a verdade não existe separadamente do poder. Ela produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade constrói para si uma política geral de verdade, composta por: (i) tipos de discursos adotados como verdadeiros; (ii) mecanismos e instâncias que classificarão os enunciados como verdadeiros ou falsos; (iii) técnicas e procedimentos sancionados para a obtenção da verdade, e; (iv) o estatuto daqueles que têm a função de comunicar o que funciona como verdadeiro.

A economia política da verdade tem cinco características: (i) a verdade apresenta como eixo a forma do discurso científico e as instituições produtoras; (ii) é necessária tanto para a produção econômica, quanto para o poder político; (iii) é objeto de imensa difusão e consumo no corpo social; (iv) é objeto de lutas ideológicas, e; (v) é produzida e transmitida sob o controle hegemônico de grandes aparelhos políticos ou econômicos, entre os quais o Exército (FOUCAULT, 2011) e, aqui, acrescentaremos as demais forças militares.

A convergência entre Caetano e a corporação militar quanto à superioridade do homem em relação à mulher, entretanto, não significa que o jogador seja, apenas, produto desta. Fruto de uma complexa e instável construção simbólica, o corpo não se porta passivamente diante de uma série de parâmetros armazenáveis. Ele é mais do que uma determinação social, é uma “medida do mundo, uma rede jogada sobre a multidão de estímulos” por onde circulam inúmeros componentes, tanto condicionantes quanto libertários (LE BRETON, 2009, p. 190). Tributário dos sistemas simbólicos, cabe ao sujeito reter em sua rede corporal os mais significativos para si. A naturalização do discurso biológico como justificava para as diferenças entre os gêneros perde força graças à problematização das construções sociais do corpo/gênero. Desse modo, não há espaço para se afirmar que a norma militar tenha conformado Caetano, mas também se rejeita a ideia de que ele seja um sujeito onipotente.

Durante sua vida, o sujeito age sobre seu corpo e conseqüentemente sobre sua interpretação e atuação no meio social a partir também das orientações oriundas do processo educativo a que foi submetido (LE BRETON, 2009, p. 190). Porém, é importante lembrar que o gênero não é um recipiente passivo de uma cultura. A insatisfação com o meio é um fator de promoção de alterações nos corpos e no gênero. A mesma percepção sobre a construção social, histórica e cultural do corpo que elucida o processo educativo – ou disciplinador – ao qual este é submetido, também é a força motriz do movimento contrário a esse processo.

Masculinidades são produzidas na cultura, não se configurando como fixas. A partir da resignificação de valores, tradições, normas e costumes, a ideia de um padrão fixo de gênero é problematizada, trazendo, assim, aos sujeitos, a possibilidade de vivenciar masculinidades diversas à hegemônica.

Como dito anteriormente, avanços na política de gênero – definida como a luta para alterar ou resistir a alterações na ordem de gênero (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 181) – nas forças militares e armadas estão ocorrendo. Lentamente, mas estão ocorrendo. Porém, os comentários de Caetano e a existência, em todo o país, de editais como publicado pelo Governo do Piauí para ingresso em uma corporação militar alude a que as mudanças nas relações de gênero ali ocorridas respondem mais a uma pressão da sociedade, que vem cobrando ações concretas do Estado para modificações na ordem de gênero, do que a uma transformação nos modelos de masculinidade adotados pelas forças de segurança.

Quando se fala sobre gênero, fala-se das diferenças ou categorias fixadas, mas também “de relações, fronteiras, práticas, identidades e imagens ativamente criadas em processos sociais” e que, sujeitas a mudanças e lutas históricas, “moldam a vida das pessoas de maneira profunda e frequentemente contraditória” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 84).

Os valores de masculinidade defendidos pelas forças militares são materializados na aparência dos corpos de militares – como Caetano – mas também dos não militares que admiram – ou temem – a masculinidade adotada pela corporação. O regime de gênero militar ultrapassa as barreiras dessa instituição. Essa situação foi verbalizada por Sérgio quando referiu que, por ser militar, seu pai não aprovava que o filho – que não é militar e nem pretendia o ser – mantivesse a barba (GF – Sessão 1). Em outro momento, Tadeu, jogador da equipe juvenil, de 18 anos de idade, negro, chegou ao treino com um novo visual capilar, corte *undecut black* e *dreads* (DC 1504) (Figura 2). Ao ver o cabelo do colega, Vítor foi enfático: “Tu tá querendo ser preso com esse cabelo, né? Tem que fazer que nem o meu, cortezinho militar, bonitinho, certinho. Pedi semana passada pra minha madrinha cortar” (Figura 3). Tadeu respondeu apontando para a própria pele: “Se eu deixar curto, eles vão me prender do mesmo jeito” (DC 1504).



Figura 3 – Corte *undercut black*

Fonte: Pinterest, s.d.¹²

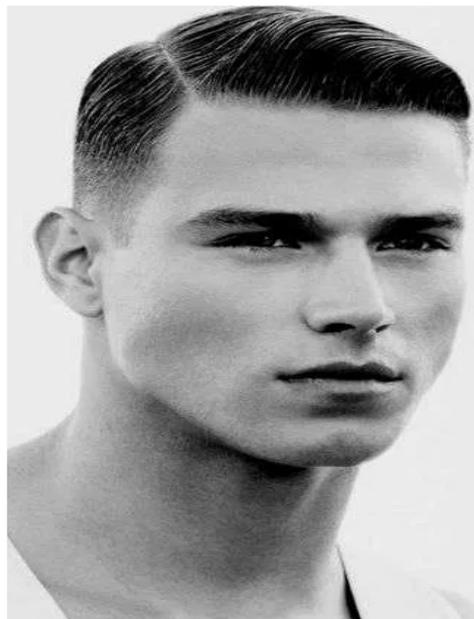


Figura 4 – Corte “militar” de Vítor.

Fonte: Homem no espelho, s.d.¹³

A imagem corporal dos jogadores revela aspectos de suas masculinidades. “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122). Nessa perspectiva, as transformações nas relações das pessoas entre si e com o mundo são evidenciadas, em primeiro nível no corpo. A existência é, primariamente, corporal, pois implica o movimento em determinado espaço e tempo e a reconfiguração social e cultural do meio através da atribuição de significados e valores. As representações e as simbolizações das pessoas estão sempre inseridas no corpo. “Quando mostramos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza ou com os outros, revelamos o que faz a carne” (LE BRETON, 2007, p. 26).

É no e por meio do corpo, imerso em um contexto social e cultural singular, que a pessoa se apresenta ao mundo, diferenciando-se do Outro e, ao mesmo tempo, buscando conectar-se a ele, inserir-se em grupos e tradições e ser reconhecido como sujeito (LE BRETON, 2007, p. 34). Conforme Batista (2005), o universo militar masculino é permeado por um aspecto conservador quanto à apresentação de seus membros. Perdura no imaginário coletivo dos militares:

¹² Extraído de: <https://www.homemnoespelho.com.br/os-cortes-de-cabelo-militar-que-nunca-saem-de-moda/>. Acesso em 25 fev. 2020

¹³ Extraído de: <https://br.pinterest.com/pin/31173422401651125/>. Acesso em 25 fev. 2020

Um masculino que se encontra longe de tudo que possa lembrar o universo feminino, associado aos signos de fraqueza, feminilidade e sensualidade passiva (brinco, cabelos longos etc.). Em uma outra perspectiva, percebe-se também a existência de aspectos que aproximam de uma ideia de higienização e disciplina do corpo, um cuidado de si, com a farda, com a barba, com o cabelo, mostrando-se sempre 'limpo', enfim, uma preocupação com a aparência. (BATISTA, 2005, p. 89)

Os corpos que adotam a masculinidade militar são, por um lado, uniformizados, mas por outro, eivados de signos de distinção quanto aos homens que se encontram na fronteira do que a masculinidade hegemônica considera como masculino ou feminino (BATISTA, 2005, p. 89). Vítor aparenta desejar reunir para si esses signos e, por isso, adota a imagem do militar – ou, ao menos, o corte de cabelo. Já Tadeu, o jogador negro com corte *undercut black*, resiste às imagens e definições vinculadas a essa masculinidade, e haja vista a resposta por ele dada a Vítor sobre seu visual, trata-se de um protesto à insistência institucional pela sua filiação a esse regime de gênero.

Peça chave no entendimento e na atuação ativa da pessoa em dado espaço sociocultural, o corpo, ao mesmo tempo em que diferencia, também é uma estrutura simbólica que compreende sentidos passíveis de unir diversas culturas. É pela corporeidade, arraigada de símbolos e signos componentes do imaginário coletivo e individual, que o sujeito transforma o mundo em uma extensão de si e de sua experiência, elaborando e vivenciando relações disponíveis à ação sócio-histórica e permeáveis à significação e compreensão (LE BRETON, 2007, p. 8).

A maioria das corporações – inclusive a militar – tem em comum a nomeação de características secundárias que, apesar de ausentes da definição oficial, são constitutivas de seu valor social. Percebe-se, que o regime organizacional e de funcionamento adotado pelas forças militares citadas por Caetano e Vítor, é voltado para o controle oficial e formal do ingresso de mulheres e pela produção de uma masculinidade – e de um corpo masculino – marcada pela racionalidade, resistência física, coragem e virilidade (significada como afastamento de comportamentos dito femininos). Essas propriedades funcionam como exigências tácitas que orientam as escolhas de cooptação, “desde a entrada na profissão e ao longo de toda a carreira, de modo que os membros da corporação desprovidos desses traços são excluídos ou enviados para posições marginais” (BOURDIEU, 2007, p. 98).

3.5. A educação escolar e as relações de gênero

Foi durante discussão sobre como enfrentar o “poder” do marido agressor que os jogadores citaram possíveis contribuições da escola na constituição de masculinidades. Frederico, Sérgio e Jean conduziram a discussão do tema. Perceberemos à frente que, apesar de todos serem da área de Licenciatura – os dois primeiros graduandos e, o último, já graduado –, apresentam distintas configurações de masculinidade.

Após tecer duras críticas à criação da “Lei do feminicídio”, Sérgio alegou que, para reduzir os casos de violência contra as mulheres:

Sérgio: A solução mais concreta, e mais demorada, seria investir na educação. Não na educação superior, mas no ensino básico porque a maioria dos caras que pratica feminicídio, que maltrata mulher, que comete violência doméstica, a maioria é do interior. É cara que não terminou o ensino fundamental. É esse pessoal. Tem, sim, casos de pessoa que tem nível alto e faz isso, mas é minoria. (GF – Sessão 1)

Jean discorda da relação, indicada por Sérgio, entre os níveis de violência contra a mulher e a escolaridade dos homens agressores. Oriundo de família de baixa renda e com pais com baixa escolaridade, o jogador pontua a “educação de casa” como prioritária na constituição das identidades e na prevenção de atos de violência.

Jean: Eu acho que a educação de casa influencia mais. Já vi uma menina falar: ‘Eu sou feminista porque eu vi meu pai fazer o que fez com a minha mãe. Meu pai ia pra rua beber, ficar com outras mulheres e ela ficava em casa, fazia comida, lavava a roupa, cuidava da gente e, no final de semana, ainda tinha que cuidar dele bêbado. Eu não quero passar pelo que a minha mãe passou. Então não vou deixar homem nenhum prevalecer em cima de mim’. (GF – Sessão 1)

Jean defende a educação familiar como aspecto primário na constituição das identidades, mas exemplifica usando o caso de uma feminista cuja família era composta por um pai alcoólatra e machista e uma mãe submissa. A experiência familiar pode – e, provavelmente – contribuiu para a constituição da identidade da feminista, entretanto, é improvável que esta não tenha vivido outras experiências, outros saberes, convivido em outras instituições e com pessoas com identidades

¹⁴[...] a masculinidade hegemônica incorpora uma estratégia comumente aceita. Quando as condições de resistência do patriarcado mudarem, a base para o domínio de uma masculinidade específica será corroída. Novos grupos podem questionar soluções antigas e construir uma nova hegemonia. A dominação de qualquer grupo de homens pode ser desafiada pelas mulheres. Portanto, a hegemonia é um relacionamento historicamente móvel. (CONNELL, 1997, p. 40, tradução nossa).

distintas daquelas adotadas pelos pais, até mesmo para conhecer o feminismo e até adotar sua ideologia política.

Quando confrontado por Sérgio e Frederico sobre o que fazer quando a família se cala perante casos de violência, compreendemos a posição adotada por Jean:

Sérgio: Mas como melhorar uma educação doméstica que já está enraizada? Se você for ver no Nordeste, nas cidades pequenas, é normal o cara ter uma rapariga. Tem a mulher e as raparigas dele. A educação doméstica que a maioria dos nordestinos tem é essa do homem como superior e que acha normal ter mulheres fora, e, até, bater nelas. Como que você vai mudar essa educação de casa se você não pode simplesmente entrar na casa da pessoa dizendo 'você não pode fazer isso e isso'?

Jean: Mas não sou eu quem vai dizer o que tem que ser feito. É a mulher da família que tem que se impor.

Frederico: E se ela foi criada nos termos do machismo? E avó dela foi criada. E a mãe da mãe da mãe dela foi criada.

Jean: Se ela 'ver' que aquilo ali é errado e ela não conseguir resolver, ela sai de casa. Pra mim, seria a solução. Se ela não quer bater de frente com o marido porque no Nordeste, como ele falou, é correto, ela não vai bater de frente. Ela não pode resolver. Sai de casa, pô. Procura um cara pra dar valor, poxa.

Sérgio: Mas nem todas tem coragem pra isso.

Frederico: A constituição diz que a educação é dever do Estado...

Jean: (interrompe Frederico) Direito de todos e dever do Estado. (GF – Sessão 1)

Sérgio enfatiza as possibilidades de mudanças nos regimes de masculinidades a partir das práticas educativas escolares. Segundo o jogador, a região Nordeste é assinalada por uma forma de masculinidade assentada sobre as relações sexuais heterossexuais, a violência doméstica e a superioridade do homem sobre a mulher. Para que a hegemonia de um regime de masculinidade seja estabelecida é preciso haver alguma correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional, coletivo, se não individual (CONNELL, 1995, p. 39-40).

[...] la masculinidad hegemónica encarna una estrategia corrientemente aceptada. Cuando cambien las condiciones de resistencia del patriarcado, estarán corroidas las bases para el dominio de una masculinidad particular. Grupos nuevos pueden cuestionar las viejas soluciones y construir una nueva hegemonía. La dominación de cualquier grupo de hombres puede ser desafiada por las mujeres. Entonces, la hegemonía es una relación históricamente móvil. (CONNELL, 1997, p. 40)¹⁴

¹⁴[...] a masculinidade hegemônica incorpora uma estratégia comumente aceita. Quando as condições de resistência do patriarcado mudarem, a base para o domínio de uma masculinidade específica será corroida. Novos grupos podem questionar soluções antigas e construir uma nova hegemonia. A dominação de qualquer grupo de homens pode ser desafiada pelas mulheres. Portanto, a hegemonia é um relacionamento historicamente móvel. (CONNELL, 1997, p. 40, tradução nossa).

A participação da instituição escolar na reconstituição da estrutura social nordestina poderá contribuir também na reconfiguração da masculinidade em posição de hegemonia naquele espaço, pois o corpo não é um tipo de tela em que a cultura pinta imagens do ser homem e do ser mulher. Diferente do que defende essa abordagem, os corpos não podem ser entendidos apenas como objetos do processo social simbólico e disciplinar. Eles são também agentes da prática social por meio de suas capacidades, desenvolvimento, necessidades, resistência, habilidades e orientações definidas por seu prazer. Compartilham da agência, geração e definição da conduta social, deste modo, múltiplos padrões de masculinidade e feminilidade surgem internamente às relações de gênero (CONNELL, PEARSE, 2017, p. 98).

Com a intenção de legitimar seu argumento, Frederico usa a difícil situação financeira de parte da população brasileira para exemplificar a importância da atuação do Estado e da escola na organização da sociedade. Isso demonstra também o quão difícil é, para alguns, pensar o gênero na prática cotidiana.

Frederico: Inclusive [dever] da família. Desde sempre, a gente vê que a nossa educação é assim porque o Estado não investe. Tem um candidato a presidente que disse que vai tirar geral do SPC, beleza. 41 milhões de brasileiros no SPC. Os caras não sabem administrar as dívidas, o dinheiro que têm. Será se educação financeira na escola desde pequeno não teria mudado isso? Se eu tirar esses 40 milhões de brasileiros e não investir em educação financeira, ensinar eles a administrar esse dinheiro, eles vão continuar fora do SPC, ou eles vão voltar pra lá?

Jean: Nunca tive educação financeira, nem meu nome no SPC. Eu paguei uma moto descarregando carreta, poxa.

Frederico: Eu nunca tive educação financeira, mas também nunca tive nada, então, não tinha o que administrar. A minha avó devia (dinheiro), mas ela podia passar fome, mas o dinheiro da dívida 'tava' lá.

Jean: Aí, quem ensinou pra ela foi o Estado?

Frederico: É ou não é uma forma de educação financeira essa?

Jean: Mas quem ensinou pra ela foi o Estado?

Frederico: Não

Jean: (Bate, com as mãos, na mesa e sorri).

Frederico: Mas ajudaria. Na escola, os meninos, desde crianças, podem aprender a conviver com as meninas de uma forma pacífica, sem brigar ou ofender. E elas da mesma forma. Construir um ambiente mais igualitário. Eu não sei se a minha observação em relação a isso é porque eu decidi seguir carreira como professor. Porque eu sempre entrei com essa ideia que eu não quero só ensinar aos alunos Física. Eu quero tentar mudar o que os caras pensam. Eu quero tentar formar uma sociedade consciente.

Sérgio: Isso. Se aprender isso enquanto é novo, quando 'tiver' mais velho, não vai ter problema. (GF – Sessão 1)

Para Jean, o sujeito é autônomo para constituir sua identidade. Por isso, ele

fala, que se uma mulher que sofre violência doméstica considerar incorreta a atitude do agressor, ela, sozinha, decidirá por terminar o relacionamento abusivo; isso sem necessidade de aconselhamento e apoio do Estado, da escola ou de outrem. Para o jogador não cabe a essas instituições “dizer o que tem que ser feito”.

Por outro lado, Connell e Pearse (2017, p. 156) acreditam que homens e mulheres têm suas condutas do cotidiano cobradas nos termos de suas categorias de gênero, e a resposta a essa cobrança não é um produto do gênero, mas o gênero em si. As pessoas são livres para fazerem seus gêneros, mas não como quiserem.

A “prática de gênero é poderosamente formatada pela ordem de gênero em que nos encontramos” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 156). As pessoas aprendem a fazer o gênero, adotando ou se distanciando de certa identidade, e lidando com as ordens e regimes de gênero que compõem uma estrutura social. As estruturas sociais não são pré-existentes à vida cotidiana, mas constituintes da dinâmica da vida social e, por isso, criadas e, ao longo do tempo histórico, tornadas ato pela atividade humana. Essa é a importância da educação para a política de gênero: as representações de masculinidade e feminilidade trazem à tona uma realidade social (CONNELL, 2005).

A estrutura das relações de gênero não define mecanicamente como as pessoas ou grupos agem e se comportam, mas certamente condiciona a prática, definindo possibilidades para a ação e suas consequências. Em uma ordem patriarcal, por exemplo, “os homens podem ser excluídos de estabelecer conexões emocionais com crianças” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 157). Em uma ordem patriarcal, Jean não confronta a configuração de masculinidade que toma a violência contra mulheres como uma de suas práticas fundamentadoras. Ele confronta a mulher vítima, e atribui a ela e à feminilidade sentidos de passividade frente ao ato; responsabiliza a mulher vítima pela agressão e pela ratificação da dominação masculina.

Para Bourdieu (2012), nas relações de dominação os dominados perpetuam a submissão, espontaneamente ou à revelia, na medida em que assimilam os mesmos esquemas de pensamento dos dominantes, contribuindo para a sua autodepreciação. A essa estratégia de naturalização de um sistema simbólico de pensamento como legítimo, o autor chama violência simbólica, a qual é exercida por meio de uma força simbólica que pode ser caracterizada como uma forma de poder aplicada sobre os corpos sem coação física, mas dependente do apoio de predisposições neles

incorporadas historicamente.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2012, p. 47)

Neste sentido, segundo o autor supracitado, convém pensar a dominação masculina a partir do *habitus* e de suas condições sociais de produção e eficácia. Marcado no inconsciente do indivíduo, o *habitus* requer para sua modificação uma mudança nas disposições incorporadas pelos dominados, caso contrário, mesmo quando as pressões externas sejam abolidas, a autoexclusão e a vocação tomarão o lugar da exclusão expressa dos dominados (BOURDIEU, 2012).

A vocação na reprodução da ordem masculina tem por efeito harmonizar as disposições de classe (ou de raça, orientação sexual, ditas femininas etc.) e as posições concretas oferecidas pela estrutura aos homens (e às mulheres). Alicerçada pela violência simbólica e pelo *habitus*, a vocação faz com que a vítima do quadro de dominação simbólica, cumpra com felicidade seu papel de subalterno “por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação” (BOURDIEU, 2012, p. 73).

Para Bourdieu (2012, p. 52), “o poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados”. Entretanto, a subordinação é resultante de estruturas objetivas, cujos eficazes mecanismos contribuem para que os sujeitos reconheçam e reproduzam o poder simbólico. Longe de ser um ato livre, a construção prática das estruturas cognitivas de organização do mundo resulta de um poder inscrito nos corpos dos dominados sob forma de esquemas de percepção e disposições que os tornam sensível a dadas manifestações simbólicas do poder.

Voltando à declaração de Jean, que acredita que a mulher vítima de violência física, que não denuncia o ato e se afasta permanentemente do agressor, escolhe esse destino. Conforme as declarações de Jean, se uma mulher persiste em uma relação abusiva, isso não é responsabilidade de outras pessoas, além dela e do

companheiro. O poder simbólico não é reconhecido por Jean como inscrito no corpo da mulher vítima.

Para o jogador, não caberia a ele, à escola ou ao Estado, mobilizar estratégias de convencimento para que a mulher deixasse sua posição de vítima em um relacionamento. O jogador recolhe à esfera íntima os relacionamentos entre homens e mulheres. Esse recolhimento também é um discurso adotado pela ordem dominante: assuntos relacionados ao relacionamento familiar, entre pais, mães e filhos, devem ser restritos ao âmbito da casa. Não à toa, o jogador define a educação familiar – o ambiente doméstico – como aquela com real potencial de contribuição sobre as construções identitárias.

Quando Sérgio e Frederico convocam a escola para participar do processo de aprendizagem de masculinidades não violentas, eles reconhecem a natureza estrutural do gênero. Assim como Sérgio, Orellana et al. (2019) e Scott e Oliveira (2018) verificaram que prevalece entre homens agressores de mulheres a baixa escolaridade. Entretanto, ambos os estudos e o próprio Sérgio, também referiram casos de violência contra a mulher nos níveis mais altos de escolaridade (tanto de agressores, quanto de vítimas). Isso demonstra que há que se reconhecer a complexidade interna dos regimes de gênero das instituições.

Costumeiramente, os regimes de gênero institucionais são similares à ordem de gênero mais geral, a qual pode sofrer mudanças que, usualmente, começam em um setor social e paulatinamente adentram os demais. Um conjunto de arranjos de gênero, seja um regime institucional, seja a ordem de uma sociedade, percorrem um conjunto de maneiras “como as pessoas, grupos e organizações estão conectados e divididos”, que surgem dentro e ao redor da arena reprodutiva (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 155). A categoria gênero permeia, implícita ou explicitamente, o cotidiano escolar na forma, inclusive, de objeções, proibições e questionamentos como:

Ser de um jeito provocará ‘suspeitas’ sobre aquela pessoa? O jeito daquele menino andar não é meio estranho? Vestir esta roupa me identifica com algum grupo? E usar cor-de-rosa, pega bem para os meninos, ou não? Meninas podem lutar judô? E garotos podem fazer balé? (KNIJNIK, 2010a, p. 17).

Por um lado, a relação de dominação entre homens e mulheres se estabelece em todos os espaços e subespaços sociais. De modo geral, segundo Bourdieu (2012, p. 104), a escola internaliza a estrutura vigente na ordem de gênero dominante e

transmite os pressupostos da representação patriarcal, contribuindo para a definição das trajetórias individuais, da intimidade e das imagens de si dos sujeitos.

Por outro lado, em razão das contradições nela ocorridas e por ela introduzidas, a instituição escolar é um dos fatores decisivos na modificação das relações entre os sexos (BOURDIEU, 2012, p. 105). A redução progressiva da dominação masculina exige uma ação política que considere os efeitos de dominação exercidos através da “cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas” e as estruturas de instituições, como a escola, “responsável pela reprodução efetiva de todos os princípios de visão e de divisão fundamentais” (BOURDIEU, 2012, p. 139).

Em uma escola, professores/as e alunos/as apresentam uma gama de padrões variados de masculinidades e feminilidades, constituídos a partir de uma complexa negociação com diferentes narrativas, e que poderão ser adotados, rejeitados e/ou modificados por cada um dos sujeitos (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 200). As crianças aprendem e criam feminilidades e masculinidades que, não sendo estáticas, podem trazer novas condições ou eventos à existência. Connell (1995) conta ainda que, em uma escola australiana investigada por ela e colegas pesquisadores,

[...] a masculinidade hegemônica era representada por um grupo chamado "*The Bloods*", constituído por garotos que se beneficiavam do culto do futebol existente na escola e buscavam um estilo agressivo, fisicamente dominante, de conduta. Mas, a mesma escola também produzia uma masculinidade intelectual, representada por um grupo chamado "*The Cyrils*", constituído por garotos que não eram fisicamente agressivos, mas eram academicamente competitivos. O importante é que a escola produzia ambas as masculinidades e os professores tinham que regular as relações entre elas. (CONNELL, 1995, p. 190)

Esses exemplos mostram que a escola não está implicada somente “com a reprodução de saberes supostamente científicos e politicamente neutros”, mas também com a produção de modos de viver as masculinidades e feminilidades (MOURÃO, 2007, 117). Isso desmonta o argumento de Jean, que apontou serem constituídas as masculinidades e feminilidades fora do ambiente escolar.

Em prol da construção de uma “convivência pacífica”, como disse Frederico, e equitativa entre os gêneros, a estratégia educacional deve estar centrada no currículo, uma vez que este envolve práticas de significação e relações de poder, “sobretudo definindo espaço e (im)possibilidades para os/as estudantes, de acordo com representações de gênero constituídas pela escola” (MOURÃO, 2007, p. 119).

Não é novidade para a área da Educação ou da Educação Física que alguns conteúdos são significados culturalmente como próprios/adequados para um determinado gênero. O cotidiano escolar constitui incansavelmente e reatualiza diariamente o caráter natural de falas como 'futebol é coisa de menino' ou 'meninas brincam de boneca'. (MOURÃO, 2007, p. 120)

O novo currículo deverá inverter a prática social de organização do conhecimento do ponto de vista dos privilegiados e passar a organizá-lo a partir do ponto de vista dos menos favorecidos, ou como Connell (2005), da justiça social. Não se trata de abandonar o conhecimento existente, mas de reconfigurar de modo a visibilizar as possibilidades ocultas pelas desigualdades.

Conforme Connell (2005, p. 239), o primeiro passo para alcançar a justiça curricular seria pluralizar as fontes de conteúdo do currículo, torná-lo multicultural, inclusivo. O segundo passo é inverter a hegemonia característica do antigo currículo por meio, por exemplo, das seguintes ações:

- (i) em vez dos alunos/as da classe trabalhadora participarem de um processo de aprendizagem organizado em torno dos interesses da classe média, o currículo será organizado em torno dos interesses da classe trabalhadora; e,
- (ii) requerer que os meninos participem de um processo ensino-aprendizagem cujo currículo esteja organizado em torno dos interesses das meninas, das lésbicas e dos gays – não necessariamente em um mesmo momento.

Não se trata aqui de construir um currículo baseado apenas nas experiências dos menos favorecidos, pois um currículo educacional não deve refletir a experiência de determinado grupo, mas possibilitar a sua crítica. Um currículo para a justiça social precisa examinar também a experiência dos mais favorecidos (CONNELL, 2005, p. 239). Essas ações exigirão dos alunos/as capacidade de empatia, de assumir o ponto de vista do outro, o que é sistematicamente negado na masculinidade hegemônica.

Tomando-se em conta a provocação feita a meninas que demonstrem interesse em jogos ditos de meninas, e a escassez de homens em cursos sobre gênero, Connell (2005), a implantação dessas estratégias não é tarefa fácil, ainda mais se não houver apoio do Estado no fomento dos recursos necessários à prática docente. No entanto, esse projeto educacional aplica ao gênero os objetivos clássicos da educação, a saber: ampliação da experiência, busca da justiça, participação na cultura. O poder de gênero pode ser contestado ou transformado quando, por exemplo, educadores podem auxiliá-los "crianças e jovens a tomar controle de seus discursos sobre gênero

e aprender a transitar entre ou manobrar as identidades” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 163).

3.5.1 A interseção entre a educação escolar e o trabalho

Outro ponto de ação da escola sobre as masculinidades, citado pelos jogadores, está relacionado ao trabalho generificado. Frederico teceu críticas à divisão generificada do trabalho remunerado e não remunerado (tarefas domésticas e de cuidado):

O feminismo poderia tirar todos os homens professores da universidade e passar as vagas ‘pras’ mulheres, mas não ia preencher porque elas não são estimuladas pelas famílias a ‘ser’ professoras universitárias. Na maioria das famílias, a mulher recebe uma criação machista e é ensinada a cuidar da casa e servir ao marido. Não adianta nada eu criar mecanismos de inserção se a pessoa não se sente estimulada a se inserir naquele meio. (GF – Sessão 1)

Para além do desestímulo à ocupação de vagas no magistério superior por mulheres, citada por Frederico, Connell e Pearse (2017, p. 115) afirmam que seria uma estratégia pouco eficaz. O que se pretenderia com essa modificação de um espaço social seria reformar o escopo e o domínio de gênero – definido como o terreno da vida social ligado à arena reprodutiva e em que as relações entre pessoas e grupo são estruturadas e entendidas como relações de gênero. A essa estratégia chamam estratégia de reforma desgenerificante.

Ocorre que o escopo e a forma do domínio de gênero variam em cada sociedade e período histórico, de modo que estratégias desgenerificantes dificilmente alcançariam objetivos de modificação de uma ordem de gênero global. Para melhor visualização do efeito limitado da desgenerificação, Connell e Pearse (2017, p. 115) citam que alguns países desenvolvidos desgenerificaram a educação na primeira infância ao contratar mais homens como professores. A estratégia não avançou internacionalmente porque em alguns países mais pobres há mais homens professores do que mulheres na educação básica.

Além disso, o processo generificado de acumulação tem efeitos além da economia definida de maneira limitada. O direcionamento dos homens para o trabalho remunerado e das mulheres para a cozinha, não é realizado somente na família. A divisão de gênero das ocupações implica uma divisão nos sistemas educacionais

preparatórios para esse trabalho (CONNELL; PEARSE, 2017). Hoje, a instituição escolar não mais postula, em seu regimento, diferenças entre os gêneros, mas formas de diferenciação subsistem de forma insidiosa. Almeida (1995) cita uma situação ocorrida em contexto escolar:

É o caso do Gabriel, de 8 anos, um rapaz tímido, bem comportado e bom aluno, que queria fazer ponto de cruz nas aulas de lavouras. Estas aulas foram definidas pelas professoras como exclusivamente femininas. Perante a insistência do rapaz não souberam que atitude tomar, mas as outras crianças resolveram o assunto apodando-o de 'maricas'. Como era exímio no ponto de cruz, Gabriel continuou a praticar em casa, graças a uma mãe tolerante. Mas na escola nunca mais foi visto fazendo-o. (ALMEIDA, 1995, p. 37).

Os professores, propositalmente ou não, adotam atitudes e aplicam exercícios, perguntas e sanções diferentes entre meninos e meninas que contribuem para a naturalização das qualidades atribuídas a cada gênero. Além disso, ainda que as taxas de rendimento sejam, hoje, superiores para as meninas, as redes científicas e os “cursos preparatórios para as melhores escolas continuam a acolher, em sua maioria, meninos” (BAUBÉROT, 2013, p. 212-213). Ainda mais, é comum que cursos ligados às áreas de engenharia e computação sejam majoritariamente feitos por homens, enquanto aqueles ligados às artes e à preparação de alimentos sejam realizados, principalmente por mulheres (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 168).

Um projeto de justiça social nas relações de gênero não tem como pressuposto abolir os elementos de gênero, mas recompô-los, de modo a “tornar toda a gama do simbolismo e da prática do gênero disponível para todas as pessoas” (CONNELL, 1995, p. 200). Na escola, fragmentos dessa estratégia podem ser localizados no encorajamento de garotos a aprender a cozinhar e/ou costurar, e na disponibilização para elas de vagas em cursos nas áreas de ciência e tecnologia, ainda preenchidas majoritariamente por eles, possibilitando, assim, a expansão de suas opções profissionais.

Frederico e Sérgio defendem a atuação da escola na constituição de masculinidades distintas da vertente hegemônica. Buscar a justiça social de gênero “é equalizar o acesso à educação e ao treinamento” (CONNELL, 1995, p. 200-201). Porém, tomando por base a constituição da força de trabalho brasileira, apenas modificações na estrutural educacional não resultarão em mudanças profundas nas masculinidades e, conseqüentemente, na ordem de gênero. Isso porque gênero é

uma estrutura. Para visualizar esse quadro, lembremo-nos de um momento no subcapítulo “O trabalho” em que Sérgio afirma que as mulheres não conseguem se desenvolver profissionalmente em razão da assunção de responsabilidades como esposa e mãe, e redução do tempo para qualificação profissional.

Embora nem sempre a escolaridade seja associada ao nível de qualificação de uma ocupação, o nível de instrução é uma das condições que contribuem para diferenças na inserção na força de trabalho. Quanto mais elevado o nível de instrução, maior a taxa de participação na força de trabalho, em todos os anos investigados pela PNAD Contínua (BRASIL, 2019, p. 26, 30), pressupondo-se que interfira sobre a diferenciação das ocupações por prestígio, hierarquia e rendimentos. Esse pressuposto apresenta nuances mais complexas quando visto à luz do gênero.

Entre as mulheres, o nível de instrução aparece com maior influência do que entre os homens: em 2018, a taxa de participação das mulheres com ensino superior completo era 2,6 vezes maior que a das mulheres sem instrução ou com ensino fundamental incompleto; já a dos homens mais escolarizados era 1,5 vez maior que a dos menos escolarizados [...]. Se, por um lado, o cenário de crise econômica dos anos anteriores parece ter contribuído para levar mulheres para a força de trabalho, por outro, sua taxa de participação em 2018 permaneceu bem aquém à dos homens, 52,9% e 72,0%, respectivamente [...]. A maior escolaridade das mulheres não é, portanto, suficiente para levá-las à força de trabalho em proporção maior ou similar à dos homens. (BRASIL, 2019, p. 30)

O desenvolvimento profissional levará em consideração as possibilidades de qualificação profissional. Mas não só. A estrutura generificada do trabalho também teria de sofrer modificações, pois as mulheres têm, hoje, melhor qualificação do que os homens, e, mesmo assim, são eles que ocupam os cargos mais altos em empresas, organizações, no Estado etc.

3.6 Sexualidades e feminilidades

As práticas que moldam e atualizam o desejo não são uma categoria de gênero, mas exprimem um aspecto da ordem de gênero. Weeks (2018, p. 53) define sexualidade como termo descritivo de uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades construídas socio-historicamente e relacionadas ao que Michel Foucault denominou “o corpo e seus prazeres”. Foucault (1999a) toma a sexualidade como um dispositivo histórico.

Não se deve concebê-la [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1999a, p. 100)

Dando sequência à discussão sobre as masculinidades dos jogadores de *rugby*, iniciaremos este tópico retomando a relação direta de poder do homem sobre o corpo da mulher, desta vez sob o viés da sexualidade.

Durante discussão sobre o feminismo, Sérgio afirmou que o movimento intenta desconstruir saberes culturais e científicos que embasam as relações de gênero, entre os quais aqueles relacionados à sexualidade:

Sérgio: Elas [feministas] tão exagerando muito na ideia de igualdade. Por exemplo, a questão do homem poder andar sem camisa na rua, e a mulher, não. Primeiro, isso é uma questão cultural, da sociedade que foi se desenvolvendo ao longo de milhares de anos e convencionou que as mulheres têm que cobrir certas partes. Segundo, essas partes, na mulher, são zonas erógenas. No homem, não. Pra mim, é questão biológica. Pro homem, o peito [do homem] não é zona erógena. Pode ser que alguns gostem e tratem como isso, mas na natureza biológica, não é. Já na mulher, é. Então, por isso que se cobre. Mas elas querem porque querem. (GF – Sessão 1)

Essa fala de Sérgio traduz a forma como ele define corpos femininos, masculinos e suas sexualidades. Segundo ele, corpos femininos devem ser cobertos em razão das suas várias zonas erógenas, entre elas a região frontal. Porém, o mesmo não ocorre com os corpos masculinos, que poderiam o homem sair à rua sem camisa. Quando se refere ao peitoral masculino, Sérgio retira a possibilidade de que esta zona seja erógena, porque o homem não a define desta forma. O desejo é sentido por homens e mulheres, mas a definição de zonas erógenas, em um âmbito social, conforme a fala de Sérgio, seria pontuada pelo desejo do homem, e não da mulher.

Sobre essa manifestação do poder masculino, Bourdieu (2012, p. 31) reconhece a ordem de gênero dominante como favorecedora do homem e afirmar que a interação entre os gêneros se dá segundo a visão dos homens, visto como ativos, enquanto o feminino é construído como passivo. Nesse ínterim, o princípio da dominação masculina naturaliza a criação, organização, expressão e direcionamento

do desejo:

[...] o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2011, p. 31)

A aprendizagem de gênero envolve a constituição de identidades masculinas e femininas que, inscritas nos corpos, conduzirão a distintas maneiras de destes se servir. A coação quanto aos trajes, lembra que, no caso de uma ordem de gênero que antagoniza homens e mulheres, esses princípios identitários levarão à naturalização de uma ética corporal para homens e para mulheres, que inculcarão maneiras de postar o corpo (BOURDIEU, 2012, p. 38-39). Nessa linha de pensamento, Sérgio questiona: “Como é que a mulher vai querer respeito, se ela anda pelas ruas mostrando os peitos, com roupa curta, mijando, enfiando a cruz de Cristo no rabo, fazendo o diabo a quatro?” (GF – Sessão 1). Seria, a partir desse comentário, contraditória a luta por respeito de mulheres que usam roupas curtas, haja vista elas terem ciência de que seus corpos são erógenos e, mesmo assim, expõem-no publicamente.

O desejo dos homens pelas mulheres seria, então, considerando-se a fala de Sérgio, instintivo e causado por um aparato biológico dos corpos. Os corpos masculinos apenas responderiam a uma espécie de chamado do corpo feminino, ao qual caberia disciplinar-se incessantemente quanto ao uso de todas as suas partes.

Sérgio não defendeu ou justificou expressamente a prática de violência contra mulheres em razão de seus trajes. Entretanto, conforme Engel (2017) questionar a honra e dignidade de uma mulher em virtude das roupas por ela usadas é um ato utilizado em situações de violência como forma de

[...] acusar o objeto de desejo de uma provocação exagerada, de maneira que tanto a postura de sedução como a falta de cuidado em esconder o corpo seriam motivos para que o polo ativo sentisse desejo e, com ele, uma necessidade incorrigível de ‘aliviá-lo’. Trata-se de uma lógica que animaliza os homens que simbolicamente ocupam esse polo ativo’. (ENGEL, 2017, p. 11)

Conforme Engel (2017, p. 11), em torno da constituição das sexualidades masculina e feminina como, respectivamente, responsiva e erotizada, existe a compreensão de que “o limite entre adequado e inadequado na insistência e na

coação do objeto de desejo é maleável”, levando a que dados casos de assédios sejam desacreditados e considerados relações comuns entre homens e mulheres.

Entretanto, a relação de poder quanto à sexualidade não é materializada somente nas relações entre homens e mulheres. O conceito hegemonia se refere à dominação cultural na sociedade como um todo. Nesse contexto, também entre os homens percebe-se a existência de relações específicas de dominação e subordinação (CONNELL, 1997, p. 40). Para melhor compreender a forma silenciosa como se dá tal relação, examinemos as falas de Sérgio sobre a homossexualidade.

Em sessão de grupo focal, Sérgio definiu a homossexualidade como uma “escolha” do indivíduo e afirmou que esta não interferiria em seu julgamento sobre quaisquer homens, uma vez que seus critérios para tal abordariam apenas o caráter e a responsabilidade daqueles:

Do ponto de vista da religião, isso é coisa do demônio. A cura é Jesus. Vivi, até ano passado, a minha vida toda na Igreja. E ele [Jonas] também. Eu sei o ponto de vista da Igreja e o outro também. Tem coisas que eu prefiro não opinar, porque se eu tiver que dar um ponto de vista fixo, eu não vou ter. Mas eu respeito os dois pontos de vista. Do ponto de vista da religião, tem cura. O ponto de vista científico diz que não, que é uma maneira como o sexo se desenvolveu, que a pessoa já nasceu com isso. Pra mim a pessoa faz sua escolha: ou gosta ou não gosta. Não tem isso de estereótipo. Tem homossexual que, [se] você botar na balança, é mais homem que muito machão por aí, porque tem responsabilidade, caráter. A única diferença é que em vez de gostar de pegar mulher, ele gosta de pegar homem. Só isso. (GF – Sessão 1)

Contraditoriamente à ideia de “escolha individual”, em outro momento, Sérgio disse, como já exposto neste trabalho: “Pro homem, o peito [do homem] não é zona erógena. Pode ser que alguns gostem e tratem como isso, mas na natureza biológica não é” (GF – Sessão 1). Retomando a fala de Sérgio, “na natureza biológica”, homens não sentiriam desejo por peitorais – leia-se corpos – masculinos, então, caso isso venha a ocorrer, trata-se de uma anomalia. O jogador, em sua fala, adoece o desejo homossexual. Desta forma, é o desejo do homem heterossexual que confere sentido aos corpos femininos, mas também aos masculinos.

A partir da descoberta do sexo do bebê, inicia-se um processo de educação dos corpos de homens e mulheres, geralmente direcionado para padrões de conduta e identidade discriminados por gênero. Nomeadas no contexto da cultura, as identidades

[...] experimentam as oscilações e os embates da cultura: algumas gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão ‘normais’ que não precisam dizer de si; enquanto outras se tornam ‘marcadas’ e, geralmente, não podem falar por si.

[...] Que identidades são, afinal, marcadas? Aquelas que são diferentes – é a resposta imediata. Mas diferentes em quê? Ou melhor, diferentes... de quem? (LOURO, 2000, p. 67).

Como exemplo de “identidade diferente”, pode-se citar a homossexualidade, uma vez que a heterossexualidade é definida como o modelo padrão dos corpos e dos desejos. Em razão das consequências em seguir ou não a matriz heterossexual, Pinsky (2010, p. 44) diz que as relações de gênero, entre outras relações sociais, tecem influência sobre a subjetividade do sujeito, pois definem “os modos e os limites pelos quais uma pessoa é educada, tem experiências familiares, afetivas e de trabalho, vê o mundo e a si mesma e é vista pela sociedade, em época e contexto determinados”.

O caso mais importante de relação hierárquica entre os grupos de homens é o domínio dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais, relação esta que institui a homofobia. Essa relação hierárquica ultrapassa a estigmatização cultural da homossexualidade. Os homens homossexuais são subordinados aos heterossexuais por um conjunto de práticas materiais e imateriais que incluem: exclusão política, econômica e cultural, e violência legal e nas ruas e boicotes pessoais (CONNELL, 1997, p. 40).

Segundo os jogadores, não havia no período de realização da pesquisa nenhum componente do time masculino – juvenil e adulto – assumidamente homossexual. Porém, Sérgio afirmou ter conhecimento de um jogador bissexual:

Sérgio: Ele é bi, mas não fala.

Mediadora: Vocês acham que um homem homossexual se sentiria confortável no ambiente do clube de *rugby*?

Jonas: Pra mim, tanto faz.

Sérgio: Meninas [homossexuais], ‘é’ só o que tem. Eu acho que o homem não ficaria confortável por causa do preconceito dos outros. Mesmo que o cara não fosse homossexual, fosse bi, o pessoal ia zoar. Não aquela brincadeira saudável, mas aquela brincadeira chata que a pessoa não gosta. E tem uns que não têm maturidade pra isso. No juvenil, tem um cara assim. Ele faz umas brincadeira sem graça com um colega nosso que é fumante: ‘Eita, o viciado chegou’. E o cara [fumante] tá tentando parar. Imagina o que esse doido ia fazer com um homossexual. Acho que, por isso, a pessoa não ia gostar. Não ia nem falar. Acharia melhor ficar quieto, na dele.

Jean: Pra mim, normal. Como eu vejo no feminino.

Frederico: Uma vez eu chamei um colega que é homossexual pra treinar *rugby*. Acho que ele não gostou, mas treinou tranquilo. Ele também treinava vôlei. Não sei se ele preferiu o vôlei. Mas eu não vi nenhum tratamento diferente dos meninos aqui em relação a ele. Ele era magro e rápido, então o tratamento era igual: 'Pega bola e corre, corre'.

Mediadora: Era treino com o time adulto?

Frederico: Sim.

Mediadora: Você acha que teria diferença com o juvenil?

Frederico: Eu acho que sim. Acho que a preparação deles mental. A experiência de vida conta muito. Maturidade é o termo correto. Acho que a maturidade deles não tá bem – nunca tá, né – não tá estabilizada o suficiente, mas talvez eu esteja sendo preconceituoso. Pode ser que eles sejam mais maduros do que eu. Mas eu acho que teria um buchicho e tal. Mas é normal, é só o espelho da sociedade em si. Porque o homossexual é aceito, mas é motivo de chacota por trás. É incrível isso. (GF – Sessão 1)

Frederico e Sérgio levantam a hipótese de que a equipe masculina juvenil apresentaria comportamentos homofóbicos em maior magnitude do que a equipe adulta. Isso seria decorrente do menor nível de experiências e maturidade desses jogadores – razão cuja plausibilidade é questionada por Frederico. Essa questão de alinhamento da maturidade à idade do jogador será tratada de forma pormenorizada no próximo capítulo, porém, já aqui é possível apontar limitações dessa hipótese, uma vez que a maioria dos comentários homofóbicos listados neste texto foi feita por componentes da equipe masculina adulta.

Caetano conta que, em seu ambiente de trabalho, o serviço militar, assumir-se homossexual ou, mesmo, tecer comentários sobre homossexualidade pode resultar em conflitos com colegas e superiores.

Caetano: Meu trabalho é extremamente homofóbico. Não vou mentir. Militarismo não cabe. Lá cada um tem a sua opinião. Então, é melhor você ficar calado mesmo, porque não vai te prejudicar no ambiente de trabalho. (GF – Sessão 1)

As falas de Sérgio e Caetano denotam as dificuldades em torno da assunção pública da homossexualidade – ou da bissexualidade – que, por vezes, podem levar ao silenciamento desses corpos e identidades.

O estabelecimento de uma comunidade e de uma identidade na cultura, e a presença na vida política e econômica, estão sujeitos a processos individuais, ao mesmo tempo em que os fundamentam. O processo de “sair do armário” afeta e é afetado por todos esses elementos. Assumir a homossexualidade para si, para a

família, amigos e colegas de trabalho requer que o sujeito realize ajustes e realinhamentos em sua vida cotidiana (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 183), pois “significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes” (WEEKS, 2010, p. 70). Entretanto, na maioria das sociedades e espaços sociais essa declaração é dificultada pela posição inferior à que é segregada a masculinidade homossexual em relação à heterossexual.

Na maior parte do mundo, homens homossexuais são excluídos da autoridade e do respeito atribuídos àqueles que incorporam formas hegemônicas de masculinidade, embora possam, e em muitos países efetivamente o façam, compartilhar das vantagens econômicas gerais dos homens sobre as mulheres. (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 269-270)

Além disso, consoante Connell e Pearse (2017), lésbicas e homens gays não se encontram em mesma situação social ou política. Levando em consideração os distintos tratamentos concedidos, segundo Sérgio, às mulheres homossexuais do time e aos homens que, porventura, venham a demonstrar quaisquer sinais não condizentes com a prática de masculinidade hegemônica no grupo, os ajustes no cotidiano parecem ser mais custosos aos homens do que para as mulheres homossexuais. Durante as etapas de observação participantes e sessões de grupo focal, não se verificou nenhum comentário de cunho homofóbico dispensado diretamente às mulheres homossexuais da equipe feminina, ao passo que aos homens – que, por sinal, não eram homossexuais – o discurso discriminatório e, por vezes, corretivo, era rotineiro, como veremos à frente.

A exclusão de homens homossexuais de determinados espaços sociais, como o trabalho, citado por Caetano, demonstra que o vínculo da estrutura de gênero com a arena reprodutiva é social, nada tendo a ver com a reprodução biológica. A discriminação se dá em decorrência da definição de uma forma particular de masculinidade na manutenção da coesão daquele espaço. Disso decorre que a posição de subordinação não é restrita a homens homossexuais. Também homens heterossexuais podem ser expulsos do círculo de legitimidade da masculinidade hegemônica quando suas identidades são vistas como femininas (CONNELL, 2005). “Sob esse ponto de vista, que liga sexualidade a poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher” (BOURDIEU, 2012, p. 32).

A feminilização do homem ocorre quando sua heterossexualidade é posta à prova. Em diversos momentos, observou-se essa situação entre os jogadores de *rugby*.

Durante aplicação do questionário sociodemográfico junto às equipes masculinas adulta e juvenil, por exemplo, alguns jogadores indagaram a Frederico, aos risos, qual seria a sua resposta quanto ao gênero e à orientação sexual. Frederico não respondeu à provocação e, assim como todos os participantes deste estudo, indicou em questionário identificar como pertencente ao gênero masculino e heterossexual (DC 1002).

Durante a sessão de grupo focal, Simões Júnior solicitou à mediadora que questionasse novamente a orientação sexual dos participantes:

Mediadora: Todos vocês se identificaram como heterossexuais. Gostariam de retificar essa informação?

Simões Júnior [aos risos]: 'Vamo' mudar, 'vamo' mudar.

Sérgio: Eu já pensei muito sobre isso. O cara nunca experimentou [gesticula em dúvida]. Aí, eu fiquei: 'Será se eu sou mesmo hétero?'.
Simões Júnior: Passa, passa, pula. (GF – Sessão 1)

Quando Sérgio questiona como ele pode ser heterossexual sem nunca ter tido outras experiências sexuais, ele expõe o processo de educação dos corpos para atender à heterossexualidade, a qual é posta como um dado adquirido da vida cotidiana. O projeto de masculinidade hegemônica é resultado do desenvolvimento de uma experiência particular do corpo do homem e de uma sensibilidade específica. Esse processo se estende à percepção e excitação sexual, e coloca em primeiro plano as experiências corporais que, efetivamente, definem a mulher como o outro, e constitui o desejo como desejo, apenas, pelo outro. Esse padrão é chamado por Connell (2005, p. 123) como sensibilidade heterossexual. É essa sensibilidade a principal razão para a naturalização do desejo heterossexual, o qual é tido como inexoravelmente conectado ao corpo do homem e às suas experiências. Não se ouve frequentemente alguém falar “Eu sou heterossexual”, porque este é o pressuposto (WEEKS, 2010, p. 70).

Nas situações anteriormente citadas, Frederico e Sérgio são instados a confirmar sua heterossexualidade. Como atenta Almeida (1995, p. 84), “ser homem não é o mesmo para quem segue a norma social da heterossexualidade ou para quem assume a bi- ou a homossexualidade”. Todos os jogadores participantes desta pesquisa se declararam heterossexuais, estando, portanto, ao menos nesse aspecto,

convergindo com a masculinidade hegemônica. Mas isso não significa liberdade identitária.

À primeira vista, pode-se pensar que a supremacia masculina não traga nenhum ônus aos homens. Porém, o *status* de superioridade masculina, perseguido por parte dos homens, apresenta duas faces. Segundo Bourdieu (2012), o exame de masculinidade gera uma eterna vigilância sobre as emoções, os gestos e o corpo do homem, acentuando a ideia de concorrência entre eles. Por um lado, essa posição concede ao homem privilégios sociais, como, por exemplo, exercer influência sobre o comportamento de outras pessoas, homens e mulheres. Por outro lado, ocorre um processo de normalização generalizado para que a ordem masculina seja plenamente estabelecida: as mulheres devem se fixar no espaço privado física e emocionalmente (até mesmo sua sexualidade é reprimida), já os homens são, a todo instante, cobrados a cumprir um código de masculinidade: provar perante seus iguais para legitimação de sua inserção no grupo de “verdadeiros homens” sua virilidade, atributo mais importante aos homens e que caracterizaria sua capacidade reprodutiva, sexual e social, e não vivenciando experiências demarcadas como inapropriadas para eles.

A masculinidade deve ser construída e reificada a cada instante. Dessa forma, os homens se veem prisioneiros de uma representação dominante, uma vez que a alternativa identitária que se lhes apresenta é vista pela masculinidade hegemônica como feminina e não valorizada socialmente. Como acentua Almeida (1995, p. 162), os homens “são como aristocratas que depois de ‘perderem tudo’ não sabem o que são”. Observa-se, assim, que os homens buscam provar suas masculinidades não apenas através de sua relação com as mulheres, mas também com outros homens, quer comunguem de seus referenciais de gênero, quer não.

Jean afirmou anteriormente não fazer distinção entre homem homossexual e heterossexual. Para legitimar sua fala, o jogador citou manter relações de amizade com homens homossexuais pautadas no respeito mútuo.

Jean: Eu tenho vários amigos homossexuais e a única coisa que falo é: ‘Enquanto você me respeitar, a gente continua amigos. Você pode ficar com o seu namorado, e depois me visitar. Tudo bem. Agora, a partir do momento que você me faltar com o respeito, pode me desconsiderar seu amigo’. No dia em que der em cima, me apalpar, acabou. E isso vale pra mulher também. Se uma mulher desconhecida me apalpar, eu também vou desconfiar. (GF – Sessão 1)

No entanto, em alguns momentos o respeito mútuo tratado em grupo focal toma proporções maleáveis durante os treinos e atividades do time. Durante uma reunião de aniversário, por exemplo, Jean focou seu olhar e suas críticas no cabelo de Wagner, que estava apresentava aspecto semelhante ao da imagem abaixo:



Figura 5 – Visual de Wagner em reunião de confraternização.

Fonte: Dreamstime¹⁵, s.d.

Logo que viu o companheiro de time, Jean disse: “Olha o cabelo do Wagner. Olha o jeito daquele cabelo”. Respondi: “Os óculos deixam assim”. Jean replicou: “É gay do mesmo jeito”. Quando o jogador se aproximou, Jean o cumprimentou com um abraço e reclamou: “Que cabelo é esse Wagner?”. Wagner riu do comentário do colega. Momentos depois, Benjamim, outro jogador presente à confraternização, insinuou que tocaria no cabelo de Wagner uma grelha de carnes. Jean, rindo, incentivou a ação, que foi interrompida quando Wagner, ao perceber a intenção do grupo, afastou-se. Todos os jogadores envolvidos riram da situação (DC 1605).

O corpo inexistente em estado natural e isolado, na medida em que ele se insere na trama da produção de sentidos, e significações culturais, inclusive em suas manifestações físicas e sensoriais. Jean, em dado momento, afirmou respeitar homens homossexuais, porém, constrange companheiros de time em razão de sua aparência física ser por ele identificada como similar à de um homossexual.

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressões dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de

¹⁵ Extraído de: <https://es.dreamstime.com/foto-de-archivo-hombre-atractivo-en-camisa-y-gafas-de-sol-azules-en-su-cabeza-image76546906>. Acesso em: 5 mar. 2020

gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. (LE BRETON, 2007, p. 7)

Porém, uma vez que a sexualidade permeia, de forma contínua e instável, as experiências de vida de todos os sujeitos (LOURO, 2010), Jean também foi alvo de comentários e gestos questionadores à sua heterossexualidade. Quando o jogador disse durante sessão de grupo focal que planejava fazer aplicações de Botox no rosto, Caetano e Simões Júnior riram e foram por ele repreendidos. Nesse momento, eles definiram como “brincadeira” os gestos e falas de cunho discriminatório e repressor direcionados por parte dos jogadores – incluindo eles mesmos – em direção àqueles que apresentem comportamentos vistos como não masculinos.

Jean [em tom de repreensão]: Se o Simões Júnior colocasse silicone no bumbum, eu continuaria do mesmo jeito com ele.

Simões Júnior: No [time] a zoação seria grande.

Jean [em tom de correção]: A brincadeira, né?

Mediadora: Até que ponto é brincadeira rir de um colega?

Simões Júnior: Por mais que a gente zoe, segue respeitando. Se ele disser ‘não gosto’, acabou a brincadeira. (GF – Sessão 1)

A “zoação” dos jogadores indica que a homossexualidade – ou melhor, a não obediência aos termos da masculinidade heterossexual hegemônica – é exemplo paradigmático da relação entre sexo biológico, gênero e sexualidade. Brechas na prática de masculinidade dos indivíduos são escrutinadas e questionadas. Após dada sessão de treino, Caetano solicitou que os jogadores das equipes masculinas juvenil e adulta se reunissem para que tivessem um momento de relaxamento. O jogador, então, distribuiu garrafas de cerveja a todos os presentes, sem questionar a idade deles. Um dos jogadores da equipe juvenil, percebendo não haver ali um abridor de garrafas, perguntou: “Ei, como abre isso aqui”. Um jogador da equipe adulta respondeu: “Bater punheta sabe, bate até pros outros, mas abrir uma cerveja não”. Todos os jogadores presentes riram do comentário, com exceção daquele que lançou o questionamento (DC 1504).

Raul era um dos jogadores que mais repreendia os demais por comportamentos que não considerava masculinos. Durante treino misto (equipes masculina e feminina, juvenis e adultas), o jogador observou que as pernas de “A” (15 anos de idade, branco e heterossexual) estavam depiladas e disse: “Ei metro, vem cá. Deixa eu ver essas pernas. Mas é metro mesmo. Olha a perna depilada. “A” falou: “O

quê que tem? Olha tuas pernas aí cheias de pelo”. Raul disse, então, apontando para as próprias pernas: “Isso aqui é perna de homem, pelo de homem”. “A” diz se afastando do jogador: “Perna de homem. Nem sabia que tinha isso” (DC 0105). Em outro momento, Raul disse que “A” era o mais vaidoso dos homens do clube. Duas jogadoras presentes à nossa conversa afirmam que o referido rapaz é metrosssexual, porém, Raul aponta que o jogador não gosta de ser assim chamado, pois “pensa que é o mesmo que viado”. Nesse momento, Raul parece diferir homossexualidade e metrosssexualidade, mas foi um dos que constrangeram “A” durante o período de realização da pesquisa (DC 1103).

As masculinidades homossexuais estão na parte mais baixa da hierarquia de gênero entre os homens e englobam tudo que nega a masculinidade hegemônica. Mas essa relação de subordinação com o regime hegemônico não se restringe ao prazer receptivo anal. Outras masculinidades heterossexuais também ocupam posição de subordinação e são alvos de ataques, como aquelas assimiladas à feminilidade por implicarem o uso de procedimentos estéticos como a aplicação de Botox de Jean e a depilação de “A” (CONNELL, 1997, p. 40-41).

As reações de Jean, ao contrapor que seguiria respeitando Simões Júnior mesmo que ele realizasse um o implante de silicone nos glúteos, e a de “A”, em questionar a existência de um tipo específico de pernas para homens, faz ver que, na prática de gênero, masculinidades e feminilidades não são vividas de forma tão rígida e podem, aliás, ser, ambas, verificadas em homens e mulheres. Assim, um homem pode apresentar ou adotar certos comportamentos, emoções ou atividades ditas femininas. O critério utilizado para definição desses atos como femininos ou masculinos será a noção de atividade (masculino) e passividade (feminino); noções estas diversas e distintas na sociedade ou em um mesmo grupo social (ALMEIDA, 1995, p. 36).

O procedimento estético suscitado por Jean não foi o único contestado por companheiros de time. “A”, jogador da equipe juvenil, levou um secador de cabelo em sua bagagem rumo a torneio de *rugby* no Maranhão e, a partir desse dia, tornou-se alvo preferencial de outros jogadores em reprimenda ao uso de determinados equipamentos e produtos com fins estéticos. Simões Júnior ao saber sobre o secador indagou rindo: “O que está acontecendo com a equipe masculina? Ainda bem que era no juvenil”. E Jean acrescentou: “O quê que a Islandia vai pensar da gente?” (DC 2202).

Dias depois, o secador ainda era tema entre alguns jogadores da equipe masculina. Na semana seguinte, em conversa pós-treino com Simões Júnior, o jogador disse não ver problema em um homem usar secador de cabelo. Para o jogador “atletas devem cuidar de seus corpos” (DC 2502).

Durante sessão de grupo focal (GF), 4 (quatro) meses depois do ocorrido, o uso de secador de cabelo por “A” foi novamente citado. Dessa vez, Jonas e Simões Júnior, que durante os treinos em grupo caçoaram do jogador, disseram tê-lo feito por influência dos outros jogadores presentes naqueles dias de treino.

Sérgio: Se tu mostrar essa lista [de produtos estéticos em matéria da GQ] ‘todinha’ pro “A”, ele já usou. Um dia, ele mandou uma foto do secador pro grupo. ‘Indispensável pra viagem’ [legenda da imagem]. As meninas comentaram: ‘Ainda bem que não preciso levar o meu’.
Mediadora: Nenhum de vocês usa secador?
Jonas: Às vezes, né. Dar uma ajeitada no cabelo, ‘tá’ meio bagunçado.
Mediadora: Vocês zoaram o “A” por causa do secador de cabelo dele?
Jonas: Sim, só pela [por causa da] galera mesmo.
Simões Júnior: É, só pela galera. Não é nem zoar, [é] falar ‘Ah, tu usa secador?’. (GF – Sessão 1)

Também Jonas referiu sentir-se pressionado a não realizar determinados procedimentos estéticos. Segundo o jogador, além de sua família, também os amigos tecem comentários sobre o que ele chama de cuidados corporais.

Mediadora: Quem mais opina sobre os seus cuidados corporais?
Jonas: Meus amigos, principalmente. Eles me pressionam bastante: ‘Esse cuidadinho a mais. Sei não’. Pra eles, não precisa, mas eu gosto de me cuidar.
Mediadora: Você acha que eles diriam o mesmo para uma mulher?
Jonas: Acho que não. (GF – Sessão 1)

Os relatos e ações dos jogadores indicam que, com relação aos cuidados de beleza, as fronteiras de gênero parecem estar menos demarcadas. Jonas, como já dito neste texto, está ansioso para fazer uso de loções para barba. Simões Júnior, de modo similar, realiza procedimentos estéticos, como limpeza de pele. Entretanto, ambos os jogadores fizeram comentários jocosos sobre “A” e seu secador de cabelo. Justificar suas atitudes como ocorridas “pela galera”, leva a crer que, quando em sessão de GF, onde não houve retaliação pelo uso de produtos e procedimentos estéticos (ao menos, não da maioria dos participantes e da mediadora), Simões Júnior e Jonas se sentiram à vontade para falar sobre o assunto e reconhecer não ver problemas em que um homem modele o cabelo com um secador (GF – Sessão 1).

Porém, durante os treinos, quando junto a outros jogadores, eles parecem preservar suas masculinidades, não compartilhando informações sobre ações e atitudes que possam ser vistas como femininas, alinhando-se a outros jogadores para reprimir “A” pelo uso de secador e promulgando elementos de um dado modelo de masculinidade.

Santos e Pereira (2019, p. 190) observaram em estudo que consumo dos e nos espaços de barbearia ajudam os homens “a construir e manter relações com aqueles considerados desejáveis e oportunos para seus projetos identitários de gênero”. De mesmo semelhante podemos pensar o clube de *rugby*, como espaço em que o envolvimento, a participação e a interação em uma rede de relações sociais com outros homens – e a (busca de sentidos de) identificação e pertencimento simbólico a este espaço e suas experiências – funcionam como estratégias para a construção e o reforço das masculinidades; espaço em que os jogadores se percebem e possam se perceber como homens. Isso exige, conforme as informações produzidas, o mascaramento de determinados comportamentos.

Em diversos momentos, ao chamar um colega, alguns jogadores utilizam o termo “viado” ou outros que façam referência à homossexualidade. Geralmente, eles expressam esses termos rindo, o que, aparentemente, retiraria a hostilidade a ele inerente, pois a resposta do destinatário também é expressa em forma de risos. Esse é o panorama do que Jean e Simões Júnior chamam de zoação e brincadeira.

Um desses momentos horas antes do início de torneio de *rugby* organizado pelo clube. Simões Júnior reproduziu em uma caixa amplificadora de som a frase: “Jean, viado”. A gravação foi entoada 6 (seis) vezes em menos de 20 minutos e provocou risadas dos jogadores da equipe masculina adulta. Durante esse período, Jean apenas disse, aos risos, aos companheiros: “Eita, povo ruim”. Porém, a reação não foi a mesma quando um jogador novato da equipe juvenil entoou as mesmas palavras do áudio. Jean mirou o jogador e disse sério: “Você me respeite”. Simões pediu o jogador mais jovem se afastasse do grupo e Jean reiniciou conversa com os colegas sobre o torneio que em poucos minutos seria iniciado. A tomar pela reação de Jean, a provocação sobre sua sexualidade somente quando feita por homens do seu círculo social, nesse caso do mesmo time (DC 2503).

Em outro momento pós-treino, agora com a equipe masculina adulta, um jogador visitante – heterossexual, negro, de 23 anos de idade, pertencente a outro time de *rugby*, mas que, por vezes, treinava com o *Cajuína Rugby* –, convidou dois

jogadores para treinarem com sua equipe original com fins de participarem de competição que ocorreria em poucas semanas. Os jogadores ouvem atentamente e perguntam a opinião de Edgar, capitão do time e treinador: “Que que você acha Edgar?”. Edgar respondeu que os jogadores poderiam tomar a atitude que considerassem mais conveniente a eles. Como Frederico diz que o time irá refletir sobre a proposta, o jogador visitante encerra sua fala: “Só pra finalizar, o Edgar é um pau no cu”. Os jogadores permaneceram em silêncio frente à provocação do visitante (DC 2202). Diferente da primeira situação, quando Jean ri da gravação entoada em caixa amplificadora de som, nesta os jogadores ficam visivelmente incomodados com a postura do jogador visitante, que além de não pertencer ao clube, desrespeitou o capitão do grupo. (O tratamento diferenciado dispensado aos líderes do clube de *rugby* será tratado no próximo capítulo).

Expressões homofóbicas também foram utilizadas durante reunião comemorativa pela classificação da equipe feminina para a segunda etapa do Super Sevens Feminino 2018. Para o evento, foram convidados tanto as mulheres quanto os homens jogadores das equipes adulta e juvenil. A equipe masculina juvenil compareceu quase que em sua totalidade, porém, o mesmo não ocorreu com a equipe adulta. Aproximadamente três horas após o início da festa, percebendo a ausência de vários de seus companheiros Raul enviou mensagem de áudio por meio de uma rede social com os seguintes dizeres: “Cadê vocês, seus viados? Meninas ganharam. O time tem que prestigiar”. Dentre os jogadores que responderam à mensagem, uma parte justificou sua ausência ao evento, e outra informou estar a caminho. Após o chamado de Raul, oito jogadores da equipe masculina adulta chegaram ao local da comemoração (DC 2904).

Simões Júnior contou, em sessão de grupo focal, que, em decorrência das roupas que utilizava, algumas pessoas usavam termos discriminatórios para se referir a ele.

Simões Júnior: Eu usava calça jeans muito apertada, antigamente [ri]. Hoje em dia não, questão de conforto.

Mediadora: Por que você usava?

Simões Júnior: Eu saía com um grupo de pessoas que usava. Quando eu ia pra outra realidade, as pessoas comentavam. É que nem a questão de depilar a perna. No meio em que eu convivía, do jiu-jitsu, era comum, porque no treino poderiam puxar e causar um pelo encravado. Mas, na faculdade, os caras chegavam: ‘Diabo é isso? Tu é viado é, cara? Depilar as pernas?’. (GF – Sessão 1)

O processo de expulsão do círculo de legitimidade da masculinidade hegemônica é marcado por um rico vocabulário difamador, que inclui o termo viado (CONNELL, 1997, p. 41). Porventura, pode-se inferir que não seria intenção de Simões Júnior e do jogador visitante excluir Jean e Edgar do grupo de jogadores ou defini-los como homossexual. Entretanto, o uso desse termo remete à inferioridade e, em último nível, à exclusão, naquele espaço, de homens homossexuais e de homens heterossexuais que venham a ter corpos (comportamentos, atos e aparências) distintos daqueles preconizados pela masculinidade hegemônica no grupo.

Como Simões Júnior registra, na mesma sociedade em que conflitos e fronteiras de gênero são menos evidentes, há espaços em que as roupas são generificadas. Nestes, para que um homem seja socialmente reconhecido como tal, importa não agir ou parecer agir de modo a levantar suspeitas de que poderia ser homossexual, pois este é frequentemente “percebido como um homem fracassado” (TAMAGNE, 2013, p. 425). Injúrias, como bicha e viado, funcionam como uma convocação à heterossexualidade obrigatória e, vinculada a isso, à masculinidade hegemônica. As culturas homosociais são impregnadas pelo medo da homossexualidade: medo de, no contato com outros homossexuais, perceber-se também sê-lo; e medo de ser visto como homossexual, o que leva à acentuação de condutas sexistas para desviar as suposições.

Também o vestuário se torna objeto a ser esquadrihado em busca de sinais de homossexualidade. Durante o período de observação participante, foram diversas as ocasiões em que Simões Júnior compareceu ao local de treino usando uma *legging* sob o calção. Antes de iniciar o treino, o jogador sempre realizava a troca de um calção por outro. Nesse momento, em que por alguns segundos Simões Júnior trajava somente a *legging*, sempre que presentes, parte das jogadoras da equipe feminina adulta assoviava e elogiava o corpo do jogador: “Tem que ter corpo pra usar essa roupa” (DC 2502); “Pra que colocar esse calção? Vai só de *legging* que tá lindo”, eram algumas das frases por elas enunciadas. O jogador se mantinha em silêncio e não esboçava reação gestual frente aos comentários (DC 0303).

Por outro lado, os jogadores não emitiam nenhum comentário, com exceção de Raul, que, em dado dia, logo que o viu chegar, disse a Simões Júnior: “O que que tá acontecendo contigo? Te conheci mais homem. Agora é cheio de brinco, colar, *legging*”. Simões nada disse, apenas seguiu até o local onde as bolsas estavam sendo postas (DC 2203). Como afirma Goellner (2012) o corpo é o corpo e seu entorno:

Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. (GOELLNER, 2012, p. 29)

As vestimentas de Simões Júnior fazem com que a masculinidade do jogador, na visão de Raul, perca prestígio, tornando-se “menos homem”. *Leggings*, brincos e colares seriam roupas e acessórios não adequados aos homens em decorrência de serem semelhantes aos femininos. Como afirma a autora acima citada, não são as semelhanças biológicas que definem um sujeito como homem, mas “fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2012, p. 29).

Outro jogador que foi questionado quanto à sua masculinidade em razão da roupa utilizada foi Jean, que disse ter ouvido em seu ambiente de trabalho comentários quanto à sua orientação sexual, porém, nesse caso, ele não considerou “brincadeira” e retrucou chamando aqueles que o ofenderam de “mulheres”.

Jean: Eu tenho uma camisa rosa com proteção. Nos dias de treino de membro inferior, quando eu chegava na academia com o short de *rugby*, que é curto e não engancha no joelho e essa blusa rosa, era zoação demais. Um dia falei: “Pô, eu me considero mais homem, vestido de rosa e short curto, do que muito cara aí todo de preto e altamente mulher. Eu sou mais eu, franzino e sem barba, do que um monte de cara barbudo, forte, chorando porque a Lady Gaga não vinha mais pro Rock in Rio”. Aí, acabou a zoação. (GF – Sessão 1)

A competitividade é uma característica da masculinidade hegemônica, que, com o intento de criar hierarquias, inclui o espectro da feminilidade nas disputas entre homens (ALMEIDA, 1995). Ao defender sua masculinidade, Jean usa os mesmos artifícios que seus algozes: a feminilização do outro. Ao comparar o uso de roupas curtas ou de coloração rosa – para ele, trajes funcionais ao seu cotidiano – à tristeza por ver a apresentação de um ídolo musical ser cancelada, Jean acredita ter invocado sua masculinidade a um patamar hierárquico superior ao dos homens que o desafiaram, uma vez que as emoções e a sua expressão são tidas como pertencendo ao mundo do feminino (por isso, o jogador chama os provocadores de “altamente mulher”).

Também na fala de Sérgio percebe-se o simbolismo de gênero na linguagem:

Sérgio: Tem quem diz: ‘Porque é mulher não pode fazer isso e aquilo. Porque é homem não faz isso e aquilo’. Não tem nada a ver. A mesma atitude que eu tenho com as mulheres, eu tenho com os homens. O comportamento varia de pessoa pra pessoa. Não tem isso de estereótipo. Tem mulher que é mais bruta que muitos homens. Tem homens que são mais sensíveis que muitas mulheres. Não tô falando de homossexuais. Quando a pessoa fala em homem sensível, o pessoal já pensa em homossexual. Tô falando de homem mesmo, homem que é hétero, e é mais sensível do que muita mulher, não sabe fazer quase nada que a sociedade exige que um homem faça, tipo, trocar uma lâmpada, consertar alguma coisa de casa. (GF – Sessão 1)

Segundo Le Breton (2007, p. 34), o corpo é o “lugar e o tempo no qual o mundo se torna homem”, é o lócus da atenção e da percepção de si e do outro. Por essa razão, ele é atravessado por jogos de poder em que determinados traços podem ser “considerados notáveis e, então, se constituírem em ‘marcas’ definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes” (LOURO, 2000, p. 62). Nessa perspectiva, as marcas deverão falar sobre os sujeitos, indicar suas identidades.

Deste modo, causa incômodo aos sujeitos quando sua leitura das marcas não é esclarecedora, não sendo possível enquadrar a si ou a outro alguém em uma identidade predeterminada a partir da aparência do corpo (LOURO, 2000, p. 61-62).

[...] aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de ‘marcas’ biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo, e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. (LOURO, 2018, p. 18).

Sérgio indicou anteriormente acreditar que a masculinidade heterossexual seja natural, um dito biológico; então, não deveriam existir homens homossexuais, e se existem, são uma anomalia. É essa incongruência que leva Sérgio a não qualificar os sujeitos homossexuais como homens, ou como “homem mesmo” (GF – Sessão 1). Ela alega dispor do mesmo tratamento a homens e mulheres, porém, quando se refere aos homossexuais, coloca-os em uma casta masculina inferior. A sensibilidade heterossexual é, nesse sentido, utilizada pelo como uma marca que classifica os homens em verdadeiros e não verdadeiros.

Em contexto semelhante ao de Jean, Simões Júnior compareceu a treino usando aparelho ortodôntico de coloração rosa. Um jogador da equipe juvenil masculina falou: “É muita viadagem”. Simões Júnior respondeu: “Baixar minhas calças e te mostrar o viado”. O jogador da equipe juvenil não retrucou (DC 1103).

Já Simões Júnior faz uso de outro mecanismo para impor sua masculinidade heterossexual: o pênis. Segundo Alves (2004, p. 13), é comum, no mundo masculino, a adoção de uma lógica que estabelece que “mais vale mais”, ou seja, um pênis grande e grosso ancora a afirmação e o orgulho masculino. O pênis é um órgão comum a todos os sujeitos do sexo masculino, porém, tomando a fala de Simões Júnior, o desenvolvimento do membro sexual reforça simbolicamente a virilidade do jogador. Tamanho seria, então, documento sim e expressaria força e poder.

Ao fazer uso simbólico do pênis para contestar a homossexualidade, Simões Júnior emite a ideia do ato da penetração, o qual é considerado ativo, enquanto o ser penetrado é visto como um ato passivo. Ademais, o ativo é associado à superioridade; e o passivo, à inferioridade. O homossexual seria, nesse contexto, associado a valores de inferioridade, pois “o macho, além de dar continuidade à linhagem paterna, tem que ser homem por inteiro e nunca pode ter uma relação sexual passiva, pois deixaria de ser homem, ficaria mutilado e não poderia voltar atrás” (ALVES, 2004, p. 29)

Mas a vigilância sobre as masculinidades não provém somente dos homens. Jean e Sérgio contaram que, enquanto algumas mulheres incentivam o uso de procedimentos estéticos, outras estranham.

Jean: Outro dia eu fui taxado de metrosssexual porque fiz minha sobrancelha. Fazer sobrancelha é normal. Vou deixar minhas sobrancelhas emendarem uma na outra, virar lobisomem? Tirar sobrancelha, pra mim, é básico.

Mediadora: Quem lhe chamou de metrosssexual?

Jean: Uma mulher.

Mediadora: Mulheres também opinam sobre seus cuidados corporais?

Jean: Eu já ouvi para me cuidar menos.

Sérgio: Eu já ouvi pra (me cuidar) mais. Uma vez duas amigas minhas fizeram limpeza (de pele) no meu rosto.

Jean: A mulher [namorada] me cobra que eu faça. Ela que tira, na verdade. (GF – Sessão 1)

Apesar dos contextos repreensivos aqui relatados, a forma hegemônica da masculinidade não é inflexível. Ela subsiste graças à sua capacidade de se apropriar de elementos diversos de outras masculinidades – inclusive a homossexual – e, assim, reconfigurar-se de acordo com as conjunturas históricas (TAMAGNE, 2013, p. 453). Essa reconfiguração pode ser ilustrada em fala de Simões Júnior ao demonstrar não sentir constrangimento caso seja definido como metrosssexual:

Mediadora: Vocês se consideram metrosssexuais?

Simões Júnior: Acho que sim, na questão de cuidado. O que é ser metro? Acredito que ninguém aqui fica sem tomar banho, sem se pentear. Penteio o

cabelo, cuidado das minhas unhas, barba, essas coisas. O cuidado que a gente tem com o corpo é importante. O que seria ser metro?
Jean: Fazer a sobrancelha, depilar na cera.
Simões Júnior: (Design de) sobrancelha não [faço], mas depilo minhas pernas, faço limpeza de pele, arrumo minhas unhas. Se fazer isso é coisa de metrosexual, então eu sou [diz rindo]. (GF – Sessão 1)

Já foi tratado neste trabalho, que o público masculino tem ganhado destaque no uso de produtos e procedimentos estéticos. Observa-se nesse âmbito uma ampliação de sua autonomia identitária. Entretanto, isso não significa que as novas identidades tenham se tornado referências absolutas de si mesmas. As trajetórias de homens e mulheres seguem em um processo educativo, cujo intento é inscrever em seus corpos a identidade de referência, a partir da qual são julgadas as demais. Às pessoas é possibilitada a busca da singularidade desde que enquadrada nos modelos de homem e mulher e nos códigos propostos pela matriz heterossexual.

A apropriação pelo corpo de valores sociais, em última instância, educa-o ao oferecer um universo de sentidos e valores. É sob a lógica do apagamento que as interações sociais se dão, pois o discurso das sociedades contemporâneas consagra o corpo como emblema de si e critério de julgamento e classificação do sujeito (LE BRETON, 2009, p. 31). Essa situação demonstra que é concedida uma licença às formas de corporeidade, mas estas são, em parte, constrangidas a aderir a regras predeterminadas.

Uma vez que negociar a relação com a heterossexualidade é uma questão de estabelecer uma distância dos comportamentos considerados homossexuais e femininos, essa negociação também envolve frequentemente o olhar e o tocar dos homens entre si.

Crianças se tocam despreocupadas com ritualidades ou precauções corporais. Mas à medida que a educação avança e as ritualidades sociais se impõem, os interditos limitam o contato e, conseqüentemente, as relações com o mundo (LE BRETON, 2016, p. 269). Como diz Louro (2003, p. 61), “por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas”, constituem suas masculinidades e feminilidades.

Homens e mulheres aprendem que seus corpos sejam acessados sem permissão e somente devem acessar aos corpos dos outros se outorgados por estes, pela cultura e por parceiros precisos, e em porções corporais não menos codificadas. Nesse contexto, o tocar o outro se transforma em sinal “de promiscuidade, quando

não escolhido reciprocamente pelos indivíduos implicados”, gerando constrangimento e sendo vivido como agressão pelo ser tocado (LE BRETON, 2016, p. 269).

Uma variação das modalidades do tocar foi presenciada em festa de aniversário de Raul e uma jogadora da equipe feminina adulta. As bebidas estavam liberadas para todos os participantes, mas o abridor de garrafas tinha o formato de um pênis e, por essa razão, nenhum dos rapazes o utilizou. As garrafas de cerveja foram abertas diretamente com as mãos, na borda das mesas e, até mesmo, com a boca. Somente as mulheres usavam o abridor. Provocando risos em alguns e desespero em outros, Benjamin e Raul eventualmente jogavam o peculiar abridor no colo de algum jogador, que rapidamente se afastava do objeto (DC 1605). Segurar o abridor de garrafas simbolizava segurar um pênis real, algo impensável em determinadas configurações de masculinidades, como as adotadas pelos jogadores.

Homens e mulheres têm espaços simbólicos cercados, *a priori*, por um repertório de comportamentos e condutas. Em nossa cultura, as características enfatizadas nos homens são: “honra, coragem, força, heroísmo, virilidade, ousadia, audácia, dentre outras”; negando-se características como: “medo, fragilidade, vergonha, sensibilidade, impotência e cautela” (URRA, 2014, p. 126). Espera-se, assim, segundo o autor, que homens sejam cautelosos ao demonstrar afeto por outros homens, evitando toques, que não são restritos na demonstração de agressividade.

Não foi observado ou relatado nenhum caso de agressão envolvendo os jogadores do Cajuína *Rugby*. Entretanto, a forma de cumprimento dos homens jogadores entre si raramente envolveu abraços e, de forma, alguma beijos. A saudação entre os participantes se dá, geralmente, por meio de um forte aperto de mãos e de um tocar de ombros, às vezes associado a um tapa nas costas do outro.

Em sessão de grupo focal, os jogadores leram a matéria da GQ (MARTINS, 2017b) sobre a intimidade entre os protagonistas, até o ano de 2017, da franquia cinematográfica *Velozes e Furiosos*. Questionados sobre as formas como expressavam sentimentos e emoções, verbal e gestualmente, em espaços homosociais, Sérgio, Jonas e Jean relataram:

Jean: Eu acho que vai muito do nível de amizade. Eu tenho amigos que a gente conversa, não tão próximo como nas cenas do filme. Eu, particularmente com amigos que não vejo a muito tempo, eu chego [e] abraço, ponho a cabeça no ombro ... a gente conversa.

Mediadora: Beijo no rosto?

Jean: Não, beijar no rosto, não. Nos países árabes, os caras se beijam. Lá é cultural. Aqui, o nosso cumprimento masculino aqui é a gente pega aqui [aperta as mãos], aí encosta aqui [ombros]. Já nas mulheres, a gente beija no rosto por uma questão de delicadeza.

Sérgio: Tem um amigo meu na universidade que tem mania de beijar no rosto, mas por mim tanto faz como tanto fez. Sobre essa questão da conversa, vários amigos meus... a gente senta um de frente pro outro e fica conversando, falando sobre várias coisas, sobre os projetos da vida. Ou, tipo, a pessoa tá passando por algo ruim, nada tá dando certo, a gente vai lá e fala: 'Não, vai dar certo'. A gente tenta animar. Mas isso vai do nível de amizade. A gente faz isso com os amigos mais chegados. Agora, aqueles amigos que a gente vê de vez em quando, a gente não se sente confortável.

Mediadora: Se um homem entrar nessa sala e cumprimentá-los com um beijo no rosto, há algum problema?

Jonas: Eu vou achar estranho porque não é, todo dia, assim. Mas tudo bem.

Sérgio: Eu acharia estranho. Não é nem pelo fato de ser um homem. Se fosse uma mulher, que nunca vi na minha vida, e, do nada, vem falar comigo e beija meu rosto... eu acharia estranho. (GF –Sessão 2)

Em outros momentos já referimos neste texto que a masculinidade hegemônica associa emoções e sentimentos às mulheres, enquanto aos homens, caberia a racionalidade. Os relatos dos jogadores demonstram que momentos de discussão de relação, exposição de sofrimentos e emoções também ocorrem entre homens, porém, quando os envolvidos apresentam um alto nível de familiaridade e intimidade. Quanto ao toque, Jean refere manifestações distintas para homens e mulheres, como o beijo no rosto, que ele somente compartilha com mulheres.

Já Sérgio, define o toque e as conversas sobre sentimentos como manifestações que não estão restritas à categoria gênero. O jogador esclarece que o distanciamento simbólico entre o seu corpo e os de outras pessoas também ocorre de modo independente ao gênero destas, corroborando pensamento de Le Breton (2016) sobre as fronteiras de corporeidade que isolam, ou tentam isolar, os sujeitos.

Segundo Le Breton (2016, p. 277), “não existem tocantes sem tocar, nem contato cutâneo sem uma afetividade posta em prática”. O toque é um ato comunicacional, cuja maneira como é recebido nem sempre coaduna com a intenção com que foi produzido. Tocar o outro pode gerar mal-entendidos não só para quem é tocado, mas para quem presencia.

Essa situação foi visualizada durante o terceiro tempo do torneio organizado pelo clube, quando Natanael pôs sua perna sobre as de Simões Júnior. Um outro jogador da equipe masculina adulta, ao ver a cena, perguntou: “Que romance é esse

aí?” Simões Júnior disse que Natanael é seu parceiro e pôs as mãos sobre a perna deste (DC 2503).

O comentário do jogador que relacionou a posição de Natanael e Simões Júnior a um romance revela que a “sexualidade não se limita à conjunção das zonas genitais: o corpo inteiro é erógeno” (LE BRETON, 2016, p. 266). Um mesmo gesto, mesmo salvaguardando as aparências, pode ser interpretado como carícia, consolo, cuidado, massagem, avaliação médica, sedução, intrusão etc. Essa interpretação será modulada pela sensibilidade individual dos sujeitos, a qual pode ser verificada nas distintas reações dos três jogadores envolvidos na cena observada. Qualquer que seja o gesto, sua repercussão estará ligada à intimidade dos sujeitos, ao que cada um delimita como tolerável ou constrangedor: Simões e Natanael leem o descansar de pernas sobre o outro como um ato que não causará danos às suas masculinidades, Já o terceiro jogador, lê o gesto como a assunção de um envolvimento amoroso.

Neste trabalho, consideramos que a transposição da fronteira simbólica dos corpos inclui também o olhar. Questionados sobre as regiões dos corpos de homens e mulheres que mais chamavam sua atenção, os jogadores citaram:

- Jonas: olhos e cabelos, em mulheres; braço e peito, em homens;
- Jean: olhos, boca, coxa, peito e bumbum, sequencialmente, em mulheres; músculos da região dorsal e peitoral, em homens;
- Frederico: rosto, em mulheres; braços, em homens;
- Caetano: pernas, em mulheres; peitoral e braços, em homens;
- Sérgio: boca, seios e bumbum, em mulheres; o rosto (barba), em homens;
- Simões Júnior: bumbum, em mulheres; braços, em homens.

Verifica-se que as regiões corporais admiradas nos corpos femininos, não são as mesmas dos corpos masculinos. Essa diferenciação não é incomum – e aqui, não estamos fazendo juízo de valor –, uma vez que homens e mulheres, atribuem aos corpos masculinos e femininos sentidos distintos e correlacionados às masculinidades e feminilidades. Entretanto, o relato de Simões Júnior receberá destaque em razão de sua reação ao ser questionado se direcionava seu olhar para o bumbum de homens:

Mediadora: No corpo das mulheres, o que vocês reparam?

Simões Júnior: Antigamente, eu reparava muito na bunda. Só que quando a gente começa a fazer [graduação em] Educação Física, as coisas mudam. A gente para de olhar no sentido de desejo. Por exemplo, passa uma mulher bonita, geralmente eu vou falar: ‘Olha, tem problema não sei onde, problema não sei onde’. Eu brinco muito

com isso. Por exemplo, rebolado é disfunção no quadril. Não olho com os mesmos olhares de antigamente. É mais profissional.

Mediadora: Mas a parte que você mais repara ainda é o bumbum?

Simões Júnior: É, o bumbum.

[...]

Mediadora: E nos homens, o que vocês reparam?

Simões Júnior: O mesmo princípio que falei nas mulheres.

Mediadora: Bumbum, então.

Simões Júnior: Aí, não.

Os outros jogadores riem.

Mediadora: E qual parte do corpo do homem você mais repara?

Simões Júnior: Braço. (GF –Sessão 1)

Determinadas regiões corporais podem ser definidas como passíveis de serem fitadas em um dado gênero, mas não em outro. Essa foi a percepção passada pela fala de Simões Júnior, que negou imediatamente olhar para bumbuns de homens. Sobre essa negação em olhar para outros homens, Sérgio disse:

Sérgio: Tem cara que tem a masculinidade muito frágil. Se você olhar pra um homem, ele diz logo: 'Ei, tu é viado?' Não. Se o cara não é gay, ele pode olhar que não vai sentir nada. Ele tem aquela concepção de que, se você acha um homem bonito, é gay. Eu, por exemplo... tem um professor de português onde tô fazendo preparatório que, acho, tem 1,80m. Fortão. A barba toda 'cheiona', toda preenchida. Aí, eu ficava lá (pensando): 'Cara bonito desse. Por que eu não sou bonito assim?' Eu fico com raiva de mim, não vou mentir [risos]. Quando a gente [o time masculino] foi pra Minas, deu raiva. A gente foi pra Belo Horizonte. Rapaz, o que tinha de bichão [gesticula indicando pessoas altas e com ombros e costas de grandes dimensões], do olho verde, bonito. Eu reparo porque eu vejo que são bonitos, mas eu também penso no lado da concorrência com as meninas. (GF –Sessão 1)

Mesmo Simões Júnior referiu observar e admirar outros corpos masculinos, apesar de não sugerir, de modo algum, que este olhar alcance a região dos glúteos:

Mediadora: Há algum homem cujo corpo vocês admirem e digam 'Esse cara é bonito'.

Simões Júnior: Tem um cara que malha com a gente. Ele é muito grande, muito grande mesmo. Quando ele passa [eu digo]: 'Olha ele lá, ó ele lá'. Ele é enorme. (GF – Sessão 1)

Conforme a masculinidade hegemônica, um “homem não pode experimentar nenhuma possibilidade que lhe pareça feminina”, como tocar ou deixar tocar o bumbum –, “pois essa atitude pode ser a primeira de uma série que ao final lhe compromete irremediavelmente a masculinidade” (SEFFNER, 2003, p. 133). O bumbum, seja de um homem ou de uma mulher, é associado à ideia de penetração. A pressa de Simões Júnior em corrigir a orientadora denota a intenção de afastar

qualquer possibilidade de associação de sua masculinidade a performances homossexuais.

Percebe-se uma vinculação imaginada entre virilidade, heterossexualidade e masculinidade hegemônica. Porém, essa associação não significa necessariamente que todos os homossexuais rompam com esse modelo de masculinidade ou concordem com uma mesma definição das relações de gênero. O jogo sobre as aparências – seja adotando, recusando os estereótipos, ou misturando os signos – está no cerne das identidades homossexuais, pois “permite expressar, ao mesmo tempo, uma sensibilidade pessoal e o pertencimento a um grupo” (TAMAGNE, 2013, p. 425).

Essa ambiguidade a que se prestam as noções de masculinidade e virilidade podem ser verificadas no discurso de Sérgio, que, ao contar sobre suas primeiras experiências na universidade, refere ter um amigo que não aparentaria ser homossexual.

Sérgio: Quando entrei na universidade foi um choque. O que tem de homossexual, de lésbica, de marmotagem. Tem cara andando de saia na UESPI. Isso foi novo pra mim. Lá, eu conheci um colega de sala que depois me falou que era bissexual. Você olha pra ele, não parece que corta pra um lado e outro. Pra mim, ele foi se tornando uma coisa normal. Eu deixei de ver essas coisas [homossexualidade] como anormal, e agora é uma coisa que é muito comum. (GF – Sessão 1)

Uma vez que o corpo, além de agente, “objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita” (LE BRETON, 2007, p. 77), os estereótipos se fixam preferencialmente sobre as aparências físicas.

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada ao modo de socialmente apresentar-se e representar-se. Conforme a fala de Sérgio, espera-se aparências distintas para homens heterossexuais e homossexuais. O homossexual tem sua imagem comumente associada aos significados de afetação, efeminação, fragilidade física e instabilidade emocional. À masculinidade hegemônica, heterossexual, estariam vinculados os atributos: rigidez, virilidade, força física e racionalidade. Expressas no/pelo corpo, essas oposições remetem a uma incompatibilidade de essências e a estereotípias de homossexualidade e heterossexualidade. Em decorrência disso, quando o heterossexual se afasta da masculinidade hegemônica, e o bi- e o homossexual dela se aproximam, veicula-se

frases similares como: “não parece que corta pra um lado e outro” (GF – Sessão 1); ou, “não parece gay”.

Traços dispersos da aparência são metamorfoseados e dispostos com o “propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, numa categoria moral ou social particular” (LE BRETON, 2007, p. 77). Nesse subcapítulo, verificamos em diversos momentos, a preocupação de alguns jogadores em dispor suas aparências de modo a afastar suas masculinidades da homossexualidade estereotípica. E, em outros momentos, por vezes naqueles mesmos jogadores, aparências que ordenam sentidos de masculinidades ambíguos. Nessa perspectiva, a prática da aparência, “na medida em que se expõe à avaliação de testemunhas, se transforma em engajamento social, em meio deliberado de difusão de informação sobre si” (LE BRETON, 2007, p. 77). A aparência se transforma em capital, cujas fontes devem ser gerenciadas de modo a garantir a melhor avaliação social possível do sujeito ou, ao menos, que este não seja prejudicado por negligência.

No entanto, o corpo é também agente de modificação e produto do contexto em que está inserido. Através do corpo, o ser humano pode conferir completude às suas vivências. Essa possibilidade é concretizada em momentos em que os jogadores resistem à adoção de determinados atributos da masculinidade hegemônica e se apropriam de elementos associados a outras masculinidades (LE BRETON, 2007).

Apesar dos comentários depreciativos por parte da família, de amigos e de parte dos jogadores Simões Júnior compareceu a alguns dias de treino trajando *legging*. “A” continua usando secador de cabelo. Jean segue com suas sessões de design de sobrancelha. Jonas e Sérgio permanecem realizando depilação de peitoral.

Durante grupo focal, Jonas e Simões Júnior expuseram suas opiniões sobre as reprimendas recebidas por colegas jogadores:

Mediadora: No Cajuína, vocês tiveram que mudar o estilo de se vestir?

Jonas: Não

Simões Júnior: Apesar da trairagem, da zoação, ali, ser grande [gesticula em negação].

Mediadora: Essa zoação ocorre quando você vai aos treinos usando calça *legging*?

Simões Júnior: *Legging*, qualquer coisa que não seja daquele meio ali, vão zoar.

Mediadora: Por que eles zoam?

Sérgio: Não tem nada pra fazer

Jonas: Não tem nada de anormal. É só uma roupa. (GF – Sessão 1)

Conforme Geertz, o corpo necessita do suporte simbólico e linguístico concedido pelas configurações da cultura.

Não dirigido por padrões culturais — sistemas organizados de símbolos significantes — o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela — a principal base de sua especificidade. (GEERTZ, 2008, p. 33)

Ressalva-se, entretanto, que a cultura é dinâmica e diversa. Por essa razão, diferentes concepções de corporeidade podem ser assumidas por distintos grupos, classes, categorias e gêneros. Nesse sentido, o corpo possui significados distintos de uma sociedade para outra e, até mesmo, em uma mesma sociedade: suas definições imagéticas, os ritos e símbolos sociais que o tomam como protagonista, seu potencial, suas limitações e suas resistências são variados (LE BRETON, 2007, p. 28-29).

Em decorrência da influência sobre o sujeito das mudanças de pensamento social e das relações com os outros, a constituição da identidade é descentralizada e ocorre ao longo da vida daquele (HALL, 2005, p. 71). Nesse ínterim, a diferença de gênero “é algo que acontece e precisa ser feito acontecer”, mas “é também algo que pode ser desfeito, alterado, tornado menos importante” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 56).

3.7. Estratificação social por raça e classe, estratificação de masculinidades

Para melhor compreensão das informações que serão explanadas neste subcapítulo, logo de início, expõe-se as rendas médias individuais mensais e as cores/raças dos jogadores a serem aqui citados.

Jogador	Renda média individual	Cor/raça
Caetano	De R\$ 3.748,00 a 5.622,00	Negro
Frederico	Menos de R\$ 937,00	Pardo
Jean	De R\$ 937,00 a R\$ 2.811,00	Branco
Jonas	Não possui	Pardo
Nuno	Não possui	Negro
Sérgio	Não possui	Negro
Simões Júnior	Menos de R\$ 937,00	Branco
Vítor	Não possui	Pardo

Quadro 4 – Renda média mensal e cor/raça de jogadores de rugby.

Fonte: Elaboração própria.

A renda mensal individual de **Simões Júnior**, estagiário em uma academia, era inferior ao salário-mínimo pago à época, porém, ele recebia auxílio financeiro de sua família, cuja renda variava entre R\$ 2.811,00 e R\$ 3.748,00.

Frederico mantinha seu sustento financeiro graças a uma Bolsa de Apoio Estudantil, no valor de R\$ 400,00, e à moradia gratuita em uma Residência Estudantil Universitária, programas componentes do Núcleo de Assistência Estudantil da instituição de ensino superior em que estava matriculado e cujo objetivo era dar condições de permanência a estudantes de baixa renda. O jogador informou que esses benefícios possibilitavam a não solicitação de auxílio financeiro à avó, cuja renda era de, apenas, um salário-mínimo.

Sérgio, Nuno, Vítor e Jonas, todos estudantes, não possuíam renda salarial própria, sendo, assim, sustentados por seus pais. A renda salarial familiar de **Jonas** e **Nuno** possuía valores entre R\$ 937,00 e R\$ 2.811,00. A renda familiar de **Sérgio** alcançava valores entre R\$ 3.748,00 e 5.622,00. Já a renda familiar de **Vítor** não chegava a R\$ 937,00.

Gênero não é um tipo especial de prática, mas uma maneira de estruturar a prática social como um todo e constantemente envolvido com outras estruturas sociais que resultam em situações reais produzidas por meio de condicionamento mútuo. Não se trata de confrontá-lo com outras categorias estruturais, mas de lembrar que as “relações de gênero sempre operam em um contexto, interagindo com outras dinâmicas da vida social” e definindo práticas e padrões de masculinidades e feminilidades, que têm de estar sempre a serem construídas (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 177).

Nos anos 1970, ao tentar persuadir os homens de que a Libertação da Mulher era benéfica para eles, os reformadores dos papéis sexuais ignoraram que o dividendo patriarcal pode ter forma de vantagem econômica, “autoridade, respeito, serviços oferecidos, segurança, moradia, acesso ao poder institucional, apoio emocional, prazer sexual e controle sobre o próprio corpo” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 269). Entretanto, embora os homens, em geral, beneficiem-se do dividendo patriarcal, sua magnitude dependerá da posição do homem na ordem social.

Além das masculinidades hegemônica, subordinada e cúmplice, os ganhos e custos do gênero produzem outra possibilidade, a marginalização, termo referente às

relações entre masculinidades e diferentes estruturas de classes e raças, categorias que refletem grandes distinções socioculturais e são constantemente definidas por intermédio das relações de gênero (CONNELL, 1997, p. 42).

A masculinidade hegemônica é idealizada, em geral, a partir do referencial de homem branco heterossexual, com alto poder aquisitivo e da zona urbana. Ao contrário de um homem pobre desempregado, um rico empresário detém extenso dividendo do processo de acumulação generificada no capitalismo (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 269). Essa distinção foi verificada em relatos de Jean e Frederico.

Mediadora: A renda influencia a forma como vocês se veem ou são vistos por outras pessoas?

Jean: Na forma como eu me vejo, não. Passei muito tempo sobrevivendo à custa de bolsa de pesquisa na universidade e, antes disso, sobrevivia com baixos salários. Isso nunca influenciou na minha autoestima. Agora, pela visão da sociedade, acho que uns 40%, ou mais, dela te trata diferente pela renda.

Frederico: O homem pobre é tratado diferente do homem rico, sim. Não vou generalizar, mas, na maioria dos casos, quem tem mais dinheiro, tem acesso a melhores equipamentos, carros, roupas, e querendo ou não a sociedade agrega valor ao que você tem, e não ao que você é. Muitas vezes, a pessoa é um péssimo ser humano, mas por ter dinheiro e bens, ela é valorizada. Então, isso termina fazendo com as pessoas te tratem diferente. O cara que trabalha na fábrica de carvão 12 horas por dia é menos valorizado. Embora, ele tenha que sustentar uma família e ajude outra família, ainda assim, ele vale menos porque ele tem menos. Eu, pelo menos, pelo que eu passei, acho que a sociedade me trata assim, como se eu valesse o que eu tenho, não o que eu sou como pessoa.

Mediadora: Isso faz com que você mude seu comportamento?

Frederico: sim, sim. Eu acho que eu termino. Não sei se é pela convivência, pela sociedade ter me tratado assim, que eu termino me preocupando mais em saber como é a pessoa do que o que ela tem. Eu acho que se a pessoa for gentil, se ela tratar os outros bem independente do cargo, porque tem muitas pessoas que só tratam bem quem é superior a ele ... então se a pessoa tratar os outros bem, se ela se preocupar com a sociedade de modo geral, eu acho que ela tem valor independente do cargo que ela ocupe. (GF – Sessão 1)

Para os jogadores, as desigualdades de classe expostas pelos jogadores criam diferentes experiências e alteram as relações entre as pessoas. Isso implica em diferentes trajetórias de formação de gênero em que distintos comprometimentos, estratégias e resoluções de questões de gênero são adotados e alcançados (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 203). Conforme os relatos de Frederico e Jean, devido à restrição de oferta de recursos, condições e bens de consumo, masculinidades que não se enquadram no modelo hegemônico são invisibilizadas e desprestigiadas.

Frederico é enfático ao dispor, nas relações de classe, o sentido do ter como sinônimo do ser. Os projetos de masculinidades dos homens de baixa renda têm como ponto de partida a pobreza e o acesso restrito a recursos econômicos. A reivindicação de poder, central na masculinidade hegemônica, é constantemente negada a esses homens em razão de sua fragilidade econômica. A situação e a prática de classe levam esses homens a perder a maior parte do dividendo patriarcal (CONNELL, 2005, p. 116). Se tomarmos o conceito de violência simbólica, de Bourdieu (2012), verifica-se sua aplicação sobre os homens de classes sociais baixas, quando estes são convocados a serem responsivos às pessoas de classes sociais abastadas e, quando a isso se recusam, são chamados de subversivos, “sem berço”.

A teoria do *habitus* auxilia, em muito, a reflexão sobre as masculinidades. Entretanto, cabe ressalvas quanto à ideia de incorporação inconsciente do *habitus*, uma vez que pode levar a entender que o sujeito tem sua capacidade de agenciamento negada quanto à construção das masculinidades. Nesse ponto, recorremos a Connell (2005, p. 80), para pensar as masculinidades dos homens, mesmo os de uma mesma classe social, como constituídas e reconstituídas por uma dinâmica em que as relações de classe e gênero estão simultaneamente em jogo. Frederico – que expõe sua frustração por se sentir desvalorizado pela sociedade – e Jean se postam contrariamente à força simbólica que diminui homens (todas as pessoas, em verdade) aos seus bens e recursos materiais.

Tomando Bourdieu (2012), a reversão do quadro de dominação é possível através de um movimento de subversão simbólica que opere e imponha um processo de transformação das categorias de percepção e de avaliação que conferem caráter natural às categorias sociais que produzem. Para reverter a situação marginalizada do homem pobre, Jean pontuou a formação profissional como fundamental. Em conversa o jogador revelou a presença de refugiados venezuelanos na cidade: “Hoje vi uma mulher com uma placa dizendo que era venezuelana e precisava de ajuda”. Nuno, jogador da equipe juvenil afirmou ter notado apenas mulheres e crianças venezuelanas pedindo ajuda nas ruas: “Passou na TV um monte de homem. Cadê eles?” (DC 2702). Em resposta à colocação do companheiro, Jean afirmou que: “O pessoal não ajuda quando é homem, e ainda chama de vagabundo. Homem pobre pena. Eu sei. Eu venho de uma casa pobre, pobre mesmo. Agora eu tô bem. Tenho minha profissão, tenho meu trabalho, meu dinheiro. Por isso que é importante a gente estudar, se formar” (DC 2702). O jogador ressaltou rotineiramente aconselhar os

irmãos a investirem em sua educação formal, pois somente assim o indivíduo poderia galgar espaço de respeito e reconhecimento na sociedade contemporânea.

Para Jean, a formação profissional possibilitaria melhores oportunidades de emprego, salários e formas como um homem é visto pela sociedade.

Também Frederico referiu a importância da formação escolar e profissional para reversão do quadro de fixidez identitária do homem de classe mais baixa. O jogador é oriundo de uma cidade do interior do Piauí e até o 2º ano do Ensino Médio, conta, não sabia qual era a finalidade do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), desde 2009, um dos principais instrumentos de ingresso no Ensino Superior no Brasil. Foi uma professora que explicou a Frederico sobre suas possibilidades de continuidade dos estudos por meio de um bom desempenho naquele exame, possibilidade nunca antes referida por seus familiares e pares. Dentre os homens jovens e adultos residentes em sua comunidade, Frederico foi o primeiro a iniciar uma graduação, e enxerga esta como uma oportunidade de melhor condição de vida para si e para sua avó (DC 0306).

Também Caetano referiu a escolaridade como instrumento de manobra à identidade fixa referenciada a homens oriundos de classe baixa. Porém, o jogador acrescentou e interligou às possibilidades de estratificação social a raça.

Caetano: Meu esforço e dedicação aos estudos vêm de família. Eu e meus dois irmãos sempre tivemos na cabeça que estudar é o melhor caminho pra progredir na vida. E, com certeza, foi o melhor caminho porque, hoje, eu sou concursado, um é contador, e o outro, educador físico. Todos três negros de origem humilde. (GF – Sessão 1)

Ao corpo é referida a determinação dos lugares ou posições sociais dos sujeitos no interior de um grupo. “Os corpos são o que são na cultura” (LOURO, 2004, p. 75).

A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e nacionalidade. Podem valer mais ou menos. Podem ser decisivos para dizer do lugar social de um sujeito, ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de certo grupo cultural. Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder. (LOURO, 2004, p. 75-76, grifos da autora)

Marcas de raça estruturam e são estruturadas pela classe e pelo gênero, que operam em uma matriz de dominação, cujo resultado é uma hierarquia, “uma espécie

de pirâmide em que os sujeitos se locomovem dentro de limites preestabelecidos pelas diferentes categorias que os interseccionam” (LUZ, 2013, p. 211). A maioria das pessoas, incluindo os homens negros e os homens pobres, não se situa no topo da hierarquia social, tampouco na base, mas no instável intervalo entre estas zonas, procurando ascender e evitar a queda. No interior da hierarquia, os sujeitos constroem suas identidades e determinam suas posições movimentando-se por diferentes categorias (raça, classe, gênero, sexualidade, entre outras), valorizando aquelas que lhes representam privilégios em detrimento das que lhes tornam vulneráveis (LUZ, 2013).

Assim as outras formas de masculinidades, as marginalizadas são configurações de práticas geradas em uma estrutura cambiante de relações e, por isso, marcadas por um movimento dinâmico. Se o indivíduo pode experimentar diferentes masculinidades em diferentes contextos culturais e históricos, pode-se intuir que essas masculinidades são capazes de se modificarem, e, serem substituídas (CONNELL, 2002, p. 19).

Consoante os jogadores participantes do grupo focal o preconceito de cor/raça, apesar de afetar não está vinculado unicamente às masculinidades, mas às relações sociais, em geral, destas com pessoas brancas e entre si. A atitude de Frederico e Caetano em priorizarem a formação escolar e profissional revela o desejo dos jogadores em desembaraçar-se da possibilidade significativamente aumentada quando se é uma pessoa negra ou parda, a pobreza, o bloqueio ao acesso a condições dignas de moradia, saúde, lazer, entre outros aspectos caros à vida humana. Ao mesmo tempo, conforme Alves (2004, p. 11), as noções de alto/superior estão associadas ao masculino da mesma maneira como o movimento de ascensão social é reconhecido como importante componente da masculinidade hegemônica. Para o autor, o desejo de ascensão, deste modo, seria mais intenso em homens em razão dos efeitos simbólicos sobre suas identidades.

Os efeitos exercidos pelas relações de classe e raça sobre as identidades de pessoas negras podem ser visualizados pelo desemprego maciço e a pobreza urbana desta população (CONNELL, 2005, p. 80). Como pontua Frederico:

Frederico: A maioria do Brasil é pobre e negra. E a maioria dos pobres e negros é discriminada. Parte dos negros não tem oportunidade de emprego. Mesmo aqueles que tenham capacitação, vão ter menos oportunidades do que as outras pessoas, brancas. (GF – Sessão 1)

A estrutura social brasileira dificulta em muito a que as pessoas negras acedam aos mesmos benefícios que as brancas nos mais diversos tipos de relações sociais constituídas (gênero, trabalho, familiar etc.). Assim como entre homens e mulheres, e entre mulheres, na população de homens a distribuição de poder é desigual e eles apresentam necessidades e experiências de masculinidades distintas. Homens negros, como grupo social, têm menos oportunidades e possibilidades de sucesso financeiro e profissional do que homens brancos, por exemplo.

Fundamentando fala de Frederico, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – Contínua (Pnad-C), referentes ao último trimestre, de 2019 mostram que, entre pessoas brancas, a taxa de desemprego foi de 8,7%, e pessoas pretas (13,5%) e pardas (12,6%) (ABDALA, 2020). Sobre os índices de ocupação em 2018, segundo o IBGE (2019a, p. 25-27), dentre os ocupados/as, a proporção de pessoas brancas era de 45,2% e a de pretas e pardas de 53,7%. Todavia, quando comparado por atividades econômicas, o recorte por cor ou raça revela uma segregação racial no mercado de trabalho. Pessoas pretas e pardas são maiores nas atividades Agropecuárias (60,8%), na Construção (62,6%) e nos Serviços domésticos (65,1%), cujos rendimentos médios foram inferiores à média em 2018. Já as áreas de Informação, financeiras e outras atividades profissionais, e Administração pública, educação, saúde e serviços sociais, cujos rendimentos foram superiores à média em 2018, contavam com a maior participação de pessoas ocupadas de cor ou raça branca. No balanço geral, em 2018, pessoas brancas ganhavam em média 73,9% mais do que pretas ou pardas.

Apesar de afirmar esforço e dedicação “pra crescer na vida”, Caetano, quando diretamente questionado, ressalva ser, ainda, ser alvo de preconceito por cor (o jogador não usa os termos raça e racismo):

Frederico: Tu já sentiu que alguém te achou menos capacitado?

Caetano: No trabalho, não. Mas, fora, sim. No meu serviço, ser bombeiro negro ou branco não qualifica ou desqualifica em nenhuma situação. Mas fora, sempre há esse preconceito de que as pessoas negras são mais desprovidas de conhecimento. Isso é totalmente errado porque, hoje em dia, a questão de conhecimento depende mais do esforço de cada um. Quem tem mais esforço e dedicação, tem um conhecimento mais elevado. As pessoas negras ainda são tratadas como menos, menores do que as brancas. Se eu tiver ao lado de uma pessoa branca, bonita e, até, com uma educação menor do que a minha, outra pessoa que passe por ali, pergunta ‘pro’ branco: ‘Você pode me ajudar?’ No trabalho é mais complicado porque todo mundo passou pelo mesmo processo, então, todo mundo é tratado igual.

Frederico: A cor termina por sobressair. (GF – Sessão 1)

O direito universal à educação, como consta na Constituição brasileira, não está manifestadamente garantido, pois se assim o fosse, então Caetano não seria julgado, de imediato, como não qualificado para conceder uma informação ou realizar uma atividade. Segundo dados do estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, desenvolvido pelo IBGE (2019b), em 2018, pessoas pretas ou pardas representaram 50,3% dos estudantes de ensino superior da rede pública, porém, como formavam a maioria da população (55,8%), permaneceram sub-representados. Entre a população preta ou parda de 18 a 24 anos, o percentual cursando ensino superior aumentou de 2016 (50,5%) para 2018 (55,6%), mas permaneceu abaixo do percentual de pessoas brancas da mesma faixa etária (78,8%). Nesse mesmo período, o percentual de jovens pretos ou pardos, de 18 a 24 anos de idade, com menos de 11 anos de estudo e que não frequentava escola caiu de 2016 (30,8%) para 2018 (28,8%). Porém, esse indicador ainda era superior ao de jovens brancos (17,4%, em 2018).

A fala de Caetano expõe a complexidade da estrutura que produz o racismo. Melhoras nos níveis de escolaridade são importantes, mas não suficientes para mudança desse quadro. Consoante Souza e Miranda (2013, p. 108-109), os direitos estão ligados à organização e dinâmica de estabelecimento das relações sociais entre indivíduos de diferentes gêneros, raças e classes. As experiências e manifestações de prazer e desejo desses sujeitos serão controladas, normatizadas e vigiadas por meio de diversas práticas, discursos e valores presentes nas relações sociais, as quais interferirão na garantia e ampliação de direitos, como o acesso e permanência em instituições de educação básica e superior, uma vez que melhores níveis de escolaridade podem promover mudanças no quadro de oportunidades de emprego e renda aos sujeitos e, assim, um desequilíbrio na configuração das hierarquias sociais, inclusive nas masculinidades. Ao mesmo tempo, aqueles que alcançam altos níveis de escolaridade, ainda assim, terão muita dificuldade para aceder aos cargos mais altos.

Não há uma única forma de masculinidade negra, parda ou de classe baixa a transitar no meio social. O efeito combinado entre classe, raça, sexualidade, geração e outras categorias, impactarão e constituirão as masculinidades de formas múltiplas (CONNELL, 1997, p. 39). Entretanto, como faz ver o relato de Caetano, as

negociações e subversões possíveis ao modelo hegemônico não são concretizadas unicamente pelas trajetórias e agências individuais dos sujeitos.

Além de Frederico, Sérgio e Jonas também referiram perceber e sentir em seus corpos as diferenças no tratamento dispensado a homens brancos, negros e pardos. Jean e Simões Júnior, os únicos brancos presentes em sessão de grupo focal, concordam com os primeiros. Já Caetano, parece relativizar o preconceito:

Mediadora: Vocês acham que há alguma diferença na forma como o homem branco e o negro são tratados?

Sérgio: Com certeza.

Jonas: É.

Mediadora: Vocês já passaram por alguma situação assim?

Sérgio e Jonas: Já.

Jean: É muito diferente. Eu nunca passei por isso, mas já vi muito. É triste.

Simões Júnior: É desumano.

[...]

Caetano: É, a cor influencia. Tudo tem seu comparativo. Racismo não existe mais tanto porque raça é uma coisa que tá diminuindo. Mas preconceito, todo mundo tem um pouco. (GF – Sessão 1)

Em um contexto de supremacia branca, as masculinidades dos homens brancos são construídas em relação às mulheres brancas e aos homens negros. Um atleta negro vitorioso pode se tornar, para a masculinidade hegemônica, exemplo de virilidade, porém, seu prestígio não fornecerá autoridade social aos homens negros, em geral. De mesmo modo, o dividendo patriarcal de Caetano, negro, militar e de classe média, é simbólico na luta pela equidade de cor/raça, porém, sua materialidade compartilhada é limitada, não sendo concedido a outros negros o mesmo reconhecimento que ao jogador, pois a marginalização é sempre relativa a uma autorização da masculinidade hegemônica do grupo dominante (CONNELL, 1997, p. 42).

O movimento negro denuncia que se inicialmente o discurso racista vinha fazendo uso da ciência para criar teorias essencialistas de raças e legitimar opressões, agora, a estratégia mudou, mas o fim segue o mesmo: a ciência é acionada para negar a existência de raças biológicas e contestar o que ele denomina de movimento vitimista de negros (LUZ, 2013, p. 204). Quando Caetano diz que “raça é uma coisa que está diminuindo” (GF – Sessão 1), ele utiliza o mesmo argumento do discurso racista, e ignora que o conhecimento é utilizado como mecanismo histórico e social de opressão.

Em outro momento, Caetano demonstra incômodo por ter sido questionado por Frederico se já tinha sido, de pronto, tratado como não qualificado (“Tu já sentiu que alguém te achou menos capacitado?”, indagou o último).

Mediadora: Em algum momento vocês reconhecem que foram preconceituosos em relação à cor?

Caetano: Só a pergunta dele [Frederico], se eu me percebo capacitado ou não, mostra que ele deve ter algum problema com isso. Todo mundo tem um pouco de preconceito, mas não quer resolver aquela ideia.

Frederico: Não. Isso é o nosso contexto. (GF – Sessão 1)

A posição de Caetano sobre o racismo se torna mais contraditória quando Jean e Simões Júnior, ambos brancos, reconhecem e criticam a existência desse preconceito/crime. Conforme Narayan (1997, p. 285), a natureza contextual do conhecimento permite sustentar ser mais fácil e plausível que os oprimidos tenham uma percepção crítica quanto à opressão sofrida, em detrimento daqueles que não a vivenciam. Nessa perspectiva, o legado das masculinidades marginalizadas seria a compreensão da variedade de situações geradas pelas opressões de classe e raça. Por outro lado, os homens que apresentam outras possibilidades de masculinidades, que não a marginalizada, podem manifestar empatia, como Jean e Simões Filho o fazem, mas dificilmente conseguirão compreender plenamente a complexidade da opressão e da desigualdade produzidas pelo preconceito de raça. Isso porque os marcadores e mecanismos que lhes concedem o usufruto do dividendo patriarcal se tornam invisíveis aos seus olhos a partir do momento em que eles se percebem como modelos universais de homens. Caetano contraria toda essa teoria.

Em seu local de fala, Caetano acredita que o racismo esteja findando na sociedade brasileira e que o preconceito em geral seja algo inerente ao comportamento do ser humano. Se pensarmos nas relações sociais, perceberemos que, em busca de melhores posições na hierarquia social, as pessoas buscam marcas, como chama Louro (2004), que possibilitem sua ascensão; ao mesmo tempo, aqueles que não a detiverem terão perdas em seu prestígio. No preconceito racial, entretanto, a ascensão e a queda visadas são coletivas, remetem a grupos/populações de seres humanos. O jogador minimiza os efeitos do preconceito ao individualizar sua ação e seus efeitos.

Quando minimiza atos de preconceito, Caetano pressupõe que esteja em uma situação confortável na hierarquia de masculinidades. Entretanto, ao revelar ser

preterido quando ao lado de um homem branco, manifesta que essa ascensão possui limites. Conforme Luz (2013, p. 212), um mesmo sujeito pode transitar entre posições subalternas (no caso, marginalizadas) e hegemônicas ou, mesmo, conviver na mesma relação, encerrando plurais e complexos significados de identidade e desigualdade. Ao mesmo tempo em que nega o racismo e naturaliza o preconceito como senso comum, Caetano enfrenta barreiras para fugir de um estigma de negro fracassado.

Silenciar sobre um tema ou situação parece ser uma estratégia recorrente de Caetano. Anteriormente, ao falar da homofobia no serviço militar, o jogador já havia sinalizado que permanecer em silêncio sobre este tema é o melhor a se fazer para evitar danos à carreira. Agora, considerando a forma como se direcionou a Frederico, Caetano parece crer que falar em racismo seria uma forma de exercê-lo e legitimá-lo. O ato da fala seria, conforme o jogador, um mecanismo opressor por expor intencionalmente os marcadores e diferenças corporais dos sujeitos a partir dos sentidos de desigualdade e discriminação que os envolvem. Deste modo, um movimento de invisibilização do racismo seria, a tomar pela fala de Caetano, uma maneira de reduzi-lo progressivamente na sociedade e, assim, atenuar seus efeitos sobre seu corpo e sua identidade.

Frederico já havia referido em sessão focal que, em determinado período de sua adolescência, adotou ideologia racista, citando sua avó como influência nesse sentido. Porém, segundo o jogador, ele não mais pratica o racismo:

Mediadora: Você disse que já foi racista.

Frederico: Fui. Não sou mais. Isso era quando eu tinha 12 pra 15 anos. Aquele ditado 'Preto, quando não faz na entrada, faz na saída'... Eu ouvia isso em casa e na TV. A maioria dos bandidos que aparecem na TV são negros. Aí eu já ficava impressionado.

Mediadora: E como deixou de ser racista?

Frederico: Quando eu percebi que eles eram, a maioria, muito pobres, sem estudo, sem direito nenhum. Quando eu vi a forma como a minha vó falava dos meus colegas: 'Não se junte com essa gente'. Eu não me incomodo que uma pessoa faça sete refeições por dia. Eu me pergunto é porque que os outros não podem. (GF – Sessão 1)

A declaração de Frederico levanta a questão – já tratada neste subcapítulo – da assimilação de esquemas de pensamento dos grupos dominantes que naturalizam e contribuem para a disseminação da prática do racismo. Em uma sociedade em que as normas e valores tendem a servir aos interesses de homens brancos ricos heterossexuais, é possível que uma pessoa parda – como Frederico – ou, até mesmo, negra, seja racista.

Outra questão suscitada por Frederico é a vinculação da masculinidade negra à violência e outros mal feitos. Sérgio e Jonas referiram momentos em que, em razão de sua cor/raça, foram diretamente definidos como indivíduos suspeitos

Frederico [direcionando-se a Caetano]: Fala de São Paulo.

Caetano: Em uma viagem do time pra São Paulo, há uns cinco anos, saímos juntos quatro homens. Um era branco. Ficamos os três [negros] andando de loja em loja, e o branquinho, Edgar, só lá de boa, comprando. De repente, uma viatura da polícia nos parou e pediu pra gente se identificar porque os lojistas estavam se sentindo ameaçados porque tinha três pessoas negras, nós, entrando em todas as lojas. A gente é do Nordeste. A gente quer entrar em todas pra conferir. Isso é normal [risos]. Enquanto isso, o Edgar tava lá na outra loja, comprando. [Bate na mesa e fala em tom irônico] 'É, isso é verdade. Ele é branquinho. A gente [negros] tá sequestrando'. [Retoma tom ameno de fala] Mas, hoje em dia, se dois brancos andarem numa moto, sem capacete e de havaiana, também sofre preconceito. 'São ladrões. Vamo correr'. Se forem dois negros, também são. Então, assim, a comparação já tá quase se igualando.

Jonas: É. A gente [Jonas e Sérgio] 'vei' de moto e ali na frente [do local de realização das sessões de grupo focal] tem dois caras do exército. Eles olharam pra gente com uma cara desconfiada, tipo: 'Fica de olho, é bandido'. E não foi a primeira vez, não. Se eu for sentar numa esquina, a pessoa já passa com pressa. (GF – Sessão 1)

Como já citado nesse trabalho, o jogador Vítor recomendou a um companheiro da equipe juvenil que modificasse seu corte de cabelo e, assim, evitasse problemas com as autoridades policiais. O colega de equipe respondeu: "Se eu deixar curto, eles vão me prender do mesmo jeito"; e tocou por duas vezes na pele de seu braço, negra (DC 1504).

A masculinidade hegemônica sustenta a coação institucional e física que conforma as masculinidades negras (CONNELL, 1997, p. 42). Conforme Jonas, homens pardos pobres, como ele, são também incluídos nesse cenário. A cor/raça e a classe são, implícita e explicitamente, utilizadas para legitimar condutas e discursos que definem um dado homem como potencialmente perigoso para o convívio em sociedade.

As taxas de homicídio no Brasil evidenciam a relação entre classe, raça e violência. De 2012 a 2017, para a população negra ou parda, a taxa aumentou de 37,2 para 43,4 mortes para cada 100 mil habitantes, enquanto, para a população branca, o índice flutuou entre 15,3 e 16. Negros ou pardos tinham, portanto, 2,7 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio em 2017 (NITAHARA, 2019).

Essa diferença se acentua na população jovem, na qual a taxa chegou a 98,5 entre pessoas negras ou pardas de 15 a 29 anos, enquanto entre jovens brancos foi de 34 por 100 mil habitantes. Fazendo o recorte apenas dos homens negros nessa faixa etária, a taxa de homicídio chegou a 185. Para as mulheres de 15 a 29 anos, a taxa foi de 5,2 entre as brancas e 10,1 para as negras e pardas (NITAHARA, 2019).

Além de configurarem como o grupo mais atingido por homicídios, o último levantamento realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), em 2016, aponta que a população presidiária é predominantemente composta por pretos e pardos (65%) (ALMA PRETA, 2019). Esses dados colocam novamente a questão da inter-relação entre raça, gênero e classe na produção de masculinidades.

Homens negros ou pardos pobres, em geral, têm sua imagem vinculada à criminalidade, além de serem inseridos em contextos sociais marcados pela miséria, violência, desemprego e ausência do Estado (CONNELL, 1997, p. 42). Para Frederico, em vez de se colocar em pauta a produção social da violência por estruturas discriminatórias de pessoas negras e pardas, personifica-se a violência nesses corpos, os quais terminam por ser estigmatizados seja envolvido ou não com a criminalidade. Consoante o jogador, a relação entre raça e criminalidade deve ser vista sob a ótica desse estado de vulnerabilidade social a que pessoas negras estão expostas.

Frederico: Um vídeo no Facebook mostrava fotos de duas pessoas em situações iguais, mas em uma foto era uma pessoa branca, e na outra, negra. O vídeo foi mostrado pra um grupo de pessoas e elas tinham que falar a profissão da pessoa da foto. Quando era o cara branco, ele tava cuidando do jardim da casa dele. Quando era o cara negro, ele era o jardineiro. Uma moça branca costurando, era estilista. Uma moça negra costurando, era empregada da loja. Um negro de terno, é o segurança. Um branco de terno, ele é o executivo. O que você faz quando não tem perspectiva? Por que a maioria dos presos são negros? (GF – Sessão 1)

Frederico não relaciona o envolvimento de homens negros em situações de criminalidade ao desejo de constituir dada masculinidade e provar virilidade. Segundo o jogador, associar-se à criminalidade surge como saída possível para uma situação em que pessoas negras (homens e mulheres), apesar de seus esforços de formação escolar e profissional, não se percebem em condições equânimes de participar e se beneficiar das relações sociais, entre elas as oportunidades de trabalho. A submissão de pessoas negras a um contexto de restrição de direitos e desrespeito às suas

necessidades (inclusive de sobrevivência) seria peça-chave para o seu comprometimento em crimes e contravenções, uma vez que estes possibilitariam a essas pessoas o usufruto de meios e produtos sociais que lhes foram anteriormente negados.

Frederico aborda de forma mecânica a conexão entre altos níveis de criminalidade e aprofundamento da desigualdade social. Fundamentar a violência como produto inelutável da pobreza é naturalizar a reação dos/as lojistas que chamaram a polícia para expulsar Caetano de uma loja; é convocar as pessoas de bem a se afastarem imediatamente quando encontrarem Jonas em alguma esquina da cidade. Se pensarmos dessa forma, então, todo negro ou pardo é pobre e delinquente, inclusive Frederico.

O acirramento das desigualdades sociais está implicado com o aprofundamento da violência. Porém, esta apresenta natureza estrutural. Outros fatores contribuem para sua elevação, entre eles Raewyn Connell e Pierre Bourdieu citam a luta de parte dos homens pela afirmação ou ascensão de reconhecimento por outros.

Conforme Connell (2005, p. 117), se homens negros aceitam a perda de dividendo, estão aceitando como justa sua privação de direitos sociais e sua falta de credibilidade na hierarquia de masculinidades. Parte deles, então, tenta modificar esse quadro e garantir melhor posição nas relações de poder por meio de uma ação direta: a violência (atos de agressão) e a criminalidade.

A ordem masculina é uma violência contra mulheres, homossexuais e homens, estes atingidos na medida em que tem um papel a cumprir e regras a seguir, sendo, assim, prisioneiros dessa representação dominante. O ideário de virilidade é tão fortemente associado à ideia de masculinidade, que o “privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõem a todo homem o dever de afirmar em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (BOURDIEU, 2012, p. 64).

Para que um sujeito do sexo masculino seja considerado homem é necessário que apresente honra evidente, ou seja, fixa, aceitável e invariável diante dos outros homens e em oposição à feminilidade sob pena de ser excluído do mundo dos homens.

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra

a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (BOURDIEU, 2012, p. 67, grifos do autor)

No processo de obsessão por anular ou, ao menos, esconder qualquer traço do que se entende socialmente como feminino, como medo, angústia, passividade, ternura e vulnerabilidade, por exemplo, e, assim, ser reconhecido por si mesmo e pelos outros como verdadeiramente homem, configuram-se os constantes jogos de honra, como a violência e o crime, que, cumpridos, concederão aos homens senso de honra e virilidade, características vistas como dignas de um homem. Entende-se, aqui, o cruzamento entre um *habitus* construído segundo a divisão entre masculino e feminino, e um espaço social organizado segundo essa divisão (BOURDIEU, 2012, p. 61-62).

Por fim, conforme informações e dados coletados em grupo focal, questionário sociodemográfico e observação indireta, as configurações de práticas de masculinidade dos jogadores de *rugby* envolvem mais do que papéis sexuais masculinos. Intervêm de forma entrecruzada, a economia, o Estado, os movimentos sociais, a família, os relacionamentos pessoais, as subjetividades, dentre outros aspectos componentes das relações de gênero.

Apesar dos esforços de parte dos elementos citados pelos jogadores frente à constituição de masculinidades hegemônica ou próximas a esta, as respostas dos homens jogadores reiteram a ideia de diferentes formas de uso e expressão dos corpos masculinos, os quais não se apresentam apenas como estrutura biológica – que de modo algum pode ser ignorada –, mas também como uma estrutura sócio-histórica envolvida em um complexo e dinâmico trabalho de construção. De mesmo modo, as masculinidades não são práticas mecânicas criadas em espaços a-históricos e repetitivos ou a partir da supremacia do sujeito e sua subjetividade.

O coletivo e o individual têm participação intransferível nas construções de identificações. Essas características implicam na produção e coexistência, no grupo de jogadores de *rugby*, de distintas possibilidades de masculinidades que, em parte, refletirão a ordem de gênero dominante, em parte, serão gerados a partir de movimentos coletivos e individuais de contestação e resistência à ordem.

No entanto, coexistência não significa necessariamente relação social horizontal, equitativa. Ao lado do movimento de assunção e resistência ao poder simbólico, hierarquias de masculinidades são visualizadas em diversas situações

referidas pelos jogadores e salientadas em fase de observação diretas deles. Apresentar-se como detentores dos símbolos de honra, virilidade, heterossexualidade e prestígio – significados incorporados à masculinidade hegemônica – demonstra-se uma preocupação contínua dos jogadores não só perante mulheres, mas também frente aos outros homens, produzindo, em diversos momentos relatados pelos jogadores ou observados junto a eles, situações contraditórias e (auto)repressão a determinadas formas de masculinidades.

Mas quais seriam as possibilidades de atuação das práticas de masculinidades dos jogadores sobre a experiência corporal do *rugby*? E da prática do *rugby* sobre as masculinidades? Estas serão as questões abordadas no próximo capítulo.

4. CORPOREIDADES E MASCULINIDADES EM CAMPO: SIGNIFICANDO O HOMEM JOGADOR DE *RUGBY*

Em oposição à perspectiva biomédica, que considera “as práticas corporais apenas em sua condição de mera atividade física, desconsiderando o investimento subjetivo ali envolvido e sua condição de produto e processo cultural”, Damiani e Silva (2005, p. 19), entende estas práticas como manifestações culturais expressas prioritariamente em âmbito corporal e compostas por técnicas corporais.

Fruto de construções coletivas e individuais, as práticas corporais têm como elemento constituinte fundamental a experiência que, constituída no corpo, exerce função imprescindível na formação humana (SILVA; DAMIANI, 2005a, p. 205).

O conceito de experiência remete a toda região da sensibilidade e da percepção humana, referindo-se a uma construção sensível da existência que ocorre tanto no nível do consciente como naquele que está submerso em cada um. Esse conceito indica, também, que parte da experiência com as práticas corporais pode ser racionalizável, mas parte de seu conteúdo sequer pode ser comunicado ou tornar-se consciente. (SILVA et al., 2009, p. 10)

É a experiência que permite a significação humana e, conseqüentemente, o reconhecimento do semelhante e do diferente, a reflexão sobre o lugar social do sujeito, possibilitando significações e ressignificações. Logo, a experiência é construída nas relações sociais. Quanto mais densas e significativas as experiências do sujeito, mais rico será o processo de construção da alteridade (SILVA; DAMIANI, 2005b, p. 24). Os esquemas de experiência – estruturas preconceituais da sensibilidade e da racionalidade – “constituem os modos de percepção, a maneira do homem se orientar e de interagir com o mundo, seja com os objetos, com os acontecimentos, com as pessoas ou com a Natureza” (SILVA et al., 2009, p. 21).

Silva e Damiani (2005a, p. 188) apontam a linguagem como constituinte da experiência e da expressão humana, o que indicaria o trabalho com as práticas corporais como uma possibilidade para a formação humana. Para as autoras, a formação humana deve contemplar integralmente o sujeito, além de possuir fins de auxílio ao processo de construção da autonomia nas relações, o que exige do sujeito um esforço intencional, colocando-se em uma posição crítica e responsável frente às questões do mundo que o rodeia, aos seus próprios atos e à história coletiva.

As práticas corporais, então, estão para além do trabalho com os fundamentos anatomofisiológicos humanos. As vivências de práticas corporais são agentes de um processo contínuo de construção e reconstrução de saberes que permitam o autoconhecimento, novas percepções corporais, a emancipação social, a sociabilidade e a ludicidade (SILVA; DAMIANI, 2005b). Para além do direito legal, as práticas corporais

[...] possibilitam o desenvolvimento da condição de humanidade, dado que o gênero humano, mais do que a espécie humana, permanece constituindo-se a partir de um conjunto de experiências que se constroem no corpo, a partir do corpo e por meio do corpo. (SILVA; DAMIANI, 2005b, p. 23).

Dentre as formas de manifestação das práticas corporais, pode-se citar o esporte, o qual, segundo Betti (2009), em virtude de seu aspecto socializador, vem sendo utilizado desde a Escola Pública Inglesa, no século XIX, como ferramenta de promoção da liderança, lealdade, autoestima e espírito esportivo (visto também como espírito cooperativo). Até os dias atuais, essas características ainda são fortemente ligadas ao esporte e utilizadas como incentivo à sua prática. Porém, seria esse o único uso possível da prática/instituição esportiva, ou a experiência da prática esportiva também exerceria impacto sobre a constituição de masculinidades, feminilidades e relações de gênero?

Quando questionados acerca da atuação do esporte sobre as configurações de masculinidades, os jogadores participantes do grupo focal (GF) levantaram distintas possibilidades:

Mediadora: Dá pra dizer, então, que o *rugby* tem alguma participação na construção dos modos de ser homem?

Caetano: Sim. Participa da formação humana, então, da formação do homem e da mulher, também [...].

Sérgio: Concordo, pegando pra essa questão mesmo de gênero do teu trabalho, eu acredito que ajuda sim [...].

Jean: Pelo menos da minha parte, o esporte nunca influenciou na minha masculinidade. Pra mim, o esporte é neutro.

Mediadora: Neutro em que sentido?

Jean: Pra mim, o esporte é neutro, porque as regras fazem todos participarem igual.

[...]

Frederico: Eu concordo em parte [dá ênfase à expressão] contigo [dirige-se a Jean]. Muita gente diz que o esporte é machista. Eu não vejo dessa forma. Eu vejo ele neutro também. É neutro no sentido de não levantar bandeira. (GF – Sessão 2)

Essas colocações expressam a falta de consenso entre os jogadores quanto à relação esporte e masculinidade. A partir dos dados e informações coletados por meio de GF, questionário sociodemográfico e observação direta, refletir-se-á sobre os significados atribuídos pelos participantes ao *rugby* e ao ser homem jogador de *rugby* e, a partir disso, as possibilidades de uso do esporte – em específico, do *rugby* – como instrumento de educação dos corpos masculinos e constituição de configurações de práticas de masculinidades. Nesta seara, o *corpus* de análise foi categorizado nas seguintes unidades e subunidades temáticas:

a) Perfil do homem jogador de *rugby*: caracterização dos homens participantes do estudo a partir das subunidades temáticas:

- Fisionomia dos homens jogadores;
- Competitividade e valorização da dor;
- Restrição ao toque, e;
- Espírito das leis do jogo.

b) Estrutura organizacional do clube de *rugby*: descrição da organização e do funcionamento do clube de *rugby*, como associação desportiva amadora, no que tange às subunidades temáticas:

- Ordenação hierárquica dos homens jogadores; e,
- Convivência entre as equipes feminina e masculina em âmbito clubístico.

Respeitando essa categorização, este capítulo será organizado em três seções. A primeira, “Dos primeiros escritos do código à chegada do *rugby* ao Brasil”, apresentará uma problematização, a partir de uma abordagem sócio-histórica, do potencial de mediação do *rugby* no processo de constituição das masculinidades. As duas últimas seções, “Caracterização das corporeidades e masculinidades dos homens jogadores do Cajuína *Rugby*” e “A relação entre a estrutura organizacional do Cajuína *Rugby* Clube e as masculinidades expressas no contexto clubístico”, abordarão a análise e interpretação, à luz de referencial teórico, das unidades temáticas citadas em parágrafo anterior.

4.1 Dos primeiros escritos do código à chegada do *rugby* ao Brasil

O entendimento do *rugby* como modalidade esportiva perpassa não apenas suas características quanto às habilidades motoras, técnicas e táticas exigidas aos

seus praticantes, mas também seu processo histórico de constituição. É também por meio do percurso fundacional de uma modalidade esportiva que podemos compreender os significados e funções a ela atribuídos, e suas modificações, no decorrer do tempo histórico.

Nessa perspectiva, consideramos ser importante, uma abordagem sócio-histórica do *rugby* a fim de dar início a uma problematização da potencial mediação desta prática corporal esportiva no processo de configuração de significados que concorrem para a constituição de masculinidades.

A partir do século XVI, na Europa Ocidental, os modelos sociais de conduta, particularmente nas classes sociais altas, começam a se transformar na direção do banimento de excessos de autopunição e autocomplacência. A mudança encontrou expressão no conceito de civilidade, “símbolo de um novo refinamento das maneiras” (ELIAS, 1985a, p. 41). Também o desenvolvimento do esporte e, em particular, do *rugby*, passou por mudanças em seus preceitos de conduta e sensibilidade à violência.

No século XVIII, além do prosseguimento do processo civilizatório, a sociedade inglesa assiste à insurgência de mulheres contra a desigualdade de gênero. Em meados do século XIX, torna-se notório que o movimento sufragista, mesmo não alcançando totalmente seus objetivos, causou um desequilíbrio nas relações entre homens e mulheres na Inglaterra. O incremento de alguns direitos às mulheres foi lido por parte dos homens como uma ameaça à sua posição de dominância, principalmente àqueles da classe média, estrato a que pertencia a maioria das sufragistas. Em resposta, parte deles se mobilizou em torno do *rugby* como um enclave onde poderiam reforçar o modelo de masculinidade ameaçado e ratificar as mulheres como o sexo frágil. Percebe-se nas ações desses homens uma atitude hostil e paradoxalmente temerosa em relação às mulheres – que passaram a desafiar as estruturas sociais –, e a qualquer ato considerado afeminado (DUNNING, 1985b, p. 400).

Existem indícios de que o *rugby* é originário de uma variedade de jogos medievais praticados segundo regras orais, em campos abertos e ruas dos vilarejos através da Inglaterra (RIAL, 2000). Esses jogos expressavam uma forma extrema de regime patriarcal caracterizado por: estruturas de Estado e de desenvolvimento social de níveis relativamente reduzidos, atos de violência regularmente manifestos na vida cotidiana e mecanismos de poder entre os gêneros nitidamente favoráveis aos

homens. “Como tal, integravam a expressão macho de uma forma relativamente desabrida” (DUNNING, 1985b, p. 395).

No século XIX, na escola pública inglesa – com início na *Rugby School* – o *rugby* emerge gradualmente como um jogo com características distintivas (ALASALMI, 2014). A composição desse sistema educacional por jovens filhos da aristocracia e da classe média foram determinantes para a construção de uma identidade de nobreza, cavalheirismo e virilidade. Isso porque o objetivo dessas instituições era a formação, em nível de excelência, de homens saudáveis e fortes chefes de empreendimento ou oficiais militares (BETTI, 2009). Significado como uma prática simbólica de confronto, o *rugby* foi exaltado como mecanismo ideal de educação e socialização dos futuros líderes militares e administrativos da nação britânica e veículo de imposição e expressão da virilidade (DUNNING, 1985b).

O esporte é espaço de observação, avaliação e comparação de seus praticantes, recebendo maior ganho distintivo – utilizando o termo de Bourdieu (2003, p. 196) – aqueles que alcancem melhor desempenho e resultados efetivos. Nessa perspectiva, pressionados pela sociedade britânica a praticar esportes, os homens jovens se viam obrigados a se adaptar à regra; caso contrário, arriscavam-se a ser qualificados como afeminados, o que era associado à noção de homossexualidade. Praticar esportes competitivos, em que a dominação física é celebrada, representa importante recurso social de experiência e validação da masculinidade durante a juventude e a vida adulta, atuando como barreira contra a feminização e emasculação (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 35, DUNNING; MAGUIRE, 1997, p. 4).

Em 1845, na *Rugby School*, formalizaram-se as primeiras regras do *rugby*, entre as quais “proibir, por completo, o uso das *navvies*” (botas com ponta de ferro valorizadas em jogo em *Rugby* e outras escolas), apontando para o declínio do culto à violência (DUNNING, 1985a, p. 336). Concebido pela filosofia aristocrática como escola de coragem e virilidade, “capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer”, o esporte deveria respeitar regras e adotar o *fair play*, disposição oposta à busca da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 2003, p. 187). Apesar disso, o *rugby* não se tornou área livre dos “preconceitos patriarcais, característicos de uma sociedade que se encontrava num estágio ainda relativamente inicial da sua emergência como um Estado-nação urbano e industrial” (DUNNING, 1985b, p. 395).

Para solucionar as críticas quanto à violência do *rugby*, criou-se a *Football Association* (FA), responsável por reger o *rugby football* e o futebol inglês. No entanto,

no final de 1863, após a FA proibir o porte da bola pelas mãos e os chutes nas pernas dos adversários (as chamadas caneladas) – características centrais do *rugby* na época –, os clubes ingleses de *rugby* se recusaram a ingressar na federação. Os defensores das caneladas argumentaram que sua abolição “tornaria o jogo ‘afeminado’” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 288).

Os atributos ligados ao *rugby* compõem o que Elias (1985b, p. 204) chama “*ethos* guerreiro”, que pode ser utilizado como uma ferramenta de controle dos corpos. No século XIX, a modalidade é assinalada pelo culto à violência e à força, pelo controle e disciplinamento do corpo quanto à dor, pela misoginia e homofobia. Por conseguinte, o processo civilizatório pelo qual passava o jogo era caracterizado por alguns praticantes como um processo de feminização do *rugby*, já que “enquanto o ideal masculino é retratado como arrogante” e forte (tanto física, quanto psicologicamente), “o ideal feminino — segundo a perspectiva masculina — é representado como tímido, frágil e dependente” (DUNNING, 1985b, p. 398-399). Evitar a disputa física com o adversário era um ato covarde, afeminado; não condizia com o *ethos* guerreiro necessário a um homem jogador de *rugby* (RIAL, 2000).

No final do século XIX, a controvérsia pública sobre a canelada continuou. O nível de violência se tornou uma ameaça à aceitação do *rugby* como um esporte civilizado. Por esta razão, a *Rugby Football Union* (RFU), estabelecida em 1871 com o objetivo de unificar as regras do jogo, decidiu abolir a prática dos chutes nas pernas (DUNNING, 1985a), apesar das críticas daqueles para quem um jogo de *rugby* não seria completo sem uma oportunidade real de mostrar sua bravura – em outras palavras, dando e recebendo dor sem queixa.

Quando do estabelecimento da RFU, o *rugby* era desempenhado pelas classes média alta e média, principalmente das escolas e clubes do sul da Inglaterra, e vetado a homens trabalhadores. Em regulamento promulgado em 1880, esse critério de composição das equipes foi abolido (RIAL, 2000).

Assim, o *rugby* sofreu o que foi descrito por Phillipots (2000, p. 42-43) como uma “democratização” para a qual contribuíram a aprovação da maioria da população à modalidade e a quantidade de jogadores necessários para uma partida na época, 40 homens. Bourdieu (2003, p. 194) não utiliza o termo democratização para descrever a popularização (ou massificação) do *rugby*. O autor percebe nesse movimento do esporte uma estratégia de controle político das massas. Antes de considerar o esporte como uma ferramenta para a formação do caráter, as escolas

públicas inglesas, que deveriam assumir a tarefa de enquadrar 24 horas por dia, todos os dias da semana, os adolescentes que estavam sob sua responsabilidade, viram ali um meio de ocupar os últimos a um menor custo, pois durante a prática esportiva os estudantes seriam facilmente vigiáveis, dedicar-se-iam a uma atividade saudável e descarregariam a sua violência sobre os colegas, em vez de fazê-las sobre as instalações escolares ou os professores.

Resulta, em parte, desse fato, o desenvolvimento da prática esportiva entre os jovens da classe dominante e das classes dominadas. Reconhecendo essa possibilidade de uso do esporte na mobilização, ocupação e controle de jovens, o poder público e outras instituições e agentes – partidos políticos, sindicatos, igrejas e padrões paternalistas – que concorriam para a conquista simbólica desse estrato da população passaram a auxiliar financeiramente a divulgação do esporte e a constituição de associações esportivas. O esporte se torna objeto de luta política (BOURDIEU, 2003, p. 194).

Preocupado em assegurar um “envolvimento contínuo e total da população operária”, o patronato oferecia a esta, além de hospitais e escolas, estádios e outros estabelecimentos esportivos (BOURDIEU, 2003, p. 194). No norte industrial da Inglaterra, empresários e industriais locais, especialmente nas regiões de Yorkshire e Lancashire, fundaram uma série de clubes de *rugby* que atraíram as mais diversas classes sociais para a prática do esporte, especialmente a classe trabalhadora (PHILLPOTS, 2000).

Compunham os clubes de *rugby* homens que não passaram pelo processo de socialização da escola pública e da universidade inglesas e, portanto, não seguiam exatamente os mesmos valores (PHILLPOTS, 2000). A divulgação do *rugby* desde as escolas de elite até as associações esportivas de massa é acompanhada, tanto de uma mudança das funções que os próprios esportistas dão à prática, quanto de uma transformação da própria prática esportiva (BOURDIEU, 2003, p. 196).

Os novos jogadores se consideravam cavalheiros e compartilhavam de parte dos conceitos tradicionais de masculinidade das equipes do sul, como a dureza e a força (PHILLPOTS, 2000), porém, aqueles homens que conservaram a nostalgia do *rugby* universitário tinham dificuldade em admitir o gosto pela violência e a “exaltação do sacrifício obscuro e tipicamente plebeu” que caracterizava os novos jogadores de *rugby* (BOURDIEU, 2003, p. 196).

Além disso, os jogadores oriundos da classe operária tinham também concepções diferentes quanto ao aspecto amador do jogo, refutando-o em favor da profissionalização do esporte (PHILLPOTS, 2000) e de suas exigências correlativas, como a racionalização do treinamento e a “maximização da eficácia específica (medida em ‘vitórias’, ‘títulos’ ou ‘recordes’)” (BOURDIEU, 2003, p. 196). Para esses jogadores, os gastos e as perdas de ganhos salariais devido aos compromissos com as equipes eram consideráveis. Então, ressalvando que não se tratava de uma remuneração pela prática do *rugby*, os clubes do norte expuseram disposição em executar a compensação dos gastos dos jogadores para, assim, mantê-los e garantir a competitividade entre as equipes (ALASALMI, 2014).

Para compreender as razões pelas quais os jogadores da classe operária apresentavam concepções tão distintas daqueles oriundos da elite quanto ao amadorismo e ao fair play é preciso lembrar que, para os últimos, a carreira esportiva é praticamente excluída do campo de trajetórias profissionais admissíveis para alguém da classe dominante, excetuando os casos do tênis e do golfe, graças aos seus ganhos distintivos. Já para os rapazes das classes dominadas, a carreira esportiva representa uma das “únicas vias de ascensão social”, justificando-se com isso uma das poucas possibilidades de mobilidade social (BOURDIEU, 2003, p. 196).

Esse vislumbre de profissionalização do *rugby* não agradou à elite, que argumentou que o pagamento era contra os verdadeiros interesses do esporte: o lazer, o prazer e a constituição do caráter do homem inglês, marcado pelo cavalheirismo, lealdade e decência. A produção de ganho monetário significaria a comercialização do esporte e redução do jogo a uma mera competição em que a apreciação do jogo e a produção de valores seriam subordinadas aos resultados (SKINNER; STEWART; EDWARDS, 2003).

Bourdieu (2003) corrobora Skinner; Stewart; Edwards (2003) e acrescenta outro fator para a posição contrária da elite ao ingresso de homens trabalhadores nas equipes e à *profissionalização* do *rugby* e, conseqüente, execução de pagamentos aos jogadores. Para o autor, o esporte, como qualquer prática social, é um objeto de lutas entre as classes sociais e entre as frações da classe dominante pela determinação do corpo legítimo e de seus usos legítimos. O esporte no século XIX (e ainda nos dias atuais) traz consigo, a ideologia aristocrática que, além de defini-lo “como atividade desinteressada e gratuita”, mascarando “a verdade de uma parte crescente das práticas esportivas”, também confere a atividades como o tênis e a

equitação – majoritariamente praticadas pela elite –, “ganhos de distinção” que, sem dúvida, justificam parte de sua procura (BOURDIEU, 2003, p. 190). A profissionalização do *rugby* permitiria que homens de camadas populares passassem a praticar esse esporte originalmente reservado à elite e, ainda, possibilitaria sua transformação em espetáculo de massa, reduzindo mais ainda seu lucro distintivo.

Até a década de 1880, o *ethos* do *rugby* como esporte amador existia na Grã-Bretanha sob uma forma relativamente vaga e amorfa. Foi só após a ameaça crescente das classes mais baixas praticarem esportes antes exclusivos da elite que se começou a articular e mobilizar a moral amadora. O principal objetivo desse movimento era conservar formas de participação esportiva que a elite considerava ser um direito exclusivo seu (ELIAS; DUNNING, 1985). Sob a égide de que “jogar por dinheiro seria algo menor nesse esporte que preza tanto a nobreza”, a elite manteve as classes mais baixas o mais distante possível de seu enclave (RIAL, 2000, p. 245). Skinner; Stewart; Edwards (2003) corroboram essa percepção e acrescentam que o *ethos* amador do *rugby* se expressava na riqueza, na independência e na exclusividade da elite inglesa. Este *ethos* é ameaçado à medida que a popularidade do jogo se amplia e entra em cascata nas classes mais baixas.

As atitudes dos jogadores trabalhadores e da elite eram bastante diferentes. A classe trabalhadora tinha pouca consideração pelo conceito amplo de valores amadores. Pelo contrário, mantinha uma tradição esportiva que enfatizava ganhos, apostas e recompensas materiais. De acordo com essa visão, para que o *rugby* se tornasse um jogo mais competitivo e de alto nível, as copas e as ligas eram consideradas essenciais, e não o amistoso, que os clubes do sul insistiam em manter (PHILLPOTS, 2000).

A justaposição de clubes de *rugby* socialmente exclusivos e clubes mais abertos era uma configuração com grande potencial de conflito. Em 1895, em um esforço concentrado em seus mais altos níveis, a RFU criou regulamentos antiprofissionalismo que ampliaram a ruptura entre os clubes do sul e do norte da Inglaterra, e se declarou estritamente uma organização amadora (PHILLPOTS, 2000). Até mesmo, as escolas públicas inglesas se mobilizaram em favorecimento ao amadorismo do *rugby*, acentuando em seu argumento não apenas o prazer como ingrediente essencial do esporte, mas também “a racionalização educativa do desporto, em particular das equipes, como um instrumento de treino do caráter” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 314).

Como consequência dessas ações, 22 clubes do norte, compostos, entre outros, por homens trabalhadores, retiraram-se da organização e formaram, em 1898, o *Northern Rugby Football Union* (NRFU), que trazia em seu cerne a marca do profissionalismo, e, em 1922, tornou-se *Rugby Football League*. Resultado: o jogo de *rugby* dividiu-se em dois formatos diferentes, o *Rugby Union* (amador) e o *Rugby League* (profissional), existentes até os dias atuais (ALASALMI, 2014).

Mudanças administrativas estavam ocorrendo, mas para exemplificar o nível de violência a que o *rugby* ainda atendia, Phillpots (2000) cita dois incidentes, ocorridos na década de 1960, envolvendo jogadores da Inglaterra. Em 1964, Mike Davis estava jogando contra a Nova Zelândia quando deslocou o ombro e, mesmo assim, seguiu em campo naquela partida. Dois anos depois, David Perry também continuou a jogar apesar de lesionar gravemente a cartilagem do joelho após 15 minutos de partida.

Nesse sentido, a partir de 1968, foram permitidas substituições para jogadores lesionados, primeiro em jogos internacionais e, mais tarde, em todas as partidas, o que ajudou a melhorar a imagem do esporte como espetáculo. A noção de que um jogador lesionado deve continuar independentemente da dor para demonstrar seu compromisso com a causa, não mais tinha lugar no esporte moderno. Também não era apropriado sugerir que uma equipe com um ou mais jogadores a menos em campo deveria mostrar seu verdadeiro caráter ao superar essa adversidade com base no argumento de que para alcançar as expectativas dos jogadores e, principalmente dos espectadores, era – e continua sendo – essencial que a incerteza do resultado fosse mantida durante todo o jogo. Perder um jogador pode levar sua equipe a se esforçar mais e vencer, porém, é mais provável a vitória da equipe com todos os jogadores em campo (PHILLPOTS, 2000).

Dunning (1985b, p. 399) afirma que a modalidade contribuiu para o desenvolvimento de “expressões simbólicas do machismo”. Um exemplo que demarca essa ação no *rugby*, no século XIX, é a proibição da presença de mulheres em reuniões pós-jogo, com exceção dos casos em que elas ali estivessem “para fazer chá, preparar e servir refeições e para admirar e animar os seus homens” (DUNNING, 1985b, p. 402). Ou seja, a presença das mulheres seria tolerada em reuniões dos jogadores desde que se mantivessem em posição de servidão a estes¹⁶

Entre outros fatos, ocorriam naquelas reuniões rituais de iniciação em que os novatos eram obrigados a realizar *strip-teases*, imitações de comportamentos vistos

como de mulheres e homossexuais, sob um viés extremamente desrespeitoso e humilhante a essas categorias, e, ainda, tinham seus órgãos genitais profanados “eventualmente, com graxa de calçado ou vaselina” (DUNNING, 1985b, p. 400). O ritual tinha como objetivo inserir oficialmente o jogador no que era considerado como a vida de um homem de verdade, abandonando quaisquer aspectos que burlassem as normas de masculinidades pregadas pela equipe e pela sociedade em geral.

No entanto, apesar de inundado por valores patriarcais, o esporte moderno emergiu como parte de uma mudança civilizadora, da qual um dos aspectos foi a transformação, embora tênue, das relações de gênero. Ao lado do processo de profissionalização do *rugby*, ocorre uma abertura, pequena a princípio, para a participação indireta das mulheres no ambiente esportivo (DUNNING, 1985b, p. 402).

Graças à continuidade do processo de emancipação das mulheres, os clubes britânicos já não possuíam as fronteiras de gênero tão demarcadas quanto de início. As estruturas e ideologias referentes ao ideal de masculinidade daquele período e que fundamentaram o código do *rugby* (aqui entendido como o conjunto de regras do jogo em si, e de valores e condutas valorizados por seus praticantes e apreciadores) se encontravam fragilizadas. Não se fala ainda em participação das mulheres como praticantes do *rugby*, mas em um movimento de dupla face ao menos o papel de visita cortês lhes foi concedido, desde que acompanhadas por homens. A abertura dos portões dos clubes às mulheres foi causada, em parte, por contingências financeiras que levaram as equipes a usar os bailes como instrumentos de arrecadação de fundos. No entanto, essa mesma abertura também demonstra que, apesar do domínio masculino na sociedade britânica não ter desaparecido, estava sendo combatido e, em certa medida, corroído (DUNNING, 1985b, p. 402).

Em 1995, a questão do profissionalismo no *rugby* aumentou e, em 27 de agosto daquele ano, a *International Rugby Football Board* (IRFB) – órgão mundial de governo do *Rugby*, criado em 1886 com fins de resolução de disputas e regularização da modalidade – alterou suas regras para, oficialmente, torná-lo um jogo aberto, ou seja, permitir a profissionalização (PHILLPOTS, 2000).

¹⁶Montse Martín (2001) menciona que trajetória de mulheres no *rugby* inglês, o pioneiro, é praticamente invisibilizada pela literatura e pela mídia. Fontes levam a autora supracitada a crer que, assim como o masculino, os primeiros jogos femininos foram realizados nas universidades inglesas. Os primeiros registros de partidas disputadas por três equipes femininas universitárias datam do período 1978-1979. A primeira Copa do Mundo de *Rugby* Feminino foi realizada em 1991, e a segunda, somente em agosto de 2014 na França (Alasalmi, 2014).

Chegada do *rugby* ao Brasil

A introdução do *rugby* no Brasil também apresenta relação com a constituição de um modelo de homem. Para melhor organização e entendimento da introdução do *rugby* no Brasil, utilizaremos a periodização histórica proposta por Gutierrez (2016): (i) período pré-Segunda Guerra (1894- 1939), (ii) 1940 a 1984; (iii) 1986 a 1994; (iv) 1994 até o presente momento.

I) Período pré-segunda guerra (1894- 1939)

O *rugby* chega ao Brasil em 1894, e conquista maior número de praticantes em São Paulo e no Rio de Janeiro. Contudo, há registros da prática em outras localidades, principalmente as que possuíam clubes socio-esportivos ingleses, entre as quais Recife, Belém e Porto Alegre (ANTONIO; KATER, 2016, p. 6).

Nesse momento, o crescimento do *rugby* irá se apoiar no prestígio que a cultura britânica gozava no Brasil. A classe média urbana brasileira (com forte apoio do setor intelectual) buscava se distanciar do passado agrário e escravista, aproximar-se da modernidade europeia e, a partir da importação e adaptação de práticas sanitárias, culturais e de sociabilidades europeias, construir uma identidade nacional moderna. A Inglaterra, à época, nossa maior parceira comercial, tornou-se também centro de influência cultural. O esporte moderno europeu ganhou status de prática civilizada alinhada ao novo modelo de homem brasileiro que se pretendia constituir (ANTONIO; KATER, 2016, p. 8).

Os clubes de *rugby* são, até então, compostos, sobretudo, por britânicos expatriados, descendentes e funcionários de empresas inglesas instaladas no Brasil. Em São Paulo, em 1927, a modalidade conseguirá, de maneira restrita, alguma popularidade entre os paulistanos, principalmente a classe mais alta, com a criação de um time pelo Clube Atlético Paulistano (GUTIERREZ, 2016, p. 45).

A baixa adesão de brasileiros à prática do *rugby*, em comparação ao futebol, ocorre em razão de: (i) o *rugby* ser visto por parte da população – e a maioria dos cronistas esportivos da época – como um esporte sem valor técnico e marcado pelo intenso confronto físico e violência; (ii) a prática de futebol exigia menos equipamentos e instalações do que o *rugby*; (iii) o *rugby* era visto como uma modalidade restrita aos

estratos sociais mais altos, enquanto o futebol reunia a massa, sem distinção de classe (MELO; GONÇALVES, 2019, p. 6-7)

II) Período de 1940 a 1984

Entre 1940 e 1947, o *rugby* praticamente deixa de existir no Brasil, em razão da colônia inglesa – maioria nos clubes – se envolver diretamente no esforço da 2ª Guerra Mundial e as empresas inglesas reduzirem investimentos e retirarem do Brasil inúmeros ingleses que aqui trabalhavam e garantiam o fluxo de jogadores (GUTIERREZ, 2016, p. 47-48).

A partir de 1955, com a instituição pelo governo do Plano de Metas, empresas estrangeiras voltam a se estabelecer no Brasil. A entrada de argentinos, franceses e japoneses – que possuíam importantes bases de fãs do *rugby* – dará vigor para a modalidade, principalmente em São Paulo.

Paralelamente a isso, a União de *Rugby* do Brasil – criada no final dos anos 1950 e que, em 1972, filiar-se-á à Confederação Brasileira de Desporte, passará a se chamar Associação Brasileira de *Rugby* (ABR) – fará da nacionalização da modalidade, criação de uma categoria de base e introdução do *rugby* nos colégios, seus objetivos – e, em parte, os alcançará (GUTIERREZ, 2016, p. 49).

III) Período entre 1986 e 1994

A partir de 1986, uma crise institucional da ABR levou à desarticulação da maioria dos campeonatos no país e o fim do *rugby* nos colégios. Atrelado a isso, o ambiente de crise econômica, hiperinflação e fuga de patrocinadores inviabilizou o plano da Associação de priorizar as disputas internacionais do selecionado. Plano esse, que privou diversas áreas de recursos fundamentais, como a formação de árbitros, a manutenção de campos, programas de recrutamento, entre outros, sendo esse um dos principais motivos da desorganização do esporte durante o período (GUTIERREZ, 2016, p. 50-51).

O início dos anos 90 veria o *rugby* em um estado de total desorganização, a federação falida e o número de clubes reduzido a menos de uma dezena (GUTIERREZ, 2016, p. 51).

IV) Período de 1994 até o presente momento

A partir de 1995, a situação do começa a mudar e a expansão do *rugby* é retomada. Contribuiu, sobremaneira, para esse feito foi a evolução dos meios de comunicação por meio da popularização da televisão por assinatura e da *internet*. A criação de canais de TV por assinatura voltados exclusivamente para esportes diversificou o cenário de difusão esportiva, com as mais variadas modalidades esportivas seriam apresentadas aos brasileiros, dentre elas o *rugby*. A internet aprofundou essa difusão, disponibilizando uma vasta gama de informações sobre a modalidade. Esse contato virtual gerou fãs para o *rugby*, que se tornaram espectadores assíduos e, muitas vezes, praticantes (GUTIERREZ, 2016, p. 51-52).

Esses fatores permitiram ao *rugby* voltar a crescer, economicamente e em número de praticantes. Esse crescimento foi acelerado com a volta do *rugby* aos Jogos Olímpicos, em 2009. A modalidade passou a ter acesso a programas de incentivo à prática de modalidades olímpicas, além de maior visibilidade na mídia. A ARB, se adequando à passando nomenclatura utilizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro, passou a se chamar Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu) (GUTIERREZ, 2016, p. 53).

4.2 Caracterização das corporeidades e masculinidades dos homens jogadores do Cajuína *Rugby*

Segundo a *World Rugby* (a Federação Esportiva Internacional de *Rugby*) (2019, p. 9), em 2018, 9,6 milhões de pessoas praticavam regularmente esse esporte em 120 países membros. Dentre este grupo, 6,9 milhões eram do sexo masculino.

No Brasil, segundo a Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRU, 2019), entidade máxima no país e filiada à *World Rugby*, mais de 60 mil pessoas praticam a modalidade e sete milhões de telespectadores acompanham os jogos das seleções nacionais masculina e feminina. Ainda segundo a entidade, o *rugby* conta com 313 agremiações espalhadas em todos os estados brasileiros.

Esses números não são suficientes para se refletir sobre a disseminação do *rugby* no Brasil. Outros indicadores são necessários. Por exemplo, apesar de existirem agremiações em todos os estados, estão sob a governança da CBRU apenas 6 (seis) federações estaduais (PORTAL DO RUGBY, 2019):

- Federação Paulista de *Rugby*;

- Federação Mineira de *Rugby*;
- Federação Gaúcha de *Rugby*;
- Federação Fluminense de *Rugby*;
- Federação Catarinense de *Rugby*;
- Federação Paranaense de *Rugby*.

A CBRU reconhece avanço significativo na disseminação da modalidade pelo país, porém a distribuição das federações reflete a distribuição de praticantes e das agremiações de *rugby*: concentração em seis estados das regiões sul e sudeste do país. Em Teresina havia em 2018 – e segue desta forma em 2020 – dois clubes de *rugby*, sendo apenas um deles reconhecido pela CBRU, o Cajuína *Rugby* Clube.

A reduzida popularidade do *rugby* foi expressa nas falas dos jogadores participantes do grupo focal quando questionados sobre como se deu o primeiro contato com o *rugby*:

Mediadora: Como o *rugby* apareceu na vida de vocês?

Jonas: Mandaram mensagem pra mim: 'Vai lá. Tá tendo teste pro *rugby*'. Aí, eu fui pra saber o que era isso de *rugby*, e fiquei. Entrei de curioso e até agora 'tamo' aí, né.

Mediadora: Curioso pelo quê?

Jonas: Porque é diferente.

Sérgio: Eu não tinha noção de que existia o *rugby*. Aí, no 3º ano, um professor que joga no X *Rugby* me convidou pra treinar. Fiquei curioso porque é um esporte diferente do que a gente tem. Eu nunca fui fã de futebol. Nunca ia pra aula de educação física. Como eu fazia natação, só levava uma declaração. Eu me interessei, mas os treinos eram às 10, 11 horas da noite, e eu tinha 16, 17 anos. Não dava pra ir. Aí, no ano passado, enviaram o convite da seletiva pro Jonas. A gente foi, e como eu já tinha vontade de entrar no *rugby*, fiquei.

Simões Júnior: Eu vi uma reportagem sobre seletiva, e vim.

Jackson: Um amigo me chamou. Fiquei empolgado, mas tava com a clavícula fraturada. Um ano e meio depois, eu vi um cartaz da seletiva na UFPI. Aí, decidi participar e entrar no time. (GF – Sessão 2)

O pouco conhecimento acerca do *rugby* foi, segundo os relatos dos jogadores, um importante fator motivacional para que decidissem por uma experiência inicial da prática. Entretanto, seria a curiosidade aspecto suficiente para convencer uma pessoa a seguir praticando determinado esporte por mais de 6 (seis) meses (tempo mínimo de prática dos participantes do estudo)?

Bourdieu (2003, p. 181) considera o conjunto de práticas e consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais como uma oferta historicamente destinada

a encontrar certa demanda social, certas necessidades de dado agente/grupo de agentes. Conforme o autor,

[...] para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos – que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história. (BOURDIEU, 2007, p. 197)

Deste modo, a probabilidade de adotar a prática dos diferentes esportes não seria inata, mas definida por intermédio da “afinidade que se estabelece entre as disposições éticas e estéticas” de agentes/grupos de agentes associadas a uma posição determinada no espaço social e aos ganhos distintivos, que em função dessas disposições, parecem manifestar-se nos diferentes esportes (BOURDIEU, 2003, p. 199).

Quais seriam, para os homens participantes deste estudo, as demandas para a prática do *rugby*, um esporte que, apesar de, ainda, não figurar entre os mais populares no país (haja vista o reduzido número de agremiações no território brasileiro), paulatinamente esta angariando número cada vez maior de praticantes e público espectador? Esses aspectos serão tratados a seguir e, a partir deles, delinaremos o perfil do homem jogador de *rugby*.

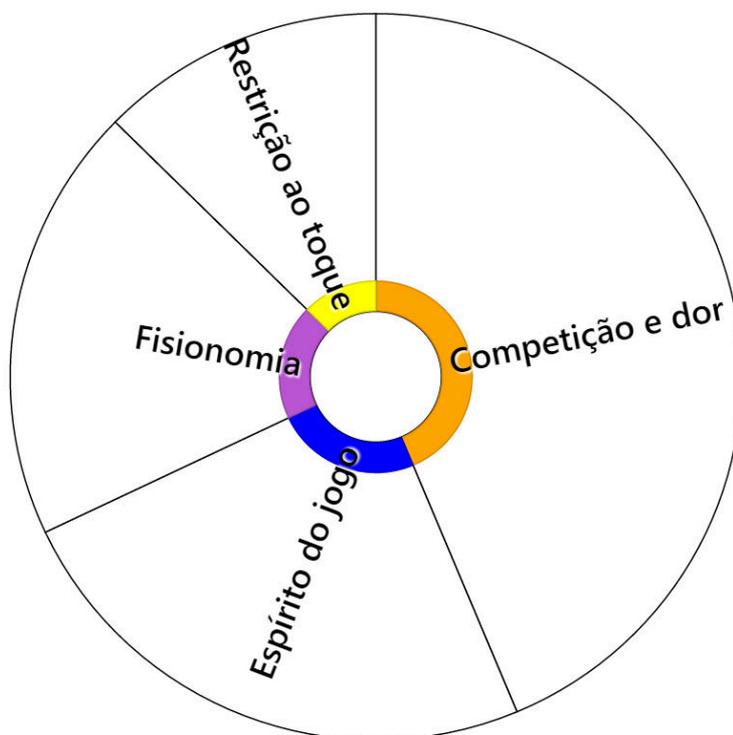
A unidade temática a ser analisada neste tópico, “Perfil do homem jogador de *rugby*”, é composta pelas seguintes subunidades: fisionomia dos corpos masculinos, competitividade e valorização da dor, restrição ao toque, e espírito do jogo. O Gráfico 2 e o Quadro 4 refletem a distribuição dessas subunidades temáticas no *corpus* de análise.

Unidades temáticas	Número de referências de codificação
Competitividade e valorização da dor	45
Espírito do jogo	25
Fisionomia dos corpos	20
Restrição ao toque	13

Quadro 5 – Comparação de unidades temáticas de caracterização dos homens jogadores de *rugby* pelo número de referências codificadas.

Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 –. Distribuição de unidades temáticas de caracterização dos homens jogadores de *rugby*.



Fonte: Elaboração própria.

A seguir, discutiremos cada uma das subunidades temáticas acima expostas.

4.2.1 “Homão da porra” ou “bichin desnutrido”: o simbolismo da aparência corporal dos homens rugbiers

A partir do conceito de campo¹⁷, Bourdieu (2003, p. 183) entende o esporte como um campo de práticas específicas dotado de lutas e regras próprias onde se engendra e emprega uma cultura ou competência particular. Espaço de disputas pelo “monopólio da imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva” (amadorismo *versus* profissionalismo, esporte-prática *versus* espetáculo, esporte de elite *versus* popular etc.), o esporte está inserido no campo das lutas pela definição do “corpo legítimo” e do “uso legítimo do corpo”, que opõe treinadores, dirigentes, profissionais de Educação Física, comerciantes de bens e serviços esportivos, moralistas, profissionais de saúde, estilistas, entre outros

¹⁷Conforme Bourdieu (2003, p. 119), os campos se apresentam “[...] à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”.

(BOURDIEU, 2003, p. 189).

As regras de uma dada modalidade esportiva preconizam como o corpo deve ser utilizado em sua prática e as sanções cabíveis quando do uso indevido. No caso do *rugby*, por exemplo, a bola pode ser passada com as mãos somente para um jogador atrás ou na mesma linha daquele com a posse da bola. O descumprimento dessa regra implica em aplicação de falta e penalização com reinício do jogo com nova disputa pela posse de bola (PORTAL DO RUGBY, 2019).

Considerando-se que o corpo não representa apenas uma construção anatomobiológica, mas também simbólica, então, na seara de lutas do campo esportivo, poder-se-ia observar disputas quanto à definição do biótipo ou perfil físico legítimo – ou ideal – para determinada prática corporal. Esta questão foi levantada por Jean, Simões Júnior e Sérgio em sessão de grupo focal ao relatarem os discursos e as práticas operados por parte dos espectadores e de homens jogadores de *rugby* quanto à existência de um corpo ideal para o homem rugbier:

Jean: O pessoal de fora [não praticantes], e até quem é do *rugby*, mas não conhece, acaba pensando que, pra jogar *rugby*, tem que ser forte, grande e muito másculo, senão não aguenta o contato. Pior que a maioria pensa assim.

[...]

Simões Júnior: Essa questão de ser grande, ser pequeno, vai mais do conhecimento da pessoa do esporte. E pessoas, eu digo, todo mundo, quem joga e quem não, porque tem gente que joga, mas não para pra estudar o *rugby*, pra saber o que precisa mesmo. Têm pessoas que têm na cabeça que só pessoas grandes praticam o *rugby*. Pessoas grandes praticam futebol americano. 'Pessoas grandes praticam lutas'. Tem o estereótipo de cada esporte. Aconteceu uma coisa engraçada com a gente. As pessoas têm na cabeça que masculinidade é ser um cara grande, forte, ser um cara másculo. Aí, a gente desceu do ônibus em BH [Belo Horizonte – MG]. Chegamos lá, o pessoal [disse]: 'Quem é esse time que tá chegando aí? É o Cajuína'. Aí, o primeiro que desce do carro: eu e o Caetano: Aí o pessoal: 'Porra, pensei que o Cajuína fosse maior'.

Jean: O pessoal de BH falou: 'Porra, esse aí que é o Cajuína? Pensava que era uns cara tudo grande. Que time de *rugby* é esse?'

Mediadora: Quem falou isso?

Simões Júnior: O time local de lá.

Mediadora: Os jogadores de *rugby* da equipe de BH?

Caetano: Foi, os jogadores de lá. Mas assim... como o Simões disse, as pessoas criam um estereótipo pra cada esporte. Pro *rugby*, criaram esse [...].

Sérgio: Lá, em BH, é tudo uns cara gigante; uns cara com 1,80 m, grandão, fortão. Aí, tu olha pro juvenil de lá e olha pro juvenil do Cajuína. Parece que [a equipe juvenil do Cajuína] tão desnutrido os

'bichin'. Os cara lá [de BH], na hora que vê os cara 'baixin', 'magrin' desacredita.

Mediadora: Desacredita de quê?

Sérgio: Pro jogo. Não tem aquele corpo homão da porra, não dá conta de encarar o outro time. (GF – Sessão 2)

Os ditos – e os silêncios – sobre o corpo do homem jogador de *rugby* não apenas o reflete, mas o constrói e institui seus lugares sociais. A linguagem, consoante Goellner (2012, p. 29), tem o poder de agrupar, nomear, classificar, definir normalidades e anormalidades, ordenar, “instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável”, e, conforme os jogadores participantes, estabelecer o corpo adequado às representações eleitas para o ao homem rugbier.

A imagem abaixo, do australiano David Pocock, é ilustrativa do biótipo cobrado aos homens jogadores do Cajuína *Rugby* Clube.



Figura 7 – Biótipo associado ao homem jogador de *rugby*.

Fonte: Mais JR, 2015X¹⁸.

Dentre os jogadores do Cajuína *Rugby*, apenas Rafael se aproxima do biótipo apresentado na imagem acima. Com 1,88 metros de estatura e aproximadamente 100 kg de peso corporal, o jogador apresenta musculatura proeminente, principalmente nas regiões dos braços, ombros, peitoral, abdômen e costas.

¹⁸Extraído de: <http://www.maisjr.com.br/o-jogador-de-rugby-que-luta-contr-a-homofobia/>. Acesso em 05 maio 2020.

Jean e Sérgio também apresentam musculatura saliente, porém em menor proporção do que Rafael, além de possuírem menor estatura, equivalente a 1,63 m e 1,70 m, respectivamente. Frederico, Edgar, David, Wagner e Benjamin apresentam biótipo similar.

Caetano e Simões Júnior, os primeiros jogadores a serem vistos pela equipe mineira, apresentam musculatura delineada, mas não robusta, e estaturas equivalentes a 1,70 m e 1,55 m (a menor dentre todos os jogadores do clube), respectivamente. Exibem desenvolvimento muscular similar ao dos jogadores anteriormente citados: Natanael, Ramon, Estevão e Guido.

Os corpos de Tadeu, Nuno, Vítor, Jonas e Augusto são mais longilíneos e exibem troncos mais achatados e costelas mais visíveis do que os outros jogadores participantes do estudo. Por fim, Raul é o único jogador do time a apresentar quadro de obesidade.

Jean e Sobreira vinculam o discurso do corpo ideal do homem *rugbier* como próprio de pessoas leigas sobre o *rugby*. No entanto, os relatos dos próprios jogadores demonstram que o citado questionamento quanto aos seus perfis físicos partiu de outros homens *rugbiers* – os jogadores de *rugby* de um time de Belo Horizonte.

Uma vez que os sujeitos se constituem em mútua relação, mesmo no Cajuína *Rugby*, a imagem do “homão da porra” exerce impacto sobre os jogadores. Assistindo a um vídeo de jogo da seleção brasileira masculina contra o selecionado alemão, Raul demonstrou-se extasiado frente ao porte físico dos jogadores adversários: “Olha isso [mostra jogadores alemães em vídeo]. [O corpo] parece esse pé de manga. [O adversário] bate e volta. Só de olhar, tu já volta [risos]”. Ainda conforme o jogador, a vitória dos alemães era previsível dado seu porte físico: “Com uns caras desse tamanho, tem nem rumo. (DC 2502).

A atribuição de determinados sentidos e valores a corpos específicos é reflexo de um processo contínuo e minucioso de educação dos corpos, cuja intenção é conformar formas de ser, parecer e se comportar (JAEGGER, 2009, p. 38). Em diferentes instâncias e instituições sociais – na escola, no trabalho, no Direito, na família, no grupo de pares, entre outros – os jogadores de *rugby* participantes da pesquisa se deparam com a produção de recomendações, ocultas ou explícitas, quanto ao seu vestuário, comportamento, aparência, gestos, em suma, marcas a serem incorporadas e que são constantemente reformuladas, ao longo da vida, segundo exigências contextuais.

A essa seara de agentes pedagógicos participantes do projeto de educação dos corpos, acrescenta-se o esporte, compreendido por Dalsin e Goellner (2006, p. 153-154) como (i) produto cultural e, por isso, plural ao traduzir diferentes sentidos e significados constituídos em espaços e tempos diversos, e (ii) histórico, por resultar da

[...] ação de sujeitos que, ao seu tempo, construíram, estruturaram e, de certa forma, influenciaram na constituição do modo como hoje entendemos e vivenciamos esta prática corporal, seja ela como trabalho, lazer ou opção de divertimento. (DALSIN; GOELLNER, 2006, p. 153-154)

Segundo as autoras supracitadas, na sociedade contemporânea, o esporte vem se traduzindo como uma prática cultural de grande visibilidade haja vista o expressivo número de espectadores e as cifras anuais arregimentadas pelas competições esportivas. Além disso, o esporte moderno promove serviços e produtos, e faz circular diferentes valores e representações de saúde, beleza, jovialidade e corpos – não raro, baseados, em padrões de práticas de gênero (DALSIN; GOELLNER, 2006, p. 153).

As reações de jogadores e espectadores, mesmo que não unânimes – ou justamente por isso – ilustram as disputas acerca do corpo legítimo para a prática do *rugby*. A questão levantada pelos jogadores do Cajuína não se refere simplesmente ao fato de existir um biótipo mais comum entre homens jogadores de *rugby*. O descontentamento de Jean, Simões Júnior, Sérgio e Caetano se dá por perceberem esse biótipo ser julgado por parte considerável dos praticantes e espectadores do *rugby* como o único cabível a um jogador dessa modalidade e, como consequência dessa percepção, corpos dissonantes – como os dos próprios – serem imediatamente discriminados como inadequados à prática do esporte.

Consoante Le Breton (2013, p. 212-213), mesmo quando posto em evidência, o corpo deve se dissolver nos códigos em vigor, ou seja, tornar espelhadas em seus interlocutores sua imagem e suas atitudes, de modo a passar despercebido em momentos de interação com outros sujeitos. Esse espelhamento não ocorreu com os jogadores do Cajuína *Rugby* quando participaram do citado torneio em Belo Horizonte e, conforme a fala de Jean e Simões Júnior, rotineiramente também não ocorre em ambiente extracampo, uma vez que o “pessoal de fora” (GF – Sessão 2), não

praticante e leigo acerca da modalidade, produz discursos e práticas que endossam a existência de uma imagem corporal ideal do homem rugbier.

É nesse sentido que, aquele que não joga o jogo, deliberadamente ou à sua revelia, provoca um incômodo profundo. É quando as referências de identificação somáticas com o outro cessam que o mal-estar se instala, quando as asperezas do corpo impedem o mecanismo social do apagamento familiar de se estabelecer. O corpo estranho muda-se em corpo estrangeiro, opaco em sua diferença. (LE BRETON, 2013, p. 212-213)

Os relatos de Sergio, Simões Júnior, Jean e Caetano demonstram que, em razão da diferença entre suas fisionomias corporais e aquela considerada própria ao homem rugbier, os jogadores do Cajuína não são identificados como tal. Os jogadores declararam não terem ocorrido entraves à sua participação naquele torneio realizado em Minas Gerais. Entretanto, os olhares e comentários a eles direcionados pelos jogadores do time mandatário geraram constrangimento à equipe.

Mediadora: Mas mesmo com essa recepção, vocês jogaram.

Caetano: Jogamos. Não foi a melhor 'boas vindas' que a gente já recebeu, mas também ninguém lá interferiu de alguma forma pra que a gente não jogasse.

Sérgio: Mas chegar num lugar e os caras te olharem te desmerecendo, já abala o psicológico. A gente nunca fez isso aqui [em Teresina] com time nenhum.

Caetano: E vamos seguir assim. (GF – Sessão 2)

Refletir sobre o mal estar sofrido pelos jogadores do Cajuína exige lembrar que o olhar do Outro contribui para modular os contornos do universo de cada sujeito e dar ao seu corpo o relevo social de que necessita para se construir inteiramente como ator do grupo de pertencimento (LE BRETON, 2007, p. 9). O conjunto de sistemas simbólicos constituído e compartilhado em dado lugar, tempo e comunidade por meio das práticas sociais, dos enunciados e discursos circulantes, toma forma no corpo e, a partir dessa atribuição, serão produzidos os significados e valores específicos que tecerão influência sobre este em suas existências individual e coletiva. É por meio do corpo que a rede simbólica é traduzida para o Outro (LE BRETON, 2007, p. 7-8).

O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de referências culturais. Existir significa, em primeiro lugar, mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir

significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais implicando a adesão dos outros. (LE BRETON, 2007, p. 7-8)

Definido por Le Breton (2007, p. 31) “como mediador privilegiado e pivô da presença humana”, o corpo é, ao mesmo tempo, produtor e veículo de expressão de significados. Neste sentido, o jogador de *rugby* manifesta primeiramente por meio do corpo o seu modo de apropriação desta prática esportiva e os sentidos a ela atribuídos. Sobre os significados atribuídos ao corpo do “homão da porra” (HP) no âmbito do *rugby*, os jogadores referiram:

Mediadora: Por que o homão da porra seria o corpo ideal pro *rugby*?

Simões Júnior: Porque eles [leigos] acham que um corpo grande e musculoso no nível do homão da porra é aquele cara que tem condições de derrubar qualquer outro cara, ou, pelo menos, enfrentar em pé de igualdade. Pra ser considerado forte, no sentido de combativo, você tem que ser uma parede de músculo.

Sérgio: É, tipo isso. Como se músculo significasse força mesmo. Geralmente, os mais musculosos são os mais fortes, mas não necessariamente. O Simões, tem um corpo definido e tal, mas não chega a ser um homão da porra. [Todos riem]. Mas ele se garante no jogo [de *rugby*]. O que que acontece? Além de generalizarem que homem forte tem que ser o homão da porra, esse pessoal entende que o *rugby* é um esporte que só exige força. Não é assim.

Jonas: Se fosse só empurrar o outro cara e derrubar, a gente treinava só musculação. Só levantar peso. Mas a gente tem treino de tática e de técnica. Se fosse assim, eu mesmo não podia jogar *rugby*. Só o chassi. [Jogadores riem]. Mas eu jogo e gosto de jogar. E, eu acho, que não vou ter esse corpo aí que querem nunca. Questão de genética, mesmo.

Jonas: É. O pessoal acha que tem que ser desse jeito pra jogar *rugby*. O homão da porra impõe respeito, sabe, sem nem ter jogado nada ainda. É grande ... já te olha de cima.

Caetano: Isso. O músculo saltado já daria a certeza de você ter a força e a capacidade de derrotar outro cara. (GF – Sessão 2)

As mencionadas características físicas do HP – a alta estatura e a acentuada hipertrofia muscular – transformam-se em marcas corporais ao simbolicamente incorporarem os atributos de estatura moral (metaforicamente alusiva à estatura antropométrica), robustez, força muscular¹⁹, beleza e sedução (Sérgio e Simões Júnior afirmaram considerar este um corpo belo). Enquanto isso, o corpo longilíneo,

¹⁹Força é, neste contexto, designada como um atributo simbólico em razão da conversão direta feita por algumas pessoas do nível de hipertrofia muscular em nível de força muscular, o que não necessariamente é factível. Em um treinamento de força, o incremento desta depende, de forma crucial, da hipertrofia muscular. Entretanto, adaptações específicas decorrentes do programa de treinamento somadas à individualidade biológica de cada sujeito e, ainda, à influência de outros fatores, como as manipulações farmacológicas, resultarão em diferenças nos níveis de força alcançados; exemplo disso é a diferença entre um fisiculturista e um levantador de pesos (GUEDES JÚNIOR *et. al.*, 2018, p. 26).

de tórax achatado e/ou baixa estatura – de parte dos jogadores do Cajuína *Rugby* – transmite significações equivalentes à fragilidade (física e no aspecto beleza) e inaptidão (ou fraqueza) moral.

Assim, compreende-se a importância atribuída à imagem do corpo, à sua aparência, como constituída a partir de uma complexa teia simbólica em que práticas, discursos, saberes e valores são significados e incorporados no contexto das relações sociais. Neste sentido, “no interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros” e, portanto, “só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social” (LE BRETON, 2007, p. 9).

O corpo do HP explora o conceito de poder simbólico (BOURDIEU, 2012) já tratado nesta tese. O porte físico e postural desse modelo é reconhecido e legitimado por muitas pessoas como aquele que se aplica ao homem jogador de *rugby*, visto como um sujeito que deve demonstrar capacidade de domínio e controle de um outro corpo – e seria somente o corpo do oponente – por meio da força física. A dimensão simbólica vinculada à imagem do HP é determinante para que o sujeito que a detém obtenha ganho distintivo e, assim, prestígio, em relação aos outros homens – como os jogadores do Cajuína *Rugby* caracterizados por Sérgio como “bichin”, “baixin”, “magrin”, “desnutrido” (GF – Sessão 2) – antes, ou sem nem mesmo precisar, comprovar real força física, a qual é tornada arbitrária frente ao código visual perpetrado. Desta forma, na comunidade rugbier – composta por jogadores e espectadores dessa modalidade esportiva –, a imagem do HP ocupa posição hegemônica, conforme explicitaram os comentários de Jean (“Pior que a maioria pensa assim”), Simões Júnior (“Tem o estereótipo de cada esporte”) e Caetano (“Mas assim... como o Simões disse, as pessoas criam um estereótipo pra cada esporte. Pro *rugby*, criaram esse”) (GF – Sessão 2).

Parafraseando Connell (1995, p. 188-189), o gênero é “a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”, então, as masculinidades se referem a relações sociais e a corpos. Considerando-se que tratar das masculinidades rege tratar de políticas das masculinidades – uma vez que estas são produto histórico e, portanto, abertas a mudanças (CONNELL, 1995) – e que, o corpo biológico socialmente confeccionado é também “um corpo político — uma política incorporada” (ALMEIDA, 1995, p. 97-98), constituir projetos de masculinidades é um

processo intimamente ligado a projetos de corpos (aqui entendidos como o planejamento dos modos como os corpos são constituídos e delineados por meio de ações, comportamentos e atividades cuja intenção comum é a obtenção e/ou manutenção, a longo prazo, de determinada expressão imagética e/ou capacidade física).

Masculinidades não são apenas identidades; nem os corpos dos homens são meramente testículos e pênis (CONNELL, 2012, p. 1678). As masculinidades são corporificadas e vivenciadas, em parte, como determinadas tensões musculares, posturas, habilidades e capacidades físicas, formas de movimentação, e assim por diante. As formas como os indivíduos interagem com seus corpos, inclusive buscando sua remodelação, tem relação com “as suas percepções sobre o que constitui um sujeito masculino, o que esse faz ou deixa de fazer hodiernamente” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2017, p. 59-60). Nessa perspectiva, o modelo físico-corporal do HP expressa simbolicamente, ao olhar do outro, a masculinidade esperada para jogadores de *rugby*.

Essa premissa é levantada por Simões Júnior, que questiona as expectativas e cobranças lançadas sobre a aparência de seu corpo e sua masculinidade. Para o jogador, “as pessoas têm na cabeça que masculinidade é ser um cara grande, forte, ser um cara másculo” (GF – Sessão 2). A essa materialidade corporal ideal estaria vinculado um projeto de masculinidade que, consoante o jogador, constituiria a vertente hegemônica no âmbito do *rugby* e estaria calcado na força física – principalmente em sua aparência – e na virilidade e combatividade a ela associada.

A existência de um projeto hegemônico de corporeidade e masculinidade no campo do *rugby* e, mais ainda, a crítica dos jogadores do Cajuína quanto à apropriação direta deste projeto como critério único para obtenção da aceitação e do reconhecimento pela comunidade rugbier, são demonstrativas da ingenuidade presente em teses que corroborem a existência de uma masculinidade inata – e naturalmente oposta à feminilidade – e de uma consistência absoluta da masculinidade quando da fase adulta. Assim como as representações de corpo não são universais nem fixas, mas inconstantes, ambíguas e singulares “conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, expressa-se, produz-se e é produzido” (GOELNNER, 2012, p. 29), também as masculinidades – uma vez que se inscrevem nos corpos – não são etéreas.

Como afirma Jaeger (2009, p. 37), circulam, no meio social,

[...] enunciados que apontam a construção contínua e inacabada dos sujeitos mulheres e homens, o rompimento da polarização entre feminino e masculino e a generificação das instituições sociais. Em síntese: não nascemos mulheres e homens, mas nos tornamos sujeitos de gênero através de práticas sociais feminilizantes e masculinizantes, constituídas em meio àquilo que valoriza, deseja, rejeita e silencia determinada época acerca dos modos de constituir sujeitos mulheres e sujeitos homens. Essas intervenções nos modos de educar os sujeitos são acentuadamente culturais e implicam considerar que não há uma mulher e um homem universais, mas sim que cada um traz em seu corpo as marcas do tempo e do lugar em que viveu e vive. A cultura opera produzindo diferença entre homens e mulheres, mas também entre as mulheres e entre os homens. (JAEGER, 2009, p. 37)

Ademais, deve-se recordar que a masculinidade hegemônica exerce posição de autoridade na cultura e na política em relação às outras formas de masculinidades (CONNELL, 1995). A masculinidade hegemônica se configura como modelo ideal e, por isso mesmo, exerce efeito regulador sobre os homens nas práticas de sociabilidade cotidiana (ALMEIDA, 1995).

Dando continuidade à discussão em sessão de grupo focal, Jean explicita o que ele afirma ser o conceito de “ másculo ” difundido por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento acerca do *rugby*:

Mediadora: O que é esse “muito másculo”?

Jean: Um cara relativamente grande e musculoso. Pro pessoal de fora, o másculo tá muito relacionado a essa questão de músculos, ter uma voz grossa, uma barba e aquela coisa toda. Esse é o homão da porra. [risos]. (GF – Sessão 2)

Uma visita aos dicionários de língua portuguesa referência no Brasil demonstra a proeminência da masculinidade hegemônica. Corroborando a vinculação da masculinidade ao ser másculo – criticada por Simões Júnior –, o termo masculinidade é conceituado pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2010, p. 1350) como “qualidade de masculino ou de másculo; virilidade” e antônimo de feminilidade. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, VILLAR, FRANCO, 2009) define masculinidade de forma similar. Nesse mesmo dicionário, o termo “ másculo ” é depreendido como “relativo ao homem ou animal macho”, “que denota qualidades consideradas próprias do homem; viril, vigoroso”, e antônimo de “afemeado, afeminado, amaricado, efeminado, enerve, mulherico” (idem, p. 1253). O conceito de másculo citado por Jean como aquele utilizado por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento acerca do *rugby* apresenta como aspectos caracterizadores

a musculatura desenvolvida, a barba e a voz grave – fatores fortemente vinculados ao homem viril. A recorrência na associação entre masculinidade e virilidade presente nos dicionários e nos relatos dos jogadores é reveladora da construção histórica dos significados de ser homem.

As definições citadas pelos jogadores indicam a importância do reconhecimento da interação entre as construções de masculinidades e feminilidades, uma vez que a masculinidade hegemônica é constituída na relação entre masculino e feminino (CONNELL, 1995). Parte das características imputadas, conforme os jogadores, por pessoas leigas sobre o *rugby*, como ideais ao corpo do homem jogador de *rugby* – a voz grave e a barba cheia – têm probabilidade anatomobiológica significativamente maior de ocorrência em homens do que em mulheres. Outra parte dos aspectos vinculados ao escopo do homão da porra – como a agressividade, a força, a segurança/proteção e a virilidade – estão situadas, segundo o padrão dominante, no arcabouço da honra masculina ou, como chama Bourdieu (2012, p. 29), na “lógica da proeza”; enquanto, as características de docilidade, fragilidade, emotividade e pudicícia, são naturalizadas como inatas ao gênero feminino e colocados em situação hierárquica inferior ao que é considerado masculino.

Conforme Le Breton (2013, p. 213-214), “o corpo surge à consciência com a amplitude de um retorno do reprimido” e, nessa perspectiva, tornar-se-ia legítimo o questionamento quanto à intencionalidade das etiquetas corporais como rituais de evitamento. Recuperando o primeiro encontro entre os jogadores do Cajuína e a equipe mineira, quando os corpos dos primeiros não passam despercebidos, ou seja, diluídos ou apagados na familiaridade dos signos compartilhados pelo time mineiro, causam profundas perturbações na regulação fluida da comunicação entre os grupos, chegando os jogadores do Cajuína a terem seu desempenho esportivo menosprezado antes mesmo do jogo em si.

Tomando a teoria de Le Breton, seria legítimo questionar se a constituição de modelos corporais para os homens jogadores de *rugby* seriam formas de evitar a constituição de corpos e, conseqüentemente, de masculinidades, distintos àqueles vistos como próprios a estes sujeitos? A tomar pelos relatos tomados junto aos jogadores do Cajuína *Rugby*, trata-se de um questionamento legítimo. Recordando a noção de dominação masculina de Bourdieu (2012, p. 18) e sua desnecessária justificação, também se pode indicar ser legítimo realizar tal questionamento. A

masculinidade hegemônica no âmbito do *rugby* está expressa e legitimada por meio dos discursos, práticas e corpos de parte dos sujeitos jogadores e não jogadores.

Conforme Foucault (2005, p. 28-29), as múltiplas relações de poder constituintes do corpo social somente podem se estabelecer a partir e através da produção e circulação dos discursos de verdade que funcionam nesse poder. Os mecanismos de poder induzem à produção de verdades, as quais são condição *sine qua non* ao exercício do poder, logo, à geração de riqueza, ou o capital distintivo. De mesmo modo, os sujeitos são submetidos à verdade, a qual, representando a norma, impele efeitos de poder que os unem. Em razão dos discursos de verdade, e seus efeitos de poder, os sujeitos são julgados, classificados e estimulados a viver, ou morrer, de determinada maneira.

A produção de verdades interfere sobre a produção do ser homem jogador de *rugby*, na forma como este se percebe e atua frente aos outros homens e outros esportes. O discurso favorável à existência de um único biótipo alinhado ao *rugby* apresenta efeitos de verdade, uma vez que, de acordo com os relatos dos jogadores, circula corriqueiramente no meio social. Haja vista os questionamentos serem lançados aos jogadores do Cajuína, observa-se que são as suas masculinidades – dissonantes da verdade hegemônica – que precisam se justificar.

A fim de legitimar seus corpos como praticantes de *rugby* e, assim, contestar atitudes discriminatórias, os participantes da sessão de grupo focal chamam atenção para as especificidades nas habilidades físicas correlatas às diferentes variações da modalidade e que, conforme os relatos, são desconhecidas ou ignoradas por parte da comunidade rugbier:

Caetano: [...] A primeira pergunta que muita gente me faz: 'E tu magro desse jeito joga *rugby*?' Eu: 'Sim, jogo'. É que é questão de experiência, não de força. A questão é assim: o [*rugby*] XV realmente é necessário uma equipe mesclada, que tenha pessoas grandes e pessoas menores. O [*rugby*] *sevans* nem tanto. O *sevans* é mais habilidade, tática, técnica. Não tanto força.

Mediadora: Mas o jogo com a equipe mineira não foi *sevans*?

Caetano: Sim, foi. Mas eles também jogavam XV, então, tinha jogadores com porte de equipe de XV. A gente que só joga *sevans*.

Simões Júnior: Muitas vezes, a pessoa não conhece o *rugby* em si, não sabe que a posição tal exerce uma função específica, posição específica, função tal ... a diferença do *sevans* pro XV, também. Então, pelo fato dela não conhecer ela cria essas coisas [gira o dedo indicador apontado para a orelha]: 'Ah, tu é muito pequeno'; 'Joga *rugby* desse tamaninho?'

[...]

Jean: [...] Me perguntam o que precisa pra ser jogador de *rugby*? 'Eu sou muito magro' [dizem]. Eu digo: 'Não importa'. Quando entrei no time, em 2016, eu ouvi que aqui tem posição pro alto, baixo, magro, gordo, pro forte, pro fraco, pra todo mundo. (GF – Sessão 2)

O *rugby* é um esporte coletivo cujo objetivo principal é vencer a defesa adversária e apoiar a bola na extremidade final do campo, o *in-goal*, marcando o *try*. O jogo exige esforços intermitentes que variam de corridas de alta intensidade a acentuado contato corporal (PORTAL DO RUGBY, 2012). Esse último fator, o contato corporal, é proeminente na constituição da expressão imagética do HP. Os jogadores do Cajuína *Rugby*, ressaltam, entretanto, existir especificidades na forma como se joga o *rugby*, variações da modalidade.

O *rugby* apresenta algumas variações de jogo. O formato tradicional é o *15-a-side* (ou XV), com 15 jogadores em campo, por equipe, e disputado em 2 (dois) tempos de 40 minutos cada. Porém destaca-se também em número de praticantes o *7-a-side* (ou *sevens*), variação praticada pelo Cajuína *Rugby* Clube²⁰. Caracterizado por apresentar 7 (sete) jogadores por time em campo e ter uma duração de 2 (dois) tempos de 7 (sete) minutos cada, o formato *sevens* se caracteriza pela necessidade de deslocamentos, velocidades e acelerações superiores aos inerentes ao *rugby* XV, o que torna necessário um preparo físico específico para suportar o ritmo intenso (PORTAL DO RUGBY, 2012).

Em uma equipe de *rugby* – seja XV, seja *sevens* – os jogadores são divididos entre as seguintes posições (LOPES *et al.*, 2011):

- *Forwards*: responsáveis por conferir estabilidade ao time em situações que envolvem esforços estáticos e embate físico, necessitam de elevada potência e resistência físicas. Geralmente, apresentam maior massa corporal e força muscular do que os companheiros;
- *Backs*: envolvidos em situações que exigem velocidade de corrida, agilidade e força – as corridas livres com intenção de avançar em campo, irrompendo a defesa adversária, em direção ao *in-goal* – estes jogadores são mais leves e velozes do que os *forwards*.

²⁰Força é, neste contexto, designada como um atributo simbólico em razão da conversão direta feita por algumas pessoas do nível de hipertrofia muscular em nível de força muscular, o que não necessariamente é factível. Em um treinamento de força, o incremento desta depende, de forma crucial, da hipertrofia muscular. Entretanto, adaptações específicas decorrentes do programa de treinamento somadas à individualidade biológica de cada sujeito e, ainda, à influência de outros fatores, como as manipulações farmacológicas, resultarão em diferenças nos níveis de força alcançados; exemplo disso é a diferença entre um fisiculturista e um levantador de pesos (GUEDES JÚNIOR *et. al*, 2018, p. 26).

As significativas diferenças antropométricas referentes à composição corporal – massa corporal total, massa adiposo e massa muscular – entre os *forwards* e os *backs* acima descritas corroboram as afirmações de Jean, Caetano e Simões Júnior quanto à (necessária) diversidade de biótipos para a formação de uma equipe de *rugby*.

Em uma equipe de *rugby sevens* geralmente quatro jogadores exercerão função de *backs* (57% do grupo); enquanto três atuarão como *forwards*. Por outro lado, no *rugby* de XV, serão comumente sete os jogadores atuantes como *backs* (47% do grupo) (PORTAL DO RUGBY, 2012). A argumentação de Caetano se fundamenta nesses dados para referir que a constituição biotípica das equipes de *rugby* é diversa e dependente da função exercida por cada jogador em qualquer que seja a variação praticada, sendo o *sevens* – única versão em que o Cajuína Rugby atua – aquela cujo elenco apresentaria menor peso corporal total em razão de exigir técnicas e habilidades físicas, em parte, diferentes daquelas instadas pelo *rugby* XV.

Esse conflito pela definição do corpo e da masculinidade legítimos do jogador de *rugby* reflete, a nosso ver, a possibilidade, em um campo, de diferentes concepções acerca de uma prática esportiva e sua presença incorporada. A afirmação ouvida por Jean quando de seu ingresso na equipe, em 2016 – “Aqui tem posição pro alto, baixo, magro, gordo, pro forte, pro fraco, pra todo mundo” (GF – Sessão 2) - e, hoje, por ele ratificada, é emblemática quanto à concepção compartilhada pela equipe Cajuína Rugby sobre o caráter inclusivo do *rugby* quanto ao perfil físico exigido para sua prática. Por outro lado, os olhares e falas desmerecedores, a eles direcionados por parte dos praticantes e espectadores do esporte, revelam que o *rugby* é, para parte dos agentes do campo, marcado pela ideia da exclusão de corpos específicos – e, conseqüentemente, de masculinidades específicas – contribuindo, assim, para a constituição de um estereótipo que afetaria a todos os jogadores, independente da variação praticada, uma vez que restringiria a uma só as formas de viver o esporte. Nesse ínterim, o corpo do HP seria um instrumento de endosso de desigualdades fundamentadas nas diferenças entre os corpos de homens jogadores de *rugby*. Em quaisquer das posições citadas – e outras possivelmente existentes –, percebe-se o *rugby* como prática corporal envolta por uma diversidade de símbolos, significações, corporeidades, masculinidades e necessariamente estratégias de exercitação destes.

4.2.1.1. O Cajuína rugbier e um projeto de corpo para chamar de (quase) seu

O corpo é, ao mesmo tempo, produto de processos educativos geridos por diversos agentes pedagógicos e agente produtor de novos processos. De modo similar, a masculinidade hegemônica não é um tipo fixo, e nem é a mesma em toda parte. Trata-se de uma relação histórica e culturalmente móvel e, nessa perspectiva, contestável. Na medida em que há resistência à masculinidade hegemônica, suas bases são fragilizadas e torna-se possível a constituição de masculinidades alternativas e, a depender da magnitude e longevidade dos questionamentos, de uma nova hegemonia (CONNELL, 1997).

Críticos à obrigatoriedade em apresentarem a imagem do homão da porra para que seus corpos sejam reconhecidos pela comunidade rugbier, os jogadores participantes deste estudo propõem expressões imagéticas corporais alternativas à hegemônica. Para compreender esses projetos alternativos de corporeidades e masculinidades, e seus níveis de ruptura frente à ordem hegemônica, partiremos de descrição acerca do momento de prova do uniforme oficial do Cajuína *Rugby*.

Em fevereiro de 2018, o presidente da Associação Cajuína *Rugby* Clube confirmou às equipes masculinas e femininas a participação da agremiação em um torneio amistoso a ser realizado em Tuntum-MA. Participando de treinamento voltado para este evento desde janeiro daquele ano, os jogadores demonstraram-se ansiosos, principalmente aqueles que participariam pela primeira vez de uma competição de *rugby*: Jonas, Augusto, Sérgio, Nuno, David e Vítor – pertencentes à equipe juvenil masculina (DC 1002).

Quatro dias antes de viagem para a competição, as equipes foram convocadas para prova e entrega dos calções de uniforme. Essa é uma prática comum no clube, segundo Estevão (jogador da equipe masculina adulta), em razão das peças serem repassadas aos jogadores/as somente dias antes de quaisquer competições e, logo ao término destas, retornarem ao poder da comissão técnica do clube. Outro fato comum, conforme o mesmo jogador, são os questionamentos e reclamações de jogadores novatos quanto ao tamanho das peças, principalmente do calção. Vítor e Jonas, estreantes em um torneio de *rugby*, estranharam e questionaram o tamanho da peça. Jonas chegou a compará-la a uma cueca boxer. A essas falas, “LF”,

treinadora da equipe, respondeu: “Calção de *rugby* é curto mesmo. Tem que ser usado assim” (DC 1502).

Augusto, que já tinha ciência do tamanho do calção de uniforme, levou um outro para o treino e questionou a “LF” se poderia utilizá-lo em lugar da peça oficial do time. “LF”, então, solicitou que ele vestisse a peça para que ela pudesse avaliar. Surpreso com o pedido, Augusto perguntou: “Aqui? Na frente de todo mundo?”. O local de treino daquele dia – um campo de várzea – não dispunha de banheiro ou outro tipo de compartimento isolado, e estavam ali reunidos em torno de 40 componentes das equipes femininas e masculinas (DC 1502).

Ao ouvir o questionamento do jogador, parte das jogadoras riu e, ao comando de duas delas, posicionaram-se de costas para o jogador a fim de que ele fizesse a troca de roupa. Percebendo o embaraço de Augusto, “LF” pediu que os homens ali presentes formassem uma barreira para evitar que outras pessoas vissem o jogador. Enfim, o calção reserva de Augusto foi aprovado por “LF”, mas com ressalvas: “Vai com esse aí só porque é a tua primeira vez. Mas ele ainda é muito grande”. A borda inferior do calção de Augusto estava 10 cm acima de seus joelhos, aproximadamente; o calção oficial a ele designado ficaria, ao menos, 20 cm acima de seus joelhos, consoante Estevão (DC 1502).

Ao final do treino do dia seguinte, os jogadores foram chamados para prova e entrega das camisas de uniforme. Observou-se que, com exceção de Tadeu, todos os jogadores que já participaram de, ao menos, uma competição de *rugby* – a equipe adulta, na íntegra, e Guido, na equipe juvenil – buscaram as camisas mais justas aos seus corpos, enquanto os novatos buscaram as mais largas. Ramon, Simões Júnior, Raul, Benjamin, Edgar e Wagner reclamaram que, em vez de justas ao corpo – ou, como disse Ramon, “quase costurada no corpo” – as peças estavam grandes. Por outro lado, Vítor, Augusto, Jonas e Nuno afirmaram que as camisas estavam apertadas, apesar destes possuírem os menores volumes corporais dentre os jogadores. Em resposta, “LF” esclareceu que, ainda mais que os calções, as camisas de uniforme devem ser ajustados ao corpo a fim de dificultar puxões do adversário (DC 1602).

No mês seguinte, poucos dias antes de torneio amistoso organizado pelo Cajuína *Rugby*, os mesmos uniformes utilizados anteriormente foram entregues aos jogadores. Ao receber o calção, David ergueu-o em frente ao rosto e disse aos

companheiros da equipe juvenil: “É cambada, vamo ter que se acostumar com isso aqui”; provocando risadas dos colegas (DC 2203).

Durante sessão de grupo focal, Sérgio e Jonas afirmaram não sentir incômodo físico ao usar o uniforme do time, mas ressalvaram vestir peças daquele tamanho somente durante treinos e jogos de *rugby*.

Mediadora: Causa incômodo o tamanho do uniforme do time?

Jonas: Ele é pequeno, principalmente o short, mas não é muito apertado. Mas eu só uso esse tipo de roupa (pequena e justa) no treino, senão revela muitas coisas. No dia a dia, eu não gosto. Eu tenho muita vergonha.

Sérgio: Não me incomoda, não. Mas só uso no treino.

Simões Júnior: Apesar de ser um pouco curto, não incomoda, não. É porque eles não usaram o uniforme antigo. Era tão pequeno que falavam que a gente era embalado a vácuo. Era duas pessoas pra te vestir. Ele era bem curto e apertado pra não ter como o adversário puxar. O nosso hoje é folgado, confortável. (GF – Sessão 1)

Dois meses depois, dias antes de torneio amistoso em Belo Horizonte - MG, o time recebeu o novo uniforme – camisa e calção – oficial do clube, com novos layout e patrocinadores e tamanho menor do que o anterior. A entrega do material foi realizada por “LF”, que, com o respaldo dos outros componentes da comissão técnica – entre eles Raul e Caetano –, definia o tamanho do uniforme a ser utilizado por cada jogador.

Dessa vez, apenas uma minoria dos jogadores da equipe juvenil verbalizou reclamação quanto ao tamanho reduzido das peças: Nuno, Tadeu e Augusto. Augusto reclamou que, em razão de sua estatura, o calção deveria ser de um tamanho maior. Tadeu e Nuno tentaram livrar-se da obrigatoriedade de usar aquela peça alegando que possuíam, em seu guarda-roupa, calções de mesma cor e aptos a serem utilizados como uniforme (DC 2705). “LF” foi incisiva em sua resposta:

É esse bem aí, mesmo, que tu vai usar. Já tô entregando o tamanho certo pra todo mundo. Se acostume, jogador de *rugby* não usa calção de futebol, não. Todo mundo vai usar o uniforme do time. Não quer, sai do time. (DC 2705)

As dimensões do novo uniforme oficial do *Cajuína Rugby* são semelhantes às das peças utilizadas pela seleção brasileira de *rugby*:



Figura 8 – Uniforme da seleção brasileira de rugby em 2019.

Fonte: Lance, 2019.²¹

É importante pontuar a mudança progressiva de comportamento dos jogadores da equipe juvenil quanto ao tamanho do uniforme. Apesar dos novos uniformes – utilizados em maio – apresentarem dimensões menores do que os anteriores, o número de homens reclamantes sobre, foi paulatinamente reduzido. Um fator que pode estar vinculado a nova perspectiva sobre o uniforme oficial é o reconhecimento deste como elemento constituinte da corporeidade e da imagem do homem jogador de *rugby*. Esse aspecto ganha força argumentativa quando lembramos que nenhum dos jogadores da equipe adulta (com maior tempo de prática da modalidade do que a equipe juvenil) teceu reclamações sobre o tamanho dos uniformes – a não ser para dizer que estavam grandes, como Simões Júnior (GF – Sessão 1), Ramon, Raul, Benjamin, Edgar e Wagner (DC 1602) o fizeram.

Mas outro fator parece estar também vinculado à transformação na receptividade dos jogadores aos uniformes: as mudanças corporais decorrentes da prática do *rugby* e de outras atividades/exercícios físicos. Esse aspecto pode ser ilustrado pelo comportamento de Vítor e Guido, que, se inicialmente foram alguns dos que mais teceram críticas ao uniforme, às vésperas do torneio em Minas Gerais, vestiram-no com aparente orgulho de seus corpos:

Vítor [tocando nas coxas]: Olha aí, tá mais apertado. Antes era folgado. Isso aqui é treino [bate em suas coxas].

Guido [sorrindo]: Tá ficando bom. Olha a minha camisa [toca em seu peitoral]. Tá mais apertada também. (DC 0306)

²¹Extraído de: <http://blogs.lance.com.br/segunda-pele/selecoes-do-brasil-de-rugby-lancam-uniformes-produzidos-por-marca-argentina/>. Acesso em: 10 maio 2020.

O orgulho e a preocupação com a modelação corporal também foram contemplados em sessão de grupo focal:

Mediadora: A matéria da GQ descreve o HIIT (Treino Intervalado de Alta Intensidade) como uma das formas de cuidado com o corpo. A prática do *rugby*, o treinamento para esse esporte, é pra vocês uma forma de cuidar e de desenhar os seus corpos?

Jonas: É, é sim. O treino ajuda a deixar forte. E a gente tem ainda a academia, né. O time libera pra gente. (GF – Sessão 1)

O quadro abaixo elenca as práticas corporais, para além do *rugby*, realizadas pelos participantes deste estudo.

Jogadores	Práticas corporais
Augusto	Musculação/ Futebol
Benjamin	Musculação
Caetano	Musculação/ Crossfit
David	Musculação
Edgar	Musculação
Estevão	Futebol
Frederico	Musculação/ Artes marciais
Guido	Musculação
Jean	Musculação/ Karatê/ Jiu jitsu
Jonas	Musculação
Natanael	Musculação
Nuno	Musculação/ Taekwondo
Rafael	Musculação/ Artes marciais
Ramon	Musculação/ Futsal
Raul	Musculação
Sérgio	Musculação
Simões Júnior	Musculação
Tadeu	Musculação/ Handebol
Vítor	Musculação/ Futebol/ Muay Thai/ Forró
Wagner	Musculação/ Futebol

Quadro 6 – Práticas corporais executadas pelos homens jogadores do Cajuína Rugby Clube.

Fonte: Elaboração própria

Verifica-se no quadro acima que a musculação é a prática corporal mais comum entre as realizadas pelos jogadores de *rugby* participantes deste estudo. Em parceria com uma rede de academias de Teresina-PI, o Cajuína Rugby Clube disponibiliza, em horários pré-determinados, aparelhos e máquinas para o treinamento físico dos jogadores/as, cujo planejamento é elaborado pela treinadora da equipe feminina

adulta, que é também profissional de Educação Física. Para usufruir desse benefício, os jogadores/as pagam ao clube o valor de R\$ 20,00 mensais – quantia equivalente a 13% do valor médio cobrado pela rede a usuários não vinculados ao clube. Dentre os praticantes de musculação, apenas Simões Júnior e Jean não fazem uso do benefício disponibilizado pelo Cajuína *Rugby*, mas isso em razão de treinarem em seus locais de serviço (lembrando que ambos são profissionais de Educação Física).

Para justificar o treinamento de musculação, Sérgio atrela a este caráter funcional às práticas da natação e do *rugby*:

Mediadora: Todos vocês praticam musculação?

Todos confirmam.

Jonas Tem que malhar.

Samuel: Tem que fazer pra aguentar as porradas.

Mediadora: Você só faz pelas porradas?

Samuel: Não, já fazia antes. Antes de entrar no *rugby*, eu já era forte. Eu comecei por causa da natação, pra ajudar. Depois, parei com a natação e continuei com a academia. (GF – Sessão 1)

O fato de Sérgio, mesmo após encerrar seus treinamentos de natação, prosseguir com a musculação aponta que a funcionalidade desta à prática esportiva, não seria a única razão para sua continuidade. O desejo por desenvolver e delinear a musculatura corporal já foi anteriormente citado pelo jogador como associado ao conceito de beleza e virilidade masculina.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Guido, jogador da equipe juvenil, confere à prática do *rugby* função de desenvolvimento e manutenção de dada estética corporal. Durante as sessões de treino, o esforço físico e a disciplina do jogador se destacavam em comparação aos outros componentes da equipe. Durante uma sessão em que Augusto e outros jogadores ficaram irritados por terem de realizar exercícios físicos extras como punição à desatenção de David, Guido pediu à treinadora, “LF”: “Coloca mais. É bom” (DC 0105). Segundo Guido:

Guido: O treino [de *rugby*] é bom pra gente malhar. Tem coisa que a gente faz aqui, que não faz na academia.

Pesquisadora observadora: Me sinto numa sessão de CrossFit.

Guido: É ótimo. Eu gosto. Com o treino daqui e o da academia eu consigo deixar meu corpo bacana. Músculo definido.

Camila [jogadora da equipe feminina juvenil]: A barriga já trincou [risos].

Guido [sorrindo]: E tem que continuar trincada. (DC 0303)

Ao final de cada sessão de treino, o grupo de jogadores/jogadoras se reunia para tirar fotografias que, mais tarde, seriam postadas nas redes sociais do clube. Nesse momento, Guido sempre tomava cuidado com a postura de seu corpo (ereta, peito estufado e bíceps pressionado contra as laterais do tórax) de modo a favorecer a visualização dos músculos dos ombros, peito, braço e abdômen. Para, ao menos uma fotografia, Guido retirava sua camisa.

Nessa luta por uma dada imagem corporal, o caso de Raul deve ser tratado à parte em razão de suas singularidades. Raul tem 27 anos, 1,68 m de estatura, 102 kg de peso corporal, apresenta quadro de obesidade, pratica exercícios de musculação e ocupa posição de liderança no grupo de jogadores de *rugby*, sendo auxiliar técnico²² da equipe masculina juvenil. Em conversa sobre os objetivos do público praticante de musculação Raul afirmou que, muitos homens clientes de academias, principalmente os mais jovens, praticam exercícios físicos com fins prioritariamente estéticos, para ficarem “bombados” (DC 0704).

Raul afirma praticar musculação com os objetivos de aumentar a força muscular e reduzir o tecido adiposo total, nesta ordem de relevância. O jogador criticou homens com musculatura bem desenvolvida – “inchada”, segundo seus termos – porém, sem força e resistência musculares necessárias para executar atividades cotidianas simples como transportar um botijão de gás de 13 kg de um cômodo a outro de uma residência. Raul deseja um nível de força muscular que atenda, de modo satisfatório e com o menor desgaste possível, às suas atividades do dia a dia e ao seu desempenho esportivo no *rugby*: “Fazer as coisas sem cansar ligeiro”. Para tanto, conforme o jogador, força seria aspecto crucial, e não a construção de um biotipo “bombado” (DC 0704).

Sobre o segundo objetivo para a prática de atividades físicas, a redução de massa adiposa corporal, Raul considera que seu índice atual, próximo a 24%, representa um risco à sua saúde, pois: “Gordura demais traz doença”. Para corroborar essa sentença o jogador citou que casos de diabetes, disfunções ósseas e articulares, hipertensão e outras doenças cardiovasculares são mais frequentes em pessoas com alto percentual de tecido adiposo (DC 0704).

Uma jogadora da equipe feminina adulta que acompanhava a conversa

²²Durante determinadas sessões de treino, principalmente quando da realização de jogos-treino, a treinadora da equipe masculina juvenil deixa momentaneamente essa função para defender em campo a equipe feminina adulta. Nessas ocasiões, Raul (por ser o auxiliar técnico da equipe), geralmente, assume interinamente a função de treinador. Em razão disso, será diversas as referências ao jogador como responsável pelo comando de determinadas sessões de treinamento.

mostrou uma fotografia do jogador aos 17 anos de idade, postada em uma rede social do time, na qual ele não apresentava sinais de obesidade, ou mesmo sobrepeso, e comentou: “Meu filho comeu um bocado, hein?”. Raul mirou a imagem e com o semblante rígido respondeu que seu peso corporal sofreu alterações vertiginosas na mesma época em que começou a exercer atividade remunerada – aos 18 anos de idade –, e, em decorrência de sua rotina desgastante e com pouco tempo livre, inclusive para refeições, passou a consumir maior quantidade de alimentos de alto teor calórico. Porém, o jogador acrescentou acreditar que fatores genéticos e hormonais também estariam associados ao seu ganho de peso (DC 0704).

Questionado se gostaria de retornar ao peso corporal de 10 anos antes, Raul afirmou que o processo de perda de peso é moroso e somente a disciplina quanto à alimentação equilibrada e à prática regular de atividades e exercícios físicos provavelmente não seriam suficientes para reconstituir aquela aparência sem que se submetesse a procedimentos cirúrgicos e administração de medicamentos, opções que ele refuta a menos que seu quadro de saúde exija. O relato de Raul remonta à complexa estratégia de exercício do poder sobre o corpo.

Conforme os estudos de Foucault (DREYFUS; RABINOW, 1995), o domínio e a consciência sobre os corpos só puderam ser tomados pelos sujeitos quando da percepção dos efeitos do investimento do corpo pelo poder por meio, por exemplo, da prática de exercícios físicos e da exaltação do corpo musculoso. Porém, como consequência direta dos efeitos produzidos (como a adoção de projetos corporais baseados no delineamento muscular), emerge a reivindicação do corpo contra o poder (a recusa à obtenção/manutenção do corpo musculoso). a reivindicação pela liberdade.

A liberdade é, segundo a teoria foucaultiana (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 244), um elemento imprescindível às relações de poder, pois somente corpos livres – leia-se corpos, individuais ou coletivos, que tenham perante si um campo de possibilidades de reações, condutas e comportamentos distintos a tomar – podem rejeitar um exercício de poder. No jogo entre poder e liberdade, esta se apresenta como condição de existência do primeiro; “porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 244). Por essa razão, não se pode falar que o poder tenha falhado, pois o conflito pelo controle dos corpos é indefinido,

ocorrendo recuos, deslocamentos, investimentos em outros lugares, entre outras estratégias.

O movimento discursivo realizado por Raul ilustra essa relação entre liberdade e investimento de poder sobre o corpo a que Foucault (2011) se refere. Distintas estratégias de investimento de poder sobre o corpo são mobilizadas em uma relação de ação-reação, na qual, em resposta ao movimento de revolta do corpo, produz-se um novo investimento. Não é o discurso do corpo belo, mas do corpo saudável e forte que estrutura as práticas de Raul, o qual impõe limites às estratégias e procedimentos adotados para o alcance de seu projeto de corpo e reconhece que, em razão disso, dificilmente atingirá a visão dominante de corpo belo.

Raul rejeita a imagem do homem belo musculoso almejada por seus companheiros de time, mas não todo o seu conjunto de aspectos caracterizadores: a força muscular concreta e o baixo percentual de gordura são mantidos como produto de um processo de negociação. A construção de um corpo musculoso não é objetivo primário do jogador, porém, em última instância, um projeto fundamentado sobre o aumento da força e a redução do tecido adiposo afeta a aparência corporal. Além disso, deve-se recordar que Raul criticou Simões Júnior pelo uso de brincos, colares e leggings, e “A”, por depilar o corpo. Para o jogador, esses comportamentos não simbolizam o esperado para um homem.

A relação entre liberdade e poder percebida na constituição da corporeidade e masculinidade de Raul, também se faz presente nos corpos dos outros jogadores participantes deste estudo. A partir da descrição de seus projetos de corpos, compreende-se que os jogadores do Cajuína *Rugby* têm em mente projetos de corpo e de masculinidade que consideram a aparência um fator importante. Porém, esses projetos não adotam a expressão imagética do homão da porra (HP) como a única adequada a um homem rugbier: a) Raul busca um corpo estética antagônica ao que considera feminino, assinalado pela força muscular, mas sem a obrigatoriedade do delineamento muscular; b) os outros jogadores participantes se mobilizam em prol da obtenção e/ou manutenção de um porte físico atlético, com desenho muscular visível, mas volume menor do que aquele inerente ao HP; c) e, dentre os últimos, há, ainda, aqueles que, como Simões Júnior, Frederico, Caetano, Jonas, Sérgio e Jean realizam procedimentos estéticos corporais e/ou usam peças de roupa e adereços antes associados exclusivamente ao público feminino e desvalorizados pelos homens. Percebe-se nos projetos dos jogadores de *rugby* que o simbolismo de gênero presente

em suas expressões imagéticas é constantemente ativado nas lutas sociais e mudam ao longo do tempo (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 174).

A busca por corpos com musculatura bem delineada não é privilégio dos jogadores do *Cajuína Rugby*. Segundo Malysse (2007, p. 95-96), e como corroborou Raul, o objetivo mais comum do público de atividades de musculação (segunda prática corporal mais realizada pelo grupo de jogadores) é a performance estética, um bem-estar físico e psíquico, materializado no que é visto naquele meio social como um modelo de corpo em “boa forma”.

Conforme as informações colhidas junto aos jogadores participantes não só a musculação, mas também a prática clubística do *rugby* se estabelece como aparato para construção de modelos corporais. Apesar do *Cajuína Rugby* ser um time de *rugby* amador, a estrutura organizacional e as diretrizes da agremiação – principalmente seu caráter competitivo – proporcionam aos jogadores treinamento esportivo sistematizado e planejado, que inclui sessões voltadas para a melhoria das capacidades físicas e montadas pela treinadora da equipe feminina adulta e por Simões Júnior – profissional e graduando em Educação Física, respectivamente. Dentre as 29 sessões de treino contempladas em observação participante, 9 (dez) foram voltadas exclusivamente para o que os jogadores/as chamavam de “treino físico”, e, 20 mesclavam atividades voltadas para treinamento de qualificação técnica, tática e física.

Para além do desempenho esportivo, os jogadores participantes assumem a prática de *rugby* como ferramenta útil à atenção por eles desdobrada aos seus corpos. Não se trata, apenas, de jogar *rugby*, mas treinar *rugby*. Desta forma, o esporte, como produto histórico e cultural, veicula imagens de corpos considerados desejáveis, e, sua prática é, em parte, utilizada para construção destes.

Os projetos e práticas deliberadas dos jogadores demonstram a tendência de o corpo, na sociedade ocidental contemporânea, vir a se tornar uma afirmação pessoal de uma estética e de uma moral da presença, “um lugar de encenação de si próprio” e, por essa razão, uma construção suscetível a variadas metamorfoses segundo as aspirações do indivíduo (LE BRETON, 2004, p. 7-8). O ato de esculpir e desenhar o corpo ao longo de regimes e sessões de treinamento de musculação e *rugby* se transforma em um movimento de reapropriação e controle da imagem de si próprio (MALYSSE, 2007, p. 132-133).

Nesse sentido, a imagem do corpo é assumida como realidade corporal, de modo que o visível se torna o “modo privilegiado de se relacionar consigo mesmo e, sobretudo, com o outro”, em razão do corpo ser veículo de valores e significados circulantes (MALYSSE, 2007, p. 132-133). Ao se tornar artífice de seu corpo e modificar sua forma,

a pessoa tenta controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social; ela escolhe uma forma física ‘nova’, indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique. No entanto, esse modelo corporal não é apenas formal, uma vez que o sujeito incorpora também os valores morais (*corporeidade modal*) incluídos em sua constante reconstrução. (MALYSSE, 2007, p. 95-96, grifos do autor)

Os esforços dos jogadores do *Cajuína Rugby*, em esculpir seus corpos, resistindo à decadência física, e mesmo o de Raul, ao realizar treinamentos voltados para a força e a resistência muscular voltados à *performance* esportiva e em atividades do cotidiano, podem ser compreendidos como, além de componentes de seus estilos individuais de vida, um empenho pela obtenção do capital simbólico associado a essas características. Intenta-se obter, a partir das práticas corporais, novos – e grandes – contornos e volumes musculares que resplandeçam um conjunto de significados conformados por dada forma de masculinidade como relacionados aos ideais de beleza, força e virilidade, necessários ao reconhecimento social dos sujeitos.

Esses ideais foram também verificados por Deive e Batista (2010, p. 193-194) em estudo sobre o exercício físico na construção das masculinidades contemporâneas. Os autores verificaram que o discurso da revista *Men’s Health* (direcionada ao público masculino) sobre nutrição, exercício físico e perda de peso remetia ao significado de disciplina, planejamento, obediência e superação dos próprios limites para alcançar o resultado desejado: aperfeiçoar, em curto prazo, uma anatomia corporal ancorada na musculatura, que, segundo a masculinidade hegemônica, agregaria virilidade.

Sentidos semelhantes foram observados por Oliveira Júnior (2017, p. 94-95) que, em análise das práticas de remodelamento corporal de homens jovens frequentadores de academias de musculação e/ou aulas de natação em Belém do Pará e em Lisboa, notou que o corpo era assumido pelos participantes como marcador de masculinidade. Porém, não se tratava de qualquer corpo. Aquele que se tornou um elemento identificador do ser homem para os jovens investigados foi o corpo musculoso, grande.

Sobre o discurso da revista *Men's Health*, Deive e Batista (2010, p. 194) afirmam que, o texto verbal e imagético do veículo lança sobre os homens leitores a responsabilidade pela gestão de seus próprios corpos, desconsiderando os fatores genéticos e exógenos que afetam o desenvolvimento corporal e tornando-os escravos de uma ditadura do “corpo sarado”. Deve-se atentar, porém, que, o processo comunicativo não compõe via de mão única. A mensagem produzida pela *Men's Health* – ou outro veículo midiático – não necessariamente será recebida e apropriada pelos leitores da forma como a revista intencionou.

De mesmo modo, os processos de constituição das corporeidades e das masculinidades são afetados não apenas por aspectos culturais, mas também dentre outros, por fatores biológicos, que compõem o meio de modulação dos corpos, como indicam as falas de Simões e Sérgio após indicarem como belos os corpos de homens altos e musculosos:

Mediadora: Há algum homem cujo corpo vocês admirem e digam ‘Esse cara é bonito’.

Simões Júnior: Tem um cara que malha com a gente. Ele é muito grande, muito grande mesmo. Quando ele passa [eu digo]: ‘Olha ele lá, ó ele lá’. Ele é enorme.

[...]

Sérgio: [...] tem um professor de português onde tô fazendo preparatório que, acho, tem 1,80 m. Fortão. A barba toda ‘cheiona’, toda preenchida. Aí, eu ficava lá [pensando]: ‘Cara bonito desse. Por que eu não sou bonito assim?’ Eu fico com raiva de mim, não vou mentir [risos] [...].

Mediadora: Sérgio você reparou que citou como bonito um corpo que não parece muito com o seu? Você também Simões. Vocês falaram de um corpo alto e mais musculoso que o de vocês. Isso significa que vocês são feios?

Jonas [diz rindo]: Verdade

Sérgio: É, falei [ri], mas assim... eu me acho bacana, sabe. Um corpo legal e tal. Mas o meu professor é tipo o top da lista.

Simões Júnior: Eu não tinha reparado nisso. Mas tipo ele [Sérgio] falou, é o top...

Jean [interrompe Simões Júnior]: É o homão da porra.

Simões Júnior: Isso. Voltando, dizer que esse corpo é bonito não significa que o meu é feio. Eu admiro a forma física daquele cara da academia, mas eu não quero meu corpo igual porque se o meu corpo tivesse aquela mesma quantidade de músculo [movimenta as mãos sinalizando grandeza], eu ia parecer um lego.

Caetano: Um o quê?

Simões Júnior: Aqueles ‘bonequinho quadrado’. Eu ficaria totalmente desproporcional. Isso é feio.

Sérgio: Também acho. O corpo do meu professor é bonito porque é todo proporcional. Tudo certinho ali. O meu também é proporcional, pelo menos eu treino pra isso. Eu queria ser alto, mas eu não sou.

Então, ficaria muito estranho eu, desse tamanho, com a mesma [estala os dedos e parece buscar um termo] ...

Frederico: Musculatura.

Sérgio: Isso. Eu desse tamanho com a musculatura dele. Eu assim [tronco em seus peitoral e braços], me acho bonito. Se eu fosse mais alto, aí ia ser outra história, outras medidas. (GF – Sessão 1)

A valorização da imagem corporal coloca em cena, segundo Oliveira Júnior (2017, p. 94-95), a reflexividade dos agentes sociais e a capacidade de agência de cada sujeito, sua competência para atuar sobre, e transformar, sua própria materialidade corporal. Nesse processo de transmutação corporal e semântica, os indivíduos e seus corpos dialogam com as estruturas atuantes no meio social, entre as quais as noções de beleza, saúde e masculinidade. Essas vivências se darão ora em consonância com os padrões hegemônicos, ora de forma distinta em razão de negociações e ressignificações dos limites e imposições corporais, as quais ocorrerão de acordo com as possibilidades educacionais, sociais, econômicas, culturais e biológicas de remodelamento dos corpos.

As respostas dos jogadores ao questionamento, a forma como percebem e lidam com seus corpos, trazem à tona o corpo como, ao mesmo tempo, representação dos sentidos, valores e normas circulantes em um grupo ou comunidade em dado contexto sócio-histórico, e produto do agenciamento individual dos sujeitos. Esse agenciamento, fruto de um processo de individuação, leva em consideração, entre outros aspectos, a biologia dos corpos.

Dois aspectos devem ser ressaltados no processo de agência impetrado pelos jogadores participantes. Primeiro, os participantes buscam atribuir capital simbólico aos seus próprios corpos. Apreende-se disso que, tanto é possível a prática social – com seus significados e valores coletivos – levar à construção de um corpo, quanto o corpo – e suas singularidades anatômicas e de subjetividades, por exemplo – levar à constituição de novas práticas. Segundo, a significação dos corpos dos jogadores participantes é constituída a partir, e, deve-se ressaltar, de modo subordinado, aos termos de beleza e virilidade da masculinidade hegemônica. Desta forma, não se trata de uma ruptura por completo com a ordem hegemônica.

O corpo é um modo privilegiado de visibilidade do hábito viril do corpo masculino no anonimato urbano. Assim, constata-se, aparelhos de musculação, complementos nutricionais, revistas especializadas, próteses e mais todo um leque de produtos e práticas, como o *body building*, são desenvolvidos e consumidos com

fins de virilização das aparências (por meio do aumento da massa e da performance muscular), tornando-se parte importante da vida cotidiana. “O músculo é um modo de vida, e o trabalho da imagem viril uma aplicação de todos os instantes, a ética ressuscitada da ‘tarefa puritana’” (COURTINE, 2013b, p. 564).

Entretanto, essa virilidade visível por meio da musculatura parece ter nuances diferenciadas a depender do segmento corporal. Em conversa informal, uma jogadora da equipe feminina adulta reclamou que os corpos de boa parte dos jogadores do time masculino – equipes juvenil e adulta – apresentavam as musculaturas das regiões do tronco e membros superiores mais bem desenvolvidas do que aquelas dos membros inferiores: “Só têm ombro e peito. Bunda e perna, Deus me livre” (DC 0704).

Raul concordou com a jogadora e criticou a aglomeração, rotineiramente observada por ele, de homens em torno de aparelhos de exercícios para as regiões dos braços, costas e peitorais. Porém, Raul ressaltou que esse não é um hábito que possa ser generalizado a todos os homens, sendo mais comum entre jovens rapazes. Consoante o jogador, na academia em que frequenta, “um bando de moleques” entre 15 e 20 anos de idade, realiza um rodízio para o uso de instrumentos e máquinas específicos para a porção superior do corpo. Este comportamento não seria replicado por Raul, que referiu preocupar-se em exercitar o corpo em sua totalidade, inclusive pernas e glúteos (DC 0704). Mesma atitude seria tomada pelos jogadores participantes do grupo focal (GF):

Mediadora: Quem, de vocês, malha glúteo?
Sérgio, Jonas, Jean, Simões Júnior, Caetano e Frederico erguem as mãos.
Jonas: Tem que malhar. (GF – Sessão 1)

Realizar exercícios para os distintos segmentos musculares, porém, não significa necessariamente que estes recebam o mesmo nível de atenção nos planos de treinamento. Estudos Deive e Batista (2010, p. 203) e Oliveira Júnior (2017, p. 108-109) perceberam a região superior do corpo como objeto de interesse estético dos homens. De modo semelhante, comporta-se a maioria dos jogadores participantes do GF:

Mediadora: E que parte dos seus corpos vocês mais enfatizam nos treinos?
Jetro: Braço e abdômen. Mas faço perna também, porque elas são muito finas.

Jackson: Depois que eu comecei a trabalhar na área [de educação física], tenho valorizado o corpo todo. Pra gente [profissional de educação física] é muito complicado ter que escolher que parte do corpo não treinar. Mas eu creio que, pra mim, seriam os dorsais, os mais importantes, porque é o sistema que vai sustentar o resto do corpo. Mas em questão de estética, realmente o peitoral dá uma preocupação maior, porque é a frente da pessoa e já causa um certo impacto. O tronco em si é muito interessante.

Sobreira: Pra gente é complicado. Eu treino o corpo todo, mas a parte que eu sempre fico de olho se tá legal é o ombro e o braço.

Samuel: Eu dou uma valorizada em coxa e perna, porque tira aquele aspecto de sorvete. Porque eu cresço muito fácil aqui em cima, peito, braço. Quase não treino costa, e já fica grande. Aí, cresço assim [forma, com as mãos, um triângulo invertido] e fica as perninhas. Aí, não gosto, né. Eu me importo em treinar pra crescer.

Mediadora: Músculos maiores, mais definidos, pra você, são bonitos?

Samuel: É. Não exagerado, tipo *bodybuilding*, crescer com anabolizante, mas crescer natural. Ficar proporcional. As coxas bacana, as panturrilhas, o peito. Nada desregulado. Aquele cara que malha só o braço, que o tronco [é] assim [gesticula com as mãos indicando tamanho grande], mas as pernas 'fininha'.

Frederico: Meu foco são meus braços e minha barriga. Se não tomar cuidado, viro uma rata preinha.

Todos riem.

Caetano: Eu treino o corpo inteiro, mas a parte que mais presto atenção é peitoral, costas e braço. (GF – Sessão 1)

Sérgio foi o único dentre os jogadores participantes do grupo focal que afirmou enfatizar treinamentos voltados para os membros inferiores. Cabe recuperar, que a simetria corporal buscada pelo jogador não pressupõe ignorar os músculos do tronco e dos braços. O temor de Sérgio é que suas pernas não ornem em proporcionalidade estética com a porção superior de seu corpo, que, conforme o mesmo, apresentaria maior facilidade de aumento da massa muscular. Dessa forma, entre os jogadores participantes deste estudo, apenas Raul e Sérgio referiram dedicar atenção equânime, ou próxima a isto, às regiões superior e inferior do corpo (OLIVEIRA JÚNIOR, 2017, p. 110-111).

A distinta valoração atribuída às porções corporais masculinas também pode ser visualizada nas reclamações dos jogadores quanto ao tamanho dos calções de uniformes – as quais ocorreram em número significativamente maior do que as referentes ao tamanho das camisas. Além disso, excetuando-se os momentos dos treinos ou jogos, os jogadores do Cajuína *Rugby* não faziam uso de peças do mesmo tamanho que os calções de uniforme; ao final da prática esportiva, trocavam a peça por outra maior. Mesmo Simões Júnior, quando usando *legging*, vestia um calção por

sobre esta. Por outro lado, as camisas de uniforme eram utilizadas, pela maioria dos jogadores, mesmo no trajeto para o treino, em via pública.

A exposição do corpo tonificado ao olhar do outro, segundo a masculinidade hegemônica no campo do *rugby*, torna-se forma de expressão de virilidade. Porém, o comportamento dos jogadores participantes demonstra haver limites para essa exposição: a virilidade parece estar localizada na porção superior do corpo, em detrimento da inferior. Para melhor entendimento, lembremos de duas situações já citadas neste trabalho. Primeiro, o comentário de Raul ao perceber tornar-se rotineiro Simões Júnior comparecer ao treino usando *legging*: “O quê que tá acontecendo contigo? Te conheci mais homem. Agora é cheio de brinco, colar, *legging*”. Segundo, as regiões dos corpos de homens e mulheres mais admiradas pelos jogadores, segundo os próprios:

- Jonas: olhos e cabelos, em mulheres; braço e peito, em homens;
- Jean: olhos, boca, coxa, peito e bumbum, em mulheres; músculos da região dorsal e peitoral, em homens;
- Frederico: rosto, em mulheres; braços, em homens;
- Caetano: pernas, em mulheres; peitoral e braços, em homens;
- Sérgio: boca, seios e bumbum, em mulheres; o rosto (barba), em homens;
- Simões Júnior: bumbum, em mulheres; braços, em homens.

Sobre as construções corporais de gênero, Malysse (2007, p. 103-104) afirma que, no Brasil, a ideologia de gênero “parece ampliar ainda mais a distância anatômica entre os gêneros, favorecendo a passagem da ética à estética pela incorporação de sinais distintivos sexuais”. O autor percebe os usos sociais do corpo como modelados por meio de uma série de formas e ações simbólicas situadas em um peculiar contexto de valores e significados de feminilidades e masculinidades.

A estetização da ideologia de gênero dividiria os corpos em duas porções: (i) a porção superior – composta por braços, ombros, peitorais e trapézio – representaria os atributos da virilidade; e, (ii) a porção inferior – composta por quadris, nádegas e pernas – encarnaria os atributos da feminilidade. Essa perspectiva é corroborada por Devide e Batista (2010, p. 203), que percebem o corpo como “um território onde se ancoram representações sociais sobre masculinidades e feminilidades”, valorizando e estimulando o investimento, de acordo com o gênero, em partes específicas do corpo.

O zoneamento da compleição física é concebido por Malysse (2007, p. 104-105) e Oliveira Júnior (2017, p. 108-109) como não apenas generificado, mas também sexualizado, e, uma vez naturalizado, passaria a justificar e a pressionar a adoção de determinados valores, comportamentos e práticas nas interações sociais, inclusive na execução de práticas corporais. A sexualidade, endossa Connell (2012, p. 1678), é uma arena na qual as masculinidades e feminilidades sociais são negociadas, definidas e encenadas.

Para Malysse (2007, p. 104-105) as zonas corporais generificadas remetem às relações entre o corpo erótico e as identidades sexuais. Em estudo sobre o modo de ritualização e de produção do corpo no contexto sociocultural carioca, o autor observou que, entre os/as clientes de academias, os homens homossexuais que buscam construir uma imagem viril e heterossexual – chamados *barbies* – concentram o treinamento de musculação na parte superior do corpo em uma tentativa de substituir seu eu sexual por um eu corporal; enquanto as mulheres envidam esforços na nas pernas e na manutenção da parte corporal do corpo feminino mais sexualizada pelos homens: as nádegas.

A naturalização da relação entre a região dos glúteos – comum ao corpo humano – e as noções de submissão e passividade – vistas como próprias ao corpo feminino – leva a que homens que exercitem esta zona corporal sejam alvo de espanto e suspeição quanto à heterossexualidade. Em consequência disso, percebe-se uma predileção por exercitar a região superior do corpo, em detrimento da inferior, como modo de afirmação de dadas corporeidade e masculinidade caracterizadas como distanciadas das noções de feminino e de homossexual, uma vez que se pensa, são as mulheres que devem, com mais acuidade, valorizar as zonas corporais abaixo da cintura – e, isso não apenas nas práticas de remodelamento corporal (OLIVEIRA JÚNIOR, 2017, p. 108-109).

Esse enfoque diferenciado também é notório quando lembramos que as reclamações dos jogadores quanto ao tamanho dos calções de uniforme do Cajuína *Rugby* ocorreram em número significativamente maior do que aquelas relativas às camisas, que, por serem justas ao corpo, permitiriam aos outros o vislumbre da musculatura de seus troncos. Exibir determinadas partes do corpo e esconder outras tem, desta forma, relação com a valoração atribuída a cada uma delas, além de demonstrar os locais do corpo masculino que podem ser vistos e admirados por outros homens.

Dito isto, pode-se apreender que o maior investimento pelos jogadores na parte superior de seus corpos reflete, em parte, o desejo de reconhecimento e valorização por outros homens, pois no corpo se inscreve o signo de virilidade que lhe trará respeito e valor distintivo no espaço homossocial. Por outro lado, esse investimento revela também a busca por olhares elogiosos – e, porventura, desejosos – das mulheres, uma vez que a essa porção atribui-se os significados de beleza e sedução. Devide e Batista (2010, p. 196) perceberam essa associação entre exercício físico e heterossexualidade, constituindo-se o primeiro em via para a conquista de corpo e performance sexual ideais, aspectos entendidos como meio de conquista das mulheres, “interpretadas numa hierarquia de gênero como objetos de desejo”.

Isso posto, deve-se tomar cuidado para não definir como antagônicos os projetos hegemônico e alternativo citados nesse tópico. O movimento realizado pelos jogadores do Cajuína *Rugby* tem como referência o corpo e a masculinidade hegemônica do HP.

Há singularidades em cada projeto, mas também similaridades. Em tons distintos, os projetos do HP e dos jogadores participantes prezam pela construção e manutenção de um corpo que expresse – seja por meio de atos explícitos, seja por meio da musculatura aparente, ou ambos – força muscular, atributo associado à coragem para enfrentar outro homem. Conforme Devide e Batista (2010, p. 205), o exercício físico ancora, ora elementos da masculinidade hegemônica, como a aptidão física e a tolerância à dor, ora elementos de outras masculinidades, como a preocupação com a aparência estética. Uma mesma prática corporal com distintos usos e significados.

Ademais deve-se recordar que, as demandas corporais de parte significativa do grupo de jogadores participantes envolvem não apenas esculpir seus corpos por meio de exercícios físicos, mas amparar sentidos de beleza por meio do uso de produtos e procedimentos estéticos.

Em razão dessa articulação entre projetos, pode-se definir a relação entre a forma dominante de masculinidade no *rugby*, representada pelo HP, e aquela apresentada pelos jogadores do Cajuína como uma relação de cumplicidade, tomando o conceito de Connell (1997). A essa cumplicidade está associada um dividendo patriarcal (CONNELL, 2017) que, apesar de não apresentar a mesma extensão que aquele concedido aos homens que realmente adotam a masculinidade hegemônica, ainda assim, é suficiente para garantir certo teor de beleza, força, coragem e virilidade,

e, desta forma, prestígio e *status* frente a outros homens e também a mulheres, evitando-se o fado ao fracasso e à exclusão social – reificados pela expressão imagética.

A constituição de masculinidades cúmplices faz ver que, na sociedade contemporânea, o indivíduo “traça ele próprio os seus limites para o melhor e para o pior, ergue de maneira instável e deliberada as suas próprias fronteiras de identidade, a trama de sentido que orienta o seu caminho e lhe permite reconhecer-se como sujeito”, porém, essa soberania é simbolicamente limitada, “demarcada pelos pesos sociológicos, o ambiente da época, a condição social e cultural, a própria história” (LE BRETON, 2004, p. 15-16).

Por outro lado, conforme Connell e Pearse (2017, p. 201-202), muito do aprendizado de gênero consiste em aprender “competência de gênero”, que envolve (i) “conduzir a ordem de gênero local e outros regimes de gênero das instituições” com que lidam, (ii) adotar certa identidade de gênero e ter certo desempenho, e, (iii) “brincar com sua própria performance”. Os jogadores participantes deste estudo sentem prazer em exibir corpos tonificados e/ou bons níveis de força muscular. Nenhum deles teceu reclamações quanto a elogios que seus corpos tenham recebido. Pelo contrário, seus projetos de corpo buscam o olhar orgulhoso de si e olhar admirado do outro.

O aprendizado ativo implica um comprometimento de si com uma orientação particular. O aprendiz não absorve simplesmente o que há a ser aprendido, mas se engaja naquilo, movendo-se adiante na vida, em um sentido particular. O prazer no aprendizado de gênero é o prazer da criatividade e do movimento (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 202)

A fluidez aparente das masculinidades dos jogadores participantes demonstra que os corpos não são alvos inertes ou consensuais sobre o qual o poder se aplica, mas seus intermediários. O poder transita pelos indivíduos que constituiu, exerce-se em rede e, “nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e de exercê-lo” (FOUCAULT, 2005, p. 35)

4.2.2. A competitividade e a valorização da dor como marcas na prática do *rugby* e nas masculinidades

O esporte moderno, em suas diversas e distintas variações, caracteriza-se pela disposição à competitividade em prol da busca por bons resultados. Mesmo o esporte amador, cujo discurso se pauta em valores, atitudes e comportamentos que celebram a cooperação e a solidariedade entre os praticantes, é sistematizado, normatizado e, por vezes – como no Cajuína *Rugby* –, estruturado de modo a afirmar uma tendência à adoção de níveis de competitividade próximos aos adotados pelo esporte de alto nível. Reconhecendo esse caráter de disputa presente no esporte, Elias (1985a) afirma que:

O desporto pode traduzir-se num combate entre seres humanos que lutam individualmente ou em equipes. Pode ser uma luta de cavaleiros e de uma matilha de cães em perseguição de uma raposa veloz. Pode assumir a forma de uma corrida de esqui, desde o cimo da montanha até ao vale, um tipo de desporto que não é só um confronto entre seres humanos, mas é, também, um desafio com a própria montanha coberta de neve. [...] O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos. (ELIAS, 1985a, p. 83-84)

A assunção da competitividade como um valor próprio do esporte se torna clara quando Sérgio, Jonas e Jean justificam-na como aspecto necessário, inclusive entre os componentes de uma mesma equipe, ao cumprimento dos objetivos de rendimento e vitória do grupo.

Mediadora: Há uma competição entre os jogadores do Cajuína?

Jonas: Sim, sim. Isso é o que motiva mais a gente, a competição.

Sérgio: Mas é uma competição saudável. Se a gente for pra academia, correr, ou coisa assim, eu vou tentar ser melhor do que ele (aponta para Jackson). Mas se ele for melhor do que eu, eu não vou ficar com raiva, entendeu?

Mediadora: Mas tentará ser o melhor?

Sérgio: Eu vou tentar.

Mediadora: Por quê?

Sérgio: Porque esse é o objetivo da gente treinar. É sempre tá melhorando. Se a gente ficar tentando superar o outro, a gente vai evoluindo. Por exemplo, eu sou melhor em musculação. Ele (Jetro) é melhor em corrida. O fato de eu querer acompanhar ele na corrida, e dele querer me acompanhar na musculação, vai melhorando uma parte ruim que a gente tem. Aí, se ele me superar, eu vou tentar superar ele e, dessa forma, a gente vai subindo o nível junto.

Jonas: E se ajudando.

Sérgio: Não é tanto dizer que 'ah, eu sou melhor do que tu'. É só uma questão da gente tentar subir o nível.

Jean: O esporte é competição. Não pode esquecer isso. Mesmo eu seja um esporte individual você tem uma meta pra alcançar e pra fazer

isso você tem que treinar como se já estivesse em uma competição.
(GF – Sessão 2)

Uma vez que o desempenho do time depende do aprendizado e aquisição de habilidades físicas, técnicas e táticas específicas à modalidade esportiva, Sérgio e Jonas consideram que a manutenção de uma atitude competitiva entre os próprios jogadores do *Cajuína Rugby* exerce efeitos positivos sobre o rendimento do time como um todo e, conseqüentemente, sobre seu potencial de sucesso e fracasso. À competitividade dos jogadores entre si estaria atrelado o significado de trabalho em equipe.

Comparar e dedicar-se a, se possível, ultrapassar os níveis de desempenhos esportivos dos companheiros seria, ao fim e ao cabo, para os jogadores acima citados, um ato colaborativo. Conforme os relatos de Sérgio e Jonas, não se trata simplesmente de vencer, mas de realizar de modo satisfatório determinada atividade/tarefa. A qualidade do processo de aprendizagem esportiva também configuraria parte do objetivo da competição. Por essa razão, Sérgio qualifica esse modo de competição como saudável.

No entanto, Sérgio e Jonas referem ser o conceito de competição saudável aplicado por todos os integrantes do *Cajuína Rugby*.

Mediadora: Esse pensamento de vocês é compartilhado pelos outros jogadores, competir entre si tendo como fim a melhora da performance do time? Ou a intenção seria competir para ser melhor do que os outros jogadores?

Jonas: A última [alternativa]. E não é pouco não.

Sérgio: O pior não é o cara querer ser melhor. Se ele treinar pesado e tal, tudo bem.

Jonas: É, se tá lá acompanhando [as sessões de treinamento].

Sérgio: O que lasca é aquele cara que quer ser melhor e só fala. Fica 'fobando'.

Jonas: E [ainda] reclama. Estressa os outros.

Sérgio: Antes do treino, o cara faz discurso motivacional: 'A gente tem que treinar'. No treino, fica 'voado', faz tudo errado. Eu fico com raiva porque ele fala uma coisa e não faz. Parece que ele pesquisa na *internet* um discurso.

Jonas: E memoriza.

Sérgio: Acho que ele nem memoriza, porque é só [envio por] WhatsApp. Só copia e cola. Um dia, eu fiz uma pergunta sobre *tackle*, sobre como cair. Ele respondeu, mas não foi de acordo. (GF – Sessão 2)

Várias situações observadas no contexto clubístico abrem perspectivas sobre diferentes modos de apropriação do conceito de competição.

Durante sessão de treino, divididos em dois grupos, os jogadores realizaram exercício de corrida de velocidade. Nessa ocasião, apesar de “LF”, treinadora da equipe masculina juvenil, não estabelecer duplas fixas, Nuno e Simões Júnior decidiram organizar a sequência de execução de modo que competissem um contra o outro em todas as baterias – cinco, no total. Visivelmente ansiosos, os dois jogadores foram, dentre o grupo, aqueles que envidaram maior nível de competitividade durante o exercício (DC 0105).

Simões Júnior gritava e batia palmas para incitar o companheiro de equipe a correr mais rápido. O jogador permitia que Nuno saísse primeiro, ou desacelerava sua velocidade de corrida, para ultrapassá-lo quando próximo à linha de chegada. Nas duas últimas baterias, parecendo querer mostrar o quão superior era seu desempenho, Simões Júnior intercalou corrida lateral e corrida de costas, vencendo Nuno, mais uma vez (DC 0105).

Em outra sessão de treino, realizada em data próxima à participação das equipes masculinas em torneio amistoso, a comissão técnica decidiu por realizar um jogo-treino. Neste, todas as regras do *rugby* foram aplicadas, com exceção do *tackle* em razão do risco de ocorrência de lesões. Assim, não era permitido ao jogador defensor derrubar o atacante, mas somente obstruir seu avanço em campo por meio de um toque no quadril deste, com ambas as mãos (variação chamada pelos jogadores participantes de “*rugby touch*”), ou utilizando o próprio corpo como força de resistência para desacelerar a corrida do adversário (DC 0303).

Durante esse jogo-treino, Jonas foi duramente criticado por Raul – que comandava o treino – e por outros jogadores – entre os quais, Augusto, Sérgio e Simões Júnior – por supostamente recuar frente ao oponente, em vez de obstruí-lo, facilitando, assim, a ação da equipe adversária rumo ao *try*. Consoante Raul e Simões Júnior, Jonas parecia temer o adversário e, por isso, reduzia sua velocidade de corrida, ou parava, quando próximo a ele (DC 0303).

Durante um outro jogo-treino das equipes masculinas, Tadeu avança em campo em direção a Rafael, que está com a posse de bola. Considerando-se a velocidade de corrida do primeiro, imaginar-se-ia que sua intenção era “*tacklear*” o oponente. Essa foi a impressão de Rafael, mas não o que ocorreu. Tadeu frenou a corrida e parou em frente ao atacante, sem tocá-lo. Percebendo o movimento do defensor, Rafael também parou sua corrida e desferiu um tapa no rosto de Tadeu. Enquanto Tadeu nada fez quanto à bofetada, grande parte dos jogadores que

participavam ou assistiam ao jogo, riu do ocorrido. Quando questionado sobre o porquê da agressão, Rafael respondeu: “Porque ele não me *tackle*ou. Ia ser um *tackle* lindo”. A passividade de Tadeu frente a uma possibilidade tácita de domínio do adversário lhe rendeu uma humilhação pública (DC 1803).

Em sessão de grupo focal, questionado sobre qual seria a atitude tomada pela equipe caso um jogador demonstrasse medo e recusa em envolver-se diretamente em embate físico contra um adversário em campo, Sérgio disse:

Aí o próprio pessoal fala: ‘Rapaz se tá com medo, não vem pro *rugby*’. Às vezes até no treino, mesmo. A gente vai fazer um treino de *tackle*, aí já dizem logo: ‘Se for pra entrar com medo, nem entra. Fica do lado de fora mesmo’. (GF – Sessão 2)

Em resposta à colocação de Sérgio, Simões Júnior – um dos líderes da equipe masculina e integrante da comissão técnica – negou que qualquer jogador seja afastado, mesmo que temporariamente, da prática clubística do *rugby* em consequência do sentimento de medo. Conforme Simões, essa decisão leva em consideração também uma avaliação das condições psicológicas do jogador para prática de um esporte com numerosas e intensas situações de contato físico, como o é o *rugby*, e a segurança de todos os componentes da equipe, pois: “Com medo, ele pode se machucar e machucar alguém. Isso é critério de segurança, não como parte de masculinidade” (GF – Sessão 2).

Caetano corrobora o pensamento de Simões Júnior e acrescenta que o *rugby* apresenta como um de seus pilares o sentido de acolhimento:

Caetano: O time não desiste de ninguém. Por isso que o *rugby* é acolhedor, porque todo mundo chega com medo. Vai demorar um tempo, mas ele vai conseguir. Se largar, mais um trauma. (GF – Sessão 2)

O medo é apresentado em relato de Sérgio como significado de fracasso e inaptidão para a prática do *rugby*. As cenas ocorridas durante treino e descritas anteriormente endossam esse sentimento e, ainda mais, a pressão exercida por e sobre os homens jogadores de *rugby* para que sejam explícitos e insistentes em suas demonstrações de promoção de embates físicos, significados como provas de bravura e competitividade. Além disso, as falas dos jogadores reluzem um certo prazer em participar de práticas competitivas e, lógico, vencer.

Por outro lado, Caetano e Simões Júnior – este, como descrito anteriormente, crítico da reduzida expressão de competitividade de Jonas e agente alimentador desse fator sobre Nuno – defendem serem a familiaridade e segurança para prática do *rugby* – em seu inteiro teor, incluindo o contato físico – aspectos construídos ao longo do tempo de treinamento. Para os jogadores, exigir de um jogador novato imediata disposição corporal para os embates físicos ocorridos em campo é uma estratégia errônea, pois pode levar a “mais um trauma” (GF – Sessão 2), a sentimentos de incompetência e exclusão, e, conseqüentemente, ao abandono da modalidade por temor à repetição do que é visto como fracasso.

Cabe resgatar que, ao recusar a ideia de exclusão de jogadores pouco familiarizados com os embates propostos em um jogo de *rugby*, Simões Júnior cravou ser o afastamento temporário dos jogos-treino – aplicado pela comissão técnica – um critério de segurança, e não uma forma de exigir a expressão de masculinidades eminentemente calcadas na competitividade e na disposição para prática de esportes de contato (GF – Sessão 2). A existência de um critério “técnico”, porém, não aplaca a relação existente entre as configurações de práticas de masculinidades e a decisão – em parte subjetiva, em parte objetiva, haja vista a interferência de aspectos financeiros, por exemplo – pela prática de determinada modalidade esportiva.

Ademais, ao referir que “vai demorar um tempo, mas ele (jogador novato) vai conseguir” atuar a contento como jogador de *rugby*, Caetano lança luz sobre o processo de educação dos corpos por meio do esporte e sua prática. A partir de um olhar escrutinador sobre os corpos, movimentos, gestos, posturas e condutas – como a competitiva –, o esporte, como agente social, chama os sujeitos a um processo educativo, cujo objetivo é enquadrá-los nas normativas daquela modalidade específica.

Sérgio e Jean pontuam em distintos momentos que a competitividade assinala suas relações com os próprios corpos. Ao definir “homem másculo”, Jean fez alusão à coragem e à competitividade como fatores substitutivos à expressão imagética do homão da porra (HP):

Mediadora: O que é esse “muito másculo”?

Jean: Um cara relativamente grande e musculoso. Pro pessoal de fora, o másculo tá muito relacionado a essa questão de músculos, ter uma voz grossa, uma barba e aquela coisa toda. Esse é o homão da porra [risos].

Mediadora: Pra quem é de fora isso é ser másculo. Pra você é igual?

Jean: O másculo, pra mim, tem mais a ver com coragem, caráter, ser ativo, competitivo. Claro que o corpo também traz essa imagem, por causa do que falei lá atrás, da postura. Mas eu não preciso ser imenso pra isso. E nem posso. Não dá pra crescer mais [gesticula com as mãos indicando sua estatura] [risos]. (GF – Sessão 2)

As colocações de Jean podem ser compreendidas a partir do conceito de moral, proposto por Foucault. A moral pode ser entendida como um conjunto de valores e regras de ação coerentemente formulados e propostos ao indivíduo e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, a escola e as Igrejas. Em tese, esse código moral formará um conjunto sistemático, porém, é possível que sua transmissão ocorra de modo difuso, constituindo, assim, um complexo jogo de elementos que se compensam, corrigem e/ou anulam em certos pontos, permitindo compromissos ou escapatórias (FOUCAULT, 1998, p. 26).

No entanto, conforme Foucault (1998, p. 26), moral também pode ser compreendida como “o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos”, logo, os modos e margens de variação com os quais se submetem ou transgridem uma interdição ou prescrição comportamental.

Mas não é só isso. Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas, outra coisa ainda é a maneira pela qual é necessário ‘conduzir-se’ — isto é, a maneira pela qual se deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código. Dado um código de ação, e para um determinado tipo de ações (que se pode definir por seu grau de conformidade ou de divergência em relação a esse código), existem diferentes maneiras de ‘se conduzir’ moralmente, diferentes maneiras, para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação. (FOUCAULT, 1998, p. 26-27)

O código prescritivo da masculinidade hegemônica impõe ao homem a obrigação de possuir e demonstrar, a todo momento, virilidade, entendida como “capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança)” (BOURDIEU, 2012, p. 64-65).

Jean e os outros jogadores participantes mostram que há diferentes formas de praticar essa virilidade. O investimento no corpo e no desenvolvimento da musculatura seria uma forma. Contudo, como propõe Jean, também mostrar-se competitivo é um modo de “ser viril”. Para comprovar sua virilidade, Jean referiu não temer embates

físicos, durante a prática do *rugby*, com Rafael, o jogador com imagem corporal mais próxima à do HP:

Jean: Tem gente que ... o Rafael, por exemplo, tem gente que tem medo de trombar de frente com ele. Eu não. Não sei se é porque já fui professor de karatê dele e a gente já praticou muito luta junto, mas eu não tenho medo de chegar [e confrontá-lo]. [Não tenho medo de] O Rafael vindo a 40 km/h, eu chegar e trombar com ele. (GF – Sessão 2)

Também Sérgio fez referência à coragem e à competitividade como valores distintivos entre os homens, e novamente o embate físico com Rafael foi citado como meio de prova dessas características:

Sérgio: [...] Nessa questão de masculinidade, eu acho que não vai nem tanto do tamanho da pessoa, mas da coragem. Tipo, o cara é pequeno e vê um cara do tamanho do Rafael vindo pra frente dele. O que ele faz? Ele sai da frente, fica com medo. Na hora que ele faz isso, eu acredito que, não tanto a pessoa que tá no campo, mas a pessoa que tá de fora diz: 'Eita, aquele ali já arregou'. Aí, quando pensa que não, vem outro [jogador] e 'pah' [som de impacto]. Bate e derruba o Rafael. 'Rapaz, senti mais firmeza nele' [diriam os espectadores]. Independente do tamanho, acho, que vai mais da pessoa ir sem medo. No juvenil, o Oto, acho que, se ele não for do mesmo tamanho, é menor do que o Juninho. Independente se [o adversário] for grande ou pequeno, ele derruba. A pessoa na hora que vê [um homem] pequeno assim, desmerece. Na hora que vê no campo, derrubando o pessoal, indo sem medo, a pessoa muda o pensamento: 'Eita, aquele ali não tem tamanho, mas tem vontade'. (GF – Sessão 2)

Cabe recuperar que, quando questionado sobre a participação do esporte na constituição de sua masculinidade Jean respondeu: “Pelo menos da minha parte, o esporte nunca influenciou na minha masculinidade. Pra mim, o esporte é neutro. Não tem espaço pra esse tipo de discussão no esporte” (GF – Sessão 2). Entretanto, para confirmar pertencer legitimamente ao seletivo grupo de “homens másculos”, o jogador enalteceu sua performance na prática do *rugby* como ato simbólico próprio a estes.

Ao contrário de Sérgio, Jean considera que o esporte seria, apenas, um espaço de expressão de masculinidades, mas não de constituição destas. Desta forma, as masculinidades ali apresentadas seriam previamente constituídas em outros espaços, principalmente a família, conforme defende o jogador, não havendo possibilidade de modificações em âmbito esportivo – seja a prática corporal, seja a instituição esportiva.

Sérgio e Jean levantam em suas falas a adoção de masculinidades pautadas não necessariamente na força física e na musculatura hipertrofiada – aspectos também problematizados pelos outros jogadores participantes ao criticarem a idealização do corpo HP como padrão para homens jogadores de *rugby* – mas na competitividade, na firmeza de ânimo ante o adversário e intrepidez para enfrentá-lo e, se possível for, vencê-lo. A habilidade esportiva seria, então, transformada em um teste de masculinidade, e o esporte, um campo de exames e disputas pela determinação do valor de cada homem (CONNELL, 2005, p. 37). Nessa perspectiva, ser o melhor ou, pelo menos, apresentar um ótimo desempenho em alguma área, entre as quais o esporte, pode representar para os homens, especialmente os mais jovens, um valorizado símbolo de masculinidade, uma vez que em sua vertente hegemônica, esta tem como um de seus principais aspectos caracterizadores a competição (LOURO, 2003, p. 75).

É como se derrotar ou frustrar os planos do jogador adversário – mas não só jogadores, haja vista a definição de homem másculo adotada por Jean –, fosse uma fonte de regozijo para o ego atlético e a masculinidade do causador desses danos. Nessa perspectiva, como diz Almeida (1995, p. 123), “inimigos ou não, os homens são rivais potenciais na competição pela masculinidade, ao mesmo tempo que defendem a igualdade fraterna dos membros do mesmo sexo”.

A discussão de Jean e Sérgio acerca da valoração da competitividade remete a que ser homem “não é algo espontâneo, precisa ser constantemente atestado” por meio de provas e deveres, ainda que tenha uma contrapartida generosa (RIAL, 2000, p. 254). Desta forma, não só as mulheres, mas também os homens estão prisioneiros da representação dominante.

A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita: fracas e princípios de fraqueza enquanto encarnações da *vulnerabilidade* da honra, da *h'urma* (o sagrado esquerdo feminino, oposto ao sagrado direito, masculino), sempre expostas à ofensa, as mulheres são também fortes em tudo que representa as armas da fraqueza, como a astúcia diabólica, *thah'raymith*, e a magia. Tudo concorre, assim, para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade. (BOURDIEU, 2012, p. 64-65)

O desejo por fazer crescer sua honra – definida como o conjunto de aptidões consideradas nobres como coragem, generosidade etc. – buscando glória e distinção no espaço público, pode levar os homens a se envolverem em situações que em vez

de ratificá-los como homens “verdadeiramente homens”, torná-los-á vulneráveis. A virilidade é, ao mesmo tempo, a glória e a angústia dos homens ao levá-los a investir em jogos de violência, principalmente aqueles mais adequados à produção dos signos perceptíveis da masculinidade, bem como à manifestação e à testagem das qualidades ditas viris a serem validadas por outros homens (BOURDIEU, 2012, p. 64-65).

Exemplo do duplo viés da masculinidade hegemônica sobre o corpo do homem diz respeito à negligência quanto à sua saúde. Estudo de Devide e Batista (2010, p. 199) observou que, por “medo de se mostrar frágil” e abalar as rígidas estruturas simbólicas da masculinidade hegemônica, o homem contemporâneo negligencia aspectos de sua vida, como o cuidado com a saúde emocional, e torna-se obcecado pela prática de exercícios físicos ou pelo trabalho (esfera a que tende a se dedicar com a finalidade de se tornar provedor).

Em estudo sobre a percepção de agentes comunitários de saúde sobre as questões de gênero e masculinidade, Silva (2015) verificou que a necessidade de demonstrar virilidade, agressividade, coragem e invulnerabilidade tem repercussões sobre as práticas de saúde dos homens. Enquanto seus corpos exercerem suas funções orgânicas para a sobrevivência biológica e simbólica, que oferece as fronteiras de diferença entre os sujeitos, não haverá o porquê dos homens os problematizarem – leia-se buscar atendimento médico, mesmo que de rotina. O corpo do homem não é um problema enquanto se sabe o que esperar dele.

Outros efeitos corporais coletivos da atual ordem hegemônica de gênero sobre os homens incluem: (i) níveis mais altos de lesões e mortes (resultantes de acidentes de trabalho, acidentes automobilísticos, envolvimento com exércitos ou milícias, etc.); (ii) maior envolvimento em casos de agressão física formalmente registrados, seja como agressor, seja como vítima; (iii) maior exposição a muitas formas de toxicidade e estresse e níveis mais altos de dependência de drogas (mais comumente o alcoolismo); (iv) maioria da população em situação de privação de liberdade (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 35).

Conforme Connell e Pearse (2017, p. 35), os homens estão desproporcionalmente envolvidos em situações de violência, em parte, porque são preparados para isso. Uma das formas de, desde a mais tenra idade, estimular uma masculinidade que valorize, sobremaneira, a competitividade e comporte testes para comprovação sistemática da virilidade é por meio do esporte – não só a prática

corporal em si, mas a estrutura organizacional da instituição, o sistema de treinamento e a hierarquia acentuada de níveis e recompensas. Corpos exemplares dessa configuração de masculinidade circulam rotineiramente na mídia esportiva; embora a maioria das pessoas não se encaixe perfeitamente nesses espaços (CONNELL, 2002, p. 18).

Dentre as modalidades esportivas, aquelas com maior procura quanto maior for o apreço do praticante pela competitividade, são as práticas marcadas pelo intenso contato físico, uma vez que seu caráter viril seria elevado exponencialmente em comparação a esportes sem ou com pouca possibilidade de embates corporais (BADINTER, 1993). Sérgio, Jonas e Frederico expressaram verbalmente os embates corporais recorrentes como uma das razões para praticar o *rugby*:

Sérgio: Antes de entrar no *rugby*, eu treinei futebol americano. Só que era flag [variação do futebol americano]. Só na bandeirinha, não tem contato. Aí, eu achei meio sem graça. Só aqueles caras correndo com aquela bandeirinha é muito palha. Aí, quando eu entrei no *rugby*, eu me identifiquei muito mais. Eu entrei principalmente por causa da porrada, mesmo. Pelo contato.

[...]

Jonas: É. Eu joguei também o flag. A gente tentou junto. Não tem a mesma graça. O *rugby* tem mais adrenalina. Você tem que ir pra cima do outro cara. Ou, se tiver com a bola, dar um jeito de escapar dele.

[...]

Frederico: Eu gosto do *rugby* porque o *rugby* é um esporte que requer selvageria. Ele não requer maldade, ele requer que você seja selvagem. Eu acho isso muito interessante. Eu gosto de correr com um objetivo. E é legal também que você fica medindo forças em campo. Eu acho um esporte muito justo.

Mediadora: Apesar de medir forças?

Frederico: Por isso é justo, porque você tá medindo força com outras pessoas. Você não é simplesmente favorecido dentro do esporte. Até quando ocorre uma saída de bola pela lateral, por exemplo, a bola entra com uma disputa. Ela não é simplesmente dada a alguém. Eu acho isso justo no esporte. Quando a bola vai pra frente, *knock on*, é outra disputa de bola. A bola não é simplesmente entregue. Só não tem disputa quando é algo mais perigoso pros jogadores, mas de restante eu acho bem justo e que requer essa selvageria. Mais uma vez, não é maldade, mas uma selvageria.

Mediadora: Essa ideia da selvageria traria em si a noção de competição?

Frederico: Sim, na medida em que nada é dado simplesmente. Você tem que competir pra conquistar algo. (GF – Sessão 2)

Quando Frederico refere a selvageria como atitude necessária à prática do *rugby*, ele está aludindo aos movimentos e contatos corporais impetuosos e agressivos que ocorrem, a todo momento, em uma partida da modalidade e que são

aplicados com fins de manutenção da competitividade e da busca pelo *try*. Essa selvageria é definida pelo jogador como uma fonte de deleite, de prazer. Situações de “selvageria”, desta vez entre meninos, também são citadas por Almeida (1995), que chama atenção para o contentamento que estas causam não às crianças, mas também aos pais.

Os rapazes aprendem que lhes é permitido sujarem-se e estragar a roupa. As mães repreendem-nos pelo facto, é certo, mas essa repreensão é prestigianete no seio do grupo de rapazes que se vai formando, e não é raro ver-se um pai vangloriar-se (ainda que sob a figura de retórica da queixa, mas denunciando o orgulho pela expressão facial) da ‘selvajaria’ do filho. (ALMEIDA, 1995, p. 37)

O *rugby* é um esporte cujo aspecto essencial é a criação e uso do espaço de jogo. Nessa modalidade, o objetivo é carregar a bola sobre a linha de gol do adversário e forçá-la ao chão para marcar o ponto. Para tanto, situações de contato físico podem ser – e, de fato, são – um dos principais mecanismos utilizados pelos jogadores para, quando em posição de ataque, manusear a bola e avançar no campo de jogo, e, quando em posição de defesa, impedir à equipe adversária a posse de bola e seu acesso ao espaço para usá-la (IRB, 2008, p. 3).

Em razão das características acima citadas, o *rugby* é percebido por parte das pessoas como um esporte próprio para homens e, por isso, legitimador da virilidade de seus praticantes. Sérgio referiu esta significação do *rugby* e o efeito que ela exerce sobre si mesmo:

Sérgio: Uma vez, na academia, um professor perguntou: ‘Você joga *rugby*, né?’. ‘É, jogo’ [responde Sérgio]. Aí, ele disse: “É esporte de homem mesmo, de macho”. Você [mediadora] perguntou se entrar no *rugby* muda alguma coisa na gente. Falando por mim, meu deu mais confiança em tudo. Não só confiança em mim mesmo, mas em fazer as coisas no dia a dia. (GF – Sessão 2)

A mensagem dirigida a Sérgio remete a que o grau de valoração social de uma identidade apresenta como alicerce os padrões normativos de gênero, e não só as diferenças biológicas entre os corpos de homens e mulheres. A partir dessa leitura, pode-se inferir que esportes de contato fornecem um contexto de incorporação e expressão de dada masculinidade marcada pela competitividade, virilidade e agressividade. Os homens praticantes dessas modalidades são reconhecidos por dado grupo social como símbolos de um modelo naturalizado como padrão, ou, como Sérgio citou, “machos”, e seus corpos se tornam referências de apoio à ascensão

dessa masculinidade, em detrimento da subordinação de outras. O *rugby* se insere historicamente nessa perspectiva (DUNNING; MAGUIRE, 1997), fato também verificado por Rial (2000, p. 236) ao observar que, além de definirem a modalidade como “jogo de macho”, o modo de cumprimento entre si dos jogadores participantes de seu estudo era alusivo a essa forma de masculinidade vista como padrão.

Ouvi muitas vezes Y [um dos jogadores participantes] dizer a um companheiro de equipe ou receber dele a saudação: ‘Aí macho, tudo bem’. ‘Tudo bem, macho’ é a resposta que vem em troca, numa afirmação constante e mútua da masculinidade. Macho aparece no seu discurso como algo para além do homem, ou seja, o homem nas suas qualidades ideais. (RIAL, 2000, p. 236)

Além disso, intitular determinada modalidade como “esporte de macho” ilustra bem a pressão exercida sobre os homens para se mostrarem corajosos, capazes de cometer atos que envolvam embates corporais intensos e seu temor em serem taxados como afeminados ou homossexuais, sendo, por essa razão, desencorajados a participar de práticas corporais que não sejam vistas como masculinas. Nesse sentido, praticar esportes “de macho” se torna, para meninos e homens, um recurso social (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 35) com vistas a atrair elementos com compõem o que seria visto como capital distintivo de masculinidade.

4.2.2.1 Valorização da dor: destruir um corpo para construir uma forma de masculinidade

Por meio de práticas reflexivas, os corpos são abordados pelo processo social e atraídos para a História, sem deixar de ser corpos. Eles não se transformam em símbolos, sinais ou posições no discurso. Sua materialidade continua relevante, não é apagada (CONNELL, 2005, p. 64-65).

O gênero se relaciona à maneira como as sociedades lidam com a percepção dos corpos humanos e com as consequências disso, inclusive para sua materialidade, uma vez que como processo social, inclui parto e cuidado infantil, juventude e envelhecimento, os prazeres do esporte e do sexo, trabalho, lesões, morte, entre outros aspectos (CONNELL, 2005, p. 64-65). Ele é inerentemente político, pois seus arranjos – mutáveis frente às novas situações criadas pelas práticas humanas – são fontes de prazer, reconhecimento e identidade, mas ao mesmo tempo são fontes de injustiça e danos. Deste modo, pode-se dizer que o gênero é, ao mesmo tempo,

criativo e violento, no qual corpos e culturas estão igualmente em jogo e são constantemente transformados, às vezes até sua destruição (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 43).

Nessa seara, um outro lado da corporificação da configuração de masculinidade calcada na competitividade, agressividade e virilidade é a valorização do sacrifício corporal e aceitação da dor e da lesão, resultantes da disposição dos homens em assumir riscos e infligir danos aos seus corpos. Dentre as instituições que adotam esses princípios para definir a masculinidade, está o esporte (ANDERSON, 2008, p. 261), destacando-se novamente a prática do *rugby*.

Como já exposto neste capítulo, em razão dos processos civilizatório e de profissionalização, desde sua instituição no século XIX, as regras oficiais do *rugby* vêm sendo submetidas a uma série de revisões com vistas a tornar essa modalidade mais palatável – leia-se menos violenta (lembremo-nos do uso das *navvies* e da possibilidade de desferir chutes nas pernas dos adversários) – à opinião pública e, assim, melhorar sua difusão ao redor do mundo.

O problema a ser resolvido nessa equação, assim como em outras modalidades esportivas, reside em reduzir os riscos de ferimentos aos jogadores e, ao mesmo tempo, sustentar, a um nível satisfatório, o prazer provocado pela excitação da oposição. Após um período de crescimento e harmonização funcional, o futebol inglês e suas variações, entre as quais o *rugby*, alcançaram condição denominada por Elias (1985a, p. 84) como maturidade, ou seja, a estrutura de regras e técnicas das modalidades asseguram equilíbrio à sua prática ao proporcionar aos jogadores uma oportunidade duradoura e aprazível de conflito de tensão não violento e também “uma boa ocasião de libertar e concluir tensões sob a forma de vitória ou derrota”. Atendendo a essa demanda, apesar das transformações nos escritos do *rugby*, alguns valores permanecem, até hoje, vivos em seu código, como é possível verificar nas situações e relatos coletados junto aos jogadores participantes e descritos a seguir.

Durante jogo-treino, “A” (15 anos, jogador da equipe masculina juvenil) reclamou de dores na região da virilha e solicitou substituição a “LF” (treinadora da equipe), ao que foi atendido. Rafael, que assistia ao treino, disse: “Jogador de *rugby* não tem lesão muscular na virilha. Isso é coisa de jogador de futebol”. Cerca de 15 minutos depois, “A” retornou ao jogo, mas logo volta a reclamar de dores e novamente solicita substituição. Rafael, aparentando irritação pela insistência do jogador em abandonar o jogo, indaga em tom provocativo: “Não é tu o ‘metro’ do juvenil”? O termo

“metro”, abreviação de metrossexual, é recorrentemente utilizado por Raul para se referir a “A”. O jogador mais novo não responde e Rafael continua: “Tem que treinar. Isso na virilha é besteira. Lesão de jogador de futebol”. Edgar gesticula em concordância com Rafael e acrescenta: “Esse cara não tá interessado em treinar. É só isso” (DC 1803).

Dias depois, em outra sessão de jogo-treino, “A” não proferiu nenhuma reclamação sobre dores no corpo e, ainda, empenhou-se em duros embates corporais. A nova postura rendeu elogios de Raul, que afirmou que o jogador da equipe juvenil estava sendo mais agressivo e que essa característica era necessária ao jogador de *rugby*, pois não era cabível esperar que o adversário entregasse a bola ao outro time. “Tem que pegar ela na marra”, disse Raul. Apesar dos elogios, o jogador aconselhou “A”, ao final da sessão, a melhorar sua técnica de recepção de bola, pois estaria perdendo a posse desta com muita facilidade (DC 0704).

Em outro momento, Raul indicou que a agressividade é uma característica desejável tanto ao homem quanto à mulher jogadora de *rugby*. Durante jogo de “*rugby touch*” da equipe feminina (componentes das equipes adulta e juvenil) contra a equipe masculina juvenil, Raul disse: “No *rugby*, você precisa ser duro, agressivo”. Questionado se a habilidade técnica não seria primordial, o jogador referiu: “Sim, mas sem agressividade, [você] não fez nada. Não adianta saber passar a bola – e girando, ainda – se eu não consigo tomar a bola do outro time (DC 3105).

Recuperando, tratava-se aquele de um jogo de “*rugby touch*”, portanto, com níveis de contato físico, significativamente menores do que um jogo em que a execução do *tackle* propriamente dito fosse permitido. Observado este fato, questionou-se, então, a Raul qual a razão para que o jogo fosse estruturado daquela maneira se, conforme o próprio, a agressividade era uma característica necessária aos gestos e movimentos da pessoa praticante de *rugby*. O jogador explicou que em partidas entre homens e mulheres, por questão de manutenção da segurança física destas, o fundamento do *tackle* era reconfigurado, uma vez que, segundo o mesmo, “o homem é mais forte que a mulher” e sua agressividade contra elas produziria maiores danos corporais do que em outros homens (DC 3105).

O posicionamento de Raul remete a que, embora necessária em ambos os corpos rugbiens, a agressividade seria naturalmente maior em homens do que em mulheres e, de igual modo, a resistência à dor. Para Raul esse aspecto exige a reformulação das atividades de treinamento e prática do *rugby* quando estas

envolverem grupos mistos. Para parte da sociedade, a premissa levantada por Raul é o aparato de justificação para o desencorajamento da prática feminina de esportes como o *rugby*, e para o questionamento quanto à masculinidade de homens que não apresentem agressividade e em níveis vistos como condizentes com o gênero a que pertencem.

Lembre-mos que, quando Rafael e Edgar criticaram as reclamações de “A” quanto à sensação de dores que o impossibilitariam de seguir em jogo, o penúltimo disse: “Esse cara não tá interessado em treinar. É só isso” (DC 1803). Esse pronunciamento dá a entender que a resistência à dor se trata de algo natural ao corpo masculino de modo que, o homem que não a expressa, apresenta alguma limitação biológica ou comportamental – esta última incluiria o suposto fingimento e desinteresse de “A” em treinar, mas também se pode citar a feminilização do homem, uma vez que ao feminino é vinculada a noção de fragilidade. Destarte, além das mulheres, também os homens são atingidos pela noção hegemônica de masculinidade que aceita e valoriza a competição extrema e, conseqüentemente, agressiva.

Em sessão de grupo focal, Caetano vinculou a atitude de um jogador de *rugby* em suportar a dor à qualidade de perseverança e afirmou ser este um diferencial desta modalidade em relação aos outros esportes.

Caetano: Não desmerecendo outros esportes, mas por ser de contato, [é necessário] persistência porque geralmente você tem que jogar com dores e você ter que dar o máximo de si, porque todo jogo é uma batalha. Eu considero que o *rugby* é um dos esportes mais completos, tanto para o físico quanto para o mental. (GF – Sessão 2)

A fala de Caetano remonta a que não se trata somente de suportar a dor, mas de valorizá-la, transformá-la em critério de qualificação do jogador. “Não desmerecendo outros esportes” (GF – Sessão 2), o jogador exalta as características do *rugby*, esporte que, como corrobora Rial (2000, p. 235), além do esforço físico, envolve a sensação de dor em magnitudes superiores a uma partida de futebol, vôlei ou tênis.

O relato do jogador supracitado e o fato de ter significado esse sofrimento físico como símbolo de persistência, demonstra que Caetano sente orgulho pelo sacrifício corporal desencadeado pela prática do *rugby*. Porém, é importante salientar que, percebe-se, esse esforço se dá muito mais em nome da expressão de uma

masculinidade vista como honrada, do que pelo *rugby* – ou pelo *Cajuína Rugby* – em si.

Contextos semelhantes foram verificados em estudo de Rial (2000, p. 235-236), cujos jogadores de *rugby* participantes exibiam com orgulho as cicatrizes em seus corpos, e, não raras vezes, sacrificavam-se jogando machucados. A dor naquele âmbito é signo, e resistir a ela, demonstração para o próprio jogador e para os outros de que ali estaria a personificação de um verdadeiro macho.

Conforme Knijnik e Falcão-Delfino (2010, p. 173), essa disposição dos homens ao sacrifício corporal é uma característica da masculinidade hegemônica cuja simbologia no esporte é bastante acentuada. Dominar, disputar, machucar seu corpo, competir com dor e exibir as feridas decorrentes dos combates esportivos, é uma prova social almejada pelo homem que deseja ser enquadrado naquela forma de masculinidade, pois é significada como ato heroico e viril, que agrega “capital espiritual e social ao atleta” (KNIJNIK; FALCÃO-DELFINO, 2010, p. 173).

Conforme Rial (2000, p. 236), “a resistência à dor é demonstração para si e para os outros de que ali está um verdadeiro macho” e, por essa razão, deve ser manifestada em público – não necessariamente de forma verbal. A prática esportiva é um dos palcos mais convenientes para tal objetivo.

Entretanto, não se deve imaginar que os jogadores participantes valorizem qualquer sensação de dor, nem que quaisquer dores possam ser manifestas no domínio público. A seguir, serão descritas situações observadas no *Cajuína Rugby Clube* que demonstram as distintas concepções dos jogadores quanto à legitimidade e à valorização conferidas a distintas sensações dolorosas.

Ao final de uma sessão de treino das equipes masculinas juvenil e adulta, o treinador responsável por aquela sessão convocou os jogadores para uma conversa sobre, segundo ele, “responsabilidades do jogador de *rugby*”. O treinador disse perceber o desejo dos jogadores em participar de competições, porém, esta possibilidade somente seria concedida àqueles que, além de assíduos, também demonstrassem empenho nas atividades realizadas nos treinos (DC 2002).

Treinador: Vocês têm que se esforçar. A gente não vai levar pra torneio jogador que faz corpo mole. E é no treino que eu percebo quem faz isso. A gente faz a lista [de convocação] baseado no desempenho de vocês nos treinos e nos jogos aqui entre a gente. (DC 2002)

Para explicar a expressão “corpo mole” utilizada, o treinador citou duas situações vivenciadas em torneios passados. O primeiro caso, o de David que, por ter sofrido uma bofetada em campo, pediu para ser substituído. Segundo Frederico, o rapaz deixou o campo de jogo dizendo com voz chorosa: “Nem minha mãe dá na minha cara”. Todos os jogadores presentes à conversa riram ao lembrar ou ter, pela primeira vez, conhecimento desse fato, entre eles Ramon, Rafael, Edgar, Vítor, Augusto, Benjamin, Tadeu, Estevão, David, Natanael, Caetano, Simões Júnior, Sérgio, Wagner, Nuno e Guido (participantes deste estudo). Ramon disse que, por ser um esporte de contato, receber e desferir tapas no rosto são atos comuns em um jogo de *rugby* e não necessariamente propositalis. E continuou: “Mesmo que fosse [proposital], um tapa não é motivo pra abandonar o campo” (DC 2002).

A segunda situação citada pelo treinador como ilustrativa do “fazer corpo mole” ocorreu quando, após sofrer um *tackle*, Nuno pôs as mãos na porção lateral da caixa torácica e saiu às pressas do campo, pedindo à comissão técnica que fosse substituído. A imagem do jogador correndo com as mãos sobre as costelas levou o capitão da equipe, Edgar, a pensar que este tivesse sofrido uma fratura. Ao fim do jogo, entretanto, Nuno revelou ter solicitado substituição em decorrência de um besouro ter adentrado sua camisa. Os jogadores presentes à conversa riram do fato lembrado pelo treinador. Tadeu disse: “Era melhor ele dizer que tinha quebrado um osso mesmo”. E, mais uma vez, todos riram (DC 2002).

Episódio semelhante ao citado acima ocorreu com Vítor. Em dado momento de descanso do time, Vítor, que estava deitado sobre a grama do campo, levantou-se rapidamente, gritando: “Ai, ai, ai, ai”. Preocupados, os companheiros de time questionaram ao jogador o que teria ocorrido, e foram surpreendidos pela resposta: “Uma abelha me picou. Ai, tá doendo. Olha aqui se não ficou o ferrão”. A treinadora da equipe juvenil, “LF”, dirigiu-se ao jogador, cruzou os braços e disse: “Esse escândalo todo por causa de uma abelha? Tu tá chorando?”. Raul, que atuava como auxiliar técnico, disse: “Era só o que faltava”. Sérios, os dois se afastaram de Vítor. Parte dos jogadores presentes riu do ocorrido, parte não esboçou reação, e uma última parte, composta por Wagner, Natanel e Estevão, demonstrou incômodo e irritação com Vítor. Nenhum dos jogadores atendeu ao pedido de Vítor quanto à verificação da presença de ferrão em seu ferimento (DC 2804).

Consoante Le Breton (2007), cada ator social tem um estilo próprio de reação à dor, mas não seria prudente ignorar os efeitos dos estímulos implícitos recebidos

por meio dos grupos de pertencimento, nem as formas de masculinidade e sua expressão adotadas pelos sujeitos. Os corpos não podem ser entendidos como meio neutro de prática social. Eles participam substancialmente destas e, por essa razão, sua materialidade importa e é afetada (CONNELL, 2005, p. 58).

A família é um desses meios influenciadores, talvez o primeiro deles a atuar sobre os corpos de meninos e meninas. Para entender sua ação sobre a percepção e valoração da dor, lembremos que:

Em nossas sociedades, o menino recebe uma educação com relação à dor ligada à imagem de virilidade, de força do caráter. Em princípio, os pais esforçam-se para impedir as tendências para a emotividade ou para a negligência. O mais depressa possível, ele deve assimilar as qualidades que imaginamos serem as do homem; ao contrário, toleramos facilmente e até mesmo encorajamos, as manifestações de sensibilidade da menina: as lágrimas e o lamento são menos admitidos no menino do que na menina, supostamente mais delicada. A educação transforma assim as crianças em atores conforme a imagem da mulher e do homem em vigor na sociedade (LE BRETON, 2007, p. 54).

Também o esporte tem participação nesse processo de aproximação dos corpos masculinos a dado conceito hegemônico de virilidade. Anderson (2008, p. 258) argumenta que, se os homens quiserem participar ativamente da instituição esportiva, devem aceitar os ideais e normas de masculinidade apresentados pela “hierarquia esportiva”, que vem a substituir ideias progressistas sobre gênero que o indivíduo venha a ter. Os homens que venham a transgredir os limites masculinos estabelecidos pelo esporte são mais propensos a insultos e exclusão das equipes.

Em nome da expressão e manutenção de níveis consideráveis de competitividade, os atletas/praticantes são estimulados a usarem seus corpos ora como armas, ora como armaduras. Os corpos dos praticantes devem apresentar disposição para executar atos com possibilidades de causar danos a outros sujeitos, assim como, suportar situações adversas provocadas por outros corpos ou condições do meio. Em quaisquer dessas posições, o resultado será a agressão – em distintas e diversas magnitudes – contra o próprio corpo (CONNELL, 2005, p. 58).

Essa noção é exposta quando Caetano ressalta o caráter competitivo da modalidade a ponto de retratá-la como um simulacro de guerra: “todo jogo é uma batalha” (GF – Sessão 2). Trata-se o jogo de *rugby* de uma batalha marcada pela selvageria, recuperando os dizeres de Frederico. Os jogadores referidos assumem a agressão à integridade do próprio corpo, a convivência com a dor e a vivência de

experiências pouco – ou nada – agradáveis como aspectos constituintes do *rugby* e do ser homem jogador de *rugby*. Também em estudo de Rial (2000) os jogadores participantes defenderam a capacidade de suportar a dor – e, assim, permanecer em campo o maior tempo possível – como inerente ao jogo.

Percebe-se, no ambiente de convivência do Cajuína *Rugby*, uma série de estímulos à adoção de determinados valores e comportamentos em prol de uma forma de masculinidade voltada para a conquista e disposta a pagar um elevado preço para tal. Como Caetano expôs em sessão de grupo focal: “o time não desiste de ninguém. Por isso que o *rugby* é acolhedor, porque todo mundo chega com medo. Vai demorar um tempo, mas ele vai conseguir” (GF – Sessão 2). Recorde-se que Simões Júnior vinculou a continuidade da participação efetiva nas sessões de treinamento à disposição corporal do jogador em executar todos os fundamentos do *rugby*, entre os quais aqueles que envolvem contato físico.

As informações colhidas junto aos jogadores revelam a estruturação de um processo educativo cuja intenção seria trabalhar junto aos jogadores, determinados padrões de comportamento, dentre os quais o tipo e intensidade de dor a ter importância reconhecida naquele espaço social. Existiria, assim, no âmbito clubístico, uma estrutura de valores centrada na agressividade e na exaltação da competição que, em determinados momentos, alcança níveis que podem levar os corpos dos jogadores ao “caminho do dano” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 97). Nesse ínterim, o critério de qualificação da dor estaria diretamente relacionado à magnitude do dano corporal que a causou.

Como transmitido por um dos treinadores, a disciplina e dedicação exigidos aos jogadores de *rugby* – e considerados imprescindíveis para a obtenção do êxito e do prazer na atividade – não se restringe à assiduidade, é necessária comprovação corporal, que inclui a valentia, a agressividade e o ressentimento estoico à dor, principalmente quando esta não for considerada intensa o suficiente para ser tornada pública. O sacrifício corporal resultante da prática clubística do *rugby* (que abrange sessões de treinamento monitoradas e jogos), encarado como um momento de superação, torna-se uma forma de manutenção, demonstração e perpetuação da masculinidade e da corporeidade do jogador de *rugby*; o ser homem jogador de *rugby* simbolizado na destruição do corpo.

Um dos modos como um homem pode comprovar o alcance da forma de masculinidade idealizada pelo grupo social a que pertence é por meio de ritos de

iniciação, cuja realização assinalaria a passagem do indivíduo, adulto ou criança, a uma nova fase de seu desenvolvimento como homem. Esses ritos envolvem, em sua maioria, dor e humilhação como o ritual de escarificação entre os meninos tchambulis, citado por Margaret Mead (2000). Nessa comunidade, quando atinge a idade entre oito e 12 anos, sendo essa faixa etária estabelecida pelos interesses cerimoniais e sociais do pai, o menino passa a ser introduzido na fase jovem ou adulta da vida, assinalada pela valentia e coragem. O rito ocorre da seguinte maneira:

Fica [o menino] preso a uma pedra, contorcendo-se, enquanto um 'tio' materno, de parentesco distante, e um especialista em escarificações recortam desenhos em suas costas. Pode uivar o quanto quiser. Ninguém vai confortá-lo, ninguém tenta sustar seus uivos. Ninguém, tampouco, colhe qualquer prazer com eles (MEAD, 2000, p. 243).

A relevância dos rituais surge na medida em que colaboram na emergência dos valores e princípios compartilhados pelos membros de um grupo social. Através de rituais dolorosos como o detalhado por Mead (2000), meninos e homens demonstram publicamente sua transformação e ascendência de um *status* social para outro em dado contexto.

Também o reconhecimento do sujeito como jogador de *rugby* envolve, conforme Rial (2000), ritos de passagem, que, de modo semelhante ao ritual de iniciação citado por Dunning (1985b) e por Mead (2000), está vinculado à conformação dos corpos aos valores adotados pelo grupo. No Cajuína *Rugby*, esse momento é comumente denominado pelos jogadores como batismo.

Sérgio contou rapidamente sua experiência de batismo no clube:

Sérgio: Primeira vez que depilei as coxas foi porque raparam, na cera, metade da minha perna no batismo. Aí, terminei logo, pra não ficar desigual. (GF – Sessão 1)

Outra cerimônia de batismo citada pelos jogadores ocorreu logo após torneio em Belo Horizonte. Conforme Benjamin, durante o terceiro tempo do evento – momento de confraternização entre os jogadores “donos da casa” e os visitantes – três componentes (um da equipe adulta e dois da equipe juvenil) do Cajuína *Rugby*, estreantes em competições da modalidade, foram chamados a ingerir diversas garrafas de bebida alcoólica e informados que aquela seria a prova de batismo deles. Atentou, ainda, Benjamin, que os jogadores convocados aceitaram sem relutância participar do rito: “Parecia um monte de menino do buchão, morrendo de alegria em

tomar cerveja” (DC 0506). Horas mais tarde, quatro dos jogadores “batizados” apresentou aparente quadro de desidratação e sintomas de enjoo e vômitos. Questionado sobre a atitude tomada pela equipe frente a esse caso, Benjamin disse que os jogadores receberam líquido para reidratação e, sempre que necessário, a viagem era interrompida para que pudessem aliviar a sensação de enjoo (DC 0506).

Indagado sobre possíveis reclamações quanto às tarefas impostas no rito de batismo, Benjamin afirmou que se um jogador reclamar, a prova é imediatamente interrompida e que: “Não tem nada de violento. É tudo uma brincadeira. Se machucar, a gente para” (DC 0506). O jogador esclareceu, ainda, que o batismo é uma etapa importante para o desenvolvimento da pessoa praticante de *rugby*, independente de gênero:

Benjamin: É assim, quando você é batizado, você pode falar: ‘Eu jogo *rugby*’. É como uma etapa que você passa e, depois dela, você vira mesmo jogador. Isso é no feminino também. As meninas também têm batismo.

Pesquisadora observadora: O batismo das meninas é igual?

Benjamin: Não [pausa]. Não sei. É separado pra homem e mulher. Eu não entro no delas. (DC 0506)

Durante o período de observação participante, presenciou-se, a convite, a duas sessões de batismo: uma da equipe feminina e uma da equipe masculina.

O batismo da equipe masculina que se pode presenciar ocorreu após sessão de treino, dias depois de torneio amistoso em uma cidade do Maranhão, e contou com a participação das mulheres jogadoras ali presentes. Enfileirados, os jogadores da equipe masculina juvenil foram comunicados por Caetano, Raul e pela técnica da equipe que deveriam passar por entre duas outras fileiras compostas pelos outros jogadores e jogadoras enquanto estes/as desferiam tapas e empurrões em seus corpos (DC 2502).

Paradoxalmente, os rapazes a serem batizados demonstravam apreensão e, ao mesmo tempo, ansiedade pela realização da prova. Durante toda a preparação para o batismo eles falavam, sorriam e indicavam um e outro para ser o primeiro. Ao final do rito, sorridentes, eles comentavam entre si sobre as agressões mais dolorosas por eles recebidas não aparentando indignação, mas em verdade, orgulho por tê-las suportado (DC 2502).

Respeitando o fato de que a equipe feminina não é caracterizada como participante deste estudo, detalhes sobre o rito não serão expostos, mas uma vez

citada por Benjamin, faz-se necessário esclarecer que o batismo das mulheres também envolve ações provocadoras de dor, como mordidas nos corpos das jogadoras. Deste modo, pode-se afirmar que a assunção à dor e ao sacrifício corporal são princípios caracterizadores tanto das masculinidades quanto das feminilidades de jogadores/as do Cajuína *Rugby* Clube.

Marcados pela dor e pela manifestação de uma suposta selvageria – inclusive ao propor a ingestão desregrada de bebida alcoólica –, o batismo nas equipes masculinas de *rugby* é lembrado por Rial (2000, p. 236) como marcador da passagem da posição de jogador não macho para macho. Resistir à dor significa, deste modo, ascender a uma nova condição de masculinidade. A dor aqui assume uma acepção de socialização, inclusão social, pertencimento ao grupo.

A autora supracitada cita uma ação de batismo realizada por time de *rugby* lócus de seu estudo, que lembra, no aspecto da dor e da dominação, o batismo realizado no Cajuína *Rugby*, porém com maior dose de sadismo:

É caso, por exemplo, da brincadeira cuecão, criada pela equipe do Desterro. O novato é posto só de cuecas em frente aos jogadores veteranos que o suspendem erguendo-o através do elástico da cueca, de modo que o peso do corpo todo pressiona os testículos. O infeliz é mantido assim até que o tecido da cueca ceda e rasgue ou que os companheiros cansem de segurá-lo. A dor experienciada nesse ritual, suponho, é intensa e segundo Y 'tem que aguentar porque aí se prova que é macho mesmo'. (RIAL, 2000, p. 236)

Resistir à dor provocada pelo ato de batismo é parte da comprovação necessária para que o jogador de *rugby* se mostre à altura das exigências do grupo ao qual pretende pertencer de fato. Não à toa, nenhum dos jogadores participantes relatou casos de companheiros de equipe que tenham decidido furtar-se a essa experiência, mesmo que Benjamin tenha afirmado que, caso solicitado ou venha a oferecer danos irreversíveis ao jogador, a ação pontual do batismo é interrompida. Eximir-se ao batismo poderia configurar inaptidão aos valores defendidos pelo grupo e conseqüente exclusão.

Deve-se lembrar que o batismo se trata apenas de parte do preço a pagar pelo reconhecimento do grupo, pois como já discutido, a masculinidade é um aspecto que deve ser continuamente posto à prova do olhar rígido de outros homens.

4.2.3 A restrição ao toque em/por outro corpo masculino: traços de corporeidade e sexualidade controladas

Na sociedade contemporânea, as privações do contato demarcam a posição do sujeito no mundo e sua margem de desejo, controlando, assim, sua pseudo-onipotência e autorizando sua inscrição fluida no meio social. Nessa perspectiva, o ato de tocar ou se manter unido ao outro é substituído por palavras, troca de olhares, gestos à distância ou mímicas (LE BRETON, 2016, p. 270).

Esse tema já foi abordado, em parte, em tópico de capítulo anterior referente a aspectos de cunho homofóbico presentes nas relações homosociais de jogadores de *rugby*. Neste tópico, a discussão se aterá às possibilidades e às interdições de contato corporal com outros homens durante os exercícios de treinamento, o pré-jogo, o jogo e o pós-jogo de *rugby*. Como pré e pós-jogo são definidos os momentos de concentração da equipe antes de uma partida e aquele de comemoração ou conforto após o jogo.

À primeira vista, pode-se imaginar que essa interdição não seja adotada por sujeitos praticantes de *rugby*, esporte marcado pelo eminente contato físico. Porém, os relatos e situações coletados juntos aos jogadores participantes e descritos a seguir levantam indicativos quanto à existência de fronteiras anatômicas e espaço-temporais para a concessão da liberdade ao toque no âmbito dessa prática corporal.

Já se tratou no presente trabalho sobre as formas de cumprimento entre si adotadas pelos jogadores participantes, com toques de mãos e ombros, mas raramente abraços e, menos ainda, beijos, mesmo que no rosto. Entretanto, dentre as poucas vezes em que esses gestos mais afetuosos foram dispensados em público, deve-se destacar os momentos pré e pós-jogos.

Nos minutos antecedentes ao apito inicial dos jogos-treino, os jogadores não efetuavam abraços entre si. Como forma de motivação aos colegas, fortes cumprimentos de mãos e tapas nas costas ou no peito eram realizados. Porém, antes das partidas de torneio amistoso, a união e o companheirismo entre os jogadores participantes pareceram tomar forma por meio dos abraços e toques nos rostos, gestos raros em outras ocasiões (DC 2503).

Com confrontos agendados contra duas equipes visitantes, as equipes masculinas adulta e juvenil do Cajuína *Rugby* Clube entraram em campo, três e duas vezes, respectivamente. Minutos antes do início de todas as partidas – cinco, no total – os jogadores formavam um círculo e, abraçados muito proximamente, entoavam palavras de ordem e motivacionais ao grupo. O confronto bélico citado por Caetano

se mostra, nesse momento, uma noção também apropriada pelos outros jogadores (DC 2503).

O momento pós-jogo também merece atenção quanto à liberdade corporal ali tomada. No mesmo torneio citado anteriormente, a equipe adulta venceu duas partidas, enquanto a juvenil, nenhuma. Ao término de suas partidas vitoriosas, os jogadores da equipe adulta deixavam o campo abraçando-se felizes e eram recebidos pela equipe juvenil com mais abraços. Rápidos afagos no rosto de um e outro e conversas muito próximas, dessa vez, não se fizeram raros. Quando da derrota em campo, ainda assim, abraçaram-se como forma de reconfortar um ao outro e elogiar suas performances, apesar do resultado (DC 2503).

Com a equipe juvenil, derrotada nos dois jogos de que participou, os gestos afetivo-corporais tiveram maior notoriedade. Os rapazes da equipe juvenil, explicitamente mais abalados com as derrotas do que a equipe adulta, compartilharam, com bem menos moderação, e foram agraciados com palavras e gestos de consolação e restauração de sua força moral para os jogos vindouros (daquele dia ou não). A equipe masculina adulta, que mantém com a equipe masculina juvenil um relacionamento mais distante do que a equipe feminina, tomou a frente nesses atos de motivação e solidariedade novamente assinalados por abraços e afagos (DC 2503).

A interação corporal ocorrida nos momentos pré e pós-jogos, percebe-se, ultrapassava, por diversas vezes, a fronteira de uma masculinidade assinalada pela rudeza e desprendimento emocional e afetivo. Nas sessões de treinamento, porém, essas barreiras pareciam ser reconstruídas.

Ao final de três sessões distintas de treino misto (DC 1302, DC 0103 e DC 0104), as treinadoras solicitaram que os homens e mulheres jogadoras se posicionassem em círculo para massagear o/a colega seguindo suas instruções quanto a local (pescoço, região do trapézio, coluna lombar etc.) e tipo de movimento (deslizamentos, amassamentos, leves batidinhas, ondulações etc.). Nesse momento, uma pequena parte dos jogadores da equipe masculina – dentre os participantes deste estudo, Tadeu e Augusto – buscou se posicionar em outro lugar na formação a fim de evitar massagear e receber massagem de outro homem. Essa atitude de Tadeu e Augusto se repetiu durante as três sessões de treino referidas.

Durante os períodos de massagem (DC 1302, DC 0103 e DC 0104) não se observou nenhuma tentativa de aproximação ou ato desrespeitoso desses jogadores

para com as mulheres jogadoras, o que reforça a intenção primeira de não massagear corpos masculinos. Na terceira atividade de massagem em grupo, Simões Júnior questionou ao grupo em geral, mas dirigindo-se aos jogadores que mudaram sua posição em formação circular: “Quero ver até quando vão ficar trocando de lugar pra ficar com as meninas” (DC 0104).

Em outra sessão de treino, solicitou-se que os jogadores formassem duplas. Enquanto um jogador corria o mais rápido possível, o outro deveria evitar seu deslocamento, segurando-o pelo quadril. Um jogador da equipe masculina adulta, “Q” não entendeu a dinâmica do exercício e recebeu a seguinte explicação de um companheiro de equipe: “Tu corre e outro cara te pega”. Rindo, “Q” respondeu: “Me pegar? Não, nem pensar”. Os outros jogadores presentes riram e um deles afirmou: “Ele te pega, sim. Ou tu corre mais rápido, ou ele te pega” (DC 0105). Deve-se atentar para a mudança de significação do termo “pegar” durante a conversa dos jogadores. Inicialmente o termo é utilizado para remeter ao ato de segurar o jogador corredor. Porém, é o próprio “Q” o primeiro a impor outro significado ao termo ao negar veementemente ser pego por outro homem jogador. A partir dessa colocação, o termo assume conotação sexual no contexto descrito.

Durante o período de observação, percebeu-se que o treinamento da execução do *ruck*, um dos fundamentos técnicos mais comuns em um jogo de *rugby* e de maior contato corporal, provocou desconforto em parte dos jogadores participantes. Para compreender a motivação do incômodo é preciso entender como o *ruck* é realizado.

Quando um jogador é tackleado e vai ao chão, deve soltar a bola imediatamente. Com a bola livre, forma-se o *ruck*, fase do jogo onde um ou mais jogadores de cada equipe, que estão sobre seus pés, em contato físico, agrupam-se ao redor da bola que está no solo. Em formação de *ruck*, os jogadores devem, então, empurrar-se e utilizar os seus pés para tentar ganhar ou manter a posse da bola (WORLD RUGBY, 2016).

Todos os jogadores formando, incorporando-se, ou tomando parte de um *ruck* devem estar sobre seus pés e, em hipótese alguma, devem ter suas cabeças e ombros mais baixos que seu quadril, devendo encaixá-los junto ao corpo do adversário em busca de reduzir a estabilidade deste. Por esse motivo, no *ruck* os corpos adotam postura próxima àquela sobre quatro apoios (WORLD RUGBY, 2016).

Um jogador incorporando-se a um *ruck* deve ligar-se a um companheiro ou a um oponente usando todo o braço. O ligamento deve ser simultâneo ao contato

realizado com qualquer outra parte do corpo do jogador que se incorpora ao ruck (WORLD RUGBY, 2016).

A posição de formação e execução do *rugby*, individual e em grupo, pode ser visualizada na imagem abaixo:

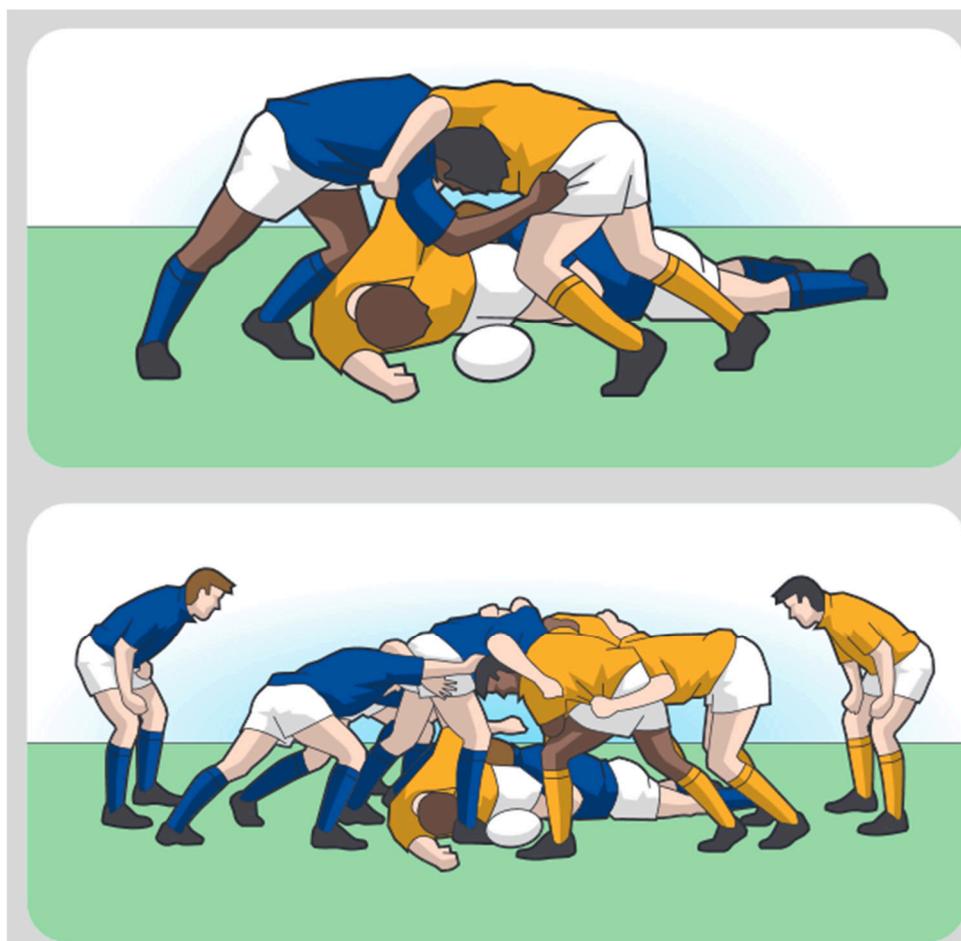


Figura 9 – Ruck.

Fonte: World Rugby, 2016.

Em sessão de treino específica sobre o *ruck*, Augusto e Vítor (com 12 e 8 meses de prática do *rugby*, respectivamente) e outros jogadores iniciantes (menos de 3 meses de prática) ficaram incomodados com a posição exigida e se recusaram a executá-la. Raul, treinador interino naquela sessão, então, afirmou que o modo de execução do *ruck* não seria modificado em razão do constrangimento de parte dos jogadores: “Não vai mudar porque vocês tão com frescura, não. Com medinho de ficar de quatro e agarrar outro cara” (DC 1602). Para o treinador, os jogadores reclamantes deveriam, enfim, aceitar que o *rugby* exige contato corporal. Para dar continuidade ao exercício, Raul Sérgio, Ramon, Tadeu para demonstrarem o *ruck*, que o fizeram sem demonstrar incômodo (DC 1602).

Tadeu, jogador que se recusou a massagear e ser massageado por homens, explicou considerar ser a posição em que um jogador deve permanecer para realizar o ruck a causa para tanto incômodo de parte do grupo. Com a intenção de ser mais bem compreendido, o jogador executou a posição em frente à pesquisadora observadora. A mais de 20 metros de distância, Wagner gritou ao ver a cena: “Que arrumação é essa aí?”. Tadeu, rindo, disse: “Tá vendo? Nem os caras do adulto deixa passar. Com o tempo que eu fui vendo que era só treino. Só isso” (DC 1602).

Após a demonstração, os jogadores iniciantes mostraram maior disposição para executar o exercício. Augusto, entretanto, foi repreendido por Raul por quatro vezes, ainda, em razão de não executar a posição exigida pelo treinador: aproximar-se a ponto de tocar sua cabeça contra o tronco do adversário. Em sua última reclamação, Raul disse: “Augusto, me ajuda a te ajudar. Encosta no cara. É só um jogo. Ou então sai logo, tá atrapalhando”. Após essa reprimenda, Augusto realizou o exercício corretamente (DC 1602).

No entanto, dias depois, Augusto mostrou-se, ainda, constrangido em realizar o ruck. Raul, treinador interino também naquela sessão, explicou que, na formação do ruck, o jogador central deve ser “abraçado” pelos dois laterais, que o seguram pelo cós do calção em região próxima ao umbigo (DC 0303).

Augusto, Nuno e David formaram o trio executor do ruck durante aquela sessão de treino. Nuno ocupou posição central, enquanto Augusto e David, as laterais. Diferente dos companheiros, Augusto novamente não agiu conforme as orientações de Raul. Ao “abraçar” Nuno, o jogador segurava apenas a porção lateral do calção do primeiro, em vez daquela próxima ao umbigo (DC 0303).

O mesmo exercício foi repetido seis vezes para correção de falhas encontradas por Raul, em sua maioria no comportamento arisco de Augusto. A última repetição ocorreu após Nuno definir aquela atividade como uma perda de tempo: “Senhor [treinador], a gente tá perdendo tempo aqui. Porra cara [dirigindo-se a Augusto], tu ainda não aprendeu a jogar rugby? Tem mais de ano e ainda fica errando besteira” (DC 0303).

Após a reclamação do companheiro, Augusto realizou o exercício com perfeição, conforme Raul, que acrescentou: “Tá vendo como ele sabe? Isso é só frescura. Só pra atrapalhar. Se fosse um novato, eu ainda deixava passar... tá aprendendo. Vamo devagar’. Mas um [jogador] com um ano [de prática]?”. Questionado se a permanência de Augusto no time, apesar dos erros, segundo o

próprio Raul, propositais, não seria demonstração de sua tolerância, o jogador-treinador respondeu: “No jogo valendo, ele faz direito. Aqui que ele fica fazendo doce”. Augusto não respondeu a nenhuma das indagações sofridas (DC 0303).

As situações acima descritas demonstram que a resistência ao contato corporal durante exercícios de treinamento de *rugby* ocorre por uma minoria dos jogadores participantes. E, deve-se destacar, estes são em sua expressa maioria jogadores com menos de 6 (seis) meses de prática da modalidade, a exceção de Tadeu e Augusto, com, respectivamente 18 e 12 meses de prática do *rugby*.

Conforme Le Breton (2016, p. 274), nas sociedades ocidentais, o contato com o corpo do outro está sob a “égide do apagamento”, pois cada sujeito dispõe de um espaço de intimidade que instaura uma fronteira entre seu corpo e os outros. Essa reserva pessoal protege o indivíduo do contato com os outros – que intuem instintivamente que devem manter distância a fim de evitar incômodo mútuo – e não pode ser rompida sem o seu consentimento, a menos que por meio da violência.

A tolerância ao contato físico é ligada à educação recebida em determinado contexto cultural, mas pode ser modulada conforme a sensibilidade individual, as sociedades e as circunstâncias, “indo da ausência de contato ao desenvolvimento intenso das relações físicas” (LE BRETON, 2016, p. 271). Essa modulação pode ser percebida nos corpos dos jogadores participantes.

Conforme Raul ressaltou em sua fala, “o *rugby* é 100% contato”. Entretanto, há diferenças no contato corporal executado durante um jogo de *rugby* e em uma sessão de treinamento da modalidade.

No jogo de *rugby*, as ações, os movimentos e os fundamentos técnicos que exigem intenso contato físico são realizados de forma rápida e agressiva. Enquanto isso, as sessões de treinamento são caracterizadas por um processo de aprendizagem – citado, inclusive, por Tadeu – dos gestos motores componentes da modalidade. Nesse caso, a repetição incessante e o cuidado com a segurança dos envolvidos se fazem necessários e terminam por reduzir substancialmente a agressividade dos gestos. Essa diferença parece ser um fator primordial para entendermos a resistência de parte dos jogadores em realizar os exercícios de treinamento que envolvem gestos motores que pressupõem maior proximidade com outro corpo masculino, mas quando em jogos propriamente ditos, esses mesmos jogadores não demonstram qualquer oposição à execução dessas ações, apesar da ocorrências de algumas falhas técnicas. A fala de Raul direcionada a Augusto, “No

jogo valendo, ele faz direito”, poderia ser referida a quaisquer dos jogadores aqui citados como resistentes.

O distanciamento entre os corpos masculinos durante exercícios de treinamento testemunha uma ritualidade social do apagamento dos corpos. Trata-se, conforme Le Breton (2013, p. 198-199), de uma espécie de negação alçada ao posto de instituição social, em que as modalidades de interação são implicitamente delimitadas por um espectro de gestos, mímicas e posturas corporais formuladas a partir da assunção mútua e intuitiva de uma distância mínima a ser mantida entre os interlocutores a fim de evitar incômodos mútuos e manter o corpo ausente em sua presença. Essa distância abrange desde a ciência quanto às possibilidades físico-corporais admitidas perante os outros, até a expressão oral sobre suas próprias manifestações corporais.

Em condições de contato não mutuamente consentidas e que rompem com o quadro de condutas estabelecido, o corpo perde sua fluidez anterior, faz-se pesado, inconveniente. É o que ocorre, por exemplo, quando da ocorrência de mau cheiro, ruído brusco e atitudes intempestivas. (LE BRETON, 2013, p. 198-199). Pelo que indicam as observações realizadas, este parece ser o sentimento que toma os corpos dos jogadores receosos com exercícios de treinamento de ruck e massagens por/em outros homens.

Expressões correntes estão aí para dizer o mal-estar que nasce dessa mudança de regime do corpo: ‘Eu não sabia mais onde me meter etc.’ A simbólica corporal perde provisoriamente seu poder de conjuração, uma vez que os dados da situação anulam em parte seus efeitos. O corpo se torna mistério, não sabemos mais como abordá-lo. As expectativas dos atores não mais se respondem, ou deixam entrever dias inquietantes. Os corpos cessam de escoar-se no espelho fiel do outro, nessa espécie de bloco mágico os interlocutores apagam-se na familiaridade dos símbolos ao mesmo tempo em que se põem adequadamente em cena. Um mal-estar profundo emana da ruptura de sentido, que inoportunamente põe o corpo em evidência. (LE BRETON, 2013, p. 199-200)

As variações nas regras de conduta corporal, como as observadas entre os jogadores participantes, dependem, entre outros fatores, da idade, do grau de parentesco, do *status*, da familiaridade, do gênero e do contexto de interação (LE BRETON, 2013, p. 200). Como já descrito, a depender do contexto de interação, os participantes apresentaram distintas condutas corporais quando de sessões de treinamento, jogo propriamente dito, pré- ou pós-jogo.

Mesmo que atenta à preservação da distância interpessoal, a sociedade ocidental contemporânea reconhece em circunstâncias associadas a uma forte afetividade coletiva uma tendência à quebra dessa regra e, portanto, à aproximação física, mesmo que temporária. A emoção gerada no contexto esportivo, por exemplo, pode gerar entusiasmo nos praticantes e uni-los provisoriamente em um sentimento de unidade, de “fazer-se *um* com a equipe” em função de um objetivo comum, “dissolvendo-se em um *nós* espetaculoso” e esquecendo o corpo como fronteira de identidade (LE BRETON, 2016, p. 273). Nos momentos pré- e pós-jogo, o comportamento dos jogadores indica essa abertura à aproximação física e ao toque com expressas intenções de compartilhar emoções e sentimentos.

No período temporal entre o apito inicial e o final de uma partida de *rugby*, os toques são marcados por intensa agressividade e, por vezes, violência. Lembrando-se que é exercido no Cajuína *Rugby* uma certa pressão sobre os jogadores para que ajam desta forma em campo. Já durante as sessões de treinamento, uma pequena parte dos jogadores resiste a executar movimentos que pressuponham contato corporal prolongado ou posições consideradas embaraçantes.

No que tange às masculinidades, é importante ressaltar a relação existente entre estas, os contextos de interação e as condutas corporais. Essa relação proporcionaria uma diversidade de formas de masculinidades e uma fluidez em uma determinada forma de masculinidade, que permitiria a esta a possibilidade de defesa de determinado padrão de conduta corporal em um momento, e seu abrandamento em outro.

Dentre os jogadores participantes, há aqueles cujas masculinidades incentivam e valorizam a competitividade e a agressividade contra corpos alheios e o próprio corpo. Verifica-se também aqueles cuja masculinidade permite contatos corporais prolongados com outros corpos masculinos – como quando Natanael e Simões Júnior que, sentados apoiaram perna e braço sobre o corpo do outro (DC 2503). E há, ainda, aquele grupo, cuja forma de masculinidade permite as duas condutas corporais citadas anteriormente, a depender do contexto em que ocorrerão. A tomar pelas situações observadas e relatos dos jogadores, deve-se reconhecer que o último grupo é o de maior representatividade numérica.

Os jogadores resistentes à realização de determinados exercícios de treinamento são, em sua maioria, iniciantes na prática do *rugby*; comportamento distinto ao apresentado pelos veteranos. Não é prudente, entretanto, afirmar

assertivamente que a prática do *rugby* implique em rupturas nas corporeidades dos jogadores. Como dito em parágrafo anterior, as fissuras nas corporeidades e masculinidades dos jogadores no tocante ao toque no/por corpos masculinos são contextuais.

No grupo de jogadores participantes, por exemplo, poucos foram aqueles que se demonstraram resistentes à execução de determinados gestos e posições comuns ao *rugby*, mas consideradas depreciativas no âmbito externo ao clube. No entanto, é preciso recuperar que, como retratado em capítulo anterior, número significativo dos participantes demonstrou de diversas maneiras o viés homofóbico como aspecto constituinte de suas masculinidades. Expressões orais discriminatórias, críticas ao uso de determinados procedimentos estéticos, roupas e adereços, definição do órgão sexual masculino como parâmetro de heterossexualidade, e, a vigilância sobre a forma e intensidade do contato corporal entre homens quando fora do espaço e tempo de jogo e treinamento (modos diferenciados de cumprimento para com homens e mulheres, por exemplo) ilustram o contexto das relações vivenciadas no Cajuína *Rugby* Clube.

São impressas nos corpos marcas que delimitam o que seria da ordem do masculino e do feminino. Essas marcas são dirigidas às práticas e aos processos sócio-históricos, atingindo, assim, várias instâncias sociais, como a economia, a política, as relações familiares, entre outras, e excluindo qualquer expressão que borre o contorno definido pela norma hegemônica (CONNELL, 1995).

À primeira vista, pode-se pensar que a masculinidade hegemônica não traga nenhum ônus a seu detentor, porém, o *status* de superioridade masculina, perseguido por parte dos homens, apresenta duas faces. Por um lado, essa posição concede ao homem privilégios sociais, como, por exemplo, determinar o comportamento dos outros sujeitos. Por outro, ocorre um processo de normalização generalizado para que a ordem masculina seja plenamente estabelecida.

Não se trata de promover a masculinidade hegemônica como uma identidade oprimida ou estigmatizada; pelo contrário, a cultura já a privilegia (CONNELL, 1995, p. 201). Entretanto, de acordo com essa forma de masculinidade, as mulheres devem se fixar no espaço privado física e emocionalmente (até mesmo sua sexualidade é reprimida). Já os homens são, a todo instante, cobrados a provar sua virilidade e honra, não podendo, assim, vivenciar certas experiências sociais e afetivas demarcadas como inapropriadas para eles (BOURDIEU, 2012).

Logo, a masculinidade hegemônica é, na verdade, a “mais vigiada e controlada” (LOURO, 2000, p. 69), a fim de controlar o comportamento dos homens e afastá-lo do feminino. Nesse aspecto, a masculinidade hegemônica ressalta o que é a norma, o que está naturalizado e institucionalizado como aceito. Isso implica dizer que padrões de comportamentos e atitudes são instituídos por determinada cultura em um período dado. Essa referência pode ser tomada como forma de ser e de estar no mundo, mas também há a possibilidade de os sujeitos resistirem, modificarem esses padrões e inaugurar novas formas identitárias.

Abraços, beijos, mãos dadas, a atitude de ‘abrir o coração’ para a amiga/parceira são práticas comuns do gênero feminino em nossa cultura. Essas mesmas práticas não são, contudo, estimuladas entre os meninos ou entre os homens. A ‘camaradagem’ masculina tem outras formas de manifestação: poucas vezes é marcada pela troca de confidências e o contato físico, ainda que seja plenamente praticado em algumas situações (nos esportes, por exemplo), se dá cercado de maiores restrições entre eles do que entre elas (não só quanto às áreas do corpo que podem ser tocadas como do tipo de toque que é visto como adequado). (LOURO, 2009, p. 91)

O toque a que se refere a autora também é controlado nos esportes e em outras práticas corporais. Na dança, por exemplo, não é raro o desconforto – e por vezes, até a negativa – dos homens em realizar determinados movimentos. Nessa perspectiva, os estereótipos de masculinidades impedem aos indivíduos a experiência de novas posturas e vivências, e o desenvolvimento de suas potencialidades, desconsiderando, assim, o corpo como elemento social, cultural e histórico responsável pela experiência sensível, porta de entrada para construção de conhecimentos, atuando como obstáculos para a participação e progressão da mulher e do homem, em qualquer prática corporal que destoe do padrão estabelecido.

Como afirma Le Breton (2016, p. 274), o acesso ao corpo de outrem se vincula à relação amorosa, à sexualidade ou ao contexto familiar e, por essa razão, a “menor aproximação encerra uma forte conotação afetiva, já que ela rompe as usuais convenções proxêmicas”. Uma vez que a defesa da heterossexualidade e o temor à realização de quaisquer ações que venham a contestá-la fazem parte de um comportamento padrão estabelecido pela masculinidade hegemônica, o toque em outro corpo masculino é aceito somente quando adequado às normas desta.

O uso do termo “pegar” para se referir a outro corpo masculino (DC 0105) e a posição de formação e execução do *ruck*, objeto de repúdio de parte dos jogadores

participantes (DC 1602, DC 0303), por exemplo, são cercados por tabus que associam essas ações à homossexualidade. Como Tadeu referiu “é muito estranho” um homem se deter na posição corporal do ruck (DC 1602), assim como, permitir-se ser “pego” por um outro que venha correndo em sua direção.

Às situações acima citadas está vinculada uma preocupação do homem alinhado a determinada forma de masculinidade heteronormativa quanto à possibilidade de violação (mais simbólica do que concreta) do seu corpo, principalmente quando a região dos glúteos pode ser visualizada com maior ênfase do que outras partes do corpo. Deste modo, ao negar determinados tipos de contato com outros homens jogadores durante exercícios de treinamento, os participantes entendem sua atitude como um ato em defesa de sua honra, corporificada, em parte, em sua masculinidade heterossexual. Por outro lado, Connell e Pearse (2017, p. 56) lembram que evitar proximidade física com uma pessoa e seus pertences por considerá-la fonte de contaminação é uma forma de afirmar uma distância social e reivindicar superioridade. Pedimos licença às autoras para acrescentar como supostas fontes de contaminação determinadas identidades – como a homossexualidade – seus valores e as práticas a elas vinculadas.

A possibilidade de serem vistos como “menos homens” – ou, pior, homens de forma nenhuma – aterroriza os seguidores dessa forma de masculinidade. Aqui, novamente a homossexualidade é vista como uma falha na masculinidade, uma forma de prática da sexualidade naturalizada como hierarquicamente subalterna ao que se considera legitimamente masculino. Por essa razão, quaisquer atos que a ela remetam devem ser silenciados e/ou corrigidos, diferente do que ocorre com a heterossexualidade, que, por ser considerada a norma, “não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível” (LOURO, 2000, p. 68).

A associação do toque entre corpos masculinos também é referida por Caetano como vinculada à homossexualidade, porém, por jogadores de futebol. Conforme o jogador participante, as ações e gestos corporais exigidos em um jogo de *rugby* levam a que praticantes de futebol lhes considerem homossexuais. Disse o jogador: “Se um jogador de futebol ‘vê’ um vídeo de *rugby*, ia dizer que era um bando de viado se esfregando” (DC 2203). Em sua fala, Caetano apresenta o *rugby* como uma prática esportiva transgressora de normas de gênero e sexualidade, se comparada ao futebol.

Apesar dos vários relatos e situações descritos neste trabalho que remontam a atitudes e ações homofóbicas dos jogadores participantes, é importante também lembrar os momentos de enfrentamento destas. Mesmo que em menor número, os padrões de conduta corporal da masculina hegemônica e, portanto, heterossexual, foram alvo de práticas transgressoras que permitiram a desconstrução de uma rede de significados em níveis que possibilitaram um abrandamento da simbólica social ordinária (LE BRETON, 2016, p. 274).

Desse modo, assim como no local de trabalho, na associação de moradores de um bairro, nos grupos de colegas e amigos, é provável que haja diferentes entendimentos de masculinidade e diferentes formas de produzir a masculinidade (CONNELL, 2002, p. 17), também em um grupo de jogadores de *rugby* essa é uma possibilidade factível. O reconhecimento, porém, da existência de múltiplas formas de masculinidades em qualquer ordem de gênero de uma sociedade, não significa a ocorrência de uma mistura de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo (CONNELL, 1995, p. 188).

Os exemplos de Natanael e Simões Júnior, que contestaram a restrição do toque entre corpos masculinos ao âmbito de jogo (DC 2503), e a atitude dos jogadores das equipes masculinas adulta e juvenil ao se permitirem expressar suas emoções e sentimentos por meio de abraços e afagos nos companheiros (DC 2503) corroboram pensamento de Saffioti (1997, p. 148), a qual defende que autonomia e heteronomia não podem “ser tomadas em termos absolutos, pois são sempre relativas”. Para a autora, nenhum indivíduo goza de total autonomia. De mesmo modo, haja vista o dominado não ser reificado por completo e lutar por sua autonomia, também a heteronomia não é totalmente adquirida.

Homens e mulheres são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (SCOTT, 1995, p. 93).

4.2.4 *Rugby*, um esporte de selvagens jogado por cavalheiros

A frase que intitula este subcapítulo é recorrente para se referir ao *rugby* e aos homens praticantes desse esporte. Durante o período de observação participante, aquela foi citada inúmeras vezes por diversos jogadores, principalmente aqueles com

mais tempo de prática e os ocupantes de funções na diretoria do clube. Contudo, também jogadores com menos tempo de 1 (um) ano de prática, como Sérgio, adotaram a frase como lema do *rugby*:

Sérgio: O 'M' [jogador e presidente do clube] falou, e eu vou pela cabeça dele: o '*rugby* é um esporte de brutos, jogado por cavalheiros'. A gente tem aquela questão da brutalidade, da porrada, mas é muito respeitoso, não só pela hierarquia, mas com os outros jogadores [companheiros de time e adversários], com os amigos. Você sempre trata as pessoas bem, mesmo quem você não conhece. (GF – Sessão 2)

Além do respeito, Caetano destacou outros aspectos, segundo ele, trabalhados pelo *rugby* e que compõem a razão para que siga, há 8 (oito) anos, praticando a modalidade:

Caetano: Eu pratico *rugby* há 8 anos. O *rugby* é uma escola de vida porque te ensina a ser desenvolver como ser humano e atleta. O esporte fortalece o espírito, apura a coragem, ajuda na concentração, contribui para um bom desenvolvimento físico e humano. O *rugby*, eu vejo, contribui mais ainda do que outros esportes. Os jogadores partilham valores básicos que unem todos, que são: trabalho, persistência, coragem, confiança, respeito e humildade. São características intrínsecas e genuínas do *rugby*. (GF – Sessão 2)

Criado a, pelo menos, dois séculos, o *rugby* evoluiu de modalidade local para um dos esportes mais populares do mundo, com milhões de praticantes e espectadores por, conforme as falas de Caetano e Sérgio, oferecer uma experiência única para todos os que se envolvem com a modalidade. Os valores e atributos citados pelos jogadores compõem não apenas os seus discursos, mas a Carta do Jogo, documento normatizador da *World Rugby* (2016), entidade oficial máxima do *Rugby Union*.

Quando Bourdieu (2003) reconhece o esporte moderno como um complexo fenômeno social, ele explora as fronteiras deste e leva-as para além da execução da prática corporal em si. Consoante o autor, às práticas e consumos esportivos está ligado, direta ou indiretamente, um sistema de instituições e agentes em que cada elemento recebe seu valor distintivo. Esse sistema inclui:

- Os produtores e vendedores de bens e serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos e jornalistas esportivos etc.);
- Os produtores e vendedores de espetáculos esportivos e bens associados (roupas, apostas ou loterias esportivas, por exemplo); e,

- Os “agrupamentos esportivos”, públicos ou privados, que têm por função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes” de um dado esporte e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem essa prática (BOURDIEU, 2003, p. 182).;

A *World Rugby* (2016, p. 11) está inserida no conjunto de agrupamentos esportivos citado por Bourdieu (2003) e tem como objetivo formar e nortear a conduta moral de homens e mulheres jogadoras tanto em campo de jogo quanto nos demais campos da vida cotidiana, buscando assegurar, desta forma, o “caráter único do *rugby*”. Em razão de sua atuação na construção das regras e dos princípios do jogo, e na popularização deste, os documentos por elaborados pela entidade ou embasados em seus princípios e diretrizes farão parte do referencial teórico a ser utilizado neste tópico para análise dos dados e informações coletados junto aos participantes.

Conforme a entidade, parte da paixão dos praticantes e do público se basearia na transmissão de um conjunto de princípios sociais e emocionais que constituiriam o espírito das leis do jogo, complementar às regras e propósitos que regem a prática em si (WORLD RUGBY, 2016, p. 66). É a esses princípios que Caetano se refere ao definir o *rugby* uma ferramenta útil no desenvolvimento físico e humano dos praticantes, caracterizados por Sérgio como cavalheiros.

Segundo a *World Rugby* (2016, p. 12), os princípios do espírito do *rugby* são: integridade, paixão, solidariedade, disciplina e respeito. Trataremos a seguir acerca dos valores citados e/ou praticados pelos jogadores participantes.

Questionado sobre a contribuição do *rugby* para com a constituição das masculinidades, Caetano enfatizou o potencial do esporte em ensinar o **respeito** entre as pessoas:

Caetano: [O *rugby*] Participa da formação humana, então, da formação do homem e da mulher, também. O clube em si começou uma nova categoria, o juvenil, na qual todos os antigos membros aprenderam que o *rugby* trabalha muito a questão da relação harmoniosa. O esporte contribui muito na questão do respeito em casa, com os mais velhos, dentro do próprio time, respeito entre as pessoas, mulheres e homens. Isso é enfatizado nos treinos: que todos devem se respeitar. Esse ensinamento é levado pra casa, pra rua. (GF – Sessão 2)

Para Simões Júnior não se trata o respeito um valor trabalhado apenas pelo *rugby*, mas por práticas esportivas em geral:

Simões Júnior: na verdade, isso não é uma questão só do *rugby*. É uma questão de todo esporte. É o intuito de todo esporte. Qual é o intuito? É tirar as pessoas das ruas, da ociosidade, marginalidade, pra ela aprender respeito, disciplina. É o intuito de todo esporte. (GF – Sessão 2)

Entretanto, Sérgio e Frederico contrapõem o *rugby* ao futebol para defender o primeiro – um esporte de intenso contato físico – como espaço de maior ensino e valorização de atitudes respeitadas do que o segundo. Os jogadores expõem essas diferenças como motivo de orgulho e distinção dentre as modalidades esportivas:

Sérgio: [...] No jogo, o árbitro é Deus. O que ele falou, tá falado. No futebol, o pessoal fala em matar o árbitro, briga, faz tudo. No *rugby*, que é um esporte de contato, de porrada, é difícil você ver uma confusão. E quando tem, os caras se separam por si só. E depois todo mundo se fala. (GF – Sessão 2)

[..]

Frederico: Não queria criticar o futebol não, mas parece que os jogadores tão fazendo um favor pro juiz. É porque o futebol é muito glamourizado. (GF – Sessão 2)

As falas de Caetano, Sérgio e Frederico remontam a que o respeito entre os companheiros, os oponentes, os oficiais de partida e todos os outros envolvidos no jogo de *rugby* é essencial. Entretanto, os dois últimos jogadores expõem contradições acerca da forma como esse valor moral é expresso nas diversas modalidades esportivas, mais especificamente no futebol e no *rugby*.

Durante o longo – e ainda em curso – processo civilizatório, o *rugby* adotou e redefiniu o caráter cavalheiresco exigido de seus praticantes. A partir do século XX, os jogadores de *rugby* propositadamente se mostram cavalheiros nas interações com homens e mulheres, mesmo que nas interações privadas da equipe, permitam que seu lado selvagem floresça, como no batismo. Em campo, entre outras ações e atitudes vistas como de um *gentleman*, o jogador de *rugby*: respeita seus companheiros e seus adversários, seja na vitória, seja na derrota; não desestimula um ou outro; não comemora a marcação de um ponto de forma teatralizada, como ocorre no futebol, e; não agride a torcida adversária (RIAL, 2000, p. 245).

Para compreender essas diferenças no espírito esportivo, recuperemos a fala de Caetano que exalta a estrutura organizada no Cajuína *Rugby* em que os jogadores veteranos – que além de compor os times, fazem parte da diretoria do clube – são responsáveis por repassar aos jogadores iniciantes a importância de uma relação amistosa dentro e fora do contexto clubístico. O clube, desta forma, cumpre com

norma expressa da *World Rugby* (2016, p. 13) que atribui a responsabilidade pela construção e prosperidade do espírito esportivo não apenas a um indivíduo, mas aos treinadores/as, capitães, jogadores/as e árbitros/as e a toda a estrutura envolvida.

Ao criticar o futebol, Sérgio e Frederico referem que os árbitros dessa modalidade não são respeitados pelos jogadores, diferente do que ocorreria no *rugby*. No torneio amistoso e nos jogos-treino observados, o árbitro/a era apresentado aos times de *rugby* antes do início do jogo e informava aos capitães que somente eles poderiam se dirigir ao mesmo para realizar algum comentário sobre a partida, sempre mantendo um comportamento cordial. Em todos os eventos observados que contavam com a presença dessa autoridade em campo – o árbitro/a, essa regra foi integralmente obedecida.

Já no futebol, segundo os participantes anteriormente citados, o desrespeito ao árbitro atingiria níveis de ameaça à sua integridade física proclamadas por não apenas por jogadores, mas por outros componentes dos clubes e pelo público torcedor. Para Frederico, o árbitro de futebol é tratado como se estivesse recebendo um favor dos jogadores, e não como um dos responsáveis pelo bom encaminhamento da partida e autoridade máxima em campo de jogo.

Considerando que, consoante Caetano, a conduta dos jogadores de determinada modalidade é também produto da estrutura e dos agentes ao redor daquela, então, é possível que, o *rugby* apresente princípios e valores distintos aos preconizados pelo futebol, ou, se similares, estratégias de afirmação do espírito esportivo diferentes.

Definida pela *World Rugby* (2016, p. 18) como responsável pela construção de um espírito unificado que transcende as diferenças culturais, geográficas, políticas e religiosas, e conduz a amizades duradouras, sentimento de camaradagem, trabalho em equipe e lealdade, a **solidariedade** é outro princípio do espírito do *rugby* citado e apreciado pelos jogadores participantes.

Caetano e Frederico citaram o trabalho em equipe como uma característica que se destaca no *rugby*:

Frederico: [...] o futebol é muito glamourizado. Dependendo da posição que ocupa, você termina jogando por si próprio. A gente não vê isso no *rugby*. Você sozinho no *rugby*, não vai pra lugar nenhum... ou vai, pro chão.

Caetano: O *rugby* é um esporte coletivo em que cada atleta tem papel decisivo no jogo. O *rugby* ensina que cada um tem sua diferença, seja

física ou mental, mas que, no time, cada atleta tem seu devido local, seu devido objetivo. (GF – Sessão 2)

Em um jogo de *rugby* pouco pode ser alcançado por qualquer jogador individualmente. As regras do jogo criam a necessidade de um bom trabalho em equipe. Em jogo, a bola deve obrigatoriamente ser passada para trás sempre que o lançamento for realizado com as mãos. O passe será realizado para a frente somente no caso de chute da bola, devendo, porém, os companheiros de equipe do chutador estarem atrás da bola quando chutada (IRB, 2008, p. 3).

Isso demonstra que, até mesmo os fundamentos realizados individualmente exigem o que os jogadores chamam de “apoio” – expressão entoada pelos jogadores participantes, a todo instante, durante uma partida, para assegurar ao companheiro sua presença e disposição para recebimento de passes às suas costas, principalmente. No *rugby*, de acordo com os participantes, ganhar e perder são ações coletivas.

A solidariedade entre os jogadores participantes ultrapassa os aspectos relacionados à atuação dos jogadores em campo de jogo. Jean enuncia como uma das razões para seguir praticando *rugby*, o tipo de relação interpessoal produzida em âmbito clubístico e, em decorrência do processo educativo ali implementado, a ele externo. Segundo o jogador, essa relação envolve desde a disposição de jogadores veteranos em ensinar os fundamentos técnicos do esporte aos novatos, até a colaboração coletiva para que cada indivíduo tenha condições de participar das sessões de treino – como a concessão de caronas. Essas ações levam a Jean e outros jogadores a sensação de pertença a uma família:

Jean: A interdisciplinaridade e as relações interpessoais que a prática do *rugby* apresenta e também o companheirismo – ajudar a repassar uma técnica ou, até mesmo, ajudar dando um lanche ou uma carona –, é que me fazem ainda estar treinando. Outros esportes contemplam, sim, essas características, mas a busca por novos aprendizados fez eu me apaixonar pelo *rugby*.

Mediadora: A que você se refere com ‘novos aprendizados’?

Jean: Novas vivências relacionadas, principalmente, a comportamentos coletivos, porque eu venho de esportes de contato, só que individuais. Eu me sinto em família aqui por causa da união do time. O time é uma família.

Demais jogadores gesticulam em concordância. (GF – Sessão 2)

A união e a solidariedade entre os jogadores puderam ser verificadas nos três casos descritos a seguir.

Durante intervalo de sessão de treino da equipe masculina adulta realizada à noite em um campo de várzea com iluminação artificial deficitária, Frederico percebe que perdeu a chave da motocicleta emprestada que usou para ir ao treino. Imediatamente todos os jogadores – Caetano, Edgar, Simões Júnior, Frederico, Wagner, Benjamin, Natanael, Estevão, Jean, Ramon e outros três jogadores – em postura sobre quatro apoios, iniciaram uma varredura minuciosa no campo (DC 0504).

Um integrante de um grupo de ciclistas que passava ao fundo campo gritou: “Eita, perdeu a aliança”. Caetano respondeu: “Se fosse a aliança, a gente já tinha achado”. Após cerca de 20 minutos, começa a chover, mas a busca pela chave é mantida. Durante o período de buscas, Frederico se mostrou constrangido e preocupado quanto à explicação que deveria conceder ao proprietário da motocicleta: “Me empresta a moto? E eu vou lá e perco a chave”, disse chateado. Os companheiros tentam acalmá-lo a todo momento, garantindo que encontrarão uma solução para o problema (DC 0504).

A intensidade da chuva aumenta e os jogadores decidem encerrar as buscas. Estevão decidir rebocar a motocicleta em seu automóvel. Frederico assiste a tudo calado. No dia seguinte, Natanael conversou pessoalmente com o proprietário da motocicleta e efetivou o pagamento de uma cópia da chave reserva. Conforme o jogador, a preocupação de Frederico se deu, em parte, por não ter condições de pagar por uma nova chave – o jogador custeava seus gastos com uma bolsa de estudos no valor de R\$ 400,00 reais (ver Quadro 3) – e, em parte – pelo constrangimento de perder algo que lhe foi gentilmente emprestado (DC 0504).

Outro exemplo de ato de solidariedade entre os jogadores se deu logo no início do período de observação participante.

Na noite do dia 10 de fevereiro, primeiro dia de observação participante, Maurício, jogador da equipe masculina adulta, e sua família, foram duramente afetados por alagamento decorrente da combinação de volume substancial de chuva e precária estrutura de escoamento da localidade em que residem. No dia seguinte ao ocorrido, a diretoria do Cajuína *Rugby* Clube convocou reunião de urgência para deliberar sobre as ações a serem tomadas pela agremiação e solicitou a presença de todos os jogadores/as (DC 1102).

Fizeram-se presentes à reunião 25 homens jogadores – todos os participantes deste estudo, com exceção de Frederico e Natanael – e 22 mulheres jogadoras. Caetano, expoente da diretoria, iniciou a reunião contando que, no ano anterior,

Maurício mobilizou todo o time em prol da doação de sangue para a mãe de uma jogadora, oferecendo-se, inclusive, para conduzir em seu próprio veículo, aqueles/as que estivessem dispostos a realizar a ação. Agora, seria ele quem precisaria da solidariedade do grupo.

Raul endossou a fala de Caetano comentando sobre outros atos solidários de Maurício para com os demais jogadores/as e descreveu minuciosamente as perdas materiais sofridas pelo jogador. Com diversos móveis e eletrodomésticos danificados e sem condições de permanecer em sua residência em razão do alagamento, Maurício e a família tiveram de buscar abrigo junto a amigos e parentes (DC 1102).

Raul, Caetano, Edgar e as treinadoras das equipes feminina adulta e masculina juvenil – todos representantes da diretoria – informaram que o time auxiliaria o jogador na limpeza da residência e aquisição de mantimentos para a família. Para esta ação, solicitou-se a participação efetiva do elenco de jogadores/as, seja comparecendo à residência de Maurício para auxiliar no serviço de limpeza, seja doando recursos financeiros, itens alimentícios ou de limpeza e higiene (DC 1102).

A solicitação da diretoria foi atendida e, naquele mesmo dia, oito homens jogadores da equipe masculina adulta – Raul, Jean, Caetano, Simões Júnior, Frederico, Estevão, Benjamin e Wagner –, e seis mulheres jogadoras, compareceram à casa de Maurício para ajudar nos serviços de limpeza e retirada de móveis e eletrodomésticos para mudança. Durante a semana, ainda, o time se mobilizou na aquisição de mantimentos para doação (DC 1102).

Por fim, em 2018, em razão da grave crise financeira, social e política que assolava a Venezuela, centenas de refugiados/as migraram para Teresina-PI em busca de melhores condições de vida. Em uma ação coordenada pelas confederações de *rugby* brasileira e venezuelana, o Cajuína *Rugby* Clube acolheu durante 9 (nove) meses, duas jogadoras refugiadas.

Ao anunciar a chegada das jogadoras, o presidente da Associação Cajuína *Rugby* Clube disse: “O *rugby* é uma família e até quem mora em outro país tem que ser bem recebido” (DC 1002).

As jogadoras venezuelanas passaram a morar em uma residência de propriedade do presidente do clube. Nesse mesmo local, uma outra jogadora – estudante universitária em Teresina, mas natural de cidade a cerca de 60 km de distância – já residia por não apresentar condições financeiras de se deslocar diariamente de uma localidade a outra ou custear aluguel na capital. Às jogadoras

cabia a responsabilidade por custear sua alimentação e os serviços de água e energia elétrica, sendo que, quando não o conseguiam, novamente o time era convocado a prestar solidariedade da forma como fosse possível a cada um dos jogadores/as.

Um desses momentos, ocorreu quando, com o agravamento da crise financeira na Venezuela, meses após sua chegada ao clube, as jogadoras refugiadas demonstraram aumento da preocupação com as condições de sobrevivência dos familiares naquele país. Recebendo auxílio da confederação de *rugby* venezuelana em valor insuficiente para custear suas próprias contas e apresentando dificuldades para conseguir emprego em Teresina, as jogadoras externaram às companheiras de time seu desconforto com a situação em que se encontravam.

O caso foi levado à diretoria do clube, que imediatamente convocou reunião com todos os jogadores/as, explicou a situação e propôs a arrecadação de recursos financeiros a serem enviados às famílias das jogadoras na Venezuela. Augusto, jogador de 18 anos da equipe masculina juvenil e não integrante da diretoria, sugeriu que além da doação em dinheiro, os jogadores/as ajudassem na busca de emprego para as refugiadas, informando-as quando tivessem informações sobre vagas em aberto. Ambas as propostas foram acatadas pelo grupo (DC 1905).

As situações acima descritas indicam que, caracterizado como uma prática corporal fisicamente desafiadora, o *rugby* pode se tornar um contexto que possibilite a mudança de atitudes e a promoção do companheirismo, da compreensão e da cooperação. Esses elementos são considerados, pela *World Rugby* (2016, p. 15), como essenciais para a sobrevivência e êxito do jogo, mas que, a partir do momento em que se tornam atributos constituintes das masculinidades e feminilidades dos/as praticantes, poderão ultrapassar o apito do árbitro e enveredar por outros contextos de interação social.

A busca pela obtenção de resultados coletivos – em jogos, principalmente – e o entendimento do pertencimento a um time de *rugby* como acolhimento e pertença a uma família em comum (missão dada aos jogadores veteranos) são os motivadores para o ensino e a construção de vínculos de empatia e solidariedade entre os jogadores participantes. Ressalva-se, porém, que a individualidade dos jogadores participantes não é obliterada. A apropriação dos objetivos e princípios do espírito de jogo propostos pelo *rugby* ocorre de forma diferenciada entre os praticantes desse esporte. Revelam esse fato o apreço pela competição, a busca por um corpo musculoso, a valorização da dor e a imposição de um distanciamento de outros corpos

masculinos, elementos constituintes das masculinidades dos jogadores participantes. Essas características demonstram que os jogadores são estimulados a demonstrar, ao menos, algum nível de independência e autossuficiência, pois estes são necessários para comprovar sua virilidade e seu *status* no grupo de homens.

Um outro princípio do espírito do *rugby* é a **integridade**, central para a estrutura do *rugby* e gerada mediante a honestidade e o jogo limpo (WORLD RUGBY, 2016, p. 14). Os trechos abaixo de sessão de grupo focal denotam a presença desse elemento entre os jogadores participantes deste estudo:

Caetano: [...] Existe uma personificação do homem que joga *rugby*. As pessoas definem como um homem bruto por causa do uso do contato físico, da tensão. Mas na verdade são pessoas [aponta para os outros jogadores] que se tratam melhor do que jogadores de futebol. Ver de fora não é a mesma coisa que ver de dentro.

Mediadora: Os homens que jogam *rugby* são estereotipados?

Caetano: Isso. Eles [pessoas externas ao *rugby*] dizem: 'Tu joga *rugby*, é? Tu é muito bruto'. [Caetano responde]: "Se você acha. Mas vá treinar. É bom. Lá, a gente não pensa dessa forma não".

Mediadora: Se um homem entra no time com essa visão do 'homão da porra' e bruto, tem chance dele mudar esse posicionamento a partir dos treinos e da convivência?

Simões Júnior: Ou se decepcionar e sair.

Caetano: Muitas pessoas que praticam luta querem jogar *rugby*. Ele entra com aquela ideia: 'Vou entrar, vou matar alguém'. Do meio pro fim: 'Vamos só jogar'. Ele acaba perdendo aquela visão de que vai ter que derrubar alguém; que ele é bruto, forte; que ali [a prática do *rugby*] é um ambiente bruto. No *rugby* ele é lapidado até ficar mais sensível. O 'F', por exemplo, entrou no *rugby* porque era lutador de jiu-jitsu, bruto. Agora é uma das pessoas mais calmas e tranquilas. Tu já viu o 'F' se pegando com alguém? [pergunta a Simões Júnior]

Simões Júnior: Não. Nunca. Mas quando ele entrou no time, ele queria [risos].

[...]

Frederico: [...] O *rugby* ajuda a gente a ficar um pouco mais maduro porque tem que ter essa consciência de que o cara que tá jogando do outro lado não é teu inimigo é teu adversário ... tem toda a questão do respeito ao árbitro, com o teu companheiro. Termina que trabalha muito a maturidade da gente, a relação em sociedade. Quando você tá em campo, tem o grupo do Cajuína e grupo do adversário. E o mediador daquilo ali é o árbitro dentro de campo. (GF – Sessão 2)

A tomar pelos relatos, entende-se que, o *rugby* gera em parte dos espectadores e dos jogadores – novatos, como "F", segundo Caetano – a perspectiva de prática livre de atos de violência e brutalidade contra adversários. Essa visão se dá em razão das condições e regras favoráveis ao uso da força para domínio do adversário.

Contudo, conforme os participantes, trata-se essa noção de uma visão estereotípica do homem rugbier, sendo, em verdade, o *rugby* – também em razão de suas regras e valores – adequado à forja de jogadores ponderados, capazes de controlar suas emoções e manifestações mais impulsivas e violentas. Caetano, Frederico e Simões Júnior promovem a ideia de que o *rugby* preza pela convivência pacífica e pelo *fair play*; trata-se, ao fim e ao cabo, de uma estratégia de enfrentamento do estereótipo de esporte violento associado ao *rugby*.

A resposta de Caetano às pessoas que definem o homem rugbier como “bruto” e a pontuação de Frederico ao caracterizar a modalidade como um esporte que trabalha “a relação em sociedade” lançam luz sobre a intencionalidade discursiva dos jogadores em definir o *rugby* como um esporte com potencialidade de atuação no ensino e execução de boas práticas não apenas no âmbito das relações sociais no espaço esportivo, mas também em outros campos. Daí a importância de publicizar em diferentes espaços sociais e trabalhar junto aos jogadores os princípios do espírito do *rugby*: o resultado será o fortalecimento da imagem cavalheiresca da modalidade e de seus praticantes.

Contudo, ressalva-se novamente que a apropriação de cada um dos elementos do espírito do *rugby* leva em consideração a individualidade de cada jogador. Exemplo disso é a já citada bofetada desferida por Rafael no rosto de Tadeu como punição por este não ter tackleado aquele; uma conduta vista por Rafael como inadequada ao homem rugbier, uma vez que indicaria covardia (DC 1803).

No entanto, a apropriação do valor da integridade não depende somente do indivíduo, mas dos valores partilhados pelo grupo, incluindo-se aí diferentes times de *rugby*. Esse contexto pode ser verificado quando da realização de torneio amistoso organizado pelo Cajuína *Rugby* Clube (DC 2503).

Duas equipes visitantes participaram do torneio, porém uma delas recebeu atenção especial dos jogadores; chamemo-la de equipe “P”. Antes do início dos jogos, Simões Júnior, Edgar e Benjamin reuniram os jogadores das equipes masculinas juvenil e adulta para repassar a ordem dos confrontos e detalhes acerca do modo como as equipes visitantes costumam jogar – os jogadores citados enfrentaram-nas em outras oportunidades (DC 2503).

Ao falar sobre a equipe “P”, Simões Júnior foi categórico: “Eles não são honestos. Não caiam na pilha deles” (DC 2503). Questionado sobre o porquê desse conselho, o jogador afirmou que os jogadores da equipe “P” costumam provocar seus

adversários fazendo comentários homofóbicos e acerca de seu desempenho esportivo, e, quando em condições favoráveis – como, um momento de desatenção do árbitro/a – podem tomar atitudes desleais com possibilidades de danos à integridade física dos adversários. O jogador finalizou sua avaliação sobre a outra equipe dizendo: “Se eles não se comportam como jogador de *rugby*, a gente, sim” (DC 2503).

Os fatos expostos por Simões Júnior levam a recordar que hegemonia não significa controle total (CONNELL, 2005, p. 37). Mesmo que os jogadores participantes defendam que a integridade é um valor comum aos praticantes de *rugby*, esta, deve-se atentar, é uma característica decorrente de um processo educativo e contextual.

A forma de masculinidade pretendida pelo Cajuína *Rugby* a seus jogadores parece incluir a integridade como atributo essencial, mas sua estratégia de educação do corpo apresentou resultados distintos entre os homens *rugbi*ers – Rafael é exemplar nesse aspecto. As distintas condutas e masculinidades também são visualizadas entre as equipes “P” e Cajuína. A equipe “P”, apesar de pertencer a uma ordem cujos valores são definidos pela *World Rugby* (2016), exalta uma forma de masculinidade diferente, assinalada pela competitividade acima do respeito às regras do jogo.

O princípio da integridade pode ser visualizado também no terceiro tempo, confraternização realizada ao final de torneio, campeonatos ou outros eventos de competição de *rugby*. Essa celebração é realizada pela equipe organizadora da competição, que deverá oferecer às equipes visitantes comida, bebida e diversão como forma de demonstração de fair play.

O terceiro tempo é um dos principais momentos em que o sentido de família global atribuído ao *rugby* pode ser trazido à tona. Somado à excitação e ao apego emocional, esse atributo caracteriza a **paixão** pela modalidade, outro princípio do espírito do jogo (WORLD RUGBY, 2016, p. 16).

O significado do terceiro tempo foi apontado por Frederico uma das razões para seguir praticando o *rugby*.

Chico: [...] o *rugby* é diferente. É muito digno pela relação que a gente tem com os outros depois que termina o jogo. Acho que isso que me encantou. Os caras, no jogo, tão medindo força, se batendo, rasgando, mas é tudo por um bem comum, algo que a gente não vê hoje em dia. Todo mundo joga pra todos. E aí, depois, os caras que ‘tavam’ se

batendo, vão lá e dizem: ‘Foi um bom jogo. Parabéns’. Depois, você vai beber cerveja com quem, talvez, abriu o supercílio, ou com quem abriu o seu supercílio. Eu nunca pratiquei muitos esportes, mas eu acho difícil encontrar um esporte em que a gente viva ‘o’ esporte [ênfatisa o artigo], viva uma maneira tão pura de sociedade. Porque se trabalha pra todos dentro do campo e, no final, seu adversário termina sendo um colega de esporte. Não é um inimigo, é só um adversário. É só naquele momento. Terminou o segundo tempo, a gente vai pro terceiro tempo de boa. (GF – Sessão 2)

No terceiro tempo organizado pelo Cajuína *Rugby* Clube após torneio amistoso as equipes participantes – inclusive, as equipes femininas e os jogadores participantes mais tímidos, Ramon, David e Estevão – cantaram, dançaram, comeram e beberam juntas. Nem mesmo a citada deslealdade da equipe “P” impediu que dividissem o microfone com outros jogadores/as para cantar desde *rap* até sertanejo universitário, demonstrando uma relação dúbia de familiaridade e competição (DC 2503).

Em dado momento, o presidente do Cajuína *Rugby* Clube convidou a todos os jogadores/as para juntos entoar um canto, que segundo ele, faz parte de um ritual indígena neozelandês. A Nova Zelândia é um dos países de mais tradição na prática do *rugby* (DC 2503). Por essa razão, por diversas vezes durante o período de observação participante o selecionado daquela nação foi citado e elogiado pelos jogadores do Cajuína *Rugby* como um dos melhores do mundo.

O canto entoado pelos jogadores/as intercalava a repetição do termo “Aruetê” – nominação de uma entidade indígena e cuja grafia foi indicada pelo presidente do Cajuína *Rugby* – com versos jocosos sobre uma característica da fisionomia ou da personalidade de um jogador/a. Um jogador da equipe “P”, por exemplo, por apresentar dreads em seu cabelo foi comparado a um personagem de jogo eletrônico, o Predador. Ao término de cada rima de associação, os jogadores elevavam seus copos de bebida, ofereciam à entidade e, em seguida, ingeriam o líquido. Segundo o presidente, ao ofertar a bebida, esta era abençoada e, ao ingeri-la, o jogador absorveria as bençãos (DC 2503).

Percebe-se que, mesmo entre equipes cuja relação seja pouco amistosa, o terceiro tempo é um espaço de entendimento e reconciliação, mesmo que temporária. Ao lado da competição, essa possibilidade de compartilhamento de momentos de alegria, união e “familiaridade” com outros jogadores/as se configura, para os jogadores participantes, como um dos prazeres concedidos pelo *rugby*, um prazer único associado a um espírito de jogo único.

Em se falando em singularidade, a paixão pelo *rugby* também é demonstrada quando os jogadores participantes comparam por diversas vezes esta modalidade a outras, individuais ou coletivas. Ao enaltecer o *rugby* como uma prática corporal com potencial de enriquecimento das qualidades morais dos envolvidos superior a outros esportes, os jogadores endossam a noção de que diferentes formas de masculinidades são construídas a depender do contexto e, trazendo para a seara do esporte, distintos projetos de masculinidade são propostos por diferentes modalidades esportivas. Analisando os *habitus* e *ethos* de diferentes práticas corporais esportivas, Rial (2000) argumenta que estas constroem distintas masculinidades.

Cada esporte possui seu modo de codificação específico e constrói *ethos* específicos. Mesmo nos esportes considerados 'de homem' observa-se uma grande diversidade. (RIAL, 2000, p. 242)

Por fim, um último princípio do espírito do jogo, conforme a *World Rugby*, a **disciplina**, parte integrante da modalidade, dentro e fora de campo. Tomando como referência Michel Foucault, Susan Bordo (1997, p. 20) afirma que por meio da organização e regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos da vida cotidiana, “os corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade”.

A submissão dos corpos dos jogadores participantes a mecanismos de disciplina pode ser verificada nas seguintes circunstâncias:

- Na construção do corpo por meio de uma rotina controlada de exercícios físicos;
- Na adesão ao treinamento com vistas à melhora no desempenho esportivo;
- Na chancela a situações que exijam sacrifício corporal, reconhecido como uma estratégia de ascensão na hierarquia do grupo;
- Na atribuição de restrições ao contato em/por outros corpos masculinos, em razão da possibilidade de levantar suspeições sobre a heterossexualidade do sujeito;
- Na adesão ao regulamento do jogo, prezando-se pela integridade em campo; e,
- Na tomada para si, e para os contextos externos ao esporte, dos princípios do espírito do *rugby*.

Os elementos acima descritos foram pormenorizadamente discutidos neste trabalho, mas cabe ainda envidar atenção a outros dois momentos em que a disciplina se faz exposta na postura e na atitude corporal dos jogadores participantes.

O primeiro desses momentos ocorre quando, ao final de todas as sessões de treino, os jogadores se reúnem para posar para duas fotografias que serão postadas

nas redes sociais do clube. De praxe, são solicitadas para cada imagem, solicita-se uma pose específica.

Na primeira pose, os jogadores se perfilavam em duas fileiras, sendo que os jogadores da primeira fileira se apoiavam sobre um dos joelhos, enquanto aqueles da segunda fileira, permaneciam em pé. Todos deveriam manter postura ereta e os braços cruzados à frente, voltados para trás ou apoiados sobre os ombros e costas do companheiro do companheiro ao lado. Os jogadores veteranos do Cajuína *Rugby* recomendavam, principalmente à equipe juvenil, que evitassem gestos com as mãos e, em caso de sorrisos, que estes fossem contidos.

Segundo Raul, essa primeira postura indica respeito, disciplina e sobriedade, características essenciais ao jogador de *rugby*. Posturas mais relaxadas poderiam levar a que parte do grupo e pessoas não praticantes, mas com algum nível de interesse sobre o *rugby*, vejam essa modalidade como uma “brincadeira de moleque”, pondo em xeque sua imagem cavalheiresca e de seriedade. Conforme o jogador: “O *rugby* é um lugar pra gente se divertir, mas também é sério. E tem que mostrar isso na foto” (DC 0506). A imagem abaixo do selecionado masculino, em 2018, permite a visualização da postura solicitada aos jogadores participantes:



Figura 10 – Posição para fotografia.

Fonte: Portal do *Rugby*, 2018.²⁴

A segunda pose solicitada aos jogadores é bem menos restritiva. Nesta, ainda perfilados, eles podem sorrir abertamente, abraçar os companheiros e fazer outros gestos corporais (exceto, aqueles considerados obscenos). Sobre essa imagem, Raul disse: “Aí já é mais relax. O *rugby* tem essa união, alegria. Só uns que se aproveitam, né, pra se revelar” (DC 0506). A última frase do jogador foi em menção ao ato de um jogador da equipe juvenil, de 17 anos de idade, que soltou seu longo e belo cabelo e usou o lenço de uma jogadora para cobrir sua barba em foto com os demais jogadores das equipes masculinas juvenil e adulta (DC 0506).

A preocupação dos jogadores em manter determinada postura em uma fotografia, exprime a relação dialética, percebida por Bourdieu (2004a, p. 220), que une as posturas corporais e os sentimentos/valores correspondentes. Para o autor, adotar certas posições ou posturas seria uma forma de inculcar ou reforçar os sentimentos por elas expressos, e vice-versa.

É importante salientar que as poses descritas anteriormente também são executadas pelas mulheres jogadoras em imagens das equipes femininas e em fotografias do grupo misto – jogadores e jogadoras – quando da realização de treinos mistos.

O segundo momento em que se percebe o resultado de um processo de disciplina corporal diz respeito ao controle emocional de parte dos jogadores participantes, ao menos, quanto ao uso da força como método de resolução de problemas.

Apesar do episódio da bofetada desferida por Rafael em Tadeu – situação em que a agressão foi utilizada como punição e, ao mesmo tempo, estratégia de disciplinarização do último –, este pode ser considerado um fato pontual, posto que foi o único caso de agressão física, em âmbito clubístico, durante todo o período de observação participante. As ações de embate físico entre os homens participantes, observadas *in loco*, ocorreram dentro dos limites temporais, espaciais e regulamentares do jogo de *rugby*. Mesmo em momentos em que a tensão entre os jogadores se fazia quase que palpável, como após jogo contra a equipe “P” (DC 2503), os participantes conseguiram manter o controle sobre os seus próprios ímpetos.

Ao lado desses momentos de expressão de disciplina, faz-se importante também discorrer sobre algumas das estratégias adotadas pelo Cajuína *Rugby* Clube para alcançar esse efeito sobre os jogadores.

Como já exposto neste trabalho, no Cajuína *Rugby* Clube há uma regra comum a todas as equipes: se um jogador/a executar erroneamente uma instrução do treinador/a ou atrapalhar a execução de alguma atividade/exercício, todo o grupo será punido. Um desses momentos ocorreu quando, ao usar o celular enquanto a treinadora, “LF”, orientava a equipe sobre o exercício de treinamento a ser realizado, David – e todo o grupo de jogadores da equipe juvenil presente – foi penalizado com a execução de 20 abdominais na variação remador. O jogador cumpriu a punição sem questionamentos a “LF” (DC 1502). Trata-se esse instrumento de uma clara tentativa de disciplinar os jogadores/as a se manterem atentos aos comandos dos treinadores/as.

De modo similar, também quando da ocorrência de atrasos às sessões de treino, a punição por meio da execução de exercícios físicos extras é aplicada às equipes. Em diversos momentos, ao visualizar um jogador/a se aproximar do campo de treino, “LF” – ou Raul, quando a substituía na função – iniciava, em voz alta, contagem regressiva para início das atividades. Percebendo do que se tratava, os jogadores já presentes à sessão, entoavam um coro intimando as pessoas em atraso a se apressarem tendo em vista a possibilidade de punição de todo o grupo.

Nuno: Bora lerdeza. Meu Deus, vem se arrastando.
Vítor: Se calça logo. Rápido. (DC 0103)

Entretanto, a aplicação de maior número de exercícios físicos, não era a única estratégia de disciplinarização dos jogadores. Um dos jogadores mais experientes da equipe masculina adulta e, por isso, convidado a assumir algumas sessões de treino como treinador, Rafael exerce forte influência sobre a confecção da lista de jogadores convocados para competições oficiais e amistosas. Ciente disso, o jogador, em uma sessão em que o atraso de parte da equipe chegou a quase 20 minutos, enfatizou, em tom rígido, que a punição recairia sobre o desejo dos jogadores atrasados em participar de competições de *rugby* (DC 0504). Essa estratégia é compartilhada por toda a Comissão Técnica do clube e pelos jogadores líderes das equipes.

Demonstram os episódios descritos, que a disciplina é aspecto essencial para que prosperem os valores defendidos pelas corporeidades e masculinidades hegemônicas em determinado contexto. O processo disciplinador tem importante atuação sobre a materialidade dos corpos, seus modos de uso, suas rotinas e proibições. No caso dos jogadores de *rugby* essa potencialidade dos mecanismos de

disciplina aumenta quanto maior for o desejo do jogador de acomodação e reconhecimento no território do *rugby* masculino e suas reais condições para alcançar tal feito (condições econômicas, físicas, psicológicas etc.).

A forma como os jogadores interagem entre si e com outras pessoas é delimitada a partir de processos disciplinares, entre outros aspectos. Atentos a essa prerrogativa, os jogadores participantes tratam o *rugby* como um rico espaço de desenvolvimento físico, social e humano do indivíduo. Desta forma, o *rugby*, como prática esportiva e de sociabilidade:

proporciona a descarga de energia libidinal constrangida por um processo civilizatório; é uma atividade substitutiva para a guerra, diverte, dá prazer, ensina obediência a regras, fortalece e disciplina o corpo, serve pra construir identidades pessoais, locais ou nacionais etc. (RIAL, 2000, p. 242)

Conforme Bourdieu (2004a, p. 220), em razão de sua característica mais específica, a “manipulação regrada do corpo”, o esporte – principalmente as modalidades coletivas – apresenta-se como “uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar”.

Pensando o esporte como espaço de educação dos corpos (e, portanto, também do gênero), Knijnik e Falcão-Delfino (2010, p. 176) comparam-no ao panóptico de Bentham, obra arquitetônica do sistema penitenciário, cujo princípio é a constante vigilância sobre corpos, gestos, falas e quaisquer manifestações, objetivando impedir ações de fuga e instalar nos corpos dos presidiários uma disciplina simbólica. Expandido a outros sistemas disciplinares, o método de observação do panóptico apresenta capacidade de penetração e interferência sobre os corpos e as condutas humanas.

É a partir desse conceito, que Knijnik e Falcão-Delfino (2010, p. 177) pensam o panóptico esportivo como um espaço de implantação e venda da ideia de que “o esporte é capaz de reformar a moral, preservar e melhorar a saúde”, e, principalmente, um laboratório para o homem – individual e coletivamente – disciplinar, constituir e reforçar um tipo único de masculinidade, em que qualquer transgressão ou invasão de outras expressões de gênero seria imediatamente “identificada pelos ‘vigias’, coagida e oprimida pela ‘torre’”. O impacto do panóptico esportivo sobre a sociedade contemporânea se dá por suas relações com diferentes segmentos sociais, como a política, a indústria e o mercado de trabalho, que o utilizam para apresentar seus

interesses, produtos e ideologias. Resulta dessa estrutura a interiorização e expressão de marcas da masculinidade hegemônica por homens esportistas que seguem o ideal de homem por ela definido.

A adequação dos jogadores participantes às regras, regulamentos e espírito do *rugby* preconizados pela *World Rugby*, mas também a adoção, em diferentes níveis, da competição acirrada, da valorização da dor, do comportamento homofóbico, todos esses elementos são resultantes de mecanismos geridos por uma rede disciplinar em que um dos agentes é o *rugby* e o seu contexto de prática.

O uso do termo “rede disciplinar” é proposital, pois um aspecto que não deve ser ignorado é a desnecessária vigilância ininterrupta dos treinadores/as e líderes do *Cajuína Rugby* sobre os outros jogadores. Estes fiscalizam a si mesmos e aos outros. O compartilhamento de valores, comportamentos e hábitos entre os jogadores é indicativo do viés produtivo do poder disciplinar, que, conforme Foucault (1999b)

Organiza-se, assim, como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede ‘sustenta’ o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um ‘chefe’, é o aparelho inteiro que produz ‘poder’ e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. (FOUCAULT, 1999b, p. 148)

O funcionamento fluido e silencioso do poder disciplinar permite que os jogadores participantes estejam sempre alerta quanto à sua conduta dentro e fora de campo. São os seus próprios olhares, esquadrinhadores e calculados, que sustentam os mecanismos de controle dos corpos. Essa característica é imprescindível para que se compreenda por que, mesmo em um esporte como o *rugby*, o uso da força e da violência para disciplinar os corpos dos jogadores não se torna uma tônica. Nas palavras de Foucault (1993), o poder

induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1993, p. 8)

A criação da noção de “espírito do jogo” e, ainda mais, a sua institucionalização pode ser vista como um mecanismo de disciplina cujo objetivo seria zelar por uma imagem, que se pretende naturalizada, do *rugby* e de seus/as praticantes, os quais a tomar pelos princípios definidos pela *World Rugby*, seriam exemplos a serem seguidos pela sociedade. Esse mecanismo se torna eficaz na medida em que promove a comparação e a classificação dos jogadores. Lembremo-nos da relação entre os times masculinos do *Cajuína Rugby* e da equipe “P”. Os jogadores da última são julgados por parte dos participantes como desleais e indignos de serem chamados de homens *rugbiers*, uma vez que não respeitam os preceitos e valores da modalidade (DC 2503).

Segundo Foucault (1999b, p. 119), “a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”. Deste modo, a disciplinarização pode dificultar quebra de paradigmas inscritos nos corpos e levar à exclusão daqueles que insistam em desrespeitar normas. A força da autoridade social na propagação dos símbolos culturais leva os sujeitos a refletirem demoradamente sobre a possibilidade de subversão, haja vista a extensa possibilidade de sofrerem algum tipo de sanção.

Refletindo sobre gênero e masculinidade a partir da teoria de Michel Foucault, Connell e Pearse (2017, p. 96) reconhecem a força da prática social sobre o gênero, porém sentem necessidade de ressaltar que enfatizar o significante a ponto de o significado praticamente desaparecer seria ignorar que o que torna uma estrutura simbólica uma estrutura de gênero “é o fato de que seus signos se referem, direta ou indiretamente, à maneira como os seres humanos se reproduzem”. Para ilustrar esse aspecto, pode-se recordar que, além de praticarem um esporte caracterizado pelo confronto corporal, grande parte dos jogadores participantes se submete a um rígido regime de exercícios físicos com o objetivo de esculpir seus corpos. Esses jogadores têm ciência da dor e do sacrifício a que estão expondo seus corpos, porém o fazem porque é também prazeroso.

4.3. A relação entre a estrutura organizacional do *Cajuína Rugby Clube* e as masculinidades expressas no contexto clubístico

Conforme discussão até aqui realizada, não é prudente pensar as masculinidades como estruturas independentes do contexto social específico. A

masculinidade é, ao mesmo tempo, contextual e relacional; é a partir da união desses dois aspectos que ela é constituída e praticada.

Com base nisso, este tópico tratará de dois aspectos que compõem o cenário organizacional do Cajuína *Rugby* Clube e sua relação com as corporeidades e masculinidades dos jogadores: a configuração hierárquica no clube e a execução de sessões de treino conjunto das equipes masculinas e femininas. A partir da análise dos dados e informações coletados emergiram duas subunidades temáticas: a hierarquia masculina no time de *rugby* e a relação entre homens e mulheres jogadoras em âmbito clubístico.

4.3.1 Prestígio e distinção: o sistema de castas entre jogadores de rugby

As relações sociais são constituídas a partir da diferença. Neste aspecto, faz parte do senso comum na sociedade patriarcal a diferença biológica entre os corpos masculino e feminino ser utilizada como argumento para a determinação e manutenção de relações desiguais entre os gêneros, sendo o homem posicionado como dominador e a mulher como dominada (SAFFIOTI, 2004, p. 106). Porém, deve acrescentar que as hierarquias de gêneros não se dão somente entre os sexos, mas em grupos de mesmo sexo. Por exemplo, é perceptível a distinção hierárquica entre homens negros, brancos, cristãos, pentecostais, heterossexuais e transexuais.

Segundo Connell (2005, p. 37), reconhecer a diversidade das masculinidades é um passo importante em seu estudo, mas não é suficiente. É necessário também reconhecer as diferentes formas de relação entre os distintos tipos de masculinidades – relações de aliança, dominância e subordinação.

Nessa perspectiva, “a masculinidade, por ser frágil e constantemente (re)construída, muito ameaçada, une e opõe os homens” (ALMEIDA, 1995, p. 124). As relações entre as masculinidades são construídas e expressas a partir de práticas que excluem, incluem, intimidam, exploram e assim por diante. Por essa razão, Connell (2005, p. 37) afirma existir uma política de gênero interna às das masculinidades.

Já tratamos sobre as relações entre as distintas masculinidades dos jogadores desde as primeiras páginas desta tese. Cabe agora refletir sobre a hierarquia estruturada no espaço clubístico do Cajuína *Rugby* Clube e suas possibilidades de relação com as masculinidades ali construídas e expressas.

No *Cajuína Rugby Clube*, conforme os relatos e eventos observados, a pirâmide de hierarquia social apresenta a seguinte composição:

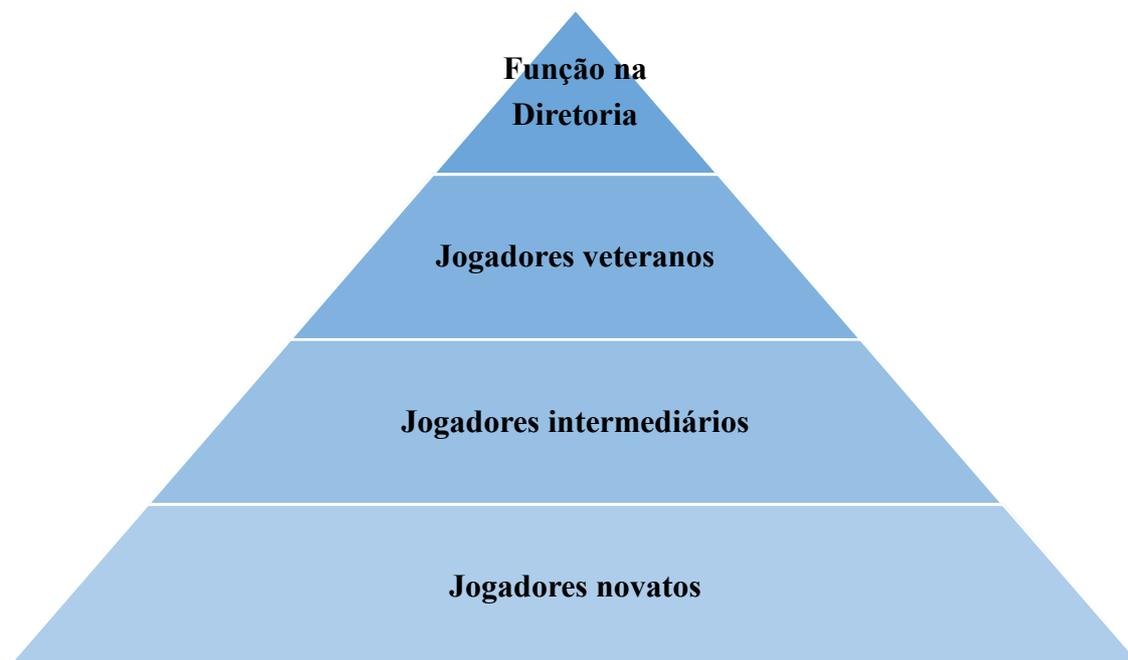


Figura 11 – Ordenação hierárquica no *Cajuína Rugby Clube*.

Fonte: Elaboração própria

Diretoria é o termo utilizado pelos jogadores participantes para se referir à estrutura burocrática da Associação *Cajuína Rugby Clube*, composta por 8 (oito) homens jogadores e 4 (quatro) mulheres jogadoras que exercem função no Conselho Fiscal, nas Secretarias, nas Diretorias financeira, de marketing e de assuntos jurídicos, na Comissão Técnica e na Presidência da Associação (ver Figura 1). Os jogadores/as integrantes desse quadro funcional são aqueles com mais tempo de prática do *rugby* e experiência em campeonatos e torneios oficiais. Dentre os jogadores participantes, são integrantes desse seletivo grupo: Caetano, Edgar, Raul, Benjamin e Ramon.

Questionado sobre a existência de hierarquias entre os homens jogadores, Jean trouxe à discussão em sessão de grupo focal a ideia dominante de um biótipo ideal aos praticantes de *rugby*. Contrário a essa noção, o jogador defende que a modalidade inclui diversos tipos e formas corporais, sendo critério para ordenação hierárquica, apenas, a composição da Diretoria:

Mediadora: Vocês notam alguma hierarquia entre os homens no *Cajuína*?

Jean: Não. Me perguntam o que precisa pra ser jogador de *rugby*? 'Eu sou muito magro' [dizem]. Eu digo: 'Não importa'. Quando entrei no time, em 2016, eu ouvi que aqui tem posição pro alto, baixo, magro,

gordo, pro forte, pro fraco, pra todo mundo. Então, no time, pra mim, todos são iguais. Tem gente que ... o Rafael, por exemplo, tem gente que tem medo de trombar de frente com ele. Eu não. Não sei se é porque já fui professor de karatê dele e a gente já praticou muito luta junto, mas eu não tenho medo de chegar [e confrontá-lo]. [Não tenho medo de] O Rafael vindo a 40km/h, eu chegar e trombar com ele. Então a questão do tamanho não vai definir a hierarquia dentro do time, e sim só a questão de tá na Diretoria ou não. (GF – Sessão 2)

A **hierarquia por prerrogativa de função** também é citada por Sérgio, Simões Júnior e Caetano, e tratada como um aspecto normal ao ambiente clubístico; estranho seria, conforme os relatos abaixo, se os jogadores tratassem uns aos outros como se fossem iguais:

Sérgio: [...] [o *rugby*] ensina disciplina e hierarquia. A viagem pro torneio foi um aprendizado pra muita gente. Eu vi gente zangada porque queria ser tratada de igual pra igual pelos jogadores mais antigos. Teve um menino que falou pro 'M': 'Não sei o que, maluco'. Aí, o 'M' disse: 'Peraê, maluco?'. Ele é o presidente do time. Isso é uma coisa que a gente aprende no *rugby*, o respeito. [...].

Simões Júnior: [...] Quando você perguntou se no *rugby* você chega a alterar a sua forma de ser homem, acredito que a forma de ser homem não, mas a questão do respeito. Como ele [Sérgio] falou a gente tem um grupo de hierarquia. Então é presidente, diretoria, capitães, veteranos e novatos. Vou falar do que aconteceu na viagem. Muitos dos meninos não sabiam disso. Queriam tratar veteranos de igual pra igual, só que não é assim. Aí caiu muito boné.

Mediadora: Isso é igual em todos os esportes?

Simões Júnior: não.

Sérgio: Eu acho que isso é mais pro *rugby*, ou outro esporte coletivo. Esporte individual é muito difícil ser assim. Eu fiz natação por três anos; tem aquele respeito com o professor e tal, mas não é o mesmo convívio que tem aqui.

Simões Júnior: Todo esporte tem que ter respeito. Nas lutas, o menos graduado e o mais graduado devem se respeitar. No *rugby*, o presidente, o iniciante, todos devem se respeitar. Na natação, o iniciante, o professor, o auxiliar, se respeitam. Sempre vai haver o respeito, mas tem gente que trata todo mundo igual. Se não houver aquele puxão 'Ó, aqui é assim. Aqui tem essa hierarquia assim e assado', a pessoa vai achar que pode falar do mesmo jeito com todo mundo. Isso vai depender de quem tá à frente da equipe. Tem quem preze um pouco mais por isso. (GF – Sessão 2)

A posição hierárquica dos jogadores/as componentes da Diretoria lhes possibilita *status* e exercício de autoridade perante os demais. O exercício da autoridade é necessário, segundo Caetano – componente da Diretoria Financeira e treinador da equipe masculina adulta – para a manutenção do controle do grupo de jogadores no cenário clubístico. Nesse ínterim, percebe-se que a construção de hierarquias se apresenta como um mecanismo de disciplina.

Caetano: Pra manter o controle de meninos, homens de vários tipos, você tem que ter autoridade. Tem que manter um padrão mais respeitoso entre eles e você, porque você tem que treinar e manter os atletas na linha. De certa forma, o *rugby* passa essa questão de responsabilidade e respeito. Se tiver vários comandantes no navio, ele afunda, mas se o comandante souber lidar com todos, ele vai conseguir guiar, direcionar pro rumo certo. (GF – Sessão 2)

Como discutido em tópico anterior, o poder disciplinar funciona por meio de uma rede de relações em que circula das (i) posições hierarquicamente superiores às inferiores, (ii) lateralmente, e, (iii) em certa medida, de baixo para cima (FOUCAULT, 1999b, p. 148). O “comandante”, termo utilizado por Caetano (militar e um dos líderes da equipe masculina adulta) para designar a liderança de uma equipe ou time de *rugby*, teria como função vigiar e guiar os jogadores ao “rumo certo”, estimulando a adesão às regras e assegurando o funcionamento harmonioso da estrutura da agremiação.

No exercício de suas funções, os diretores fazem uso de discursos com efeitos de verdade (FOUCAULT, 2005, 2011) dirigidos ao uso ideal dos corpos dos jogadores de *rugby*, o que envolve a incorporação do espírito do jogo e do código de conduta vigente na equipe e considerados adequados aos praticantes da modalidade dentro do contexto clubístico, mas com reflexo em âmbito externo.

Os jogadores em linha hierárquica inferior vigiam a si, aos demais e, de forma silenciosa, aos comandantes que, em decorrência disso, devem apresentar ainda mais fortemente as características que exigem aos primeiros, uma vez que serão vistos como modelos exemplares de liderança e masculinidade. O comandante perderá sua autoridade e, conseqüentemente, a influência e o controle sobre o time/equipe à medida em que sua postura não mais atender aos preceitos vistos como obrigatórios a quem ocupa tal função.

A autoridade do comandante é, desta forma, conquistada e limitada pelas regras de conduta que ele mesmo impõe aos demais jogadores. Ele deve provar-se merecedor do respeito da equipe. Nesse ínterim, Almeida (1995) afirma que:

Tal como na ‘honra’, o respeito (que se pode entender como a glosa local de ‘honra’) é um bem periclitante, quer por ameaça dos outros (o mau comportamento dos que dele dependem), quer por ameaça das tentações e vícios próprios. (ALMEIDA, 1995, p. 108)

Ao afirmar que “se tiver vários comandantes no navio, ele afunda”, Caetano não renega a existência da Diretoria (composta por vários como responsável pelo

comando do Cajuína *Rugby* Clube. Trata-se de uma forma de salientar a necessidade de uniformidade nos comandos, mesmo em contextos como o do Cajuína em que 12 jogadores/as ocupam funções no organograma da Associação.

Para manutenção do regime único de comando, os componentes da Diretoria realizam um movimento de vigilância e punição, cujas medidas incluem advertências, suspensões e uso da força para com os jogadores que cometam atos considerados desrespeitosos. Esse é o mote do “boné ao chão”, instrumento citada por Simões Júnior, em que um jogador veterano, uma vez desacatado, joga o boné do infrator – ou caso este não o tenha, o boné de outro jogador ou qualquer outro objeto – ao chão e exige que ele o apanhe. Ao abaixar-se, o infrator é agredido com um tapa na nuca. Esse é o aviso mudo de que seu comportamento foi inadequado e não deve se repetir.

Em sua fala, Simões não trata o instrumento do “boné ao chão” como um ato de agressão física, mas como um ato de correção a quem cometer erro passível de punição, e de prevenção à ocorrência de novas infrações. Para o jogador, “se não houver aquele puxão ‘Ó, aqui é assim. Aqui tem essa hierarquia assim e assado’, a pessoa vai achar que pode falar do mesmo jeito com todo mundo”.

Apesar de Simões Júnior afirmar que o “boné ao chão” é utilizado pelos jogadores veteranos, o que se verificou durante a observação participante foi que o uso desse instrumento se restringe aos homens jogadores integrantes da Diretoria, constituída exclusivamente por veteranos, e apresenta como principal alvo a equipe masculina juvenil. Além disso, não se verificou durante observação participante o uso do referido instrumento punitivo pelas mulheres componentes da Diretoria, nem mesmo “LF”, treinadora da equipe masculina juvenil, a qual é rotineiramente tratada pelos componentes dessa equipe como “Senhora” (tratamento raramente direcionado aos jogadores veteranos e cujo uso se dá, principalmente, após a aplicação de algum tipo de sanção). Apesar dessa diferença de abordagem, Jonas enfatiza que “LF” exerce autoridade sobre a equipe por ela comandada:

Jonas: É, ela não alisa, não [risos]. Só vejo as brigas dela com os cara lá. Ela é a treinadora, tá no direito. Se o cara não obedece, ela manda sair fora. (GF – Sessão 2)

O “boné ao chão” é uma forma de os homens integrantes da Diretoria fazerem valer sua autoridade e darem visibilidade a si próprios, conservando e reforçando suas posições hierárquicas. Durante período de observação participante, percebeu-se serem considerados atos desrespeitosos à Diretoria e passíveis de punição com o

procedimento do “boné ao chão”: (i) uso de palavras de baixo calão e/ou que indiquem instabilidade psicológica – como “doido” e “maluco”, termos muito utilizados entre os jogadores da equipe juvenil entre si; e, (iii) execução de ações e/ou comentários vistos como insidiosos contra os integrantes da Diretoria. Citemos exemplos de cada uma dessas situações.

Em sessão de jogo-treino, as equipes masculinas adulta e juvenil comentavam sobre o jogo por elas protagonizado. Em dado momento, entusiasmado, Nuno falou a Edgar – o capitão da equipe masculina adulta: “Doido, aquele *try* foi muito louco” (DC 0306). Edgar se voltou ao jogador, perguntou do que tinha sido chamado e disse que algo havia caído no chão (o que não ocorreu). Imediatamente, os outros jogadores ficaram em silêncio, Nuno se abaixou e foi estapeado na cabeça. Depois disso, os jogadores voltaram a conversar como se nada tivesse ocorrido, inclusive Nuno que apenas falou: “Não faço mais” (DC 0306).

Em sessão de treino misto comandado pelo presidente do clube, ex-jogador de *rugby*, este falou a Guido que sua movimentação em campo estava aquém do que considerava satisfatório. Guido ouviu, nada disse e seguiu para próximo aos companheiros da equipe juvenil. Lá, o jogador mostrou sua irritação e disse: “Um ‘safinado’ dizendo que eu tô lento. É pra rir”. O presidente do clube não ouviu claramente o que o jogador de 20 anos de idade falou, mas entendeu ser algo relacionado a ele e à sua reclamação. O treinador se aproximou de Guido, deixou a prancheta que estava em suas mãos ir ao chão e ordenou que o jogador apanhasse. Nesse momento, o jogador recebeu um tapa na cabeça e ouviu do presidente que quando tivesse alguma reclamação deveria se dirigir a ele e não fazer comentários às escondidas (DC 0403).

Os jogadores participantes de sessão de grupo focal (GF) não entendem como unilateral a relação entre a Diretoria e os demais jogadores, mas como fundada na confiança e no respeito mútuo às regras e ao código vigentes no *rugby* e na agremiação. Porém, a colaboração massiva dos jogadores à manutenção da hierarquia por prerrogativa de função não significa necessariamente que seus corpos tenham sido docilizados a ponto de aceitar tacitamente receber tapas por cada ato desrespeitoso cometido. É necessário recuperar que para cada valor, conduta e comportamento solicitado pela Diretoria aos demais jogadores, há, logo ao lado, sentenças como a utilizada por Caetano: “o *rugby* passa essa questão de responsabilidade e respeito” (GF – Sessão 2). O reconhecimento e pertencimento ao

grupo de homens jogadores de *rugby* passa pela incorporação das regras vigentes naquele espaço social; o prazer e prestígio garantido pelo alcance desses objetivos leva à adaptação às exigências, sem falar na possível ambição por ascensão no grupo ao nível de assumir função na Diretoria.

O segundo fundamento institucionalizado pelo *Cajuína Rugby* foi primeiro citado por Simões Júnior em sessão de GF:

Simões Júnior: [...] Como ele [Sérgio] falou a gente tem um grupo de hierarquia. Então é presidente, diretoria, capitães, veteranos e novatos. Vou falar do que aconteceu na viagem. Muitos dos meninos não sabiam disso. Queriam tratar veteranos de igual pra igual, só que não é assim... aí caiu muito boné. (GF – Sessão 2)

Conforme a fala acima, há entre os jogadores do *Cajuína Rugby* uma **distinção por tempo de experiência** que reserva ao jogador novato menor possibilidade real de decisão sobre os assuntos relacionados à convivência com os outros jogadores e à organização clubística, outorgando-lhe a base da pirâmide hierárquica do grupo. Essa divisão foi detalhada por Estevão, jogador da equipe masculina adulta, que, integrante de comissão organizadora de torneio amistoso realizado pelo clube, designou e expôs ao grupo as funções que seriam exercidas por jogadores novatos, veteranos e “intermediários” (DC 2403).

Como jogador novato, entende-se aquele com menos de 6 (seis) meses de experiência e sem nenhuma participação em competições de *rugby*. Os jogadores veteranos são aqueles com, ao menos, 1 (um) ano de experiência e presença efetiva em competições de *rugby* (DC 2403).

Resta, ainda, um grupo intermediário de jogadores que, por apresentar em seu currículo clubístico participações efetivas em competições de *rugby*, deixa de integrar o grupo de novatos, mas ainda não contempla o tempo mínimo de prática da modalidade para ser designado como veterano. Sobre esses jogadores, Estevão afirmou não haver um termo denominativo, chamando-os informalmente de “intermediário” durante conversa com pesquisadora observadora. Essa posição é, em algum momento, ocupada por todos os jogadores de *rugby* e se caracteriza por ser um espaço temporal em que o jogador não recebe o mesmo tratamento que um novato, estando acima deste na pirâmide hierárquica, mas “não tem a pompa do veterano”, conforme Estevão (DC 2403).

Em razão de um dos critérios de inclusão amostral deste estudo incluir a prática do *rugby* há, no mínimo, 6 (seis) meses, não há jogadores novatos entre os participantes. No quadro abaixo, pode-se verificar a distribuição dos jogadores participantes entre veteranos e intermediários, equipe adulta e equipe juvenil.

Categoria de jogo	Jogadores	Tempo de prática (meses)	Classificação por tempo de prática
Equipe masculina adulta	Caetano	96	Veterano
	Jean	24	Veterano
	Simões Júnior	24	Veterano
	Frederico	12	Veterano
	Rafael	24	Veterano
	Edgar	72	Veterano
	Wagner	12	Veterano
	Raul	72	Veterano
	Estevão	12	Veterano
	Benjamin	72	Veterano
	Ramon	96	Veterano
	Natanael	24	Veterano
Equipe masculina juvenil	Jonas	7	Intermediário
	Sérgio	7	Intermediário
	Augusto	12	Intermediário
	Nuno	6	Intermediário
	David	9	Intermediário
	Vítor	8	Intermediário
	Guido	11	Intermediário
	Tadeu	18	Intermediário

Quadro 7 – Distribuição dos jogadores participantes por categoria de jogo e tempo de prática do *rugby*.

Fonte: Elaboração própria.

A superioridade institucional dos jogadores veteranos não integrantes da Diretoria sobre os novatos e os intermediários leva a que aqueles considerem como dever dos últimos a contínua expressão de respeito para com eles, praticado por meio do distanciamento social. Assim como exigido na relação com os jogadores integrantes da Diretoria, também para com os não integrantes os jogadores novatos e os intermediários devem evitar atitudes que venham a sugerir que ocupem o mesmo espaço que aqueles na hierarquia clubística, como (i) o uso de palavras chulas, (ii) execução de atos – físicos ou verbais – que venham a, conforme juízo do veterano, configurar contestação de sua superioridade ou violação de sua intimidade e/ou espaço pessoal.

O sistema classificatório baseado, dentre outros fatores, na contraposição entre veteranos e novatos também foi verificado por Silva e Ferreira (2019, p. 163) em análise das formas de masculinidades exercidas por praticantes de musculação. Consoante os autores, estar em uma dessas posições em dada circunstância determinava certo *status*, dentro e fora da academia lócus de estudo.

Uma ocasião em que se observou dentre os participantes do presente estudo a distinção entre veteranos e não veteranos ocorreu quando, em meio ao grupo de jogadores que se preparavam para dar início a torneio, um jogador novato disse: “Jean, viado”. Jean mirou o jogador e disse sério: “Você me respeite”. Ocorre que, minutos antes, Simões Júnior reproduziu diversas vezes a mesma frase por meio de uma caixa amplificadora de som. Ao companheiro veterano, Jean disse rindo: “Eita, povo ruim” (DC 2503).

Jean e Simões se definem como amigos e não apenas companheiros de equipe. Essa relação de amizade pode gerar certa liberdade para que um dirija esse tipo de comentário ao outro. Porém, essa hipótese é limitada pela presença e pelas risadas dos jogadores veteranos presentes quando Simões Júnior chamou o amigo de viado. As reações distintas de Jean para com os jogadores veteranos e os novatos denotam que não é permitido aos últimos acesso a aspectos da intimidade dos primeiros, como a sexualidade, menos ainda em tom de zombaria.

Em outro momento, durante comemoração dupla de aniversário de Raul e de uma jogadora, um jogador novato – o único presente e, aparentemente, por ser filho de uma jogadora da equipe feminina adulta – sentou ao lado de Estevão, pôs um braço sobre os ombros do veterano e tentou se inserir em conversa do grupo. Sério, mas sem demonstrar irritação, o veterano perguntou ao garoto há quanto ele praticava *rugby*, ao que foi respondido: “Dois meses”. Estevão, então, disse ao mais jovem que ele deveria “procurar a sua turma pra abraçar”, referindo-se a pessoas com aquele mesmo tempo de prática do *rugby*, e não um veterano. Cabisbaixo, o novato deixou a mesa. Wagner, que presenciou o ato repreensivo, disse: “É bom que já aprende” (DC 1605).

Contatos físicos afetuosos e prolongados não são comuns entre os jogadores participantes, como já referido. Cumprimentos por meio de apertos de mãos, tapas nas costas e um rápido tocar de ombros (tomando os devidos cuidados para não tocar outras partes do tronco) fazem parte de suas rotinas clubísticas. Ocorre que, mesmo as referidas aberturas ao contato, possuíam como critério de viabilidade o

reconhecimento do pertencimento de cada jogador a determinado subgrupo social do clube. Jogadores veteranos, assim como Wagner, raramente executavam com os novatos as formas de interação corporal anteriormente citadas, restringindo-as a companheiros do mesmo grupamento hierárquico. Para com os novatos, a interação verbal era a forma mais frequentemente utilizada pelos veteranos.

Posicionamento semelhante ao de Wagner e de outros jogadores participantes foi verificado por Silva e Ferreira (2019 p. 165), que observaram ser a distinção interna entre praticantes de musculação veteranos e novatos estabelecida também por meio de seus comportamentos diários uns com os outros. Os praticantes cultivavam o hábito de não cumprimentar ou se despedir de todos os presentes, mas apenas daqueles vistos como mais valorizados no grupo. Tratava-se essa atitude corriqueira, conforme os autores, de uma maneira de demarcar sutilmente a dimensão do prestígio, da integração e da valorização, entre e pelos homens pertencentes àquele grupo social.

Um outro modo, dentre os participantes do presente estudo, de ratificar a posição hierárquica dos jogadores novatos e intermediários é delegar-lhe obrigações rotineiras relacionadas ao conforto de todo o grupo de jogadores e que demandam esforço físico em maior intensidade do que aquelas designadas aos veteranos. A atividade mais comum, como citado por Jean, é a disponibilização de água e/ou bebida alcoólica pelos jogadores novatos ao restante do grupo. Para comprovar essa prática habitual, o jogador lembra que Simões Júnior, ao ingressar no time, exerceu essas atividades: “E aí Simões, foi pegar muita água? ‘Bora novato, vai buscar cerveja, vai buscar água” (GF – Sessão 2).

Situação semelhante à descrita por Jean ocorreu em torneio organizado pelo *Cajuína Rugby*. Um documento elaborado pela Diretoria, com a participação de veteranos não integrantes desse grupo, designava as funções a serem executadas por cada grupo de jogadores: veteranos, intermediários e novatos. Aos veteranos caberiam: (i) a organização da tabela de jogos; (ii) a recepção e o acompanhamento dos jogadores visitantes durante todo o torneio para auxiliá-los em caso de necessidade; (iii) a venda de bebidas e produtos alimentícios – afora aqueles que seriam distribuídos gratuitamente – durante o terceiro tempo. Aos jogadores intermediários foram determinadas: (i) a organização do refeitório com distribuição de cadeiras e mesas; (ii) durante o almoço, a organização dos jogadores presentes e a distribuição das refeições gratuitas; (iii) a distribuição de depósitos de lixo por todo o

território do clube. Já os jogadores novatos deveriam: (i) demarcar todo o campo de jogo, atendendo ao regulamento oficial do *rugby*; (ii) disponibilizar água potável durante todo o período de realização dos jogos e a todos os jogadores, inclusive aos visitantes; (iii) verificar o uso adequado dos depósitos de lixo, inclusive do banheiro masculino, e realizar a limpeza dos locais em que se fizer necessário.

É interessante recuperar que, em sinal de apoio à prática de sujeição dos jogadores novatos, Jean reclama o direito de constranger os novatos assim como ele foi outrora: “Não é só chegar e pegar o barco andando não. [O novato] Tem que passar pelo que a gente passou” (GF – Sessão 2). Observa-se que o ordenamento hierárquico constitui ritual de passagem – do novato ao intermediário e, enfim, ao veterano – em que após cumpridos determinados atos e provas, o jogador passará a integrar novo *status* na estrutura social do *rugby* que lhe garantirá prestígio e prerrogativa para dar ordens aos “novatos vindouros e, possivelmente, assim como também observado por Silva e Ferreira (2019, p. 170), reproduzir as opressões outrora sofridas.

É como se tratar um jogador novato ou intermediário como hierarquicamente inferior representasse a vitória do veterano no campo do *rugby*. Presenciar a resignação do novato às leis hierárquicas enaltece a história e a posição atual do veterano. Lembrando que Simões Júnior, Sérgio e Caetano vinculam ao sistema de classificação os significados de respeito e disciplina, não se tratando, portanto, somente de um instrumento puramente sádico, mas educativo.

Tomando por base os relatos e fatos acima descritos, a pirâmide social do Cajuína *Rugby* Clube apresenta mecanismos de disciplina e exame do novato que busca ascender a uma nova condição na equipe, e do veterano que pretende manter sua posição privilegiada. Ambos os jogadores são educados – e educam uns aos outros – para respeitar ao código de convivência vigente no ambiente do clube: os novatos para obedecer aos comandos dos superiores hierárquicos; os veteranos para não ultrapassar a fronteira que os separa dos outros jogadores sob risco de perder sua autoridade sobre eles e aos olhos de outros que ocupem a mesma posição. Nenhum dos jogadores goza de autonomia completa.

Apesar do regramento, em contexto clubístico, das possibilidades de relação entre os jogadores, a polarização não era a única forma de interação entre as distintas castas do Cajuína *Rugby*. Jean, Sérgio e Simões Júnior ressaltam momentos de interação amistosa que resultariam, ao fim, em novos aprendizados a todos:

Sérgio: É importante a hierarquia, mas tem também aquele momento de entrosamento, brincadeira, onde mesmo o mais veterano se entrosa com o novato. Não fica uma convivência muito restrita, tipo: 'Só fala comigo pra isso'.

Jean: Tem o pós-jogo. E aí Simões, foi pegar muita água? 'Bora novato, vai buscar cerveja, vai buscar água'. É uma coisa que vem das lutas também.

Simões Júnior: A gente tem esse momento. Só que não pode perder o respeito.

Jean: Não é só chegar e pegar o barco andando não. [O novato] Tem que passar pelo que a gente passou. Mas tem também muita troca no *rugby*. Nas lutas é parecido. O veterano vem te ajudar. Quando você aprender o que ele te ensinou, vai passar pra outro novato. Isso vai do branco ao preto, ao coral. É certo que alguns lutadores têm algumas restrições comportamentais: 'Porque eu sou faixa preta, eu vou me isolar'. Não é pra ser assim. A gente pratica esporte justamente pra mudar essa visão. A gente vive muito essa troca no *rugby*. O 'Junin' e eu entramos juntos no time, mas ele se destaca e já passa muita coisa pra gente. (GF – Sessão 2)

Percebe-se nas falas dos jogadores uma preocupação em mostrar que o esporte tem potencial de união e formação de seus praticantes. “A troca” de saberes, usando o termo citado por Jean, pressupõe os novatos como pupilos dos veteranos. Serão estes que ensinarão àqueles os fundamentos técnicos, as regras, os valores e princípios do espírito do *rugby*. A busca por orientações de veteranos outrora novatos também foi verificada por Silva e Ferreira (2019, p. 170) entre praticantes de musculação.

Deve-se que, como lembra Simões Júnior, os momentos de interação menos restrita entre os jogadores devem ser realizados tomando-se os devidos cuidados para não “perder o respeito”, atributo necessário para a manutenção da ordem no clube, como disse Caetano anteriormente. Além disso, o pós-jogo (também chamado terceiro tempo), referido por Jean como espaço de interação é, ao mesmo tempo, o momento em que as distinções em decorrência da hierarquia são mais visíveis, como já discutido aqui.

Uma outra ocasião no Cajuína *Rugby* em que se visualizou um momento de interação mais próxima entre jogadores de diferentes níveis hierárquicos ocorreu após jogo-treino em que equipes masculinas adulta e juvenil se enfrentaram. Caetano, membro da Diretoria e um dos líderes da equipe masculina adulta, solicitou que todos os jogadores se reunissem e distribuiu cerveja a todos os presentes para que pudessem beber juntos (DC 1504).

Pagar bebidas e ingeri-las com um grupo em posição hierárquica inferior à sua pode ser entendido como um movimento de reiteração da noção de união do grupo, de constituição de uma comunidade em que a igualdade seria aspecto fundamental. Porém, é necessário recuperar que neste mesmo evento, como já exposto neste trabalho, um jogador veterano, ao ouvir o questionamento de um novato sobre o modo de abertura de uma garrafa de bebida, respondeu: “Bater punheta sabe, bate até pros outros, mas abrir uma cerveja não”. Todos os jogadores presentes riram do comentário, com exceção daquele que lançou a questão (DC 1504).

É cabível refletir sobre a reação dos jogadores caso fosse o jogador novato aquele a pôr em dúvida a orientação sexual do veterano. Teria o novato a mesma liberdade que o veterano, ou a igualdade pregada pelo grupo é relativa? Como alerta Almeida (1995, p. 124),

[...] a ideia de igualdade implica tanto a comunhão como a competição, a amizade como a rivalidade. [...] E é isso que se passa com as manifestações constantes de amizade, repetidas pela retórica da pergunta e da reiteração, ao mesmo tempo que se está sempre a desafiar o ‘poder de encaixe’ dos outros com provocações e, amiúde, se coscuvilha sobre os ausentes. (ALMEIDA, 1995, p. 124)

4.3.1.1. Categoria juvenil X categoria adulto: a estabilidade imaginada da masculinidade

Tratamos anteriormente dos critérios oficiais de composição da pirâmide hierárquica do Cajuína *Rugby* Clube. Aqueles são expostos e defendidos publicamente pelos jogadores participantes como aspectos necessários e característicos do *rugby* e de outras modalidades, como as lutas.

Compõem a equipe masculina adulta do Cajuína *Rugby* Clube, homens com idades a partir de 21 anos. Como a expressa maioria dos jogadores novatos se apresenta ao clube em idade compatível para inserção na categoria masculina juvenil (até 20 anos de idade, segundo integrante da Diretoria), são os integrantes dessa equipe os mais atingidos pelo tratamento diferenciado em razão de hierarquia, seja por prerrogativa de função, seja por tempo de experiência do *rugby*. Porém, os eventos a seguir mostram além dessas possibilidades, há ainda formas de masculinidades diferenciadas e hierarquizadas entre adolescentes e adultos.

Em determinado momento de um jogo-treino, a equipe juvenil superou a equipe adulta em 14 pontos no placar. Inconformado ao ver a equipe adversária converter

mais um *try*, Natanael (21 anos, atleta de handebol) – reclama a seus companheiros: “Vamo’ jogar como adulto” (DC 15-04).

Os jogadores da equipe adulta possuem maior tempo de prática do *rugby* do que os componentes da equipe juvenil, o que aumenta a possibilidade de apresentarem também melhor rendimento em campo. Entretanto, a solicitação de Natanael reflete a responsabilidade conferida aos homens da equipe adulta em se mostrar superiores à equipe juvenil no que concerne ao desempenho esportivo.

Outra ocasião em que foi possível visualizar a hierarquia entre as categorias juvenil e adulto se deu quando, ao presenciar Vítor (18 anos, estudante) confirmar participação no presente estudo, Wagner (22 anos, empresário) perguntou rindo: “E tu é homem?”. O jogador mais jovem respondeu: “Eu sou homem. Muito homem”. Após essa fala, a interação entre os dois não teve prosseguimento (DC 1002).

Situação semelhante ocorreu quando, momentos antes do início de torneio amistoso, Estevão (27 anos, tecnólogo em radiologia) se dirigiu aos jogadores do *Cajuína Rugby* para informar os horários de jogos. O veterano disse: “O masculino joga às 9 e o juvenil às 10”. Atento à fala, Jonas (18 anos, estudante) perguntou: “E o juvenil não é masculino?”. O questionamento foi endossado por Guido (20 anos, estudante), que acrescentou não ser aquela a primeira vez que se referiam de forma distinta às categorias. Assim como os outros jogadores presentes (veteranos, novatos e intermediários), Estevão mirou os jogadores mais novos e nada respondeu (DC 2503).

Outro fato cuja recuperação se faz pertinente, foi a reação de Simões Júnior (23 anos, estudante) ao ser informado pelos companheiros de equipe sobre o secador de cabelos levado por “A” (15 anos, estudante) a torneio de *rugby* no Maranhão: “O que está acontecendo com a equipe masculina? Ainda bem que era no juvenil” (DC 2202). O uso de procedimento e produto estéticos associados ao feminino reflete, conforme a queixa de Simões Júnior, permissividade incompatível com a conduta esperada para a equipe adulta. Entretanto, Simões Júnior apresenta comportamento flutuante: ora constrange a equipe juvenil em decorrência do ato de um jogador, ora defende esse mesmo ato como direito de todos os homens (DC 2502), independentemente da idade.

Os eventos acima descritos demonstram que para cada categoria etária – adulto e juvenil – correspondem condutas e formas de masculinidades distintas, sendo aquela expressa pelos jogadores mais velhos definida como referência para as outras.

A idade cronológica se apresenta, então, como mais uma componente de ordenamento hierárquico das masculinidades em razão dos valores a ela atribuídos.

Ressalva-se, contudo, que a valoração inferior conferida aos garotos e rapazes pode ser atribuída também aos homens mais velhos, quando a estes são associados elementos concebidos como próprios aos primeiros, como a fragilidade e a ciancice. Essa vinculação é motivo de preocupação de Caetano (28 anos, bombeiro militar).

Em dada sessão de treino da equipe masculina adulta, o jogador supracitado afirmou que aquela teria dois objetivos: (i) corrigir os erros cometidos em partida contra a equipe masculina juvenil (jogo em que Natanael pediu que os companheiros jogassem como adultos), e (ii) “ensinar” à equipe a não mais chamá-lo de Caetaninho. O segundo objetivo foi o primeiro a ser contemplado em sessão. Os jogadores tiveram de realizar uma sequência de 10 flexões de braço e corrida de 5 minutos para cada vez que o treinador foi, em treino anterior, chamado pelo diminutivo de seu nome, 4 (quatro) vezes no total (DC 1704).

Apesar da punição, Simões Júnior e Jean não deram importância à reclamação de Caetano. O primeiro – que, em grupo focal (GF), patrocinou a noção de que os jogadores não devem tratar seus superiores hierárquicos como se iguais fossem – perguntou ao último: “Não posso te chamar de Caetaninho, Caetaninho?”. Jean (29 anos, instrutor de musculação) sorriu e disse: “Pode sim. Pode não Caetaninho?” Pela repetição do termo, Caetano exigiu a realização de 20 agachamentos. Após mais essa bateria de exercícios punitivos, a infração não voltou a ocorrer (DC 1704).

Questionado sobre a razão de não aceitar ser chamado de Caetaninho, o jogador respondeu que crianças são chamadas pelo diminutivo de seus nomes, não homens adultos. Para o veterano integrante da Diretoria, em sua idade somente pessoas do seu mais íntimo círculo de convivência, como a mãe e a esposa, teriam liberdade para tal (DC 1704). Logo, chamá-lo pelo diminutivo seria uma forma de infantilizar Caetano, o que reduziria seu prestígio frente aos outros homens jogadores.

Alguns jogadores não participantes deste estudo demonstram incômodo ao serem chamados no diminutivo, mas isso não se trata de uma regra (DC 1704). Simões Júnior, por exemplo, durante sessões de GF foi chamado de Juninho por Sérgio (18 anos, estudante) e Jean, e não referiu ou demonstrou constrangimento algum.

Tomando os eventos e relatos acima descritos, o ordenamento hierárquico das masculinidades entre os jogadores de *rugby* participantes pode ser representado da seguinte forma:

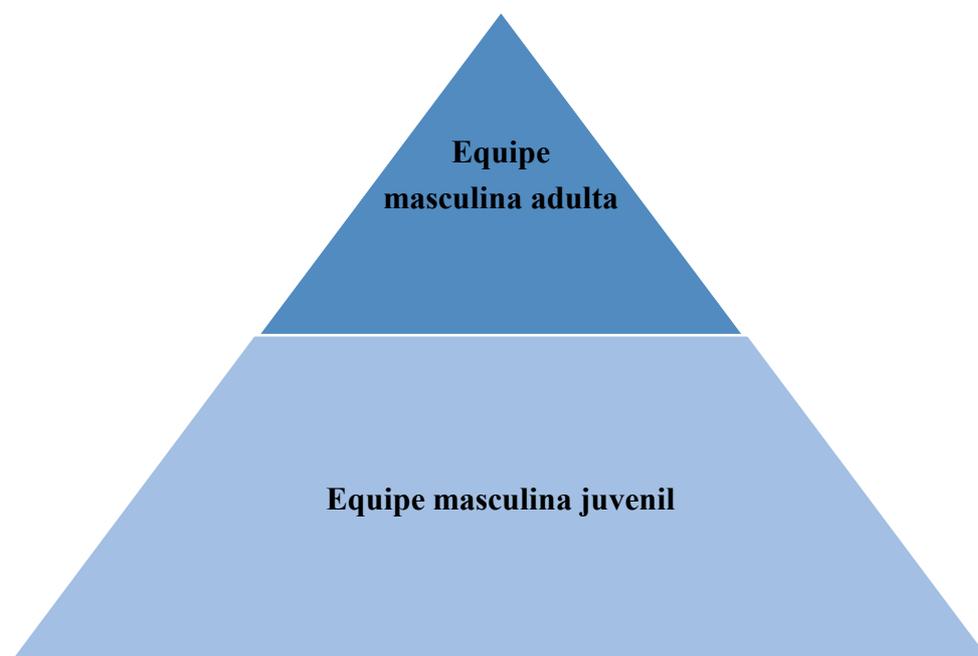


Figura 12 – Ordenamento hierárquico de masculinidades entre jogadores do Cajuína Rugby Clube.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) (1967, p. 9), “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. O enunciado desnaturaliza o ser mulher e, por consequência, o gênero como estrutura dada e irretocável. Certos valores e comportamentos sociais atribuídos às mulheres e aos homens não podem ser pensados como biologicamente determinados. Para a filósofa, apenas o movimento de mediação de outros poderá constituir o sujeito como Outro. Fazendo as devidas ressalvas, a tese de Beauvoir pode ser estendida aos homens: o ser homem é um processo.

Ser homem, portanto, não se reduz a ter órgãos sexuais masculinos. Ser homem implica ter “um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados”; ou seja, o homem está “em constante processo de construção” (ALMEIDA, 1995, p. 83).

Os jogadores da equipe adulta, em geral, percebem a constituição da masculinidade como um processo somente até o alcance de determinada idade. Ao alcançar a faixa etária adulta, lograr-se-ia a quantidade e a diversidade de

experiências necessárias à consumação do projeto de ser homem. Deste modo, a constituição de suas masculinidades estaria finalizada e, se não exatamente condizentes com o que o grupo social a que pertencem defende como ideal, mas a seu ver, estariam próximas a isso. Por outro lado, para os homens jogadores da equipe adulta, os garotos e rapazes da equipe juvenil estariam “em processo” de se tornarem homens de fato e expressarem os atributos e significados associados a esse gênero.

Já entre os jogadores da equipe juvenil, observa-se um movimento de negociação com a masculinidade hegemônica no âmbito clubístico, aquela expressa pelos jogadores da equipe adulta. Ao mesmo tempo em que anuem a determinados elementos e atributos constituintes dessa forma de masculinidade, solicitam dos superiores hierárquicos respeito às suas próprias masculinidades, afinal, conforme Jonas, o juvenil também é masculino (DC 2503).

Essa configuração de condutas e masculinidades para cada faixa etária pode ser compreendida por meio do conceito de idade proposto por Pocahy (2013, p. 138): uma “categoria política, histórica e contingente”, que dificilmente pode ser pensada de forma isolada, pois é assinalada por intersecções com outras categorias, como o gênero. Isso significa que, ao mesmo tempo em que a idade confere *status* de humanidade em distintas formas e condições político-culturais, organizando a vida, o gênero fixa fronteiras que cercam as vivências e buscam conservar perenes determinados atributos em cada faixa etária, e delimitar as possibilidades de contestação e ressignificação destes.

Ao usar a idade como dispositivo de regulação e uniformização das masculinidades, os jogadores refutam ideia de Connell e Pearse (2017, p. 208-211), as quais entendem que mesmo as políticas de identidades que movimentos sociais – como de cor/raça, gênero, orientação sexual etc. – têm reivindicado por base, se analisadas em profundo, demonstram-se menos sólidas do que se pode pensar, não podendo ser tomadas como padrões estáveis de personalidade. Para as autoras, a identidade pode ser entendida como uma posição de fala que, uma vez inscrita em um discurso de gênero, pode ser tomada ou abandonada pelo sujeito em diferentes momentos.

Nesse íterim, para Connell e Pearse (2017, p. 202), “o aprendizado de gênero pode ocorrer a qualquer momento em que uma pessoa encontra relações de gênero no curso da vida cotidiana”. As autoras acrescentam que dispor de uma identidade

unitária seria refutar a diversidade e a mudança, o que concorreria para que reformas nas ordens e regimes de gênero exigissem a homens e mulheres, como parte do processo, a perda de si.

É Frederico quem, dentre os jogadores da equipe adulta, questiona a associação direta entre idade, maturidade e rigidez identitária. Em sessão de grupo focal, o jogador sugeriu que homens homossexuais teriam melhor aceitação na equipe adulta do que na juvenil em razão de distintos níveis de maturidade entre as categorias, mas o jogador reconheceu também que essa associação direta entre idade cronológica e aspectos subjetivos podem ser imprudentes:

Mediadora: Você acha que teria diferença com o juvenil?

Frederico: Eu acho que sim. Acho que a preparação deles mental. A experiência de vida conta muito. Maturidade é o termo correto. Acho que a maturidade deles não tá bem – nunca tá, né – não tá estabilizada o suficiente, mas talvez eu esteja sendo preconceituoso. Pode ser que eles sejam mais maduros do que eu. Mas eu acho que teria um buchicho e tal. (GF – Sessão 1)

Questionado sobre as diferenças entre as masculinidades de jogadores das equipes juvenil e adulta, Frederico ponderou que citou o *rugby* como um dos dispositivos cujos saberes tecem influência sobre a modulação destas:

Mediadora: Frederico, você disse que um homem gay, talvez, sofresse preconceito da equipe juvenil e que a maturidade teria força sobre isso. Você acha que é diferente a masculinidade da equipe adulta e da equipe juvenil?

Frederico: eu acho que pela maturidade de alguns, mas não todos. Tem um pessoal bem maduro no *rugby*. Mas o *rugby* já prepara ele pra isso também. [...] Termina que trabalha muito a maturidade da gente, a relação em sociedade. (GF – Sessão 2)

Sobre o efeito de processos educativos em diferentes faixas etárias, Le Breton (2007, p. 9) afirma que “o corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo social”. Mas o processo de aprendizagem das modalidades e dos significados corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitado à infância – fase em que, conforme os relatos dos jogadores em sessão de grupo focal, a família ocupa centralidade no ensino das possibilidades e dos limites dos corpos nas relações sociais. Essa aprendizagem perdura durante toda a existência conforme os sistemas simbólicos – entre eles o

rugby, como citou Frederico – e as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida.

Já se referiu nesse texto que a interação entre jogadores novatos e veteranos participantes envolve, ao mesmo tempo, restrições comportamentais e trocas de saberes. Esse último aspecto é trabalhado, principalmente, pelos veteranos e direcionado aos novatos. Tratando sobre esse elemento, Silva e Ferreira (2019) citam a imitação das formas de intervenção dos praticantes de musculação mais experientes sobre seus corpos como uma forma de ensino (in)direto dos recém-chegados.

Alguns [novatos] raspavam o cabelo com intenção de se igualarem visualmente a esses veteranos (havia a ideia de que, quanto “menos cabelo”, os músculos ficariam mais evidentes). Outros começavam a deixar cair os pesos no chão propositalmente para mostrar que estavam no mesmo ‘ritmo intenso’ de malhação dos antigos. Com o passar do tempo, eles não demonstravam mais o nojo inicial de se sujar de graxa e até o faziam com ostentação para demonstrar que também estavam ‘treinando pesado’. Outros desses novatos e/ou os mais jovens cortavam e faziam pequenos rasgos em suas blusas com tesouras para se vestirem da mesma forma que os veteranos. (SILVA; FERREIRA, 2019, p. 164)

Para os autores supracitados, as atitudes e comportamentos dos praticantes de musculação refletem a reprodução por alguns homens de modelos de “uso do corpo, esquemas valorizados pelo grupo mais prestigiado, isto é, considerado ‘mais homem’” (SILVA; FERREIRA, 2019, p. 168-169). Como ressalta Frederico ao citar o desenvolvimento da maturidade para conviver com as diferenças como resultante do processo educativo gerado no âmbito da prática do *rugby*, as trocas entre novatos e veteranos não incluem somente os saberes relacionados às regras e fundamentos técnicos e táticos, mas também os atributos valorizados pelo grupo, principalmente pelos ocupantes de maior *status* social.

Nesse ínterim, a competitividade, uma componente de reconhecimento do sujeito como homem jogador de *rugby*, era insistentemente buscada pelos jogadores novatos. Valorizado pelos jogadores veteranos e cobrado em sessões de treino, o bom desempenho esportivo (lembra-se, definido por “F” como superior na equipe adulta) seria um modo de uso dos corpos que poderia aproximar os jogadores novatos, ocupantes do primeiro nível – de baixo para cima – da pirâmide hierárquica do Cajuína *Rugby*, daqueles mais próximos do topo desta. Reproduzir ou superar o rendimento da equipe adulta são considerados pela equipe juvenil como formas de alcançar a confiança e o reconhecimento detidos por aquele grupo frente aos demais

jogadores, como se pode verificar nos eventos oriundos de observação participante descritos a seguir.

Em jogo-treino contra a equipe adulta, a equipe masculina juvenil demonstrou bastante ansiedade, reunindo-se antes da partida e entoando palavras de motivação e de ordem: “Vamo jogar concentrado hoje”; “Vamo pra cima”, “Caiu, levanta e continua”, “Se a gente jogar direito, sério, a gente ganha”. Enquanto isso a equipe adulta, também reunida, tecia comentários sobre assuntos em nada relacionados ao *rugby* e somente tratou sobre a partida para definir quais seriam os jogadores titulares (DC 1504).

A equipe juvenil se mostrou organizada e eficiente, como poucas vezes o foi durante período de observação participante, vencendo a partida com 21 pontos de diferença sobre a equipe adulta, cujos integrantes deixaram o campo desapontados com seu rendimento e, em alguns, irritados e tecendo reclamações aos companheiros. Foi nessa partida que Natanael, ainda durante o jogo, disse ao seu time: “‘Vamo’ jogar como adulto” (DC 1504). Tomando o sentido da frase do jogador, pelo resultado da partida, quem jogou como adulto foi a equipe juvenil.

Em outra sessão de treino, a equipe masculina juvenil demonstrou, no mesmo dia, performances esportivas distintas contra a equipe feminina e a equipe masculina adulta. Enquanto contra a equipe feminina, os jogadores da equipe juvenil demonstraram pouca concentração e competitividade, quando enfrentaram a equipe adulta esses elementos foram explorados em intensidade significativamente maior. Os jogadores se reuniram, discutiram aspectos táticos a serem utilizados em campo, enunciaram discursos motivacionais e por apenas um *try* de diferença não venceram o jogo. A equipe masculina, que em jogo-treino citado anteriormente não fez nenhum movimento de preparação – a não ser alongamento e aquecimento –, dessa vez executou ações preliminares similares àquelas realizadas pela equipe juvenil (DC 1504).

A manutenção de níveis de competitividade nas partidas de *rugby* são utilizadas, por ambas as equipes, como formas de demonstrar a adoção de determinadas masculinidades valorizadas naquele meio social. Considerados pertencentes a uma categoria inferior de homens ou ainda não qualificados como homens, os jogadores da equipe juvenil buscam por meio rendimento esportivo galgar melhor espaço e maiores dividendos no espaço clubístico.

Em academias de musculação, Silva e Ferreira (2019, p. 165) observaram que, para alcançar determinado nível de respeitabilidade no ambiente, os novatos passaram a repetir cotidianamente determinados comportamentos e elementos das identidades masculinas dos denominados marombeiros mais experientes, entre os quais: (i) treinar em grupos, dominando dado espaço da academia e, sozinhos à medida que adquirissem confiança e segurança; (ii) estabelecer relações jocosas quanto aos limites da dor; (iii) fazer uso de ações com certo de agressividade como modo de cumprimentar o outro; e, (iv) aumentar a carga de treinamento, mesmo que trouxesse danos físicos a seus corpos – importa o aumento do volume muscular corporal.

Entre os jogadores da equipe juvenil, percebe-se comportamento semelhante ao verificado pelos autores acima citados. Já se discutiu nesse texto diversos elementos caracterizadores das masculinidades dos jogadores participantes, inclusive aqueles considerados essenciais ao homem rugbier, como a fisionomia corporal, a adoção do espírito do *rugby* e a restrição ao toque em corpos masculinos.

Contudo, o elemento com maior destaque na luta pelo reconhecimento das masculinidades dos jogadores da equipe juvenil é a capacidade de manutenção dos níveis de competitividade. É a partir desse elemento forjado no interior da masculinidade hegemônica que o sujeito pode mostrar potencial para afastar de si sinais de vulnerabilidade, como o medo e a fraqueza, e se revestir de autoridade para exercer domínio simbólico sobre outrem.

É o jogo propriamente dito o palco (com direito a público) do embate entre jogadores da equipe juvenil e da equipe adulta pela ascensão hierárquica – e, pode-se dizer, a constituição de novas hierarquias de masculinidades –, no primeiro caso, e pela manutenção do *status quo*, evitando a reestruturação dos valores e da convivência homosocial no espaço clubístico, no segundo caso. O capital físico dos jogadores, o seu fazer esportivo, transforma-se em capital social distintivo nas relações de gênero.

A ação da equipe juvenil e a reação da equipe adulta indicam que, no sistema de estratificação de masculinidades expresso no Cajuína *Rugby* Clube, bons níveis de rendimento esportivo podem levar a que jogadores da equipe alcancem um *status* superior na hierarquia, ameaçando a estrutura que determina a equipe adulta como dominante.

4.3.2. Treino misto: os reflexos das sessões de treinamento coletivo sobre as masculinidades e as relações de gênero

Em 2018, ano da coleta de dados e informações juntos aos jogadores de *rugby*, a distribuição semanal das sessões de treino das equipes do Cajuína *Rugby* Clube ocorria da seguinte maneira:

- Equipes femininas adulta e juvenil: às terças e quintas, às 18 horas;
- Equipe masculina juvenil: às terças e quintas, às 18 horas;
- Equipe masculina adulta: às terças e quintas, às 21 horas;
- Treino coletivo: aos sábados, às 16 horas; aos domingos, às 8 horas; e, aos feriados e pontos facultativos, em horário a combinar.

A definição dos dias e horários de treino contemplava a disponibilidade dos jogadores/as para comparecimento. Porém, essa escala atendia apenas a um critério organizacional da agremiação, não havendo a proibição à presença de jogadores ou jogadoras em horários distintos àqueles reservados às suas equipes originais. A validade das sessões de treino não era prejudicada pelo consentimento ao treinamento coletivo.

É a partir da convenção do treino misto, ou coletivo, que seguiremos a tratar das possibilidades de atuação do *rugby* na constituição das masculinidades, enfatizando dessa vez os reflexos destas sobre a convivência entre homens e mulheres jogadoras, e vice-versa.

Sobre o efeito da organização do clube em torno de treinos mistos sobre os padrões estereotípicos de masculinidades e feminilidades, Caetano afirmou:

Caetano: Quebra [os estereótipos]. Já no primeiro treino a gente percebe isso porque não há só homens instrutores. Os novatos sempre passam pelo máximo de formação. Eles pegam instrução com o feminino, instrução com os treinadores do masculino e, no final, uma instrução com todos do time. Então, o novato já quebra aquela ideia de que *rugby* é só pra homem. Não, tem mulher treinando. Tem uma mistura. (GF – Sessão 2)

A equipe masculina juvenil é comandada por uma mulher jogadora, “LF”, e tem como auxiliar técnico o jogador da equipe masculina adulta, Raul. Essa configuração considera o preparo dos citados integrantes da comissão técnica para execução de suas funções em nível satisfatório, mas também, conforme Caetano, atende a propósito do clube de, a partir da abertura de possibilidade de convivência entre

homens e mulheres em ambiente de prática do *rugby*, mostrar que tanto eles quanto elas, “todo mundo pode jogar *rugby*” (GF – Sessão 2):

Caetano: [...] têm homem e mulher treinadores pra pessoa não ficar achando que *rugby* é só pra homem. Tem sempre uma mulher treinando. O adulto [equipe masculina adulta], fica mais complicado por causa do horário [de treino]. (GF – Sessão 2)

Sérgio e Frederico endossam a fala de Caetano quanto à importância do treino misto para as relações de gênero:

Sérgio: [...] As mulheres são tratadas diferente por causa disso e daquilo, e tal. O esporte meio que tem a capacidade de mostrar pra gente que não é bem assim, de ensinar as pessoas a respeitar uns aos outros pela pessoa que é, independente se é homem ou mulher. E, especificamente o *rugby* porque a gente tem treinadoras mulheres com muita experiência (que já foram da seleção) e a gente tem aquele respeito por elas. Até porque a gente vai aprender a jogar, a fazer as coisas, com elas. Eu não sei nas outras equipes, mas no Cajuína, o juvenil treina, joga, jogo mesmo, com as mulheres. Jogo valendo, porrada, *tackle*. E a gente vê que fica de igual pra igual. Mesmo que os homens tenham mais massa, por uma questão biológica ou genética, mas, mesmo assim, a gente ainda joga de igual pra igual com elas. E, às vezes, ganha. Às vezes, não ganha. A gente vê que não tem muita diferença da gente pra elas, dos homens pra elas. A pessoa que não tem esse pensamento de tratar igual (que eu sempre tive, né) passa a aprender essas coisas. A tratar como pessoa, pelo que a pessoa é, pela experiência de vida dela e não porque é mulher ou porque é homem.

[...]

Frederico: [...] o esporte ensina a conviver. Os treinos do Cajuína são mistos. Isso facilita essa convivência entre homens e mulheres no clube. Dá uma noção de sociedade maior. (GF – Sessão 2)

Questionados sobre a convivência com homens e mulheres jogadoras, Sérgio e Jonas, ambos da equipe masculina juvenil, elogiam a postura das companheiras de clube durante as sessões de treino, posturas estas diferentes daquelas adotadas pelos demais integrantes de sua equipe:

Mediadora: E quando o treino é misto, equipe masculina e feminina juntas, é diferente de treinar entre homens somente?

Jonas: É.

Mediadora: Em quê?

Sérgio: As meninas são menos teimosas.

Jonas: É, são mais educadas e sabem escutar.

Sérgio: As meninas do adulto, como já tem certa independência, elas contestam as ordens do treinador e tal. Mas é com respeito e elas sabem o que tão falando. Quando elas viram pro treinador não é pra falar besteira. Tem sentido o que elas falam. Tipo, é sempre algo sobre regras e o jeito certo de fazer um movimento. As meninas do juvenil,

elas ficam quietinhas na dela, prestam atenção. Já no nosso [equipe masculina juvenil] não é assim. O pessoal não cala a boca.

Jonas: É, falam direto.

Sérgio: É conversando e não presta atenção. A pessoa [treinadora] tá bem aqui e fala: 'Oh, vocês vão fazer isso, isso e aquilo'. E a pessoa [jogador do juvenil masculino] tá pensando na morte da bezerra. Aí quando chega a vez dele [executar o exercício de treinamento], ele não sabe o que fazer, ele tá boiando. (GF – Sessão 2)

A disciplina das jogadoras é pontuada por Sérgio como responsável pelo desempenho louvável da equipe em competições oficiais. O jogador que, se houvesse se inspirado na equipe feminina, a equipe masculina juvenil teria conseguido melhor a execução de fundamentos técnicos, como o passe, e, conseqüentemente, seu rendimento esportivo.

Mediadora: Pra vocês, hoje, qual a melhor equipe do Cajuína, masculina adulta, masculina juvenil ou feminina adulta?

Sérgio: Pelos resultados, é o feminino.

Jean: Disparado.

Sérgio: O juvenil agora que tá começando a sair [para campeonatos], a fazer alguma coisa. Mas, o feminino é que tá ganhando campeonato. Vai pro Super Sevens. Acho que se no juvenil todo mundo escutasse, prestasse atenção nos treinos, fizesse as coisas com vontade e não ficasse com preguiça de fazer as coisas, se entrosasse mais em vez de ficar brigando, eu acho que daria certo, porque se você for assistir um jogo das meninas, a que corre é a DF, porque é ponta obviamente, mas as outras não tem aquela coisa de dar muito *side step* não. É mais é passe. É entrosação. Elas sabem fazer os passes. E isso a gente [equipe masculina juvenil] não tem ainda. Se tivesse esse tomado esse caminho, eu acho que já teria dado tempo. (GF – Sessão 2)

Também jogadores da equipe masculina adulta tecem elogios à equipe feminina adulta. Durante jogo-treino da equipe feminina contra o time masculino (dessa vez com jogadores das equipes juvenil e adulta), Raul enalteceu a velocidade e agilidade de "DF" com e sem a posse de bola. Esquivando-se rapidamente dos ataques dos homens jogadores, "DF" converteu três *tries*. O quarto *try* foi evitado por Simões Júnior, único jogador em campo com qualificações físicas, técnicas e táticas suficientes para interromper o avanço da jogadora (DC 0104).

O envolvimento conjunto de homens e mulheres em jogos e outras atividades de treinamento é fato comum no Cajuína *Rugby* Clube. Entretanto, cabe dar atenção à forma como as sessões são estruturadas pela Comissão Técnica, pois esta parece, em determinados momentos, prezar pela similaridade de tratamento e cobrança a homens e mulheres, e em outros, pela condução distinta de exercícios e atividades a depender do gênero dos/as participantes.

Um momento em que o emprego de tratamento similar a homens e mulheres jogadoras pôde ser verificado ocorreu em sessão de treino da equipe masculina adulta em que a única mulher participante era a pesquisadora observadora. Durante exercício de treinamento do fundamento passe, com dificuldade para executar a recepção em movimento, a pesquisadora solicitou ao jogador responsável por lhe enviar a bola que reduzisse a distância entre os dois. O jogador respondeu “Tu tem que aprender mulher”, e manteve entre ele e a pesquisadora a mesma distância tomada pelos demais jogadores presentes (DC 0504).

Em outra ocasião, os homens jogadores e a pesquisadora observadora deveriam executar uma finta com a bola: correr à máxima velocidade com a bola em mãos e quando próximo ao adversário, lançar a bola sobre o corpo deste, mudar a direção da corrida e retomar a posse da bola antes que esta caísse ao chão. Foram inúmeros os erros cometidos, tanto pelos jogadores quanto pela pesquisadora. Rafael, treinador responsável por aquela sessão, orientou da mesma forma a todas as pessoas presentes, inclusive demonstrando ele próprio como executar o exercício (DC 2604). Essa atitude indistinta perdurou durante todas as sessões de treino da equipe masculina adulta, sessões estas em que a pesquisadora observadora foi a única mulher presente.

Sérgio, Simões Júnior e Jonas afirmam não haver distinção no esforço físico envidado também em jogos contra homens jogadores e contra mulheres jogadoras:

Mediadora: Quando vocês jogam contra a equipe feminina, vocês se esforçam na mesma intensidade que quando jogam contra outro time masculino?

Sérgio: Eu, sim.

Jonas: Eu também. Até porque, se não chegar duro, vão reclamar do mesmo jeito. Então é melhor chegar batendo mesmo.

[...]

Simões Júnior: Tem diferença no início, eu acho, porque não é comum você jogar com mulheres. Mas com o tempo fica normal. Eu jogo com as meninas, no mesmo time ou em outro, e me esforço do mesmo jeito pra ganhar. (GF – Sessão 2)

Em outro momento já citado nesse tópico, Sérgio afirmou que os jogos entre a equipe masculina juvenil e a feminina abrangem “porrada” e *tackle*, “jogo valendo” (GF – Sessão 2). Nessas ocasiões, conforme o jogador, apesar das vantagens biológica e genética do homem sobre a mulher quanto à massa muscular, as equipes se enfrentam “de igual pra igual”, não sendo possível determinar precocemente quem vencerá a partida (GF – Sessão 2)

Para comprovar não fazer diferenciação entre homens e mulheres em jogos-treino, Sérgio citou ocasião em que se envolveu em um incidente que culminou com lesão no joelho de uma jogadora e o afastamento desta, por alguns dias, das sessões de treinamento:

Sérgio: No dia que eu, sem querer, machuquei o joelho da 'Venezuelana', ela tava com a bola aqui [indica porção lateral do quadril]. Eu tava ali correndo. Aí eu fui [bate as mãos indicando contato físico] pra parar ela. Sem querer, a gente bateu de lado e girou. Sei que girou o joelho dela [expressa dor]. Aí eu fui falar com ela. Ela disse que elas [jogadoras] acham bom treinar com o juvenil, porque, obviamente, o juvenil tem mais velocidade, tem mais força que elas, e elas têm que se acostumar com isso. E elas têm mais experiência, mais 'entrosação'. A gente, com elas, sempre dá o máximo.

Jonas: Os dois saem ganhando.

Mediadora: Depois do acidente ela lhe falou que é obvio que vocês têm mais força e velocidade, certo?

Sérgio: Foi o que ela me falou, mas tem também a questão da idade. As meninas [da equipe feminina adulta] não são tão novas. E, tem também a questão de ser homem, tem mais massa, mais peso, mais força. Não tem essa de dizer que é machismo. (GF – Sessão 2)

Atento à fala do companheiro de clube, Jean acrescentou que não há entre jogadores/as de *rugby* a intenção de machucar o adversário, seja este homem ou mulher. Para prevenir a ocorrência de incidentes, o jogador entende ser necessário respeitar a diferença de força existente entre os/as praticantes de *rugby*. Para tanto seria necessário prever as consequências do uso desproporcional de força para com jogadores/as:

Jean: Não é chegar batendo, querendo machucar. Isso a gente não faz com ninguém. Nem homem, nem mulher. Agora, não vai ser com a mesma força, né. Você não vai usar a mesma força que você usa pra *tacklear* o Sérgio, pra *tacklear* a 'DF'. A gente tem que jogar com a mesma seriedade, mas tem que respeitar a diferença de força. Pro jogo ser limpo, tem que ser assim. (GF – Sessão 2)

Também Frederico e Simões Júnior discutem o que este chama de "balanço", a modulação do nível de força a ser utilizado em determinada ação em jogo de *rugby*:

Simões Júnior: [...] Eu jogo com as meninas no mesmo time ou em outro e me esforço do mesmo jeito pra ganhar. O que eu acho é que a gente tem que fazer um balanço.

Sérgio: Que balanço?

Jean: É o saber usar a força que eu falei. Equilibrar pra não machucar, pelo menos não de propósito.

Simões Júnior: Exatamente.

Frederico: O *rugby* exige uma selvageria do jogador, e da jogadora também. Mas tem que ter noção do nível de selvageria que você vai usar, obedecendo as regras, claro. Você não pode achar que pode usar a mesma quantidade de força pra *tacklear* todo mundo. Você tem que buscar um equilíbrio: 'eu vou derrubar o meu adversário, mas não pra machucar, provocar algum dano sério nele'. Do mesmo jeito quando você joga com mulheres. Geralmente, os homens têm mais força, então, em um jogo você tem que ver direitinho quanto dessa força você precisa usar pra *tacklear* a adversária mulher. Pra parar a LF, eu preciso me esforçar muito, praticamente a mesma força que pra parar o Simões ou o Caetano. Mas, tem outras jogadoras que não precisa disso tudo. Do mesmo jeito com os homens. (GF – Sessão 2)

As falas de Jean e Frederico refletem a defesa de ambos pelo emprego de estratégias de modulação de força definidas e implementadas de forma individual e, de certo modo, instintiva pelos jogadores, e cuja aplicação se dará sobre homens e mulheres. Entretanto, durante os treinos mistos, outra estratégia de modulação se fez evidente, inclusive verbalmente: a modificação de regras de jogo e de modos de execução de determinados exercícios.

Durante período de observação participante, a variação do *rugby touch* também não foi em nenhum momento adotada em jogos entre as equipes masculinas adulta e juvenil. Entre os homens, independentemente das diferenças de desempenho, o jogo é realizado atendendo às regras oficiais do *rugby*, sendo o *tackle* um fundamento básico dispensado somente em sessões de treino realizadas poucos dias antes de competições oficiais ou amistosas em razão da possibilidade de ocorrência de lesões.

Simões Júnior explica o princípio da modulação aplicado em sessões de treino misto revela um posicionamento favorável à noção de que a força está associada à masculinidade:

Simões Júnior: No treino misto a gente dá mais ênfase na técnica e na tática, e menos na força.

Mediadora: Por isso, geralmente, em treinos mistos usam o *rugby touch*?

Simões Júnior: Isso. No *touch* você precisa de velocidade e agilidade do mesmo jeito que o normal, até mais, mas diminui a chance de se machucar e machucar alguém. (GF – Sessão 2)

A estruturação de ações e gestos por meio da modulação do nível de força exigido não ocorre apenas em jogos-treino. Em determinados momentos, também os exercícios de treinamento de fundamentos técnicos e capacidades físicas são delineados de modo a atender ao que os responsáveis pela sessão de treinamento entendem como diferenças naturais de desempenho entre jogadores e jogadoras.

Esse pressuposto pode ser visualizado em atitude tomada por Caetano quando, comandando treino misto, determinou a realização de flexões de braço pelos/as praticantes presentes, porém orientando formas distintas de execução a homens e mulheres: mulheres poderiam realizar flexões de braço com apoio dos joelhos, os homens não (DC 2804). A figura abaixo expõe a diferença na execução do mesmo exercício, sendo a variação designada como obrigatória aos homens aquela com maior exigência de força e resistência musculares.

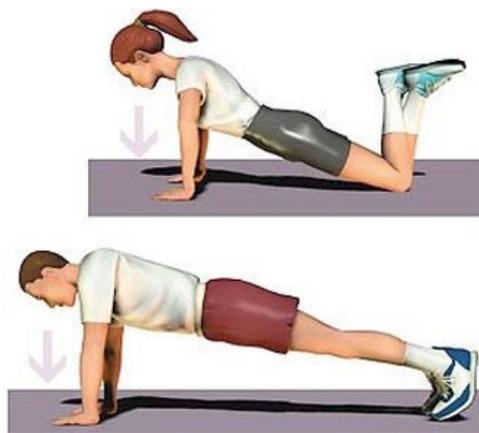


Figura 13 – Variações de flexões de braços designadas aos homens e às mulheres jogadoras.

Fonte: Pinterest, s.d.²⁵

Em outra sessão de treino misto, a modulação não foi determinada pelas treinadoras, mas por Raul e, minutos depois, desconsiderada pelos jogadores/as presentes. As treinadoras das equipes feminina e masculina juvenil escolheram um jogador (Raul) e uma jogadora (XF) para exercer, em simulação de jogo, função de defesa. Organizados em duas fileiras e de posse da bola, os demais jogadores/as deveriam, ao sinal das treinadoras, correr por determinada distância, esquivando-se dos defensores, que tentariam bloquear sua passagem (DC 0303).

Ao ouvir um dos jogadores chamá-lo de “parede”, em alusão ao seu porte físico, Raul informou que obstruiria somente a passagem destes, cabendo a XF atender à demanda feminina. Por outro lado, “XF” atuou no impedimento de passagem das mulheres e dos homens jogadores, indistintamente (DC 0303).

A delimitação na atuação de Raul em atividade não durou mais do que 10 minutos, pois as jogadoras iniciaram um movimento de avanço em corrida justamente no espaço defendido pelo jogador. Raul, então, modificou sua estratégia de modulação: com as mulheres, ele passou a bloquear a corrida; com os homens, além de bloquear, o jogador os empurrava com a intenção de retirá-los do campo de treino

²⁵Extraído de: <https://i.pinimg.com/originals/3e/ab/eb/3eabeb3f594461d152be4cd6a3b84b24.jpg>. Acesso em: 28 ag. 2020.

(DC 0303).

Outra estratégia de modulação utilizada em treinos mistos era a divisão por gênero dos jogadores/as em grupos ou duplas para a execução de determinada atividade. Essa divisão ocorreu, por exemplo, durante exercício de treinamento do *tackle* em que todos os jogadores/as foram cobrados pela expressão de força, capacidade técnica e agressividade, porém obedecendo a uma regra: mulheres executam *tackle* em mulheres, homens executam *tackle* em homens (DC 2804).

Os relatos e eventos acima descritos indicam que o uso de estratégias de modulação do nível de força exercido e/ou exigido em atos e gestos é percebido pelos jogadores participantes como uma ferramenta de promoção de respeito, fair play e inclusão, uma vez que concederia atenção e respeito às diferenças corporais entre homens e mulheres, e permitiria o desenvolvimento de treinamento coletivo de uma modalidade esportiva cujo vínculo com a masculinidade hegemônica lhe afirma constantemente como apropriada aos corpos masculinos e inadequada aos corpos femininos.

Connell (2012, p. 1676), porém, entende que os diferentes regimes de exercício para mulheres e homens, e os preceitos segregadores que constituem o esporte são práticas disciplinares que moldam corpos e corpos generificados. Conforme a autora, instituições poderosas, como a família, a escola, a Igreja, o Estado e o esporte seguem lógicas estabelecidas no discurso e disciplinam, de acordo com estas, os corpos reais. Ou seja, gênero não é um nível de realidade subjacente à ação. Pelo contrário, o gênero é constituído, trazido à existência, pelas ações de condução dos próprios indivíduos como sujeitos generificados e pelas quais são entendidos como masculino ou feminino. Assim, em vez de inclusivas, as ações moduladoras aplicadas no Cajuína *Rugby* poderiam ter efeito de restrição ao acesso e à vivência da prática corporal sob a argumentação de incompatibilidade natural entre os corpos e o esporte ou atividade que se deseja vivenciar.

Em sessão de grupo focal, Frederico aventou a possibilidade de uso da modulação do modo de jogar para além do treinamento, alcançando a constituição de times mistos voltados para a competição. Porém, o conceito de modulação aplicado pelo jogador não implica a necessidade de modificação das regras de jogo, mas de um trabalho disciplinar junto aos jogadores/as com vistas à manutenção contínua do respeito e do cuidado à integridade dos corpos dos companheiros/as e adversários/as;

em suma, a proibição do uso de violência. Para o jogador essa seria uma oportunidade ímpar de ensino da convivência respeitosa entre homens e mulheres no esporte, instituição por ele definida como segregante por pautar sua prática na divisão por gênero, privando as diferentes possibilidades de usos dos corpos:

Frederico: [...] Mas, tem muito essa questão da segregação entre homens e mulheres no esporte. Acho que quando isso parar de acontecer seria mais significativo porque ensina muito a conviver uns com os outros. O problema é que tem muitos esportes que, por exemplo, o futebol ... você não pode tacar a mão na cara do companheiro por querer no futebol, mas a gente vê isso de vez em quando nos jogos. Colocar homens e mulheres aí seria um tanto perigoso. Mas, basquete, por exemplo, tem um controle maior e ensina a conviver tranquilo. Eu acho que tudo é questão de equilíbrio, balanço. O segredo tá no balanço que o Simões falou. O segredo da convivência entre homens e mulheres no esporte seria o balanço entre o esporte em si e o jeito como você joga quando têm mulheres, porque, como tem o exemplo da 'LF' [jogadora da equipe feminina adulta e treinadora da equipe masculina juvenil], às vezes elas são mais frágeis, às vezes não. Mas, isso é uma coisa minha. Acho que não vai acontecer nunca. (GF – Sessão 2)

Assim como Frederico, Anderson (2008, p. 265) entende a segregação de homens e mulheres no esporte como um fator de limitação do contato social com os membros de gênero diferente. Para o autor, essa separação tende a criar uma coesão social que leva à promoção de uma forma de masculinidade reprodutora de visões ortodoxas em relação às mulheres e outras pessoas que não estejam de acordo com a norma binária, como os *gays*, mantendo assim, o domínio masculino e dificultando a reflexão sobre um modelo de integração de gênero no esporte.

Corroborando a proposta de Frederico, o autor supracitado afirma ser provável a desconstrução da ordem sexista de gênero no esporte se homens e mulheres forem estimulados a praticar juntos (em um contexto integrado) esportes coletivos tidos como femininos. Essa conclusão foi construída a partir dos resultados de estudo em que homens norte-americanos estudantes do Ensino Médio e praticantes de futebol americano – um dos esportes mais propensos a ter pontos de vista hegemonicamente masculinos e aristocráticos sobre mulheres – passaram a praticar *cheerleading*. Os jogadores mudaram positivamente suas atitudes e percepções sobre as habilidades atléticas, a liderança e a força física das *cheerleaders*, passando a respeitar não só as mulheres atletas, mas as mulheres em geral, cujas diferenças corporais – que não

as faziam nem superiores, nem inferiores aos homens – não mais justificavam a desigualdade (ANDERSON, 2008, p. 258).

Ao final de sua fala, o próprio Frederico pontua desacreditar na aceitação da proposta de constituição de equipes mistas. A resistência a essa ideia surgiu do companheiro de equipe sentado logo ao lado do proponente:

Caetano: Muito difícil [diz se dirigindo a Frederico]. Homem tem mais força que mulher. Treinar com o time feminino é uma coisa, competir contra, é outra. No treino eu consigo esse balanço que você fala, no jogo oficial não. (GF – Sessão 2)

A resistência à constituição de times mistos e, conseqüentemente, o apoio à segregação nos esportes é, conforme Anderson (2008, p. 265), mutuamente confirmada por homens e mulheres, e legitimada pela ideia de fenótipos opostos que justificariam os níveis elevados de agressividade dos meninos/homens e sua vantagem atlética sobre as meninas/mulheres.

A fala de Caetano remonta a um aspecto pouco aparente no discurso de modulação de atividades e exercícios, mas que em determinados momentos se fez visível nas sessões de treino do Cajuína *Rugby*: a naturalização do desempenho do homem jogador como superior ao da mulher jogadora. Esse elemento pode ser verificado, por exemplo, no fato de que somente sessões de treino misto sofreram reformulação de regras e exercícios; o mesmo não ocorre em sessões exclusivamente masculinas, independentemente da idade ou do tempo de prática do *rugby* do jogador. Porém, o efeito mais visível da naturalização da superioridade masculina é a cobrança por resultados superiores aos da equipe feminina, como mostram os eventos a seguir.

Durante jogo-treino entre a equipe feminina e a equipe masculina juvenil, a performance de Jonas é alvo de críticas de Raul, Sérgio e do treinador daquela sessão, “M”. Por não conseguir impedir o avanço em campo das mulheres jogadoras, Jonas foi chamado, aos gritos, de “mole” por Raul e “M”. Sérgio acrescentou que o companheiro de equipe ainda não havia assumido a postura esperada para um jogador de *rugby* (DC 0403).

Percebendo que seu rendimento não apresentaria alterações positivas – o jogador demonstrava cada vez mais cansaço em campo –, Jonas foi substituído por Sérgio. Ao sair de campo, o jogador ouviu o treinador dizer em tom irônico: “Tá melhor minha ‘filha’ (*sic*)?”. Raul, percebendo a estafa do jogador mais novo, ofereceu-lhe uma garrafa de água e cravou que seu baixo desempenho era consequência de suas

ausências às sessões de treino. Jonas explicou que seu afastamento se dava em razão de problemas pessoais, mas que retomaria a assiduidade ao treinamento o mais breve possível. O veterano, então, disse torcer para que o mais novo cumprisse sua promessa, pois suas ações em jogo passaram a impressão de que estava enfrentando outra equipe masculina e não um grupo de mulheres em que a mais alta tinha menos de 1,70 m (DC 0403).

Em outra sessão de jogo-treino a equipe masculina juvenil enfrentou a feminina por três vezes. Durante todo o período de observação participante, esse foi um dos poucos jogos-treinos mistos em que a execução do *tackle* foi autorizada para todos os homens e mulheres jogadoras (foi nessa sessão de treino que Sérgio se envolveu em acidente que resultou em lesão no joelho de uma jogadora) (DC 0306).

Apresentando dificuldades para realizar corretamente o fundamento *tackle*, a equipe masculina juvenil não conseguiu impedir o avanço em campo da equipe adversária, sofrendo derrota em todas as partidas. Raul, que acompanhava os jogos como treinador, novamente usou o termo “mole” para se referir aos jogadores em campo: “Eita, mas vocês são mole. Tão com medo das meninas” (DC 0306). Tomando a frase do veterano, parece-lhe que o baixo desempenho dos jogadores se deu em razão do sentimento de medo provocado pelas mulheres jogadoras, e não pela deficiência técnica daqueles.

Mais um jogo-treino e mais críticas sobre a fragilidade da equipe masculina juvenil frente à equipe feminina. Pouco antes de início de jogo entre as equipes, percebe-se faltar um componente à equipe masculina juvenil. Dada a ausência de jogador disponível para ocupar a vaga – Ramon, jogador da equipe masculina adulta, estava presente, mas alegando lesão, recusou o convite – uma mulher jogadora assumiu a posição, “IF” (DC 1003).

Adotando a variação *rugby touch*, a partida transcorreu com uma sequência de inconsistências nas performances dos homens jogadores. Erros de passes, velocidade de corrida inferior à da equipe adversária e dificuldade para deter seu avanço em direção ao *in-goal* irritaram Raul, que solicitou aos jogadores maior entrega corporal e perda do medo das adversárias (DC 1003).

Em determinado momento, o auxiliar técnico perguntou aos jogadores: “Só tem a IF nesse time?”. Dentre os demais componentes da equipe, “IF” detinha a melhor performance na execução de passes e “*touch*” (ato de tocar com as duas mãos o

quadril da adversária, impedindo o prosseguimento de seu avanço em campo). Ramon, que assistia à partida, acrescentou: “Bonito, hein? A menina carregando o time nas costas” (DC 1003).

Após as referências de Raul e Ramon a IF, os jogadores iniciaram, em meio ao jogo, uma discussão sobre o desempenho do time (DC 1003). Augusto reclamou: “Desse lado só tem a IF?”. David respondeu: “Rapaz, só a menina que tá jogando”. Os jogadores, então, passaram a exigir mais de seus próprios corpos – correr com maior velocidade tanto em direção ao *in-goal* quanto às jogadoras da equipe adversária com intenção de interromper sua movimentação em campo. Também a comunicação entre a equipe foi salientada tendo em vista motivar seus próprios integrantes a dar sequência às jogadas e estancar a sequência de erros cometidos. O desempenho da equipe melhorou, mas não o suficiente para vencer a partida (DC 1003).

Por último, durante jogo-treino, novamente a equipe feminina domina a equipe masculina juvenil em campo. Dessa vez, as mulheres podem *tacklear* os jogadores, mas o inverso não. Para eles, apenas o *touch* é permitido (DC 1803).

Apesar de ser um dos jogadores mais velozes da equipe, Vítor não conseguiu ser eficaz em bloquear o avanço das jogadoras. O jogador rapidamente alcançava as adversárias em corrida, porém não era veloz o suficiente na execução do “*touch*”, possibilitando que estas se esquivassem de seus braços e prosseguissem avançando em campo. Impaciente, Guido se voltou para o companheiro de equipe e disse: “Deixa de ser frouxo”. Vítor não respondeu àquela provocação, mas seguiram-se outras partindo de outros jogadores, levando-o a pedir sua substituição (DC 1803).

Em dia de jogo-treino, após duas partidas contra a equipe juvenil, Caetano informou que as jogadoras da equipe feminina poderiam descansar pois aquele havia sido o último jogo delas no dia. Questionado se não haveria jogo entre masculino adulto e feminino adulto, Caetano respondeu que não. Conforme o jogador, os jogadores da equipe adulta realizavam atividades específicas de treinamento físico e de fundamentos técnicos e táticos, mas não de jogos propriamente ditos, mesmo que com modulação pois a diferença de porte físico e de força poderia causar danos à integridade das mulheres jogadoras (DC 2705).

Um último exemplo de situação em que se verificou a modulação dos jogos-treinos, se refere às partidas entre as equipes masculina adulta e feminina. Durante

todo o período de observação participante, estas não ocorreram da mesma forma que o confronto da última com a equipe masculina juvenil. Enquanto era comum times compostos somente por mulheres e somente por homens da equipe juvenil se enfrentarem, o mesmo não ocorria com a equipe masculina adulta. Apenas Simões Júnior, dentre os jogadores da equipe masculina adulta participou durante observação participante de partidas contra a equipe feminina.

A apropriação fluida do conceito de modulação pelos jogadores participantes indica que, por um lado, a inclusão de mulheres na prática do *rugby* e em sessões coletivas de treinamento pode auxiliar no processo de mudança nas condutas masculinas e nas relações de gênero de que participam. Por outro lado, o comprometimento dos jogadores e de suas masculinidades para com a introdução de mudanças ou a manutenção do regime de gênero adotado em âmbito clubístico leva em consideração a estrutura macrossocial.

Conforme Connell e Pearse (2017, p. 155), os regimes de gênero das instituições são constituídos em relação a uma ordem de gênero mais geral podendo, por isso, ser similares ou apresentar pontos de convergência. Não é prudente, portanto, conceber os regimes de masculinidades e de gênero adotados pelos jogadores do *Cajuína Rugby Clube* como autônomos em relação à masculinidade e à ordem de gênero dominantes.

As pessoas são livres para fazerem seus gêneros, mas não como quiserem, pois a prática de gênero é fortemente impactada pela ordem de gênero do meio social. Diferente dos determinismos social e biológico, a estrutura das relações sociais não define mecanicamente as atitudes e comportamentos das pessoas e dos grupos, mas certamente condiciona a prática, definindo possibilidades para a ação e suas consequências. Em uma ordem patriarcal, por exemplo, “as mulheres podem ser impedidas de ter acesso à educação e a liberdades pessoais, enquanto os homens podem ser excluídos de estabelecer conexões emocionais com crianças” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 157).

Outra forma como as estruturas sociais influenciam as masculinidades se dá através da associação de determinadas práticas corporais ao sexo feminino ou ao masculino. De um lado, práticas que coadunem com valores como agressividade, força e virilidade serviriam para garantir que homens construam a masculinidade ideal; de outro lado, práticas que envolvam sensibilidade, delicadeza e pouca violência física

seriam adequadas para mulheres. Trata-se da tentativa de sustentar um modelo hegemônico e determinado de ser homem e de ser mulher por meio da produção de estereótipos e aplicação de sanções normalizadoras sobre aqueles/as que tentem ultrapassar estas barreiras impostas cultural e historicamente (SILVA *et al.*, 2009).

Dentre os jogadores participantes, verifica-se a percepção do *rugby* como modalidade esportiva passível de ser praticada por homens e mulheres. Entretanto, quanto à performance esportiva, essa plausibilidade apresenta distintas apropriações.

Segundo Bourdieu (2012, p. 23), a diferenciação de gênero é inscrita nos corpos através de um permanente trabalho social de formação que nele imprime esquemas de pensamento que contribuem para a naturalização e legitimação de uma relação de dominação masculina. Ao operar fundamentada na tomada do masculino como medida de todas as coisas, a dinâmica das relações de gênero se articula a formas de dominação e, por conseguinte, de exclusões e desigualdade. Para ser homem ou ser mulher há limites, cuja ultrapassagem produziria uma perturbação dos códigos de inteligibilidade.

Para parte dos jogadores, em razão de suas diferenças físicas, homens apresentam desempenho esportivo superior às mulheres. Quando o fundamento da preeminência masculina não é comprovado na concretude da realidade, como nos jogos-treinos, busca-se justificar essa quebra de sustentação sob argumentos relacionados à falta de entrosamento, à “moleza” (no sentido de fraqueza) ou ao medo dos jogadores; argumentos que podem ferir o prestígio de um indivíduo, mas não afrontar a ordenação simbólica do universo masculino.

Recuperemos as palavras utilizadas por Raul e “M” para reclamar aos jogadores melhor desempenho: filha e mole (DC 0403, DC 0306). Uma vez que a sociedade é um mundo de significados e estes trazem consigo os traços dos processos sociais por meio dos quais foram gerados, então:

Quando falamos em ‘uma mulher’ ou ‘um homem’, ativamos um imenso sistema de entendimentos, implicações, sobretons e alusões que se acumularam ao longo de nossa história cultural. Os ‘significados’ dessas palavras são muito maiores do que as categorias biológicas de macho e fêmea. [...]. Quando um técnico de futebol americano grita para seu time que eles são ‘um bando de meninas’, ele não está dizendo que agora eles podem engravidar (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 172)

Quando os jogadores participantes são chamados de *filha* e *mole*, os significados conferidos aos termos se referem, respectivamente, à apresentação de desempenho esportivo em nível esperado para uma mulher e à vulnerabilidade de seus corpos, elemento oposto à dureza, conforme Bourdieu (2012), vinculada ao masculino.

Entretanto, há entre os jogadores participantes quem patrocine a ideia de constituição de equipes mistas para participação em competições. Esse é o caso de Frederico, que defende serem as diferenças de desempenho físico mais relacionadas a aspectos individuais do que a possuir um corpo feminino ou masculino. O bom desempenho da equipe feminina em competições oficiais de *rugby* e nos jogos-treino indica a incidência do treinamento das capacidades físicas, técnicas e táticas sobre o desempenho em campo.

Os diferentes posicionamentos dos jogadores quanto aos modos de participação de homens e mulheres nas práticas esportivas derramam luz sobre o leque de formas de masculinidades que podem ser apresentados em um mesmo espaço social.

Em virtude do “decréscimo dos espaços de homosociabilidade masculina, com a participação crescente das mulheres em todos os esportes”, Rial (2000, p. 251-252) considera não ser mais possível, na sociedade contemporânea, “associar de modo exclusivo esporte e masculinidade”. A última oração da frase anterior deve ser lida com bastante prudência, pois conforme Connell e Pearse (2017, p. 200), “aprendizes corporificados encontram os regimes de gênero das instituições com as quais convivem”, porém isso não significa a direta assunção destes, pois os sujeitos realizarão uma complexa negociação com essas narrativas, podendo adotar, rejeitar e/ou modificá-las. Desta forma, a prática do *rugby* por homens e mulheres e o compartilhamento de experiências a partir dos treinamentos coletivos não garantem, por si só, rupturas com as formas de masculinidades adotadas pelos jogadores. Enquanto a práxis da masculinidade hegemônica for reiterada no ambiente de prática do *rugby*, este seguirá a ser reconhecido como reserva masculina.

Tomando o conceito de experiência proposto por Scott (1999), percebe-se que se trata de um agente constitutivo das masculinidades, porém não é um elemento que, de modo isolado, explique-as

Experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem autoevidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político. [...] Experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar. Esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência de sujeitos; ao invés, interroga os processos pelos quais sujeitos são criados (SCOTT, 1999, p. 47).

Para contestar e modificar a forma hegemônica de masculinidade em um espaço social, como o clube de *rugby*, faz-se necessário que as masculinidades dissonantes resistam e implementem estratégias de recomposição da estrutura responsável por conservar o *status* da primeira, pois a ordem de gênero é suscetível a mudanças, mas estas levam tempo para adentrar os diversos setores da sociedade.

De modo semelhante, os adeptos da masculinidade hegemônica imprimem esforços – silenciosamente, deve-se atentar – pela manutenção das estruturas sociais, as quais, assim como a mudança, são constituintes da dinâmica da vida social e, por isso, criadas e “atualizadas (tornadas ato) pela atividade humana ao longo do tempo” (CONNELL; PEARSE, 2017, p. 157). O interesse de parte dos jogadores pela conservação de determinada forma de masculinidade e da estrutura que lhe sustenta se dá em decorrência do dividendo patriarcal, em termos de honra e prestígio, a ela associado e que poderá lhes possibilitar domínio sobre as mulheres e os homens em posição hierárquica inferior à sua.

4.3.2.1. Efeito Teflon: a neutralidade da instituição esportiva frente às masculinidades e ao gênero

Durante discussão em grupo focal sobre a realização de treinos coletivos, quando diretamente questionados sobre a participação do *rugby* na constituição de suas masculinidades, três posicionamentos distintos foram expostos:

Mediadora: Dá pra dizer, então, que o *rugby* tem alguma participação na construção dos modos de ser homem?

Caetano: Sim. Participa da formação humana, então, da formação do homem e da mulher, também. O clube em si começou uma nova categoria, o juvenil, na qual todos os antigos membros aprenderam que o *rugby* trabalha muito a questão da relação harmoniosa. O esporte contribui muito na questão do respeito em casa, com os mais velhos, dentro do próprio time, respeito entre as pessoas, mulheres e homens. Isso é enfatizado nos treinos: que todos devem se respeitar. Esse ensinamento é levado pra casa, pra rua.

Sérgio: Concordo, pegando pra essa questão mesmo de gênero do teu trabalho, eu acredito que ajuda sim. As mulheres são tratadas diferente por causa disso e daquilo, e tal. O esporte meio que tem a capacidade de mostrar pra gente que não é bem assim, de ensinar as pessoas a respeitar uns aos outros pela pessoa que é, independente se é homem ou mulher. E, especificamente o *rugby* porque a gente tem treinadoras mulheres com muita experiência (que já foram da seleção) e a gente tem aquele respeito por elas. Até porque a gente vai aprender a jogar, a fazer as coisas, com elas. Eu não sei nas outras equipes, mas no Cajuína, o juvenil treina, joga, jogo mesmo, com as mulheres. Jogo valendo, porrada, *tackle*. E a gente vê que fica de igual pra igual. Mesmo que os homens tenham mais massa, por uma questão biológica ou genética, mas, mesmo assim, a gente ainda joga de igual pra igual com elas. E, às vezes, ganha. Às vezes, não ganha. A gente vê que não tem muita diferença da gente pra elas, dos homens pra elas. A pessoa que não tem esse pensamento de tratar igual (que eu sempre tive, né) passa a aprender essas coisas. A tratar como pessoa, pelo que a pessoa é, pela experiência de vida dela e não porque é mulher ou porque é homem.

Jean: Pelo menos da minha parte, o esporte nunca influenciou na minha masculinidade. Pra mim, o esporte é neutro.

Mediadora: Neutro em que sentido?

Jean: Pra mim, o esporte é neutro, porque as regras fazem todos participarem igual.

[...]

Frederico: Eu concordo em parte [dá ênfase à expressão] contigo [dirige-se a Jean]. Muita gente diz que o esporte é machista. Eu não vejo dessa forma. Eu vejo ele neutro também. É neutro no sentido de não levantar bandeira. (GF – Sessão 2)

Considerando-se as falas acima, enquanto Sérgio e Caetano pontuam ser o esporte, especificamente o *rugby*, uma prática corporal e institucionalizada com possibilidade de atuação sobre a constituição e a modificação das masculinidades, Jean e Frederico o percebem como assinalado pela neutralidade no espaço das conformações e tensões das relações de gênero.

As colocações de Sérgio e Caetano sobre a posição do esporte como agente nas relações de gênero já foram discutidas no presente texto. Cabe, portanto, nesta última sessão, discutir as diferentes abordagens da neutralidade do campo esportivo realizadas por Jean e Frederico.

Jean reconhece a possibilidade de, a partir da vivência do *rugby*, os jogadores sofrerem mudanças em suas condutas e comportamentos, porém, estas não contemplariam aspectos relacionados às suas masculinidades. O distanciamento do esporte dessa temática seria, conforme o jogador, comprovado pela construção de regulamento único para homens e mulheres, o que garantiria a ambos a prática

isonômica. A fala de Jean indica ainda sua percepção de que associar o esporte às masculinidades seria responsabilizá-lo por casos de machismo naquele ambiente:

Sérgio: Mas tu não acha que ele melhora a forma como a gente, homem, se comporta, como trata as outras pessoas?

Jean: Isso não tem a ver com você ser homem ou mulher. Isso é questão de educação, de respeito. É geral. O esporte é neutro a partir do momento em que tudo é em cima das regras, tem regulamento. Todo mundo pode praticar, homem, mulher. Concordo que participa da tua formação humana, mas isso não tem a ver com gênero, com masculinidade. Têm homem machista e não machista no esporte. Mulher, do mesmo jeito. Mas, isso não é resultado do esporte. No esporte, homens e mulheres têm que seguir as regras daquele esporte, da confederação. Todo mundo tem que seguir os treinos igual. No meu caso, não vi alteração nenhuma em como eu me vejo como homem, como eu ajo. (GF – Sessão 2)

Assim como na fala acima, Jean declara diversas vezes, durante sessão de grupo focal, que a prática esportiva não repercutiu em alterações de sua masculinidade, apresentando, portanto, um efeito placebo que poderia ser generalizado às masculinidades de outros homens. Simões Júnior e Caetano, então, ressaltam ao companheiro de equipe que a atuação do esporte não se restringiria à modificação de comportamentos e valores. Também a manutenção e o endosso de determinadas condutas e masculinidades poderiam ser exercitados por meio do esporte:

Caetano: Sim, não lhe mudou porque você já chegou com uma visão e um jeito muito mais próximo do que a gente pactua ali. Não foi não?

Silêncio.

Simões Júnior: O *rugby* não te mudou, mas pode ter reforçado, né, algumas coisas que você acreditava, já fazia?

Jean: É, foi. Mas, o que é que isso tem a ver com masculinidade?

Mediadora: Nem tudo nem no esporte, no *rugby*, tem a ver com masculinidade. Mas, haveria nele algum traço, um aspecto relacionado à sua masculinidade? Tem ali algo que você pense: 'isso é importante pra mim como homem e eu encontro no *rugby*'.

Jean: [Silêncio] Entendi. É... nesse ponto eu concordo. Tem algumas questões que eu vejo que tem alguns caras que entram mesmo de um jeito e saem de outro. Eu mesmo, realmente, concordo com muita coisa dali ... os valores, a coletividade que eu falei. Mas, isso seria um efeito secundário. Não é o foco do esporte. É mais uma questão pessoal da pessoa, coisa que a educação de casa teria muito mais força pra mudar. (GF – Sessão 2)

Ao final da fala acima, Jean explicita a neutralidade que reclama para o esporte. Para o jogador, aspectos relacionados às masculinidades e às relações de gênero devem ser estruturados em âmbito familiar, instituição já citada anteriormente por ele

quando Frederico e Sérgio sugeriram que a Escola seria uma ferramenta útil na construção de relações de gênero menos violentas.

Jean: [...] Não é papel do esporte formar o homem e a mulher [gesticula com as mãos indicando em um lado, o homem, e no outro, a mulher]. Falei isso da vez passada: é a família que te passa os valores, a educação. Em casa que você aprende como um homem deve se comportar, como uma mulher deve se comportar. Eu vejo que a gente tá tentando passar essa responsabilidade que é da família pra todo canto, inclusive pro esporte. (GF – Sessão 2)

Em resposta à fala de Jean sobre a responsabilidade da família na construção das masculinidades, Sérgio argumenta que os efeitos da educação familiar poderão ser sentidos também em âmbito esportivo e, a partir daí, replicados junto aos demais praticantes.

Sérgio: Mas se você cria seu filho com uma consciência diferente então ... esse cara é o que vai fazer diferença no esporte. Tipo, um exemplo, o *rugby* antes era só pra homem, certo? Porque diziam que mulher não podia jogar porque [pausa]. Nem sei por que, mas elas não podiam jogar. E a gente vê no time que não é assim. Alguém trouxe essa ideia. Não caiu do céu.

Jean: Ai tudo bem. Ótimo. O que eu aprendo em casa, eu levo pra rua, pros outros lugares. Mas pegando o teu exemplo mesmo, o peso maior é o da família. Foi a família que te ensinou algo e você levou pro esporte. Não o contrário. E se fosse o contrário, se não tiver o alicerce da família, não vai pra frente. (GF – Sessão 2)

As falas de Jean demonstram sua percepção de que o esporte não detém responsabilidade sobre as masculinidades e as relações de gênero expressas em seu âmbito, pois estas seriam constituídas externamente à instituição, pouco podendo fazer o esporte a favor ou contra determinado projeto de ser homem sem a contribuição da instituição familiar. Dentre os jogadores participantes, porém, essa não é a única leitura sobre o comportamento de isenção adotado pelo esporte.

Frederico inicia sua fala marcando posição contrária à qualificação do esporte como machista. Assim como Jean, o jogador entende o esporte como neutro. Porém, essa característica não se daria em razão do regulamento esportivo.

Frederico: Eu concordo em parte [dá ênfase à expressão] contigo [dirige-se a Jean]. Muita gente diz que o esporte é machista. Eu não vejo dessa forma. Eu vejo ele neutro também. É neutro no sentido de não levantar bandeira.

Mediadora: Que bandeira?

Frederico: Nenhuma. O esporte não defende uma forma X de ser homem ou de ser mulher. Boa ou ruim, não levanta a bandeira. Não

publicamente. E isso é algo ruim também. O esporte ser neutro, não, necessariamente, é algo bom. (GF – Sessão 2)

A plausibilidade do posicionamento neutro é questionada por Frederico a partir do reconhecimento de diferentes formas e níveis de incentivo à prática esportiva por homens e mulheres. Enquanto Jean destacou o regulamento único tanto para a prática feminina quanto para a masculina, Frederico ressalta as desigualdades nas condições de participação desses grupos em práticas esportivas, sendo os homens privilegiados em detrimento das mulheres. Para o jogador a posição de neutralidade adotada pelo esporte é demonstrada por sua inércia frente a esses fatos:

Mediadora: Por que ser neutro é ruim?

Frederico: Porque ele deveria incentivar. Incentivar as mulheres a entrar [no esporte] em igualdade. Um exemplo que eu sempre dou minha vida inteira: a gente é heptacampeão mundial de vôlei feminino. Quantas instituições que incentivem o vôlei feminino vocês conhecem aqui em Teresina? Eu não conheço nenhuma. Como é que não tem incentivo no esporte que a gente é muito bom?

Simões Júnior: Isso é uma questão de popularidade. Quando o vôlei for popular de verdade, aí a gente vai ver incentivo.

Jonas: O *rugby* também tem isso. Aqui [Piauí] O único time com [equipe] feminino é esse. Pelo menos eu nunca vi nas outras cidades.

Simões Júnior: Isso é da cultura do esporte. O *rugby* é mais novo também. Vai levar um tempo pra incluir as mulheres.

Jonas: Mas não já tem mais de dois séculos?

Frederico: Pois é, mas essa quebra de tabu leva muito tempo. Se tá complicado agora que a gente tá vendo toda essa revolução de cultura, imagine na época que foi criado, que só homens podiam jogar ... era jogado com ferro na ponta das botas. Imagine se uma mulher dissesse: 'Eu quero entrar'. Aí eu acho que ela era apedrejada. (GF – Sessão 2)

Enquanto Jean isenta o esporte da responsabilidade por atuar na constituição das masculinidades, Frederico o compreende como parte de uma ampla estrutura com possibilidades compartilhadas de influência sobre as identidades e as relações sociais. Entretanto, a distância entre as percepções de ambos os jogadores é reduzida pela convergência ideacional acerca dos limites de atuação do esporte sobre a sociedade em geral.

A agência limitada do esporte é expressa por Frederico quando o jogador salienta que o ingresso das mulheres na prática esportiva somente será efetivo quando a sociedade o reconhecer.

Frederico: [...] essa quebra de tabu leva muito tempo. [...] Mas aí a sociedade precisa também mudar porque não adianta nada só o esporte

mudar e a sociedade continuar não reconhecendo [o esporte feminino]. De que que adianta ter 50 campeonatos femininos e 5 masculinos, se quem comanda a emissora de TV é machista e só quer passar os masculinos. A sociedade tem culpa aí também. A Marta é uma boa jogadora de futebol, mas e aí? Ninguém dá credibilidade. A gente só lembra do Pelé. Quando você fala em futebol, você só associa a homens, embora o futebol feminino seja bom.

Mediadora: Que nem no *rugby*?

Frederico: Que nem no *rugby*. Exatamente. O feminino, no Brasil, é muito melhor. Mas aí por causa da dureza do esporte você termina achando que todo mundo é bruto. Porque como eu disse, requer uma selvageria. Você não tá muito acostumado a ver mulher porque o que se prega na sociedade é que a mulher tem que ser donzela. (GF – Sessão 2)

Na fala acima, Frederico destaca o compartilhamento de determinados valores entre o esporte e outros setores da sociedade. Porém, para o jogador o esporte não se comporta apenas como espaço de absorção da ordem social dominante. Haveria nesse campo também a possibilidade de negociação recusa ou modificação de regras, atitudes e condutas valorizados por outras instituições:

Mediadora: Se a sociedade não muda, o esporte muda?

Frederico: Boa pergunta. Eu acho que sim. O esporte também tem esse papel de consciência social. Dentro do esporte, acho, que sempre vai aparecer alguém que pensa diferente, que quer que a sociedade seja diferente, inclusive nessa questão da masculinidade, do gênero. Eu acho que o esporte às vezes termina sendo um dos primeiros lugares onde a sociedade muda. Assim como deveria ser na escola. Ele só não é o primeiro lugar porque acho que o primeiro lugar onde a sociedade muda é no seio da família porque dependendo da forma como você educa seu filho, você já tá pensando em um tipo de sociedade que, pra você, seria a ideal. (GF – Sessão 2)

Conforme Frederico, apesar das fronteiras do campo esportivo “sempre vai aparecer alguém que pensa diferente” (GF – Sessão 2), um agente cujos valores, concepções e ideais são distintos daqueles hegemônicos em outros setores da sociedade. A partir desse agente, mesmo que em proporções restritas, o esporte poderia se tornar – ao lado de instituições com a família e a escola, segundo o jogador – agente de luta pela modificação da ordem social estabelecida, inclusive das ordens hegemônicas de masculinidade e gênero.

O conceito de autonomia relativa, proposto por Bourdieu (2003, 2004a), é de grande valia para a compreensão da neutralidade esportiva citada por Jean e Frederico.

Se é verdade que o sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tem propensão a funcionar como um campo, então, os fenômenos esportivos em dado momento e ambiente social não podem ser entendidos como diretamente relacionados às condições socioeconômicas das sociedades correspondentes. A história do esporte é relativamente autônoma, pois, mesmo articulada aos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio ritmo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 2003, p. 183).

Destarte, inserido em um universo de práticas e consumos, o esporte moderno se comporta como um “**espaço relativamente autônomo**”, conforme Bourdieu (2004a, p. 210). O grau de autonomia se manifesta de forma mais visível por meio da capacidade de refração e retradução das pressões ou demandas externas sob a lógica do campo. O autor complementa que:

Dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis [...].
Inversamente, a heteronomia de um campo manifesta-se, essencialmente, pelo fato de que os problemas exteriores, em especial os problemas políticos, aí se exprimem diretamente. (BOURDIEU, 2004b, p. 21-22)

Contudo, deve-se lembrar, apesar de sua autonomia, o campo esportivo é espaço de forças que não somente a ele se aplicam. O universo de práticas esportivas existentes em dado momento histórico pode ser entendido como resultante da relação entre dois espaços: (i) o espaço da oferta de modalidades/modelos passíveis de serem praticados/consumidos, e (ii) o espaço da procura, inscrita nas disposições (o *habitus*). A oferta inclui as propriedades técnicas das práticas esportivas, suas possibilidades – e impossibilidades – à expressão de diferentes disposições corporais, e suas propriedades estruturais em relação ao conjunto de outras práticas simultaneamente ofertadas. O espaço da procura é constituído pelas disposições esportivas, que, enquanto dimensão do *habitus*, são “definidas pelo estado atual da oferta (que contribui para produzir a necessidade, apresentando-lhe a possibilidade efetiva de sua realização) e também pela realização da oferta no estado anterior” (e um conjunto de interpretações sobre ela realizado no passado) (BOURDIEU, 2004a, p. 214).

Nessa perspectiva, o princípio das transformações das práticas e consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e da demanda/procura. As transformações da oferta (invenção, importação ou reinterpretação de esportes ou de equipamentos) engendram-se (i) nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva “legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns (proselitismo esportivo)”; (ii) nas lutas entre diferentes esportes e entre as diferentes escolas ou tradições de cada esporte; (iii) nas “lutas entre as diferentes categorias de agentes” engajados nesta concorrência (atletas de alto nível, treinadores, profissionais de Educação Física, fabricantes de equipamentos, etc.) (BOURDIEU, 2003, p. 202).

As transformações da demanda correspondem a uma dimensão da modificação dos estilos de vida e obedecem, portanto, às leis gerais dessa mudança. Essa correspondência entre as duas séries de transformações se deve ao fato de que o espaço dos produtores (isto é, o campo dos agentes e das instituições em circunstâncias favoráveis de contribuição para a transformação da oferta) tende a reproduzir em sua própria estrutura, as divisões do espaço dos consumidores (BOURDIEU, 2003, p. 202-203).

Nessa perspectiva, mesmo o campo esportivo não estaria imune ao ordenamento das coisas – caracterizado pela associação naturalizada do homem (sexo biológico) ao espaço público, político e aos princípios de força, racionalidade e coragem –, pois este está inscrito nas posições e disposições, nos agentes e, principalmente, nas instituições. (BOURDIEU, 2012). Todavia, cremos, reconhecida sua autonomia relativa, o esporte não apresenta caráter permanente, sendo possível – apesar de árduo – a ressignificação dos valores a ele vinculados. Essa transformação pode ser visualizada na história do *rugby*.

Citando Christian Pociello, Bourdieu (2004, p. 213) refere que o conjunto de práticas corporais designado pela palavra *rugby* “não é o mesmo - ainda que, em sua definição formal, técnica, tenha permanecido idêntico, com algumas poucas mudanças de regras - nos anos 30, em 1950 e em 1980”. Também no decorrer dos séculos XIX e XX pode-se observar diferentes práticas de *rugby*, cabe dizer, não reduzidas às suas definições técnicas, mas que englobam também leituras concorrentes que influenciaram, sobretudo, na redução de atos violentos durante o jogo por imposição de um novo sentido de civilidade.

O *rugby*, e o fenômeno esportivo em geral, é marcado em sua objetividade e representações, pelos modos de apropriação social operados por agentes dotados de disposições constituídas, ao mesmo tempo, de forma coletiva e particular, e que orientam a prática (BOURDIEU, 2004, p. 214). Assim, apesar de propriedades intrínsecas (as regras do jogo, etc.) limitarem os usos sociais que podem ser feitos das práticas esportivas, estas apresentam disponibilidade para uma diversidade de usos e interpretações – inclusive em um mesmo período temporal –, e são marcadas, a cada momento, pelos valores dominantes que lhes são atribuídos.

O discurso de Jean reclama ao esporte autonomia para se fazer neutro frente às demandas referentes às construções de masculinidades e relações de gênero por acreditar que a responsabilidade pelo tratamento desses aspectos deve ser conferida à instituição familiar. Conforme o jogador, as diferentes formas de masculinidades – inclusive, as machistas – adotadas pelos praticantes de esportes não podem ser vinculadas ao campo esportivo, pois este teria uma espécie de blindagem contra as lutas e tensões a ele externas garantida pelas regras rígidas e uniformes que condicionariam sua prática. O esporte seria, assim, imune aos arranjos de gênero circulantes na sociedade.

Enquanto isso, o discurso de Frederico indica que, ao mesmo tempo em que as formas de masculinidades expressas no esporte podem ser desdobramentos dos saberes e práticas externos a esse campo, também este poderia ser um dos pioneiros na manifestação de masculinidades alternativas. Entretanto, o esporte estaria, de certa forma, abusando do seu poder de refração e se esquivando de questões que, em conjunto com outras instituições e agentes, poderiam ser também por ele tratadas. A diferença no incentivo de homens e mulheres à prática, citada pelo jogador, seria resultado da inércia do campo sobre a criação de regime de gênero alternativo ao que considera os corpos masculinos como únicos aptos ao esporte.

A ideia de autonomia irrestrita do esporte em relação aos outros setores da sociedade é negada por Guttmann (2004). Para o autor, o esporte atravessa os tempos e pode ser encontrado em distintas eras e povos, de forma que seus atributos dependerão das características do macrocosmo, a sociedade na qual está inserido.

O autor supracitado deduz que a ascensão do esporte moderno se deu de forma similar à passagem do sistema tradicional puritano ao capitalismo e reclamou a adoção dos seguintes conceitos: secularismo, especialização, racionalização,

burocratização, quantificação, recorde e igualdade de oportunidades de participação. Esse último princípio pode ser analisado sob dois aspectos: (1) todas as pessoas poderiam participar de uma competição; (2) todos participariam sob as mesmas condições de competição. É a essa conjuntura que Jean se refere para qualificar o esporte como neutro perante a constituição das relações de gênero. E é a esse mesmo princípio que Frederico recorre para questionar a legitimidade dessa neutralidade.

Sobre o alcance do esporte sobre outros espaços, agentes e instituições – mesmo aqueles não relacionados diretamente a ele e aos seus praticantes –, Vaz (2011, p. 849-850) afirma que, dada a sua rígida organização e especialização, o esporte tende a ser relacionado ao mundo masculino e a elementos como a virilidade e o sexismo, com pouca abertura para transgressão. Contudo, caracterizada pelo protagonismo experiência corporal e atravessada pela linguagem e pela cultura, a prática esportiva expressa identidades cada vez menos fixas, acompanhando e determinando as negociações em torno das categorias de gênero, cor/raça, geração, entre outras.

Pelas razões acima expostas, Vaz (2011, p. 850) pontua que aquele deve ser compreendido como “importante vetor de identidades a partir das relações que estabelece entre conformações corporais e subjetivas”. De acordo com o autor, o modelo esportivo (que inclui a tecnologia, o rendimento, a disciplina e os padrões corporais de homens e mulheres) oferece às diferentes esferas sociais forma, conteúdo e espaço para o uso dos corpos, seja como experiência, seja como instrumento de vivências. Desta forma, “o esporte não está isento das práticas e dos discursos generificantes”, como no debate protagonizado por Jean e Frederico acerca do incentivo e da forma de participação de homens e mulheres e, conseqüentemente, no reforço ou transgressão de determinadas formas de masculinidades e feminilidades (VAZ, 2011, p. 849-850).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada a análise dos dados e informações coletados, chegamos ao momento de responder aos objetivos desse estudo.

Primeiramente, percebemos a existência de uma estrutura social voltada para a constituição de determinadas formas de corporeidades e masculinidades. Essa estrutura é, de certa forma, ativada antes mesmo da existência corporal do sujeito, uma vez que, mesmo antes do seu nascimento, as concepções referentes àquelas categorias circulam por meio de discursos e práticas.

As corporeidades e masculinidades são dinâmica e cotidianamente construídas pelo sujeito e em relação àquela estrutura, que lhe oferecerá um quadro ordenador de elementos, condutas, comportamentos e ações, e suas respectivas valorações em determinado meio social. São essas categorias, portanto, construídas a partir da interação social do sujeito.

Constituída por diferentes e diversos agentes e instituições, a estrutura social é assinalada por disputas em torno dos sentidos e do reconhecimento de dadas formas de ser homem. Destacaram-se como elementos participantes do processo de constituição das corporeidades e masculinidades dos jogadores de *rugby*: o movimento feminista, o dispositivo da sexualidade, a família, o Estado, o trabalho, a Escola, a classe socioeconômica, a cor/raça e o esporte.

Os agentes e instituições acima citados, imersos no imaginário social, exercem influência sobre os sujeitos na medida em que avaliam e valoram, ou são utilizados para tal – como a sexualidade e a cor/raça –, os comportamentos, as possibilidades de ser e estar no mundo e, a partir disso, implicam efeitos concretos sobre suas vidas por meio da admissão ou veto a certas condutas. Ressalva-se que esses elementos agem de forma interacional, ou seja, há pontos de sobreposição, por exemplo, da instituição familiar e do Estado nos projetos de corporeidades e masculinidades.

Outro exemplo de interação entre diferentes agentes é a percepção entre os jogadores adultos participantes de que masculinidades juvenis são não apenas distintas das suas, mas hierarquicamente inferiores. Nesse caso, o marcador etário se torna também um agente constituinte de masculinidades.

Todos os componentes citados pelos jogadores, conforme a análise das informações coletadas, são envolvidos por uma tentativa de desempenhar controle

sobre a expressão de corporeidades e masculinidades, de modo a desencorajar condutas que julguem inadequadas a determinado homem em um dado contexto social. Quanto mais os homens jogadores se afastam do modelo hegemônico de masculinidade, por exemplo, mais seus corpos são alvos de vigilância. Não à toa, homens homossexuais, negros e pobres são os mais infligidos por atos discriminatórios, conforme os próprios participantes.

É importante ressaltar que o controle exercido pelos agentes e instituições é, por vezes, incorporado pelos jogadores de tal modo que os próprios vigiam a si mesmos e aos outros. O comportamento perante as mulheres e outros homens, o uso de produtos e procedimentos estéticos, o vestuário, a aparência, o controle emocional, tudo isso, verificou-se, torna-se critério de escrutínio e distinção dos homens entre si.

Especificamente sobre o esporte, as informações analisadas indicam ser este reconhecido pelos jogadores participantes como uma prática corporal e social com importante papel na formação humana. Em razão disso, o trabalho educativo e disciplinar realizado por meio da prática do *rugby* foi definido como um instrumento de reflexão e produção do “ser” a partir da expansão de saberes, capacidades – inclusive físicas – e relações.

Corpos e corpos masculinos são propostos a partir da manipulação e do controle executados por meio da prática esportiva e dos sentidos que lhe são conferidos. No caso do *rugby*, as condutas, comportamentos e ações hegemonicamente desejáveis aos jogadores são trabalhadas e reforçadas de diferentes formas por meio de um processo educativo fundamentado sob uma espécie de código do homem *rugbier*. Dentre outras, as corporeidades e masculinidades expressas nesse código legitimam o *status* e o prestígio de alguns homens sobre outros.

O código de condutas e comportamentos reconhecido pelos jogadores participantes do presente estudo como vinculado ao *rugby* e ao homem *rugbier* é constituído pelos seguintes aspectos:

- Valorização do volume e da força muscular;
- Promoção e comprovação da competitividade;
- Disponibilidade para atos de sacrifício corporal e geradores de dor;
- Obediência às hierarquias em âmbito clubístico;

- Respeito às pessoas envolvidas na prática esportiva (companheiros de equipe, adversários, árbitros/as, comissão técnica etc.);
- Compreensão do *rugby* e de seus praticantes como uma família global;
- Contrariedade ao uso da violência dentro e fora de campo;
- Demonstração de controle emocional;
- Percepção do *rugby* como um esporte cuja prática pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres.

Além dos elementos acima citados, também outros se destacaram como constituintes das corporeidades e masculinidades dos jogadores participantes, não sendo por estes relacionados como associados à prática do *rugby*, mas, conforme verificado, são expressos e endossados no ambiente clubístico.

- Noção de superioridade do corpo masculino sobre o corpo feminino;
- Assunção da vaidade masculina;
- Comportamento de cunho homofóbico;
- Percepção da idade como marcadora de hierarquias de masculinidades.

Parte dos elementos característicos das corporeidades e masculinidades dos jogadores são compartilhados pela ordem dominante na sociedade contemporânea. Esse aspecto demonstra que o esporte pode contribuir para a reprodução e estabilização de um determinado padrão de masculinidade a partir da criação de arranjos e regimes que reiterem cotidianamente os significados a ele associados. Não à toa, o esporte é reconhecido como uma das mais importantes instituições sociais no fomento à formação e desenvolvimento humano.

Dentre as modalidades esportivas, no imaginário social, o *rugby* é um dos mais comumente considerados como eminentemente masculinos. Essa ideia faz com que esta modalidade seja – por vezes, mecanicamente – associada à produção de formas consideradas ideais de masculinidade, em razão de um conjunto de procedimentos técnicos e táticos que a envolvem, bem como em decorrência do processo histórico de sua constituição como um fenômeno secular moderno inicialmente institucionalizado por e para os homens.

A relação de proximidade – ou cumplicidade – das masculinidades adotadas pelos jogadores participantes à vertente hegemônica é observável na presença de discursos que naturalizam as desigualdades – no âmbito do trabalho, por exemplo – entre homens e mulheres como oriundas das diferenças anatômicas e biológicas entre

ambos e, portanto, tratam-na com uma questão ontológica. Esse discurso remete ao uso nada inocente ou neutro do gênero como marcador de ascendência na hierarquia social.

Nesse ínterim, o esporte é um espaço latente de questões que permeiam o universo masculino e seus valores distintivos. As práticas corporais podem assumir função de educação dos corpos, visando a formação de pessoas aptas a realizar determinadas funções, dentre elas, assumir comportamentos e atitudes naturalizados como condizentes com o gênero.

Pautado na produção de disciplina, competitividade, virilidade e respeito, uma das razões para que o *rugby* seja escolhido como prática corporal pelos jogadores participantes é a possibilidade de modelação de seus corpos de modo a acessar o prestígio e a honra conferidos às masculinidades ali expressas. Desta forma, o *rugby* se torna uma ferramenta no estabelecimento de padrões de masculinidades, quesito integrante da política da masculinidade hegemônica.

No entanto, ao esforço pela incorporação das práticas e símbolos associados às formas hegemônicas ou cúmplices de masculinidades não estão atrelados somente bônus, mas também custos. Dentre os jogadores participantes, esse ônus inclui a repressão de sentimentos (como o medo, entendido como covardia pela referida forma de masculinidade) e de emoções (por meio do choro, principalmente), a restrição dos modos de demonstração corporal de afeto por outros homens, a exposição a situações que representem riscos à sua saúde (como forma de afastar a imagem de fragilidade).

Não dar importância a esses encargos é assumir a iminente possibilidade de perda de *status* e prestígio na hierarquia masculina, podendo inclusive ser rebaixado a níveis semelhantes ao feminino (em diversas situações os jogadores participantes foram pejorativamente associados a características consideradas femininas). Em razão desse contexto, não convém definir a significativa divergência dos jogadores em relação ao movimento feminista como resultante de uma postura maniqueísta. As vantagens reais da manutenção da ordem de gênero contemporânea tornam a constituição das masculinidades um processo ainda mais complexo.

Romper os padrões instituídos no manual do homem *rugbier* acarretam consequências que vão desde advertências, passando pelas suspensões e chegando

a episódios de constrangimento e punição públicos. Porém, a norma não constitui o ser por inteiro. Há espaço para transgressões.

A organização da estrutura social e seu potencial de influência sobre a formação do sujeito pode levar a crer que as corporeidades e masculinidades são uniformes independente do contexto social e histórico. Contudo, antes de realizar tal afirmação, deve-se considerar que os agentes e instituições – já aqui citados – que compõem a estrutura são variados e possuem lógicas internas, por vezes, divergentes – inclusive quanto aos interesses dos diferentes grupos de homens. Em razão da relação interacional entre esses elementos, as crises geradas pelas contradições internas possibilitam – ou mesmo forçam – redefinições de padrões estruturais que poderão alcançar as relações sociais em geral, modificando suas trajetórias de constituição.

Nessa perspectiva, a estrutura pode sofrer modificações – mesmo que lentas – ao longo da história. Conseqüentemente, corporeidades e masculinidades também não são categorias universais, válidas para quaisquer tempos e contextos, como se fossem reproduzidas *ad eternum*. Diferentes culturas, bem como diferentes períodos, constroem masculinidades diferenciadas, que, conseqüentemente, resultam diferentes definições de masculinidade. O que chamamos hoje de ordem social hegemônica poderá não o ser em outro momento histórico. É em razão desse movimento fluido que características biológicas dos corpos – como diferenças de níveis de força muscular – são utilizadas, inclusive pelos jogadores participantes, como prerrogativa para promover e legitimar a inequivocidade de determinadas questões relativas às masculinidades.

Também o esporte, como fenômeno sociocultural, apresenta constantes transformações de ordens técnica, de exposição e de apropriação pela sociedade. Logo, é necessário considerar as particularidades e o tempo histórico das sociedades que o vivenciam e, conseqüentemente, transformam-no de acordo com sua própria história, cultura e valores, pois este não se trata apenas de uma arena de reprodução de masculinidades, mas também de lutas que podem tencionar subversivamente as normas da masculinidade hegemônica e contribuir para a criação de novos modelos.

Sendo assim, o *rugby* não é um elemento isolado e imune às configurações sociais, históricas e políticas. Em determinados momentos, o conjunto de comportamentos, atitudes, emoções e valores propostos no código do *rugby* atuou

como ferramenta de correção de masculinidades dissonantes do modelo hegemônico. Por outro lado, há fissuras no código do *rugby* que estabelecem referências para além das estruturas normativas. Apesar do discurso de força e resistência à dor seguir comum às configurações de masculinidades de homens jogadores de *rugby*, os modos de expressão dessas manifestações sofreram modificações significativas.

Inicialmente restrito aos homens integrantes da elite inglesa, o *rugby*, ao longo de um processo histórico, foi apropriado por homens de contextos sociais, culturais e econômicos distintos, e, mais tarde, por mulheres. A inclusão desses novos corpos à prática do *rugby* acarretou, por seu turno, por atribuir outros valores ao esporte.

Um dos valores modificados foi o nível de violência da prática, que sofreu modificações com vistas a atender aos novos princípios de civilidade e masculinidade dominantes. Por sinal, a crítica ao uso da violência – compreendida como distinta da agressividade necessária no jogo em razão desta ser regulada – é uma das poucas características unânimes entre os jogadores participantes e demonstra a possibilidade de configuração de novos arranjos de masculinidades.

Além disso, tomando apenas o esporte como objeto de análise, conforme os jogadores participantes, as corporeidades e masculinidades dos praticantes de *rugby* são distintas e hierarquicamente superiores – em razão de maior apreço pela disciplina e pelo respeito – àquelas adotadas por outras modalidades, como o futebol, insistentemente citado antiético. Isso demonstra que mesmo no campo esportivo, há diferenças internas nas corporeidades e masculinidades expressas.

Outro ponto corroborado pelos jogadores participantes diz respeito à capacidade de agência dos indivíduos. As instituições e as forças culturais têm potencial de influência sobre as definições, identidades e comportamentos no interior das relações sociais, entretanto, a relação entre as partes não se dá de forma mecânica, mas dialética. Corporeidades e masculinidades são construídas na materialidade da interação social e apresentam tendências internas de modificação. Logo, além da diversidade em contextos sociais distintos, existe a possibilidade de, apesar da naturalização de discursos definidores de comportamentos, ações e atitudes pontuados como inerentes aos homens, também em um mesmo grupo social – como o de jogadores de *rugby* – os padrões de corporeidades e masculinidades serem ressignificados ou recusados pelos indivíduos (o que não significa que esse movimento seja facilmente realizado).

As características constituintes das corporeidades e masculinidades dos jogadores participantes são predominantes no grupo, mas não únicas. O uso de procedimentos e produtos estéticos, por exemplo, é por si é um aspecto transgressor à masculinidade hegemônica, mas não é adotado por todos os jogadores. A disponibilidade para o sacrifício corporal e o controle emocional também não são unanimidade entre os jogadores, apesar de reconhecidos como qualidades de distinção. Outra característica apropriada de distintas formas pelos jogadores é a restrição ao toque em outros corpos masculinos em razão da possibilidade de suspeição de homossexualidade; alguns jogadores não se privam de demonstrar afeto para com outros homens.

Percebe-se, assim, que os projetos de constituição das corporeidades e masculinidades dos jogadores envolvem aspectos individuais e coletivos. O corpo não está imerso em uma independência tal do meio que o cerca para se construir como masculino, pois os elementos necessários para tal serão dispostos a partir dos encontros com os agentes e instituições sociais ao longo de suas vidas. Porém, eles não são docilizados pelos agentes e instituições com os quais interagem, entre os quais o *rugby*, a ponto de ter seu poder de agência extinto. Há uma margem de autonomia – em diferentes níveis para cada um dos jogadores, haja vista suas interações com diferentes agentes sociais – para a ressignificação das concepções de corpo e homem na medida em que demandas individuais e sociais geram questionamentos e necessidade de revisões de posicionamentos quanto ao sistema de valores vigente.

A hierarquia de masculinidades é uma importante motivação para a transformação destas, pois sua configuração é mutável. Os jogadores participantes deste estudo têm ciência disso. Daí que a luta da equipe juvenil pelo reconhecimento de suas masculinidades pelo grupo dominante é, ao fim, uma luta pela hegemonia, pois o caráter dinâmico das masculinidades também afeta a vertente hegemônica, que pode ser contestada, reconstituída ou rebaixada por outro modelo. A preocupação entre os jogadores pode ser assim resumida: no caso de quem está no topo, dificultar ao máximo o fluxo de masculinidades; para quem está na base importa alcançar o pico seja adotando a forma hegemônica, seja integrando um movimento de configuração de uma nova vertente hegemônica.

Outro aspecto verificado no presente estudo é a busca pelo prazer e emoção na constituição e vivência das corporeidades e masculinidades. Já discutimos que no processo de construção do ser homem, os jogadores se deparam com dividendos e custos referentes à adoção de determinadas formas de masculinidades. Porém, deve-se recuperar, os participantes sentem orgulho em expressar frente a outros homens e a mulheres determinadas características valorizadas no meio social, e até mesmo as pouco valorizadas – como a vaidade –, mas que lhes transmitem sensação de bem estar. É o prazer conferido pela experiência corporal – de transformação ou reprodução – que corrobora a dimensão do corpo como, ao mesmo tempo, produto e agente social.

Por fim, o presente estudo demonstra, a nosso ver, a importância da realização de mais pesquisas acerca das corporeidades e masculinidades no esporte. Especificamente a posição de neutralidade levantada por parte dos jogadores participantes como aspecto qualificador das possibilidades de atuação do esporte frente às masculinidades mostram a urgência e relevância de estudos futuros.

Problematizar essas questões é importante para compreender o esporte como um espaço que, por meio de sua estrutura burocrática e do uso da experiência corporal, pode auxiliar na produção de disciplina, de diferentes possibilidades de usos dos corpos, de saberes e práticas voltadas à saúde e à diversão, e que além de tudo isso, ainda atua como mediador do processo de construção de corporeidades e masculinidades, quer reconstituindo pela prática concepções tradicionais, quer contribuindo para modificações nas relações sociais da sociedade contemporânea, mas não determinando os arranjos. A possibilidade de uso da performance corporal como vetor de produção de valores é um diferencial do esporte frente a outras instituições, como a família, pois a constituição do ser perpassa a materialidade corporal.

Mesmo que, atualmente, a prática esportiva não possa ser caracterizada como restrita ao público masculino (o que deve ser celebrado em uma sociedade que possibilitar oportunidades equânimes aos diversos gêneros), não seria factível afirmar que se trata o esporte de um campo isento ao debate e à expressão de masculinidades e, ainda mais, de relações de gênero. Apesar (ou seria por isso?) do ingresso de mulheres, o esporte segue – explícita ou sob a camuflagem do princípio da igualdade de participação – como um dos palcos preferenciais para construção,

fortalecimento e exposição da masculinidade hegemônica e de uma ordem de relação de gênero que não se mostra democrática. O esporte segue uma instituição generificada e generificadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Vítor. Cerca de 25% dos desempregados procuram emprego há mais de dois anos. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro. 14 fev. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-02/cerca-de-25-dos-desempregados-procuram-emprego-ha-mais-de-dois-anos>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ABIHPEC/SEBRAE (Brasil). Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Caderno de tendências: higiene pessoal, perfumaria e cosméticos 2019-2020**. 2018. Disponível em: <https://abihpec.org.br/publicacao/caderno-de-tendencias-2019-2020/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

ALASALMI, Teija. **Problems of translating the laws of rugby union from english into finnish**. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Línguas) - University of Jyväskylä, Jyväskylä, 2014. Disponível em: <https://jyx.jyu.fi/dspace/bitstream/handle/123456789/44692/URN:NBN:fi:ju-201411193295.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 set. 2017.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. Nostalgia da infância, saudades do feminino: em que momentos da vida de um homem o feminismo pode atuar para a construção de outras masculinidades possíveis. In: BLAY, Eva A. (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 105-116.

ALMA PRETA. Negros e periféricos são os mais afetados pelo aumento da população carcerária no Brasil. **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**. Brasil. 25 jul. 2019. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/violencia-seguranca/25394/negros-e-perifericos-sao-os-mais-afetados-pelo-aumento-da-populacao-carceraria-no-brasil>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ALMEIDA, João F. de; PINTO, José M. Da teoria à investigação empírica: problemas metodológicos gerais. In: SILVA, Augusto S.; PINTO, José M. (Orgs.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 4. ed. Porto: Afrontamento, 1990. p. 55-78.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Etnográfica Press, 1995. Disponível em: <http://books.openedition.org/etnograficapress/459>. Acesso em: 19 jan. 2020.

ALVES, José E. D. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. (Textos para discussão). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv3121.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

ANDERSON, Eric. "I Used to Think Women Were Weak": Orthodox Masculinity, Gender Segregation, and Sport. **Sociological Forum**, v. 23, n. 2, p. 257-180, jun. 2008.

- ANTONIO, Victor S.R.; KATER, Thiago. A imigração britânica e a introdução do *rugby* no Brasil (1891-1933). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 23, 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh-SP, 2016. p. 12. Disponível em: [http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475260073_ARQUIVO_ANTONIO&KATER.AimigracaobritanicaeaintroducaodorugbynoBrasil\(1891-1933\)\(1\).pdf](http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475260073_ARQUIVO_ANTONIO&KATER.AimigracaobritanicaeaintroducaodorugbynoBrasil(1891-1933)(1).pdf). Acesso em: 16 fev. 2020.
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. São Paulo: Artmed/Bookman, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª reimpr. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDUNI FILHO, Jairo. **Masculinidades**: um jogo de aproximações e afastamentos, o caso do jornal estudantil o bonde. 2017. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- BARRETT, Michèle. Feminismo. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Orgs.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 304-307.
- BATISTA, Alexandro B. **Caserna** - lugar de 'homens': um olhar de gênero na formação do jovem militar. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.
- BAUBÉROT, Arnaud. **Não se nasce viril, torna-se viril**. COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade**: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. 3 v. p. 189-220.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**: a educação física na escola brasileira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41. (Coleção Gênero; 1).
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. 1. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Entenda as diferenças entre os diversos tipos de prisão no Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=103323>. Acesso em: 29 fev. 2020.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 12, p. 59-62, 13 jun. 2013.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF, 9 mar. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em: 29 fev. 2020.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio. 2016.

BRASIL. **As mulheres nas Forças Armadas brasileiras**. 2019. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/plano-nacional-de-acao-sobre-mulheres-paz-e-seguranca/14062-as-mulheres-nas-forcas-armadas-brasileiras>. Acesso em: 23 fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Brasília, DF, 24 set. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm. Acesso em: 27 fev. 2020.

CARVALHO, Mônica. Risco, dispositivos de informação e a questão do governo em sua relação com a saúde nas sociedades contemporâneas. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, n. 2, v. 1, p. 147-170, dez. 2007.

CBRu. Confederação Brasileira de *Rugby*. **CBRu - Sobre nós**. 2019. Disponível em: <http://ww2.brasilrugby.com.br/a-cbru-sobre-nos/>. Acesso em: 17 jul. 2017.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206. 1995.

CONNELL, Raewyn. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José. **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago (Chile): Flacso Chile/Isis Internacional, 1997. p. 31-48.

CONNELL, Raewyn. Understanding men: gender sociology and the new international research on masculinities, **Social Thought & Research**, v. 24, p. 13-31. 2002.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn. Gender, health and theory: conceptualizing the issue, in local and world perspective. **Social Science & Medicine**, v. 74. p. 1675-1683. 2012.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero, uma perspectiva global: compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo**. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: nVersos, 2017.

COSTA, António F. da. A pesquisa de terreno em sociologia. In: SILVA, Augusto S.; PINTO, José M. (Orgs.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 4. ed. Porto: Afrontamento, 1990. p. 129-148.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013a. 3 v. p. 7-12.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução: impossível virilidade. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013b. 3 v. p. 554-577.

CYRINO, Letícia T. et al. Effect of 16 weeks of resistance training on strength endurance in men and women. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [s.l.], v. 25, n. 5, p. 399-403, set./out. 2019.

DALSIN, Karine; GOELLNER, Silvana V. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p 153- 171, jan./abr. 2006.

DAMIANI, Iara A.; SILVA, Ana M. As práticas corporais e os elementos do processo metodológicos da pesquisa integrada. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (Orgs.). **Práticas corporais: trilhando e compar(trilhando) as ações em Educação Física**. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005. p. 19-32.

DEVIDE, Fabiano P.; BATISTA, Renata S. O exercício físico na construção da identidade de gênero: por uma masculinidade plural In: KNIJNIK, Jorge Dorfman

(Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 185-209.

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no esporte. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985a. p. 327-354.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985b. p. 389-412.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 1-26, 1997.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985a. p. 39-99.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985b. p. 187-222.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A dinâmica dos grupos desportivos: uma referência especial ao futebol. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985. p. 279-325.

ENGEL, Cíntia L. **As atualizações e a persistência da cultura do estupro no Brasil**. Brasília: Ipea, 2017. (Texto para discussão). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8088/1/td_2339.PDF. Acesso em: 27 fev. 2020.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 4. reimpr. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 29. reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FRANCO, Maria L.P.B. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. 13. reimp. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

GOELLNER, Silvana V. Prefácio. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 7-10.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 8. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

GUTIERREZ, Diego Monteiro. **O rugby, identidade e processos econômicos no Brasil**. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sport**. New York: Columbia University Press, 1978.

GQ BRASIL (Brasil). **Mídia Kit 2016**. 2016. Disponível em: http://editora.globo.com/midiakit/gq/midiakit_gq.pdf. Acesso em: 7 dez. 2016.

HALL, Stuart. Some “politically incorrect” pathways through PC. In: DUNANT, S. (Org.). **The war of the words: the political correctness debate**. Londres: Virago Press, 1994. p. 164-183. Disponível em: <http://www.ramwan.net/restrepo/hall/some%20politically%20incorrect%20pathways.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.

HEILBORN, Maria L. Homens jovens e os atropelos da heterossexualidade: contracepção e aborto. MEDRADO, Benedito. (Org.). **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto Papai, 2010. p. 109-124.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, F.M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

IBGE (Brasil). Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece. **Agência IBGE**. Brasília. 13 nov. 2019b. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em: 15 mar. 2020.

IPEA/FBSP. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2019**. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 29 fev. 2020.

IRB. INTERNATIONAL RUGBY BOARD. **A beginner's guide to Rugby Union**. 2008. Disponível em: http://www.englandrugby.com/mm/Document/MyRugby/Coaches/01/30/43/38/Introductiontorugby_Neutral.pdf. Acesso em: 14 out. 2017.

JAEGER, Angelita Alice. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. 237 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências do Movimento Humano, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

JOEL, Daphna; GARCIA-FALGUERAS, Alicia; SWAAB, Dick. The Complex Relationships between Sex and the Brain. **The Neuroscientist**, [s.l.], p. 1-14, set. 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru (SP): Edusc, 2001.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Fazendo gênero no esporte. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a, p. 17-21.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Gênero: um debate que não quer calar. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010b, p. 25-65.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; FALCÃO-DELFINO, Paulo César. **Esporte e masculinidades**: uma longa história de amor, ou melhor, de amizade. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 161-183.

LEÃO, Natália. Você repaginado. **Gq Brasil**: Gentlemen's Quarterly, São Paulo, v. 7, n. 76, p. 117-126, jul. 2017.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. 4. ed. Campinas: Papirus, 2009.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.

LOPES, André L.; SANT'ANA, Ricardo T.; BARONI, Bruno M.; CUNHA, Giovani dos S.; RADAELLI, Regis; OLIVEIRA, Álvaro R.; CASTRO, Flávio de S. Perfil antropométrico e fisiológico de atletas brasileiros de 'rugby'. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 387-95, jul./set. 2011.

LOURO, Guacira L. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59-76. 2000.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Roberto D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L.; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Deborah; HOOKS, Bell; PARKER, Richard; BUTLER, Judith (Orgs.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-42.

LUZ, Nilton. Reflexões do entrelugar. In: GIVIGI, Ana C.N.; DORNELLES, Priscila G. **O recôncavo baiano sai do armário**: universidade, gênero e sexualidade. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013. p. 185-228.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MANECHINI, Guilherme; VIEIRA, Piti. Pique de jogador. **Gq Brasil**: Gentlemen's Quarterly, São Paulo, v. 7, n. 78, p. 100-105, set. 2017.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTÍN, Montse. Los orígenes del *rugby* femenino en Inglaterra. **Apunts Educ fís esports**, n. 66, p. 82-85. 2001.

MARTINS, Ivan. Quem é amigo conta? Há diferenças entre ajudar um amigo, humilhá-lo e simplesmente fazer fofoca. **Gq Brasil: Gentlemen's Quarterly**, São Paulo, v. 7, n. 74, p. 89, mai. 2017a.

MARTINS, Ivan. Uma DR de macho: que homem tem com os amigos conversas íntimas como as de Velozes e Furiosos? **Gq Brasil: Gentlemen's Quarterly**, São Paulo, v. 7, n. 75, p. 91, jun. 2017b.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MELO, Victor Andrade de; GONÇALVES, Michelle Carreirão. À sombra do futebol: experiências com o *rugby* nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, [s.l.], v. 25, p.1-14. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes; 2009a. p. 9-29.

MINAYO, Maria C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes; 2009b. p. 61-77.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NARAYAN, Uma. O projeto de epistemologia feminista: perspectivas de uma feminista não ocidental. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 276-290. (Coleção Gênero; 1).

NITAHARA, Akemi. Negros têm 2,7 mais chances de serem mortos do que brancos. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 13 nov. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/negros-ou-pardos-tem-27-mais-chances-de-serem-mortos-do-que-brancos>. Acesso em: 15 mar. 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, Edyr Batista de. **“Cada um sabe do seu próprio corpo”**: masculinidades, projetos corporais e treinos. 2017. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém (PA), 2017.

ORELLANA, Jesem Douglas Yamall et al. Violência urbana e fatores de risco relacionados ao feminicídio em contexto amazônico brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 35, n. 8, p.1-13, 2019. FapUNIFESP (SciELO).

PHILLPOTS, Kyle. **The professionalisation of Rugby Union**. 2000. 324 f. Tese (Doutorado em Filosofia Política) - Department of Politics and International Studies, University of Warwick, Coventry, 2000. Disponível em: http://wrap.warwick.ac.uk/4498/1/WRAP_THESIS_Phillpots_2000.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.

PIAUÍ. **Edital de concurso público nº 01/2014** – retificado. [Inscrições para o Concurso Público do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Piauí]. Teresina, 12 set. 2017. Disponível em: https://nucepe.uespi.br/downloads/edital_bm2017.pdf. Acesso em 23 fev. 2020.

PINSKY, Carla B. Gênero. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Novos temas nas aulas de História**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 29-54.

POCAHY, Fernando. Deuses e Monstros: envelhecimento e (homo)sexualidade nas tramas da abjeção. **Bagoas**, v. 7, n. 10, p. 133-155, jul. dez. 2013.

PORTAL DO RUGBY. **Onde jogar**. 2019. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/onde-jogar>. Acesso em: 11 jan. 2020.

PORTAL DO RUGBY. **Guia para iniciantes**. 2012. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/guia-para-iniciantes>. Acesso em: 11 jan. 2020.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2008.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RIAL, Carmen S. *Rugby e judô: esporte e masculinidade*. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Mirian P. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. 1. reimpr. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 229-258.

SALVADOR, Emanuel P. et al. Comparação entre o desempenho motor de homens e mulheres em séries múltiplas de exercícios com pesos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [s.l.], v. 11, n. 5, p. 257-261, out. 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 135-211.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Natália C. dos; PEREIRA; Severino J.N. Barba, cabelo e bigode: consumo e masculinidades em barbearias. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 3, p. 183-194, jun. 2019.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, J.W. Experiência. In: SILVA, A.L. da.; LAGO, M.C. de S.; RAMOS, T.R.O. **Falas de gênero**: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.

SCOTT, Juliano B.; OLIVEIRA, Isabel F. de. Perfil de homens autores de violência contra a mulher: uma análise documental. **Revista de Psicologia da Imed**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 71-88, dez. 2018.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4340/000399778.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2020.

SILVA, Alan C.; FERREIRA, Jaqueline. Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 160-173, abr./jun. 2019.

SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. As práticas corporais em foco: a análise da experiência em questão. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (Orgs.). **Práticas corporais**: experiências em educação física para uma formação humana. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005a. p. 187-207.

SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (Orgs.). **Práticas corporais**: gênese de um movimento investigativo em Educação Física. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005b. p. 17-28.

SILVA, Ana M.; MEDEIROS, Francisco E. de; LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana P.S. da; ANTUNES, Priscilla de. C.; LEITE, Jaciara O. Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, José L.C.; SARAIVA, Maria do C. (Orgs.). **Práticas corporais no contexto contemporâneo**: (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009, p. 10-27.

SILVA, Priscila Neves. **Gênero, masculinidade e saúde do homem**: a representação social do agente comunitário de saúde. 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas René-rachou, Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Simone B.; MIRANDA, Valéria dos S.N. Homofobia e invisibilidades na educação. In: GIVIGI, Ana C.N.; DORNELLES, Priscila G. **O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013. p. 103-130.

SKINNER, James; STEWART, Bob; EDWARDS, Allan. The Postmodernisation of Rugby Union in Australia. **Football Studies**, v. 6, n. 1, p.51-69. 2003.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013. 3 v. p. 424-453.

TERZIAN, Françoise. Hora de passar de nível: jogadoras profissionais revelam situações de abuso e opressão em jogos on-line – da iniciativa nasceu o movimento mundial #MyGameMyName. **Gq Brasil: Gentlemen's Quarterly**, São Paulo, v. 7, n. 83, p. 46, mar. 2018.

URRA, Flávio. Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência. In: BLAY, Eva A. (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 105-116.

VANRYZIN, Jonathan W. et al. Microglial Phagocytosis of Newborn Cells Is Induced by Endocannabinoids and Sculpt Sex Differences in Juvenile Rat Social Play. **Neuron**, [s.l.], v. 102, n. 2, p. 435-449. E6, abr. 2019.

VAZ, Alexandre F. A construção dos corpos no esporte. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 849-851, set./dez. 2011.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013. 3 v. p. 82-115.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L.; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Deborah; HOOKS, Bell; PARKER, Richard; BUTLER, Judith (Orgs.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 43-104.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

WORLD RUGBY (Irlanda). **Leis do jogo Rugby Union: incorporando o documento do jogo**. Dublin: World Rugby, 2016. Disponível em: https://bahiarugbydoc.files.wordpress.com/2016/02/world_rugby_laws_2016_ptbr.pdf. Acesso em: 31 jun. 2020.

WORLD RUGBY (Irlanda). **Year in review 2018**. Dublin, 2019. Disponível em: <http://publications.worldrugby.org/yearinreview2018/en/108-1>. Acesso em: 12 dez. 2019.

CO **GQ** RPO

Editado por **Natália Leão**

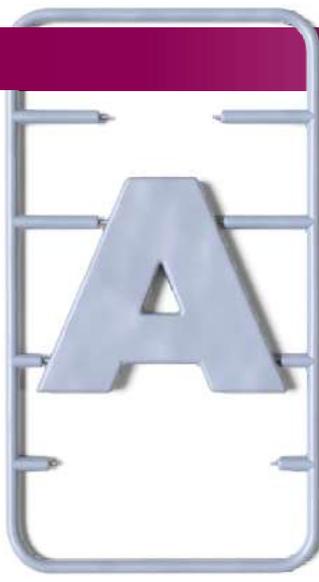
ESPECIAL



VOCÊ REPAGINADO

É oficial: nós homens finalmente conquistamos o mundo dos cosméticos, das tendências fitness e até dos tratamentos estéticos. Mas como ser um expert? Fácil: com o guia GQ de A a Z sobre saúde, grooming e fitness

Ilustrações Marcus Penna
Colaborou Gregory Martins



ÁGUA

Mas não a da torneira. “A **água termal** é extraída de uma fonte específica e conserva todas as propriedades terapêuticas com **ação calmante, antioxidante, tonificante e anti-inflamatória**, por ter mais minerais ativos do que a água comum. Como seu pH é alcalino, ajuda na cicatrização da pele”, explica a dermatologista Aline Vieira. Por isso, é ótima para ser usada após o barbear.



ÁGUA TERMAL MINERALIZANTE VICHY

Os minerais naturalmente antioxidantes trabalham para purificar e acalmar a pele. Também pode ser usada em queimaduras, coceiras e pele irritada. R\$ 79,90

ÁGUA TERMAL LA ROCHE-POSAY

Tem ação calmante, anti-inflamatória, anti-irritante e antioxidante. Rica em selênio, cálcio, silicato e zinco, é utilizada em queimaduras pós-sol, tratamentos de eczemas e psoríases. R\$ 89,90



B BARBA

NA BARBEARIA



AS BARBEARIA

A minimalista com aquele algo a mais: tonalização, modelagem e depilação para os homens.

RUA AUGUSTA, 2.780
JARDINS, SÃO PAULO
TEL. (11) 3063-1658

BARBEARIA CAVALERA

O covil dos homens de atitude: misto de vintage com pegada latina mesclada a técnicas clássicas e linha própria de produtos.

AV. BERNARDINO DE CAMPOS, 173
PARAÍSO, SÃO PAULO
TEL. (11) 3262-3050



RIO ANTIGO A tradicional que virou ponto de encontro: boa música, ambiente descontraído, barbear clássico e chope gelado.

RUA DARKE DE MATTOS, 67
HIGIENÓPOLIS, RIO DE JANEIRO
TEL. (21) 4128-4771

CLUB MEN SALON

A mil e uma utilidades! Além de camuflagem e depilação, oferece barboterapia: experiência com toalhas quentes, óleos, navalha, massagem e relaxamento.

RUA MINISTRO TAVARES LIRA, 105
CATETE, RIO DE JANEIRO
TEL. (21) 3082-0012



EM CASA



BARBA CHEIA

Para manter o visual alinhado é preciso investir tempo e dinheiro em produtos para manter os fios no lugar e zelar pela saúde da pele.

“Os homens que usam a barba cheia têm tendência à dermatite seborreica na região. Para evitar, é indicada a higiene constante da barba com uso de produtos específicos”, afirma o dermatologista especialista em barba Rodrigo Frota. A tesourinha é uma boa opção para acertar o comprimento dos fios e desenhar detalhes, como bigode e laterais. “Deve-se incluir na rotina diária o uso de xampus de barba e óleos hidratantes.”



BARBA REGULAR

Disponíveis com pentes de diferentes tamanhos, barbeadores elétricos são aliados dos fios em comprimento homogêneo.

Atenção à região das bochechas. “Quem tem as bochechas mais redondas deve optar pelo corte reto, quem tem o rosto mais fino e anguloso deve optar pelo corte arredondado. Na dúvida, consulte um profissional”, recomenda Wagner Ribeiro, barbeiro da AS Barbearia. Na hora de aparar os fios rebeldes do pescoço, mantenha até dois dedos de barba abaixo da linha do maxilar e faça a manutenção a cada quinzena.



BARBA RALA

Já é possível driblar com transplante a genética do rosto liso. “O de barba é o segundo tipo de transplante mais procurado pelos homens. Ele é indicado tanto para quem possui pequenas falhas quanto para aqueles que não têm barba nenhuma. Os fios são retirados da parte de trás da cabeça, e o procedimento feito sob anestesia local. O nível de desconforto é baixo. Após a recuperação – que é rápida –, o paciente pode usar a barba da forma que desejar: raspada, cerrada ou comprida”, diz Thiago Bianco, especialista em transplantes capilares.

Shaving Razor
Acqua di Parma
Collezione
Barbiere
R\$ 1.400



Beard Elixir
Recipe
for Men
R\$ 279



Óleo de
Barbear
Natura Ekos
R\$ 49,90



2 in 1 Skin
Hydrator + Beard
Conditioner
Clinique for Men
R\$ 205



Creme de Barbear
Cade L'Occitane en
Provence
200ml
R\$ 135



Razor Bump
Relief Kiehl's
124ml
R\$ 87



C CHOQUE



Você sente dores ou está lesionado? Aceite de bom grado a **Terapia por Ondas de Choque (TOC)**. “Trata-se de um recurso não invasivo de ondas mecânicas ou acústicas que **promovem efeitos analgésicos, anti-inflamatórios, de estimulação da microcirculação, do metabolismo celular, produção de colágeno, processo regenerativo celular e formação óssea**”, explica a fisioterapeuta Regina Vitalo. É indicado para o tratamento de quadros de dor e processos inflamatórios. Em média, são quatro sessões, cada uma com duração de 20 a 30 minutos.

D DEPILAÇÃO

COSTAS
 ▶ **DEPILAÇÃO COM CERA QUENTE**
Nível de dor
 ALTO
Duração média
 20 DIAS

▶ **DEPILAÇÃO A LASER OU LUZ PULSADA**
Nível de dor
 ALTÍSSIMO
Duração média
 2 MESES
Vale a pena?
 SÓ SE VOCÊ FOR O TONY RAMOS

AXILAS
 ▶ **LÂMINA DE BARBEAR OU CREME DEPILATÓRIO**
Nível de dor
 NÃO CAUSA DOR
Duração média
 4 DIAS
Vale a pena?
 SIM! MAS, NA MAIORIA DAS VEZES, UMA PODADA COM TESOURINHA É O SUFICIENTE



PEITO
 ▶ **LÂMINA DE BARBEAR OU CREME DEPILATÓRIO**
Nível de dor
 NÃO CAUSA DOR
Duração média
 4 DIAS
Vale a pena?
 SIM!

REGIÃO ÍNTIMA
 SE VOCÊ É DO TIPO CORAJOSO, PODE OPTAR PELA **DEPILAÇÃO COM CERA FEITA POR PROFISSIONAL**, ESPECIALMENTE NAS REGIÕES MAIS PERIFÉRICAS, COMO A VIRILHA E A CONEXÃO DO ABDÔMEN COM O PLAYGROUND, BUSCANDO UM RESULTADO MAIS DURADOURO. NA DÚVIDA, **APARAR COM MÁQUINA** É O SUFICIENTE – E NADA DE MOVIMENTOS BRUSCOS!

E ESTILO

CABELO: É ELE QUEM DIZ SE VOCÊ É COXINHA, MODERNINHO, METROSEXUAL OU DESLEIXADO. COM A AJUDA DO HAIR STYLIST ULISSES SJ, DO E.A. CREATIVE SALON, AJUDAMOS VOCÊ A DESCOBRIR QUAL O PRODUTO IDEAL PARA O VISUAL QUE DESEJA.

▶ **POMADA** Ela agrupa os fios promovendo fixação leve. Se o corte for repicado ou desfiado, pode ser usada para reagrupar as pontas, direcionar os fios ou ainda fazer um topete relaxado. Mas não exagere: basta colocar um pouquinho (tamanho de um grão de feijão) na palma da mão, esfregar e modelar.

▶ **PASTA** É mais densa e tem fixação um pouco mais forte. Ideal para penteados específicos, como o topete alto. Também pode ser usada para alinhar cabelos rebeldes, com frizz. Aplique nos fios secos.

▶ **CERA** Possui uma liga mais oleosa. Promove menor fixação e mais brilho aos fios. Ideal para deixar os cabelos médios e longos soltinhos, naturais. Atenção: nunca use perto da raiz.

▶ **GEL** Além de dar a impressão de fios molhados, fixa com bastante definição. Indicado para quem tem cabelos curtos a médios, fios grossos e com muito volume. Uma ótima opção é usar para modelar e, com o cabelo já seco, passar a mão e quebrar parte dessa fixação. Isso vai deixar os fios com aspecto mais natural.

▶ **MOUSSE** Pode ser usado em todos os tipos e comprimentos de cabelo. Um curinga. Além de fixação, ajuda a dar volume aos fios. Recomendado para quem tem cabelos cacheados ou finos. Pode ser usado nos fios secos ou molhados.

▶ **SPRAY DE FIXAÇÃO** Ideal para congelar o penteado na forma que você criou. Deve ser usado nos fios secos para finalizar.

▶ **XAMPU A SECO** É como um talco em spray que, quando borrifado, absorve a oleosidade da raiz do cabelo. Serve ainda para dar volume. Aplique a uma distância de 15cm da raiz e, em seguida, penteie.



F FRAGRÂNCIAS



1



3



4



5

- 1 **Armani Code Colonia** discreto e elegante R\$ 489
- 2 **Vetiver Eau de Toilette** sóbrio e elegante R\$ 400
- 3 **Dior Homme Sport** refrescante e casual R\$ 485
- 4 **Jo Malone London Myrrh & Tonka Cologne Intense** sensual e oriental R\$ 780
- 5 **Impression Eudora** quente e marcante R\$ 109,90

G GLÚTEN FREE

Se você aderiu a uma dieta sem glúten, tem doença celíaca ou só quer participar das conversas sobre alimentação saudável, precisa conhecer o **Teff**. O cereal sem glúten, originalmente da Etiópia, é a superfood da vez. “Ele é rico em fibras, cálcio e ferro. **Tem efeito saciante e faz bem ao cérebro, estimulando os glóbulos vermelhos e melhorando o rendimento intelectual.** É bom para diabéticos porque controla os níveis de açúcar no sangue e pode ser usado por pessoas com alergia ou intolerância ao glúten. Fonte de carboidrato de digestão lenta, é um ótimo aliado dos atletas, que necessitam de energia rápida e prolongada. Seus minerais também ajudam na rápida recuperação após o exercício físico ou cansaço mental”, explica a nutricionista Andrea Marim.



H HIIT

Lembra do Treino Intervalado de Alta Intensidade (HIIT)? Levando em conta as últimas novidades fitness, ele deveria ser rebatizado para Treino Intervalado de ALTÍSSIMA intensidade. Um bom exemplo: a QZone, da academia Les Cinq Gym, em São Paulo, tem 60 minutos de duração, utiliza aparelhos e acessórios como esteira, remo, halteres, TRX, caixa de saltos e step e leva os alunos

a níveis de esforço máximos. A aula é dividida em zonas de treinamento que intercalam o esforço de 50% até níveis acima dos 80% do limite máximo de cada um (os picos podem durar até 20 minutos). “Esse tipo de atividade pode aumentar a taxa metabólica até 36 horas após o seu término”, diz Rodrigo Sangion, personal trainer e proprietário da academia.

INFERTILIDADE



VOCÊ SABIA QUE OS HOMENS SÃO RESPONSÁVEIS POR 40% DOS CASOS DE INFERTILIDADE? O PROBLEMA ATINGE MAIS DE 45 MILHÕES DE CASAIS NO MUNDO. PERGUNTAMOS A DOIS ESPECIALISTAS EM REPRODUÇÃO HUMANA, MÁRCIO COSLOVSKY, DIRETOR DA CLÍNICA PRIMORDIA, E JOJI UENO, DIRETOR DA CLÍNICA GERA, AS INFORMAÇÕES PRIMORDIAIS PARA OS HOMENS INTERESSADOS NO ASSUNTO.

1 Quando a mulher tem até 30 anos e a gravidez não acontece, o tempo sugerido de espera até procurar um especialista é de um ano. Depois disso, deve ser de seis meses.

2 Para os homens, o espermograma é o principal exame. Ele é feito na clínica, com abstinência sexual de três dias. Esse exame analisa o volume, o pH e a liquefação do sêmen, além da concentração, mobilidade e morfologia dos espermatozoides. Exames para avaliar hormônios, ultrassom do testículo e

teste de fragmentação do DNA espermático podem ser feitos.

3 Após realizar o espermograma, tendo um resultado ruim, as principais causas comuns ao investigar a infertilidade masculina são varicocele, infecções e traumas.

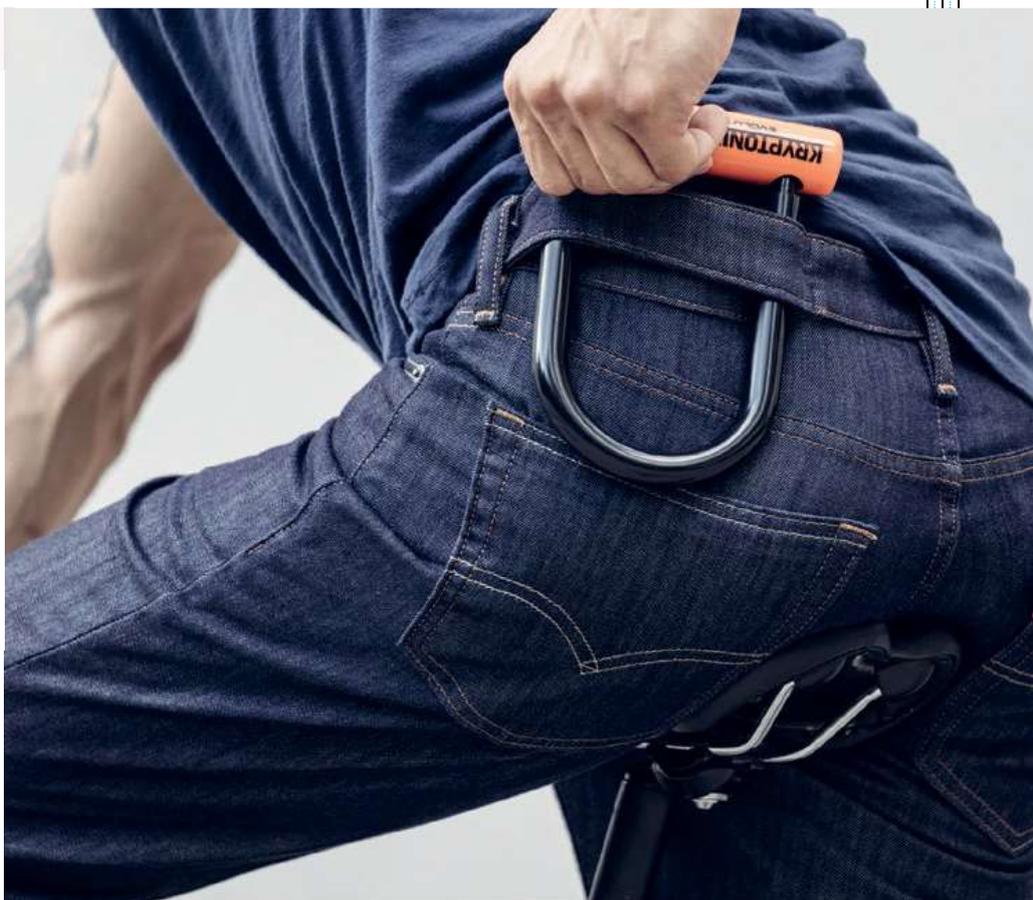
4 Entre os hábitos de vida, o tabagismo é a principal causa de infertilidade masculina. Isso porque as substâncias afetam a fabricação do espermatozoide (espermatogênese).



DICA GQ
Sua mulher passará por mais procedimentos e exames que você. Acompanhe, informe-se, envolva-se. Esse é um projeto dos dois

J JEANS

Você sabia que existem coleções especialmente desenvolvidas para ciclistas (e não estamos falando só de estilo biker, e sim de funcionalidade)? A linha **Commuter** da Levi's é toda orientada para o desempenho do ciclista urbano. As calças, por exemplo, apesar do corte slim, são confeccionadas em **jeans com elasticidade para quatro direções, para aumentar a flexibilidade**. Elas também são desenhadas com o cós traseiro mais alto e detalhes que adequam a peça a acessórios do dia a dia do ciclista. Outra tecnologia empregada no tecido garante maior resistência à abrasão – seria o fim do jeans rasgado entre as coxas? A barra interna é finalizada com uma fita reflexiva para aumentar a visibilidade do ciclista enquanto está pedalando, mas manter seu estilo urbano intocado. Um revestimento especial ainda repele água e sujeira.



L LASER

ELE PODE RESOLVER MAIS PROBLEMAS DO QUE VOCÊ IMAGINA



CALVÍCIE

A estação Bulge Hair Restoration promete ser uma aliada contra a calvície e oferece utilização de laser e LED para auxiliar no estímulo ao bulbo capilar e no crescimento do fio. São indicadas cerca de cinco sessões com intervalo de um mês entre elas.



RUGAS E FLACIDEZ

Na luta contra o tempo, o Dual Deep é um laser de CO² fracionado, que busca melhorar o aspecto geral da pele tanto no tratamento de rugas e linhas quanto de cicatrizes. A sessão dura menos de uma hora e a recuperação, em média, uma semana. Pode ser preciso uso de anestésico, já que há desconforto.



VASOS

O Laser Nd Yag 1064 pode auxiliar no tratamento de pequenos vasos no rosto ou até mesmo de microvarizes. São necessárias de uma a cinco sessões, a depender da área tratada, e é preciso evitar o sol por uma semana após o procedimento.

M MASSAGEM



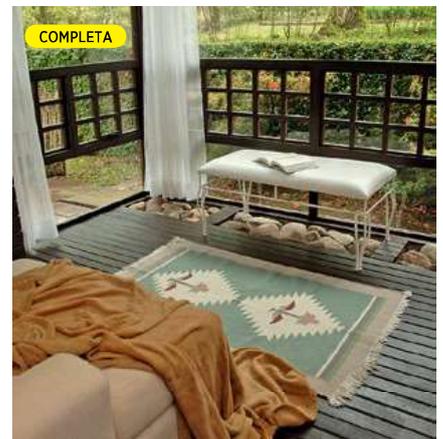
DESPORTIVA

▶ **Para atletas (amadores e profissionais)** Visa o alívio da dor por meio do relaxamento e alongamento muscular, obtido com manobras rápidas e vigorosas. O objetivo principal é **aumentar a circulação sanguínea, a liberação muscular e reduzir os marcadores inflamatórios de pós-treino e competições. A técnica também ajuda a prevenir lesões.** Por se tratar de uma massagem forte e associada à liberação miofascial, o paciente pode ficar dolorido. As manobras variam de acordo com o esporte praticado, o histórico de lesões e o objetivo. **ONDE CareClub**



RELAXANTE

▶ **Para estressados** A Muscle Melt é realizada com toques firmes e profundos associados a pindas aquecidas e suaves alongamentos. Já a Back to Toe, indicada para pessoas que concentram tensão na parte superior do corpo, é **direcionada para a região das costas (os pés também recebem um cuidado especial).** O Ashiatsu é uma terapia realizada em um tatame, onde a massoterapeuta utiliza a pressão dos pés em vários pontos do corpo, apoiando-se em barras suspensas no teto, o que proporciona estimulação muscular profunda e relaxante. **ONDE Aigai SPA**



COMPLETA

▶ **Para insones, fumantes, obesos e outros casos específicos** Fora de São Paulo, o Kurotel, Centro de Longevidade e Spa em Gramado (RS), tem foco no wellness 360° por meio da **alimentação saudável, prática de exercícios físicos, equilíbrio emocional, hidroterapia, fitoterapia e massagens.** Há vários programas disponíveis para os mais diversos problemas da vida moderna: emagrecimento, controle do estresse, longevidade saudável, antibagismo, Kinder Kur, pós-cancer, pré-operatório, memória, fitness e spa. **ONDE Kurotel**

N NINGUÉM PODE JULGAR VOCÊ

EI, VOCÊ, HOMEM VAIDOSO: NÃO SE IMPORTE COM OS COMENTÁRIOS PRECONCEITUOSOS. NÓS DIZEMOS, DE UMA VEZ POR TODAS, O QUE É OK NESSE MUNDO DA BELEZA MASCULINA, CERTO?

- ▶ **MANICURE** Cortar e lixar as unhas no salão, tirar peles ressecadas e soltas da cutícula, receber uma massagem com creme esfoliante nas mãos e nos pés é mais que ok.
- ▶ **SOBRANCELHA** Retirar apenas o excesso de pelos. “Os pelos são penteados para cima e para baixo com uma escovinha e aparados. Aqueles que fogem do desenho do arco são retirados com pinça”, explica Fernanda Barriviera, diretora-técnica do Grupo Sobrancelhas Design.
- ▶ **MAQUIAGEM** Se você acordou com uma olheira pavorosa, está com manchas na pele ou com aparência de quem não dorme há três dias, por que não? É só você saber escolher os produtos certos e usá-los na quantidade ideal.



CC CREAM

Em um único produto, você tem hidratante, protetor solar, ativos contra envelhecimento da pele e cobertura discreta e fluida no tom da pele.

CORRETIVO

Deve ser usado com parcimônia, apenas em áreas pontuais, como olheiras e manchas. Aplique batendo com a ponta dos dedos na região.

PÓ TRANSLÚCIDO

Deixa a pele menos oleosa e mais sequinha e minimiza a aparência de linhas finas. Pode ser usado após fazer a barba, para um aspecto sedoso.

DICA GQ
Não use todos os produtos de uma só vez no rosto todo. Isso sim vai deixar você com uma aparência artificial

O ON-LINE

A INTERNET AINDA É O LUGAR MAIS PRÁTICO PARA VOCÊ COMPRAR PRODUTOS DE GROOMING

Sites especializados no mundo da beleza, e até no universo da beleza masculina, reúnem em um só lugar fragrâncias e xampus, hidratantes e cosméticos anti-idade. O melhor: tudo acompanhado de informações práticas de como usar, avaliações dadas por quem já testou e a praticidade de receber tudo em casa sem ter que encarar a vendedora do shopping.

ONDE
mensmarket.com.br
shop4men.com.br
sephora.com.br

P PLÁSTICA

O CIRURGIÃO ALAN LANDECKER EXPLICA OS PROCEDIMENTOS MAIS PEDIDOS PELOS HOMENS



BOLSA SOB OS OLHOS

Em casos mais evidentes, é indicada a blefaroplastia, na qual o excesso de gordura é removido delicadamente por incisão. “Isso preserva a integridade do músculo orbicular dos olhos, fundamental para o bom funcionamento e estética dos olhos.”

ABDÔMEN

Cada vez menos invasiva, a lipoaspiração é uma das favoritas dos homens. “O tempo de recuperação total é de seis meses, quando todo o inchaço estará reabsorvido. Após a cirurgia, é necessário repouso total por uma semana. As atividades físicas podem ser retomadas lentamente após duas semanas.”

NARIZ

“O emprego da nova técnica, denominada estruturada (em que o esqueleto esculpido é fortalecido com enxertos de cartilagem e pontos de fixação), trouxe mais confiabilidade à rinoplastia em homens”, explica. Após o procedimento, é preciso repouso de sete dias, e o resultado final é visível um a três anos após a realização da cirurgia, quando o inchaço for reabsorvido.

R RÓTULO

CONHECIMENTO É TUDO. PARA NÃO LEVAR GATO POR LEBRE, É IMPORTANTE LER OS RÓTULOS DOS SEUS ALIMENTOS. A ENDOCRINOLOGISTA GIOVANNA CARPENTIERI LISTOU ALGUNS INGREDIENTES PARA RISCAR DA LISTA DE COMPRAS

► **CORANTES** Podem causar reações alérgicas, convulsões e câncer, dependendo do tipo do corante e da quantidade ingerida.

► **EDULCORANTES OU ADOÇANTES** São substâncias artificiais, de baixo ou inexistente valor energético, utilizados principalmente em produtos diet e light (os mais comuns: acessulfame de potássio, aspartame, glicerol, HSH, isomalte, lactitol, maltitol, polidextrose, sacarina e sorbitol). Estudos indicam que são nocivos à saúde mesmo em concentrações liberadas por órgãos de saúde, podendo aumentar o risco de diabetes e obesidade.

► **SÓDIO (POLIFOSFATO DE SÓDIO, SORBATO DE SÓDIO, CLORETO DE SÓDIO E GLUTAMATO MONOSSÓDICO)** Representa um verdadeiro perigo para a saúde, especialmente no caso de hipertensos, pois colabora para o aumento da pressão arterial.

► **GORDURA TRANS (GORDURA VEGETAL HIDROGENADA)** Está relacionada com obesidade, câncer de mama e doenças cardiovasculares. Ela aumenta o nível de colesterol ruim e reduz o de colesterol bom.

► **GLUTAMATO MONOSSÓDICO OU GLUTAMATO DE SÓDIO** Ao ingerir a substância, indivíduos sensíveis podem sentir efeitos colaterais transitórios, como dor de cabeça, dormência ou formigamento, rubor, rigidez muscular e fraqueza generalizada.

Q QUEDA DE CABELO

O ESPECIALISTA EM TRANSPLANTES CAPILARES THIAGO BIANCO DIZ O QUE FAZER



VOCÊ AINDA TEM CABELO Existe um teste genético que indica as chances de calvície, mas não é amplamente realizado. A melhor dica é: tenha hábitos saudáveis. Não fume, consuma alimentos com ferro e vitaminas. Isso pode retardar a queda.

AS ENTRADAS OU FALHAS SURGIRAM É hora de começar a tratar com finasterida oral e minoxidil tópico ou utilizar a intradermoterapia, que é composta pelas mesmas medicações, porém, administradas de forma injetável, associadas a vitaminas.

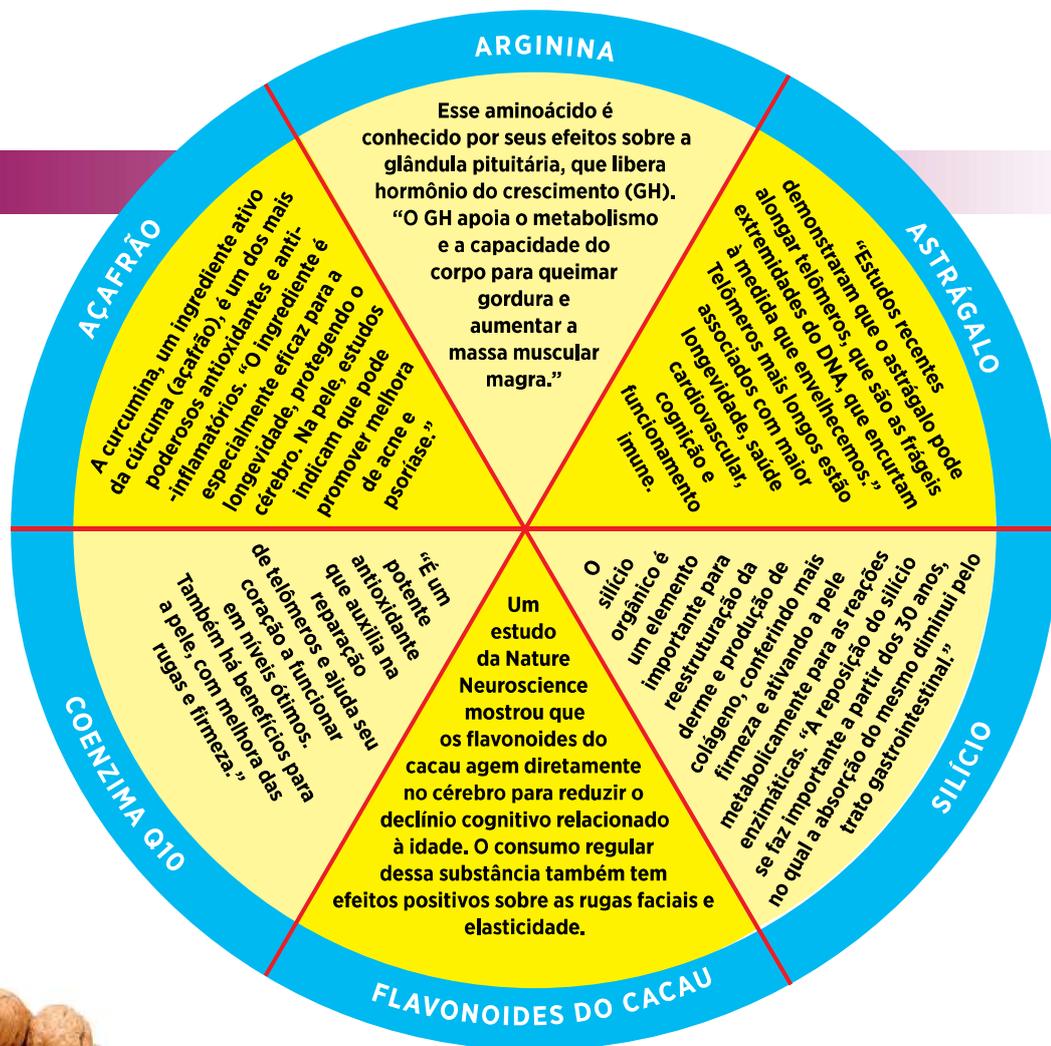
VOCÊ JÁ ESTÁ CALVO A única forma de restaurar áreas calvas é por meio do transplante capilar, que consegue devolver os fios e a densidade capilar na região. Outra boa opção é simplesmente assumir a calvície com elegância e raspar os fios restantes.



CAPELLUX O equipamento de fototerapia capilar, em formato de boné, conta com 198 diodos de LEDs, com emissão de luz vermelha. Ele fornece energia para as células e colabora diretamente para a nutrição e saúde dos folículos, estimulando o crescimento dos fios. Os resultados, no geral, são visíveis em três meses. Há três protocolos para os tratamentos: o Single é indicado para jovens entre 20 e 30 anos com histórico de queda de cabelo inferior a dois anos; na fase Combined, o tratamento é feito com Capellux e medicamentos de uso oral e tópico; a fase AfterCare preserva os resultados obtidos com o tratamento.

S SUPLEMENTOS

Você já está cansado de saber para que servem e como devem ser consumidos os **suplementos alimentares** para atletas (Whey Protein, BCAA, creatina, maltodextrina). Mas você sabia que existem outros suplementos, **os nutricosméticos, que podem melhorar a saúde da pele, do cabelo e das unhas, além de otimizar o funcionamento celular?** “Hoje, muitas substâncias apresentam ação antioxidante e podem ajudar a reverter os sinais do tempo, além de aumentar a capacidade de reparo das células”, explica a dermatologista Thais Pepe. Ao lado, listamos seis opções.



U UVA/UVB

Os raios UVB, responsáveis pelas queimaduras, dão menos a cara no inverno, mas os raios UVA, que atingem camadas profundas da pele, não saem de cena. “Eles podem causar problemas, como lesões pré-malignas, envelhecimento, perda da elasticidade, manchas na pele e rugas. Por isso, o protetor solar não é só importante nas férias de verão. Na realidade, o ideal é passá-lo todos os dias, independentemente da estação do ano”, afirma Adriano Loyola, assessor do Departamento de Cosmiatria da Sociedade Brasileira de Dermatologia. Por isso, além de um FPS poderoso, também é preciso buscar produtos com proteção UVA indicada nos rótulos pelo sinal + ou pela marcação PPD, que deve ser, de acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia, ao menos metade do valor FPS.



COPPERTONE SPRAY SPORT FPS 30
Preço sugerido: R\$ 52,90



EAU THERMALE AVÈNE SOLAR TOQUE SECO EMULSÃO FPS 50+
Preço sugerido: R\$ 64,90



LA ROCHE-POSAY PROTETOR SOLAR ANTI-IDADE ANTHELIOS AE FPS 30
Preço sugerido: R\$ 89,90



SKINCEUTICALS PROTETOR SOLAR FÍSICO SHEER PHYSICAL UV DEFENSE FPS 50
Preço sugerido: R\$ 149

T TESTÍCULO

VOCÊ TEM TESTÍCULOS? ENTÃO DEVERIA FAZER O AUTOEXAME PELO MENOS UMA VEZ AO MÊS. O UROLOGISTA CASSIO ANDREONI ENSINA CINCO PASSOS PARA A AVALIAÇÃO:

- 1 Realize o autoexame no banho quente; a musculatura está relaxada e a água facilita o deslizar da mão sobre a pele.
- 2 Posicione a mão como uma pinça, segure e puxe gentilmente o testículo e, com a outra mão, deslize os dedos sobre a superfície da pele.
- 3 Apalpe toda a região procurando por áreas com nódulos ou endurecidas.
- 4 Repita semanalmente. Você vai aprender qual é seu padrão de normalidade.
- 5 Se encontrar qualquer alteração, procure um médico.

V VIAGEM



- ① Protetor Solar **ROC Minesol Oil Control** R\$ 80
- ② Perfume **Jo Malone Lime Basil & Mandarin Cologne (30ml)** R\$ 300
- ③ Gel Purificante para as Mãos **Verbena de L'Occitane en Provence** R\$ 35
- ④ Hidratante **Crème de La Mer** R\$ 480
- ⑤ Enxaguante Bucal **Listerine Cool Mint (60ml)** R\$ 3,70
- ⑥ Água Termal **Avène (50ml)** R\$ 42,05
- ⑦ Condicionador Labial **Jo Malone Vitamin E Lip Conditioner** R\$ 130
- ⑧ Tratamento de Recuperação Noturna **Guerlain My Super Tips Midnight Secrets** R\$ 130
- ⑨ Desodorante **Clinique for Men Stick-Form** R\$ 59
- ⑩ Creme de Mãos **L'Occitane au Brésil Bacuri** R\$ 28
- ⑪ Óleo Facial Nutritivo e Reparador **Karité de L'Occitane en Provence** R\$ 165
- ⑫ Nécessaire **Polo Ralph Lauren** preço sob consulta

X X-BODY



Mais um pouco de choque na sua rotina. O **X-body** é um colete com eletroestimuladores que aciona as fibras mais profundas, causando a contração dos músculos, como se eles estivessem trabalhando de forma independente. Mas, nesse caso, você não ficará deitado no sofá esperando o resultado aparecer. Usando o colete, o aluno deve realizar exercícios convencionais, como afundo, burpee, agachamentos e flexões. Com esse estímulo extra, bastam 20 a 25 minutos de treino, já que a eletroestimulação aciona cerca de 350 músculos de uma única vez.



ZZZ...

Se você já tentou de tudo para ter uma boa noite de sono e nada surtiu efeito, talvez seja hora de testar os suplementos de **MELATONINA**. Trata-se de um hormônio natural produzido pela glândula pineal, localizada no cérebro, quando os níveis de luz do ambiente diminuem. A produção de melatonina é normal durante toda a vida, mas vai diminuindo com o tempo e pode ser afetada em alguns distúrbios do sono. "Quando a produção da substância está reduzida,

a alternativa é usar suplementos para normalizar as funções que são exercidas a partir do hormônio no organismo", explica o clínico Renato Lobo. Certos tipos de insônia, por exemplo, poderiam ser amenizados com uma reposição adequada desse hormônio. Entre outras tantas funções, a melatonina incita a sensação de sonolência e é fabricada em larga escala quando estamos em um ambiente escuro (é por isso que temos dificuldade de adormecer quando levamos o celular para a cama). Especialistas defendem que até casos de jet lag poderiam ser "tratados" com cápsulas de melatonina, que, apesar de não terem registro na Anvisa, podem ser encontradas em farmácias de manipulação.

PIQUE DE JOGADOR

GG ESPECIAL
MÚSICA



Parca **Reserva** preço sob consulta |
Camisa **Replay** R\$ 399 | Camiseta **Banditee**
R\$ 126 | Calça **High** R\$ 279,90 na **Cartel 011** |
Tênis **Osklen** R\$ 547 | Banco Iván Navarro &
Courtney Smith (Baró Galeria) Street Lamp 1 2011



MÚSICO, EMPRESÁRIO, PRODUTOR, ESTILISTA...

EMICIDA APOSTA ALTO EM VÁRIAS FRENTES, DÁ AULA NOS NEGÓCIOS

E CONSTRÓI A REPUTAÇÃO DE PRINCIPAL NOME DO RAP NACIONAL

Por **GUILHERME MANECHINI** e **PITI VIEIRA** Fotos **MANUEL NOGUEIRA** Styling **DAVID POLLAK**

O PAPO FOIRETO: “MANO, CURTI ESSA PARADA

de costura. Me explica mais disso aí!” Com essa intimada e um livro de corte e costura para iniciantes debaixo do braço, em meados de 2013, Leandro Roque de Oliveira, o rapper Emicida, decidia entrar na moda. O interlocutor da ocasião era o estilista João Pimenta, que o recebia para a segunda prova do costume que o artista veste na capa do álbum *O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui* (2013). “Na hora, saquei que surgia um concorrente novo na praça”, diverte-se o estilista ao lembrar do dia. Pimenta ainda foi o responsável pela direção criativa dos dois primeiros desfiles da Lab Fantasma, a grife de Emicida, na São Paulo Fashion Week. Mas, já na edição do segundo semestre deste ano da semana de moda, quem assinou a coleção *Avuá* da Lab foi o próprio rapper, junto com o irmão Evandro Fióti (*saiba mais sobre ele na página 125*), repetindo na moda o que já faz na música.

Durante as mais de três horas de entrevista para a **GQ**, Emicida recorre com frequência ao termo “cabeça de competidor”. É uma referência aos tempos em que participava das batalhas de rimas que o projetaram no rap nacional. Foi nelas, afinal, que Leandro virou Emicida, alcunha que remete a matador de MCs. “Tá vendo aquele franguinho ali?”, aponta para um galo de brinquedo de uns 10cm colocado numa estante do escritório do Laboratório Fantasma, na Zona Norte de São Paulo. “Quem ganhava a batalha da *Rinha dos MCs* do fim de semana levava ele pra casa, como um cinturão. Ganhei 17 semanas seguidas, e me deram o troféu.” O degrau seguinte foi vencer a *Liga dos MCs* em 2006, no Rio de Janeiro, principal reduto das batalhas. “Ali, o bagulho cresceu”, pontua. Hoje, aos 32 anos e pai de uma menina, Emicida é o principal nome do rap nacional.

Em 13 anos de carreira, gravou dois discos, duas mixtapes, dois EPs e mais de 15 singles. Em paralelo, ele produz ou se envolve nas carreiras dos rappers Akua Naru, Rael e Kamau. Em seu canal no YouTube, conta com 534 mil seguidores e diversos vídeos com mais de 5 milhões de visualizações; no Instagram, 1,1 milhão. No Facebook, só perde para os Racionais MCs. Coleciona ainda projetos em conjunto com grandes empresas, como Natura, Renner, West Coast, Ray-Ban, Intel e Nike, entre outras.

Na moda, apesar de ser uma empreitada relativamente recente, Emicida tem feito com autenticidade a união entre o streetwear e a alfaiataria, um movimento perseguido por grifes do mundo inteiro. E o resultado tem sido aplaudido por grandes nomes do setor. “A Lab traz para a passarela a vivência real das pessoas que fazem a marca. Isso é muito forte”, diz Paulo Borges, fundador e diretor criativo da SPFW. Para ele, é possível fazer uma analogia entre a chegada de outras grifes ao evento, hoje consolidadas, e o impacto de Emicida e sua banca. “A Lab representa um novo movimento no mercado. Já aconteceu com Osklen, Cavallera”, acrescenta.

“NO SHOW, VOCÊ VAI VER OS GAYS, OS CARAS SISUDOS DO RAP, UMAS PATRICINHAS, UNS MOLEQUE DE FAVELA...”

“Um bom malandro, conquistador, tem naipe de artista, pique de jogador...” A rima é dos Racionais MCs, mas serve bem ao estilo Emicida de empreender. Junto do irmão Evandro Fióti, trabalha para dominar toda a cadeia das áreas em que atua. No jargão de um administrador, seria como uma empresa totalmente verticalizada. “No capitalismo, o que não virar mercado vai virar saudade, tá ligado? E se o hip-hop vai se fundir com o mercado cada vez mais, como aconteceu nos Estados Unidos, é melhor que esteja sendo conduzido por pessoas que conheçam a raiz dessa cultura. Por isso, nasceu a Lab Fantasma”, diz. Na empresa, a regra é abrigar os parceiros do rap e da infância humilde vivida na periferia de São Paulo. A gestão da Lab, inclusive, foi – e ainda é – bastante influenciada por um símbolo do capitalismo por excelência: o McDonald’s. Fióti e outros parceiros de Emicida trabalharam na rede de fast food e, desde o início, buscaram aplicar alguns de seus conceitos na marca do rapper.

A movimentação é acompanhada e aplaudida por quem está no ramo há mais de 30 anos. Marcelo Castello Branco, ex-presidente das gravadoras Universal e EMI e atual diretor-executivo da União Brasileira de Compositores, não poupa elogios ao rapper. “É o primeiro artista brasileiro desse segmento que enxerga a música como >

Camiseta **Felipe Fanaia**
para **Insanis** R\$ 199 |
Colares **acervo pessoal**





Paletó **Lab** R\$ 1.599 |
Moletom **Felipe Fanaia**
R\$ 650 | Camiseta **Y-3**
R\$ 861 na **Choix** |
Calça Lab R\$ 699 |
Tênis **Hardcore**
Footwear R\$ 399 |
Relógio **Movado**
R\$ 3.750 |
Meias **Storvo** R\$ 32

Grooming
Jayme Vasconcellos
(Capa MGT)
Produção de moda
Kato Pollak
**Assistentes
de fotografia**
Flavia Faustino
e Gael Oliveira
Agradecimentos
Baró Galeria
e Ivan Navarro
**Tratamento
de imagens**
Helder Bragatel
e Thinkers MGT

um negócio completo”, diz o executivo. Para ele, Emicida segue uma linha bastante explorada nos Estados Unidos pelo empresário da música e cofundador da Def Jam Records, Russell Simmons. “O Emicida entende que música, além de cultura, é negócio”, afirma. “E que a cultura pode ser um negócio lucrativo.”

Somada a essa visão mais verticalizada da música, uma mudança de postura em relação ao *modus operandi* do rap nacional durante muitos anos, menos agressiva e sem restrição aos grandes meios de comunicação, contribui para o sucesso de Emicida. “O rap de São Paulo sempre foi muito sisudo. Acontece que agora, inclusive, os Racionais estão reconhecendo que artisticamente também têm o direito de sugerir outras coisas.” O último disco de Emicida, *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*, de 2015, é prova disso. Nele, o rapper canta com Caetano Veloso e Vanessa da Mata músicas que não atendem diretamente ao estereótipo do público fã de rap, assim como já fez em outras parcerias.

“No show do Emicida, você vai encontrar os gays, os caras sisudos que vão lá conferir se está tendo rap mesmo, umas patricinhas, uns *moleque* de favela, trabalhador, uns *tiozinho*”, conta. A diversidade intrigou ele e o irmão ao ponto de eles decidirem contratar uma pesquisa de mercado para entender melhor quem são seus fãs. “O resultado foi foda, porque *nóis* fala exatamente com quem *nóis* quer falar. Muita classe C e D, mas tem A e B também.”

Falar o que quer e com quem deseja traz também a responsabilidade de formar opinião, algo que ficou claro em mais de uma oportunidade nos últimos anos. Numa delas, ele se viu encurralado por grupos feministas revoltados com a letra da canção *Trepadeira*, composta em parceria com Wilson das Neves. “Os caras do rap são sempre os que comem todo mundo. E eu queria fazer uma música de corno. Infelizmente, não entenderam assim. Mas teve uma coisa positiva: foi o reconhecimento de que não é com todo mundo que as pessoas se importam sobre o que está se falando. Isso fez a gente refletir bastante”, diz. Outro recuo foi na política. Depois de fazer campanha para o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad e para a reeleição de Dilma Rousseff, ele tirou um pouco o pé do acelerador. “Eu quis virar o espelho para mim. Quando fiz campanha para o Haddad, foi porque achava que ele seria um bom prefeito. Quando apoiei a Dilma, não fui ingênuo, mas também não me arrependo. Acho que ela ficou refém de bandidos. E, agora, os bandidos é que comandam tudo.”

Se o assunto for racismo, porém, inexistente qualquer sinal de hesitação. O rapper utiliza de todos os meios que dispõe para deixar clara a situação desigual existente entre negros e brancos no Brasil. Isso significa desde fazer uma espécie de cota para modelos brancos no

“O BRASIL NÃO TEM EDUCAÇÃO PARA FALAR DE RACISMO. HÁ UMA ESTRUTURA RACISTA COM POLÍCIA, JUIZ, MÉDICO...”

desfile da Lab na SPFW até o álbum repleto de referências e críticas, *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*, só para ficar em algumas das ações mais recentes.

“A real é que o Brasil não tem educação para falar de racismo. Existe uma estrutura racista que independe da sua e da minha atitude. Uma pessoa não gostar de preto, tudo bem, é problema dela com ela mesma. A treta é quando o policial, o juiz e o médico têm um estereótipo de pessoa com pele escura que pode prejudicar essa pessoa, tá ligado?”, indaga Emicida, antes de se referir ao caso de Rafael Braga, no Rio de Janeiro, catador de material reciclável que foi preso durante as manifestações de 2013 – e, segundo consta, de forma injusta. “Quando fiquei sabendo, ao invés de ficar postando hashtag para soltar o mano, liguei pra defesa dele. Afinal, quem manda nessa porra é o dinheiro. Queria pagar a fiança, mas a defesa disse que o juiz tirou essa possibilidade. *Cê acredita?*”

Autodidata e nerd convicto, Emicida também é supersticioso. Carrega sempre um galho de arruda atrás da orelha como amuleto de proteção. E é a superstição que, em comparações com rappers de peso, diz preferir Jay-Z a 2Pac. “Uma vez, o Mano Brown me disse que eu era injusto com o 2Pac quando eu falava que eu gostava mais do Jay-Z. Por quê? Porque ele tá vivo, porra. E ficar vivo é difícil pra caralho de onde a gente vem.” Vida longa, parceiro. 

Uma DR de macho

Que homem tem com os amigos conversas íntimas como as de *Velozes e Furiosos*?

POR IVAN MARTINS

A esta altura do século 21, todo mundo sabe quem é Dominic Toretto. O personagem de Vin Diesel na franquia cinematográfica *Velozes e Furiosos* virou símbolo de masculinidade. O cara é grande, sarado, destemido e tem um bando de amigos que morreriam por ele. Mulher, ele só tem uma, e está bom: com tantos assaltos, corridas e brigas para tomar parte, quem tem energia para pensar em sexo fora do casamento?

Mesmo contra a minha vontade – eu peso 67 quilos, não brigo desde os 16 anos e aprendi a dirigir aos 34 –, devo confessar que gosto do personagem. Aquele grandalhão calado e temperamental, que reage diante do perigo com a mesma cara de tédio com que eu olho para uma pia cheia de louça, me provoca sentimentos nostálgicos. Isso provavelmente deve-se à vontade que todo garoto já teve de ser um fodão como ele. Ou talvez exista em cada um de nós, adultos bem-comportados de classe média, um Dom Toretto louco para assumir o volante e acelerar.

Embora eu me divirta muito com as histórias cada vez mais fantasiosas de *Velozes e Furiosos*, nunca deixo de me espantar com as discussões de relação entre machos que a série insiste em mostrar. As melhores DRs ocorrem numa garagem à meia-luz, em torno de um carro com o capô aberto. Dois parças com as mãos sujas de graxa, sempre tomando uma cerveja, revisam em frases vagarosas a velha amizade entre eles. Às vezes, conversam tão de perto que a gente tem a impressão de que vai rolar um beijo – mas, então, eles começam uma briga ou dão uma gargalhada, e o clima esquisito se dissipa. Sai pra lá, mano!

Em mais de cinco décadas de vida, nunca tive essa conversa de cinema com qualquer dos meus amigos. Às vezes, bebum, ensaiei papos no estilo “te considero pra caralho”, mas eles acabam em duas frases, um sorriso patético e o pedido de mais cerveja. A conversa longa, que amarra as pontas soltas e consolida a relação, só acontece entre homens e mulheres. A gente senta com uma garota e discute o que está acontecendo. Entre os homens, reina o silêncio. Quando a insatisfação se manifesta, vira briga ou afastamento. No mundo masculino de verdade, não há DR. A gente não sabe ou não quer falar sobre os nossos sentimentos.

A CONVERSA LONGA, QUE AMARRA AS PONTAS SOLTAS E CONSOLIDA A RELAÇÃO, SÓ ACONTECE ENTRE HOMENS E MULHERES

Homens, sabidamente, têm medo da intimidade com outros homens. Há caras que não tomam banho se houver mais gente no vestiário. Compare isso com as mulheres: elas se abraçam, se beijam, mostram seus corpos e trocam entre si confidências e queixas que os homens jamais fariam. Elas não têm medo da intimidade, e isso talvez torne sua cumplicidade mais efetiva. Não sei.

O que eu sei, com certeza, é que a DR entre amigos é uma fantasia do cinema. Os heróis dos filmes, como Dominic Toretto, não são apenas amados pelas mulheres e temidos pelos inimigos. Eles têm relações de amizade tão densas que podem conversar entre si como se fossem irmãos numa trincheira. A gente acredita nisso como acredita que é possível saltar de paraquedas com um automóvel, mas não tem importância: a fantasia é divertida, e, se um mano ficar comovido, pode chorar no escurinho do cinema. **GG**

Quem é amigo conta?

Há diferenças entre ajudar um amigo, humilhá-lo e simplesmente fazer fofoca

POR IVAN MARTINS

Uma vez, faz muitos anos, um amigo me ligou para contar que minha ex o tinha convidado para sair. Como a separação era recente, a informação bateu como uma pedra e provocou um telefonema indignado. Depois de me explicar – corretamente – que não me devia satisfações, a ex disse que o cara a tinha interpretado mal: ligara para ele como amiga, para marcar uma cerveja, mas ele entendera como cantada. Como os dois nunca tinham sido amigos, acho que a interpretação dele era plausível – mas, ainda hoje, me pergunto se ele fez bem em dividi-la comigo.

A solidariedade masculina nesse tipo de assunto, assim como a feminina, não é um sentimento de pureza cristalina. Ela vem misturada com um monte de emoções complicadas. Vaidade, competição, inveja. Por trás dos nossos gestos solidários, às vezes, há desejos inconscientes de prevalecer sobre o outro, que nada têm a ver com a nobreza do que a gente faz. Ou acha que faz.

Se o amigo não me contasse sobre o telefonema, o que teria acontecido? Nada. Eu não seria humilhado pela informação e nem teria brigado com a ex sem ter nenhum direito de fazê-lo. Bastaria ele recusar o convite e ficar quieto. Se aceitasse, é certo que me magoaria e colocaria em risco a nossa amizade. As pessoas são livres para fazer suas escolhas eróticas, mas é bom saber que elas afetam os sentimentos dos outros.

Outra vez, fui eu quem liguei para a amiga de uma ex, convidando-a para sair. A separação era antiga, mas, mesmo assim, deu tudo errado. Depois de recusar o convite, a moça foi correndo contar para a ex. Esta se sentiu atacada e me deu o troco selvagemmente. Minha analista explicou na época que a amiga tentara proteger a relação delas, como meu amigo fizera comigo no passado. Eu acho as duas atitudes igualmente complicadas. Ela já tinha dito não, já havia escolhido o lado da amiga e a protegido, o episódio estava encerrado. Por que contar, senão

TODA VEZ QUE TIVERMOS VONTADE DE CONTAR ALGO QUE AFETA A INTIMIDADE DOS OUTROS, DEVEMOS PENSAR CINCO VEZES.

para marcar pontos numa disputa secreta que só elas (ou nem elas) sabem que existe?

Não há uma regra absoluta sobre contar ou não contar. Depende do temperamento de cada um, da relação de amizade e das circunstâncias. Faz uns anos, eu estava numa festa e vi a mulher de um amigo com outro cara. Me pareceu descarado demais para ser adultério. Saí da festa e tentei esquecer o assunto. Dias depois, soube que ela e meu amigo estavam se separando de forma turbulenta. Eu assistira a uma provocação espetacular no fim da disputa entre eles. Ainda bem que não me meti.

Toda vez que tivermos vontade de contar algo que afeta a intimidade dos outros, devemos pensar cinco vezes. É importante considerar que seres humanos têm um instinto fofoqueiro fortíssimo, que vem do tempo das cavernas, e que por trás dele pode haver uma crueldade secreta que nos faz magoar até quem a gente ama. Quando nos sentirmos na obrigação de contar algo sabendo que faremos alguém sofrer e estivermos sentindo prazer com isso, talvez seja melhor ficarmos quietos. **GG**



{Games}

Hora de passar de nível

Jogadoras profissionais revelam situações de abuso e opressão em jogos on-line. Da iniciativa nasceu o movimento mundial #MyGameMyName
Por **Françoise Terzian**



“

A IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES VALE TAMBÉM PARA OS GAMES

”

Voz de cereja

A estudante carioca Nicolle Merhy, ou simplesmente Cherrygumms, é uma das principais vozes contra o machismo no universo dos jogos eletrônicos

O universo dos games, historicamente dominado por homens, hoje já é composto de 46% de jogadoras do sexo feminino. O problema é que esse mundo é tão machista quanto o mundo real. As mulheres que permanecem on-line por pelo menos 22 horas semanais alegaram já ter sofrido algum tipo de assédio sexual ou bullying durante o jogo, revela estudo da Universidade Estadual de Ohio, nos EUA. Isso tem levado muitas a camuflar suas identidades reais e fazer uso de nicknames masculinos ou neutros.

Para dar um basta nessa situação, a ONG americana Wonder Women Tech (WWT) acaba de lançar o projeto #MyGameMyName. A organização convocou youtubers e jogadores homens para usar nicknames femininos em partidas on-line e experimentar na pele como é ser mulher nesse universo. Tudo foi filmado e postado em suas redes. O objetivo é usar o movimento para revelar o abuso e pressionar a indústria de games, que movimenta mais de US\$ 66 bilhões por ano no mundo e já é duas vezes maior que Hollywood.



Espiões do abuso

Gamers homens assumiram identidades femininas nos jogos para identificar situações de assédio e ouviram as frases acima.

“O assédio acontece todos os dias. Chegaram a me tirar de uma partida por ser mulher”, conta Ariane Parra, embaixadora do #MyGameMyName e fundadora da Women Up Games, parceira oficial do projeto. Para ela, o combate deve ser feito com conscientização e denúncia de comportamentos tóxicos nas redes sociais e jogos on-line. Ela diz ser necessário que a indústria se posicione.

A estudante de direito carioca Nicolle Merhy, outra embaixadora da iniciativa – e uma das mulheres mais famosas no mundo dos jogos – pensa o mesmo. Mais conhecida como Cherrygumms (apelido que recebeu na infância por amar chicletes de cereja), Nicolle é capitã de uma equipe oficial de games no Brasil, a Black Dragons, gerenciando mais de 60 jogadores. “É como se não estivéssemos lá, mas estamos, e em grande número. Precisamos falar, principalmente, com os meninos que estão começando nesse universo. Temos de mostrar que as mulheres têm os mesmos direitos que eles.”

APÊNDICE I

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PPGEF
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Atividade Física e Esporte
LINHAS DE PESQUISA: Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física,
Esporte e Lazer

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o senhor a participar voluntariamente do projeto de pesquisa “Percepções de masculinidade de homens jogadores de rugby de Teresina-PI”, sob a responsabilidade da pesquisadora Francisca Islandia Cardoso da Silva e sob orientação da professora Dr.^a Dulce Maria Filgueira de Almeida.

Esta pesquisa visa compreender as percepções de masculinidades expressas por homens jogadores de *rugby* de um clube de Teresina-PI no âmbito da prática corporal esportiva, bem suas implicações sobre as relações de gênero e os contextos mediadores de sua constituição.

O senhor receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo.

A sua participação se dará por meio da realização de observação direta e grupo focal. A observação será realizada pela pesquisadora entre os meses de fevereiro e junho de 2018, e consistirá no acompanhamento dos treinos, jogos, reuniões e outras atividades junto à equipe. O grupo focal durará aproximadamente duas horas e será gravado em vídeo.

No decorrer das observações e durante o grupo focal, o participante poderá, em alguns momentos, ficar constrangido com a presença da pesquisadora e, na sessão focal, sentir-se incomodado com determinadas perguntas, pois as informações coletadas serão sobre suas experiências pessoais. Assim, o participante poderá escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se constrangido e, nas observações, solicitar que a pesquisadora não se faça presente em determinadas ocasiões.

Se o senhor aceitar participar da pesquisa estará contribuindo para a obtenção de respostas/hipóteses em relação às significações de masculinidade dos jogadores, suas avaliações quanto às relações de gênero, e, a influência do *rugby* sobre a construção da masculinidade, além de possibilitar a identificação de novos conceitos e ideias para estudos vindouros. Não está prevista qualquer forma de remuneração para os participantes.

Todas as despesas que o senhor tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pela pesquisadora responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da colaboração na pesquisa, o participante deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília (UnB) podendo ser publicados posteriormente de forma a não identificar os voluntários. Os

dados e informações serão utilizados somente para esta pesquisa e guardados em local seguro, sob a guarda da pesquisadora, por um período de cinco anos. Após esse período, o material será destruído.

Se o Senhor tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para a pesquisadora responsável, Francisca Islandia Cardoso da Silva: (86)98821-7316. Disponível inclusive para ligação a cobrar. Outra possibilidade de contato com a pesquisadora é por meio do endereço eletrônico: islandiacardoso@hotmail.com

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o senhor e a outra com a pesquisadora responsável.

Nome / Assinatura

Francisca Islandia Cardoso da Silva
Pesquisadora Responsável

Teresina, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE II

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PPGEF
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Atividade Física e Esporte
LINHAS DE PESQUISA: Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física,
Esporte e Lazer

Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu, _____,
autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado no projeto de pesquisa intitulado “Percepções de masculinidade de homens jogadores de rugby de Teresina-PI”, sob responsabilidade de Francisca Islandia Cardoso da Silva vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa e em apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Assinatura do participante

Francisca Islandia Cardoso da Silva
Pesquisadora Responsável

Teresina, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÃO DE SESSÕES DE GRUPO FOCAL

Sessão 1 (realizada em 21 de julho de 2018)

Visualização e leitura de texto midiático: NATÁLIA LEÃO (Ed.). Você repaginado. **Gq Brasil**: Gentlemen's Quarterly, São Paulo, v. 7, n. 76, p. 117-126, jul. 2017.

Mediadora: Dentre os produtos citados no material da GQ, quais vocês utilizam?

Jonas: Daqui uns dois anos [quando a barba crescer] vou usar o xampu e a loção hidratante pra barba. Por enquanto, (uso) só o perfume mesmo.

Simões Júnior: (Uso) perfume e faço depilação, na cera, do joelho pra baixo. [Depilar] acima disso dói demais.

Sérgio: Primeira vez que depilei as coxas foi porque raparam, na cera, metade da minha perna no batismo. Aí, terminei logo, pra não ficar desigual. Mas eu passei uns dois meses com minhas coxas doendo, com uns ferimentos [causados pela lâmina utilizada pelo próprio Sérgio para depilação]. Aí, não faço mais nas coxas, só da cintura pra cima, com barbeador, e a barba mesmo.

Mediadora: Alguém te tratou ou trata de forma diferente em razão do seu hábito de se depilar?

Sérgio: Meu pai. Ele fala assim: 'Isso aí, [depilação], não é coisa de homem, não'. Ele fala que é pra eu tirar a barba. Aí eu fico assim: 'não é pra eu depilar, mas é pra tirar a barba'?

Jonas: É igual à minha mãe. Meu pai não fala nada porque não olha pras minhas pernas, mas no dia que ele 'ver', começa a cismar também.

Simões Júnior: Na minha casa tá tudo certo. Eu moro com minhas irmãs e minha mãe. Elas fazem é me incentivar a fazer as unhas, limpeza de pele. É como eu disse: são cuidados básicos com o corpo. Meu pai, também, nunca se incomodou com isso.

Mediadora: Por que vocês se depilam?

Jonas: Eu faço por questão de higiene. Não gosto muito de pelo.

Sérgio: Eu tiro [os pelos] porque acho feio. Se dependesse do meu pai, eu era peludão e sem barba. É porque meu pai é da Igreja. É pastor. Na Assembleia de Deus, não sei por que, (homem) não pode ter barba, porque até onde sei, os profetas tinham barba. Meu sempre foi militar, também, então, ele sempre foi nessa de não ter barba.

Jean: Eu andei pensando nos últimos dias em fazer botox. Uma aplicação aqui (nas faces laterais). Muito trabalho na infância, muito sol, acabou causando isso [cicatrices no rosto]. Eu tô pensando seriamente em fazer.

Simões Júnior e Caetano riem.

Jean [em tom de repreensão]: Se o Simões Júnior colocasse silicone no bumbum, eu continuaria do mesmo jeito com ele.

Simões Júnior: No [time] a zoação seria grande.

Jean [em tom de correção]: A brincadeira, né?

Mediadora: Até que ponto é brincadeira rir de um colega?

Simões Júnior: Por mais que a gente zoe, segue respeitando. Se ele disser 'não gosto', acabou a brincadeira.

Mediadora: Alguém já levou um secador de cabelo para o treino ou alguma outra atividade do time?

Simões Júnior: Já, já. Tem um novato aí, que tá nessa.

Sérgio: Se tu mostrar essa lista 'todinha' pro Ângelo, ele já usou. Um dia, ele mandou uma foto do secador pro grupo. 'Indispensável pra viagem' [legenda da imagem]. As meninas comentaram: 'Ainda bem que não preciso levar o meu'.

Mediadora: Nenhum de vocês usa secador?

Jonas: Às vezes, né. Dar uma ajeitada no cabelo, 'tá' meio bagunçado.

Mediadora: Vocês zoaram o Ângelo por causa do secador de cabelo dele?

Jonas: Sim, só pela [por causa da] galera mesmo.

Simões Júnior: É, só pela galera. Não é nem zoar, [é] falar 'Ah, tu usa secador?'.

Sérgio: Não é nem pelo secador. É porque ele erra os passes (de bola) e (quando) a gente fala 'Por que tu tá errando?', ele (diz): 'Porque meu cabelo tá atrapalhando'. O cabelo (dele) não chega nem 'no' olho. O cabelo tá atrapalhando? Aí, ele diz: 'Ei, traz uma xuxinha lá'. Aí, a gente começa a zoar. [Ele é] cheio de frescura.

Mediadora: Vocês se consideram metrossexuais?

Simões Júnior: Acho que sim, na questão de cuidado. O que é ser metro? Acredito que ninguém aqui fica sem tomar banho, sem se pentear. Penteio o cabelo, cuido das minhas unhas, barba, essas coisas. O cuidado que a gente tem com o corpo é importante. O que seria ser metro?

Jean: Fazer a sobrancelha, depilar na cera.

Simões Júnior: (Design de) sobrancelha não [faço], mas depilo minhas pernas, faço limpeza de pele, arrumo minhas unhas. Se fazer isso é coisa de metrossexual, então eu sou [diz rindo].

Jean: Outro dia eu fui taxado de metrossexual porque fiz minha sobrancelha. Fazer sobrancelha é normal. Vou deixar minhas sobrancelhas emendarem uma na outra, virar lobisomem? Tirar sobrancelha, pra mim, é básico.

Mediadora: Quem lhe chamou de metrossexual?

Jean: Uma mulher.

Mediadora: Mulheres também opinam sobre seus cuidados corporais?

Jean: Eu já ouvi para me cuidar menos.

Sérgio: Eu já ouvi pra (me cuidar) mais. Uma vez duas amigas minhas fizeram limpeza (de pele) no meu rosto.

Jean: A mulher [namorada] me cobra que eu faça. Ela que tira, na verdade.

Mediadora: Quem mais opina sobre os seus cuidados corporais?

Jonas: Meus amigos, principalmente. Eles me pressionam bastante: 'Esse cuidadinho a mais. Sei não'. Pra eles, não precisa, mas eu gosto de me cuidar.

Mediadora: Você acha que eles diriam o mesmo para uma mulher?

Jonas: Acho que não.

Mediadora: Causa incômodo o tamanho do uniforme do time?

Jonas: Ele é pequeno, principalmente o short, mas não é muito apertado. Mas eu só uso esse tipo de roupa (pequena e justa) no treino, senão revela muitas coisas. No dia a dia, eu não gosto. Eu tenho muita vergonha.

Sérgio: Não me incomoda, não. Mas só uso no treino.

Simões Júnior: Apesar de ser um pouco curto, não incomoda, não. É porque eles não usaram o uniforme antigo. Era tão pequeno que falavam que a gente era embalado a vácuo. Era duas pessoas pra te vestir. Ele era bem curto e apertado pra não ter como o adversário puxar. O nosso hoje é folgado, confortável. Eu usava calça jeans muito apertada, antigamente [ri]. Hoje em dia não, questão de conforto.

Mediadora: Por que você usava?

Simões Júnior: Eu saía com um grupo de pessoas que usava. Quando eu ia pra outra realidade, as pessoas comentavam. É que nem a questão de depilar a perna. No meio em que eu convivia, do jiu-jitsu, era comum, porque no treino poderiam puxar e causar

um pelo encravado. Mas, na faculdade, os caras chegavam: ‘Diabo é isso? Tu é viado é, cara? Depilar as pernas?’.

Mediadora: No Delta, vocês tiveram que mudar o estilo de se vestir?

Jonas: Não

Simões Júnior: Apesar da trairagem, da zoação, ali, ser grande [gesticula em negação].

Mediadora: Essa zoação ocorre quando você vai aos treinos usando calça legging?

Simões Júnior: Legging, qualquer coisa que não seja daquele meio ali, vão zoar.

Mediadora: Por que eles zoam?

Sérgio: Não tem nada pra fazer.

Jonas: Não tem nada de anormal. É só uma roupa.

Mediadora: O material da GQ descreve o HIIT (Treino Intervalado de Alta Intensidade) como uma das formas de cuidado com o corpo. A prática do rugby, o treinamento para esse esporte, é pra vocês uma forma de cuidar e de desenhar os seus corpos?

Jonas: É, é sim. O treino ajuda a deixar forte. E a gente tem ainda a academia, né. O time libera pra gente.

Mediadora: E que parte dos seus corpos vocês mais enfatizam nos treinos?

Jetro: Braço e abdômen. Mas faço perna, também, porque elas são muito finas.

Jackson: Depois que eu comecei a trabalhar na área [de educação física], tenho valorizado o corpo todo. Pra gente [profissional de educação física] é muito complicado ter que escolher que parte do corpo não treinar. Mas eu creio que, pra mim, seriam os dorsais, os mais importantes, porque é o sistema que vai sustentar o resto do corpo. Mas em questão de estética, realmente, o peitoral, dá uma preocupação maior, porque é a frente da pessoa e já causa um certo impacto. O tronco em si é muito interessante.

Sobreira: Pra gente é complicado. Eu treino o corpo todo, mas a parte que eu sempre fico de olho se tá legal é o ombro e o braço.

Samuel: Eu dou uma valorizada em coxa e perna, porque tira aquele aspecto de sorvete. Porque eu cresço muito fácil aqui em cima, peito, braço. Quase não treino costa, e já fica grande. Aí, cresço assim [forma, com as mãos, um triângulo invertido] e fica as perninhas. Aí, não gosto, né. Eu me importo em treinar pra crescer.

Mediadora: Músculos maiores, mais definidos, pra você, são bonitos?

Samuel: É. Não exagerado, tipo bodybuilding, crescer com anabolizante, mas crescer natural. Ficar proporcional. As coxas bacana, as panturrilhas, o peito. Nada desregulado. Aquele cara que malha só o braço, que o tronco [é] assim [gesticula com as mãos indicando tamanho grande], mas as pernas ‘fininha’.

Frederico: Meu foco são meus braços e minha barriga. Se não tomar cuidado, viro uma rata preinha.

Todos riem.

Caetano: Eu treino o corpo inteiro, mas a parte que mais presto atenção é peitoral, costas e braço.

Mediadora: Quem, de vocês, malha glúteo?

Sérgio, Jonas, Jean, Simões Júnior, Caetano e Frederico erguem as mãos.

Jonas: Tem que malhar.

Mediadora: Todos vocês praticam musculação?

Todos confirmam.

Jonas Tem que malhar.

Samuel: Tem que fazer pra aguentar as porradas.

Mediadora: Você só faz pelas porradas?

Samuel: Não, já fazia antes. Antes de entrar no rugby, eu já era forte. Eu comecei por causa da natação, pra ajudar. Depois, parei com a natação e continuei com a academia.

Mediadora: No corpo das mulheres, o que vocês reparam?

Simões Júnior: Antigamente, eu reparava muito na bunda. Só que quando a gente começa a fazer [graduação em] Educação Física, as coisas mudam. A gente para de olhar no sentido de desejo. Por exemplo, passa uma mulher bonita, geralmente, eu vou falar: 'Olha, tem problema não sei onde, problema não sei onde'. Eu brinco muito com isso. Por exemplo, rebolado é disfunção no quadril. Não olho com os mesmos olhares de antigamente. É mais profissional.

Mediadora: Mas a parte que você mais repara ainda é o bumbum?

Simões Júnior: É, o bumbum.

Sérgio: Nas mulheres, primeira coisa que olho é a boca. Se tem os dentes bacana, sabe? Depois, é que eu olho as outras partes do corpo. Também, no (corpo) feminino, eu gosto daquela coisa de proporção. [Ela] Nem tem a bunda gigante e os peitos 'pequeninho', nem tem os peitos gigantes e nada na bunda.

Jonas: Olhos e cabelo. Cabelo me chama a atenção. O cabelo ajeitado. Lisinho.

Jean: Pra mim seria olhos e boca. E tem [depois], coxa e peito, bumbum. Parto desse pressuposto aí.

Mediadora: E nos homens, o que vocês reparam?

Simões Júnior: O mesmo princípio que falei nas mulheres.

Mediadora: Bumbum, então.

Simões Júnior: Aí, não.

Os outros jogadores riem.

Mediadora: E qual parte do corpo do homem você mais repara?

Simões Júnior: Braço.

Jonas: Peito. Braço e peito.

Sérgio: não sei.

Jonas: Um homem andar com os peitos caídos, mano, é palha, não?

Sérgio: não sei.

Jonas: A mulher toda flácida, tá tranquilo?

Sérgio: Não sei. Sei lá, uma mulher com a bunda caída fica meio estranho.

Jean: Mas tu não falou que olha pro sorriso e pros olhos, pô? Agora vai olhar bunda caída.

Sérgio: Se ela for bacana, tipo interessante de conversa, não me 'importo' não. Agora, eu não vou dizer que eu vou deixar de olhar [o restante do corpo]. Não é aquela coisa de fator determinante, mas não é uma coisa que eu também não olhe. A parte que eu acho interessante é a boca, mas é claro que eu também observo o resto.

Jean: Volta pra pergunta, no homem, o que você olha?

Sérgio: Rapaz, não sei. Eu acho que a boca também, sei lá.

Mediadora: Há algum homem cujo corpo vocês admirem e digam 'esse cara é bonito'.

Simões Júnior: Tem um cara que malha com a gente. Ele é muito grande, muito grande mesmo. Quando ele passa [eu digo]: 'Olha ele lá, ó ele lá'. Ele é enorme.

Jean: Admirar, com um olhar profissional, eu creio, seriam os dorsais, porque pra mim é o sistema que vai sustentar o resto do corpo. Mas em questão de estética, realmente, o peitoral, dá uma preocupação maior, porque é a frente da pessoa e já causa um certo impacto. O tronco em si é muito interessante.

Sérgio: Pensando bem, acho que a primeira que eu vou ver é o rosto mesmo. A barba assim (sinaliza barba cheia).

Mediadora: Vocês ficaram constrangidos quando eu perguntei o que vocês o que admiram no corpo de um homem? Há algum problema em reparar no corpo de um homem?

Um instante de silêncio e todos negam.

Sérgio: Tem cara que tem a masculinidade muito frágil. Se você olhar pra um homem, ele diz logo: 'Ei, tu é viado?' Não. Se o cara não é gay, ele pode olhar que não vai sentir nada. Ele tem aquela concepção de que, se você acha um homem bonito, é gay. Eu, por exemplo ... tem um professor de português onde tô fazendo preparatório que, acho, tem 1,80m. Fortão. A barba toda 'cheiona', toda preenchida. Aí, eu ficava lá (pensando): 'Cara bonito desse. Por que eu não sou bonito assim?' Eu fico com raiva de mim, não vou mentir [risos]. Quando a gente [o time masculino] foi pra Minas, deu raiva. A gente foi pra Belo Horizonte. Rapaz, o que tinha de bichão [gesticula indicando pessoas altas e com ombros e costas de grandes dimensões], do olho verde, bonitão. Eu reparo porque eu vejo que são bonitos, mas eu também penso no lado da concorrência com as meninas.

Mediadora: Sérgio você reparou que citou como bonito um corpo que não parece muito com o seu? Você também, Simões. Vocês falaram de um corpo alto e mais musculoso que o de vocês. Isso significa que vocês são feios?

Jonas [diz rindo]: Verdade

Sérgio: É, falei [ri], mas, assim, eu me acho bacana, sabe. Um corpo legal e tal. Mas o meu professor é tipo o top da lista.

Simões Júnior: Eu não tinha reparado nisso. Mas tipo ele [Sérgio] falou, é o top.

Jean: É o homão da porra.

Simões Júnior: Isso. Voltando, dizer que esse corpo é bonito não significa que o meu é feio. Eu admiro a forma física daquele cara da academia, mas eu não quero meu corpo igual porque se o meu corpo tivesse aquela mesma quantidade de músculo [movimenta as mãos sinalizando grandeza], eu ia parecer um lego.

Caetano: Um o quê?

Simões Júnior: Aqueles 'bonequinho quadrado'. Eu ficaria totalmente desproporcional. Isso é feio.

Sérgio: Também acho. O corpo do meu professor é bonito porque é todo proporcional. Tudo certinho ali. O meu também é proporcional, pelo menos eu treino pra isso. Eu queria ser alto, mas eu não sou. Então, ficaria muito estranho eu, desse tamanho, com a mesma [estala os dedos e parece buscar um termo]...

Frederico: Musculatura.

Sérgio: Isso. Eu desse tamanho com a mesma musculatura dele. Eu assim [tronco em seus peitoral e braços] me acho bonito. Se eu fosse mais alto, aí ia ser outra história, outras medidas.

Mediadora: Em vários momentos vocês citaram que a família foi importante na tomada de alguma decisão. Podemos afirmar que a constituição de suas masculinidades tenha sofrido ou sofra alguma influência das suas famílias?

Sérgio: Eu tô fora dessa influência, porque se dependesse lá de casa [gesticula em sinal de negação]. Sempre questionei as coisas. Tipo, sempre tive muita amizade feminina. Aí, meu pai falava 'Sérgio tem um monte de amiga. Eu, quando era novo, não tinha essas amizades com mulher'. Não que ele seja ignorante. É a maneira como ele cresceu. No tempo dele era assim. Eu nunca tive uma coisa como modelo. Sempre fui pegando várias coisas diferentes.

Simões Júnior: Várias experiências, né.

Mediadora: E de que fontes você retira essas 'coisas diferentes'?

Sérgio: É que nem o Simões Júnior falou: da experiência de vida. Eu vou vendo as coisas. Vou analisando. Eu nunca tive um modelo fixo de nada, tipo 'esse é meu modelo de homem que eu vou ser'. Não.

Simões Júnior: (ri e interrompe Sérgio) Volta aquela pergunta que tu fez sobre o questionário.

Mediadora: Qual?

Simões Júnior: A da orientação sexual.

Mediadora: Todos vocês se identificaram como heterossexuais. Gostariam de retificar essa informação?

Simões Júnior [aos risos]: 'Vamo' mudar, 'vamo' mudar.

Sérgio: Eu já pensei muito sobre isso. O cara nunca experimentou [gesticula em dúvida]. Aí, eu fiquei: 'Será se eu sou mesmo hétero?'.

Simões Júnior: Passa, passa, pula.

Caetano: Família influencia um pouco [na constituição da masculinidade], principalmente quando você não tem uma bagagem muito grande. Experiência do lado de fora influencia bastante. Enquanto é criança, e não tem muito contato com o mundo fora de casa, é mais fácil controlar. Mas quando entra na escola, conhece outras pessoas, aí fica mais difícil.

Mediadora: Trabalho entraria nesse conjunto de experiências?

Caetano: Meu trabalho é extremamente homofóbico. Não vou mentir. Militarismo não cabe. Lá cada um tem a sua opinião. Então, é melhor você ficar calado mesmo, porque não vai te prejudicar no ambiente de trabalho.

Mediadora: Vocês têm alguma referência para as masculinidades adotadas por vocês?

Jonas: Youtube. Eu sigo vários youtubers. Na questão da moda.

Sérgio: Como meu pai sempre foi crente e militar, eu sempre fui muito naquele padrão. Eu tinha contato só com os meus primos, não tinha amigos de fora da família. Depois que eu mudei pra Teresina, eu comecei a ter contato com pessoas de fora e comecei a perceber as coisas de forma diferente. Quando entrei na universidade foi um choque. O que tem de homossexual, de lésbica, de marmotagem. Tem cara andando de saia na UESPI. Isso foi novo pra mim. Lá, eu conheci um colega de sala que, depois, me falou que era bissexual. Você olha pra ele, não parece que corta pra um lado e outro. Pra mim, ele foi se tornando uma coisa normal. Eu deixei de ver essas coisas [homossexualidade] como anormal, e agora é uma coisa que é muito comum.

Mediadora: Vocês percebem uma tentativa de lhes educar para serem um determinado tipo de homem?

Sérgio e Jonas gesticulam que sim.

Simões Júnior: Na ditadura tinha parâmetros pra você seguir: 'A pessoa tem que ser assim. Homem é assim. Cabelo de homem tem que ser assim'. Acredito que hoje não tem mais isso, não. O cara não vai pra um lado se não lhe fizer bem. Se alguém é hétero, tem quem não goste. Se é homo, também. O pai do Sérgio não gosta da barba, mas fulano gosta. Nunca vai agradar a todos.

Caetano: Contrariar uma pessoa é a pior forma de cuidar, ensinar, porque ela vai ter acesso à mídia, a todo tipo de informação. A partir do momento que você contraria, nega, pune, essa pessoa vai buscar fora informações sobre o porquê de estar sendo contrariada, punida, negada. Foi negada uma parte que ela poderia ter ganho com os pais ou responsáveis. E isso prejudica muito porque, de certa forma, ela não vai ter uma assessoria blindada pra determinados conteúdos. Eu acho que o mais prático seria conversar. A pessoa pergunta 'O que é isso?', você explica, diz suas opiniões, e

ela vai atrás de mais informações fora, com o tempo, mas já com as informações da família. E ela volta pra família. O laço fica mais forte.

Simões Júnior: Criar filhos presos é a mesma coisa. Se você prender, ele vai procurar fora. Escondido.

Sérgio: O mundo ficou mais liberal, mas ainda existe muita família tradicional. Uma professora de Filosofia, um dia, falou que tinha uma aluna que a família era Testemunha de Jeová – tem quem diga que é seita. Essa menina era lésbica, e os pais não aceitavam. Ela sempre viveu aquela angústia, até que chegou ao ponto de ter depressão. Aí, a professora viu uma mensagem dela pedindo ajuda. Só que já era tarde. A menina tinha se matado. Aí, fica aquela questão: até que ponto você repreender a pessoa é normal? Porque quando você oprime a pessoa, vai ter duas consequências: ou ela vai sair doida por aí fazendo o que quer com quem quer, ou, ela vai, tipo, implodir, começar a ter depressão. Isso de qualquer forma vai afetar a vida emocional dela.

Mediadora: Há algum homem homossexual no Delta?

Jonas: Se tiver, foi bem escondido.

Jean: No terceiro tempo tem aquelas brincadeiras (de cunho sexual), mas ninguém nunca se zangou. E olha que a gente bebe pra caramba e, geralmente, a pessoa embriagada tem a tendência de revelar o que realmente é. E nesses quase três anos de Delta, eu nunca vi não [homem homossexual no time].

Sérgio: Eu já ouvi dizer que tem um.

Mediadora: Mas ele não fala abertamente?

Sérgio: Ele é bi, mas não fala.

Mediadora: Vocês acham que um homem homossexual se sentiria confortável no ambiente do clube de rugby?

Jonas: Pra mim, tanto faz.

Sérgio: Meninas [homossexuais], 'é' só o que tem. Eu acho que o homem não ficaria confortável por causa do preconceito dos outros. Mesmo que o cara não fosse homossexual, fosse bi, o pessoal ia zoar. Não aquela brincadeira saudável, mas aquela brincadeira chata que a pessoa não gosta. E tem uns que não têm maturidade pra isso. No juvenil, tem um cara assim. Ele faz umas 'brincadeira' sem graça com um colega nosso que é fumante: 'Eita, o viciado chegou'. E o cara [fumante] tá tentando parar. Imagina o que esse doido ia fazer com um homossexual. Acho que, por isso, a pessoa não ia gostar. Não ia nem falar. Acharia melhor ficar quieto, na dele.

Jean: Pra mim, normal. Como eu vejo no feminino.

Frederico: Uma vez eu chamei um colega que é homossexual pra treinar rugby. Acho que ele não gostou, mas treinou tranquilo. Ele também treinava vôlei. Não sei se ele preferiu o vôlei. Mas eu não vi nenhum tratamento diferente dos meninos aqui em relação a ele. Ele era magro e rápido, então o tratamento era igual: 'Pega bola e corre, corre'.

Mediadora: Era treino com o time adulto?

Frederico: Sim.

Mediadora: Você acha que teria diferença com o juvenil?

Frederico: Eu acho que sim. Acho que a preparação deles mental. A experiência de vida conta muito. Maturidade é o termo correto. Acho que a maturidade deles não tá bem – nunca tá, né – não tá estabilizada o suficiente, mas talvez eu esteja sendo preconceituoso. Pode ser que eles sejam mais maduros do que eu. Mas eu acho que teria um buchicho e tal. Mas é normal, é só o espelho da sociedade em si. Porque o homossexual é aceito, mas é motivo de chacota por trás. É incrível isso.

Sérgio: Do ponto de vista da religião, isso é coisa do demônio. A cura é Jesus. Vivi, até ano passado, a minha vida toda na Igreja. E ele [Jonas] também. Eu sei o ponto de vista da Igreja e o outro também. Tem coisas que eu prefiro não opinar, porque se eu tiver que dar um ponto de vista fixo, eu não vou ter. Mas eu respeito os dois pontos de vista. Do ponto de vista da religião, tem cura. O ponto de vista científico diz que não, que é uma maneira como o sexo se desenvolveu, que a pessoa já nasceu com isso. Pra mim a pessoa faz sua escolha: ou gosta ou não gosta. Não tem isso de estereótipo. Tem homossexual que, [se] você botar na balança, é mais homem que muito machão por aí, porque tem responsabilidade, caráter. A única diferença é que em vez de gostar de pegar mulher, ele gosta de pegar homem. Só isso.

Jean: Eu tenho uma camisa rosa com proteção. Nos dias de treino de membro inferior, quando eu chegava na academia com o short de rugby, que é curto e não engancha no joelho e essa blusa rosa, era zoação demais. Um dia falei: 'Pô, eu me considero mais homem, vestido de rosa e short curto, do que muito cara aí todo de preto e altamente mulher. Eu sou mais eu, franzino e sem barba, do que um monte de cara barbudo, forte, chorando porque a Lady Gaga não vinha mais pro Rock in Rio'. Aí, acabou a zoação. [A relação com homens homossexuais] Vai muito do comportamento da pessoa. Eu tenho vários amigos homossexuais e a única coisa que falo é: 'Enquanto você me respeitar, a gente continua amigos. Você pode ficar com o seu namorado, e depois me visitar. Tudo bem. Agora, a partir do momento que você me faltar com o respeito, pode me desconsiderar seu amigo'. No dia em que der em cima, me apalpar, acabou. E isso vale pra mulher também. Se uma mulher desconhecida me apalpar, eu, também, vou desconfiar. Eu considero isso falta de respeito. Se uma mulher fizesse isso em mim em público, eu consideraria uma falta de respeito porque, pela lei, é atentado ao pudor o sexo em público. Então, qualquer gesto sexual em público, para mim, seria desrespeito, tanto entre casais 'hétero', quanto entre casais 'homo'.

Sérgio: O meu amigo bissexual é muito respeitoso. Respeita minha orientação. Se eu tiver me relacionando com uma mulher, ele tenta me ajudar. Se não tivesse esse respeito, eu não me aproximava. Se eu não tenho interesse nessas coisas, ele sabe que não é ele que vai me forçar. Mesmo que o cara goste de mulher, se ele acha que [apalpar o outro] é desrespeitoso, ele vai achar ruim tanto uma mulher quanto um homem tocar nele. Do mesmo modo um homossexual. Ele vai achar ruim tanto outro gay quanto uma mulher tocar nele. Acho que não tem nada a ver com preconceito. Um dia, um desconhecido passou a mão nas partes íntimas de um amigo meu. Se ele [amigo] tivesse empurrado o cara, diriam: 'É preconceito só porque ele [o que apalpa] é gay'. O pessoal tá distorcendo muito a questão de assédio e preconceito.

Mediadora: Que pessoal está distorcendo a questão de assédio e preconceito?

Sérgio: Feministas, principalmente.

Mediadora: Vocês também percebem essa distorção?

Jean: Ficou muito corriqueiro você [homem] falar o que quiser para uma mulher. Não só elogios, mas ofensas. Os homens poderiam estar fazendo isso, buscando respeitar mais as mulheres. Tipo, sabendo quais palavras deve usar ao se fazer um elogio. Meus pais sempre me mostraram como eu deveria me comportar. Sempre me disseram: 'Respeite as mulheres. Não grite, não bata, não fale besteira. E não pense que ela é sua empregada' [risos]. Lá em casa, meus pais iam trabalhar, 'ficava' e eu mais quatro [dois irmãos ainda não haviam nascido]. Dois eram pequenos, não faziam nada. Os outros três, eu, um irmão e minha irmã, se dividia pra arrumar a casa, limpar, lavar as coisas. E não tinha isso de 'Ah, ela vai lavar a roupa e cozinhar, e eu vou limpar o quintal'. Não, cansei de lavar roupa lá em casa. Eu não cozinho muito bem,

não. Então, meu irmão ficava com essa parte. Minha irmã ia varrer. Mas, voltando ao assunto do feminismo. Mas de uns tempos pra cá, também, tudo vem sendo interpretado como 'dar em cima', como assédio, usando o termo técnico. E nem tudo que a gente [homem] fala, é assédio. Ele [o feminismo] 'tá' causando um afastamento. Os homens estão buscando se afastar das mulheres para que seja evitado qualquer tipo de constrangimento. Eu trabalho no meio da musculação e, às vezes, as alunas perguntam: 'Professor, como você acha que tá [meu corpo]? A gente fica com receio de falar alguma coisa, porque, mesmo ela tendo perguntado, vai muito da interpretação da pessoa, do senso de humor da pessoa. É complicado, pois, para alguns essa nova relação [de gênero] pode ser considerada como limitação e, assim, acaba meio que surgindo uma barreira e dificulta mais as relações. Os homens têm que se restringir e reservar mais ao querer fazer qualquer tipo de comentário. Isso seria uma forma de evitar más interpretações.

Sérgio: Eu vi uma notícia sobre um cara que salvou uma mulher de um afogamento, fez os primeiros socorros pra reanimar ela e, acredito, deve ter tido respiração boca a boca. Salvou ela. Depois disso, ela processou o cara por assédio porque ele não tinha o direito de pegar nela sem a autorização dela. É esse tipo de feminismo que tá estragando o movimento todo. As feministas passaram do ponto de querer direitos e 'tão' se vitimizando diante de tudo. Tudo que acontece é culpa do machismo, do povo opressor. Igual a essa mulher que processou o cara, tem muitas outras. Às vezes, o cara fala algo que, na cabeça dele, vai soar como um elogio, mas a mulher diz que é assédio. As feministas não querem fazer as pessoas entenderem o ponto de vista delas, elas querem impor isso e aquilo.

Frederico: Eu acho que essa luta pela igualdade, não só com relação a gênero, mas com relação a raça... Essa caminhada de mãos dadas que todo mundo tá fazendo pra que tudo seja igual é muito positiva. Significa que a sociedade tá mudando, e eu espero que, antes de morrer, eu veja uma sociedade diferente dessa. Um ponto negativo (do movimento feminista) é a falta de apelo na política. Mas como eles (e eu digo logo eles porque a maioria é homem e são eles que empatam o movimento) ... Eles já vêm de uma sociedade onde era normal os problemas que a gente enfrenta hoje em dia, eu acho que eles não estão muito empenhados em mudar isso. Grande parte deles são racistas, elitistas, misóginos e representantes de uma tal família tradicional brasileira que põe o homem como todo poderoso e tem horror a homossexuais. Como em o Príncipe, de Maquiavel, eles não vão ser bons a menos que precisem pra agradar o povo, pra se manter no cargo. Fingir ser bom, na verdade, não ser bom. Por que que um homem branco e rico vai decidir a vida de uma mulher negra na favela? Ou a vida de um homem negro? Ou a vida de um branco na favela? Tem uma série, BoJack Horseman, da Netflix, que faz uma piada muito bem colocada sobre isso. É um debate sobre uma famosa que vai fazer um aborto. Aí, ele coloca, no jornal, três homens. O âncora do jornal diz: 'Nós chamamos para discutir esse assunto três homens brancos'. Discutir se uma mulher deveria fazer um aborto. Escolheram três homens brancos pra discutir isso.

Mediadora: Seus colegas se sentem acuados pelo movimento. Você também se sente assim?

Frederico: Eu não me sinto acuado pelo feminismo. Mas esse politicamente correto que parte dele veste, acua o nosso direito de se expressar. Eu li sobre uma discussão dos norte-americanos quanto ao personagem indiano, Abuh, do Simpsons. No começo, todos riam do Abuh. Era uma piada como todas as outras sobre o estilo de vida americano. Mas o politicamente correto fez a piada do Abuh inaceitável. O Simpsons se retratou e falou que é engraçado como coisas que, tempos atrás, todos

riam, terminaram sendo politicamente incorretas. Isso, querendo ou não, restringe a nossa capacidade de expressão porque nem tudo que a gente fala ou faz é com o intuito de ferir, ou assediar, o outro. Mas pela interpretação de um que move uma massa de pessoas, a gente pode ser linchado tanto na sociedade física, como na virtual. Eu não posso expressar a minha opinião política porque vai que uma pessoa que tem influência acha que eu sou fascista, ou burro. A gente vive um tempo de extremidades. Termina que a gente só fala o que todo mundo quer ouvir. Ninguém mais tem opinião própria. Você tem que se expressar dentro do que você tem em comum com os outros, sendo que o que faz a gente ser humano é o que a gente tem de diferente.

Mediadora: Todos concordam?

Todos: Sim

Sérgio: Uma professora de filosofia me esclareceu que as ideias do primeiro feminismo, de raiz, são bacanas, de procurar igualdade. Essa luta é importante 'pras' mulheres conseguirem seus direitos, seu espaço na sociedade, mais respeito. Mas esse que tá surgindo...

Jonas [interrompe Sérgio]: É uma bagaceira.

Sérgio: Pode ter mulheres que são feministas pelos motivos certos, querem direitos iguais, educação igual, fazer as coisas da maneira certa. Mas a maioria, hoje, se distanciou disso. As mulheres entram por modinha, pra ser diferente. E 'tá' confundindo a cabeça de muita meninazinha nova. Tem adolescente que vê o movimento, diz: 'Sou feminista'. E sai falando besteira por aí, fazendo merda e não tem a mínima noção do que, na realidade, é o movimento, o porquê surgiu. O feminismo surgiu pra mulher poder votar, estudar, trabalhar, ser independente do homem. E isso a mulher conquistou. Pode ter, ainda, algumas coisas, um certo preconceito, mas não é dessa forma, com imposições, que elas vão conseguir nada. Dessa forma, elas só vão conseguir o que já 'tá' acontecendo: fazer com que as pessoas sejam contra o movimento. Se você procurar movimento feminista no Google, aparece cada coisa. Eu concordo com essa frase: 'Como é que a mulher vai querer respeito, se ela anda pelas ruas mostrando os peitos, com roupa curta, mijando, enfiando a cruz de Cristo no rabo, fazendo o diabo a quatro?'. A mulher que usa roupa curta não se dá o respeito.

Mediadora: Eu não estava sabendo dessa estória da cruz.

Sérgio: Tem até um meme: 'O que eles dizem' – um monte de religião espancando um LGBT – e 'A verdade' – um monte de homossexuais mijando em estátua, enfiando as coisas de Jesus no ânus, profanando. Tem uma imagem da Parada Gay que um homossexual se vestiu de Jesus na cruz e beijou outro homem. Como eles exigem respeito, se não respeitam ninguém? Sobre a questão da maioria das mulheres ganhar menos (do que os homens). Eu vi, em algum lugar, que 90% das mulheres que têm em média 30 anos, que não casaram e não tiveram filhos, ganha mais do que os homens de 30 anos que não casaram ou têm filhos. O problema delas 'ganhar' menos é que a maioria se casa, tem filho e, aí, tem as responsabilidades. Não tem tempo pra se dedicar ao trabalho, e acaba não se desenvolvendo tanto. As que se dedicam, se desenvolvem. Mas isso não é culpa nossa, culpa do homem. E o movimento feminista joga toda a culpa na gente [homens]. Tem outra coisa que eu acho exagero [do feminismo]. Exagero porque já é um defeito ter que existir a lei do feminicídio. Ela é consequência de um defeito existente. Eu vi uma pessoa falar que 40%, 50%, algo assim, das mulheres mortas em um ano, foi por violência doméstica. Mas nesse mesmo ano, umas 50 mil pessoas morreram. Disso, 4 mil foram mulheres e o restante, homem. Aí, fala em 40% das mulheres mortas por violência doméstica,

e só 6% dos homens pela mesma razão. Eu acho que isso aí passou do ponto e agora elas tão exagerando muito. Tão querendo demais. Tão forçando muito a barra. Elas tão exagerando muito na ideia de igualdade. Por exemplo, a questão do homem poder andar sem camisa na rua, e a mulher, não. Primeiro, isso é uma questão cultural, da sociedade que foi se desenvolvendo ao longo de milhares de anos e convencionou que as mulheres tem que cobrir certas partes. Segundo, essas partes, na mulher, são zonas erógenas. No homem, não. Pra mim, é questão biológica. Pro homem, o peito [do homem] não é zona erógena. Pode ser que alguns gostem e tratem como isso, mas na natureza biológica, não é. Já na mulher, é. Então, por isso que se cobre. Mas elas querem por que querem.

Caetano: O movimento feminista é louvável porque, com o passar do tempo, conseguiu fazer com que as mulheres tivessem salários melhores, pudessem cursar o ensino superior e questionou a submissão aos homens. Esses pontos mostram a competência do movimento. O movimento está certo. Direito e respeito é uma coisa que a gente precisa ter, e não só na questão de igualdade de gênero. Mas, atualmente, as feministas tão brigando por uma situação que não é mais de direito, e sim, de comportamento. Exemplo, o homem pode pegar todas e é chamado de gostoso, pegador. Agora, se a mulher fizer isso, ela é chamada de vadia, puta. Isso é questão de comportamento, e não de direito. Aí a questão não é ir atrás de direitos, e sim de analisar como a sociedade se utiliza de imposições pra pressionar determinadas posições e comportamentos. O movimento está confundindo direito com comportamento. Têm coisas que, anatomicamente, o corpo da mulher, o mecanismo dela, não foi feito pra praticar. Isso é questão biológica. Mas, hoje, elas [feministas] estão tentando ultrapassar esse limite. Se você é um cavalheiro e diz: 'Vou carregar suas sacolas'. A mulher fala: 'Você está tirando meus direitos'. Eu digo: 'Não, eu estou sendo cavalheiro porque eu tenho mais força do que você'. Ela diz: 'Mas isso está mexendo na questão do feminismo. Você não está me dando direitos iguais'. Se uma mulher disser que tem ideias diferentes, eu digo: 'Diga suas ideias. Eu digo se sou contra, ou a favor, de cada uma'. Eu não sou contra o projeto todo, mas contra alguns tópicos.

Sérgio: O homem não é superior à mulher, mas é diferente. Têm coisas que são diferentes por natureza, questões biológicas, mas outras, não, tipo, capacidade mental, habilidade profissional. As pessoas tem mania de discriminar. Vê uma mulher policial, ou pedreira, e, inconscientemente, já não bota fé. Eu não acho isso certo. Eu sou a favor da igualdade. Tem quem diz: 'Porque é mulher não pode fazer isso e aquilo. Porque é homem não faz isso e aquilo'. Não tem nada a ver. A mesma atitude que eu tenho com as mulheres, eu tenho com os homens. O comportamento varia de pessoa pra pessoa. Não tem isso de estereótipo. Tem mulher que é mais bruta que muitos homens. Tem homens que são mais sensíveis que muitas mulheres. Não 'tô' falando de homossexuais. Quando a pessoa fala em homem sensível, o pessoal já pensa em homossexual. 'Tô' falando de homem mesmo, homem que é hétero, e é mais sensível do que muita mulher, não sabe fazer quase nada que a sociedade exige que um homem faça, tipo, trocar uma lâmpada, consertar alguma coisa de casa. As pessoas deviam parar de ver como homem e mulher, e ver como pessoas. Independente de ser homem ou mulher, são pessoas. O que vai falar mais alto no trabalho pra mim, se eu fosse o chefe, seria o currículo da pessoa, o desempenho, e não se é mulher ou homem. Mas as feministas, elas querem ir contra a força maior do homem. O desenvolvimento da raça humana foi: o homem ia caçar, e a mulher, cuidar dos filhos. Anatomicamente, a estrutura do homem é mais forte. Essa barreira, elas estão querendo quebrar. No homossexualismo, também. Eles querem ter direitos

iguais. Foi noticiado que um cara fez cirurgia de mudança de sexo e foi competir no UFC como mulher. Parece que ele matou uma mulher no ringue. Mesmo que tenha feito a cirurgia e tenha a estética de mulher, ele tem a musculatura, o corpo de homem. Jean: Essa distinção é mais relacionada ao nível de testosterona do que à musculatura. Tem mais efeito no esporte, que você tem que dar o máximo. Mesmo que uma praticante de lutas tome hormônio, não chegará à produção do homem. Esse é o caso da Tiffany no voleibol, que era homem e, agora, 'tá' como mulher num time feminino. A divisão do trabalho vai depender da interpretação da pessoa. Minha mãe, por exemplo, faz serviço que muito homem não faz. Ela cava poço, faz carvão, trabalha de servente de pedreiro. E é uma mulher. Tem a produção hormonal de uma mulher, e isso nunca a limitou. Ela nunca disse: 'Porque sou mulher, eu vou ficar dentro de casa, cuidar das crianças, fazer a comida, limpar a casa'. Tem muito isso por aí. A minha fugiu à regra. E tá é certa [risos].

Frederico: O feminismo poderia tirar todos os homens professores da universidade e passar as vagas 'pras' mulheres, mas não ia preencher porque elas não são estimuladas pelas famílias a 'ser' professoras universitárias. Na maioria das famílias, a mulher recebe uma criação machista e é ensinada a cuidar da casa e servir ao marido. Não adianta nada eu criar mecanismos de inserção se a pessoa não se sente estimulada a se inserir naquele meio.

Jean: Mas inclusive, isso tem mudado muito hoje. Tem mulher que trabalha e o homem fica cuidando da casa, quando não tem emprego. Ele cuida das crianças, limpa a casa, lava tudo. Faz as funções que eram vistas como da mulher. Com o movimento feminista, de certa forma, as mulheres estão conquistando mais espaço, respeito e mais autonomia. O início do movimento feminista é uma coisa legal porque luta pelos direitos das mulheres dentro do direito do outro [o homem]. O que é aceitável. Agora, a partir do momento em que você tá lutando pelos seus direitos invadindo o direito do outro, aí já bagunça.

Mediadora: Quando o feminismo invade o direito do outro?

Jean: A produção hormonal já é uma invasão. Como foi citado, o praticante de MMA acabou mandando outra mulher pro hospital.

Mediadora: A Tiffany tem alguma vantagem no vôlei feminino?

Jean: Teria. É certo que uma bola de vôlei não é tão pesada, mas vai ser um tanto difícil uma mulher que foi adaptada a receber saques e cortadas de outra mulher, que tem bem menos força [do que um homem], recepcionar a cortada de um homem. Então, daria certa vantagem. Vamos supor numa disputa de bloqueio. Tiffany subiu [para atacar] e o time adversário ali pra bloquear. Ela vai com o braço bem mais pesado, logicamente.

Caetano: A maioria das vagas no serviço militar é para homens. Não que a mulher não consiga fazer o trabalho. Elas conseguem, e algumas são mais aptas do que os homens. Contudo, tem situações em que elas não conseguem agir como um homem. É questão de inteligência? Não, todas têm inteligência, mas na hora de agir as mulheres, às vezes, tem certo [faz sinal de aspas] bloqueio. Como assim? O período menstrual delas é um [bloqueio]. 'Eu estou sentindo forte cólica' [diz uma mulher militar]. Lá [no local de serviço] a gente respeita: 'Tudo bem. Fique no telefone e não vá hoje porque isso vai lhe prejudicar'. Lá não pode haver três mulheres numa mesma ala, que é um dia de serviço, porque quando [a pessoa a ser socorrida] se trata de um homem paciente psiquiátrico, outros homens vão lidar melhor com a situação porque, geralmente, esse paciente anda pelado, batendo em todos. Ela já tem aquele preconceito de, por se tratar de um homem, não tentar resolver o problema, ainda mais quando se trata de um paciente psiquiátrico, que pouco se importa com quem

conversa com ele. Coisas cotidianas também afetam a convivência entre homens e mulheres. Lá em casa, sou eu quem lava as louças. Mas numa casa em que mora um casal e o homem diz: 'Você tem que lavar as louças'. Ela diz: 'Mas isso é contra os meus direitos'. Não, isso é uma coisa de convivência. Se você convive com uma pessoa tem que ajudar, dividir. Mas tem mulher que não vai casar porque não foi feita pra lavar louça. Como uma senhora me disse: 'Não, não vou casar porque não vou viver com uma pessoa numa casa e ter que lavar as louças dela'. Eu disse: 'Não, tu tá totalmente errada. Isso não tem nada a ver com questão de feminismo. É questão de convivência'. É isso que eu tô dizendo: tem mulher que ultrapassa a barreira. Se um homem disser pra ela: 'Você vai ter que varrer uma casa'. Pronto. A mulher já pira: 'Não, não vou fazer porque isso foge dos meus direitos'. Que direitos? Direito de dividir uma casa, de conviver com uma pessoa? Mas eu respeito o feminismo. Tenho certeza que a pessoa tem que ser igualitária. A gente [homem] ganhar mais, isso é ruim. Se eu e uma mulher temos os mesmos cargos e exercemos as mesmas funções, os salários tem que ser iguais, independente de alguém ter filho ou ser casado.

Jean: Tem mulher que é machista.

Caetano: Sim, ainda mais com esse movimento feminista.

Jean: Elas não querem ser colocadas dentro de uma caixinha, de lavar louças, mas colocam a gente numa caixa, de trabalhar e colocar as coisas dentro de casa.

Frederico: Um ponto negativo do movimento é o feminismo por conveniência. A culpa não é do movimento. É de quem pega o feminismo 'de ouvido'. Começa um telefone sem fio com 'o feminismo é isso e aquilo'. Quando chega na ponta, ele já é outra coisa. 'Ah, quando me é conveniente, eu sou feminista. Quando não é, tudo bem. Quando eu saio com alguém, o homem pode pagar a conta, eu não me importo. Quando eu estou vindo do mercado e alguém se oferece para levar as minhas coisas, ele tá me assediando. Eu vou usar o argumento feminista, que eu conheço de ouvido...'

Jean: [interrompe Frederico] Pra denunciar ele por assédio.

Frederico: Isso. O problema não é o feminismo, é quem pega.

Sérgio: Olha o tamanho do problema que o feminismo trouxe. Se você for acusado de algum crime, até que se prove o contrário, você é inocente e vai responder em liberdade. Mas parece que, se a mulher lhe denunciar de assédio, violência doméstica ou coisa assim, não tem essa de ser inocente. Você vai preso direto.

Mediadora: Você viu essa informação no Código Penal?

Sérgio: Não. Eu não falo isso com certeza porque eu não li na lei. Eu ouvi pessoas que conhecem a lei falando sobre. Mas é meio que uma inquisição. Basta duas testemunhas pra acusar a pessoa. Não precisa apresentar provas.

Jean: Quem é acusado de violência doméstica é logo preso, é isso? O inquérito é aberto e a investigação rola com ele preso. Só vai ser solto se comprovada a inocência. É isso?

Sérgio: É.

Mediadora: Você não concorda com a criação da lei do feminicídio?

Sérgio: Não, não gosto de nenhum tipo de divisão. Existir essa lei é sinal que algo tá errado na sociedade. Era pra ter a lei: 'Não pode matar. Se matar vai ter punido, sendo homem ou mulher'.

Mediadora: A criação da lei foi uma estratégia equivocada?

Sérgio: Eu acredito que sim.

Frederico: Eu discordo do coleguinha. O feminicídio é quando você mata uma mulher só por ela ser mulher. Há parâmetro técnico pra definir isso. Essa é uma das áreas onde a gente vê a desigualdade de gênero, segurança pública. A segurança pública pra mulher é muito mais complicada do que pro homem. A estrutura corporal da

mulher é muito diferente da do homem. A lei é necessária, também, porque a diferença biológica entre homens e mulheres é gritante. É muito mais perigoso pra uma mulher sair do que pra um homem por causa do próprio ponto de vista da sociedade em relação à mulher. A gente vive numa cultura do estupro. A mulher, independente do que vestir e de como se portar, ela é sempre sexualizada. Ela não é tratada como um ser humano, e sim sempre como uma conquista. A sexualização da mulher termina fazendo com que seja perigoso pra elas. Porque muita gente trata a mulher como um troféu e aí termina que quer arranjar o troféu a qualquer custo e tal. Termina sendo perigoso pra mulher. Eu acho que a segurança pública não favorece nenhum dos gêneros, mas a falta dela prejudica mais a mulher do que o homem. Um homem matar uma mulher é um crime horrível. Então, deve ser visto com um olhar mais severo. A lei de não poder matar ninguém já existe e, ainda assim, se mata todo dia. Então, se o caminho errado for o aprimoramento da lei, o que a gente vai fazer? Porque cada vez que se acrescenta algo, tá se aprimorando a lei.

Caetano: Tudo é baseado em dados. Se foi criada a lei sobre crime de homicídio é porque os dados disseram que muitas pessoas estavam morrendo. Então, vamos criar uma lei pra evitar isso. Se os dados estão em alta para mulheres, vamos criar leis que solucionem isso. Não acho errado criar uma lei pra separar feminicídio de homicídio.

Sérgio: Eu não falei que sou contra a lei do feminicídio. Eu falei que o fato dessa lei existir é consequência de um problema que a gente tem. O problema não é a lei. O problema é que ela não é cumprida.

Frederico: A sociedade mata e continua matando.

Sérgio: Isso é uma questão social. O cara, só por ser homem, acha que tem direito sobre a mulher. A solução mais concreta, e mais demorada, seria investir na educação. A solução mais concreta, e mais demorada, seria investir na educação. Não na educação superior, mas no ensino básico porque a maioria dos caras que pratica feminicídio, que maltrata mulher, que comete violência doméstica, a maioria é do interior. É cara que não terminou o ensino fundamental. É esse pessoal. Tem, sim, casos de pessoa que tem nível alto e faz isso, mas é minoria. Eu acredito que, primeiro, teria que ter o cumprimento da lei da forma que já tem [homicídio] porque eles botam a lei, mas não cumprem totalmente. Eles sempre têm aquela brechinha que o advogado consegue pra pessoa poder escapar. Na lei é tudo bonitinho, mas você vai pra vida real é totalmente diferente. Então, cumprir a lei e melhorar a questão social mesmo, que é o que tá doente, o que tá defeituoso.

Mediadora: vocês acham que a educação tem alguma contribuição nas relações de gênero?

Jean: Eu acho que a educação de casa influencia mais. Já vi uma menina falar: 'Eu sou feminista porque eu vi meu pai fazer o que fez com a minha mãe. Meu pai ia pra rua beber, ficar com outras mulheres e ela ficava em casa, fazia comida, lavava a roupa, cuidava da gente e, no final de semana, ainda tinha que cuidar dele bêbado. Eu não quero passar pelo que a minha mãe passou. Então não vou deixar homem nenhum prevalecer 'encima' de mim'.

Sérgio: Mas como melhorar uma educação doméstica que já está enraizada? Se você for ver no Nordeste, nas cidades pequenas, é normal o cara ter uma rapariga. Tem a mulher e as raparigas dele. A educação doméstica que a maioria dos nordestinos tem é essa do homem como superior e que acha normal ter mulheres fora, e, até, bater nelas. Como que você vai mudar essa educação de casa se você não pode, simplesmente, entrar na casa da pessoa dizendo 'você não pode fazer isso e isso'?

Jean: Mas não sou eu quem vai dizer o que tem que ser feito. É a mulher da família que tem que se impor.

Frederico: E se ela foi criada nos termos do machismo? E avó dela foi criada. E a mãe da mãe da mãe dela foi criada.

Jean: Se ela 'ver' que aquilo ali é errado e ela não conseguir resolver, ela sai de casa. Pra mim, seria a solução. Se ela não quer bater de frente com o marido porque no Nordeste, como ele falou (Samuel), é correto, ela não vai bater de frente. Ela não pode resolver. Sai de casa, pô. Procura um cara pra dar valor, poxa.

Sérgio: Mas nem todas tem coragem pra isso.

Frederico: A constituição diz que a educação é dever do Estado...

Jean: (interrompe Frederico) Direito de todos e dever do Estado.

Frederico: Inclusive [dever] da família. Desde sempre, a gente vê que a nossa educação é assim porque o Estado não investe. Tem um candidato a presidente que disse que vai tirar geral do SPC, beleza. 41 milhões de brasileiros no SPC. Os caras não sabem administrar as dívidas, o dinheiro que têm. Será se educação financeira na escola desde pequeno não teria mudado isso? Se eu tirar esses 40 milhões de brasileiros e não investir em educação financeira, ensinar eles a administrar esse dinheiro, eles vão continuar fora do SPC, ou eles vão voltar pra lá?

Jean: Nunca tive educação financeira, nem meu nome no SPC. Eu paguei uma moto descarregando carreta, poxa.

Frederico: Eu nunca tive educação financeira, mas, também, nunca tive nada, então, não tinha o que administrar. A minha avó devia (dinheiro), mas ela podia passar fome, mas o dinheiro da dívida 'tava' lá.

Jean: Aí, quem ensinou pra ela foi o Estado?

Frederico: É ou não é uma forma de educação financeira essa?

Jean: Mas, quem ensinou pra ela foi o Estado?

Frederico: Não

Jean: (Bate, com as mãos, na mesa e sorri).

Frederico: Mas ajudaria. Na escola, os meninos, desde crianças, podem aprender a conviver com as meninas de uma forma pacífica, sem brigar ou ofender. E elas da mesma forma. Construir um ambiente mais igualitário. Eu não sei se a minha observação em relação a isso é porque eu decidi seguir carreira como professor. Porque eu sempre entrei com essa ideia que eu não quero só ensinar aos alunos Física. Eu quero tentar mudar o que os caras pensam. Eu quero tentar formar uma sociedade consciente.

Sérgio: Isso. Se aprender isso enquanto é novo, quando 'tiver' mais velho, não vai ter problema.

Mediadora: Ok. Pensando nessa questão de inserção no meio social, vamos ver um texto da GQ com o rapper Emicida, onde ele fala sobre o impacto do racismo sobre sua carreira.

Visualização e leitura de texto midiático: MANECHINI, Guilherme; VIEIRA, Piti. Pique de jogador. **Gq Brasil**: Gentlemen's Quarterly, São Paulo, v. 7, n. 78, p. 100-105, set. 2017.

Mediadora: Vocês acham que há alguma diferença na forma como o homem branco e o negro são tratados?

Sérgio: Com certeza.

Jonas: É.

Frederico: Com certeza. A maioria do Brasil é pobre e negra. E a maioria dos pobres e negros é discriminada. Parte dos negros não tem oportunidade de emprego. Mesmo aqueles que tenham capacitação, vão ter menos oportunidades do que as outras pessoas, brancas.

Mediadora: Vocês já passaram por alguma situação assim?

Sérgio e Jonas: Já.

Jean: É muito diferente. Eu nunca passei por isso, mas já vi muito. É triste.

Simões Júnior: É desumano.

Frederico [dirigindo-se a Caetano]: Na hora de atender uma ocorrência alguém te achou menos capacitado por não ser um cara branco?

Caetano: Não.

Frederico [direcionando-se a Caetano]: Fala de São Paulo.

Caetano: Em uma viagem do time pra São Paulo, há uns cinco anos, saímos juntos quatro homens. Um era branco. Ficamos os três [negros] andando de loja em loja, e o branquinho, Edgar, só lá de boa, comprando. De repente, uma viatura da polícia nos parou e pediu pra gente se identificar porque os lojistas estavam se sentindo ameaçados porque tinha três pessoas negras, nós, entrando em todas as lojas. A gente é do Nordeste. A gente quer entrar em todas pra conferir. Isso é normal [risos]. Enquanto isso, o Edgar tava lá na outra loja, comprando. [Bate na mesa e fala em tom irônico] 'É, isso é verdade. Ele é branquinho. A gente [negros] tá sequestrando'. [Retoma tom ameno de fala] Mas, hoje em dia se dois brancos andarem numa moto, sem capacete e de havaiana, também sofre preconceito. 'São ladrões. Vamo correr'. Se forem dois negros, também são. Então, assim, a comparação já tá quase se igualando.

Jonas: É. A gente [Jonas e Sérgio] 'vei' de moto e ali na frente [do local de realização das sessões de grupo focal] tem dois caras do exército. Eles olharam pra gente com uma cara desconfiada, tipo: 'Fica de olho, é bandido'. E não foi a primeira vez, não. Se eu for sentar numa esquina, a pessoa já passa com pressa.

Caetano: Como foi que tu perguntou (dirige-se a Frederico)?

Frederico: Tu já sentiu que alguém te achou menos capacitado?

Caetano: No trabalho, não. Mas, fora, sim. No meu serviço, ser bombeiro negro ou branco não qualifica ou desqualifica em nenhuma situação. Mas, fora, sempre há esse preconceito de que as pessoas negras são mais desprovidas de conhecimento. Isso é totalmente errado porque, hoje em dia, a questão de conhecimento depende mais do esforço de cada um. Quem tem mais esforço e dedicação, tem um conhecimento mais elevado. As pessoas negras ainda são tratadas como menos, menores do que as brancas. Se eu tiver ao lado de uma pessoa branca, bonita e, até, com uma educação menor do que a minha, outra pessoa que passe por ali, pergunta 'pro' branco: 'Você pode me ajudar'? No trabalho é mais complicado porque todo mundo passou pelo mesmo processo, então, todo mundo é tratado igual.

Frederico: A cor termina por sobressair.

Caetano: É, a cor influencia. Tudo tem seu comparativo. Racismo não existe mais tanto porque raça é uma coisa que tá diminuindo. Mas preconceito, todo mundo tem um pouco.

Frederico: Eu já fui racista.

Jean [fala surpreso]: Já?

Frederico: Eu sou cria da minha avó. Minha avó é muito racista, muito machista. É a típica ... não sei nem como definir. Ela é muito machista, muito racista. Eu lembro que uma vez eu pedi pra ela me ensinar a fazer carne moída e ela disse que eu não precisaria aprender porque ia ter quem cozinhasse pra mim.

Mediadora: Quem iria cozinhar pra você?

Frederico: Uma mulher (risos).

Caetano: Racismo não existe mais tanto porque [a ideia de] raça é uma coisa que tá diminuindo. Mas preconceito, todo mundo tem um pouco de preconceito.

Sérgio: É, sempre tem. Sempre vai existir o preconceito porque sempre vai ter um pré-conceito [ênfase no prefixo pré-] pra uma pessoa.

Mediadora: Em algum momento vocês reconhecem que foram preconceituosos em relação à cor?

Caetano: Só a pergunta dele [Frederico], se eu me percebo capacitado ou não, mostra que ele deve ter algum problema com isso. Todo mundo tem um pouco de preconceito, mas não quer resolver aquela ideia.

Frederico: Não. Isso é o nosso contexto.

Mediadora: Você disse que já foi racista.

Frederico: Fui. Não sou mais. Isso era quando eu tinha 12 pra 15 anos. Aquele ditado 'Preto, quando não faz na entrada, faz na saída'... eu ouvia isso em casa e na TV. A maioria dos bandidos que aparecem na TV são negros. Aí eu já ficava impressionado.

Mediadora: E como deixou de ser racista?

Frederico: Quando eu percebi que eles eram, a maioria, muito pobres, sem estudo, sem direito nenhum. Quando eu vi a forma como a minha vó falava dos meus colegas: 'Não se junte com essa gente'. Eu não me incomodo que uma pessoa faça sete refeições por dia. Eu me pergunto é porque que os outros não podem. Um vídeo no Facebook mostrava fotos de duas pessoas em situações iguais, mas em uma foto era uma pessoa branca, e na outra, negra. O vídeo foi mostrado pra um grupo de pessoas e elas tinham que falar a profissão da pessoa da foto. Quando era o cara branco, ele tava cuidando do jardim da casa dele. Quando era o cara negro, ele era o jardineiro. Uma moça branca costurando, era estilista. Uma moça negra costurando, era empregada da loja. Um negro de terno, é o segurança. Um branco de terno, ele é o executivo. O que você faz quando não tem perspectiva? Por que a maioria dos presos são negros?

Caetano: Meu esforço e dedicação aos estudos vêm de família. Eu e meus dois irmãos sempre tivemos na cabeça que estudar é o melhor caminho pra progredir na vida. E, com certeza, foi o melhor caminho porque, hoje, eu sou concursado, um é contador, e o outro, educador físico. Todos três negros de origem humilde. No meu serviço, ser bombeiro negro ou branco não qualifica ou desqualifica em nenhuma situação. Mas, fora, sempre há esse preconceito de que as pessoas negras são mais desprovidas de conhecimento (do que as brancas). Isso é totalmente errado porque, hoje em dia, a questão de conhecimento depende mais do esforço de cada um. Quem tem mais esforço e dedicação, tem um conhecimento mais elevado.

Mediadora: A renda influencia a forma como vocês se veem ou são vistos por outras pessoas?

Jean: Na forma como eu me vejo, não. Passei muito tempo sobrevivendo à custa de bolsa de pesquisa na universidade e, antes disso, sobrevivia com baixos salários. Isso nunca influenciou na minha autoestima. Agora, pela visão da sociedade, acho que uns 40%, ou mais, dela te trata diferente pela renda.

Frederico: O homem pobre é tratado diferente do homem rico, sim. Não vou generalizar, mas, na maioria dos casos, quem tem mais dinheiro, tem acesso a melhores equipamentos, carros, roupas, e querendo ou não a sociedade agrega valor ao que você tem, e não ao que você é. Muitas vezes, a pessoa é um péssimo ser humano, mas por ter dinheiro e bens, ela é valorizada. Então, isso termina fazendo com as pessoas te tratem diferente. O cara que trabalha na fábrica de carvão 12 horas por dia é menos valorizado. Embora, ele tenha que sustentar uma família e ajude outra família, ainda assim, ele vale menos porque ele tem menos. Eu, pelo menos, pelo que eu passei, acho que a sociedade me trata assim, como se eu valesse o que eu tenho, não o que eu sou como pessoa.

Mediadora: Isso faz com que você mude seu comportamento?

Frederico: sim, sim. Eu acho que eu termino. Não sei se é pela convivência, pela sociedade ter me tratado assim, que eu termino me preocupando mais em saber como é a pessoa do que o que ela tem. Eu acho que se a pessoa for gentil, se ela tratar os outros bem independente do cargo, porque tem muitas pessoas que só tratam bem quem é superior a ele ... então se a pessoa tratar os outros bem, se ela se preocupar com a sociedade de modo geral, eu acho que ela tem valor independente do cargo que ela ocupe.

Mediadora: Ok. Obrigada Frederico. Alguém quer acrescentar algo?

Jogadores negam

Mediadora: Finalizamos aqui, hoje, então.

Sessão 2 (realizada em 28 de julho de 2018)

Mediadora: Boa tarde meninos. Vamos seguir com a nossa conversa sobre masculinidades, certo? Esse é o primeiro texto de hoje.

Visualização e leitura de texto midiático: MARTINS, Ivan. Uma DR de macho: que homem tem com os amigos conversas íntimas como as de Velozes e Furiosos? **Gq Brasil**: Gentlemen's Quarterly, São Paulo, v. 7, n. 75, p. 91, jun. 2017.

Mediadora: O autor desse texto diz que nunca teve uma conversa como as existentes entre os protagonistas do filme 'Velozes e Furiosos'. Ele nota que os personagens costumam ficar bastante tempo sentados, um de frente pro outro, próximos, conversando, discutindo a relação deles. Bem pertinho, se abraçam por longo tempo. Ivan [autor da coluna] diz que nunca fez isso com outro homem. Vocês têm esse tipo de conversa com outros homens?

Jean: Eu acho que vai muito do nível de amizade. Eu tenho amigos que a gente conversa, não tão próximo como nas cenas do filme. Eu particularmente, com amigos que não vejo a muito tempo, eu chego [e] abraço, ponho a cabeça no ombro ... a gente conversa.

Mediadora: Beijo no rosto?

Jean: Não, beijar no rosto, não. Nos países árabes, os caras se beijam. Lá é cultural. Aqui, o nosso cumprimento masculino aqui é a gente pega aqui [aperta as mãos], aí encosta aqui [ombros]. Já nas mulheres, a gente beija no rosto por uma questão de delicadeza.

Sérgio: Tem um amigo meu na universidade que tem mania de beijar no rosto, mas, por mim, tanto faz como tanto fez. Sobre essa questão da conversa, vários amigos meus... a gente senta um de frente pro outro e fica conversando, falando sobre várias coisas, sobre os projetos da vida. Ou, tipo, a pessoa tá passando por algo ruim, nada tá dando certo, a gente vai lá e fala: 'Não, vai dar certo'. A gente tenta animar. Mas, isso vai do nível de amizade. A gente faz isso com os amigos mais chegados. Agora, aqueles amigos que a gente vê de vez em quando, a gente não se sente confortável.

Mediadora: Se um homem entrar nessa sala e cumprimentá-los com um beijo no rosto, há algum problema?

Jonas: Eu vou achar estranho porque não é, todo dia, assim. Mas, tudo bem.

Sérgio: Eu acharia estranho. Não é nem pelo fato de ser um homem. Se fosse uma mulher, que nunca vi na minha vida, e, do nada, vem falar comigo e beija meu rosto... eu acharia estranho.

Mediadora: Certo pessoal. Vamos passar agora pra um outro texto da revista GQ. Leiam com atenção, ok, e tentem se imaginar se a situação que o autor conta se aplica a vocês?

Visualização e leitura de texto midiático: MARTINS, Ivan. Quem é amigo conta? Há diferenças entre ajudar um amigo, humilhá-lo e simplesmente fazer fofoca. **Gq Brasil:** Gentlemen's Quarterly, São Paulo, v. 7, n. 74, p. 89, mai. 2017.

Mediadora: Há uma competição entre os jogadores do Delta?

Jonas: Sim, sim. Isso é o que motiva mais a gente, a competição.

Sérgio: Mas, é uma competição saudável. Se a gente for pra academia, correr, ou coisa assim, eu vou tentar ser melhor do que ele (aponta para Jackson). Mas, se ele for melhor do que eu, eu não vou ficar com raiva, entendeu?

Mediadora: Mas tentará ser o melhor?

Sérgio: Eu vou tentar.

Mediadora: Por quê?

Sérgio: Porque esse é o objetivo da gente treinar. É sempre tá melhorando. Se a gente ficar tentando superar o outro, a gente vai evoluindo. Por exemplo, eu sou melhor em musculação. Ele (Jetro) é melhor em corrida. O fato de eu querer acompanhar ele na corrida, e dele querer me acompanhar na musculação, vai melhorando uma parte ruim que a gente tem. Aí, se ele me superar, eu vou tentar superar ele e, dessa forma, a gente vai subindo o nível junto.

Jonas: E se ajudando.

Sérgio: Não é tanto dizer que 'ah, eu sou melhor do que tu'. É só uma questão da gente tentar subir o nível.

Jean: O esporte é competição. Não pode esquecer isso. Mesmo eu seja um esporte individual você tem uma meta pra alcançar e pra fazer isso você tem que treinar como se já estivesse em uma competição.

Mediadora: Esse pensamento de vocês é compartilhado pelos outros jogadores, competir entre si tendo como fim a melhora da performance do time? Ou a intenção seria competir para ser melhor do que os outros jogadores?

Jonas: A última [alternativa]. E não é pouco não.

Sérgio: O pior não é o cara querer ser melhor. Se ele treinar pesado e tal, tudo bem.

Jonas: É, se tá lá acompanhando [as sessões de treinamento].

Sérgio: O que lasca é aquele cara que quer ser melhor e só fala. Fica 'fobando'.

Jonas: E [ainda] reclama. Estressa os outros.

Sérgio: Antes do treino, o cara faz discurso motivacional: 'A gente tem que treinar'. No treino, fica 'voador', faz tudo errado. Eu fico com raiva porque ele fala uma coisa e não faz. Parece que ele pesquisa na internet um discurso.

Jonas: E memoriza.

Sérgio: Acho que ele nem memoriza, porque é só [envio por] whatsapp. Só copia e cola. Um dia, eu fiz uma pergunta sobre tackle, sobre como cair. Ele respondeu, mas não foi de acordo. Acho que ele não entendeu direito a pergunta. Aí, eu falei: 'Não, por causa disso e disso já vi gente levando punição'. Aí, eu percebi que ele começou a me insultar falando uns apelidos que, segundo ele, o pessoal [do time] inventou. Eu não dei importância [ao ato de insultar praticado pelo cara], mas ele falou na intenção de [dizer]: 'Oh, te aquietar aí'. Aí, começou [no grupo de whatsapp] uma discussão sobre treinar, mas, no dia do treino, ele nem apareceu.

Jonas: Nem avisou, nem nada.

Sérgio: Rapaz, fico agoniado com essas coisas.

Jonas: Esse mesmo cara já tretou com muita gente.

Mediadora: E quando o treino é misto, equipe masculina e feminina juntas, é diferente de treinar entre homens somente?

Jonas: É.

Mediadora: Em quê?

Sérgio: As meninas são menos teimosas.

Jonas: É, são mais educadas e sabem escutar.

Sérgio: As meninas do adulto, como já tem certa independência, elas contestam as ordens do treinador e tal. Mas é com respeito e elas sabem o que tão falando. Quando elas viram pro treinador não é pra falar besteira. Tem sentido o que elas falam. Tipo, é sempre algo sobre regras e o jeito certo de fazer um movimento. As meninas do juvenil, elas ficam quietinhas na dela, prestam atenção. Já no nosso [equipe masculina juvenil] não é assim. O pessoal não cala a boca.

Jonas: É, falam direto.

Sérgio: É conversando e não presta atenção. A pessoa [treinadora] tá bem aqui e fala: 'Oh, vocês vão fazer isso, isso e aquilo'. E a pessoa [jogador do juvenil masculino] tá pensando na morte da bezerra. Aí quando chega a vez dele [executar o exercício de treinamento], ele não sabe o que fazer, ele tá boiando.

Jean: Deixa eu falar bem aí uma coisa. Essa bagunça aí é no juvenil. No adulto não é assim, não. A gente [equipe masculina adulta] é que nem com as meninas. Se for perguntar, questionar algo, tem que ter embasamento. Se não tiver, fica calado e presta atenção no que o treinador diz. É melhor. Quando o nosso treino é com a equipe do juvenil, no final de semana, a gente vê que eles são avoados [risos]. Você tem que puxar, chamar atenção mesmo, no sério, pra ver se se aquieta. Se não tiver disciplina não dura no time. E se o treinador, no caso é a treinadora né, a 'LF', não for dura, não segura.

Jonas: É, ela não alisa, não [risos]. Só vejo as brigas dela com os cara lá. Ela é a treinadora, tá no direito. Se o cara não obedece, ela manda sair fora.

Mediadora: Pra vocês, hoje, qual a melhor equipe do Delta, masculina adulta, masculina juvenil ou feminina adulta?

Sérgio: Pelos resultados, é o feminino.

Jean: Disparado.

Sérgio: O juvenil agora que tá começando a sair [para campeonatos], a fazer alguma coisa. Mas, o feminino é que tá ganhando campeonato. Vai pro Super Sevens. Acho que se no juvenil todo mundo escutasse, prestasse atenção nos treinos, fizesse as coisas com vontade e não ficasse com preguiça de fazer as coisas, se entrosasse mais em vez de ficar brigando, eu acho que daria certo, porque se você for assistir um jogo das meninas, a que corre é a DF, porque é ponta obviamente, mas as outras não tem aquela coisa de dar muito side step não. É mais é passe. É entrosação. Elas sabem fazer os passes. E isso a gente [equipe masculina juvenil] não tem ainda. Se tivesse esse tomado esse caminho, eu acho que já teria dado tempo.

Mediadora: Quando vocês jogam contra a equipe feminina, vocês se esforçam na mesma intensidade que quando jogam contra outro time masculino?

Sérgio: Eu, sim.

Jonas: Eu também. Até porque, se não chegar duro, vão reclamar do mesmo jeito. Então é melhor chegar batendo mesmo.

Jean: Não é chegar batendo, querendo machucar. Isso a gente não faz com ninguém. Nem homem, nem mulher. Agora, não vai ser com a mesma força, né. Você não vai usar a mesma força que você usa pra tacklear o Sérgio, pra tacklear a 'DF'. A gente tem que jogar com a mesma seriedade, mas tem que respeitar a diferença de força. Pro jogo ser limpo, tem que ser assim.

Sérgio: No dia que eu, sem querer, machuquei o joelho da 'Venezuelana', ela tava com a bola aqui [indica porção lateral do quadril]. Eu tava ali correndo. Aí eu fui [bate as mãos indicando contato físico] pra parar ela. Sem querer, a gente bateu de lado e girou. Sei que girou o joelho dela [expressa dor]. Aí eu fui falar com ela. Ela disse que elas [jogadoras] acham bom treinar com o juvenil, porque, obviamente, o juvenil tem mais velocidade, tem mais força que elas, e elas têm que se acostumar com isso. E elas têm mais experiência, mais 'entrosação'. A gente, com elas, sempre dá o máximo.

Jonas: Os dois saem ganhando.

Mediadora: Depois do acidente ela lhe falou que é obvio que vocês têm mais força e velocidade, certo?

Sérgio: Foi o que ela me falou, mas tem também a questão da idade. As meninas [da equipe feminina adulta] não são tão novas. E, tem também a questão de ser homem, tem mais massa, mais peso, mais força. Não tem essa de dizer que é machismo.

Frederico, Simões Júnior e Caetano chegam ao local da sessão e se dirigem às cadeiras livres.

Frederico: Opa, desculpa o atraso Islandia. E aí, do quê que vocês tão falando?

Jogadores presentes riem.

Mediadora: Dos treinos mistos no Delta com homens e mulheres juntos ... se há alguma diferença entre o treino misto e o treino só com homens.

Simões Júnior: Tem diferença no início, eu acho, porque não é comum você jogar com mulheres. Mas com o tempo fica normal. Eu jogo com as meninas no mesmo time ou em outro e me esforço do mesmo jeito pra ganhar. O que eu acho é que a gente tem que fazer um balanço.

Sérgio: Que balanço?

Jean: É o saber usar a força que eu falei. Equilibrar pra não machucar, pelo menos não de propósito.

Simões Júnior: Exatamente.

Frederico: O rugby exige uma selvageria do jogador, e da jogadora também. Mas tem que ter noção do nível de selvageria que você vai usar, obedecendo as regras, claro. Você não pode achar que pode usar a mesma quantidade de força pra tacklear todo mundo. Você tem que buscar um equilíbrio: 'eu vou derrubar o meu adversário, mas não pra machucar, provocar algum dano sério nele'. Do mesmo jeito quando você joga com mulheres. Geralmente, os homens têm mais força, então, em um jogo você tem que ver direitinho quanto dessa força você precisa usar pra tacklear a adversária mulher. Pra parar a LF, eu preciso me esforçar muito, praticamente a mesma força que pra parar o Simões ou o Caetano. Mas, tem outras jogadoras que não precisa disso tudo. Do mesmo jeito com os homens. Mas aí, entra uma coisa: o esporte ensina a conviver. Os treinos do Delta são mistos. Isso facilita essa convivência entre homens e mulheres no clube. Dá uma noção de sociedade maior. Mas, tem muito essa questão da segregação entre homens e mulheres no esporte. Acho que quando isso parar de acontecer seria mais significativo porque ensina muito a conviver uns com os outros. O problema é que tem muitos esportes que, por exemplo, o futebol ... você não pode tacar a mão na cara do companheiro por querer no futebol, mas a gente vê isso de vez em quando nos jogos. Colocar homens e mulheres aí seria um tanto perigoso. Mas, basquete, por exemplo, tem um controle maior e ensina a conviver tranquilo. Eu acho que tudo é questão de equilíbrio, balanço. O segredo tá no balanço que o Simões falou. O segredo da convivência entre homens e mulheres no esporte seria o balanço entre o esporte em si e o jeito como você joga quando têm mulheres, porque, como tem o exemplo da 'LF' [jogadora da equipe feminina adulta e treinadora da equipe

masculina juvenil], às vezes elas são mais frágeis, às vezes não. Mas, isso é uma coisa minha. Acho que não vai acontecer nunca.

Caetano: Muito difícil [diz se dirigindo a Frederico]. Homem tem mais força que mulher. Treinar com o time feminino é uma coisa, competir contra, é outra. No treino eu consigo esse balanço que você fala, no jogo oficial não. Nem quando é só com homens a gente garante isso. Mas, é importante abrir esse espaço de convivência, de praticar uma mesma atividade juntos. O treino misto é importante pra mostrar que tanto nós como vocês, mulheres, todo mundo pode jogar rugby.

Simões Júnior: No treino misto a gente dá mais ênfase na técnica e na tática, e menos na força.

Mediadora: Por isso, geralmente, em treinos mistos usam o rugby touch?

Simões Júnior: Isso. No touch você precisa de velocidade e agilidade do mesmo jeito que o normal, até mais, mas diminui a chance de se machucar e machucar alguém.

Mediadora: Como o rugby apareceu na vida de vocês?

Jonas: Mandaram mensagem pra mim: 'Vai lá. Tá tendo teste pro rugby'. Aí, eu fui pra saber o que era isso de rugby, e fiquei. Entrei de curioso e até agora 'tamo' aí, né.

Mediadora: Curioso pelo quê?

Jonas: Porque é diferente.

Sérgio: Eu não tinha noção de que existia o rugby. Aí, no 3º ano, um professor que joga no X Rugby me convidou pra treinar. Fiquei curioso porque é um esporte diferente do que a gente tem. Eu nunca fui fã de futebol. Nunca ia pra aula de educação física. Como eu fazia natação, só levava uma declaração. Eu me interessei, mas os treinos eram às 10, 11 horas da noite, e eu tinha 16, 17 anos. Não dava pra ir. Aí, no ano passado, enviaram o convite da seletiva pro Jonas. A gente foi, e como eu já tinha vontade de entrar no rugby, fiquei.

Simões Júnior: Eu vi uma reportagem sobre seletiva, e vim.

Jean: Um amigo me chamou. Fiquei empolgado, mas tava com a clavícula fraturada. Um ano e meio depois, eu vi um cartaz da seletiva na UFPI. Aí, decidi participar e entrar no time.

Mediadora: Que características do rugby fazem com que vocês sigam praticando?

Sérgio: Antes de entrar no rugby, eu treinei futebol americano. Só que era flag [variação do futebol americano]. Só na bandeirinha, não tem contato. Aí, eu achei meio sem graça. Só aqueles caras correndo com aquela bandeirinha é muito palha. Aí, quando eu entrei no rugby, eu me identifiquei muito mais. Eu entrei, principalmente, por causa da porrada, mesmo. Pelo contato.

Simões Júnior: Que porrada cara. Isso não existe (no rugby).

Jonas: É. Eu joguei, também, o flag. A gente tentou junto. Não tem a mesma graça. O rugby tem mais adrenalina. Você tem que ir pra cima do outro cara. Ou, se tiver com a bola, dar um jeito de escapar dele.

Caetano: Eu pratico rugby há 8 anos. O rugby é uma escola de vida porque te ensina a ser desenvolver como ser humano e atleta. O esporte fortalece o espírito, apura a coragem, ajuda na concentração, contribui para um bom desenvolvimento físico e humano. O rugby, eu vejo, contribui mais ainda do que outros esportes. Os jogadores partilham valores básicos que unem todos, que são: trabalho, persistência, coragem, confiança, respeito e humildade. São características intrínsecas e genuínas do rugby. Não desmerecendo outros esportes, mas por ser de contato, [é necessário] persistência porque, geralmente, você tem que jogar com dores e você ter que dar o máximo de si, porque todo jogo é uma batalha. Eu considero que o rugby é um dos esportes mais completos, tanto para o físico quanto para o mental.

Jean: A interdisciplinaridade e as relações interpessoais que a prática do rugby apresenta e, também, o companheirismo – ajudar a repassar uma técnica ou, até mesmo, ajudar dando um lance ou uma carona –, é que me fazem ainda estar treinando. Outros esportes contemplam, sim, essas características, mas a busca por novos aprendizados fez eu me apaixonar pelo rugby.

Mediadora: A que você se refere com ‘novos aprendizados’?

Jean: Novas vivências relacionadas, principalmente, a comportamentos coletivos, porque eu venho de esportes de contato, só que individuais. Eu me sinto em família aqui por causa da união do time. O time é uma família.

Demais jogadores gesticulam em concordância.

Frederico: Eu gosto do rugby porque o rugby é um esporte que requer selvageria. Ele não requer maldade, ele requer que você seja selvagem. Eu acho isso muito interessante. Eu gosto de correr com um objetivo. E é legal também que você fica medindo forças em campo. Eu acho um esporte muito justo.

Mediadora: Apesar de medir forças?

Frederico: Por isso é justo, porque você tá medindo força com outras pessoas. Você não é simplesmente favorecido dentro do esporte. Até quando ocorre uma saída de bola pela lateral, por exemplo, a bola entra com uma disputa. Ela não é simplesmente dada a alguém. Eu acho isso justo no esporte. Quando a bola vai pra frente, knock on, é outra disputa de bola. A bola não é simplesmente entregue. Só não tem disputa quando é algo mais perigoso pros jogadores, mas de restante eu acho bem justo e que requer essa selvageria. Mais uma vez, não é maldade, mas uma selvageria.

Mediadora: Essa ideia da selvageria traria em si a noção de competição?

Frederico: Sim, na medida em que nada é dado simplesmente. Você tem que competir pra conquistar algo.

Mediadora: outros esportes não contemplam isso, essa selvageria?

Frederico: Sim, mas o rugby é diferente. É muito digno pela relação que a gente tem com os outros depois que termina o jogo. Acho que isso que me encantou. Os caras, no jogo, tão medindo força, se batendo, rasgando, mas é tudo por um bem comum, algo que a gente não vê hoje em dia. Todo mundo joga pra todos. E aí, depois, os caras que ‘tavam’ se batendo, vão lá e dizem: ‘Foi um bom jogo. Parabéns’. Depois, você vai beber cerveja com quem, talvez, abriu o supercílio, ou com quem abriu o seu supercílio. Eu nunca pratiquei muitos esportes, mas eu acho difícil encontrar um esporte em que a gente viva ‘o’ esporte [ênfatisa o artigo], viva uma maneira tão pura de sociedade. Porque se trabalha pra todos dentro do campo e, no final, seu adversário termina sendo um colega de esporte. Não é um inimigo, é só um adversário. É só naquele momento. Terminou o segundo tempo, a gente vai pro terceiro tempo de boa.

Mediadora: Vocês notam alguma hierarquia entre os homens no Delta?

Jean: Não. Me perguntam o que precisa pra ser jogador de rugby? ‘Eu sou muito magro’ [dizem]. Eu digo: ‘Não importa’. Quando entrei no time, em 2016, eu ouvi que aqui tem posição pro alto, baixo, magro, gordo, pro forte, pro fraco, pra todo mundo. Então, no time, pra mim, todos são iguais. Tem gente que ... o Rafael, por exemplo, tem gente que tem medo de trombar de frente com ele. Eu não. Não sei se é porque já fui professor de karatê dele e a gente já praticou muito luta junto, mas eu não tenho medo de chegar [e confrontá-lo]. [Não tenho medo de] O Rafael vindo a 40km/h, eu chegar e trombar com ele. Então a questão do tamanho não vai definir a hierarquia dentro do time, e sim só a questão de tá na Diretoria ou não. Simões Júnior: Essa questão de ser grande, ser pequeno, vai mais do conhecimento da pessoa do esporte. E pessoas, eu digo, todo mundo, quem joga e quem não, porque tem gente que joga,

mas não para pra estudar o rugby, pra saber o que precisa mesmo. Têm pessoas que têm na cabeça que só pessoas grandes praticam o rugby. Pessoas grandes praticam futebol americano. 'Pessoas grandes praticam lutas'. Tem o estereótipo de cada esporte. Aconteceu uma coisa engraçada com a gente. As pessoas têm na cabeça que masculinidade é ser um cara grande, forte, ser um cara másculo. Aí, a gente desceu do ônibus em BH [Belo Horizonte – MG]. Chegamos lá, o pessoal [disse]: 'Quem é esse time que tá chegando aí? É o Delta'. Aí, o primeiro que desce do carro: eu e o Caetano: Aí o pessoal: 'Porra, pensei que o Delta fosse maior'.

Jean: O pessoal de BH falou: 'Porra, esse aí que é o Delta? Pensava que era uns cara tudo grande. Que time de rugby é esse?'

Mediadora: Quem falou isso?

Simões Júnior: O time local de lá.

Mediadora: Os jogadores de rugby da equipe de BH?

Caetano: Foi, os jogadores de lá. Mas, assim, como o Simões disse, as pessoas criam um estereótipo pra cada esporte. Pro rugby, criaram esse. A primeira pergunta que muita gente me faz: 'E tu magro desse jeito joga rugby?' Eu: 'Sim, joga'. É que é questão de experiência, não de força. A questão é assim: o [rugby] XV realmente é necessário uma equipe mesclada, que tenha pessoas grandes e pessoas menores. O [rugby] sevens nem tanto. O sevens é mais habilidade, tática, técnica. Não tanto força.

Mediadora: mas, o jogo com a equipe mineira não foi sevens?

Caetano: Sim, foi. Mas, eles também jogavam XV, então, tinha jogadores com porte de equipe de XV. A gente que só joga sevens.

Simões Júnior: Muitas vezes, a pessoa não conhece o rugby em si, não sabe que a posição tal exerce uma função específica, posição específica, função tal ... a diferença do sevens pro XV, também. Então, pelo fato dela não conhecer ela cria essas coisas [gira o dedo indicador apontado para a orelha]: 'Ah, tu é muito pequeno'; 'Joga rugby desse tamaninho?'

Sérgio: Lá, em BH, é tudo uns cara gigante; uns cara com 1,80 m, grandão, fortão. Aí, tu olha pro juvenil de lá e olha pro juvenil do Delta. Parece que [a equipe juvenil do Delta] tão desnutrido os 'bichin'. Os cara lá [de BH], na hora que vê os cara 'baixin', 'magrin' desacredita.

Mediadora: Desacredita de quê?

Sérgio: Pro jogo. Não tem aquele corpo homão da porra, não dá conta de encarar o outro time.

Mediadora: Mas, mesmo com essa recepção, vocês jogaram.

Caetano: Jogamos. Não foi a melhor 'boas vindas' que a gente já recebeu, mas também ninguém lá interferiu de alguma forma pra que a gente não jogasse.

Sérgio: Mas, chegar num lugar e os caras te olharem te desmerecendo, já abala o psicológico. A gente nunca fez isso aqui [em Teresina] com time nenhum.

Caetano: E vamos seguir assim.

Mediadora: essas pessoas defenderiam uma masculinidade cujo corpo é o do homão da porra?

Sérgio: Sim. O que eu acho uma besteira. E a gente mostrou isso em BH. Nessa questão de masculinidade, eu acho que não vai nem tanto do tamanho da pessoa, mas da coragem. Tipo, o cara é pequeno e vê um cara do tamanho do Rafael vindo pra frente dele. O que ele faz? Ele sai da frente, fica com medo. Na hora que ele faz isso, eu acredito que, não tanto a pessoa que tá no campo, mas a pessoa que tá de fora diz: 'Eita, aquele ali já arregou'. Aí, quando pensa que não, vem outro [jogador] e 'pah' [som de impacto]. Bate e derruba o Rafael. 'Rapaz, senti mais firmeza nele' [diriam os espectadores]. Independente do tamanho, acho, que vai mais da pessoa ir

sem medo. No juvenil, o Oto, acho que, se ele não for do mesmo tamanho, é menor do que o Juninho. Independente se [o adversário] for grande ou pequeno, ele derruba. A pessoa na hora que vê [um homem] pequeno assim, desmerece. Na hora que vê no campo, derrubando o pessoal, indo sem medo, a pessoa muda o pensamento: 'Eita, aquele ali não tem tamanho, mas tem vontade'.

Mediadora: e se a pessoa não coragem pra enfrentar um jogador maior?

Sérgio: Aí o próprio pessoal fala: 'Rapaz se tá com medo, não vem pro rugby'. Às vezes até no treino, mesmo. A gente vai fazer um treino de tackle, aí já dizem logo: 'Se for pra entrar com medo, nem entra. Fica do lado de fora mesmo'.

Simões Júnior: pra mim, essa questão é diferente. Não é pelo fato dele tá com medo, que ele não pode praticar o rugby. É porque com medo, ele pode se machucar e machucar alguém. Isso é critério de segurança, não como parte de masculinidade.

Caetano: O time não desiste de ninguém. Por isso que o rugby é acolhedor, porque todo mundo chega com medo. Vai demorar um tempo, mas ele vai conseguir. Se largar, mais um trauma.

Mediadora: Frederico, você disse que um homem gay, talvez, sofresse preconceito da equipe juvenil e que a maturidade teria força sobre isso. Você acha que é diferente a masculinidade da equipe adulta e da equipe juvenil?

Frederico: eu acho que pela maturidade de alguns, mas não todos. Tem um pessoal bem maduro no rugby. Mas o rugby já prepara ele pra isso também. O rugby ajuda a gente a ficar um pouco mais maduro porque tem que ter essa consciência de que o cara que tá jogando do outro lado não é teu inimigo é teu adversário ... tem toda a questão do respeito ao árbitro, com o teu companheiro. Termina que trabalha muito a maturidade da gente, a relação em sociedade. Quando você tá em campo, tem o grupo do Delta e grupo do adversário. E o mediador daquilo ali é o árbitro dentro de campo.

Mediadora: em outros esportes a gente vê isso?

Frederico: Não queria criticar o futebol não, mas parece que os jogadores tão fazendo um favor pro juiz. É porque o futebol é muito glamurizado. Dependendo da posição que ocupa, você termina jogando por si próprio. A gente não vê isso no rugby. Você sozinho no rugby, não vai pra lugar nenhum... ou vai, pro chão.

Caetano: O rugby é um esporte coletivo em que cada atleta tem papel decisivo no jogo. O rugby ensina que cada um tem sua diferença, seja física ou mental, mas que, no time, cada atleta tem seu devido local, seu devido objetivo.

Mediadora: o rugby teve alguma influência sobre a masculinidade de vocês?

Jean: Eu acho que pro pessoal de fora sim. O pessoal de fora [não praticantes], e até quem é do rugby, mas não conhece, acaba pensando que, pra jogar rugby, tem que ser forte, grande e muito másculo, senão não aguenta o contato. Pior que a maioria pensa assim.

Mediadora: o que é esse 'muito másculo'?

Jean: Um cara relativamente grande e musculoso. Pro pessoal de fora, o másculo tá muito relacionado a essa questão de músculos, ter uma voz grossa, uma barba e aquela coisa toda. Esse é o homão da porra. [risos].

Mediadora: Pra quem é de fora isso é ser másculo. Pra você é igual?

Jean: O másculo, pra mim, tem mais a ver com coragem, caráter, ser ativo, competitivo. Claro que o corpo também traz essa imagem, por causa do que falei lá atrás, da postura. Mas, eu não preciso ser imenso pra isso. E nem posso. Não dá pra crescer mais [gesticula com as mãos indicando sua estatura] [risos].

Mediadora: Por que o homão da porra seria o corpo ideal pro rugby?

Simões Júnior: Porque eles [leigos] acham que um corpo grande e musculoso no nível do homão da porra é aquele cara que tem condições de derrubar qualquer outro cara, ou, pelo menos, enfrentar em pé de igualdade. Pra ser considerado forte, no sentido de combativo, você tem que ser uma parede de músculo.

Sérgio: É, tipo isso. Como se músculo significasse força mesmo. Geralmente, os mais musculosos são os mais fortes, mas não necessariamente. O Simões, tem um corpo definido e tal, mas não chega a ser um homão da porra. [Todos riem]. Mas, ele se garante no jogo [de rugby]. O que que acontece? Além de generalizarem que homem forte tem que ser o homão da porra, esse pessoal entende que o rugby é um esporte que só exige força. Não é assim.

Jonas: Se fosse só empurrar o outro cara e derrubar, a gente treinava só musculação. Só levantar peso. Mas, a gente tem treino de tática e de técnica. Se fosse assim, eu mesmo não podia jogar rugby. Só o chassi. [Jogadores riem]. Mas, eu jogo e gosto de jogar. E, eu acho, que não vou ter esse corpo aí que querem nunca. Questão de genética, mesmo.

Jonas: É. O pessoal acha que tem que ser desse jeito pra jogar rugby. O homão da porra impõe respeito, sabe, sem nem ter jogado nada ainda. É grande ... já te olha de cima.

Caetano: Isso. O músculo saltado já daria a certeza de você ter a força e a capacidade de derrotar outro cara. Existe uma personificação do homem que joga rugby. As pessoas definem como um homem bruto por causa do uso do contato físico, da tensão. Mas, na verdade, são pessoas [aponta para os outros jogadores] que se tratam melhor do que jogadores de futebol. Ver de fora não é a mesma coisa que ver de dentro.

Mediadora: Os homens que jogam rugby são estereotipados?

Caetano: Isso. Eles [pessoas externas ao rugby] dizem: 'Tu joga rugby, é? Tu é muito bruto'. [Caetano responde]: 'Se você acha. Mas, vá treinar. É bom. Lá, a gente não pensa dessa forma não'.

Mediadora: Se um homem entra no time com essa visão do 'homão da porra' e bruto, tem chance dele mudar esse posicionamento a partir dos treinos e da convivência?

Simões Júnior: Ou se decepcionar e sair.

Caetano: Muitas pessoas que praticam luta querem jogar rugby. Ele entra com aquela ideia: 'Vou entrar, vou matar alguém'. Do meio pro fim: 'Vamos só jogar'. Ele acaba perdendo aquela visão de que vai ter que derrubar alguém; que ele é bruto, forte; que ali [a prática do rugby] é um ambiente bruto. No rugby ele é lapidado até ficar mais sensível. O 'F', por exemplo, entrou no rugby porque era lutador de jiu-jitsu, bruto. Agora é uma das pessoas mais calmas e tranquilas. Tu já viu o 'F' se pegando com alguém? [pergunta a Simões Júnior]

Simões Júnior: Não. Nunca. Mas, quando ele entrou no time, ele queria [risos].

Sérgio: Uma vez, na academia, um professor perguntou: 'Você joga rugby, né?'. 'É, jogo' [responde Sérgio]. Aí, ele disse: 'É esporte de homem mesmo, de macho'. Você [mediadora] perguntou se entrar no rugby muda alguma coisa na gente. Falando por mim, meu deu mais confiança em tudo. Não só confiança em mim mesmo, mas em fazer as coisas no dia a dia. Também [o rugby] ensina disciplina e hierarquia. A viagem pro torneio foi um aprendizado pra muita gente. Eu vi gente zangada porque queria ser tratada de igual pra igual pelos jogadores mais antigos. Teve um menino que falou pro 'M': 'Não sei o que, maluco'. Aí, o 'M' disse: 'Peraê, maluco?'. Ele é o presidente do time. Isso é uma coisa que a gente aprende no rugby, o respeito. O 'M' [jogador e presidente do clube] falou, e eu vou pela cabeça dele: o 'rugby é um esporte de brutos, jogado por cavalheiros'. A gente tem aquela questão da brutalidade, da porrada, mas

é muito respeitoso, não só pela hierarquia, mas com os outros jogadores [companheiros de time e adversários], com os amigos. Você sempre trata as pessoas bem, mesmo quem você não conhece. No jogo, o árbitro é Deus. O que ele falou, tá falado. No futebol, o pessoal fala em matar o árbitro, briga, faz tudo. No rugby, que é um esporte de contato, de porrada, é difícil você ver uma confusão. E quando tem, os caras se separam por si só. E depois todo mundo se fala.

Simões Júnior: Na verdade, isso não é uma questão só do rugby. É uma questão de todo esporte. É o intuito de todo esporte. Qual é o intuito? É tirar as pessoas das ruas, da ociosidade, marginalidade, pra ela aprender respeito, disciplina. É o intuito de todo esporte. Quando você perguntou se no rugby você chega a alterar a sua forma de ser homem, acredito que a forma de ser homem não, mas a questão do respeito. Como ele [Sérgio] falou a gente tem um grupo de hierarquia. Então é presidente, diretoria, capitães, veteranos e novatos. Vou falar do que aconteceu na viagem. Muitos dos meninos não sabiam disso. Queriam tratar veteranos de igual pra igual, só que não é assim. Aí caiu muito boné.

Mediadora: Isso é igual em todos os esportes?

Simões Júnior: não.

Sérgio: Eu acho que isso é mais pro rugby, ou outro esporte coletivo. Esporte individual é muito difícil ser assim. Eu fiz natação por três anos; tem aquele respeito com o professor e tal, mas não é o mesmo convívio que tem aqui.

Simões Júnior: Todo esporte tem que ter respeito. Nas lutas, o menos graduado e o mais graduado devem se respeitar. No rugby, o presidente, o iniciante, todos devem se respeitar. Na natação, o iniciante, o professor, o auxiliar, se respeitam. Sempre vai haver o respeito, mas tem gente que trata todo mundo igual. Se não houver aquele puxão 'Ó, aqui é assim. Aqui tem essa hierarquia assim e assado', a pessoa vai achar que pode falar do mesmo jeito com todo mundo. Isso vai depender de quem tá à frente da equipe. Tem quem preze um pouco mais por isso.

Pra manter o controle de meninos, homens de vários tipos, você tem que ter autoridade. Tem que manter um padrão mais respeitoso entre eles e você, porque você tem que treinar e manter os atletas na linha. De certa forma, o rugby passa essa questão de responsabilidade e respeito. Se tiver vários comandantes no navio, ele afunda, mas se o comandante souber lidar com todos, ele vai conseguir guiar, direcionar pro rumo certo.

Sérgio: É importante a hierarquia, mas tem, também, aquele momento de entrosamento, brincadeira, onde mesmo o mais veterano se entrosa com o novato. Não fica uma convivência muito restrita, tipo: 'Só fala comigo pra isso'.

Jean: Tem o pós-jogo. E aí Simões, foi pegar muita água? 'Bora novato, vai buscar cerveja, vai buscar água'. É uma coisa que vem das lutas também.

Simões Júnior: A gente tem esse momento. Só que não pode perder o respeito.

Jean: Não é só chegar e pegar o barco andando não. [O novato] Tem que passar pelo que a gente passou. Mas, tem, também, muita troca no rugby. Nas lutas é parecido. O veterano vem te ajudar. Quando você aprender o que ele te ensinou, vai passar pra outro novato. Isso vai do branco ao preto, ao coral. É certo que alguns lutadores têm algumas restrições comportamentais: 'Porque eu sou faixa preta, eu vou me isolar'. Não é pra ser assim. A gente pratica esporte, justamente, pra mudar essa visão. A gente vive muito essa troca no rugby. O 'Junin' e eu entramos juntos no time, mas ele se destaca e já passa muita coisa pra gente.

Mediadora: Um texto publicado na GQ fala sobre a relação de gênero entre homens e mulheres jogadoras profissionais no universo dos games. Vamos ler e conversaremos sobre o tema.

Visualização e leitura de texto midiático: TERZIAN, Françoise. Hora de passar de nível: jogadoras profissionais revelam situações de abuso e opressão em jogos on-line – da iniciativa nasceu o movimento mundial #MyGameMyName. **Gq Brasil: Gentlemen's Quarterly**, São Paulo, v. 7, n. 83, p. 46, mar. 2018.

Mediadora: Vocês citaram a família como importante na construção de seus modos de ser homem, de se relacionar com outros homens e com mulheres. O texto da GQ relata que o universo esportivo dos games é marcado por características machistas. Vocês acham que o esporte, o Delta, a forma como o time se organiza, quebra os estereótipos de homem e mulher ou consolida?

Caetano: Quebra [os estereótipos]. Já no primeiro treino a gente percebe isso porque não há só homens instrutores. Os novatos sempre passam pelo máximo de formação. Eles pegam instrução com o feminino, instrução com os treinadores do masculino e, no final, uma instrução com todos do time. Então, o novato já quebra aquela ideia de que rugby é só pra homem. Não, tem mulher treinando. Tem uma mistura.

Mediadora: Por que eles começam a treinar com o feminino?

Caetano: O feminino tá ligado ao juvenil desde o início. Mas tem o Raul [auxiliar técnico] também. [A definição do treinador/a] Depende do dia. Mas têm homem e mulher treinadores pra pessoa não ficar achando que rugby é só pra homem. Tem sempre uma mulher treinando. O adulto [equipe masculina adulta], fica mais complicado por causa do horário [de treino]

Mediadora: Dá pra dizer, então, que o rugby tem alguma participação na construção dos modos de ser homem?

Caetano: Sim. Participa da formação humana, então, da formação do homem e da mulher, também. O clube em si começou uma nova categoria, o juvenil, na qual todos os antigos membros aprenderam que o rugby trabalha muito a questão da relação harmoniosa. O esporte contribui muito na questão do respeito em casa, com os mais velhos, dentro do próprio time, respeito entre as pessoas, mulheres e homens. Isso é enfatizado nos treinos: que todos devem se respeitar. Esse ensinamento é levado pra casa, pra rua.

Sérgio: Concordo, pegando pra essa questão mesmo de gênero do teu trabalho, eu acredito que ajuda sim. As mulheres são tratadas diferente por causa disso e daquilo, e tal. O esporte meio que tem a capacidade de mostrar pra gente que não é bem assim, de ensinar as pessoas a respeitar uns aos outros pela pessoa que é, independente se é homem ou mulher. E, especificamente o rugby porque a gente tem treinadoras mulheres com muita experiência (que já foram da seleção) e a gente tem aquele respeito por elas. Até porque a gente vai aprender a jogar, a fazer as coisas, com elas. Eu não sei nas outras equipes, mas no Delta, o juvenil treina, joga, jogo mesmo, com as mulheres. Jogo valendo, porrada, tackle. E a gente vê que fica de igual pra igual. Mesmo que os homens tenham mais massa, por uma questão biológica ou genética, mas, mesmo assim, a gente ainda joga de igual pra igual com elas. E, às vezes, ganha. Às vezes, não ganha. A gente vê que não tem muita diferença da gente pra elas, dos homens pra elas. A pessoa que não tem esse pensamento de tratar igual (que eu sempre tive, né) passa a aprender essas coisas. A tratar como pessoa, pelo que a pessoa é, pela experiência de vida dela e não porque é mulher ou porque é homem.

Jean: Pelo menos da minha parte, o esporte nunca influenciou na minha masculinidade. Pra mim, o esporte é neutro.

Mediadora: Neutro em que sentido?

Jean: Pra mim, o esporte é neutro, porque as regras fazem todos participarem igual.

Sérgio: Mas tu não acha que ele melhora a forma como a gente, homem, se comporta, como trata as outras pessoas?

Jean: Isso não tem a ver com você ser homem ou mulher. Isso é questão de educação, de respeito. É geral. O esporte é neutro a partir do momento em que tudo é em cima das regras, tem regulamento. Todo mundo pode praticar, homem, mulher. Concordo que participa da tua formação humana, mas isso não tem a ver com gênero, com masculinidade. Têm homem machista e não machista no esporte. Mulher, do mesmo jeito. Mas, isso não é resultado do esporte. No esporte, homens e mulheres têm que seguir as regras daquele esporte, da confederação. Todo mundo tem que seguir os treinos igual. No meu caso, não vi alteração nenhuma em como eu me vejo como homem, como eu ajo.

Frederico: Eu concordo em parte [dá ênfase à expressão] contigo [dirige-se a Jean]. Muita gente diz que o esporte é machista. Eu não vejo dessa forma. Eu vejo ele neutro também. É neutro no sentido de não levantar bandeira.

Mediadora: Que bandeira?

Frederico: Nenhuma. O esporte não defende uma forma X de ser homem ou de ser mulher. Boa ou ruim, não levanta a bandeira. Não publicamente. E isso é algo ruim também. O esporte ser neutro, não, necessariamente, é algo bom.

Mediadora: Por que ser neutro é ruim?

Frederico: Porque ele deveria incentivar. Incentivar as mulheres a entrar [no esporte] em igualdade. Um exemplo que eu sempre dou minha vida inteira: a gente é heptacampeão mundial de vôlei feminino. Quantas instituições que incentivem o vôlei feminino vocês conhecem aqui em Teresina? Eu não conheço nenhuma. Como é que não tem incentivo no esporte que a gente é muito bom?

Simões Júnior: Isso é uma questão de popularidade. Quando o vôlei for popular de verdade, aí a gente vai ver incentivo.

Jonas: O rugby também tem isso. Aqui [Piauí] O único time com [equipe] feminino é esse. Pelo menos eu nunca vi nas outras cidades.

Simões Júnior: Isso é da cultura do esporte. O rugby é mais novo também. Vai levar um tempo pra incluir as mulheres.

Jonas: Mas não já tem mais de dois séculos?

Frederico: Pois é, mas essa quebra de tabu leva muito tempo. Se tá complicado agora que a gente tá vendo toda essa revolução de cultura, imagine na época que foi criado, que só homens podiam jogar ... era jogado com ferro na ponta das botas. Imagine se uma mulher dissesse: 'Eu quero entrar'. Aí eu acho que ela era apedrejada. Mas aí a sociedade precisa também mudar porque não adianta nada só o esporte mudar e a sociedade continuar não reconhecendo [o esporte feminino]. De que que adianta ter 50 campeonatos femininos e 5 masculinos, se quem comanda a emissora de TV é machista e só quer passar os masculinos. A sociedade tem culpa aí também. A Marta é uma boa jogadora de futebol, mas e aí? Ninguém dá credibilidade. A gente só lembra do Pelé. Quando você fala em futebol, você só associa a homens, embora o futebol feminino seja bom.

Mediadora: Que nem no rugby?

Frederico: Que nem no rugby. Exatamente. O feminino, no Brasil, é muito melhor. Mas aí por causa da dureza do esporte você termina achando que todo mundo é bruto. Porque como eu disse, requer uma selvageria. Você não tá muito acostumado a ver mulher porque o que se prega na sociedade é que a mulher tem que ser donzela.

Mediadora: Se a sociedade não muda, o esporte muda?

Frederico: Boa pergunta. Eu acho que sim. O esporte também tem esse papel de consciência social. Dentro do esporte, acho, que sempre vai aparecer alguém que

pensa diferente, que quer que a sociedade seja diferente, inclusive nessa questão da masculinidade, do gênero. Eu acho que o esporte às vezes termina sendo um dos primeiros lugares onde a sociedade muda. Assim como deveria ser na escola. Ele só não é o primeiro lugar porque acho que o primeiro lugar onde a sociedade muda é no seio da família porque dependendo da forma como você educa seu filho, você já tá pensando em um tipo de sociedade que, pra você, seria a ideal.

Jean: Exatamente [bate as mãos]. Chegou onde eu queria. Não é papel do esporte formar o homem e a mulher [gesticula com as mãos indicando em um lado, o homem, e no outro, a mulher]. Falei isso da vez passada: é a família que te passa os valores, a educação. Em casa que você aprende como um homem deve se comportar, como uma mulher deve se comportar. Eu vejo que a gente tá tentando passar essa responsabilidade que é da família pra todo canto, inclusive pro esporte.

Sérgio: Mas se você cria seu filho com uma consciência diferente então ... esse cara é o que vai fazer diferença no esporte. Tipo, um exemplo, o rugby antes era só pra homem, certo? Porque diziam que mulher não podia jogar porque [pausa]. Nem sei por que, mas elas não podiam jogar. E a gente vê no time que não é assim. Alguém trouxe essa ideia. Não caiu do céu.

Jean: Aí tudo bem. Ótimo. O que eu aprendo em casa, eu levo pra rua, pros outros lugares. Mas pegando o teu exemplo mesmo, o peso maior é o da família. Foi a família que te ensinou algo e você levou pro esporte. Não o contrário. E se fosse o contrário, se não tiver o alicerce da família, não vai pra frente.

Caetano: Sim, não lhe mudou porque você já chegou com uma visão e um jeito muito mais próximo do que a gente pactua ali. Não foi não?

Silêncio.

Simões Júnior: O rugby não te mudou, mas pode ter reforçado, né, algumas coisas que você acreditava, já fazia?

Jean: É, foi. Mas, o que é que isso tem a ver com masculinidade?

Mediadora: Nem tudo nem no esporte, no rugby, tem a ver com masculinidade. Mas, haveria nele algum traço, um aspecto relacionado à sua masculinidade? Tem ali algo que você pense: 'isso é importante pra mim como homem e eu encontro no rugby'.

Jean: [Silêncio] Entendi. É... nesse ponto eu concordo. Tem algumas questões que eu vejo que tem alguns caras que entram mesmo de um jeito e saem de outro. Eu mesmo, realmente, concordo com muita coisa dali ... os valores, a coletividade que eu falei. Mas, isso seria um efeito secundário. Não é o foco do esporte. É mais uma questão pessoal da pessoa, coisa que a educação de casa teria muito mais força pra mudar.

Mediadora: Ok. Mais alguém quer falar meninos?

Caetano: Acho que a gente conseguiu colocar nosso ponto de vista, apesar de algumas diferenças [risos].

Frederico: Foi bom. Eu gostei.

Mediadora: Que bom. Podemos encerrar, certo?

Jogadores sinalizam positivamente.

Sessão encerrada